

Kate
MORTON

Les
Loras
Distantes

ROCCO EDIZIONI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

KATE MORTON

As Horas Distantes

Tradução de Geni Hirata

ROCCO|H|VA

*A Kim Wilkins, que me encorajou a começar,
e a Davin Patterson, que permaneceu
ao meu lado até o ponto final.*

Sumário

Parte um

Uma carta perdida encontra seu destino - 1992

Uma lembrança se aclara

Os livros e os Bird

O castelo Milderhurst, de Raymond Blythe

Jornada através dos ossos de um jardim

O ocaso de três irmãs

Zeladores nas veias

O sótão vazio e as horas distantes

O Homem de Lama, a sala de documentos e uma porta trancada

Diga que você virá dançar

1 - 29 de outubro de 1941

2

3

4

5

6

7

8

9

Parte dois

O livro dos mágicos animais molhados - 1992

Um clube de striptease adequado e a caixa de Pandora

O peso da sala de espera

Em casa outra vez, em casa outra vez, jiggety-jig

1 - Londres, 4 de setembro de 1939

2 - Vila de Milderhurst, 4 de setembro de 1939

3 - Castelo Milderhurst, 4 de setembro de 1939

4

Parte três

Sequestros e recriminações - 1992

A trama se complica

1 - Jardins do castelo Milderhurst, 4 de setembro de 1939

2

Os classificados - 1992

Um convite e uma nova edição

3 - 20 de abril de 1940

4

5

Parte quatro

De volta ao castelo Milderhurst - 1992

Uma gafe e uma vitória

1 - Londres, 22 de junho de 1941

2

3 - Londres, 17 de outubro de 1941

4 - Londres, 19 de outubro de 1941

As suspeitas da sra. Bird - 1992

A noite em que ele não veio

A sala de documentos e uma descoberta

Um longo caminho para a queda

A história de Percy Blythe

Uma noite no castelo

O dia seguinte

E no final

Parte cinco

1 - Castelo Milderhurst, 29 de outubro de 1941

2

3

4

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

SILÊNCIO... PODE OUVI-LO?

As árvores podem. São as primeiras a saber que ele está vindo.

Ouçã! As árvores da floresta profunda e escura, tremendo e agitando nervosamente suas folhas como lâminas finíssimas de prata batida; o vento matreiro, serpeando pelas suas copas, sussurrando que logo começará.

As árvores sabem, porque são velhas e já viram tudo isso antes.



Não há luar.

É lua nova quando o Homem de Lama chega. A noite calçou um par de luvas finas de couro; estendeu um lençol negro sobre a terra; um artifício, um disfarce, um feitiço para fazer adormecer, de modo que tudo sob ele repouse pacificamente.

Escuridão, mas não somente – pois há nuances e graus e texturas em tudo. Olhe: a lanosidade áspera das florestas densas, os retângulos acolchoados dos campos, o melão liso do fosso. E ainda assim. A menos que você tenha muito azar, não deve ter notado que algo se moveu onde não devia. Você tem realmente muita sorte. Pois não há ninguém que veja o Homem de Lama se levantar e viva para contar a história.

Lá – está vendo? O fosso negro, lúcido, o fosso encharcado de lama, já não está plano. Uma bolha apareceu, lá na parte mais larga, uma bolha arfante, um estremecimento de minúsculas ondulações, uma sugestão...

Mas você desviou o olhar! E fez muito bem. Visões como esta não são para gente como você. Em vez disso, voltaremos nossa atenção para o castelo, pois lá algo também se move.

Bem no alto da torre.

Observe e verá.

Uma menina afasta suas cobertas.

Ela foi colocada na cama há várias horas; em um quarto ao lado, sua governanta ronca suavemente, sonhando com sabão, lírios e copos altos de leite fresco e quente. Mas alguma coisa acordou a menina; ela senta-se furtivamente, move-se de lado pelo lençol branco e limpo e coloca os pés no chão, um ao lado do outro; dois blocos estreitos, pálidos, no assoalho de madeira.

Não se vê nenhuma lua, nem há luar para ajudar a enxergar, mas ela é atraída para a janela. O vidro pontilhado é frio; ela pode sentir o ar gelado da noite cintilando enquanto sobe no alto da estante de livros, senta-se sobre a fileira de livros infantis favoritos, agora descartados, vítimas de sua pressa de crescer e se afastar deles. Ela ajeita a camisola ao redor do topo das pernas pálidas e descansa o rosto no vão onde um joelho branco se encontra com o outro.

O mundo está lá fora, as pessoas movem-se nele com regularidade e precisão, como bonecos de um relógio.

Algum dia, em breve, ela pretende vê-lo por si mesma; pois esse castelo pode ter trancas em todas as portas e grades nas janelas, mas isso é para manter a outra coisa lá fora, não para mantê-la ali dentro.

A outra coisa.

Ela ouviu histórias a respeito dele. Ele é uma história. Um conto antigo, os vestígios de grades e fechaduras de uma época em que as pessoas acreditavam nessas coisas. Boatos sobre monstros em fossos que ficam à espreita para atacar as jovens belas. Um homem que há muito tempo sofreu um grande mal; que busca vingança por sua perda, incessantemente.

Mas a menina – que franziria a testa se fosse descrita dessa forma – já não se perturba com monstros e contos de fadas infantis. Ela é inquieta, é moderna e crescida, e anseia escapar dali. Esta janela, este castelo deixaram de satisfazer, mas por enquanto é tudo que tem e, assim, ela olha tristemente através da vidraça.

Lá fora, ao longe, na fenda enrugada entre as colinas, a vila sonolentemente adormece. Um trem monótono e distante, o último da noite, anuncia sua chegada: uma chamada solitária que não obtém resposta, e o chefe da estação, em um engomado chapéu de pano, sai tropegamente para levantar o sinal. Nas florestas ao redor,

um caçador ilegal faz pontaria e sonha chegar em casa e ir para a cama, enquanto na periferia da vila, em uma cabana com a pintura descascada, um recém-nascido chora.

Acontecimentos absolutamente comuns em um mundo onde tudo faz sentido. Onde as coisas são vistas quando estão lá; cuja falta é sentida se não estão. Um mundo bem diferente daquele para o qual a menina acordou.

Pois lá embaixo, mais perto do que a menina pensou em olhar, algo está acontecendo.



O fosso começou a respirar. Bem no fundo, atolado na lama, o coração do homem enterrado começa a bater com um barulho encharcado. Um ruído baixo, como o gemido do vento, mas se ergue das profundezas e paira tensamente acima da superfície. A menina o ouve; ou melhor, pressente, pois os alicerces do castelo estão unidos à lama e o gemido filtra-se pelas pedras, sobe as paredes, um andar após o outro, imperceptivelmente através da estante de livros onde ela está sentada. Um livro antigamente tão amado cai no chão e a menina na torre sufoca um grito de susto.

O Homem de Lama abre um dos olhos. Penetrante, súbito, rastreia-o de um lado ao outro. Estará pensando, mesmo então, em sua família perdida? Em sua bonita mulherzinha e no par de bebês gorduchos, cheirando a leite, que deixou para trás; ou sua mente regride ainda mais, para os dias de sua infância, quando corria com seu irmão pelos campos de hastes longas e claras; ou seus pensamentos estarão, talvez, na outra mulher, aquela que o amava antes de sua morte? Cujas lisonjas e atenções e recusa em ser recusada custaram tudo ao Homem de Lama...



Algo muda. A menina pressente isso e estremece. Pressiona a mão na janela gelada e deixa uma impressão estrelada no meio da condensação. É hora das bruxas, embora ela não saiba chamá-la assim. Não resta ninguém para ajudá-la agora. O trem partiu, o caçador ilegal está deitado ao lado da esposa, até o bebê dorme,

tendo desistido de tentar dizer ao mundo tudo que sabe. No castelo, a menina na janela é a única acordada; sua governanta parou de roncar e sua respiração é tão leve agora que se poderia pensar que ela está paralisada; os pássaros na floresta do castelo também silenciaram, as cabeças enfiadas sob as asas trêmulas, os olhos cerrados em finas linhas cinzentas para não ver o que sabem que está a caminho.

A menina é a única; e o homem, acordando na lama. Seu coração esguichando mais rápido agora, pois é chegado seu momento e ele não durará muito. Ele movimenta os pulsos, os tornozelos, ele começa a sair do leito de lama.

Não fique olhando. Eu lhe suplico, desvie o olhar quando ele irrompe na superfície, quando ele se arrasta para fora do fosso, quando ele fica em pé nas margens negras, encharcadas, ergue seus braços e inspira. Quando ele se lembra de como é respirar, amar, sofrer.

Em vez disso, olhe para as nuvens carregadas. Mesmo no escuro, você pode vê-las se aproximando. Um ronco surdo de nuvens turbulentas, ameaçadoras, revolvendo-se, atracando-se, até ficarem bem acima da torre. Será que é o Homem de Lama que traz o temporal ou é o temporal que traz o Homem de Lama? Ninguém sabe.

Em seu refúgio, a menina inclina a cabeça quando as primeiras gotas relutantes espatifam-se contra a vidraça, de encontro à sua mão. Foi um belo dia, não muito quente, uma noite fresca. Nenhuma previsão de tempestade noturna. Na manhã seguinte, as pessoas verão a terra molhada com surpresa, coçarão a cabeça, sorrirão umas para as outras e dirão: "Que coisa! E pensar que dormimos o tempo inteiro e nem vimos a chuva!"

Mas olhe! O que é aquilo? Uma forma, uma figura pastosa, está escalando a parede da torre. Sobe rápido, com habilidade, de uma maneira impossível. Pois sem dúvida nenhum homem poderia conseguir tal façanha.

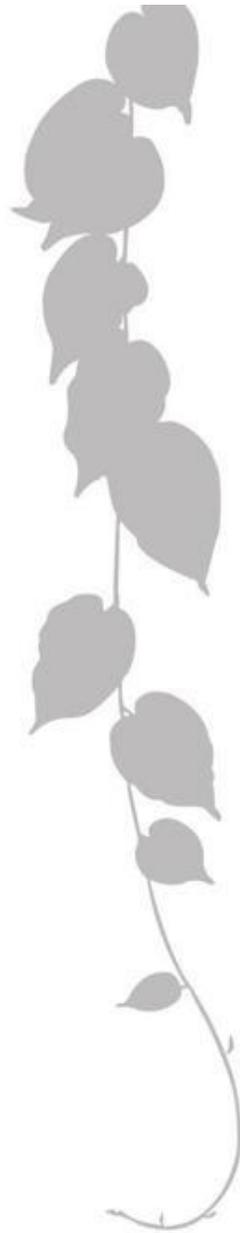
Ele chega à janela da menina. Ficam frente a frente. Ela o vê através do vidro molhado, através da chuva – agora açoitando a

vidraça; uma criatura enlameada, monstruosa. Ela abre a boca para gritar, pedir socorro, mas, exatamente nesse instante, tudo muda.

Diante de seus olhos, *ele* muda. Ela vê através das camadas de lama, através das gerações de trevas, raiva e infortúnio, até o rosto humano por baixo. O rosto de um rapaz. Um rosto esquecido. Um rosto ansioso, triste e belo; e ela estende a mão, sem pensar, para abrir a janela. Para deixá-lo entrar, sair da chuva.

Raymond Blythe, *A verdadeira história do Homem de Lama*, Prólogo

Parte um



Uma carta perdida encontra seu destino

1992

COMEÇOU COM UMA CARTA. Uma carta perdida há muito tempo, esperando meio século em uma mala postal esquecida no sótão escuro de uma casa comum em Bermondsey... Penso nela às vezes, naquela sacola de carteiro; nas centenas de cartas de amor, contas de armazém, cartões de aniversário, bilhetes de filhos para seus pais, amontoados, inflando e suspirando conforme suas mensagens frustradas sussurravam na escuridão. Esperando, esperando que alguém percebesse que estavam ali. Pois dizem, sabe, que uma carta sempre buscará um leitor; que mais cedo ou mais tarde, gostem ou não, as palavras dão um jeito de vir à luz, de tornar seus segredos conhecidos.

Perdoe-me, estou sendo romântica – um hábito adquirido nos anos despendidos lendo romances do século XIX com uma lanterna, quando meus pais achavam que eu dormia. O que eu quero dizer é que é estranho pensar que se Arthur Tyrell tivesse sido um pouco mais responsável, se não tivesse tomado grogues de rum demais naquela véspera de Natal em 1941 e não tivesse ido para casa e adormecido numa letargia de bêbado em vez de terminar de entregar a correspondência, se a sacola do correio não tivesse sido guardada e esquecida no sótão até sua morte, cerca de cinquenta anos mais tarde, quando uma de suas filhas a desenterrou e telefonou para o *Daily Mail*, tudo poderia ter acabado de modo diferente. Para minha mãe, para mim e especialmente para Juniper Blythe.

Você provavelmente leu a respeito disso quando aconteceu; estive em todos os jornais e no noticiário da TV. O Canal 4 até transmitiu um especial em que convidaram alguns dos destinatários para que falassem de sua carta, de sua voz do passado particular, que voltara para surpreendê-los. Houve a mulher cujo namorado

estivera na RAF [Força Aérea Real] e o homem com o cartão de aniversário que seu filho evacuado da guerra havia mandado, o menino que fora morto pelo estilhaço de um projétil cerca de uma semana depois. Foi um programa muito bom, em minha opinião: apresentado em partes, histórias tristes e alegres intercaladas com antigas cenas da guerra. Chorei algumas vezes, mas isso não quer dizer muita coisa: sou bastante propensa ao choro.

Mamãe, entretanto, não foi ao programa. Os produtores entraram em contato com ela e perguntaram se havia alguma coisa especial em sua carta que ela gostaria de compartilhar com o restante da nação, mas ela disse que não, que era apenas um pedido antigo e comum, uma encomenda de roupa de uma loja que havia muito tempo deixara de existir. Mas a verdade não era essa. Sei disso porque eu estava lá quando a carta chegou. Vi sua reação àquela carta perdida, e não tinha nada de comum.

Foi em uma manhã do final de fevereiro, o inverno ainda imperava, os canteiros de flores estavam cobertos de gelo e eu fora ajudá-la com o assado de domingo. Faço isso às vezes, porque meus pais gostam, apesar de eu ser vegetariana e saber que em algum momento durante a refeição minha mãe vai começar a parecer preocupada, depois agoniada, até finalmente não conseguir mais se conter e estatísticas sobre proteína e anemia começarem a voar.

Eu descascava batatas na pia da cozinha quando a carta caiu pela fenda na porta. O correio normalmente não vem aos domingos, portanto isso devia ter nos alertado, mas não o fez. De minha parte, estava ocupada demais imaginando como iria contar aos meus pais que Jamie e eu tínhamos nos separado. Já haviam se passado dois meses desde que isso acontecera, eu sabia que teria de lhes contar mais cedo ou mais tarde, porém, quanto mais tempo eu levava para proferir as palavras, mais calcificadas elas se tornavam. E eu tinha meus motivos para permanecer em silêncio: meus pais desconfiaram de Jamie desde o início, não aceitavam desentendimentos muito bem e mamãe iria se preocupar ainda mais do que o de costume se soubesse que eu estava morando sozinha no apartamento. Acima de tudo, eu temia a conversa desconfortável, inevitável que se seguiria à minha declaração. Primeiro, ver a perplexidade, depois o

assombro, depois a resignação atravessar o semblante de mamãe, quando ela percebia que o código maternal exigia que ela oferecesse algum tipo de consolo... Mas voltemos à carta. O som de algo caindo suavemente pela fenda na porta.

– Edie, você pode pegar a correspondência?

Essa foi minha mãe. (Edie sou eu. Desculpe-me, eu devia ter dito isso antes.) Ela indicou o corredor com a cabeça e gesticulou com a mão que não estava enfiada na galinha.

Larguei a batata, enxuguei as mãos no pano de prato e fui buscar a correspondência. Havia apenas uma carta, caída no tapete de boas-vindas: um envelope oficial dos correios declarando o conteúdo como sendo “correspondência redirecionada”. Li a etiqueta para mamãe enquanto levava o envelope para a cozinha.

Ela já havia terminado de rechear a galinha e enxugava as mãos. Franzindo um pouco a testa, mais por hábito do que por alguma expectativa em particular, pegou a carta da minha mão e retirou os óculos de leitura do abacaxi na fruteira. Passou os olhos pela observação do correio e, com um rápido movimento das sobancelhas, começou a abrir o envelope externo.

A essa altura eu já havia retornado às batatas, uma tarefa razoavelmente mais absorvente do que ver minha mãe abrir correspondência, portanto, lamento dizer, não vi seu rosto quando ela retirou o envelope menor de dentro, notou o frágil papel rústico do pós-guerra e o selo antigo, virou a carta e leu o nome escrito no verso. Entretanto, já imaginei a cena muitas vezes desde então, a cor desaparecendo instantaneamente de suas faces, os dedos começando a tremer, de tal forma que foram necessários vários minutos para que conseguisse abrir o envelope com o abridor de cartas.

O que eu não tenho de imaginar é o som. O horrível grito sufocado, gutural, rapidamente seguido por uma série de soluços ásperos que inundou o ar e fez o descascador escorregar em minha mão, cortando meu dedo.

– Mamãe? – Aproximei-me dela, passando o braço pelos seus ombros, com cuidado para não sujar seu vestido de sangue. Mas ela não disse nada. Não podia, ela me disse mais tarde, não naquele

momento. Ficou rigidamente parada, enquanto lágrimas brotavam e rolavam pelo seu rosto, agarrando com força contra o peito o pequeno e estranho envelope, seu papel tão fino que eu podia divisar o canto da carta dobrada em seu interior. Então, ela desapareceu dentro de seu quarto no andar de cima, deixando um agitado rastro de instruções sobre a galinha, o forno e as batatas.

Na cozinha, estabeleceu-se um silêncio magoado em torno de sua ausência e eu fiquei muito quieta, movendo-me muito devagar, para não perturbar o ambiente ainda mais. Minha mãe não chora com facilidade, mas esse momento – sua perturbação e o choque disso – pareceu estranhamente familiar, como se já tivéssemos passado por isso. Após 15 minutos em que eu de diversas maneiras descasquei batatas, ponderei várias possibilidades sobre a identidade do remetente e me perguntei como proceder, finalmente bati em sua porta e perguntei se gostaria de tomar um chá. Ela já havia recuperado o autocontrole e nos sentamos, uma em frente à outra, à pequena mesa de fórmica da cozinha. Enquanto eu fingia não ter notado que andara chorando, ela começou a falar sobre o conteúdo do envelope:

– Uma carta de alguém que conheci há muito tempo. Quando eu era uma menina, de 12 ou 13 anos.

Uma imagem se formou em minha mente, uma lembrança indistinta de uma fotografia que ficava na mesinha de cabeceira de minha avó quando ela era bem idosa e estava morrendo. Três crianças, a mais nova das quais era minha mãe, uma menina de cabelos curtos, escuros, empoleirada sobre alguma coisa em primeiro plano. Era estranho, eu havia me sentado ao lado da vovó centenas de vezes, mas não conseguia trazer as feições daquela menina de volta à lembrança. Talvez as crianças nunca se interessem realmente por quem eram seus pais antes de elas terem nascido; a menos que alguma coisa em particular aconteça para lançar luz sobre o passado. Tomei um pequeno gole do meu chá, esperando minha mãe continuar.

– Não sei se já lhe contei muita coisa sobre essa época, contei? Durante a guerra, a Segunda Guerra Mundial. Foi uma época terrível, uma grande confusão, muitas coisas destruídas. Parecia... –

suspirou – bem, parecia que o mundo jamais voltaria ao normal. Como se tivesse sido desviado de seu eixo e nada pudesse consertar isso. – Ela envolveu a borda fumegante de sua caneca com as mãos e ficou olhando fixamente para ela.

“Minha família, mamãe, papai, Rita, Ed e eu, vivíamos todos juntos em uma casa pequena em Barlow Street, perto de Elephant and Castle, e no dia seguinte à deflagração da guerra, nós, crianças, fomos reunidas na escola, conduzidas à estação ferroviária e colocadas em vagões de trens. Jamais me esquecerei: todas nós com nossas etiquetas, nossas máscaras e nossas mochilas, e as mães, que pareciam ter pensado melhor, correndo pela estrada para a estação, gritando para que o guarda liberasse seus filhos; depois gritando aos irmãos mais velhos para tomarem conta dos mais novos e não perdê-los de vista.”

Ela permaneceu quieta por um instante, mordendo o lábio inferior, enquanto a cena se desenrolava em sua lembrança.

– Você deve ter ficado assustada – disse eu, serenamente. Não somos muito afeitos a demonstrações de carinho e consolo em nossa família ou eu teria tomado suas mãos nas minhas.

– Fiquei, sim, no começo. – Ela tirou os óculos e esfregou os olhos. Seu rosto tinha um aspecto vulnerável, indefinido, sem os óculos, como um pequeno animal noturno confuso com a luz do dia. Fiquei contente quando ela os colocou outra vez e continuou: – Eu nunca estivera longe de casa antes, nunca havia passado uma noite sequer longe de minha mãe. Mas eu tinha meu irmão e minha irmã mais velhos comigo e, conforme a viagem prosseguiu e uma das professoras distribuiu barras de chocolate, todos começaram a se alegrar e a encarar a experiência quase como uma aventura. Pode imaginar? A guerra fora declarada, mas nós estávamos cantando, comendo peras em conserva, olhando pela janela e jogando “I Spy”. As crianças são muito adaptáveis, sabe; insensíveis em certos casos.

“Finalmente, chegamos a uma cidade chamada Cranbrook, onde fomos separados em grupos e colocados em vários ônibus. Aquele em que eu estava com Ed e Rita nos levou à vila de Milderhurst, onde fomos conduzidos em filas a um salão. Um grupo de mulheres do local nos aguardava, um sorriso fixo no rosto, listas nas mãos, e

tivemos de ficar enfileirados enquanto os adultos andavam de um lado para o outro, fazendo sua seleção.

“Os pequeninos saíram rapidamente, especialmente os mais bonitinhos. As pessoas achavam que dariam menos trabalho, eu acho, que teriam menos ares esnobes de Londres. – Deu um sorriso enviesado. – Logo descobriram a verdade.

“Meu irmão foi escolhido logo no começo. Era um garoto forte, alto para a sua idade, e os fazendeiros estavam desesperados por ajudantes. Rita foi pouco depois com sua amiga da escola.”

Bem, isso era o suficiente. Estendi a mão e a coloquei sobre a dela.

– Oh, mamãe.

– Não tem importância. – Ela retirou a mão e deu um tapinha nos meus dedos. – Não fui a última a ser escolhida. Havia alguns outros... um menino com um terrível problema de pele. Não sei o que aconteceu a ele, mas ainda estava lá parado no salão quando eu saí.

“Sabe, durante muito tempo depois disso, anos e anos, eu me forcei a comprar frutas machucadas, se eu as tivesse pegado primeiro no verdureiro. Nada de ficar examinando e devolvendo à prateleira se não estivessem perfeitas.”

– Mas, por fim, você foi escolhida.

– Sim, por fim fui escolhida. – Ela baixou a voz, remexendo alguma coisa em seu colo, e eu tive de me inclinar para mais perto.

– Ela chegou tarde. O salão estava quase vazio, a maioria das crianças já se fora e as mulheres do Real Serviço Voluntário Feminino guardavam os apetrechos do chá. Eu começara a choramingar, embora de maneira muito discreta. Então, de repente, *ela* entrou precipitadamente e o salão, o próprio ar, pareceu se alterar.

– Alterar? – Torci o nariz, pensando naquela cena de *Carrie, a estranha*, quando a luz explode.

– É difícil explicar. Já conheceu alguém que parece trazer sua própria atmosfera com ela quando entra em um lugar?

Talvez. Levantei os ombros, sem saber ao certo. Minha amiga Sarah tem o hábito de atrair todos os olhares aonde quer que vá;

não é exatamente um fenômeno atmosférico, mas ainda assim...

– Não, claro que não. Parece uma tolice, dito assim. O que quero dizer é que ela era diferente das outras pessoas, mais... Oh, não sei. Apenas *mais*. Bonita de uma forma estranha, cabelos compridos, olhos grandes, um ar meio selvagem, mas não era apenas isso que a distinguia. Tinha apenas 17 anos na época, em setembro de 1939, mas todas as outras mulheres pareceram se recolher para dentro de si mesmas quando ela chegou.

– Eram deferentes?

– Sim, esta é a palavra, deferentes. Surpresas de vê-la e sem saber ao certo como se comportar. Finalmente uma delas falou, perguntando se ela poderia ajudar, mas a jovem apenas abanou os longos dedos e anunciou que estava ali para pegar seu evacuado. Foi isso que ela disse, não *um* evacuado; *seu* evacuado. E então ela veio diretamente para onde eu estava sentada no assoalho.

“Qual é o seu nome?”, perguntou, e, quando respondi, ela sorriu e disse que eu devia estar cansada, depois de ter viajado uma distância tão grande. ‘Gostaria de vir ficar comigo?’

“Assenti, devo ter feito isso, porque ela então se virou para a mulher mais mandona, a que tinha a lista, e disse que me levaria para casa com ela.”

– Qual era o nome dela?

– Blythe – respondeu minha mãe, reprimindo um tremor quase imperceptível. – Juniper Blythe.

– E foi ela quem lhe enviou a carta?

Mamãe balançou a cabeça.

– Ela me levou para o carro mais elegante que eu já vira e o dirigiu de volta, levando-me para o lugar em que ela e suas irmãs gêmeas mais velhas moravam, atravessando grandes portões de ferro, percorrendo um sinuoso caminho de entrada, até chegarmos a uma enorme construção de pedras cercada de densas florestas. Castelo Milderhurst.

O nome parecia saído diretamente de um romance de terror e eu me arrepiei um pouco, lembrando-me do soluço de mamãe quando leu o nome e o endereço no verso do envelope. Eu tinha ouvido

histórias sobre os evacuados, sobre algumas das coisas que aconteceram, e disse, com a respiração suspensa:

– Era horripilante?

– Oh, não, absolutamente. Nem um pouco assustador. Muito ao contrário.

– Mas a carta... Ela a fez...

– A carta foi uma surpresa, apenas isso. Uma lembrança de muito tempo atrás.

Ela ficou em silêncio, então eu pensei na enormidade da evacuação, como deveria ser assustador, como deveria ser estranho para ela, ainda criança, ser enviada para um lugar desconhecido onde tudo e todos eram extremamente diferentes. Eu ainda podia me lembrar muito bem de minhas experiências de infância, o horror de ser lançada em situações novas, intimidantes, os laços furiosos que eram forjados pela necessidade – com prédios, com adultos solidários, com amigos especiais – a fim de sobreviver. Lembrando-me dessas amizades compulsórias, algo chamou minha atenção:

– Algum dia você voltou lá, mamãe, depois da guerra? A Milderhurst?

Ela fitou-me incisivamente.

– Claro que não. Por que o faria?

– Não sei. Para saber as novidades; para dizer olá. Para ver sua amiga.

– Não – disse ela com firmeza. – Eu tinha minha própria família em Londres, minha mãe não podia privar-se de mim, e, além disso, havia trabalho a fazer, limpeza após a guerra. A vida real continuava.

– E com isso o conhecido véu caiu de novo entre nós e compreendi que a conversa havia terminado.



No final das contas, não tivemos a galinha assada. Mamãe disse que não tinha vontade e perguntou se eu me importava muito em ficar sem o assado naquele fim de semana. Pareceu-me indelicado lembrar a ela que de qualquer modo eu não como carne, e que minha presença tinha mais a ver com um dever filial, então lhe disse que estava tudo bem e sugeri que fosse se deitar. Ela concordou e,

enquanto eu guardava minhas coisas na bolsa, ela já estava engolindo dois comprimidos de paracetamol, por precaução, lembrando-me para manter os ouvidos cobertos no vento.

Meu pai, como constatei, dormiu durante todo o tempo. Ele é mais velho do que minha mãe e aposentou-se alguns meses atrás. A aposentadoria não lhe fez bem; ele vaga pela casa durante a semana, procurando coisas para consertar e arrumar, enlouquecendo a mamãe, depois, no domingo, descansa em sua poltrona. *O direito divino do homem da casa*, ele diz a quem se dispuser a ouvir.

Dei-lhe um beijo no rosto e deixei a casa, enfrentando o ar gelado a caminho do metrô, cansada e agitada, e um pouco desanimada por estar voltando sozinha para o diabolicamente caro apartamento que eu compartilhara até bem pouco tempo com Jamie. Foi somente entre a High Street Kensington e a Notting Hill Gate que eu me dei conta de que mamãe não me contara o que dizia a carta.

Uma lembrança se aclara

AO ESCREVER SOBRE ISSO AGORA, sinto-me um pouco decepcionada comigo mesma. Mas todo mundo é um especialista na virtude de entender o passado, e é fácil imaginar por que não fui investigar, agora que sei o que havia para ser descoberto. E eu não sou uma completa idiota. Mamãe e eu nos encontramos para tomar chá alguns dias mais tarde e, embora eu novamente tenha deixado de mencionar as mudanças em minha situação, fiz questão de lhe perguntar sobre o conteúdo da carta. Ela abanou a mão descartando o assunto e disse que não era nada importante, pouco além de uma saudação; que a sua reação fora provocada pela surpresa e nada mais. Eu não sabia na ocasião que minha mãe sabia mentir, ou eu teria tido motivo para duvidar dela, fazer mais perguntas ou prestar atenção particular à sua linguagem corporal. Mas não se faz isso, não é? Normalmente seu instinto é acreditar no que as pessoas lhe dizem, particularmente pessoas que você conhece bem, família, aqueles em quem você confia; ao menos, o meu é. Ou era.

E assim, durante algum tempo, me esqueci do castelo Milderhurst e da evacuação de mamãe, e até mesmo do estranho fato de nunca tê-la ouvido mencionar isso antes. Era fácil explicar; quase tudo pode ser explicado, se você tentar de verdade. Mamãe e eu nos dávamos bem, mas nunca fomos particularmente próximas, e especialmente não nos envolvíamos em longas discussões camaradas sobre o passado. Aliás, nem sobre o presente. Sem dúvida, sua evacuação fora uma experiência agradável, mas facilmente esquecível; não havia nenhuma razão para que devesse compartilhá-la comigo. Deus é testemunha, havia muita coisa que eu não lhe contava.

Mais difícil de racionalizar era a sensação forte e estranha que me assaltara quando presenciei sua reação à carta, a certeza inexplicável de uma lembrança importante que eu não conseguia detectar. Alguma coisa que eu vira ou ouvira, e depois esquecera,

agitando-se agora nos recessos sombrios de minha mente, recusando-se a ficar quieta e me deixar identificá-la. Ela se agitava e eu refletia, tentando com todas as forças me lembrar se talvez uma outra carta teria chegado, anos antes, uma carta que também a fizera chorar. Mas em vão: a sensação fugaz, imprecisa, recusava-se a clarear e concluí que muito provavelmente se tratava da minha imaginação hiperativa em funcionamento, aquela que meus pais sempre me avisavam que iria me colocar em apuros se eu não tomasse cuidado.

Na época, eu tinha preocupações mais prementes. A saber, onde eu iria morar quando o período de aluguel pré-pago do apartamento expirasse. Os seis meses pagos com antecedência fora o presente de Jamie da separação, uma espécie de pedido de desculpas, compensação por seu lamentável comportamento, mas terminava em junho. Eu andara vasculhando os jornais e as vitrinas de imobiliárias em busca de apartamentos tipo estúdio, mas com meu modesto salário estava sendo difícil encontrar qualquer lugar ainda que remotamente perto do trabalho.

Sou editora na Billing & Brown Book Publishers. É uma pequena editora familiar aqui de Notting Hill, fundada no final da década de 1940 por Herbert Billing e Michael Brown, como meio, inicialmente, de publicarem suas próprias peças e poesias. Quando começaram, creio que eram muito respeitados, mas ao longo das décadas, conforme editoras maiores abocanharam uma fatia maior do mercado, e o gosto do público por publicações de nicho declinou, fomos reduzidos a publicar gêneros a que nos referimos gentilmente como “especialidade” e aqueles a que nos referimos menos gentilmente como “frivolidade”. O sr. Billing – Herbert – é meu chefe; também é meu mentor, defensor e melhor amigo. Não tenho muitos, não do tipo vivo, respirando, de qualquer forma. E não digo isso de modo triste ou solitário; simplesmente não sou o tipo de pessoa que acumula amigos ou gosta de multidão. Sou boa com as palavras, mas não do tipo falante; sempre pensei como seria maravilhoso se eu pudesse conduzir relacionamentos apenas no papel. E imagino, de certo modo, que seja isso o que eu faço, pois tenho centenas do outro tipo, os amigos contidos dentro da encadernação, página após

página gloriosa de tinta, histórias que se desenrolam da mesma forma todas as vezes, mas nunca perdem sua alegria, que me levam pela mão e me conduzem através de portas a mundos de grande terror e prazer arrebatador. Companheiros confiáveis, valiosos, empolgantes – repletos de conselhos sábios, alguns deles –, mas infelizmente mal equipados para oferecer o uso de um quarto vago por um ou dois meses.

Embora eu fosse inexperiente em separações – Jamie foi meu primeiro namorado de verdade, do tipo com quem eu contemplaria um futuro –, suspeitava que esta fosse a hora de cobrar favores dos amigos. Essa foi a razão de eu ter me voltado para Sarah. Nós duas crescemos em casas vizinhas e a minha tornou-se seu segundo lar sempre que seus quatro irmãos mais novos ficavam endiabrados e ela precisava fugir. Eu ficava lisonjeada que alguém como Sarah considerasse a casa suburbana, um pouco austera, de meus pais como um refúgio. Continuamos amigas durante o ensino médio, até que Sarah foi pega fumando atrás dos toaletes mais de uma vez e trocou a aula de matemática pelo curso de beleza. Agora ela trabalha freelance, para revistas e filmagens. Seu sucesso é maravilhoso, mas infelizmente significa que, na hora em que precisei de sua ajuda, ela estava longe, em Hollywood, transformando atores em zumbis, seu apartamento e quarto vago sublocados para um arquiteto australiano.

Durante algum tempo, eu me afligi, imaginando, com detalhes virulentos, o tipo de vida que eu poderia ser forçada a enfrentar sem teto, antes que, em um belo gesto de cavalheirismo, Herbert me oferecesse o sofá em seu pequeno apartamento embaixo de nosso escritório.

– Depois de tudo que você fez por mim? – disse ele, quando lhe perguntei se tinha certeza. – Você me levantou do chão, foi o que você fez. Você me resgatou!

Ele estava exagerando. Eu nunca realmente o encontrei no chão, mas sabia o que queria dizer. Eu estava com eles havia apenas uns dois anos e começava a procurar algo um pouco mais estimulante quando o sr. Brown faleceu. No entanto, Herbert recebeu tão mal a morte do sócio que eu não tinha como deixá-lo, não naquele

momento. Ele não parecia ter mais ninguém, salvo sua cadelinha rotunda e porcalhona, e, embora ele nunca tenha dito isso, ficou claro para mim, pelo tipo e intensidade de sua perda, que ele e o sr. Brown haviam sido mais do que sócios. Ele parou de comer, de tomar banho e uma manhã tomou um pileque de gim, embora fosse abstêmio.

Não parecia haver muita escolha: comecei a preparar refeições para ele, confisquei o gim e, quando as contas ficaram muito ruins e eu não conseguia despertar seu interesse, assumi a tarefa de bater de porta em porta e encontrar um novo trabalho para nós. Foi quando passamos a imprimir folhetos de propaganda para os comerciantes locais. Herbert ficou muito agradecido quando descobriu que superestimou completamente minha motivação. Começou a se referir a mim como sua protegida e animava-se consideravelmente quando falava sobre o futuro da Billing & Brown; como ele e eu iríamos reconstruir a companhia em honra ao sr. Brown. O brilho voltou aos seus olhos, e eu adiei um pouco mais a procura de um novo emprego.

E aqui estou eu agora. Oito anos depois. Para grande divertimento de Sarah. É difícil explicar para alguém como Sarah, uma pessoa inteligente, criativa, que se recusa a fazer qualquer coisa em termos que não sejam os seus próprios, que o resto de nós tem critérios de satisfação diferentes na vida. Eu trabalho com pessoas que adoro, ganho o suficiente para me sustentar (embora provavelmente não em um apartamento de dois quartos em Notting Hill), passo meus dias brincando com palavras e frases, ajudando as pessoas a expressar suas ideias e realizar seus sonhos de publicação. Além do mais, não é como se eu não tivesse perspectivas. No ano passado, Herbert me promoveu ao cargo de vice-presidente; não importa que sejamos apenas nós dois trabalhando no escritório em tempo integral. Fizemos até uma pequena cerimônia. Susan, a auxiliar em tempo parcial, fez um bolo e compareceu ao escritório em seu dia de folga para que nós três pudéssemos beber vinho sem álcool em nossas xícaras de chá.

Diante do despejo iminente, aceitei com gratidão sua oferta de um lugar para dormir; foi, na verdade, um gesto muito comovente,

particularmente à luz das proporções mínimas de seu apartamento. Foi também minha única opção. Herbert ficou encantado:

– Maravilhoso! Jess vai ficar contentíssima, ela adora hóspedes.

E foi assim que, naquele mês de maio, eu me preparava para deixar para sempre o apartamento que Jamie e eu havíamos compartilhado, para virar a página final, em branco, de nossa história e começar uma nova, apenas minha. Eu tinha meu trabalho, tinha minha saúde e uma quantidade incrível de livros; só precisava ser corajosa, encarar os dias cinzentos e solitários que se estendiam indefinidamente à minha frente.

Tudo considerado, acho que eu estava me saindo bastante bem: apenas uma vez ou outra me permitia deslizar para o fundo do lago de minhas próprias e muito piegas fantasias. Nesses momentos, procurava um canto escuro e sossegado – tanto melhor para me entregar inteiramente à imaginação – e visualizava com grande detalhe aqueles futuros dias insípidos em que eu andaria pela nossa rua, pararia em nosso prédio, ergueria os olhos para o peitoril em que eu costumava plantar minhas ervas e veria a silhueta de outra pessoa através da vidraça. Vislumbraria a indistinta barreira entre o passado e o presente, e sentiria a dor física aguda de jamais poder voltar atrás...



Eu era uma sonhadora quando pequena e uma fonte de constante frustração para a minha pobre mãe. Ela costumava se desesperar quando eu passava pelo meio de uma poça de lama ou tinha de ser arrancada da sarjeta e do caminho de um ônibus em disparada. Ela dizia coisas como: “É perigoso se perder dentro da própria cabeça” ou “Você não vai conseguir ver o que realmente está acontecendo à sua volta – é assim que os acidentes acontecem, Edie. Você precisa prestar atenção.”

O que era fácil para ela: nunca houve uma mulher mais sensata, mais pragmática na Terra. Mas não era tão simples para uma jovem que vivera dentro de sua própria cabeça desde que aprendera a se perguntar: “E se...?” E não parei de sonhar acordada, é claro, simplesmente fiquei melhor em esconder isso. Mas ela estava certa,

de certo modo, pois foi minha preocupação em imaginar meu futuro vazio e árido pós-Jamie que me deixou tão completamente despreparada para o que aconteceu em seguida.

No final de maio, recebemos um telefonema no escritório de um autodenominado médium, capaz de falar com os espíritos, que queria publicar um manuscrito sobre seus encontros sobrenaturais em um pântano, Romney Marsh. Quando um novo cliente em potencial entra em contato, fazemos todo o possível para satisfazê-lo, motivo pelo qual eu me vi dirigindo o velho Peugeot de Herbert até Kent, para um cumprimento, uma reunião e, esperávamos, um aliciamento. Não dirijo com frequência e detesto a autoestrada quando está movimentada, portanto parti assim que amanheceu, imaginando que teria o caminho mais livre para sair de Londres incólume.

Cheguei lá antes das nove. A reunião propriamente dita correu muito bem – o aliciamento foi feito, contratos assinados – e ao meio-dia eu já estava de volta à estrada. A essa altura, uma estrada muito mais movimentada e para a qual o carro de Herbert, incapaz de ir mais rápido do que a oitenta quilômetros por hora sem correr o sério risco de perder um pneu, definitivamente não era apropriado. Instalei-me na pista lenta, mas ainda assim consegui atrair muitas buzinas e ares de desaprovação. Não é bom para uma pessoa ser considerada um estorvo, particularmente quando não se tem escolha na questão. Assim, saí da autoestrada em Ashford e peguei as vias secundárias. Minha noção de direção é terrível, mas havia um mapa no porta-luvas e eu estava resignada a parar regularmente no acostamento e consultá-lo.

Levei uma boa meia hora para me tornar verdadeira e completamente perdida. Até agora não sei como isso aconteceu, mas suspeito que a idade do mapa tenha tido parte da culpa. Isso e o fato de eu ter ficado apreciando a paisagem – campos salpicados de primulas, flores silvestres decorando as valas ao lado da estrada – quando provavelmente devia estar prestando atenção na estrada propriamente dita. Qualquer que tenha sido a causa, eu perdera minha localização no mapa e seguia por um caminho estreito sobre o qual majestosas árvores arqueadas se curvavam, quando

finalmente admiti que não fazia a menor ideia se estava indo para o norte, sul, leste ou oeste.

Mas não fiquei preocupada, não naquele momento. Até onde eu sabia, se continuasse seguindo aquele caminho, cedo ou tarde eu deveria chegar a uma encruzilhada, um marco, talvez até mesmo uma birosca de beira de estrada onde alguém poderia ser bastante gentil para desenhar um grande X vermelho no meu mapa. Eu não era esperada no trabalho naquela tarde; as estradas não continuavam indefinidamente; eu só precisava manter os olhos bem abertos.

E foi assim que eu o vi, despontando do meio de um monte um pouco agressivo de hera. Um desses antigos postes brancos com os nomes dos vilarejos locais entalhados em pedaços de madeira em forma de setas, apontando em cada direção. *Milderhurst, lia-se, 5km.*



Parei o carro e li a placa outra vez, os cabelos da minha nuca começando a se arrepiar. Fui tomada por um estranho sexto sentido, e a lembrança indistinta que eu me esforçava para clarear desde que a carta perdida de mamãe chegara em fevereiro ressuscitou. Desci do carro, como se estivesse em um sonho, e segui na direção da seta. Parecia que eu estava observando a mim mesma de fora do meu corpo, quase como se eu soubesse o que iria encontrar. E talvez soubesse.

Pois lá estavam eles, a uns oitocentos metros ao longo da estrada, exatamente onde eu imaginara que estariam. Erguendo-se do meio dos arbustos, dois altos portões de ferro, majestosos um dia, mas agora tombando nos ângulos trincados. Inclinando-se, um para o outro, como se quisessem compartilhar um fardo pesado. Uma placa pendurava-se de uma pequena guarita de pedra, uma placa enferrujada que dizia *castelo Milderhurst.*

Meu coração começou a bater rápido e descompassado contra minha caixa torácica, e eu atravessei a estrada na direção dos portões. Agarrei uma barra de ferro com cada uma das mãos – ferro frio, áspero, enferrujado sob minhas mãos – e pressionei meu rosto,

minha frente, devagar contra elas. Segui com os olhos o caminho de cascalho que se perdia em uma curva, subindo a colina, até atravessar uma ponte e desaparecer por trás de um bosque denso.

Era bela, melancólica e coberta de mato, mas não foi a vista que me fez prender a respiração. Foi a atordoante revelação, a certeza absoluta de que eu já estivera ali antes. Que ficara parada naqueles portões e espreitara através das barras de ferro e observara os pássaros voando como retalhos de céu noturno acima do arvoredado encrespado.

Detalhes encaixavam-se ao meu redor e parecia que eu havia penetrado na trama de um sonho; como se estivesse ocupando, mais uma vez, o mesmo espaço temporal e geográfico que o meu antigo eu ocupara. Meus dedos apertaram-se ao redor das barras de ferro e em algum lugar, no âmago do meu corpo, eu reconheci o gesto. Eu já fizera isso antes. A pele da palma de minhas mãos se lembrava. *Eu* me lembrava. Um dia ensolarado, uma brisa quente brincando com a bainha do meu vestido – meu melhor vestido –, a sombra de minha mãe alta em minha visão periférica.

Olhei de lado para onde ela estava, observando-a enquanto ela observava o castelo, a forma escura e distante no horizonte. Eu estava com sede, com calor, queria nadar no lago ondulado que eu podia ver através dos portões; nadar com os patos, as galinhas-d'água e as libélulas que faziam voos bruscos entre os juncos ao longo das margens.

– Mamãe – lembro-me de dizer, mas ela não respondeu. – Mamãe? – Sua cabeça virou para mim e uma fração de segundo se passou em que nem um lampejo de reconhecimento iluminou suas feições. Em vez disso, uma expressão que eu não compreendia as dominava. Ela era uma estranha para mim, uma senhora cujos olhos encobriam segredos. Eu tenho palavras para descrever aquele estranho amálgama agora – arrependimento, afeto, tristeza, nostalgia –, mas na época eu não fazia a menor ideia. Ainda mais quando ela disse:

– Cometi um erro. Nunca deveria ter vindo. É tarde demais.

Não creio que eu tenha respondido, não naquele momento. Não sabia o que ela queria dizer e, antes que eu pudesse perguntar, ela

agarrou minha mão e puxou-me com tanta força que meu ombro doeu, arrastando-me de volta pela estrada para o local onde nosso carro estava estacionado. Eu sentira um sopro do seu perfume enquanto andávamos, agora mais forte, e azedo onde se misturara com o ar escaldante do dia, com os desconhecidos aromas do campo. Ela deu partida no carro e prosseguimos; eu estava observando um casal de pardais pela janela quando ouvi: o mesmo soluço gutural que ela emitira quando a carta de Juniper Blythe chegou.

Os livros e os Bird

OS PORTÕES DO CASTELO estavam trancados e eram altos demais para serem escalados, não que eu tivesse me arriscado caso fossem mais baixos. Nunca fui adepta de esportes ou desafios físicos, e com a chegada dessa lembrança ausente minhas pernas tinham se transformado, para agravar a situação, em gelatina. Sentia-me estranhamente desconexa e indecisa e, após alguns instantes, não havia nada a fazer senão voltar para o carro e ficar sentada por algum tempo, pensando na melhor maneira de proceder. Por fim, minhas opções eram poucas. Sentia-me distraída demais para dirigir, certamente não até Londres. Assim, dei partida no carro e segui lentamente até o vilarejo de Milderhurst.

À primeira vista, era igual a todos os outros vilarejos que eu atravessara naquele dia: uma única rua cortando o centro, com uma pracinha no final, uma igreja ao lado e uma escola ao longo do caminho. Estacionei em frente ao prédio da prefeitura e quase podia ver as fileiras de crianças exaustas, sujas e ansiosas após a interminável viagem de trem. Uma imagem indistinta de minha mãe, há muito tempo, antes de ser minha mãe, antes de ser praticamente nada, seguindo em fila desconsoladamente em direção ao desconhecido.

Fiquei vagando pela High Street, tentando – sem muito sucesso – apaziguar meus pensamentos agitados. Mamãe de fato voltara a Milderhurst, e eu estava com ela. Ficamos paradas naqueles portões e ela se mostrara perturbada. Eu me lembrava. Acontecera. Mas assim como uma resposta fora obtida, inúmeras perguntas novas haviam surgido, esvoaçando pela minha mente como tantas mariposas buscando a luz. Por que tínhamos vindo e por que ela chorara? O que quis dizer quando declarou que cometera um erro, que era tarde demais? E por que ela havia mentido para mim, apenas três meses antes, quando me disse que a carta de Juniper Blythe não tinha nenhuma importância?

As perguntas continuaram girando em minha mente, até que finalmente eu me vi parada diante da porta aberta de uma livraria. É natural em tempos de grande perplexidade, eu acho, buscar referências familiares, e as prateleiras altas e as longas fileiras de lombadas perfeitamente enfileiradas eram imensamente reconfortantes. Em meio ao cheiro de tinta e encadernação, às partículas de poeira nos raios de luz solar enviesados, ao abraço do ar tranquilo e acolhedor, senti que podia respirar mais facilmente. Eu tinha consciência da minha pulsação cardíaca desacelerando para o seu ritmo normal e meus pensamentos serenando suas asas. Havia uma penumbra no interior, o que era ainda melhor, e eu peguei escritores e títulos favoritos como uma professora fazendo chamada. Brontë – todas as três presentes; Dickens – bem representado; Shelley – várias edições adoráveis. Não havia nenhuma necessidade de tirá-los do lugar; só saber que estavam lá já era suficiente, para roçar neles as pontas dos dedos, levemente.

Andei a esmo e observei, às vezes rearrumava um ou outro livro que estava fora do lugar, até finalmente chegar a uma clareira nos fundos da loja. Havia uma mesa no centro com uma exposição especial intitulada *Histórias locais*. Amontoados sobre ela estavam histórias, tomos de luxo e livros de escritores locais: *Contos de mistério, assassinato e violência; As aventuras dos contrabandistas de Hawkhurst; História do cultivo do lúpulo*. No meio, escorado em um suporte de madeira, estava um título que eu conhecia: *A verdadeira história do Homem de Lama*.

Dei um longo suspiro e peguei-o, apertando-o contra o peito.

– Gosta desse? – A vendedora aparecera do nada, pairando ao redor enquanto dobrava seu pano de pó.

– Oh, sim – disse com reverência –, claro. Quem não gosta?

A primeira vez que me deparei com *A verdadeira história do Homem de Lama*, eu tinha dez anos e estava em casa, ausente da escola por motivo de doença. Era caxumba, eu acho, uma dessas doenças infantis que o mantém isolado durante semanas, e devo ter começado a ficar queixosa e insuportável, porque o sorriso solidário de minha mãe se transformara em um ricto estoico. Um dia, depois de se evadir para uma breve folga na High Street, ela retornara com

o otimismo renovado e pressionou um livro esfarrapado da biblioteca em minhas mãos.

– Talvez isso a anime um pouco – disse ela experimentalmente. – É para leitores um pouco mais velhos, eu acho, mas você é uma menina inteligente; com um pouco de esforço, tenho certeza que dará certo. É bastante longo, comparado com os que você está acostumada, mas seja perseverante.

Eu provavelmente tossi com autopiedade em resposta, sem saber que estava prestes a atravessar um tremendo limiar depois do qual não haveria volta; que em minhas mãos eu segurava um objeto cuja aparência simples escondia seu profundo poder. Todos os verdadeiros leitores têm um livro, um momento, como este que descrevo, e quando mamãe me ofereceu esse exemplar já muito lido da biblioteca, era chegado o meu momento. Pois embora eu não soubesse disso na época, após penetrar fundo no mundo do *Homem de Lama*, a vida real jamais seria capaz de competir com a ficção outra vez. Sou grata à srta. Perry desde então, pois quando ela entregou esse livro por cima do balcão e insistiu com minha irritada mãe que o entregasse a mim, ou ela me confundira com uma criança bem mais velha ou conseguira olhar no fundo de minha alma e vira um buraco que precisava ser preenchido. Sempre preferi acreditar nesta última opção. Afinal, é o objetivo juramentado da bibliotecária reunir os livros ao seu verdadeiro leitor.

Abri a capa amarelada e desde o primeiro capítulo, o que descreve o despertar do Homem de Lama do fosso negro e luzidio, o terrível momento em que seu coração começa a pulsar, eu fiquei fascinada. Meus nervos fremiam, minha pele se afogueava, meus dedos tremiam de ansiedade para virar página após página, cada qual gasta na borda, onde inúmeros outros leitores fizeram a jornada antes de mim. Fui a lugares majestosos e assustadores, tudo sem deixar o sofá cheio de lenços de papel da sala suburbana de minha família. O *Homem de Lama* me manteve prisioneira durante dias: minha mãe começou a sorrir outra vez, meu rosto inchado voltou ao normal e meu eu futuro foi forjado.



Notei outra vez o cartaz escrito à mão – *Histórias locais* – e me voltei para a sorridente vendedora.

– Raymond Blythe nasceu aqui perto?

– Oh, sim. – Empurrou os cabelos finos para trás de cada orelha.

– Certamente. Viveu e escreveu no castelo Milderhurst; morreu lá também. É aquela grandiosa propriedade a alguns quilômetros da vila. – Sua voz adquiriu um tom vagamente desamparado: – Ao menos já foi grandiosa um dia.

Raymond Blythe. Castelo Milderhurst. Meu coração começou a bater com força.

– Ele tinha uma filha?

– Três, na verdade.

– Uma delas chamava-se Juniper?

– Isso mesmo; a mais nova.

Pensei em minha mãe, em sua lembrança de uma jovem de 17 anos que eletrizou o ar quando entrou no salão da igreja, que a resgatara da fileira de evacuados, que lhe enviara uma carta em 1941 que fizera mamãe chorar quando foi entregue, cinquenta anos mais tarde. E senti a repentina necessidade de me apoiar em alguma coisa.

– Todas as três ainda estão vivas lá – continuou a vendedora. – É alguma coisa na água do castelo, minha mãe sempre diz; estão muito bem de saúde, de modo geral. Exceto sua Juniper, é claro.

– Por quê? O que há de errado com ela?

– Demência. Acho que é de família. Uma história triste. Dizem que ela era muito bonita, e muito inteligente também, uma escritora muito promissora, mas seu noivo a abandonou, no tempo da guerra, e ela nunca mais foi a mesma. Ficou maluca; continuou esperando por ele, mas ele nunca voltou.

Abri a boca para perguntar para onde o noivo tinha ido, mas ela estava no meio da história e era evidente que não iria aceitar nenhuma pergunta da plateia.

– Ainda bem que a jovem tinha as irmãs para cuidar dela; são de uma estirpe em extinção, aquelas duas; costumavam se envolver em todo tipo de obras de caridade, naquela época. Se não fosse por elas, Juniper teria sido despachada para uma instituição. – Ela olhou

para trás, para verificar se estávamos sozinhas, depois se inclinou para mais perto. – Lembro-me de quando eu era pequena, Juniper costumava vagar pela vila e pelos campos próximos; não incomodava ninguém, absolutamente, apenas ficava perambulando por aí. As crianças ficavam aterrorizadas; mas as crianças gostam de ficar aterrorizadas, não é mesmo?

Balancei a cabeça enfaticamente, e ela continuou:

– Mas ela era inofensiva; nunca se meteu em alguma confusão de que não pudesse sair. E toda vila que se preza precisa de um excêntrico. – Um sorriso estremeceu em seus lábios. – Alguém para fazer companhia aos fantasmas. Pode ler mais a respeito delas aqui, se quiser. – Mostrou-me um livro intitulado *O castelo Milderhurst, de Raymond Blythe*.

– Vou levá-lo – disse, estendendo-lhe uma nota de dez libras. – E um exemplar do *Homem de Lama* também.

Eu já estava quase saindo da loja, com meu embrulho de papel pardo na mão, quando ela disse, às minhas costas:

– Sabe, se estiver realmente interessada, pode pensar em fazer uma excursão.

– Ao castelo? – Virei-me espreitando a escuridão de dentro da loja.

– Tem de falar com a sra. Bird. Home Farm Bed and Breakfast, na Tenterden Road.



A pousada, uma casa de fazenda, ficava a uns três quilômetros atrás, pelo caminho que eu viera, uma cabana de pedras e pequenas telhas suspensas, cercada de jardins profusamente floridos, um vislumbre de outras construções de fazenda aglomeradas atrás. Duas pequenas águas-furtadas espreitavam da linha do telhado e um turbilhão de pombos brancos revoava ao redor do cume de uma alta chaminé de tijolos. Janelas com caixilhos de chumbo tinham sido abertas para aproveitar o dia quente; vidraças em losangos brilhavam de modo ofuscante ao sol da tarde.

Estacionei o carro embaixo de um freixo gigantesco cujos longos braços alcançavam a borda da casa com sua sombra, depois andei

pelo emaranhado de plantas aquecidas pelo sol: jasmims, esporas-bravas e campânulas inebriantes, derramando-se pelo caminho de tijolos. Um casal de gansos brancos e gordos passou gingando por mim, sem sequer parar para tomar conhecimento da minha intrusão, enquanto eu atravessava a porta, mudando da luz brilhante do sol para um aposento parcamente iluminado. As paredes mais próximas eram decoradas com fotografias em preto e branco do castelo e de suas terras, todas tiradas, segundo as legendas, durante uma sessão de fotos da *Country Life*, em 1910. Na parede oposta, atrás de um balcão com uma placa dourada onde se lia *Recepção*, uma mulher gorda e baixa, em um terninho de linho azulão, me aguardava.

– Bem, você deve ser minha jovem visitante de Londres. – Ela pestanejou através de um par de óculos redondos de aro de tartaruga e sorriu diante da minha confusão. – Alice, da livraria, me telefonou, avisando que talvez você viesse. Certamente você não perdeu tempo; Bird achou que você chegaria dentro de uma hora, no mínimo.

Olhei para o canário amarelo em uma gaiola palaciana suspensa atrás dela.

– Ele estava pronto para seu almoço, mas eu disse que você certamente chegaria assim que eu fechasse a porta e pendurasse o aviso. – Ela riu, uma risadinha abafada, do fundo da garganta. Eu avaliara sua idade em quase sessenta anos, mas aquela risada pertencia a uma mulher muito mais nova, muito mais perversa do que a primeira impressão pudesse sugerir. – Alice me disse que você está interessada no castelo.

– É verdade. Eu esperava poder visitá-lo e ela me mandou aqui. Tenho de assinar em algum lugar?

– Querida, não, nada tão oficial assim. Eu mesma conduzo as excursões. – Ela estufou o peito orgulhosamente antes de soltar o ar novamente. – Quer dizer, conduzia.

– Conduzia?

– Oh, sim, e era um serviço muito agradável. As senhoritas Blythe costumavam dirigi-las pessoalmente, é claro; começaram na década de 1950 como forma de custear a manutenção do castelo e se salvarem do National Trust. A srta. Percy não queria nem falar nisso,

asseguro-lhe. Mas tudo ficou um pouco demais há alguns anos. Todos nós temos nossos limites, e quando a srta. Percy atingiu o dela, fiquei mais do que satisfeita em assumir. Houve uma época em que eu fazia cinco excursões por semana, mas não há muitos pedidos hoje em dia. Parece que as pessoas esqueceram o velho lugar. – Lançou-me um olhar inquisitivo, como se eu pudesse explicar as excentricidades dos seres humanos.

– Bem, eu *adoraria* ver o interior – disse animadamente, ansiosamente, talvez até um pouco desesperadamente.

A sra. Bird pestanejou para mim.

– Claro, minha querida, e adoraria mostrá-lo a você, mas receio que não se façam mais excursões.

A decepção foi esmagadora e por um instante achei que não iria conseguir falar.

– Oh – consegui exclamar. – Oh, meu Deus!

– É uma pena, mas a srta. Percy disse que estava resolvida. Disse que estava cansada de abrir sua casa para turistas ignorantes terem onde largar seu lixo. Sinto muito se Alice a confundiu. – Encolheu os ombros desamparadamente e um silêncio recaiu entre nós.

Tentei demonstrar uma resignação educada, mas à medida que definhava a possibilidade de ver o interior do castelo Milderhurst, de repente me pareceu haver muito pouco na vida que eu desejasse mais ardentemente.

– É que... sou uma grande admiradora de Raymond Blythe – ouvi-me dizer. – Não creio que teria acabado trabalhando com edição de livros se não tivesse lido o *Homem de Lama* quando criança. Será que... Quero dizer, talvez se *você* me recomendasse, convencesse as proprietárias de que não sou o tipo de pessoa que largaria lixo na casa delas...

– Bem... – Ela franziu a testa, refletindo. – O castelo é uma beleza de se ver e não há ninguém mais orgulhoso da sua propriedade do que a srta. Percy... Editora, você disse?

Fora uma tacada de sorte accidental: a sra. Bird pertencia a uma geração para quem palavras como essa possuíam uma espécie de glamour de Fleet Street; não importava se meu cubículo era minúsculo, cheio de papéis espalhados e balancetes desanimadores.

Agarrei-me a essa possibilidade como um náufrago se agarraria a uma tábua de salvação.

– Billing & Brown Book Publishers, Notting Hill.

Lembrei-me, então, dos cartões de visita que Herbert me dera na minha festinha de promoção. Nunca me lembro de carregá-los comigo, não de uma forma oficial, mas são muito úteis como marcadores de página e, assim, pude retirar um do exemplar de *Jane Eyre* que eu mantinha em minha sacola de viagem, para o caso de ter de ficar em uma fila inesperadamente. Eu o ofereci como um bilhete de loteria vencedor.

– Vice-presidente – leu a sra. Bird, examinando-me por cima dos óculos. – Ora, muito bem. – Não creio ter imaginado o novo tom de admiração em sua voz. Ela manuseou o cartão de visita, apertou os lábios e fez um curto sinal de decisão com a cabeça. – Está bem. Me dê um minuto enquanto telefono para as proprietárias. Vou ver se as convenço a me deixar mostrar-lhe o castelo esta tarde.



Enquanto a sra. Bird sussurrava em um telefone antiquado, sentei-me em uma poltrona forrada de *chintz* e abri o embrulho de papel pardo que continha meus livros novos. Retirei o exemplar brilhante do *Homem de Lama* e virei-o. Era verdade o que eu dissera, de uma forma ou de outra meu encontro com a história de Raymond Blythe determinara toda a minha vida. O simples ato de segurar o livro em minhas mãos era suficiente para me encher da sensação abrangente de saber precisamente quem eu era.

O desenho da capa da nova edição era o mesmo do exemplar da Biblioteca West Barnes que mamãe tomara emprestado havia quase vinte anos. Sorri para mim mesma, prometendo acondicioná-lo em um envelope e remetê-lo para a biblioteca assim que chegasse em casa. Finalmente, uma dívida de vinte anos seria saldada.

Porque, quando minha caxumba acabou e era hora de devolver o *Homem de Lama* à srta. Perry, o livro, ao que parecia, havia desaparecido. Não houve busca desenfreada da parte de minha mãe, nem veementes declarações enganosas da minha que fizessem o livro aparecer, nem mesmo na desordem de coisas desaparecidas

embaixo da minha cama. Depois que todas as avenidas de busca foram esgotadas, fui conduzida à livraria para fazer minha deslavada confissão. Minha pobre mãe recebeu um dos notórios olhares fulminantes da srta. Perry e quase morreu de vergonha, mas eu estava encorajada demais pela deliciosa glória da posse para sofrer culpa. Foi a primeira e única coisa que eu já roubei, mas não pude me conter; simplesmente aquele livro e eu pertencíamos um ao outro.



O receptor do telefone da sra. Bird caiu no gancho com uma batida plástica e eu dei um pequeno salto. Pela constrição de suas feições, compreendi instantaneamente que as notícias não eram boas. Levantei-me e fui mancando até o balcão, meu pé esquerdo dormente, cheio de alfinetes e agulhas.

– Receio que uma das irmãs Blythe não esteja bem hoje – disse a sra. Bird.

– É mesmo?

– A mais nova teve uma recaída e o médico está a caminho para vê-la.

Tentei disfarçar minha decepção. Havia algo de muito indecoroso em mostrar frustração pessoal quando uma senhora adoecera.

– Que coisa horrível. E ela está bem?

Abanando a mão, a sra. Bird descartou minha preocupação como uma mosca inofensiva, mas incômoda.

– Tenho certeza de que ficará bem. Não é a primeira vez. Ela sofre desses episódios desde menina.

– Episódios?

– Tempo perdido, é como costumavam chamar isso. Tempo que ela não consegue lembrar, em geral depois de ficar muito agitada. Algo a ver com um ritmo cardíaco irregular, rápido ou lento demais, não sei qual, mas ela costumava perder a consciência e despertar sem se lembrar de nada do que fizera. – Sua boca fechou-se sobre algum outro sentimento que ela achou melhor não expressar. – As irmãs mais velhas estarão muito ocupadas cuidando dela hoje para serem perturbadas, mas lamentaram muito ter de lhe negar a visita.

A casa precisa de visitantes, elas disseram. Elas são engraçadas... Estou muito surpresa, para ser franca. Em geral, elas não gostam de visitas. Mas creio que fique muito solitário, só as três tagarelando lá dentro. Sugeriram amanhã. Pode ser de manhã?

Um tremor de animação em meu peito. Eu não havia planejado ficar para dormir, mas a ideia de partir sem ver o interior do castelo trouxe uma profunda e repentina onda de desalento. A decepção se avolumava dentro de mim.

– Tivemos um cancelamento, portanto temos um quarto vago. Gostaria de ficar com ele? – disse a sra. Bird. – O jantar está incluído.

Eu tinha trabalho para colocar em dia no fim de semana, Herbert precisava do carro para ir a Windsor na tarde seguinte e não sou o tipo de pessoa que decide por capricho passar a noite em um lugar estranho.

– Está bem – disse. – Farei isso.

O castelo Milderhurst, de Raymond Blythe

ENQUANTO A SRA. BIRD começava a preencher fichas, transferindo detalhes de meu cartão de visita, eu me afastei com um murmúrio de ruídos educados e fui espreitar pela porta dos fundos aberta. Um pátio fora formado pela parede da casa principal e as das outras construções da fazenda: um celeiro, um pombal e uma terceira edificação com telhado cônico, que mais tarde fiquei sabendo tratar-se de uma casa com forno para secagem do lúpulo na fabricação de cerveja. Um lagunho redondo, semelhante a uma piscina, brilhava no centro, e o casal de gansos gordos havia se lançado na superfície aquecida pelo sol, flutuando majestosamente agora que as ondulações corriam umas atrás das outras para as bordas de lajotas. Mais além, um pavão inspecionava a beirada do gramado aparado que separava o pátio bem cuidado de uma campina de flores silvestres que se estendia na direção de um parque distante. Todo o jardim ensolarado, emoldurado como estava pela porta sombreada onde eu me encontrava, parecia uma foto instantânea de um antigo dia de primavera, que de alguma forma voltara à vida.

– Glorioso, hein? – disse a sra. Bird, repentinamente atrás de mim, embora eu não a tivesse ouvido se aproximar. – Já ouviu falar de Oliver Sykes?

Indiquei que não, e ela balançou a cabeça, feliz de me esclarecer:

– Era um arquiteto, muito famoso em sua época. Terrivelmente excêntrico. Ele tinha sua própria casa em Sussex, fazenda Pembroke, mas fez uma obra no castelo na década de 1900, logo depois que Raymond Blythe casou-se pela primeira vez e trouxe sua mulher de Londres. Foi um dos últimos trabalhos de Sykes antes de desaparecer, em sua própria versão da Grand Tour. Ele supervisionou a criação de uma versão maior de nosso lago circular e fez um belo trabalho no fosso ao redor do castelo: transformou-o em um magnífico anel de natação para a sra. Blythe. Ela era uma exímia nadadora, dizem, uma verdadeira atleta. Costumavam colocar... –

colou um dedo na face e franziu a testa – um produto químico... ora, qual era mesmo? – Retirou o dedo e elevou a voz: – Bird?

– Sulfato de cobre – veio uma voz masculina desencarnada.

Olhei novamente para o canário, vasculhando sua gaiola à procura de sementes, depois para a parede coberta de fotografias.

– Sim, sim, claro – continuou a sra. Bird, sem se deixar intimidar.

– Sulfato de cobre para manter a água azul. – Um suspiro. – Mas isso já faz muito tempo. Infelizmente, o fosso de Sykes foi inundado há décadas e a grande piscina circular pertence apenas aos gansos. Cheia de terra e sujeira de patos. – Ela me entregou uma pesada chave de latão e fechou meus dedos ao redor dela. – Iremos ao castelo amanhã. A previsão é de céu claro e há uma bela vista da segunda ponte. Nos encontramos aqui às dez?

– Você tem um encontro com o vigário amanhã às dez, querida. – A voz paciente, velada, chegou até nós outra vez, embora dessa vez eu tenha conseguido localizar a fonte. Uma portinha, quase invisível, escondida na parede atrás do balcão da recepção.

A sra. Bird franziu os lábios e pareceu considerar essa misteriosa emenda antes de balançar a cabeça devagar.

– Bird tem razão. Ora, que pena. – Ela se animou. – Não tem importância. Eu deixarei instruções para você, terminarei o mais rápido que puder na vila e a encontrarei no castelo. Só vamos ficar uma hora. Não gosto de impor minha presença por mais tempo; as senhoritas Blythe são muito idosas.

– Uma hora está ótimo.

Eu poderia partir para Londres na hora do almoço.



Meu quarto era minúsculo – uma cama de dossel, gananciosamente escarranchada no centro do espaço, uma escrivaninha estreita encaixada sob a janela de caixilhos de chumbo e pouco mais além disso –, mas a vista era gloriosa. O quarto ficava nos fundos da casa da fazenda e a janela abria-se para a mesma campina que eu avistara pela porta no térreo. O segundo andar, entretanto, oferecia uma vista melhor da colina que subia para o castelo e, acima da floresta, eu podia divisar o pináculo da torre apontando para o céu.

Sobre a escrivaninha, alguém deixara uma manta de piquenique, de xadrez, perfeitamente dobrada, e uma cesta cheia de frutas de boas-vindas. O dia estava ameno e o terreno era lindo; assim, peguei uma banana, coloquei a manta debaixo do braço e desci imediatamente com meu novo livro, *O castelo Milderhurst, de Raymond Blythe*.

No pátio, os jasmims adocicavam o ar, deslumbrantes ramalhetes brancos despencando do topo de um caramanchão de madeira ao lado do gramado. Enormes peixes dourados nadavam devagar perto da superfície do lago, adernando seus corpos robustos para frente e para trás para receber o sol da tarde. Era paradisíaco, mas não fiquei ali; uma faixa distante de árvores acenava para mim, e fui avançando por um caminho sinuoso naquela direção, através da campina salpicada de ranúnculos amarelos, que foram se propagando por conta própria pelo meio do capim alto. Embora ainda não fosse realmente verão, o dia estava quente, o ar seco e, quando cheguei às árvores, minha fronte estava porejada de suor.

Estendi a manta em uma área matizada de sol e tirei os sapatos. Em algum lugar perto dali, um córrego raso cantarolava pelas pedras e borboletas navegavam na brisa. A manta cheirava agradavelmente a roupa lavada e folhas esmagadas, e, quando me sentei, o capim alto da campina me cercou, e eu parecia completamente sozinha.

Apoiei *O castelo Milderhurst* sobre os joelhos dobrados e deslizei a mão pela capa. Mostrava uma série de fotos em preto e branco arrumadas em diversos ângulos, como se tivessem caído da mão de alguém e sido fotografadas do jeito que caíram. Lindas crianças em vestidos antiquados, antigos piqueniques junto a uma piscina cintilante, uma fileira de nadadores posando junto ao fosso; os olhares ansiosos de pessoas para quem capturar imagens em papel fotográfico era uma espécie de mágica.

Abri na primeira página e comecei a ler.

CAPÍTULO 1 Homem de Kent

"Havia os que diziam que o Homem de Lama nunca nascera, que ele sempre existira, assim como o vento e as árvores e a terra, mas estavam errados.

Todas os seres vivos nascem, todas os seres vivos têm um lar, e o Homem de Lama não era diferente.”

Há escritores para os quais o mundo da ficção oferece uma oportunidade para escalar montanhas e descrever imensos reinos de fantasia. Para Raymond Blythe, no entanto, como para outros romancistas de seu tempo, o lar deveria representar uma inspiração fundamental, fértil e confiável, em sua vida como em sua obra. Cartas e artigos escritos ao longo de seus 75 anos contêm um tema comum: Raymond Blythe era inequivocamente uma pessoa caseira, que encontrava descanso, refúgio e religião nas terras que durante séculos seus antepassados clamaram como suas. Poucas vezes o lar de um escritor foi tão claramente destinado ao propósito ficcional como no conto gótico, de horror, para crianças, *A verdadeira história do Homem de Lama*. No entanto, mesmo antes desse marco da literatura, o castelo, erguendo-se majestosamente em seu fértil terreno elevado na verdejante região florestada de Kent, os campos cultiváveis, os bosques escuros e murmurantes, os jardins de recreação sobre os quais o castelo se debruça fizeram de Raymond Blythe o homem em que ele iria se tornar.

Raymond Blythe nasceu em um quarto no segundo andar do castelo Milderhurst no dia mais quente do verão de 1866. O primogênito de Robert e Athena Blythe, ele recebeu o nome de seu avô paterno, cuja fortuna teve origem nas minas de ouro do Canadá. Raymond era o mais velho de quatro irmãos, o mais novo dos quais, Timothy, morreu tragicamente durante uma violenta tempestade em 1876. Athena Blythe, uma poetisa de certa projeção, ficou inconsolável com a morte do filho mais novo, e dizem que caiu em profunda depressão logo após o enterro do menino, de cuja morte nunca mais se recuperou. Ela tirou a própria vida saltando da torre de Milderhurst, deixando para trás o marido, sua poesia e os três filhos pequenos.

Na página contígua, via-se a fotografia de uma bela mulher com os cabelos escuros presos em um penteado elaborado, debruçada em uma janela aberta, de painéis de vidro separados por fasquias, olhando para a cabeça de quatro garotos arrumados por altura. Datava de 1875 e tinha a aparência leitosa de tantas fotografias amadoras antigas. O menino menor, Timothy, devia ter se movido quando a foto estava sendo tirada, porque seu rosto sorridente

ficara embaçado. Pobre criança, não fazia a menor ideia de que só lhe restavam poucos meses de vida.

Passei os olhos por alguns dos parágrafos seguintes – pai vitoriano reservado, despacho para Eton, uma bolsa de estudos para Oxford –, até Raymond Blythe chegar à idade adulta.

Depois de se formar em Oxford em 1887, Raymond Blythe mudou-se para Londres, onde começou sua vida literária como colaborador da revista *Punch*. Durante a década seguinte, ele publicou 12 peças teatrais, dois romances e uma coletânea de poemas para crianças, apesar de suas cartas indicarem que, independentemente de suas realizações profissionais, ele sentia-se infeliz morando em Londres e ansiava pelos campos exuberantes de sua infância.

Seria de supor que a vida na cidade se tornasse mais suportável para Raymond Blythe pelo seu casamento em 1895 com a srta. Muriel Palmerston, muito admirada e considerada “a mais bela de todas as debutantes do ano”, e sem dúvida suas cartas sugerem uma pronunciada elevação do estado de espírito nesta época. Raymond Blythe foi apresentado à srta. Palmerston por um conhecido mútuo e, de acordo com todos os relatos, foi um bom casamento. Os dois compartilhavam uma paixão por atividades ao ar livre, jogos de palavras e fotografia, e formavam um belo casal, ilustrando as páginas sociais em inúmeras ocasiões.

Após a morte de seu pai em 1898, Raymond Blythe herdou o castelo Milderhurst e para lá retornou com Muriel para estabelecer residência. Muitos relatos da época sugerem que o casal havia muito desejava começar uma família e certamente, depois que se mudaram para Milderhurst, Raymond Blythe era bastante franco em expressar preocupação em suas cartas com o fato de ainda não ser pai. Essa felicidade, entretanto, esquivou-se do casal por alguns anos e somente em 1905 Muriel Blythe escreve à sua mãe confessando o temor angustiante de que a ela e Raymond seria negada “a bênção maior de filhos”. Deve ter sido com imensa alegria, e talvez algum alívio, que quatro meses depois de ter enviado essa carta ela escreveu novamente para a mãe anunciando que estava grávida. De gêmeos, como se verificou: após uma gravidez difícil, inclusive um longo período de confinamento obrigatório, em janeiro de 1906 Muriel deu à luz, com sucesso, duas filhas. As cartas de Raymond Blythe aos seus irmãos indicavam que esse era o momento mais feliz

de sua vida, e os álbuns de família transbordam de provas fotográficas de seu orgulho paterno.

A folha dupla seguinte exibia uma variedade de fotos de duas meninas. Apesar de serem obviamente muito parecidas, uma era menor e mais magra do que a outra, e parecia sorrir com um pouco menos de confiança do que a irmã. Na última foto, um homem com cabelos ondedos e um rosto bondoso aparecia sentado em uma poltrona com um bebê, todo vestido em laços e renda, em cada joelho. Havia alguma coisa em sua postura – o brilho nos olhos, talvez, ou quem sabe a delicada pressão de suas mãos no braço de cada menina – que denunciava seu afeto pelas gêmeas, e me ocorreu, olhando mais de perto, como era raro encontrar uma fotografia da época em que um pai era visto com suas filhas de um modo simples, doméstico. Meu coração se enterneceu por Raymond Blythe e eu continuei a leitura.

No entanto, toda essa felicidade não duraria. Muriel Blythe sofreu um acidente numa noite de inverno de 1910, quando uma brasa incandescente da lareira junto à qual estava sentada escapou dos limites da tela de proteção e caiu em seu colo. O tecido de seu vestido incendiou-se rapidamente e ela estava em chamas antes que qualquer socorro pudesse alcançá-la; o incêndio propagou-se, consumindo o torreão leste do castelo Milderhurst e a vasta biblioteca da família Blythe. As queimaduras sofridas pela sra. Blythe foram extensas e, apesar de ter sido envolvida em bandagens úmidas e tratada pelos melhores médicos, ela sucumbiu após um mês aos seus terríveis ferimentos.

A dor de Raymond Blythe pela morte da esposa foi tão profunda que por vários anos seguintes ele não publicou sequer uma palavra. Algumas fontes disseram que ele sofreu um bloqueio paralisante, outros acreditavam que tivesse lacrado seu escritório e se recusado a voltar a trabalhar, abrindo-o outra vez somente quando começou seu agora famoso livro, *A verdadeira história do Homem de Lama*, nascido de um período de intensa atividade em 1917. Apesar da ampla atração exercida entre os leitores jovens, muitos críticos veem a história como uma alegoria à Guerra Mundial, na qual tantas vidas se perderam nos lamaçais da França; em particular, são traçados paralelos entre o protagonista Homem de Lama e o grande número de soldados deslocados de guerra tentando voltar para casa e recuperar suas famílias depois do terrível

massacre. O próprio Raymond Blythe foi ferido em Flanders em 1916, desqualificado e enviado de volta para Milderhurst, onde ficou em convalescença, sob os cuidados de uma equipe de enfermeiras particulares. A falta de identidade do Homem de Lama e a busca do narrador para descobrir o nome original, bem como a posição e lugar da criatura na história, também são vistas como uma homenagem aos muitos soldados desconhecidos da Guerra Mundial e a sensação de deslocamento que Raymond Blythe pode ter sofrido depois de sua volta.

Apesar do grande volume de bolsas de estudo dedicadas a esta discussão, a verdade da inspiração para o Homem de Lama permanece um mistério; Raymond Blythe era notoriamente reticente quanto à composição de uma história, dizendo apenas que tinha sido "uma dádiva", que "a musa inspiradora aparecera" e que a história viera inteira. Talvez em consequência disso *A verdadeira história do Homem de Lama* seja uma das poucas histórias de ficção que conseguem atrair e prender o interesse do público, tornando-se quase mítica em sua significância. Perguntas sobre sua criação e influências ainda são vigorosamente debatidas pelos literatos de muitos países, mas a inspiração por trás do *Homem de Lama* permanece sendo um dos mais duradouros mistérios literários do século XX.

Um mistério literário. Um estremecimento percorreu minha espinha quando, baixinho, repeti as palavras. Eu amava o *Homem de Lama* por sua história e pela maneira como o uso das palavras me fazia sentir quando as lia, mas saber que o mistério cercava a criação do romance tornava-o ainda melhor.

Apesar de Raymond Blythe ter, até esse ponto, sido profissionalmente bem conceituado, o enorme sucesso comercial e de crítica de *A verdadeira história do Homem de Lama* ofuscou sua obra anterior e dali em diante ele passou a ser conhecido como o criador do romance preferido da nação. A produção em 1924 da peça teatral *Homem de Lama* no West End de Londres levou Raymond Blythe a um público ainda maior. Entretanto, apesar dos reiterados pedidos dos leitores, Raymond Blythe recusou-se a escrever uma sequência. O romance foi dedicado em primeira instância às suas filhas gêmeas, Persephone e Seraphina, mas nas últimas edições uma segunda linha foi adicionada, contendo as iniciais de suas duas mulheres: MB e OS.

Porque, juntamente com seu triunfo profissional, a vida pessoal de Raymond Blythe floresceu outra vez. Ele casou novamente em 1919, com uma mulher chamada Odette Silverman, que ele conheceu em uma festa em Bloomsbury, oferecida por Lady Londonderry. Apesar da srta. Silverman ser de origem simples, seu talento como harpista abriu-lhe as portas a eventos sociais que de outra maneira certamente lhe seriam fechadas. O noivado foi curto e o casamento causou um pequeno escândalo na sociedade devido à idade do noivo e à juventude da noiva – ele tinha mais de cinquenta anos, e ela, 18, apenas cinco anos mais velha do que as filhas do primeiro casamento dele – e de suas origens diferentes. Circularam boatos de que Raymond Blythe havia sido enfeitado – pela beleza e pela juventude de Odette Silverman. O casal foi unido em uma cerimônia na capela de Milderhurst, aberta pela primeira vez desde o funeral de Muriel Blythe.

Odette deu à luz uma filha em 1922. A criança foi batizada com o nome de Juniper, e sua beleza é evidente nas muitas fotografias que sobreviveram desde então. Novamente, apesar dos comentários jocosos à continuada ausência de um filho e herdeiro, as cartas de Raymond Blythe da época indicam que ele estava encantado com o aumento da família. Infelizmente, sua felicidade seria curta, pois nuvens tempestuosas já se formavam no horizonte.

Em dezembro de 1924, Odette morreu de complicações dos estágios iniciais de sua segunda gravidez.

Virei a página ansiosamente e me deparei com duas fotos. Na primeira, Juniper Blythe devia ter uns quatro anos, sentada com as pernas esticadas para frente e os tornozelos cruzados. Seus pés estavam descalços e sua expressão deixava claro que ela fora surpreendida – e que não ficara feliz com isso – em um momento de solitária contemplação. Fitava a câmera com olhos amendoados ligeiramente afastados. Combinados aos sedosos cabelos louros, às sardas salpicadas pelo nariz arrebitado e à boquinha feroz, aqueles olhos criavam uma aura de conhecimento ilícito.

Na outra foto, Juniper era uma jovem mulher, a passagem dos anos tendo se dado aparentemente de forma instantânea, de modo que o mesmo olhar malicioso, furtivo, do rosto de uma pessoa adulta fitava a câmera agora. Um rosto de grande, mas estranha beleza. Lembrei-me da descrição de mamãe da maneira como as

outras mulheres no salão do vilarejo haviam se afastado quando Juniper entrara, a atmosfera que ela parecia carregar com ela. Vendo esta fotografia agora, eu bem podia imaginar. Ela era curiosa e dissimulada, distraída e astuta, tudo ao mesmo tempo. As feições particulares, os indícios e vislumbres de emoção e intelecto combinavam para formar um todo irresistível. Passei os olhos rapidamente pela legenda da foto, à procura de uma data – abril de 1939. O mesmo ano em que minha mãe, de 12 anos, a conheceu.

Após a morte de sua segunda mulher, dizem que Raymond Blythe retirou-se para seu escritório. Entretanto, salvo alguns pequenos artigos de opinião no *The Times*, ele não publicou mais nada de destaque. Embora Blythe estivesse trabalhando em um projeto na época de sua morte, não era, como muitos desejavam, um novo episódio do *Homem de Lama*, mas um longo e tedioso tratado científico sobre a natureza não linear do tempo, explicando suas próprias teorias, familiares aos leitores do *Homem de Lama*, sobre a capacidade do passado de permear o presente. O trabalho nunca foi terminado.

Nos seus últimos anos de vida, a saúde de Raymond Blythe deteriorou-se paulatinamente e ele ficou convencido de que o Homem de Lama de sua famosa história voltara à vida para assombrá-lo e atormentá-lo. Um medo compreensível – ainda que fantasioso – considerando-se a sucessão de acontecimentos trágicos que acometeram tantos dos seus entes queridos no decurso de sua vida, e um medo que era alegremente adotado por muitos dos que visitavam o castelo. É uma expectativa dominante, é claro, que um castelo histórico deva vir com suas próprias histórias arrepiantes, e natural que um livro tão amado quanto *A verdadeira história do Homem de Lama*, ambientado entre as paredes do castelo Milderhurst, suscite tais teorias.

Raymond Blythe converteu-se ao catolicismo no final da década de 1930, e nos últimos anos de sua vida recusou a visita de todos, exceto de seu padre. Ele morreu em 4 de abril de 1941, de uma queda da torre de Milderhurst; o mesmo destino que reclamara sua mãe 65 anos antes.

Havia outra fotografia de Raymond Blythe no final do capítulo. Era muito diferente da primeira – o jovem pai sorridente com as rechonchudas gêmeas nos joelhos – e enquanto a examinava, minha conversa com Alice na livraria me veio à mente. Em particular, sua insinuação de que a instabilidade mental que atormentava Juniper

Blythe era de família. Porque este homem, esta versão de Raymond Blythe, nada tinha da satisfeita tranquilidade tão evidente em sua primeira fotografia. Ao invés disso, ele parecia devastado pela ansiedade: seus olhos eram desconfiados, a boca, apertada, o queixo, travado de tensão. A fotografia datava de 1939 e Raymond devia ter 73 anos, mas não era apenas a idade que havia sulcado as profundas rugas em seu rosto: quanto mais eu o fitava, mais convencida ficava. Eu pensara, enquanto lia, que o biógrafo deveria estar falando metaforicamente ao se referir à assombração de Raymond Blythe, mas agora eu via que não. O homem na fotografia ostentava a máscara assustada de um prolongado tormento interior.



O anoitecer se instalou ao meu redor, preenchendo as depressões entre as ondulações e os bosques da propriedade Milderhurst, arrastando-se pelos campos e engolindo a luz. A fotografia de Raymond Blythe dissolveu-se na escuridão e eu fechei o livro. Mas não fui embora. Não naquele momento. Virei-me para olhar através da lacuna no meio das árvores para onde o castelo erguia-se no topo da colina, um volume negro sob o céu escuro. E fiquei empolgada ao pensar que na manhã seguinte eu atravessaria sua entrada.

Os personagens do castelo haviam adquirido vida para mim naquela tarde; haviam se infiltrado sob minha pele enquanto eu lia, e agora eu tinha a sensação de que os conhecera toda a minha vida. Que embora eu tivesse tropeçado na vila de Milderhurst por acaso, parecia certo eu estar ali. Eu experimentara a mesma sensação quando li *O morro dos ventos uivantes*, *Jane Eyre* e *Casa abandonada*. Como se eu já conhecesse a história, como se ela confirmasse algo que eu sempre suspeitara a respeito do mundo, algo que estivera em meu futuro desde o começo, esperando que eu o encontrasse.

Jornada através dos ossos de um jardim

SE EU FECHAR MEUS OLHOS AGORA, ainda poderei ver o brilhante céu matutino em minhas pálpebras: o sol de uma manhã de verão fervendo em fogo brando, redondo, sob um filme azul translúcido. A lembrança se destaca em minha mente, creio, porque na próxima vez que vi Milderhurst, as estações haviam se sucedido e os jardins, os bosques, os campos estavam cobertos por um manto de tons metálicos do outono. Mas não naquele dia. Quando parti para Milderhurst, as instruções detalhadas da sra. Bird frouxamente na mão, fui alentada pela agitação de um desejo há muito tempo sepultado. Tudo renascia: o canto dos pássaros coloria o ar, o zumbido de abelhas o adensava e o sol quente, agradável, me conduzia colina acima na direção do castelo.

Caminhei e caminhei, até que, quando já achava que corria o risco de me perder para sempre em um bosque sem fim, emergi por um portão enferrujado e me deparei com uma piscina abandonada estendida à minha frente. Era grande e circular, com pelo menos nove metros de diâmetro, e logo a reconheci como a piscina sobre a qual a sra. Bird me falara, projetada por Oliver Sykes quando Raymond Blythe trouxe sua primeira mulher para viver no castelo. Era parecida, de certa forma, é claro, à sua equivalente menor, lá embaixo na fazenda, mas as diferenças chamaram minha atenção. Enquanto a piscina da sra. Bird brilhava jubilosamente sob o sol, o gramado muito bem aparado estendendo-se até o limite de arenito que a circundava, esta havia muito fora abandonada à própria sorte. As pedras da borda estavam recobertas de musgo e falhas haviam aparecido entre elas, de modo que a beirada da piscina estava agora adornada de ranúnculos e margaridas, flores amarelas competindo pelos remendos de sol. Folhas flutuantes de ninfeias cresciam desenfreadamente pela superfície, umas sobre as outras, e a brisa morna agitava toda a superfície como a pele de um gigantesco peixe de escamas. Do tipo que evolui sem restrições; uma aberração

exótica. Eu não conseguia ver o fundo da piscina, mas podia adivinhar sua profundidade. Um trampolim fora instalado no lado oposto: a prancha de madeira esbranquiçada e lascada, as molas enferrujadas, toda a estrutura mantida em pé, ao que parecia, por pura sorte. Do galho de uma enorme árvore, um balanço de madeira suspenso por duas cordas estava agora imobilizado pela enorme quantidade de trepadeiras espinhosas que haviam se entrelaçado por ele de cima a baixo.

As trepadeiras também não haviam parado nas cordas do balanço: andaram se divertindo, florescendo desenfreadamente pela clareira estranha e abandonada. Através do emaranhado de arbustos gananciosos, vislumbrei uma pequena construção de tijolos, provavelmente um quarto para trocar de roupas, a ponta do teto íngreme visível acima do mato. A porta estava trancada com um cadeado, o mecanismo completamente enferrujado, e as janelas, quando as encontrei, recobertas por uma lâmina tão espessa de sujeira que era impossível remover. Nos fundos, entretanto, uma vidraça quebrada, um tufo cinzento de pelos espetado no estilhaço mais pontudo, e eu pude espreitar o interior por ali. O que, é claro, me apressei a fazer.

A poeira, tão densa que eu podia sentir o cheiro de onde estava, décadas de poeira, embranquecendo o assoalho e tudo o mais. O aposento não era uniformemente iluminado, cortesia de janelinhas de onde várias persianas haviam se perdido, algumas ainda penduradas pelas dobradiças, outras caídas no chão. Finas partículas de poeira filtravam-se através das brechas, encaracolando-se em serpentinas de luz sufocada. Toalhas dobradas empilhavam-se em uma fileira de prateleiras, a cor original impossível de imaginar, e uma porta elegante na parede oposta exibia uma placa que dizia *Vestiário*. Mais além, uma cortina diáfana agitava-se, meio rosada, contra um conjunto de espreguiçadeiras empilhadas, como devia fazer havia muito tempo sem ser observada.

Recuei, repentinamente consciente do barulho dos meus sapatos nas folhas caídas. Uma quietude sinistra permeava a clareira, apesar da leve batida das folhas das ninfeias continuar, e por uma fração de segundo eu pude imaginar o lugar quando era novo. Uma película

delicada se insinuou por cima do abandono atual: um grupo alegre em trajes de banho antiquados, estendendo suas toalhas, tomando refrescos, pulando do trampolim, balançando-se na água, na água fresca...

E de repente desapareceu. Pisquei e ali estava apenas eu outra vez e o edifício coberto de mato. Uma vaga atmosfera de inominável pesar. Por que, eu me perguntei, esta piscina havia sido abandonada? Por que o último e antigo ocupante lavou as mãos, trancou o lugar, foi embora e nunca mais voltou? As três senhoritas Blythe eram idosas agora, mas nem sempre fora assim. Nos muitos anos em que viveram no castelo, certamente houve verões escaldantes, ideais para nadar em um lugar como aquele.

Eu teria as respostas às minhas perguntas, embora ainda não por enquanto. Ficaria sabendo de outros fatos também, segredos, respostas a perguntas que eu nem começara a sonhar em fazer. Mas naquele momento tudo isso ainda estava por vir. Parada no jardim solitário do castelo Milderhurst naquela manhã, pude me desvencilhar facilmente dessas cogitações e me concentrar na tarefa imediata. Pois não somente a minha investigação da piscina não estava me aproximando do meu encontro com as senhoritas Blythe, como eu tinha a incômoda sensação de que absolutamente não deveria estar na clareira.

Reli as instruções da sra. Bird atentamente. Era exatamente como eu tinha imaginado: não havia nenhuma menção a uma piscina. Na realidade, segundo as instruções, eu deveria estar chegando pela frente sul neste momento, atravessando um par de majestosas colunas.

Uma pequena pedra de consternação afundou lentamente na boca do meu estômago.

Este não era o gramado sul. Eu não via nenhuma coluna.

E, embora não fosse nenhuma surpresa para mim o fato de estar perdida – posso me atrapalhar atravessando o Hyde Park –, era extremamente irritante. O tempo urgia e, em vez de refazer meus passos e começar de novo, parecia não haver muita escolha senão continuar subindo em frente e esperar que tudo desse certo. Havia um portão do outro lado da piscina e, além dele, uma escada de

pedras muito íngreme, entalhada na encosta coberta de mato. Ao menos uns cem degraus, cada qual afundando no que estava embaixo, como se toda a construção tivesse soltado um grande suspiro. Entretanto, a trajetória era promissora, e comecei a subir. Imaginei que tudo fosse uma questão de lógica. O castelo, as irmãs Blythe estavam no topo: se eu continuasse a subir, por fim teria de encontrá-las.



As irmãs Blythe. Deve ter sido nessa época que comecei a pensar nelas dessa forma; a palavra “irmãs” saltou diante de “Blythe”, mais ou menos como os Irmãos Grimm, e eu pouco pude fazer para impedir. É engraçado como as coisas acontecem. Antes da carta de Juniper, eu nunca ouvira falar do castelo Milderhurst, agora era atraída para ele como a pequena mariposa para a chama grande e brilhante. No começo, tudo tinha a ver com minha mãe, é claro, a surpresa diante da notícia de sua evacuação, o castelo misterioso com o nome gótico. Depois, houve a conexão com Raymond Blythe – o lugar onde o *Homem de Lama* nasceu, pelo amor de Deus! Mas agora, conforme eu me aproximava cada vez mais da chama, compreendi que havia algo novo fazendo minha pulsação acelerar e descompassar. Podia ter sido a leitura que eu fizera ou as informações suplementares que a sra. Bird insistira em me passar durante o café da manhã, mas em algum momento eu me tornei fascinada pelas próprias irmãs Blythe.

Devo dizer que irmãos me interessam de modo geral. Sua proximidade me intriga e me repele ao mesmo tempo. O compartilhamento de ingredientes genéticos, a aleatória e às vezes injusta distribuição de herança, a inevitabilidade da ligação. Eu mesma entendo um pouco dessa ligação. Tive um irmão certa vez, mas não por muito tempo. Foi enterrado antes que eu o conhecesse e, quando finalmente tive entendimento suficiente para sentir sua falta, os vestígios que havia deixado para trás haviam sido cuidadosamente apagados. Duas certidões – uma de nascimento, outra de óbito – em uma fina pasta no arquivo; uma pequena fotografia na carteira do meu pai, outra na gaveta de joias de minha

mãe: tudo que restou para dizer “Eu estive aqui!”. Salvo, é claro, as lembranças e tristezas que vivem dentro da cabeça de meus pais, mas essas eles não compartilham comigo.

Minha intenção não é fazê-lo se sentir constrangido ou ter pena de mim, apenas deixar claro que, apesar de não ter restado quase nada material ou importante com que evocar Daniel, toda a minha vida eu senti a ligação entre nós. Um fio invisível nos liga com a mesma certeza que a noite se seguirá ao dia. Sempre foi assim, desde que eu era pequena. Se eu era uma presença na casa de meus pais, ele era uma ausência. Uma frase não pronunciada sempre que estávamos felizes: *Se ele ao menos estivesse aqui*; toda vez que eu os decepcionava: *Ele não teria feito isso*; toda vez que eu começava um novo ano escolar: *Esses seriam seus colegas de turma, aqueles meninos grandes lá*. O olhar distante que eu flagrava na expressão de seus rostos às vezes, quando pensavam que estavam sozinhos.

Bem, não estou dizendo que minha curiosidade a respeito das irmãs Blythe tivesse muito, se é que tinha, a ver com Daniel. Não diretamente. Mas a história delas era tão bonita – duas irmãs mais velhas abrem mão de suas próprias vidas para se dedicar a cuidar da mais nova: um coração partido, uma mente perdida, um amor não correspondido. Tudo isso me fazia imaginar como teria sido, se Daniel seria o tipo de pessoa por quem eu daria a minha vida para proteger. Eu não conseguia parar de pensar naquelas irmãs, sabe, nas três, assim interligadas. Envelhecendo, murchando, consumindo seus dias na casa ancestral, os últimos membros vivos de uma família grandiosa, romântica.



Galguei as escadas cautelosamente, sem parar, passando por um velho relógio de sol, por uma fileira de pacientes cântaros em silenciosos pedestais, por um par de veados de pedra de frente para cercas vivas abandonadas, até que finalmente cheguei ao último degrau e a um terreno plano. Uma aleia de árvores frutíferas entrelaçadas, retorcidas estendia-se à minha frente, instando-me a prosseguir. Era como se o jardim tivesse um plano, lembro-me de ter pensado naquela primeira manhã; como se houvesse uma ordem,

como se estivesse esperando por mim, recusando-se a me deixar perdida, conspirando para me entregar ao castelo.

Sentimentalismos, é claro. Posso apenas imaginar que a íngreme subida me deixara tonta e sujeita a pensamentos desenfreadamente grandiosos. Qualquer que fosse o caso, me senti inspirada. Eu era intrépida (ainda que um pouco suada), uma aventureira que saíra do meu próprio tempo e espaço e agora seguia em frente para conquistar... bem, para conquistar alguma coisa. Não importava que essa missão em particular estivesse destinada a terminar com três senhoras idosas e uma excursão por uma casa de campo, talvez a oferta de um chá, se eu tivesse sorte.

Como a piscina, esta parte do jardim há muito fora abandonada e, enquanto eu passava pelo túnel de arcos, senti como se caminhasse dentro do antigo esqueleto de algum enorme monstro há muito falecido. Costelas gigantes estendiam-se acima, prendendo-me em seu interior, enquanto longas sombras lineares criavam a ilusão de que também se curvavam sob meus pés. Caminhei apressadamente para o fim da aleia, mas, quando cheguei ali, parei repentinamente.

Lá, diante de mim, encoberto por sombras apesar do dia estar quente, erguia-se o castelo Milderhurst. Os fundos do castelo Milderhurst, percebi com ar de preocupação, observando os anexos, o encanamento exposto, a notória ausência de colunas, gramado ou caminho de entrada.

Então, compreendi a exata natureza do meu descaminho. De algum modo, eu devia ter perdido uma mudança de direção logo no começo e acabara dando a volta na encosta arborizada da colina, aproximando-me do castelo pelo norte, em vez de pelo sul.

Mas tudo está bem quando acaba bem; eu conseguira chegar, razoavelmente ileso, e tinha certeza de que ainda não estava indelicadamente atrasada. Melhor ainda, eu avistara uma faixa de capim amassado dando a volta pelos muros dos jardins do castelo. Eu a segui e, finalmente – um toque triunfante de trombetas –, deparei-me com as colunas da sra. Bird. Do outro lado do gramado sul, exatamente onde deveria estar, a fachada do castelo Milderhurst erguia-se alta, ao encontro do sol.



O acúmulo silencioso e inexorável dos anos que eu sentira na subida do jardim era mais concentrado ali, estendido como uma teia ao redor do castelo. O edifício possuía um encanto dramático e decididamente estava alheio à minha intrusão. As entediadas janelas de guilhotina olhavam para além de mim, na direção do Canal da Mancha, com uma fatigada firmeza de expressão que enfatizava minha sensação de que eu era trivial, temporária, que o antigo e majestoso edifício já vira demais em seu tempo para se incomodar muito comigo.

Um bando de estorninhos levantou voo do pico das chaminés, dando voltas pelo céu e para o vale onde a casa de fazenda da sra. Bird se aninhava. A algazarra, a confusão foram estranhamente desconcertantes.

Segui sua movimentação conforme passaram de raspão pelo topo das árvores, com gritos estridentes, na direção dos minúsculos telhados vermelhos. A casa de fazenda parecia tão distante que fui dominada pela estranha sensação de que em algum ponto durante minha subida pela encosta arborizada da colina eu havia cruzado algum tipo de linha invisível. Eu estivera *lá*, mas agora eu estava *aqui*, e algo mais complicado estava em ação do que uma simples mudança de lugar.

Voltando-me para o castelo, vi que uma grande porta escura no arco inferior da torre estava aberta de par em par. Estranho que eu não a tivesse notado antes.

Comecei a atravessar o gramado, mas, quando alcancei as escadas de pedra da entrada, hesitei. Sentado ao lado de um desgastado galgo de mármore estava seu descendente em carne e osso, um cachorro preto do tipo que eu viria a saber se tratar de um *lurcher*. Ele estivera me observando, ao que parecia, o tempo inteiro em que estive parada no gramado.

Agora ele se levantara, bloqueando minha passagem, analisando-me com seus olhos escuros. Senti-me incapaz de continuar. Minha respiração tornou-se superficial e de repente senti frio. Mas não estava com medo. É difícil explicar, mas era como se ele fosse o

barqueiro do Hades ou um velho mordomo, alguém de cuja permissão eu precisava antes de poder prosseguir.

Veio andando em minha direção, o olhar fixo, os passos silenciosos. Roçou levemente pelos meus dedos antes de se virar e se afastar a galope. Desapareceu pela porta aberta sem sequer um segundo olhar para mim.

Sinalizando, ou assim me pareceu, para que eu o seguisse.

O ocaso de três irmãos

VOCÊ JÁ SE PERGUNTOU qual é o cheiro da passagem do tempo? Não posso dizer que eu já tenha feito isso, não antes de pisar no castelo Milderhurst, mas sem dúvida agora eu sei. Mofo e amônia, um toque de lavanda e uma boa dose de poeira, a desintegração em massa de folhas de papel muito antigas. E ainda há outra coisa, algo subjacente a tudo isso, algo tocando as raias do podre ou do estragado, mas não. Levei algum tempo para descobrir que cheiro era aquele, mas acho que agora eu sei. É o passado. Pensamentos e sonhos, esperanças e mágoas, tudo fermentado junto, lentamente, no ar abafado, sem jamais conseguir se dissipar completamente.

– Olá? – chamei, aguardando no topo da larga escadaria de pedra por uma resposta. O tempo passou e não houve resposta alguma, então chamei de novo, dessa vez mais alto: – Olá? Alguém em casa?

A sra. Bird me dissera para ir entrando, que as irmãs Blythe nos esperavam, que ela se encontraria comigo lá dentro. Na realidade, ela se esforçara para deixar bem claro que eu não deveria bater, tocar a campainha ou de qualquer outra forma anunciar minha chegada. Eu ficara em dúvida – de onde eu venho, entrar sem se anunciar era basicamente o mesmo que invadir –, mas fiz o que ela pediu: atravessei diretamente o pórtico de pedra, passei sob o átrio arqueado e entrei no saguão circular do outro lado. Não havia janelas e a luz era mortiça, apesar de um teto que se precipitava para cima formando uma abóbada alta. Um barulho chamou minha atenção para o topo arredondado onde um pássaro branco voara pelo meio das vigas e agora pairava em um raio de luz empoeirado.

– Ora, muito bem. – A voz veio da minha esquerda e eu me virei rapidamente, deparando-me com uma mulher muito idosa parada no vão de uma porta a uns três metros de distância, o cão ao seu lado. Ela era magra, mas alta, vestida em tweed e uma camisa de colarinho abotoada até o pescoço, de uma forma quase masculina. Seu gênero se descaracterizara com os anos, quaisquer curvas que

tivesse tido há muito haviam desaparecido. Os cabelos recuaram da testa e assentavam-se curtos e brancos ao redor das orelhas com uma teimosia encrespada; o rosto oval era vivo e inteligente. As sobrancelhas, notei, haviam sido arrancadas ao ponto da remoção completa e depois redesenhadas a lápis, traços da cor de sangue seco. O efeito era dramático, ainda que um pouco sinistro. Ela inclinou-se ligeiramente para frente, sobre uma elegante bengala de cabo de marfim. – Você deve ser a srta. Burchill.

– Sim. – Aproximei-me, estendi a mão, repentinamente sem fôlego. – Edith Burchill. Como vai?

Dedos frios pressionaram os meus de leve e a correia de couro de seu relógio caiu silenciosamente ao redor de seu pulso.

– Marilyn Bird, da casa de fazenda, disse que você viria. Meu nome é Persephone Blythe.

– Muito obrigada por concordar em me receber. Desde que ouvi falar do castelo Milderhurst que estou ansiosa para conhecer o interior.

– É mesmo? – Um pronunciado trejeito com os lábios, um sorriso enviesado. – E por quê?

Essa era a hora, é claro, de lhe contar a respeito de mamãe, da carta, de sua evacuação da guerra quando pequena. De ver o rosto de Percy Blythe se iluminar com a lembrança, de trocarmos novas e antigas histórias enquanto caminhávamos. Nada poderia ter sido mais natural, razão pela qual foi com surpresa que ouvi minha voz dizer:

– Li a respeito em um livro.

Ela fez um ruído, uma versão menos interessada de um “Ah”.

– Eu leio muito – acrescentei rapidamente, como se a verdade da afirmação pudesse de alguma forma diminuir a gravidade da mentira. – Adoro livros. Trabalho com livros. Os livros são a minha vida.

A expressão enrugada de seu rosto esmoreceu ainda mais diante de uma resposta tão inócua, e não admira. A pequena mentira original era bastante enfadonha e os petiscos biográficos adicionais, decididamente tolos. Eu não conseguia imaginar por que simplesmente não dissera a verdade: era muito mais interessante,

sem contar que muito mais honesta. Alguma ideia infantil, um pouco arrogante, de querer que minha visita fosse apenas minha, imagino; que permanecesse intocada pela chegada de minha mãe cinquenta anos antes. Qualquer que fosse o caso, abri a boca para voltar atrás, mas já era tarde demais: Percy Blythe já havia feito um sinal para que eu a seguisse, e ela e o cachorro começaram a descer o sombrio corredor. Seus passos eram firmes e leves, a bengala, ao que parecia, servindo apenas para atestar sua idade avançada.

– Sua pontualidade me agrada, de qualquer modo – sua voz flutuou de volta até mim. – Tenho horror de atrasos.

Continuamos em silêncio, um silêncio cada vez mais profundo. A cada passo, os sons externos eram deixados cada vez mais enfaticamente para trás: as árvores, os pássaros, a tagarelice distante de algum córrego. Barulhos que eu nem percebera que estava ouvindo até desaparecerem, deixando um estranho e etéreo vácuo, tão absoluto que meus ouvidos começaram a zumbir, evocando seus próprios fantasmas para preencher o vazio; sussurros, como crianças quando brincam de ser cobras.

Era algo que eu viria a conhecer bem, o estranho isolamento do interior do castelo. A maneira como sons, cheiros, visões que eram nítidos fora das paredes pareciam de certa forma ficar grudados na pedra antiga, para sempre incapazes de atravessá-las. Era como se ao longo de séculos o poroso arenito tivesse absorvido a argamassa, prendendo dentro dele antigas impressões, como aquelas flores preservadas e esquecidas entre as páginas de livros do século XIX, criando uma barreira entre o exterior e o interior que agora se tornara impenetrável. O ar lá fora podia carregar vestígios de ranúnculos amarelos e de grama recém-cortada, mas dentro cheirava apenas a tempo acumulado, a hálito rançoso de séculos.

Passamos por várias tentadoras portas fechadas, até que finalmente, bem no final do corredor, logo antes de este fazer uma curva e desaparecer em mais escuridão, chegamos a uma que estava entreaberta. Um lasca de luz sorria de dentro, ampliando-se para um largo sorriso quando Percy Blythe cutucou-a com sua bengala.

Ela recuou um passo e fez um sinal abrupto com a cabeça, indicando que eu deveria entrar primeiro.



Era uma sala de estar que contrastava enormemente em aconchego e hospitalidade com o sombrio corredor de painéis de carvalho de onde viéramos: um papel de parede amarelo que um dia devia ter sido intensamente luminoso desbotara com o tempo, o padrão em volutas estonteantes agora acomodado em um tépido langor, e um tapete enorme, cor-de-rosa, azul e branco – se em tons pastéis ou gastos eu não soube dizer – estendia-se quase até as tábuas das bordas do assoalho. Em frente à lareira elaboradamente entalhada havia um sofá estofado, estranhamente longo e baixo, que exibia as marcas de milhares de corpos e que, por isso mesmo, parecia ainda mais confortável. Ao lado, uma máquina de costura Singer com uma faixa de tecido azul.

O c o passou por mim, acomodando-se engenhosamente em uma pele de carneiro achatada na base de uma enorme tela pintada, de no mínimo duzentos anos. A cena retratava cachorros e galos, os verdes-oliva e marrons do plano anterior esmaecendo até formar uma fusão suave, o céu ao fundo em um eterno crepúsculo. A  rea atrás do *lurcher* já se desgastara quase completamente.

Em uma mesa redonda próxima, uma mulher da mesma idade de Percy estava sentada, com a cabeça bem inclinada sobre uma folha de papel, uma ilha em um mar de peças espalhadas no tabuleiro de um jogo de palavras cruzadas. Ela usava enormes óculos para leitura que foram desajeitadamente retirados quando ela notou minha presença e guardados em um bolso escondido em seu longo vestido de seda enquanto se levantava. Seus olhos revelaram-se azul-acinzentados, as sobrancelhas bem comuns, nem retas, nem curvas, nem longas, nem curtas. As unhas, entretanto, eram pintadas de um cor-de-rosa vivo, combinando com o batom e com as enormes flores de seu vestido. Embora de modo diferente, estava tão bem-vestida quanto Percy, com uma preocupa o com a aparência externa que era de certa forma antiquada, ainda que as roupas propriamente ditas não fossem.

– Esta é minha irmã, Seraphina – disse Percy, indo postar-se ao seu lado. – Saffy – disse ela em voz exageradamente alta –, esta é Edith.

Saffy tamborilou os dedos de uma das mãos contra a orelha.

– Não precisa gritar, querida – disse com uma voz suave e cantarolada –, estou com meu aparelho de ouvido. – Sorriu timidamente para mim, piscando com a necessidade dos óculos que sua vaidade a fizera retirar. Era tão alta quanto sua irmã gêmea, mas talvez por algum truque do vestido, da luz ou talvez da postura, não parecia. – É difícil nos livrarmos de hábitos antigos – disse ela. – Percy sempre foi mandona. Eu sou Saffy Blythe e é realmente um enorme prazer conhecê-la.

Aproximei-me para apertar sua mão. Ela era uma cópia em carbono de sua irmã, ou fora um dia. Os últimos oitenta anos haviam gravado rugas diferentes em seus rostos e o resultado final fora um pouco mais suave em Saffy, mais meigo. Ela parecia exatamente como a senhora de uma mansão deveria e eu me afeiçoei a ela imediatamente. Enquanto Percy era notável pela imponência, Saffy me lembrava biscoitos de aveia e papel de fibra de algodão recoberto de belos rabiscos de tinta. É uma coisa engraçada, a personalidade, o modo como marca as pessoas conforme elas envelhecem, aflorando de dentro para deixar sua cicatriz.

– Recebemos um telefonema da sra. Bird – disse Saffy. – Receio que ela tenha ficado retida na vila com seu compromisso.

– Oh.

– Ela estava muito agitada. – Percy continuou sem se alterar. – Mas disse a ela que eu mesma teria prazer em mostrar-lhe o castelo.

– Ela terá imenso prazer. – Saffy sorriu. – Minha irmã ama esta casa como outras pessoas amam seus maridos. Fica encantada em poder exibi-la. E com toda razão. Este lugar é um crédito para ela: somente anos de seu incansável trabalho impediram que o lugar se desintegrasse.

– Fiz o que era necessário para que as paredes não começassem a desmoronar à nossa volta. Nada mais do que isso.

– Minha irmã está sendo modesta.

– E a minha está sendo teimosa.

Essa troca de implicâncias era evidentemente uma parte normal de sua conversa e as duas pararam para sorrir para mim. Por um instante fiquei paralisada, lembrando-me da fotografia em *O castelo Milderhurst, de Raymond Blythe*, imaginando qual dessas duas senhoras idosas era qual das pequenas gêmeas, e então Saffy estendeu a mão sobre o estreito divisor de águas e tomou a mão de Percy.

– Minha irmã tomou conta de nós durante toda a nossa longa vida – disse ela, antes de se virar para olhar com tal admiração para o perfil de sua irmã gêmea que eu soube instantaneamente que ela era a menor, a mais magra das duas meninas na foto, aquela cujo sorriso hesitou tremulamente sob o olhar da câmera.

O elogio adicional não agradou Percy, que realizou um grande escrutínio na correia de seu relógio antes de murmurar:

– Não tem importância. Não falta muito mais.

É sempre difícil saber o que dizer quando uma pessoa de muita idade começa a falar em morte e sua iminência, portanto eu fiz o que costumo fazer quando Herbert insinua que assumirei o comando da Billing & Brown “um dia”: sorri como se tivesse entendido errado e faço uma inspeção minuciosa da janela ensolarada, projetada para fora do edifício.

E foi então que notei a terceira irmã, a que devia ser Juniper. Estava sentada, imóvel como uma estátua, em uma poltrona de veludo verde desbotado, observando pela janela aberta o parque que se esparramava diante dela. Uma fraca nuvem de fumaça de cigarro elevava-se de um cinzeiro de cristal, deixando sua imagem fora de foco. Ao contrário das irmãs, não havia nada de elegante em suas roupas ou na maneira como as usava. Estava vestida com a roupa internacional dos inválidos: uma blusa mal ajustada, enfiada em calças largas, altas e firmes, o colo marcado de manchas de gordura onde derramara alimentos.

Talvez Juniper tenha pressentido meu olhar, pois virou-se ligeiramente – apenas o lado de seu rosto – em minha direção. Seu olhar, pude ver, era vidrado e vacilante de uma forma que sugeria medicação pesada, e, quando sorri, ela não deu nenhuma indicação

de que me vira, apenas continuou a olhar fixamente, como se procurasse abrir um buraco através de mim.

Observando-a, percebi um som baixo e insistente que não havia notado antes. Havia um pequeno aparelho de televisão sobre a mesinha de madeira embaixo da janela. Transmitia um seriado cômico americano e a trilha sonora das risadas pontuava o zumbido constante de diálogo atrevido com periódicas interferências de estática. Aquilo me provocou uma sensação familiar, o aparelho de televisão, o dia quente, ensolarado lá fora, o ar parado, viciado, ali dentro: a lembrança nostálgica de visitar minha avó durante as férias escolares e ter permissão de ver televisão durante o dia.

– O que está fazendo aqui?

As agradáveis lembranças da vovó estilhaçaram-se sob o repentino golpe gelado. Juniper continuava me fitando, mas seu rosto já não era inexpressivo. Era distintamente hostil.

– Eu, hã... olá – disse –, eu...

– O que acha que está fazendo aqui?

O cachorro deu um pequeno latido sufocado.

– Juniper! – Saffy correu para o lado da irmã. – Querida. Edith é nossa convidada. – Tomou o rosto de sua irmã gentilmente entre as mãos. – Eu lhe disse, June, lembra-se? Expliquei tudo: Edith está aqui para conhecer a casa. Percy vai acompanhá-la em uma pequena e encantadora visita. Não precisa se preocupar, querida, está tudo bem.

Enquanto eu desejava ardentemente poder desaparecer, as gêmeas trocaram um olhar que se instalou tão facilmente nas diferentes rugas de seus rostos iguais que eu soube que já deviam tê-lo trocado inúmeras vezes antes. Percy fez um pequeno sinal com a cabeça para Saffy, os lábios cerrados, e logo a expressão se desfez, antes que eu pudesse descobrir o que havia naquele olhar que me deu uma sensação tão peculiar.

– Muito bem – disse ela com uma falsa animação que me fez estremecer. – O tempo está passando. Vamos, então, srta. Burchill?



Eu a segui com satisfação quando ela nos conduziu para fora do aposento, dobramos uma curva e descemos por outra passagem fria e sombria.

– Vou mostrar-lhe os quartos dos fundos primeiro – disse ela –, mas não vamos nos demorar lá. Não vale a pena. Estão cobertos com lençóis há anos.

– Por quê?

– Todos eles dão para o norte.

Percy tinha um modo de falar entrecortado; um pouco como os comentaristas costumavam soar, na época em que a BBC era a última palavra em todas as questões enunciativas. Frases curtas, dicção perfeita, o indício de uma nuance oculta no corpo de cada ponto final.

– O aquecimento no inverno é impossível – disse ela. – Somos só nós três, de modo que não precisamos do espaço. Foi mais fácil fechar definitivamente algumas portas. Minhas irmãs e eu temos aposentos na pequena ala oeste, perto da sala de estar amarela.

– Faz sentido – disse rapidamente. – Deve haver uma centena de aposentos em uma moradia como esta. Todos os diferentes níveis... eu certamente me perderia. – Eu tagarelava tola, podia me ouvir, mas não conseguia parar. Uma falta básica de facilidade em manter uma conversa informal, empolgação por finalmente estar dentro do castelo, um desconforto persistente por causa da cena com Juniper... o que quer que fosse, provou ser uma combinação letal. Respirei fundo e, para minha consternação, continuei: – Embora, é claro, você tenha morado aqui toda a sua vida, de modo que tenho certeza de que não é um problema para você...

– Desculpe-me – disse ela incisivamente, virando-se para me encarar. Mesmo na obscuridade, pude ver que empalidecera. *Ela vai me pedir para ir embora, pensei; minha visita é demais, ela está velha e cansada, sua irmã não está bem.*

– Nossa irmã não está bem – disse ela, e eu senti um baque no coração. – Não tem nada a ver com você. Ela pode ser rude às vezes, mas não é culpa dela. Ela sofreu uma grande decepção, uma coisa terrível. Há muito tempo.

– Não precisa explicar – disse. *Por favor, não me peça para ir embora.*

– É muita bondade sua, mas acho que devo. Ao menos, um pouco. Tal grosseria. Ela não se dá bem com estranhos. Tem sido uma dura provação. Nosso médico de família morreu há uma década e ainda estamos lutando para encontrar outro que possamos tolerar. Ela fica confusa. Espero que não se sinta importuna.

– De modo algum, compreendo perfeitamente.

– Assim espero. Porque estamos muito satisfeitas com a sua visita.

– Aquele sorriso curto e enviesado. – O castelo gosta de ser visitado; ele precisa.

Zeladores nas veias

NA MANHÃ DO MEU DÉCIMO ANIVERSÁRIO, mamãe e papai levaram-me para ver as casas de bonecas no museu Bethnal Green. Não sei por que motivo fomos ver casas de bonecas, se eu havia demonstrado algum interesse ou se meus pais tinham lido um artigo no jornal sobre a coleção, mas lembro-me claramente desse dia. Uma dessas poucas lembranças nítidas que você acumula ao longo dos anos; perfeitamente formada e selada, como uma bolha que esqueceu de estourar. Fomos de táxi, que me lembro de ter achado muito luxuoso, e depois fomos tomar chá em um lugar elegante em Mayfair. Lembro-me até do que eu vesti: um vestido curto, estampado de losangos, que cobicei durante meses e finalmente abri o embrulho naquela manhã.

Outra coisa de que me lembro com ofuscante clareza é que nos perdemos da mamãe. Talvez esse acontecimento, em vez das casas de bonecas propriamente ditas, tenha sido a razão de o dia não ter esmaecido em minha lembrança quando foi atirado entre a esmagadora constelação de experiências de infância. Foi tudo virado de pernas para o ar, sabe. Adultos não se perdem, não no meu mundo: era o território das crianças, de meninas como eu que tinham por hábito seguir seus devaneios, arrastar os pés e de modo geral ficar sempre para trás.

Mas não dessa vez. Dessa vez, inexplicavelmente, extraordinariamente, foi minha mãe quem escorregou pelas frestas. Papai e eu esperávamos em uma fila para comprar um livreto de souvenir quando aconteceu; nos arrastávamos em frente, seguindo a fila, cada qual fazendo silenciosa companhia para o outro, imersos em nossos próprios pensamentos. Somente quando alcançamos o balcão e ambos ficamos parados, mudos, pestanejando para a vendedora, depois um para o outro, é que percebemos que de algum modo estávamos sem nossa porta-voz.

Fui eu quem a reencontrou, ajoelhada em frente a uma casa de bonecas por onde já havíamos passado. Era alta e escura, pelo que me lembro, com muitas escadas e um sótão em toda a parte de cima. Ela não explicou por que havia voltado, dizendo apenas:

– Há lugares realmente assim, Edie. Casas de verdade com pessoas de verdade morando nelas. Pode imaginar? Todos aqueles aposentos? – Um ligeiro tremor no canto dos lábios e ela continuou, a cadência lenta, suave, de uma declamação: – *Paredes antigas que cantam as horas distantes.*

Creio que não lhe respondi nada. Por um lado, não havia tempo – meu pai surgiu naquele instante, afogueado e de certa forma pessoalmente magoado –, e por outro, eu não sabia o que dizer. Embora nunca mais tenhamos tocado no assunto, passou-se muito tempo até eu abandonar completamente a crença de que em algum lugar no imenso mundo lá fora havia casas de verdade com pessoas de verdade morando nelas e paredes que cantavam.

Menciono o museu Bethnal Green aqui apenas porque, enquanto Percy Blythe me conduzia por corredores escuros, o comentário de mamãe me veio à mente, de modo cada vez mais nítido, até que pude ver seu rosto, ouvir suas palavras, como se ela estivesse ali bem ao meu lado. Deve ter tido alguma coisa a ver com a estranha sensação que se abatia sobre mim conforme explorávamos a enorme casa; a impressão de que eu havia de algum modo sido vítima de um feitiço que me encolheu e transportou para dentro de uma casa de bonecas, apesar de ser uma casa de bonecas um pouco empobrecida. Uma casa em que a criança proprietária crescera, perdera o interesse na casa e passara a novas obsessões, deixando os cômodos com suas sedas e papéis de parede desbotados, os assoalhos forrados de tapetes de palhinha, as urnas e pássaros empalhados, a mobília pesada esperando silenciosamente, esperançosamente pela reocupação.

Por outro lado, talvez tudo isso tenha vindo em segundo lugar. Talvez tenha sido o comentário de mamãe que me veio primeiro à mente, porque é claro que ela estivera pensando em Milderhurst quando me falou das pessoas de verdade em suas casas de verdade com muitos aposentos. O que mais poderia tê-la inspirado para dizer

tal coisa? Aquela expressão indecifrável em seu rosto fora o resultado da lembrança deste lugar. Ela estivera pensando em Percy, Saffy e Juniper Blythe e nas coisas estranhas, secretas, que devem ter acontecido a ela quando era criança e foi transplantada do sul de Londres para o castelo Milderhurst. As coisas que transpuseram cinquenta anos com tal poder que uma carta perdida foi suficiente para fazê-la chorar.

Qualquer que fosse o caso, conforme eu fazia a excursão de Percy naquela manhã, eu levava minha mãe comigo. Eu não teria conseguido resistir a ela, ainda que tivesse tentado. Mesmo que eu tivesse ficado inexplicavelmente ciumenta, que quisesse que a exploração do castelo fosse apenas minha, uma pequena parte de minha mãe, uma parte que eu nunca conhecera, certamente nunca notara, estava ancorada a este lugar. E apesar de eu não estar acostumada a ter coisas em comum com ela, apesar de que a própria ideia fizesse o mundo girar um pouco mais rápido, compreendi que eu não me importava. Na verdade, eu até gostava que o curioso comentário no museu de casas de bonecas não fosse mais excêntrico, uma peça de mosaico que não se encaixava no todo. Era um fragmento do passado de minha mãe, um fragmento que de certo modo era mais luminoso e mais interessante do que os que o cercavam.

E foi assim, conforme Percy me conduzia e eu ouvia, olhava e balançava a cabeça, que uma pequena e espectral habitante de Londres surgiu silenciosamente ao meu lado: olhos arregalados, nervosa, olhando a casa pela primeira vez também. E verifiquei, no final das contas, que eu gostava que ela estivesse ali; se eu pudesse, teria estendido a mão através das décadas para segurar sua mão na minha. Imaginei o quanto a casa seria diferente em 1939, quanto mudara nos últimos cinquenta anos. Ainda que, mesmo naquela época, o castelo Milderhurst parecesse uma casa adormecida, tudo embotado, empoeirado e sombrio. Uma velha casa aguardando o momento propício. E me perguntei se eu teria a chance de perguntar àquela menina, se ela ainda estava à solta em algum lugar. Se eu alguma vez conseguiria encontrá-la.



É impossível recontar tudo que foi dito e visto naquele dia em Milderhurst e, para o propósito desta história, desnecessário. Tanta coisa aconteceu desde então, eventos subsequentes se emaranharam e se misturaram em minha mente, de modo que é difícil isolar minhas primeiras impressões da casa e seus habitantes. Vou me ater, portanto, neste relato, às imagens e aos sons que foram mais vívidos e àqueles acontecimentos pertinentes ao que veio depois e ao que veio antes. Acontecimentos que jamais poderão, jamais serão apagados da minha mente.

Duas coisas tornaram-se evidentes para mim enquanto fazia a visita: primeiro, a sra. Bird andara subestimando os fatos quando me disse que Milderhurst estava um pouco decadente. O castelo estava deteriorado, e não de uma forma glamourosa. Segundo, e mais surpreendente, Percy Blythe estava cega ao fato. Por mais que a poeira sufocasse o pesado mobiliário de madeira, que incontáveis partículas engrossassem o ar estagnado, que gerações de traças houvessem se refestelado nas cortinas – ela continuava a falar dos aposentos como se estivessem em pleno apogeu, como se salões elegantes estivessem em funcionamento, a realeza se misturasse a intelectuais, e um exército de criados se movimentasse, invisível, ao longo dos corredores, cumprindo as ordens da família Blythe.

Eu teria sentido compaixão por ela, presa como estava em um mundo irreal, exceto que ela não era em absoluto o tipo de pessoa que engendra simpatia. Ela era decididamente a antítese da vítima e, assim, minha piedade foi transformada em admiração; respeito pela obstinada recusa em reconhecer que o velho castelo estava desmoronando ao redor delas.

Outro fato que me sinto compelida a mencionar a respeito de Percy: para uma octogenária de bengala, ela mantinha um passo acelerado. Passamos uma vista pelo salão de bilhar, o salão de baile, o jardim de inverno, em seguida descemos as escadas para o corredor dos criados; atravessamos a passos largos a saleta do mordomo, a despensa de louças e cristais, o quarto de lavar louças, até finalmente chegarmos à cozinha. Panelas e caçarolas de cobre

penduravam-se de ganchos ao longo das paredes, um grande e pesado fogão Aga enferrujava sob o tampo vergado, um conjunto de vasos de cerâmica vazios alinhavam-se lado a lado nos ladrilhos. No centro, uma enorme mesa de pinho equilibrava-se em tornozelos roliços, o tampo da mesa marcado por séculos de facas, sal fino salgando os ferimentos. O ar era frio e estagnado, e me pareceu que os aposentos dos criados, ainda mais do que os de cima, sofriam a palidez do abandono. Eram membros desusados de uma grande máquina vitoriana que fora vítima da mudança dos tempos até finalmente parar.

Não fui a única a registrar o melancólico aumento do abandono, o peso da decadência.

– É difícil acreditar, mas este lugar costumava fervilhar de atividade – disse Percy Blythe, correndo o dedo pelas ranhuras. – Minha avó tinha uma equipe de mais de quarenta criados. Quarenta. A gente até se esquece de como a casa resplandecia antigamente.

O assoalho estava coberto de pequenas bolotas espalhadas que no começo pensei que se tratasse de poeira, mas reconheci, pelo barulho particular quando pisadas, como fezes de ratos. Fiz um registro mental de recusar bolo se fosse oferecido.

– Mesmo quando éramos crianças, havia cerca de vinte criados dentro de casa e uma equipe de 15 jardineiros mantendo o terreno em ordem. A Guerra Mundial acabou com isso: todos eles se alistaram, sem exceção. A maioria dos jovens se alistou.

– E nenhum voltou?

– Dois. Dois conseguiram voltar para casa, mas não eram mais os mesmos homens que eram antes de irem embora. Nenhum deles voltou do mesmo jeito que partiu. Nós os mantivemos, é claro, seria impensável agir de outro modo, mas eles não duraram muito.

Se ela se referia especificamente ao tempo que os mantiveram empregados ou, de modo mais geral, às suas vidas, eu não sabia ao certo, e ela não me deu tempo para perguntar.

– Fomos nos arranjando como podíamos depois disso, empregando mão de obra temporária onde possível, mas na época da Segunda Guerra não se encontrava um jardineiro por dinheiro algum. Que jovem se contentaria em ficar cuidando de parques e

jardins quando havia uma guerra a ser travada? Não o tipo que empregariamos. Empregados domésticos também escassearam. Todos nós estávamos ocupados com outras coisas. – Ela estava parada, absolutamente imóvel, apoiada em sua bengala, e a pele de suas faces se afrouxou conforme seus pensamentos vagavam.

Clareei a garganta; falei delicadamente:

– E agora? Vocês têm alguma ajuda atualmente?

– Oh, sim. – Ela abanou a mão descartando o assunto, sua atenção retornando de onde estivera. – Se é que se pode chamar assim. Temos uma empregada que vem uma vez por semana para ajudar com a limpeza e a cozinha, e um dos fazendeiros do local mantém as cercas de pé. Há um rapaz também, um sobrinho da sra. Bird que mora na vila, que corta a grama e tenta controlar as ervas daninhas. Ele trabalha bem, mas a crença de que o trabalho enobrece parece ser coisa do passado. – Sorriu brevemente. – O resto do tempo, ficamos por conta própria.

Devolvi o sorriso enquanto ela indicava a estreita escada de serviço e dizia:

– Você mencionou que era bibliófila?

– Minha mãe diz que eu nasci com um livro na mão.

– Imagino, então, que queira ver nossa biblioteca.



Lembrava-me de ter lido que um incêndio consumira a biblioteca de Milderhurst, o mesmo incêndio que matara a mãe das gêmeas, de modo que, embora eu não soubesse ao certo o que esperava ver do outro lado da porta negra no final do sombrio corredor, eu sabia que não seria uma rica biblioteca. Isso, entretanto, foi exatamente o que se estendeu à minha frente quando segui Percy Blythe e atravessei o vão da porta. Estantes de livros cobriam as quatro paredes, do chão ao teto, e, apesar de estar escuro ali dentro – as janelas eram cobertas por fartas e pesadas cortinas que tocavam o assoalho –, pude ver que estavam repletas de livros muito antigos, do tipo com sobrecapas de papel marmoreado, bordas douradas e encadernação em tecido. Meus dedos definitivamente comichavam de vontade de deslizar por toda a extensão de suas lombadas, chegar a um cuja

atração eu não conseguisse resistir, tirá-lo da estante, abri-lo muito devagar, depois cerrar os olhos e inalar o cheiro alentador de poeira antiga e letrada.

Percy Blythe notou o foco de minha atenção e pareceu ler minha mente.

– Substituições, é claro – disse ela. – A maior parte da biblioteca original da família Blythe ardeu em chamas. Quase nada se salvou; os que não foram consumidos pelo fogo foram estragados pela fumaça e pela água.

– Todos aqueles livros – disse, a ideia me atingindo como uma dor física.

– É verdade. Meu pai ficou muito abalado. Ele dedicou grande parte de sua vida posterior a reconstruir a coleção. Cartas voavam de um lado para o outro. Negociantes de livros raros eram nossos visitantes mais frequentes; outros tipos de visitantes não eram encorajados. Mas papai nunca mais usou este aposento, não depois do que aconteceu a mamãe.

Pode ter sido apenas o produto de uma imaginação hiperativa, mas, conforme ela falava, tive certeza de poder sentir o cheiro do incêndio antigo, filtrando-se debaixo das paredes novas, da pintura recente, expelindo-se do fundo da argamassa original. Havia um barulho também que eu não conseguia localizar; batidas pequenas, imperceptíveis em circunstâncias normais, mas notáveis nesta casa estranha e silenciosa. Olhei para Percy, que se afastara e fora se colocar por trás de uma cadeira de couro com botões fundos, mas, se ela ouvia isso, não demonstrou.

– Meu pai era excelente com cartas – disse ela, olhando fixamente para uma escrivaninha em um nicho junto à janela. – Minha irmã Saffy também.

– Você não?

Um sorriso tenso.

– Escrevi muito pouco em minha vida e, assim mesmo, só quando absolutamente necessário.

Achei sua resposta singular e talvez a expressão do meu rosto tenha demonstrado isso, pois ela adiantou-se a explicar:

– A palavra escrita nunca foi meu *métier*. Em uma família de escritores, é bom reconhecer as próprias limitações. Tentativas medíocres não eram incentivadas. Meu pai e seus dois irmãos sobreviventes costumavam trocar magníficos ensaios quando éramos pequenas e ele os lia em voz alta à noite. Ele encarava isso como entretenimento e não tinha reservas em criticar aqueles que não conseguiam corresponder aos seus padrões. Ele ficou devastado pela invenção do telefone. Culpava-o por muitos dos males do mundo.

As batidas retornaram, mais altas desta vez, sugerindo movimento. Um pouco como o vento infiltrando-se por fendas, soprando terra por superfícies, só que mais forte, de certo modo. E, eu tinha certeza, vindo de cima.

Examinei o teto, a luz elétrica opaca pendurada de uma luminária escurecida, uma rachadura na forma de um raio no reboco. Ocorreu-me então que aquele barulho que eu ouvia podia muito bem ser o único aviso que tínhamos de que o colapso do teto era iminente.

– Esse barulho...

– Oh, não se preocupe com isso – disse Percy Blythe, abanando a mão magra. – São apenas os zeladores, brincando nas veias.

Meu rosto deve ter demonstrado confusão; eu certamente me sentia confusa.

– Eles são o segredo mais bem guardado de uma casa antiga como esta.

– Os zeladores?

– As veias. – Ela franziu a testa, ergueu os olhos, seguiu a linha da cornija como se seguisse o progresso de algo que eu não conseguia ver. Quando voltou a falar, sua voz estava um pouco diferente. Uma pequeníssima fissura aparecera em seu autocontrole e por um instante senti que eu podia vê-la e ouvi-la mais claramente. – Em um armário, em um quarto bem no topo do castelo, há uma passagem secreta. Atrás da porta fica a entrada para todo um plano de passagens ocultas. É possível arrastar-se por elas, de cômodo em cômodo, do sótão à abóbada, como um camundongo. Se alguém for bem silencioso, é possível ouvir todo

tipo de sussurros; se perder lá dentro se a pessoa não for cuidadosa. São as veias da casa.

Estremeci, dominada pela imagem repentina e esmagadora da casa como uma criatura gigante, rastejante. Uma besta escura e desconhecida, prendendo a respiração; o sapo enorme e velho de um conto de fadas, esperando convencer uma moça a beijá-lo. Eu pensava no Homem de Lama, é claro, a figura escorregadia, tenebrosa emergindo do lago para reivindicar a jovem na janela do sótão.

– Quando éramos pequenas, Saffy e eu gostávamos de brincar de faz de conta. Imaginávamos que uma família de proprietários anteriores habitava as passagens e se recusava a ir embora. Nós os chamávamos de zeladores e, sempre que ouvíamos um barulho que não conseguíamos explicar, sabíamos que deviam ser eles.

– É mesmo? – Um sussurro, quase inaudível.

Ela riu da expressão em meu rosto, um estranho ruído sem humor que parou tão logo começou.

– Oh, mas eles não eram *reais*. Claro que não. Esses ruídos que você ouve são de ratos. Deus sabe que temos um monte deles. – Um espasmo no canto do seu olho enquanto ela me examinava. – Estava pensando. Gostaria de ver o armário no quarto das crianças onde fica a porta secreta?

Creio que eu realmente guinchei:

– Adoraria.

– Venha, então. É uma subida e tanto.

O sótão vazio e as horas distantes

ELA NÃO ESTAVA EXAGERANDO. A escada girava sobre si mesma, indefinidamente, estreitando-se e ficando mais escura a cada lance. No exato momento em que achei que iria ser lançada na mais absoluta cegueira, Percy Blythe acionou um interruptor e uma lâmpada solitária acendeu-se com uma luz embaçada, oscilando de um fio suspenso do teto alto. Pude ver então que, em algum ponto do passado, um corrimão tinha sido preso à parede para ajudar com a íngreme investida final. Em algum momento na década de 1950, imaginei; o cilindro de metal transmitia uma vaga sensação reconfortante. Agradei, seja a quem ou quando tenha sido instalado. As escadas estavam perigosamente desgastadas, mais ainda agora que eu as podia ver, e foi um alívio ter alguma coisa à qual me agarrar. Menos alentadora, a luz significava que eu também podia ver as teias de aranha. Há muito tempo ninguém subia aquelas escadas, e as aranhas do castelo haviam notado isso.

– Nossa governanta costumava carregar uma vela de sebo quando nos levava para a cama à noite – disse Percy, começando a subir o lance final. – A claridade se refletia das pedras conforme subíamos e ela cantava aquela canção sobre laranjas e limões. Você conhece, tenho certeza: *Aqui vem uma vela para iluminar seu caminho para a cama.*

Aqui vem um homem com um facão para decepar sua cabeça: sim, eu a conhecia. Uma barba cinzenta roçou pelo meu ombro, desencadeando uma onda de afeição pelo meu quatinho de dormir, simples e minúsculo, na casa de meus pais. Nenhuma teia de aranha: somente a programação de limpeza duas vezes por semana de minha mãe e o leve e reconfortante cheiro de desinfetante.

– Não havia eletricidade na casa naquela época. Não até meados da década de 1930, e, assim mesmo, apenas metade da voltagem. Papai não podia tolerar todos aqueles fios. Ele tinha horror de

incêndio, o que era compreensível, considerando-se o que acontecera a mamãe.

“Ele inventou uma série de treinos depois disso. Ele tocava uma campainha, lá embaixo no gramado, e marcava nosso tempo em seu antigo cronômetro. Gritando o tempo todo que a casa estava prestes a arder como uma fogueira. – Ela riu, aquele ruído de vidro cortado, depois parou, repentinamente, quando chegou ao topo das escadas. – Bem – disse ela, segurando a chave na fechadura por um instante antes de girá-la –, vamos?”

Ela abriu a porta e eu quase caí para trás, derrubada pela inundação de luz que jorrou em nossa direção. Pestanejei e apertei os olhos, aos poucos recobrando a visão, conforme as formas contrastantes do aposento adquiriam nitidez.

Após a jornada para chegar até ele, o sótão propriamente dito pode ter sido um anticlímax. Era muito simples, com bem pouco de um quarto de crianças vitoriano. Na verdade, ao contrário da casa, onde os aposentos foram preservados como se o retorno de seus ocupantes fosse iminente, aquele quarto era sinistramente vazio. Parecia um aposento que tivesse sido exaustivamente esfregado, caiado na verdade. Não havia tapete e as duas camas de ferro gêmeas não tinham cobertas, projetando-se da parede oposta, de cada lado de uma lareira abandonada. Também não havia nenhuma cortina, o que explicava a claridade, e o único conjunto de prateleiras embaixo de uma das janelas do sótão estava despido de qualquer livro ou brinquedo.

Um único conjunto de prateleiras sob uma janela do sótão.

Eu não precisava de mais nada para tremer de emoção. Eu quase podia ver a jovem do prólogo de *Homem de Lama*, acordada no meio da noite e atraída para a janela; subindo silenciosamente em cima da estante e estendendo o olhar pela propriedade da família, sonhando com as aventuras que um dia viveria, completamente alheia ao horror prestes a reclamá-la.

– Este sótão abrigou gerações e gerações de crianças da família Blythe – disse Percy Blythe, os olhos varrendo lentamente o cômodo.
– Séculos de crianças idênticas.

Ela não fez nenhuma menção ao estado dilapidado do aposento, nem de seu lugar na história da literatura, e eu não a pressionei. Desde o momento em que ela girou a chave na fechadura e me conduziu para dentro, seu estado de espírito pareceu ter esmorecido. Não sei se era o próprio quarto de crianças que estava gerando esse efeito debilitante ou se a abundância de luz do quarto desolado simplesmente me permitiu ver sua idade registrada claramente nas rugas de seu rosto. Qualquer que fosse o caso, parecia importante seguir sua liderança.

– Perdoe-me – disse ela finalmente. – Faz muito tempo que não venho aqui em cima. Tudo parece... menor do que eu me lembro.

Isso eu compreendia. Era bastante estranho para mim deitar-me na minha cama de infância e descobrir que meus pés agora ultrapassavam o final da cama, olhar para o lado e ver o retângulo não descorado do papel de parede onde a foto de Blondie um dia esteve colada e lembrar-me da minha adoração por Debbie Harry todas as noites. Eu podia apenas imaginar a dissonância para alguém parado em um quarto que deixara para trás havia quase oitenta anos.

– Vocês três dormiam aqui em cima quando pequenas?

– Não, todas nós não. Juniper não; só depois. – A boca de Percy torceu-se um pouco, como se tivesse provado algo amargo. – Sua mãe mandou transformar um dos quartos adjacentes ao seu próprio em um quarto infantil. Ela era jovem, não estava familiarizada com a maneira como as coisas eram feitas. Não foi culpa dela.

Pareceu-me uma estranha escolha de palavras e não tive certeza se havia entendido.

– A tradição da casa era permitir que as crianças se mudassem para baixo, para um quarto exclusivo, quando faziam 13 anos, e embora Saffy e eu tenhamos nos sentido muito importantes quando finalmente chegou a nossa vez, devo confessar que sentia falta do quarto no sótão. Saffy e eu estávamos acostumadas a dividir tudo.

– Acho que isso é comum entre gêmeos.

– É verdade. – Quase um sorriso. – Venha. Vou lhe mostrar a porta dos zeladores.

O armário de mogno ficava discretamente contra a parede oposta, em um minúsculo compartimento que se abria para além das camas gêmeas. O teto era tão baixo que eu tive de me agachar para entrar, e o cheiro de frutas preso dentro daquelas paredes era quase sufocante.

Percy não pareceu notar, curvando o corpo magro e rijo para puxar uma maçaneta baixa no armário, fazendo a porta espelhada se abrir com um rangido.

– Pronto. Bem ali no fundo. – Ela me examinou, pairando perto da entrada, e suas sobranceiras finas se arquearam. – Mas certamente você não pode ver; não daí de tão longe.

As boas maneiras me impediam de realmente tampar o nariz, então respirei fundo, prendendo o ar enquanto me movia rapidamente em sua direção. Ela deu um passo para o lado, indicando que eu deveria chegar ainda mais perto.

Reprimindo a imagem de Maria no forno da bruxa, entrei, até a cintura, dentro do armário. Através da escuridão soturna, avistei a pequena porta cortada no fundo.

– Nossa! – exclamei, com o pouco ar que me restava. – Lá está ela.

– Lá está – veio a voz de trás de mim.

O cheiro, agora que eu não tinha escolha senão respirá-lo, não parecia tão ruim, e pude apreciar a emoção narniana de uma passagem oculta no fundo de um armário.

– Então, é por aqui que os zeladores entram e saem. – Minha voz ecoou à minha volta.

– Os zeladores talvez – disse Percy ironicamente. – Quanto aos ratos, já é uma outra história. Os desgraçados assumiram o controle; não precisam de uma porta especial como esta.

Saí de dentro do armário, bati a poeira das minhas roupas e não pude deixar de reparar no quadro pendurado na parede em frente. Não era um retrato: uma página de texto religioso, pude ver quando me aproximei um pouco mais. Estava atrás de mim quando entrei e eu não o vi.

– O que era este quarto?

– Era o quarto de nossa governanta. Quando éramos bem pequenas – disse Percy. – Na época, parecia o melhor lugar do mundo. – Um sorriso tremulou brevemente em seus lábios antes de se desfazer. – Mas na verdade é pouco mais de um closet, não é?

– Um closet com uma bela vista. – Eu me afastara para a janela próxima. A única, notei, cujas cortinas desbotadas ainda resistiam.

Afastei-as para o lado e fiquei impressionada com o número de trancas pesadas que haviam sido instaladas na janela. Minha surpresa deve ter transparecido porque Percy disse:

– Meu pai tinha muita preocupação com segurança. Um incidente em sua juventude que não conseguia esquecer.

Balancei a cabeça e espirei pela janela, experimentando, ao fazê-lo, um arrepio de familiaridade; percebi que não era por algo que eu já tivesse visto, mas por algo que eu lera e visualizara. Diretamente abaixo, contornando a base do castelo e com uma largura de uns seis metros, havia uma extensão de grama, densa e luxuriante, de um verde inteiramente diferente daquele mais além.

– Havia um fosso antigamente – disse.

– Sim. – Percy estava ao meu lado agora, segurando a cortina para o lado. – Uma das minhas primeiras lembranças é de não conseguir dormir e ouvir vozes lá embaixo. Era lua cheia e, quando subi para olhar para fora da janela, nossa mãe estava nadando de costas, rindo sob a luz prateada.

– Ela era uma exímia nadadora – disse eu, lembrando-me de ter lido sobre ela em *O castelo Milderhurst de Raymond Blythe*.

Percy balançou a cabeça.

– A piscina circular foi o presente de casamento de meu pai para ela, mas ela sempre preferiu o fosso, portanto um sujeito foi contratado para melhorá-lo. Papai mandou enchê-la de terra quando ela morreu.

– Devia fazê-lo lembrar-se dela.

– Sim. – Seus lábios torceram-se e eu percebi que estava explorando a tragédia de sua família de uma forma um pouco insensível. Apontei para uma protuberância de pedra que se projetava acima do fosso e mudei de assunto:

– Que aposento é aquele? Não me lembro de ter notado uma sacada.

– É a biblioteca.

– E lá? O que é aquele jardim murado?

– Aquilo não é um jardim. – Ela soltou a cortina, deixando-a fechar-se outra vez. – E devemos ir agora.

O tom de sua voz e seu corpo se enrijeceram ao meu lado. Tive certeza de tê-la magoado de alguma forma, mas não sabia como. Após rever rapidamente nossa conversa recente, decidi que era muito mais provável que ela estivesse apenas transtornada com a pressão de antigas lembranças. Eu disse suavemente:

– Deve ser incrível viver em um castelo que pertence à sua família há tanto tempo.

– Sim – disse ela. – Nem sempre foi fácil. Houve sacrifícios. Fomos forçadas a vender grande parte da propriedade, mais recentemente a casa de fazenda, mas conseguimos manter o castelo. – Ela inspecionou explicitamente a moldura da janela, alisou um pedaço de pintura descascada. Sua voz, quando falou, estava áspera do esforço para manter as emoções sob controle: – É verdade o que minha irmã disse. Eu realmente amo esta casa como os outros devem amar uma pessoa. Sempre amei. – Um olhar oblíquo. – Imagino que deva achar isso um pouco estranho.

Sacudi a cabeça.

– Não, não acho.

Aquelas sobrancelhas que pareciam cicatrizes se arquearam; mas era verdade, eu absolutamente não achava isso estranho. A grande tristeza na vida de meu pai foi sua separação da casa de sua infância. Era uma história bastante simples: um menino alimentado a fábulas da grandiosa história de sua família, um tio adorado e rico que fazia promessas, uma mudança de opinião no leito de morte.

– Prédios antigos e famílias antigas pertencem um ao outro – continuou ela. – Sempre foi assim. Minha família continua a viver nas pedras do castelo Milderhurst, e é meu dever conservá-las. Não é uma tarefa para estranhos.

Seu tom de voz era cáustico; uma concordância pareceu necessária.

– Deve se sentir como se ainda estivessem ao seu redor. – Conforme as palavras saíam dos meus lábios, tive a visão súbita de minha mãe, ajoelhada junto à casa de bonecas, cantando nas paredes.

Uma das sobancelhas ergueu-se um centímetro.

– O que foi?

Eu não tinha percebido que dissera as últimas palavras em voz alta.

– Sobre as paredes – insistiu ela. – Você disse uma coisa agora mesmo, sobre as paredes cantarem. O que foi?

– Apenas algo que minha mãe me disse um dia – engoli em seco, docilmente –, a respeito de paredes antigas que cantam as horas distantes.

A satisfação tomou conta do rosto de Percy em contraste absoluto e brilhante com sua habitual expressão circunspecta.

– Meu pai escreveu isso. Sua mãe deve ter lido a poesia dele.

Fiquei sinceramente em dúvida. Mamãe nunca fora muito interessada em leitura e certamente nunca em poemas.

– É possível.

– Ele costumava nos contar histórias quando éramos pequenas, contos do passado. Dizia que, se não andássemos com cuidado pelo castelo, às vezes as horas distantes esqueciam-se de se esconder. – Enquanto Percy se animava a recontar suas lembranças, sua mão esquerda estendeu-se para frente como a vela de um navio. Era um movimento curiosamente teatral, nada característico de sua maneira até então comedida e eficiente. Seu modo de falar se alterara também: as frases curtas se alongaram, o tom ríspido suavizara. – Ele se deparava com elas, tocando nos corredores escuros, desertos. Pense em todas as pessoas que viveram entre estas paredes, dizia ele, que sussurraram seus segredos, revelaram suas traições...

– Você também as ouviu? As horas distantes?

Seus olhos fitaram os meus, sustentaram o olhar fervorosamente por um instante.

– Bobagem – disse ela, exibindo seu sorriso torto. – As nossas são pedras *antigas*, mas ainda assim continuam sendo apenas pedras. Sem dúvida, viram muita coisa, mas são boas em guardar segredos.

Algo atravessou seu rosto nesse momento, quase como uma dor: estava pensando no pai, imaginei, e na mãe, o túnel do tempo e as vozes que deviam conversar com ela, vindas do passado.

– Não importa – disse ela, mais para si mesma do que para mim.
– Não vale a pena ficar cismando sobre o passado. Pensar nos mortos pode fazer uma pessoa se sentir muito sozinha.

– Deve ficar contente em ter suas irmãs.

– É claro.

– Sempre imaginei que ter irmãos deve ser um grande consolo.

Outra pausa.

– Você não tem irmãos?

– Não. – Sorri, erguendo ligeiramente os ombros. – Sou uma solitária.

– É muito solitário? – Examinou-me como se eu fosse uma espécie rara, digna de estudo. – Sempre me perguntei sobre isso.

Pensei na grande ausência em minha vida, e depois nas raras noites passadas na companhia de meus primos dormindo, roncando, murmurando, minhas fantasias de que eu era um deles, que eu fazia parte de alguém.

– Às vezes – respondi. – Às vezes, é solitário.

– Liberador também, imagino.

Notei, pela primeira vez, uma pequena veia estremeando em seu pescoço.

– Liberador?

– Nada como uma irmã para nos fazer lembrar nossos antigos pecados. – Sorri para mim, então, mas a cordialidade do sorriso não chegou a transformar seu sentimento em humor. Ela deve ter suspeitado disso, pois desfez o sorriso, balançando a cabeça na direção das escadas.

– Venha – disse ela. – Vamos descer. Tenha cuidado. Segure-se no corrimão. Meu tio morreu nestas escadas quando era apenas um menino.

– Oh, meu Deus. – Terrivelmente inadequado, mas o que mais uma pessoa pode dizer? – Que coisa horrível.

– Houve uma terrível tempestade certa noite e ele ficou com medo, ou assim diz a história. Raios cortavam o céu e estrondavam

bem junto ao lago. O menino gritou aterrorizado, mas, antes que a governanta pudesse alcançá-lo, ele saltou da cama e fugiu do quarto. Que tolo. Tropeçou e caiu, foi parar lá embaixo parecendo um boneco de trapos. Costumávamos imaginar que o ouvíamos gritar em algumas noites, quando o tempo estava particularmente ruim. Ele se esconde embaixo do terceiro degrau, sabe. Esperando para fazer alguém tropeçar. Na esperança de que alguém vá se juntar a ele. – Ela virou-se no degrau abaixo do meu, o quarto. – Acredita em fantasmas, srta. Burchill?

– Não sei. Mais ou menos. – Minha avó via fantasmas. Um fantasma, pelo menos: meu tio Ed, depois que caiu de sua motocicleta na Austrália. *Ele não percebia que estava morto*, ela me contou. *Meu pobre menino. Estendi a mão e disse a ele que estava tudo bem, que ele chegara em casa e que todos nós o amávamos.* Estremeci, lembrando-me, e, logo antes de Percy Blythe se virar, seu rosto adquiriu um aspecto de sinistra satisfação.

O Homem de Lama, a sala de documentos e uma porta trancada

SEGUI PERCY BLYTHE por muitos lances de escadas, por corredores sombrios e depois ainda mais para baixo. Mais para o fundo, creio, do que o nível de onde partimos inicialmente. Como todas as construções que evoluíram ao longo do tempo, Milderhurst era uma colcha de retalhos. Alas haviam sido acrescentadas e modificadas, desmoronaram e foram reconstruídas. O efeito era desorientador, particularmente para alguém sem absolutamente nenhum compasso natural. Parecia que o castelo dobrava-se sobre si mesmo, como um daqueles desenhos de Escher onde você continuaria descendo as escadas, girando sem parar, por toda a eternidade, sem jamais chegar ao fim. Não havia janelas – não desde que deixáramos o sótão – e era extremamente escuro. Em certo momento, eu podia jurar ter ouvido uma melodia deslizando pelas pedras – romântica, melancólica, vagamente familiar –, mas, quando dobramos outra curva, ela desapareceu, e talvez nunca tenha existido. Algo que eu certamente não imaginei era o odor pungente, que ficava mais forte conforme descíamos e só não era mais desagradável por força exclusiva de seu característico componente de terra.

Apesar de Percy ter feito pouco caso da ideia de seu pai sobre as horas distantes, não pude deixar de correr a mão pelas pedras frias enquanto caminhávamos, imaginando as impressões que minha mãe havia deixado quando esteve em Milderhurst. A garotinha ainda andava ao meu lado, mas não falava muito. Pensei em perguntar a Percy sobre ela, mas, tendo chegado até ali sem declarar minha ligação com a casa, tudo que eu pensava em dizer carregava o cheiro de duplicidade. Por fim, optei pelo clássico passivo-agressivo subterfúgio:

- O castelo foi requisitado durante a guerra?
- Não. Santo Deus. Eu não teria suportado. Os danos que foram causados a algumas das mais belas residências do país... Não. – Ela

sacudiu a cabeça veementemente. – Graças a Deus. Eu teria sentido isso como uma dor física. Mas fizemos nossa parte. Eu trabalhei no Serviço de Ambulância por algum tempo, em Folkestone; Saffy costurou roupas e ataduras, tricotou mil cachecóis. Também adotamos uma evacuada, nos primeiros anos.

– Oh? – Minha voz vibrou um pouco. Ao meu lado, a garotinha deu um pequeno salto.

– Por insistência de Juniper. Uma menina de Londres. Meu Deus, esqueci seu nome. Não é um absurdo?... Desculpas pelo cheiro aqui embaixo.

Algo dentro de mim contraiu-se em solidariedade à menina esquecida.

– É a lama – continuou Percy. – De onde antes era o fosso. A água subterrânea aflora no verão, infiltra-se pelos porões e traz o cheiro de peixe estragado. Ainda bem que não há quase nada de valor aqui embaixo. Nada, salvo a sala de documentos, e sua impermeabilidade. As paredes e o chão são forrados de cobre, a porta é de chumbo. Nada entra ou sai de lá.

– A sala de documentos. – Um calafrio subiu à minha nuca. – Exatamente como no *Homem de Lama*. – A sala especial, no fundo da casa do tio, a sala onde todos os documentos da família estavam depositados, de onde ele retira o antigo e embolorado diário que desvenda o passado do Homem de Lama. A câmara de segredos no coração da casa.

Percy parou, apoiou-se em sua bengala e voltou seus olhos para mim.

– Você o leu, então.

Não era exatamente uma pergunta, mas respondi mesmo assim:

– Eu o adorava quando adolescente. – À medida que as palavras deixavam meus lábios, senti um estremecimento de uma antiga limitação, a incapacidade de expressar adequadamente meu amor por esse livro. – Era meu favorito – acrescentei, e a frase pairou esperançosamente no ar, antes de se desintegrar em partículas, pó de um sopro que vagou invisivelmente para dentro das sombras.

– Era muito popular – disse Percy, recomeçando a descer o corredor. Sem dúvida, ela já ouvira isso antes. – Ainda é. Setenta e

cinco anos à venda no mercado no ano que vem.

– É mesmo?

– Setenta e cinco anos – repetiu ela, abrindo uma porta e indicando-me um novo lance de escadas. – Lembro-me como se fosse ontem.

– A publicação deve ter sido emocionante.

– Ficamos contentes de ver papai feliz. – Eu teria notado uma pequena hesitação ou estarei deixando rumores ouvidos mais tarde desvirtuarem minhas primeiras impressões?

Um relógio em algum lugar começou a soar seu enfadonho carrilhão e eu percebi com uma pontada de pesar que minha hora se esgotara. Parecia impossível, eu podia jurar que acabara de chegar, mas o tempo é algo estranho e impalpável. A hora que se arrastara entre o café da manhã e a minha partida para Milderhurst levava séculos para passar, mas os breves sessenta minutos que me foram concedidos dentro das paredes do castelo tinham voado como um bando de pássaros assustados.

Percy Blythe consultou seu próprio relógio de pulso.

– Eu perdi muito tempo – disse ela, levemente surpresa. – Desculpe-me. O carrilhão está dez minutos adiantado, mas temos que ir, ainda assim. A sra. Bird estará aqui para pegá-la pontualmente, e é uma boa caminhada de volta ao hall de entrada. Receio que não haverá tempo para visitar a torre.

Soltei um suspiro, algo entre um “Oh!” e uma brusca reação a uma dor aguda, e em seguida me recobrei.

– Tenho certeza de que a sra. Bird não se importará se eu me atrasar um pouco.

– Eu tive a impressão de que você precisava voltar a Londres, não?

– Isso mesmo. – Apesar de parecer inconcebível, por um instante eu havia realmente me esquecido: Herbert, seu carro, a reunião que ele tinha de marcar em Windsor. – Tenho, sim.

– Não tem importância – disse Percy Blythe, com largas passadas atrás de sua bengala. – Você a verá na próxima vez. Quando nos visitar novamente. – Notei a suposição, mas não pensei em questioná-la, não na ocasião. Na verdade, não pensei muito no

assunto além de deixar passar como uma réplica engraçada e insignificante, pois, quando emergimos do vão da escada, fui distraída por um som farfalhante.

O ruído, assim como o dos zeladores, era muito fraco, e no começo me perguntei se não o teria imaginado, com toda aquela conversa das horas distantes, pessoas presas nas pedras – mas, quando Percy Blythe também olhou ao redor, percebi que não me enganara.

De um corredor adjacente, o cachorro surgiu, arrastando-se pesadamente.

– Bruno – disse Percy, surpresa –, o que está fazendo aqui, rapaz?

Ele parou bem ao meu lado e ergueu os olhos por baixo de suas pálpebras caídas.

Percy inclinou-se para frente e afagou-o atrás das orelhas.

– Sabe o que “*lurcher*” quer dizer? É uma palavra cigana que significa ladrão. Não é mesmo, garoto? Um nome terrivelmente cruel para um bom garoto como você. – Ela empertigou-se devagar, uma das mãos na parte baixa das costas. – Esta raça foi criada pelos ciganos originalmente, foi usada para caçar ilegalmente, invadindo propriedades: coelhos e outras criaturas pequenas. A raça pura era proibida a qualquer um que não pertencesse à nobreza, e a pena era severa; o desafio era reter as habilidades de caça enquanto mesclavam uma variação suficiente para que os animais não parecessem uma ameaça.

“Ele é da minha irmã, da Juniper. Desde pequena ela sempre amou os animais; eles também pareciam amá-la. Sempre mantivemos um cachorro para ela, certamente desde o trauma. Dizem que todos precisam de alguma coisa para amar.”

Como se ele soubesse e não gostasse de ser transformado no tópico da conversa, Bruno continuou seu caminho. Em seu rastro, o ruído farfalhante veio outra vez, muito baixo, até ser abafado quando um telefone próximo começou a tocar.

Percy permaneceu imóvel, ouvindo da maneira que as pessoas fazem quando esperam confirmação de que outra pessoa atendeu.

O telefone continuou a tocar, até que um silêncio desconsolado fechou-se em torno do eco final.

– Venha – disse Percy, um tom de agitação na voz. – Há um atalho por aqui.



O corredor estava escuro, mas não mais do que os outros; na verdade, agora que havíamos emergido do subsolo, algumas faixas difusas de luz apareceram, costurando seu caminho pelos nós do castelo para se derramar nas lajotas do assoalho. Havíamos percorrido dois terços do caminho quando o telefone começou a tocar outra vez.

Desta vez, Percy não esperou.

– Desculpe-me – disse ela, claramente ruborizada. – Não sei onde Saffy se meteu. Estou esperando um telefonema importante. Pode me dar licença? Só por um instante.

– Claro.

E com um sinal da cabeça ela desapareceu, dobrando a curva no final do corredor e deixando-me abandonada.

Culpo a porta pelo que aconteceu em seguida. A que estava bem do outro lado do corredor em relação a mim, apenas a um metro de distância. Eu adoro portas. Todas elas, sem exceção. Portas levam a algum lugar e nunca me deparei com uma que não tivesse vontade de abrir. Ainda assim, se aquela porta não fosse tão antiga e decorativa, tão completamente fechada, se um fio de luz não tivesse se posicionado com tal desgraçada tentação bem pelo seu meio, colocando em destaque a fechadura e sua intrigante chave, talvez eu tivesse me contido; permanecido girando os polegares sem fazer nada, até Percy voltar para me resgatar. Mas era e eu não me contive; volto a afirmar que eu simplesmente não consegui. Às vezes, você pode dizer só de olhar para uma porta que existe algo interessante atrás dela.

A maçaneta era preta e lisa, no formato de uma tíbia, e fria sob a minha mão. Na verdade, um frio generalizado parecia se filtrar do outro lado da porta, embora como, eu não saiba dizer.

Meus dedos apertaram-se em volta da maçaneta, comecei a girá-la, e então...

– Nós não entramos aí.

Meu estômago, não me importo em dizer, quase saiu pela boca.

Girei nos calcanhares, vasculhei o espaço escuro atrás. Não consegui ver nada, embora obviamente eu não estivesse sozinha. Alguém, a dona da voz, estava no corredor comigo. Mesmo que ela não tivesse falado, eu teria sabido: eu podia sentir outra presença, algo se movendo e se escondendo nas sombras. O ruído farfalhante estava de volta agora também: mais alto, mais perto, definitivamente não em minha cabeça, definitivamente não eram ratos.

– Desculpe-me – disse à passagem obscura –, eu...

– Nós não entramos aí.

Sufoquei a onda de pânico em minha garganta.

– Eu não sabia.

– Este é o salão principal.

Então, eu a vi, Juniper Blythe, quando ela saiu da escuridão arrepiante e lentamente atravessou o corredor em minha direção.

Diga que você virá dançar

SEU VESTIDO ERA INCRÍVEL, do tipo que você espera ver em filmes sobre ricas debutantes antes da guerra ou escondidos nos cabides das lojas de caridade mais sofisticadas. Era de organza, cor-de-rosa muito claro, ou fora um dia, antes que o tempo e a poeira fizessem seu trabalho, colocando os dedos sujos por toda parte. Metros de tule sustentavam a saia ampla, abrindo-a conforme caía da cintura fina, o suficiente para que a bainha reticulada roçasse contra as paredes quando ela andava.

Ficamos de frente uma para a outra na luz turva do corredor pelo que pareceu um longo tempo. Finalmente, ela se moveu. Ligeiramente. Seus braços estiveram caídos ao lado do corpo, pousados em sua saia, e ela ergueu um deles apenas um pouco, começando pela palma da mão, um movimento gracioso como se um fio invisível costurado na parte interna de seu pulso tivesse sido puxado do teto atrás de mim.

– Olá – disse, com uma voz que eu esperava soasse cordial. – Sou Edie. Edie Burchill. Nós nos encontramos antes, na sala amarela.

Ela piscou para mim e inclinou a cabeça para o lado. Cabelos prateados caíram sobre seus ombros, longos e escorridos; os fios da frente haviam sido presos um pouco negligentemente com um par de travessas barrocas. A inesperada translucidez de sua pele, a figura alta e magra, o vestido pomposo: tudo combinava para criar a ilusão de uma adolescente, uma jovem com pernas e braços desengonçados e uma postura contrafeita. Mas não envergonhada, certamente não: sua expressão era inquiridora, curiosa, quando deu um pequeno passo para mais perto e entrou em uma incidental mancha de luz.

Então, foi a minha vez de mostrar curiosidade, pois Juniper devia ter uns 70 anos de idade, embora seu rosto fosse milagrosamente liso, sem rugas. Impossível, é claro, mulheres de 70 anos não têm rostos sem rugas, e ela não era nenhuma exceção – em nossos

encontros posteriores, eu veria isso por mim mesma –, mas sob aquela claridade, naquele vestido, por algum truque das circunstâncias, algum estranho feitiço, era o que parecia. Pálida e lisa, iridescente como o interior de uma concha de pérola, como se os anos passados, que tantas marcas profundas deixaram em suas irmãs, de alguma forma a tivessem preservado. No entanto, ela não era atemporal; havia alguma coisa inegavelmente antiga em sua aparência, um aspecto inteiramente preso no passado, como uma velha fotografia vista através de um papel de seda protetor, em um daqueles álbuns com as páginas amareladas. A imagem de flores de primavera prensadas pelas senhoras vitorianas em seus cadernos de recortes me voltou à mente. Belas flores, mortas da maneira mais afável, transportadas a um tempo e um lugar, uma estação, que não lhes pertenciam.

Então, a quimera falou e a sensação foi agravada:

– Vou jantar agora. – Uma voz alta e etérea que fez os cabelos de minha nuca se arrepiarem. – Gostaria de vir também?

Sacudi a cabeça, tossi para limpar um pigarro da garganta.

– Não. Não, obrigada. Tenho de ir embora daqui a pouco. – Minha voz soava estranha e eu percebi que estava parada muito rigidamente, como se estivesse com medo. O que, imagino, eu estava, embora não soubesse dizer por quê.

Juniper não pareceu notar meu desconforto.

– Tenho um vestido novo para usar – disse ela, puxando as saias de modo que a camada superior de organza se levantasse um pouco de cada lado, como as asas de uma mariposa, pálida e empoeirada.

– Não exatamente novo, não, não é bem verdade, mas reformado. Pertenceu à minha mãe.

– É muito bonito.

– Acho que você não a conheceu.

– Sua mãe? Não.

– Oh, ela era adorável, adorável. Muito jovem quando morreu, muito jovem. Este era seu lindo vestido. – Ela girou timidamente de um lado para o outro, espreitou-me por baixo das pestanas. O olhar vidrado de antes desaparecera, substituído por olhos azuis perspicazes, de certo modo sagazes, os olhos daquela criança astuta

que eu vira na fotografia, perturbada quando brincava sozinha nos degraus da escada do jardim. – Gosta?

– Oh, sim. Muito.

– Saffy reformou-o para mim. Ela faz maravilhas com uma máquina de costura. Se você lhe mostrar uma foto de um modelo que você goste, ela é capaz de fazer um igual, até mesmo os modelos mais recentes de Paris, as fotos na *Vogue*. Ela tem trabalhado no meu vestido há semanas, mas é segredo. Percy não aprovaria, por causa da guerra, e por ela ser Percy, mas sei que você não vai contar a ela. – Sorriu, então, um sorriso tão enigmático que eu perdi a respiração.

– Não direi nada.

Ficamos paradas por um instante, uma observando a outra. Meu receio inicial agora se dissipara, e fiquei contente por isso. Minha reação fora infundada, apenas um instinto, e fiquei envergonhada de me lembrar. O que havia a temer, afinal de contas? Esta mulher perdida no corredor solitário era Juniper Blythe, a mesma pessoa que um dia escolhera minha mãe de um grupo de crianças assustadas, que lhe dera um lar quando as bombas caíam em Londres, que nunca parara de esperar e ansiar pela chegada de um amor do passado.

Seu queixo se levantou enquanto eu a observava e, em seguida, ela exalou o ar pensativamente. Pelo visto, enquanto eu tirava minhas conclusões, ela andara tirando as suas próprias. Sorri, e isso pareceu fazê-la tomar alguma decisão. Empertigou-se, em seguida começou a avançar em minha direção outra vez, devagar, mas com propósito definido. Felina, é o que ela era. Cada um de seus movimentos continha a mesma mistura elástica de cautela e confiança, languidez que ocultava uma intenção subjacente.

Ela só parou quando já estava tão perto que eu podia sentir o cheiro de naftalina de seu vestido, o cheiro rançoso de cigarro em sua boca. Seus olhos buscaram os meus, a voz apenas um sussurro:

– Pode guardar um segredo?

Assenti, o que também a fez sorrir; a abertura entre os dois dentes da frente era incrivelmente infantil. Ela tomou minhas mãos

nas suas como se fôssemos amigas no pátio da escola, as palmas macias e frias.

– Tenho um segredo que não devo contar a ninguém.

– Ok.

Ela se aproximou e colocou a mão em concha contra o meu ouvido. Seu hálito fazia cócegas.

– Tenho um amante. – E quando ela se afastou, seus lábios enrugados formaram uma expressão jovial de lasciva excitação que era grotesca, triste e bonita, tudo ao mesmo tempo. – O nome dele é Tom. Thomas Cavill, e ele me pediu em casamento.

A tristeza que senti por ela precipitou-se sobre mim, quase grande demais para suportar, quando percebi que ela estava presa no momento de sua maior decepção. Desejei que Percy voltasse logo para encerrarmos nossa conversa.

– Promete que não vai dizer uma palavra sobre isso?

– Prometo.

– Eu disse a ele que sim, mas shhh – pressionou um dedo sobre os lábios sorridentes. – Minhas irmãs ainda não sabem. Ele virá aqui em breve para jantar. – Riu, os dentes de uma idosa em um rosto suavizado por pó de arroz. – Vamos anunciar nosso noivado.

Vi, então, que ela usava alguma coisa no dedo. Não era uma aliança, não de verdade. Era uma falsificação rudimentar, prateada, mas embaçada, irregular, como um pedaço de papel-alumínio enrolado e pressionado no formato de um anel.

– E depois iremos dançar, dançar, dançar... – Ela começou a se balançar, cantarolando a música que tocava, talvez, em sua cabeça. Era a mesma melodia que eu ouvira anteriormente, flutuando nos bolsões frios dos corredores. O nome não me veio à lembrança na hora, por mais aflitivamente perto que parecesse estar. A gravação, como deve ter sido, parara havia algum tempo, mas Juniper continuava a ouvi-la, os olhos fechados, as faces coradas com a expectativa de uma jovem.

Certa vez, trabalhei em um livro para um casal de idosos que escrevia a história de suas vidas juntos. A mulher fora diagnosticada com Alzheimer, mas ainda não começara a angustiante descida final,

e eles decidiram registrar suas lembranças, antes que fossem levadas como folhas descoradas de uma árvore de outono.

O projeto levou seis meses, durante os quais eu a vi deslizar inexoravelmente do esquecimento para o vazio. O marido tornou-se “aquele homem ali”, e a mulher bem-humorada, vibrante, com a linguagem espirituosa, que argumentara, rira e interrompera, foi silenciada.

Não, eu já vira demência, e isto decididamente não era. O que quer que Juniper fosse, não era o vazio, e ela havia esquecido muito pouco. No entanto, havia um problema; ela obviamente não estava bem. Toda mulher idosa que conheci me disse, em algum momento, e com graus variados de nostalgia, que no íntimo tinha 18 anos de idade. Mas não é verdade. Tenho apenas trinta e sei disso. O passar dos anos não deixa ninguém incólume: a maravilhosa sensação de invencibilidade da juventude se descasca e a responsabilidade traz seu peso para carregarmos.

Mas Juniper não era assim. Ela genuinamente não percebia que era velha. Em sua mente, a guerra ainda estava em andamento e, a julgar pela maneira como se balançava, seus hormônios também. Ela era um híbrido tão aberrante, velha e jovem, bela e grotesca, agora e no passado. O efeito era impressionante e sinistro; senti uma repentina onda de náusea, imediatamente seguida de uma profunda vergonha por um sentimento tão cruel.

Juniper agarrou meus pulsos; seus olhos se arregalaram.

– Mas é claro! – disse ela, sufocando uma risadinha. – Você já sabe a respeito de Tom. Se não fosse por você, ele e eu nunca teríamos nos conhecido.

O que quer que eu pudesse ter dito em resposta foi abafado naquele instante, quando todos os relógios do castelo começaram a bater a hora certa. Que sinfonia estranha, relógios em todos os aposentos, soando uns para os outros enquanto marcavam a passagem do tempo. Senti aquelas badaladas ressoarem no fundo do meu corpo e o efeito se espalhar, gelado e instantâneo, pela minha pele, transtornando-me completamente.

– Eu realmente preciso ir agora, Juniper – disse, quando finalmente os relógios silenciaram. Minha voz, notei, estava rouca.

Um leve ruído atrás de mim; olhei por cima do ombro, esperando ver Percy de volta.

– Ir? – O rosto de Juniper se desfez. – Mas você acabou de chegar. Aonde você vai?

– De volta a Londres.

– Londres?

– Onde moro.

– Londres. – Uma mudança ocorreu então, rápida como uma nuvem de tempestade e igualmente ameaçadora. Ela estendeu a mão, agarrando meu braço com força surpreendente, e eu vi algo que não havia visto até então: cicatrizes emaranhadas, prateadas do tempo, em seus pulsos pálidos. – Leve-me com você.

– Eu... eu não posso fazer isso.

– Mas é a única forma. Iremos e encontraremos Tom. Ele deve estar lá, em seu pequeno apartamento, sentado junto ao peitoril...

– Juniper...

– Você disse que me ajudaria. – Sua voz era tensa, rancorosa. – Por que não me ajudou?

– Desculpe-me – disse. – Eu não...

– Você deveria ser minha amiga; você disse que me ajudaria. Por que não veio?

– Juniper, acho que você está me confundindo...

– Oh, Meredith – sussurrou ela, o hálito rançoso e velho. – Fiz uma coisa terrível, terrível.

Meredith. Meu estômago revirou-se como uma luva de borracha virada pelo avesso muito depressa.

Passos apressados e o cachorro apareceu, seguido de perto por Saffy.

– Juniper! Oh, June, aí está você. – Sua voz estava saturada de alívio ao chegar ao lado da irmã. Envolveu Juniper em um abraço delicado, afastando-se após um longo instante para examinar seu rosto. – Não deve fugir assim. Fiquei tão preocupada; procurei por toda parte. Não sabia para onde você iria, querida.

Juniper tremia; creio que eu também. *Meredith...* A palavra ressoava em meus ouvidos, aguda e insistente como o zumbido de um mosquito. Disse a mim mesma que não era nada, uma

coincidência, os delírios sem sentido de uma mulher de idade, triste e louca, mas não sou uma boa mentirosa e não tinha a menor chance de enganar a mim mesma.

Quando Saffy afastava os cabelos da testa de Juniper, Percy chegou. Parou abruptamente, apoiando-se em sua bengala enquanto analisava a cena. As gêmeas trocaram um olhar, semelhante àquele que eu testemunhara anteriormente na sala amarela e que tanto me desconcertara. Desta vez, entretanto, foi Saffy quem se desligou primeiro. Ela conseguiu, de algum modo, desfazer o nó dos braços de Juniper e segurava a mão da irmã caçula firmemente na sua.

– Obrigada por ficar com ela – disse-me Saffy, a voz trêmula. – Foi muita bondade sua, Edith.

– E-dith – repetiu Juniper, mas não olhou para mim.

– Ela às vezes se confunde e fica vagando por aí. Nós a vigiamos de perto, mas... – Saffy sacudiu ligeiramente a cabeça, indicando com o gesto a impossibilidade de viver a vida do outro.

Balancei a cabeça, sem conseguir encontrar as palavras certas para responder. *Meredith*. O nome de minha mãe. Meus pensamentos, centenas deles, fervilharam imediatamente contra a corrente do tempo, vasculhando os últimos meses em busca de significado, até finalmente desembocarem em massa na casa dos meus pais. Uma fria tarde de fevereiro, uma galinha crua, a chegada de uma carta que fez minha mãe chorar.

– E-dith – disse Juniper outra vez. – E-dith, E-dith...

– Sim, querida – disse Saffy. – É Edith, não é? Ela veio nos fazer uma visita.

Eu soube então o que já suspeitara o tempo todo. Mamãe mentira quando me disse que a carta de Juniper era apenas uma saudação, assim como mentira sobre nossa visita a Milderhurst. Mas por quê? O que acontecera entre mamãe e Juniper Blythe? Se eu devesse acreditar em Juniper, mamãe fizera uma promessa que não cumprira; algo a ver com o noivo de Juniper, com Thomas Cavill. Se esse fosse o caso, e se a verdade realmente fosse tão terrível quanto Juniper sugerira, a carta devia ser uma acusação. Seria? Fora a culpa reprimida que fizera minha mãe chorar?

Pela primeira vez desde que chegara a Milderhurst, eu ansiava para me libertar da casa e de suas antigas tristezas, ver o sol e sentir o vento em meu rosto, sentir o cheiro de outra coisa que não lama rançosa e naftalina. Ficar sozinha com este novo enigma, para poder começar a desatá-lo.

– Espero que ela não a tenha ofendido... – dizia Saffy; eu podia ouvi-la através de meus próprios pensamentos acelerados, como se ela estivesse muito distante, do outro lado de uma porta grossa e pesada. – O que quer que tenha dito, não foi por mal. Ela às vezes diz coisas, coisas estranhas, coisas sem sentido...

Sua voz diminuiu gradualmente, mas o silêncio que deixou para trás era agitado. Ela me observava, sentimentos não declarados em seus olhos, e eu compreendi que não se tratava apenas de preocupação que sobrecarregava suas feições. Havia algo mais oculto em seu rosto, particularmente quando olhou outra vez para Percy. Medo, percebi. Elas estavam com medo, ambas.

Olhei para Juniper, escondendo-se atrás de seus próprios braços cruzados. Teria eu imaginado que ela estava parada, especialmente imóvel, ouvindo atentamente, esperando para ver como eu responderia, o que eu lhes diria?

Forcei um sorriso, esperando que parecesse descontraído.

– Ela não disse nada – falei, depois sacudi os ombros para enfatizar. – Eu só estava admirando seu belo vestido.

O ar à volta pareceu se deslocar com a força do alívio das gêmeas. O perfil de Juniper não registrou nenhuma mudança e eu fiquei com uma sensação estranha, arrepiante, a vaga consciência de que, de algum modo, cometera um erro. Que eu deveria ter sido honesta, ter contado às gêmeas tudo que Juniper dissera, a causa de sua perturbação. Mas tendo até então deixado de mencionar minha mãe e sua evacuação de Londres, eu não tinha certeza se encontraria as palavras necessárias.

– Marilyn Bird chegou – disse Percy bruscamente.

– Oh, mas as coisas sempre parecem acontecer ao mesmo tempo – disse Saffy.

– Ela veio para levá-la de volta à casa da fazenda. Disse que você é esperada em Londres.

– Sim – disse. Graças a Deus.
– Que pena – disse Saffy. Graças a um enorme esforço e, imagino, muitos anos de prática, ela conseguiu parecer inteiramente normal.
– Esperávamos poder lhe oferecer um chá. Recebemos tão poucas visitas.

– Na próxima vez – disse Percy.

– Sim – concordou Saffy. – Na próxima vez.

Parecia improvável, para dizer o mínimo.

– Muito obrigada novamente, pela excursão...

E enquanto Percy me conduzia de volta ao longo de uma rota misteriosa, para a sra. Bird e a promessa de normalidade, Saffy e Juniper retiraram-se na direção oposta, as vozes ressoando de volta pelas pedras frias.

– Desculpe-me, Saffy, sinto muito, muito, muito. Eu só... Eu me esqueci... – As palavras, então, transformaram-se em soluços. Um choro tão aflito que eu tive vontade de bater as mãos contra meus ouvidos.

– Venha comigo, querida, não há necessidade de tudo isso.

– Mas eu fiz uma coisa terrível, Saffy. Uma coisa terrível, terrível.

– Bobagem, querida, tire isso da cabeça. Vamos tomar nosso chá, está bem? – A paciência, a bondade na voz de Saffy fizeram uma pequena câmara em meu peito se apertar. Creio que foi quando percebi pela primeira vez o interminável período de tempo pelo qual ela e Percy vinham repetindo essas palavras tranquilizadoras, tentando clarear a confusão da cabeça envelhecida da irmã mais nova com o mesmo cuidado criterioso que os pais dão a seus filhos, mas sem a promessa de que o fardo um dia diminuiria. – Vamos fazê-la vestir algo mais apropriado e depois tomaremos nosso chá. Você, Percy e eu. As coisas sempre parecem melhores depois de uma boa xícara de chá quente e forte, não é?



A sra. Bird nos aguardava sob o teto em abóbada na entrada do castelo, esbaforida de desculpas. Ela se desmanchou sobre Percy Blythe, fazendo uma careta dramática enquanto censurava os pobres habitantes da vila que inadvertidamente a haviam atrasado.

– Não faz mal, sra. Bird – disse Percy no mesmo tom dominador que uma babá vitoriana usaria para se dirigir a uma incumbência maçante. – Eu gostei de conduzir eu mesma a visita.

– Sim, claro que sim. Pelos velhos tempos. Deve ser ótimo para você.

– De fato.

– Uma pena que as excursões tenham terminado. Compreensível, é claro, e é um mérito para você e a srta. Saffy terem conseguido mantê-las por tanto tempo, especialmente com tantas outras coisas em sua...

– Sem dúvida. – Percy Blythe se empertigou, e eu compreendi repentinamente que ela não gostava da sra. Bird. – Agora, se vocês puderem me dar licença. – Ela inclinou a cabeça na direção da porta aberta, através da qual o mundo exterior parecia um lugar mais luminoso, barulhento e acelerado do que quando eu o deixara.

– Obrigada – disse antes que ela pudesse desaparecer. – Por me mostrar sua bela casa.

Ela me olhou por um instante mais longo do que parecia necessário, depois se retirou pelo corredor, a bengala batendo de leve ao seu lado. Após alguns passos, ela parou e se virou, quase invisível na penumbra.

– Já *foi* bonita, sabe. Um dia. Antes.

29 de outubro de 1941

UMA COISA ERA CERTA: não haveria lua esta noite. O céu estava encoberto, uma agitada massa cinza, branca e amarela, entrelaçada como vítima da espátula de um pintor. Percy lambeu o papel do tabaco e calçou-o, rolando o cigarro entre as pontas dos dedos para fechá-lo bem. Um aeroplano roncou no alto, um dos deles, um avião de patrulha rumando para o sul, em direção à costa. Tinham de enviar um, é claro, mas não haveria nada a reportar, não em uma noite como esta, não agora.

De onde ela estava recostada, as costas contra a van, Percy seguiu o progresso do avião, estreitando os olhos conforme o inseto marrom ficava cada vez menor. O olhar fixo provocou um bocejo e ela esfregou os olhos até pinicarem agradavelmente. Quando os abriu novamente, o avião havia desaparecido.

– Ei! Não vá marcar meu capô e para-lamas encerados reclinando-se aí em cima.

Percy virou-se e descansou o cotovelo no teto da van. Era Dot, rindo enquanto saía a passos largos pela porta da estação.

– Você devia me agradecer! – gritou Percy de volta. – Assim você não vai ficar à toa no próximo turno.

– É verdade. Caso contrário, o comandante vai me mandar lavar toalhas de prato.

– Ou fazer mais uma rodada de demonstrações de maca para os guardas. – Percy arqueou uma das sobrancelhas. – O que poderia ser melhor?

– Remendar as cortinas do blackout, por exemplo.

Percy contraiu-se.

– Isso é horrível.

– Fique por aqui muito mais tempo e logo estará com uma agulha na mão – advertiu Dot, chegando e reclinando-se ao lado de Percy. –

Não há muito mais para se fazer.

– Ele mandou notícias, então?

– Os rapazes da RAF acabaram de mandar uma mensagem. Nada no horizonte, não esta noite.

– Foi o que pensei.

– Não se trata apenas do tempo. O comandante diz que os malditos alemães estão ocupados demais marchando para Moscou para se incomodar muito conosco.

– Que tolos – disse Percy, inspecionando seu cigarro. – O inverno está avançando mais rápido do que eles.

– Imagino que você esteja planejando ficar por aqui, de qualquer forma, fazendo papel de boba na esperança de que Jerry se confunda e lance uma carga aqui perto?

– Pensei nisso – disse Percy, enfiando o cigarro no bolso e atirando a bolsa sobre o ombro. – Decidi contra. Nem mesmo uma invasão poderia me manter aqui esta noite.

Os olhos de Dot arregalaram-se.

– O que foi? Algum bonitão a convidou para ir dançar?

– Não tive essa sorte; boas-novas, de qualquer modo.

– Ah, é?

O ônibus chegou e Percy teve de gritar para ser ouvida acima do barulho do motor enquanto subia a bordo.

– Minha irmã menor está vindo para casa esta noite.



Percy não gostava mais de guerra do que qualquer outra pessoa – na verdade, ela tivera mais oportunidades do que a maioria de testemunhar seus horrores. Era por isso que ela nunca, nunca admitia em voz alta a estranha semente de decepção que germinara no fundo de seu ser desde o término dos ataques aéreos noturnos. Era completamente absurdo, ela sabia, sentir nostalgia por um período de perigo e destruição ignóbeis; qualquer coisa que não um otimismo cauteloso era quase um sacrilégio e, no entanto, um espantoso mau humor a mantivera acordada nos últimos meses, os ouvidos atentos aos silenciosos céus noturnos acima.

Se havia uma coisa da qual Percy se orgulhava era de sua capacidade de exercer o pragmatismo em todas as questões – Deus era testemunha, alguém precisava fazê-lo –, e, assim, estava determinada a chegar ao fundo das coisas. Encontrar uma maneira de silenciar o pequeno relógio que ameaçava continuar marcando o tempo dentro dela sem jamais ter a oportunidade de bater a hora. Durante semanas, tomando muito cuidado para nunca revelar seu estado de fluxo interior, Percy avaliara sua situação, observando seus sentimentos de todos os ângulos antes de finalmente chegar à conclusão de que ela estava, obviamente, um bocado louca.

Era de esperar; a loucura era basicamente uma condição familiar, tão certa quanto o dom artístico e a probabilidade de pernas e braços longos. Percy esperara evitar isso, mas lá estava. A hereditariedade não falha. E, para ser honesta, ela sempre não considerara apenas uma questão de tempo até ela mesma enlouquecer?

Era culpa de seu pai, é claro, em particular das terríveis histórias que ele contava quando eram suficientemente pequenas para serem carregadas, suficientemente verdes para se enroscarem perfeitamente em seu colo amplo e acolhedor. Histórias do passado de sua família, sobre o terreno que se tornara Milderhurst, que passara por períodos de abandono e de prosperidade, que dera muitas voltas ao longo dos séculos, fora inundado, cultivado e se tornara lendário. Sobre edificações destruídas por incêndios e reconstruídas, que se deterioraram e foram saqueadas, fervilharam e foram esquecidas. Sobre as pessoas que chamaram o castelo de lar antes deles, os capítulos de conquista e sublimação que se alternavam no solo da Inglaterra e no de sua própria e amada casa.

A história nas mãos de um narrador era realmente uma força poderosa, e por todo um verão depois que seu pai partiu para a Guerra Mundial, quando ela era uma menina de oito ou nove anos, os sonhos de Percy tinham sido vividamente povoados de invasores arremetendo-se pelos campos em sua direção. Ela convenceu Saffy a ajudá-la a erigir fortes em cima das árvores do bosque Cardarker, estocar armas e remover as árvores novas que não lhe agradavam. Praticando, para que estivessem prontas quando

chegasse a hora de cumprirem seu dever, de defenderem o castelo e suas terras das hordas invasoras...

O ônibus dobrou uma curva chocalhando a lataria e Percy revirou os olhos diante de suas próprias reflexões. Era ridículo, é claro. Fantasias de meninas eram uma coisa, mas o estado de espírito de uma mulher adulta se prender ao seu eco? Era realmente muito triste. Com uma arfada de raiva, deu as costas a si mesma.

Fora uma longa viagem, muito mais longa do que o normal, e neste passo ela teria sorte de chegar em casa a tempo para a sobremesa. Qualquer que pudesse ser. As nuvens escuras e carregadas se amontoavam, a escuridão ameaçava recair sobre eles a qualquer momento e o ônibus, sem nenhum farol, agarrava-se à beira da estrada, de prontidão. Ela consultou o relógio: já eram quatro e meia. Juniper era esperada às seis e meia, o rapaz, às sete, e Percy prometera estar de volta até às quatro horas. Certamente, o sujeito da ARP – Air Raid Precaution, o serviço de medidas de segurança contra ataques aéreos – agira corretamente quando mandou o ônibus encostar para uma inspeção aleatória, mas justamente esta noite ela tinha coisas melhores a fazer. Dar comedimento aos preparativos em Milderhurst, por exemplo.

Quais eram as chances de Saffy *não* ter entrado em parafuso durante o dia? Nada boas, concluiu Percy. Absolutamente nada boas. Ninguém se submetia com tanta vontade ao tumulto de uma ocasião quanto Saffy, e desde que Juniper mandara dizer que convidara um misterioso rapaz para jantar no castelo, houve muito poucas chances de O Acontecimento, como ficou conhecido daí em diante, ser poupado do tratamento completo de Seraphina Blythe. Em certo momento, houve até a conversa de desempacotar o que restara dos cartões da Coroação de vovó para escrever os nomes dos lugares à mesa, mas Percy sugerira que um grupo de quatro, três das quais eram irmãs, tornava desnecessário tanta confusão.

Uma pancadinha em seu braço e Percy percebeu que uma velhinha ao seu lado segurava uma latinha aberta, gesticulando para que ela tirasse alguma coisa dali de dentro.

– Minha própria receita – disse ela em um tom de voz animado, agudo. – Absolutamente nenhuma manteiga, mas não estão nada

maus, ainda que seja eu quem diga.

– Oh! – exclamou Percy. – Não. Obrigada. Eu não poderia. Guarde-os para você mesma.

– Ande, vamos. – A senhora chocalhou a latinha um pouco mais perto do nariz de Percy, balançando a cabeça em aprovação diante de seu uniforme.

– Ora, está bem. – Percy selecionou um biscoito e deu uma mordida. – Delicioso – disse, com um silencioso lamento pelos gloriosos dias de manteiga.

– Você é voluntária da FANY?

– Dirijo uma ambulância. Quer dizer, dirigia, durante o bombardeio. Ultimamente só fico limpando-as.

– Você encontrará outra maneira de ajudar os esforços de guerra agora, tenho certeza. Nada pode deter vocês, jovens. – Uma ideia lhe ocorreu, fazendo-a arregalar os olhos. – Mas, claro, você deveria se juntar a um daqueles grupos de costura! Minha neta pertence às Susans Costureiras na minha terra, em Cranbrook, e, oh, que grande trabalho elas fazem.

Agulha e linha à parte, Percy tinha de concordar que a ideia não era má. Talvez se ela canalizasse suas energias em outra direção: ser motorista de um oficial do governo, aprender a desmontar bombas, pilotar um avião, tornar-se uma consultora de resgates. Alguma coisa. Talvez, então, a terrível inquietação diminuísse. Por mais que detestasse admitir, Percy estava começando a suspeitar que Saffy tinha razão todos esses anos: ela era uma consertadora. Nenhum instinto para criação, mas um hábito de restauração, e nunca tão feliz como quando era bem aproveitada, remendando buracos. Que pensamento absolutamente deprimente.

O ônibus pesado e rangente dobrou outra curva, e finalmente a vila pôde ser avistada. Conforme se aproximavam, Percy viu sua bicicleta, encostada em um velho carvalho ao lado do prédio dos Correios onde a deixara naquela manhã.

Agradecendo novamente pelo biscoito e solenemente prometendo averiguar o grupo local de costureiras voluntárias, ela desembarcou, acenando para a velhinha enquanto o ônibus prosseguia pesadamente em direção a Cranbrook.

A brisa se intensificara desde que deixaram Folkestone e Percy enfiou as mãos nos bolsos da calça, sorrindo para as circunspectas senhoritas Blethem, que prenderam a respiração simultaneamente e agarraram com mais força as alças de suas sacolas de compras, antes de cumprimentá-la com um aceno da cabeça e sair correndo de volta para casa. Dois anos de guerra e ainda havia aquelas para quem a visão de uma mulher de calças anunciava a chegada do apocalipse; não importavam as atrocidades em casa e no exterior. Percy sentiu um bem-vindo renascimento do seu bom humor e perguntou a si mesma se seria errado adorar seu uniforme ainda mais pelo efeito que ele tinha nas senhoritas Blethem do mundo.

Já era bem tarde no dia, mas muito provavelmente o sr. Potts ainda não tinha ido entregar a correspondência no castelo. Havia poucos homens na vila – e em todo o país, Percy poderia apostar – que haviam se alistado no Home Guard, o grupo dos voluntários de defesa local, com um brio comparável ao do sr. Potts. Tão zelosamente ele queria proteger a nação que era provável que uma pessoa se sentisse menosprezada se não fosse parada ao menos uma vez mensalmente para uma verificação de identidade. Que tal dedicação deixasse a vila sem um serviço postal confiável, o sr. Potts parecia considerar como um sacrifício infeliz, mas necessário.

A campainha acima da porta tocou quando Percy entrou, e a sra. Potts ergueu os olhos abruptamente de uma pilha de papéis e envelopes. Seu jeito foi o de um coelho pego de surpresa no canteiro de um jardineiro e ela acentuou ainda mais a imagem torcendo o nariz. Percy conseguiu disfarçar o riso sob um ar de séria cordialidade, o que era, afinal, uma espécie de característica particular.

– Ora, ora – disse a administradora da agência de correios, recobrando-se com a velocidade de alguém acostumado a leves fraudes. – Se não é a srta. Blythe.

– Boa-tarde, sra. Potts. Alguma correspondência?

– Vou dar uma olhada, sim?

A simples ideia de que a sra. Potts não tivesse completo conhecimento de todo item de correspondência que tivesse chegado ou saído naquele dia era risível, mas Percy fingiu acreditar.

– Ora, obrigada – disse ela, quando a sra. Potts se dirigiu às caixas sobre a escrivaninha nos fundos.

Após intenso e obsequioso embaralhamento de correspondências, a sra. Potts extraiu um punhado de envelopes variados e segurou-os no alto.

– Aqui estão eles – disse ela, fazendo um retorno triunfante ao balcão. – Há um pacote para a srta. Juniper... de sua jovem londrina, ao que parece; ela está feliz de estar de volta em casa, sua Meredith? – Percy balançou a cabeça com impaciência, enquanto a sra. Potts continuava: – Uma carta endereçada à mão para você e uma apenas para a srta. Saffy, datilografada.

– Ótimo. Dificilmente é preciso se dar ao trabalho de lê-las.

A sra. Potts alinhou as cartas cuidadosamente sobre o balcão, mas não as entregou.

– Espero que esteja tudo bem lá em cima no castelo – disse ela, com mais sentimento do que uma questão tão inócua parecia justificar.

– Muito bem, obrigada. Agora, se...

– Na verdade, ouvi que a ocasião é de felicitações.

Percy soltou um suspiro de exasperação.

– Felicitações?

– Casamento à vista – disse a sra. Potts, daquela maneira irritante que aperfeiçoara, conseguindo ao mesmo tempo se deleitar com seu conhecimento ilícito enquanto avidamente cavava mais informações.

– No castelo – repetiu ela.

– Agradeço-lhe muito, sra. Potts, mas garanto-lhe que não estou mais noiva hoje do que estava ontem.

A administradora da agência de correios ficou parada por um instante, calculando, antes de desatar a rir:

– Oh! Você é mesmo engraçada, srta. Blythe! Não está mais noiva hoje do que estava ontem. Essa não vou esquecer. – Após muita risada, ela ficou séria, tirando um lençinho ornado de renda do bolso de sua saia para enxugar levemente os olhos. – Mas naturalmente – disse ela, entre um toque e outro do lenço – eu não me referia a *você*.

Percy fingiu surpresa:

– Não?

– Ah, não, pelo amor de Deus, não você ou a srta. Saffy. Sei que nenhuma das duas tem planos de nos deixar, que Deus as abençoe.

– Enxugou as faces mais uma vez. – Eu estava falando da srta. Juniper.

Percy não pôde deixar de notar como o nome de sua irmã crepitava nos lábios dos mexericos. Havia eletricidade nos próprios sons, e a srta. Potts era uma condutora natural. As pessoas sempre gostaram de falar de Juniper, desde quando ela era pequena. Sua irmãzinha não fizera nada para melhorar a situação; uma criança com tendência a perder a consciência em momentos de agitação costuma fazer as pessoas baixarem a voz e começarem a falar de dons e maldições. E assim foi que, durante toda a sua infância, independentemente de qualquer situação que ocorresse na vila, por mais estranha ou inexplicável que fosse – o curioso desaparecimento da roupa lavada da srta. Fleming, o conseqüente surgimento do espantalho do fazendeiro Jacob vestido de calças, uma epidemia de caxumba –, tão infalível quanto abelhas são atraídas para o mel, a conversa fiada invariavelmente se voltava para Juniper:

– A srta. Juniper e um certo jovem? – pressionou a srta. Potts. – Ouvi dizer que os preparativos são intensos no castelo? Um rapaz que ela conheceu em Londres?

A própria ideia era absurda. O destino de Juniper estava longe do casamento: era a poesia que fazia o coração de sua irmã caçula vibrar. Percy pensou em se divertir com o ansioso interesse da srta. Potts, mas uma olhada ao relógio na parede a fez mudar de ideia. Uma decisão sensata: a última coisa de que precisava era ser arrastada a uma discussão sobre a transferência de Juniper para Londres. A chance era muito grande de que Percy pudesse inadvertidamente revelar o problema que a fuga de Juniper causara no castelo. O orgulho jamais permitiria tal coisa.

– É verdade que temos um convidado para jantar, srta. Potts, mas, apesar de ser um *e/e*, não é pretendente de ninguém. Apenas um conhecido de Londres.

– Um conhecido?

– Apenas isso.

Os olhos da sra. Potts se estreitaram.

– Então, não é um casamento?

– Não.

– Porque eu ouvi de fonte segura que tanto um pedido foi feito como foi aceito.

Não era segredo que a “fonte segura” da sra. Potts era o cuidadoso monitoramento de cartas e telefonemas, os detalhes dos quais eram então cruzados com um volumoso catálogo de mexericos locais. Embora Percy não chegasse ao ponto de suspeitar que a mulher abrisse os envelopes com vapor antes de entregá-los, havia aqueles na vila que acreditavam nisso. Nesse caso, entretanto, houve bem pouca correspondência para abrir no vapor (e não do tipo que pudesse entusiasmar a sra. Potts, Meredith sendo a única correspondente de Juniper), bem como nenhuma verdade no boato.

– Acredito que eu saberia se fosse esse o caso, sra. Potts – disse ela. – Fique tranquila, é apenas um jantar.

– Um jantar *especial*?

– Oh, mas todos eles não o são em uma época como esta? – retrucou Percy, em tom de chacota. – Nunca se sabe quando você vai se sentar à mesa para sua última refeição. – Tirou as cartas da mão da sra. Potts e, ao fazê-lo, espiou os potes de cristal lapidado que em certa época ficavam no balcão. As balas e caramelos haviam simplesmente acabado, mas uma pilha pequena, um pouco tristonha, de bengalas doces com suas listras vermelhas e brancas, havia se solidificado no fundo de um dos potes. Percy não suportava bengalas doces, mas eram os favoritos de Juniper. – Levarei todo o restante das bengalas, por favor.

Com uma expressão mal-humorada, a sra. Potts soltou o bolo de bengalas do fundo do pote e enfiou-o em um saquinho de papel pardo.

– São seis *pence*.

– Ora, sra. Potts – disse Percy, inspecionando o saquinho de doces. – Se não fôssemos tão amigas, eu diria que está tentando me depenar.

A indignação se espalhou pelo rosto da sra. Potts enquanto tentava balbuciar uma negação.

– Estou brincando, é claro, sra. Potts – disse Percy, estendendo-lhe o dinheiro. Ela enfiou as cartas e o saquinho em sua bolsa e concedeu um breve sorriso à administradora da agência de correios.

– Tenha um bom dia. Vou perguntar a Juniper sobre seus planos, em seu nome, mas creio que, quando não houver nada a saber, você será a primeira a saber.

CEBOLAS ERAM IMPORTANTES, é claro, mas isso em nada alterava o fato de que suas folhas não acrescentavam nada a um arranjo de flores. Saffy inspecionou os frágeis talos verdes que acabara de cortar, virou-os de um lado para o outro, estreitou os olhos para ver se adiantava e aplicou qualquer poder criativo que pôde conseguir a imaginá-los em seu lugar na mesa. No vaso de cristal francês de sua avó, uma relíquia de família, tinham uma chance fugaz; talvez com um toque de algo colorido para disfarçar sua origem? Ou então – seus pensamentos ganharam impulso e ela mordeu o lábio, como tinha por hábito quando uma ideia maravilhosa despontava – ela deveria render-se ao tema, juntar algumas folhas de funcho e flores de abóbora, e fazer um comentário bem-humorado sobre o tempo de escassez.

Com um suspiro, deixou o braço cair, a mão ainda agarrando as frondes caídas.

Sacudiu sua cabeça com tristeza, aparentemente por conta própria. A que pensamentos insanos uma pessoa desesperada era capaz de se apegar? Obviamente os talos de cebola jamais serviriam: não só eram inconsolavelmente inadequados para a finalidade, como lhe parecia, quanto mais os segurava, que o cheiro forte era incrivelmente semelhante ao de meias velhas. Um cheiro que a guerra, em particular a ocupação de sua irmã gêmea durante ela, dera a Saffy ampla oportunidade de se tornar familiar. Não. Após quatro meses em Londres, frequentando os melhores círculos de Bloomsbury, sem dúvida enfrentando os alertas de bombardeio aéreo, dormindo algumas noites em abrigos, Juniper merecia algo melhor do que *eau* de roupa suja.

Sem mencionar o convidado que ela misteriosamente convidara para jantar. Juniper não era de fazer amigos – a jovem Meredith sendo a única e surpreendente exceção –, mas Saffy tinha um instinto para ler nas entrelinhas e, apesar de as cartas de Juniper

não passarem de alguns rabiscos na melhor das hipóteses, ela entendera que o rapaz realizara algum ato de cavalheirismo para cair nas graças de Juniper. O convite, portanto, era uma demonstração da gratidão da família Blythe, e tudo devia ser perfeito. Os talos de cebola, ela confirmou com uma segunda olhadela, decididamente não serviam. Uma vez colhidos, entretanto, não deviam ser desperdiçados – que sacrilégio! Lorde Woolton ficaria horrorizado. Saffy encontraria um prato para usá-los, apenas não no cardápio desta noite. Cebolas e suas consequências não combinavam com o convívio social.

Soltando uma baforada de desalento, depois repetindo o gesto porque a sensação tanto lhe agradara, Saffy começou a voltar para casa, satisfeita, como sempre, por seu caminho não levá-la através dos jardins principais. Ela não podia suportar; eles haviam sido magníficos um dia. Era uma tragédia que tantos jardins floridos do país tivessem sido abandonados ou transformados em hortas. Segundo a carta mais recente de Juniper, não só as flores junto ao Rotten Row no Hyde Park tinham sido esmagadas sob enormes pilhas de madeira, ferro e tijolos – os ossos de só Deus sabe quantos lares –, como todo o lado sul agora fora cedido a loteamentos. Uma necessidade, reconhecia Saffy, mas nem por isso menos trágico. A falta de batatas deixava o estômago de uma pessoa roncando, mas a ausência de beleza endurecia a alma.

Diretamente à sua frente, uma borboleta tardia esvoaçava, as asas fechando-se e abrindo-se como as bordas espelhadas de um conjunto de foles de lareira. Que tal perfeição, tal calma natural pudesse continuar enquanto a humanidade fazia o mundo desmoronar ao seu redor – ora, era um verdadeiro milagre. O rosto de Saffy se iluminou; estendeu um dedo, mas a borboleta ignorou-a, subindo e descendo, arremessando-se para inspecionar os frutos marrons da nespereira. Completamente alheia a tudo – que maravilha! Com um sorriso, ela continuou sua caminhada de volta ao castelo, abaixando-se quando passou pela pérgula de emaranhadas glicínias, com cuidado para não prender os cabelos nos galhos.

O sr. Churchill devia se lembrar de que as guerras não são vencidas apenas com balas e recompensar aqueles que conseguem

conservar a beleza quando o mundo está sendo transformando em feios escombros ao seu redor. A “Medalha Churchill para a Conservação da Beleza na Inglaterra” soaria bem, pensou Saffy. Percy dera um sorriso forçado quando ela disse isso durante o café da manhã no outro dia, com a inevitável complacência de quem havia passado meses subindo e descendo de crateras de bombas, conquistando sua própria medalha de bravura nesse ínterim, mas Saffy recusava-se a se sentir tola. Na verdade, estava trabalhando em uma carta para *The Times* sobre o assunto. O argumento: que a beleza era importante, assim como as artes plásticas, a literatura e a música; especialmente quando as nações civilizadas parecem determinadas a incitar umas às outras a atos cada vez mais bárbaros.

Saffy adorava Londres, sempre adorara. Seus planos futuros dependiam de sua sobrevivência, e ela tomava cada bomba lançada como um ataque à sua pessoa. Quando os bombardeios aéreos estavam no auge e o estrondo de distantes baterias antiaéreas, sirenes estridentes e terríveis explosões eram companheiros de todas as noites, ela roera as unhas febrilmente – um hábito terrível e cuja culpa ela colocava diretamente aos pés de Hitler –, perguntando se quem amava a cidade devia sofrer seu infortúnio ainda mais por estar ausente quando atingida pela desgraça, da mesma forma que a ansiedade de qualquer mãe por um filho ferido era ampliada pela distância. Mesmo quando pequena, Saffy vislumbrara que o caminho de sua vida não estava nos campos pantanosos ou dentro das antigas pedras de Milderhurst, mas entre os parques e cafés, as conversas cultas de Londres. Quando ela e Percy eram pequenas, depois que sua mãe morreu queimada, mas, antes do nascimento de Juniper – quando ainda eram apenas eles três –, seu pai levava as gêmeas a Londres todos os anos para viverem por algum tempo na casa em Chelsea. Eram jovens; o tempo ainda não havia passado por elas, polindo suas diferenças e acentuando suas opiniões, e elas eram tratadas – na verdade, elas mesmas se comportavam assim – como duplicatas. No entanto, quando estavam em Londres, Saffy sentira os primeiros sinais de divisão, profundos, mas fortes. Enquanto Percy, como seu pai,

ansiava pelos amplos bosques verdejantes de Milderhurst, Saffy sentia-se revigorada pela cidade.

Um ronco estrondoso e prolongado soou atrás dela e Saffy gemeu, recusando-se a se virar e constatar as nuvens pesadas que ela sabia que se regozijavam por cima de seus ombros. De todas as privações pessoais da guerra, a perda de uma previsão do tempo regular pelo rádio fora um golpe particularmente cruel. Saffy enfrentara a redução de tempo tranquilo para a leitura com serenidade, concordando que Percy deveria lhe trazer um livro por semana da biblioteca pública, em vez dos quatro de sempre. Sobre a questão de aposentar seus vestidos de seda em troca de práticos vestidos largos, tipo avental, ela fora positivamente corajosa. A debandada de empregados, como moscas de um rato se afogando, e a conseqüente adaptação ao seu novo status como cozinheira, faxineira, lavadeira e jardineira, ela aceitara bem. Mas, nas tentativas de Saffy de dominar os caprichos do tempo inglês, ela encontrara um adversário à altura. Apesar de toda uma vida em Kent, ela não tinha nada dos instintos da mulher do campo para as condições do tempo: na realidade, descobrira uma curiosa aptidão ao avesso para pendurar roupa lavada e sair pelos campos exatamente nos dias em que a chuva sussurrava ao vento.

Saffy começou a andar mais rápido, quase correndo, tentando não se incomodar com o odor das folhas de cebolas, que parecia estar ganhando força conforme ela ganhava velocidade. Uma coisa era certa: quando a guerra acabasse, Saffy iria desistir da vida no campo para sempre. Percy ainda não sabia – precisava do momento certo para abordar um assunto como esse –, mas Saffy se mudaria para Londres. Lá, pretendia encontrar um pequeno apartamento, para uma só pessoa. Não tinha nenhuma mobília própria, mas isso era um impedimento insignificante; questões assim, Saffy confiava à Divina Providência. Mas uma coisa era certa: não levaria nada de Milderhurst com ela. Seus pertences seriam todos novos; seria um recomeço, quase duas décadas depois do que havia planejado inicialmente, mas quanto a isso não havia nada que pudesse fazer. Era mais velha agora, mais forte, e desta vez não seria impedida, por maior que fosse a oposição.

Apesar de suas intenções serem secretas, Saffy adquiriu o hábito de ler os classificados no *The Times* todo sábado, para que, quando a oportunidade se apresentasse, ela estivesse pronta. Considerara Chelsea e Kensington, mas decidiu-se a favor de uma das praças georgianas em Bloomsbury, de onde poderia ir a pé tanto ao Museu Britânico quanto às lojas da Oxford Street. Juniper, ela esperava, poderia também permanecer em Londres e se estabelecer em um local próximo, e Percy iria, é claro, visitá-las. Mas ela nunca ficaria mais do que uma noite, devido a sentimentos arraigados quanto a dormir em sua própria cama e estar à mão para manter o castelo, fisicamente se necessário, caso ele começasse a desmoronar.

Na privacidade de seus próprios pensamentos, Saffy frequentemente visitava seu pequeno apartamento, especialmente quando Percy andava para cima e para baixo pelos corredores do castelo, enfurecendo-se com a pintura descascada, as vigas afundadas, reclamando de cada nova rachadura nas paredes. Saffy fechava os olhos e abria a porta de seu próprio lar. Seria pequeno e simples, e muito limpo – ela mesma cuidaria disso –, e o cheiro dominante seria de cera e vinagre. Saffy agarrou com força os talos de cebola e caminhou ainda mais depressa.

Uma escrivaninha sob a janela, sua máquina de escrever Olivetti no centro e uma minúscula jarra de vidro – uma garrafa antiga, mas bonita, serviria em último caso – no canto, com uma única flor no auge de sua floração, diariamente substituída. O rádio seria seu único companheiro e durante todo o dia ela faria uma pausa em sua datilografia para ouvir a previsão do tempo, deixando por um instante o mundo que criava na página para fitar pela janela o céu sem fumaça de Londres. O sol roçaria seu braço, derramando-se em seu minúsculo lar e fazendo brilhar o polimento dos móveis com cera de abelha. À noite, ela leria seus livros da biblioteca, escreveria um pouco mais do seu projeto em andamento e ouviria Gracie Fields no rádio, e ninguém resmungaria da outra poltrona que aquilo era um monte de lixo sentimental.

Saffy parou, pressionou as palmas das mãos às faces coradas e deu um suspiro de profundo contentamento. Sonhos de Londres, do

futuro, levaram-na até os fundos do castelo; e mais ainda, ela vencera a chuva.

Uma olhadela no galinheiro e seu prazer foi um pouco estragado pela tristeza. Como iria viver sem suas meninas, ela não sabia; imaginou se seria possível levá-las consigo. Sem dúvida haveria espaço no pequeno jardim de seu prédio para uma pequena criação – teria apenas de acrescentar essa necessidade à sua lista. Saffy abriu o portão e estendeu os braços.

– Olá, queridas. Como estão hoje?

Helen-Melon sacudiu as penas, mas não se mexeu do poleiro, e Madame recusou-se a sequer erguer os olhos do chão de terra.

– Animem-se, meninas. Eu não vou a parte alguma ainda. Ora, há uma guerra inteira a ser vencida primeiro.

Esse brado de convocação não surtiu o efeito animador que Saffy esperara, e seu sorriso azedou. Era o terceiro dia seguido que Helen se mostrava deprimida e Madame, normalmente tão ruidosa, parecia um túmulo. As galinhas mais novas seguiam o conselho das duas mais velhas, e o estado de espírito no galinheiro era decididamente sombrio. Saffy já se acostumara a esse desânimo durante os bombardeios aéreos; as galinhas eram tão sensíveis quanto os seres humanos, igualmente suscetíveis à ansiedade, e os bombardeios não deram trégua; por fim, levaram todas as oito para o abrigo com ela à noite. O ar ficara insuportável, é verdade, mas a solução agradara a todos os envolvidos: as galinhas voltaram a pôr ovos e, com Percy fora a maioria das noites, Saffy ficara satisfeita com a companhia.

– Vamos – arrulhou ela, pegando Madame nos braços. – Não seja tão melindrosa, queridinha. É apenas uma tempestade se formando, nada além disso. – O corpo quente e coberto de penas relaxou, mas apenas por um instante, antes de bater as asas e executar uma fuga desajeitada de volta para o chão de terra onde estivera ciscando.

Saffy bateu a poeira das mãos e colocou-as nos quadris.

– Tão ruim assim, é? Então, acho que só resta uma solução para isso.

Jantar. A única atitude em seu arsenal capaz de animá-las. Eram vorazes suas meninas, e isso não era ruim. Quem dera todos os problemas do mundo pudessem ser resolvidos com uma deliciosa

refeição. Era mais cedo do que de costume, mas estes eram momentos críticos: a mesa da sala de estar ainda não estava posta, a colher de servir se perdera, Juniper e seu convidado estariam à porta a qualquer momento – e tendo de lidar com o humor de Percy, a última coisa que precisava era de um punhado de galinhas mal-humoradas. Pronto. Era uma decisão prática, destinada a mantê-las dóceis, e que nada tinha a ver com o fato de Saffy ser uma incurável ingênua.



O vapor de um dia passado preparando um jantar com o que podia ser encontrado na despensa ou pedido às fazendas vizinhas havia se acumulado nos recessos superiores da cozinha, e Saffy ajeitou sua blusa num esforço para se acalmar.

– Agora – disse, aturdida –, onde é que eu estava? – Levantou a tampa da caçarola para se certificar de que o creme de ovos não tinha ido a nenhum lugar em sua ausência, imaginou pelas exalações bufantes do forno que a torta ainda estava assando, depois descobriu um velho caixote de madeira que conseguira sobreviver ao seu propósito inicial, mas que seria perfeito para ela agora.

Saffy arrastou o caixote até o canto mais distante da despensa e subiu nele, ficando na ponta dos pés bem na beirada. Ela foi arrastando a mão ao longo da prateleira, até seus dedos roçarem o canto mais escuro e encontrarem uma latinha. Envolvendo-a com a mão, Saffy sorriu e desceu do caixote. Meses de poeira haviam se assentado, gordura e vapor haviam formado uma cola, e ela teve de limpar a tampa com o polegar para ler a etiqueta embaixo: Sardinhas. Perfeito! Segurou-a com força, saboreando a emoção do ilícito.

– Não se preocupe, papai – cantarolou Saffy, retirando o abridor de latas da gaveta de esquisitos utensílios de cozinha, fechando-a outra vez com uma pancada do quadril. – Não são para mim. – Havia sido um dos princípios de seu pai: comida enlatada era uma conspiração e era mais fácil eles se submeterem à fome por vontade própria do que permitir que uma colherada entrasse em suas bocas.

Uma conspiração de quem e com que propósito Saffy não conseguiu saber, mas seu pai fora enfático na questão, e isso fora o suficiente. Ele não era afeito a tolerar muita oposição, e por um longo tempo ela não teve nenhuma vontade de contrariá-lo. Durante toda a sua infância, ele fora o sol que iluminava a vida de Saffy, e a lua à noite; a ideia de que ele pudesse algum dia decepcioná-la pertencia a um reino oposto, de fantasmas e pesadelos.

Saffy amassou as sardinhas em uma tigela de louça, notando a fina rachadura na lateral somente depois que já deixara as sardinhas completamente irreconhecíveis. Não tinha a menor importância no que dizia respeito às galinhas, mas juntamente com o papel de parede que ela descobrira que estava se soltando da chaminé na sala de estar, era o segundo sinal de declínio em poucas horas. Fez uma anotação mental de verificar cuidadosamente os pratos que havia separado para esta noite, de esconder qualquer um que estivesse igualmente danificado; era o tipo de deterioração capaz de enfurecer Percy e, embora Saffy admirasse a dedicação da irmã gêmea a Milderhurst e sua manutenção, seu mau humor não contribuiria em nada para a atmosfera de alegre comemoração que ela esperava.

Então, uma série de acontecimentos ocorreu simultaneamente. A porta entreabriu-se, Saffy deu um salto e um resto de espinhas de sardinha caiu dos dentes do garfo nas lajotas do assoalho.

– Srta. Saffy!

– Oh, Lucy, graças a Deus! – Saffy agarrou o garfo junto ao coração descompassado. – Você acaba de tirar dez anos de minha vida!

– Desculpe-me. Pensei que estivesse lá fora colhendo flores para a sala... eu só quis... vim verificar... – A governanta começou a balbuciar à medida que se aproximava, via a pasta de peixe, a lata aberta, e ela perdeu o fio da meada completamente quando seu olhar encontrou-se com o de Saffy. Seus lindos olhos violeta arregalaram-se. – Srta. Saffy! – exclamou. – Não pensei...

– Oh, não-não-não. – Saffy abanou a mão para que ela se calasse, sorrindo enquanto erguia um dedo aos lábios. – Shhh, Lucy, querida. Não são para *mim*, claro que não. Eu guardo para as meninas.

– Oh. – Lucy pareceu visivelmente aliviada. – Bem, isso é diferente. Não gostaria de pensar no patrão – seus olhos ergueram-se reverentemente para o teto – contrariado, mesmo agora.

Saffy concordou:

– A última coisa que precisamos esta noite é de papai revirando-se no túmulo. – Balançou a cabeça indicando a caixa de remédios. – Me passe duas aspirinas, sim?

Lucy enrugou a testa, preocupada.

– Não está se sentindo bem?

– São as meninas. Estão nervosas, coitadas, e nada acalma mais um temperamento irritado do que uma aspirina, salvo, talvez, um bom gole de gim, mas isso seria um tanto irresponsável. – Saffy usou as costas de uma colher de chá para esfarelar os comprimidos. – Sabe, não as vejo tão mal desde o bombardeio de 10 de maio.

Lucy empalideceu.

– Será que elas estão pressentindo uma nova onda de bombardeios?

– Creio que não. O sr. Hitler está ocupado demais marchando no inverno para se preocupar muito conosco. Ao menos é o que Percy diz. Segundo ela, devemos ser deixados em paz até o Natal, pelo menos; ela está terrivelmente decepcionada. – Saffy ainda mexia a pasta de sardinha e tomara fôlego para continuar quando notou que Lucy se afastara na direção do fogão. Sua postura não dava nenhuma indicação de que ainda estivesse ouvindo, e de repente Saffy se sentiu uma tola, como uma de suas galinhas quando estavam com disposição de cacarejar e o portão do jardim servia de companhia. Após um pigarro envergonhado, ela disse: – De qualquer forma, estou tagarelando. Você não veio à cozinha para ouvir falar das meninas, e eu a estou atrapalhando no que quer que tenha vindo fazer.

– Absolutamente. – Lucy fechou a porta do fogão e endireitou-se, mas suas faces estavam um pouco mais coradas do que o forno poderia acarretar, e Saffy compreendeu que ela não havia imaginado o desconforto do momento anterior; alguma coisa que havia dito ou feito estragara o bom humor de Lucy, e ela se sentiu mal por isso. – Eu vim verificar a torta de coelho – continuou Lucy –, que agora já

fiz, e lhe dizer que não encontrei a colher de servir de prata que você queria, mas coloquei outra na mesa que vai servir da mesma forma. Também trouxe para baixo alguns dos discos que a srta. Juniper mandou de Londres.

– Para a sala azul?

– Claro.

– Perfeito. – Era a melhor sala de estar e, portanto, receberiam o sr. Cavill lá. Percy discordara, mas isso já era de esperar. Ela andava mal-humorada havia semanas, batendo os pés pelos corredores, prevendo desgraça e desolação para o próximo inverno, reclamando da escassez de combustível, da extravagância de aquecer mais um aposento quando a sala amarela já estava diariamente aquecida. Mas Percy mudaria de opinião, sempre acabava cedendo. Saffy tamborilou o garfo na borda da tigela com determinação.

– Você se saiu muito bem com o pudim. Está lindo e firme, mesmo sem o leite. – Lucy espreitava por baixo da tampa da panela.

– Oh, Lucy, você é um amor. Eu fiz com água no fim, um pouco de mel como adoçante, para poder guardar meu açúcar para a geleia. Nunca achei que agradeceria a guerra por alguma coisa, mas imagino que passaria a minha vida inteira sem ter a satisfação de criar o perfeito pudim sem leite!

– Muita gente em Londres gostaria de ter a receita. Minha prima me escreveu dizendo que estão reduzidos a um litro por semana. Pode imaginar? Você devia anotar os passos para o seu pudim em uma carta e enviá-la ao *Daily Telegraph*. Eles publicariam, você sabe.

– Eu não sabia – disse Saffy pensativamente. Seria mais uma publicação a acrescentar à sua pequena coleção. Não um acréscimo particularmente salutar, mas um recorte de jornal ainda assim. Ajudaria quando chegasse a hora de enviar seu manuscrito, e quem sabe o que mais poderia advir disso? Saffy gostava bastante da ideia de uma pequena coluna regular, algo como “Conselhos práticos da costureira Saffy para as senhoras”, um pequeno símbolo ilustrado no canto – sua Singer 201K, ou mesmo uma de suas galinhas! Sorriu, tão satisfeita e divertida com a fantasia como se fosse um *fait accompli*.

Lucy, enquanto isso, continuava falando sobre sua prima em Pimlico e o único ovo a que tinham direito por quinzena.

– Na semana passada, o dela estava estragado e, sabe da melhor? Recusaram-se a substituí-lo para ela.

– Mas isso é muita mesquinha! – Saffy ficou chocada. A costureira Saffy, ela imaginava, teria muito a dizer em questões como essa e não teria medo de fazer seus próprios gestos magnânimos como compensação. – Ora, mande-lhe alguns dos meus. E leve meia dúzia para você mesma.

A expressão de Lucy não podia ser de maior satisfação, mesmo que Saffy tivesse começado a distribuir pepitas de ouro maciço, e repentinamente Saffy ficou constrangida, forçando o espectro de seu *doppelgänger* do jornal a se dissolver. Foi com um ar de desculpas que ela disse:

– Temos mais ovos do que conseguimos comer, e tenho procurado uma maneira de lhe demonstrar minha gratidão; você tem vindo me ajudar tantas vezes depois que a guerra começou.

– Oh, srta. Saffy.

– Não vamos nos esquecer que eu ainda estaria clareando roupa com açúcar refinado se não fosse por você.

Lucy riu e disse:

– Ora, muito obrigada. Aceito sua oferta com muita gratidão.

Começaram a embrulhar os ovos juntas, rasgando pequenos quadrados de jornais velhos empilhados ao lado do fogão, e Saffy pensou pela centésima vez naquele dia em quanto gostava da companhia de sua antiga governanta e como lamentava a terem perdido. Quando se mudasse para seu pequeno apartamento, decidiu Saffy, daria o endereço a Lucy e a encorajaria a ir visitá-la para um chá sempre que fosse a Londres. Percy sem dúvida teria alguma coisa a dizer sobre isso – Percy tinha ideias um pouco tradicionais sobre classes e sua mistura –, mas Saffy não concordava. O companheirismo deveria ser valorizado, onde quer que fosse encontrado.

Um ronco de trovão ameaçou lá fora e Lucy abaixou a cabeça para espiar pela vidraça suja acima da pequena pia. Observou o céu escuro e franziu a testa.

– Se não houver mais nada, srta. Saffy, terminarei o que for preciso na sala e irei embora. O tempo está piorando e eu tenho uma reunião esta noite.

– Do movimento de voluntárias?

– Cantina, esta noite. É preciso manter esses bravos soldados alimentados.

– É verdade – concordou Saffy. – Por falar nisso, costurei algumas bonecas de pano para seu leilão de levantamento de fundos. Leve-as esta noite, se puder. Estão lá em cima, assim como – uma pausa para efeito teatral – “O Vestido”.

Lucy soltou a respiração e reduziu a voz a um sussurro, apesar de estarem sozinhas:

– Você o terminou!

– Bem a tempo de Juniper usá-lo esta noite. Eu o pendurei no sótão, para ser a primeira coisa que ela veja.

– Então, sem dúvida, vou lá em cima. Diga-me, ficou bonito?

– Divino.

– Fico muito contente. – Um instante de hesitação e Lucy tomou as mãos de Saffy delicadamente nas suas. – Tudo vai ser perfeito, você vai ver. Uma noite tão especial, com a volta da srta. Juniper de Londres finalmente.

– Só espero que a tempestade não atrase muito os trens.

Lucy sorriu.

– Vai ficar aliviada quando a vir em casa sã e salva.

– Não dormi uma única noite inteira desde que ela partiu.

– Preocupação. – Lucy sacudiu a cabeça com compaixão. – Você tem sido uma mãe para ela, e uma mãe nunca dorme direito quando está preocupada com seu filho.

– Oh, Lucy – os olhos de Saffy ficaram marejados de lágrimas –, eu *estou* preocupada. Muito preocupada. Sinto como se estivesse prendendo a respiração há meses.

– Mas não tem havido nenhum episódio, tem?

– Graças a Deus, não, e tenho certeza de que ela teria nos contado se tivesse havido. Nem mesmo Juniper esconderia algo tão sério.

A porta abriu-se com um estrondo e ambas se empertigaram abruptamente. Lucy soltou um gritinho estridente e Saffy quase o fez, lembrando-se desta vez de agarrar a lata e escondê-la às costas. Era apenas o vento recrudescendo lá fora, mas a interrupção foi suficiente para varrer a atmosfera agradável que havia ali dentro e levar o sorriso de Lucy com ela. Então Saffy compreendeu o que deixara Lucy tensa.

Achou melhor não dizer nada – o dia estava quase no fim e às vezes quanto menos se fala, menos se erra –, mas a tarde fora de tanta camaradagem, as duas trabalhando lado a lado na cozinha e na sala, e Saffy estava ansiosa para reparar a situação. Ela podia ter amigos – ela *precisava* ter amigos –, independentemente do que Percy sentisse. Clareou a garganta delicadamente.

– Que idade você tinha quando começou a trabalhar aqui, Lucy?

A resposta veio serenamente, como se ela já a esperasse:

– Dezesseis.

– Há 22 anos, então?

– Vinte e quatro. Era 1917.

– Você sempre foi uma das preferidas de papai, você sabe.

No forno, o recheio da torta começara a ferver dentro da crosta. As costas da ex-governanta endireitaram-se e ela suspirou, devagar e deliberadamente.

– Ele era bom para mim.

– E deve saber que tanto eu quanto Percy gostamos muito de você.

Com os ovos embrulhados, Lucy não tinha mais o que fazer na bancada distante. Ela cruzou os braços e falou suavemente:

– É muita bondade sua dizer isso, srta. Saffy, e desnecessário.

– Se você algum dia mudar de ideia, quando tudo estiver mais assentado, se você decidir que gostaria de voltar de uma maneira mais oficial...

– Não – disse Lucy. – Não. Obrigada.

– Eu a deixei constrangida – disse Saffy. – Desculpe-me, Lucy, querida. Eu não teria dito nada, só que não gosto de mal-entendidos. Percy não quis dizer nada, sabe. É o jeito dela.

– Realmente, não há necessidade...

– Ela não gosta de mudanças. Jamais gostou. Quase se consumiu quando foi mandada para o hospital com escarlatina quando criança.

– Saffy fez uma débil tentativa de alegrar os ânimos. – Às vezes, acho que ela ficaria feliz que nós três permanecêssemos juntas aqui em Milderhurst para sempre. Pode imaginar? Três velhinhas com os cabelos tão brancos e compridos que poderíamos nos sentar em cima...

– Acho que a srta. Juniper teria algo a dizer a respeito.

– Certamente. – Como a própria Saffy. Sentiu uma vontade premente de contar a Lucy sobre o pequeno apartamento em Londres, a escrivaninha sob a janela, o rádio na prateleira, mas reprimiu-a. Não era a hora. Em vez disso, falou: – Bem, nós dois lamentamos vê-la partir após tantos anos.

– Foi a guerra, srta. Saffy, eu tinha de fazer alguma coisa para ajudar; depois, com a morte de minha mãe e Harry...

Saffy abanou a mão.

– Não precisa explicar; compreendo perfeitamente. Coisas do coração e tudo o mais. Todas nós temos as nossas vidas para cuidar, Lucy, principalmente em uma época como esta. A guerra nos faz ver o que é importante, não é?

– Preciso ir andando.

– Sim. Tudo bem. E logo nos veremos de novo. Semana que vem, talvez, para fazer um *piccalilli* para o leilão? Minhas abobrinhas...

– Não – disse Lucy, um novo tom de tensão na voz. – Não. Não de novo. Eu não deveria ter vindo hoje, mas você parecia transtornada.

– Mas Lucy...

– Por favor, não me peça outra vez, Saffy. Não é direito.

Saffy ficou sem saber o que dizer. Outra rajada de ventania e um ronco distante de trovões. Lucy pegou os ovos embrulhados em um pano de pratos.

– Preciso ir – disse ela, mais gentilmente desta vez, o que de certa forma foi pior e quase fez Saffy chorar. – Vou buscar as bonecas, dar uma olhada no vestido de Juniper e depois vou embora.

E partiu.

A porta fechou-se e Saffy ficou sozinha outra vez na cozinha fumegante, segurando uma tigela de pasta de sardinhas e

quebrando a cabeça, imaginando o que havia acontecido para afastar sua amiga.

PERCY DESCEU A LADEIRA DA TENTERDEN ROAD, atravessou as pedras barulhentas do caminho de entrada e saltou da bicicleta.

“Em casa outra vez, em casa outra vez, *jiggety-jig*”, cantarolou baixinho, os cascalhos triturando sob suas botas. A babá lhes ensinara os versinhos quando elas eram muito pequenas, décadas atrás, mas a rima infantil sempre lhe vinha à mente quando atravessava da estrada para o caminho de entrada do castelo. Algumas cantigas, alguns versos eram assim; eles se alojavam e se recusavam a sair, por mais que uma pessoa se esforçasse. Não que Percy quisesse se livrar de “Jiggety Jig”. A querida babá com suas minúsculas mãos rosadas, sua certeza sobre todas as coisas, as agulhas clicando, quando ela ficava sentada junto à lareira do sótão à noite, tricotando até elas adormecerem. Como choraram quando ela comemorou seus 90 anos, aposentou-se e foi morar com uma sobrinha-neta na Cornualha. Saffy fora tão longe a ponto de ameaçar se jogar da janela do sótão em protesto, mas a declaração foi embotada pelo anúncio prévio e a babá não se deixou influenciar.

Apesar de já estar atrasada, Percy preferiu andar em vez de subir o caminho de bicicleta, deixando os campos familiares lhe darem as boas-vindas enquanto se estendiam de cada lado. A fazenda e suas casas de secagem à esquerda, o moinho mais além, os bosques distantes, à direita. Lembranças de milhares de tardes da infância pousadas nas árvores do bosque Cardarker, pestanejando para ela das sombras refrescantes. O excitante terror de se esconder dos escravistas brancos; procurar ossos de dragões; fazer longas caminhadas com seu pai em busca de antigas estradas romanas...

O caminho de entrada não era particularmente íngreme, e não era por falta de habilidade que Percy preferiu prosseguir a pé, mas porque gostava de caminhar. Seu pai fora um grande andarilho também, especialmente depois da Primeira Guerra Mundial. Antes de publicar seu livro e antes de conhecer Odette e se casar novamente,

e de nunca mais realmente pertencer a elas outra vez. O médico dissera que uma caminhada diária ajudaria sua perna, e ele passara a vagar pelos campos com a bengala que o sr. Morris deixara para trás depois de um dos fins de semana de sua avó.

– Vê como a ponta balança à minha frente a cada passo? – dissera ele quando passeavam juntos ao longo do riacho Roving em uma tarde de outono. – É como deve ser. Boa e sólida. É um lembrete.

– De quê, papai?

Ele franzira a testa diante da margem escorregadia como se as palavras certas pudessem estar escondidas ali, entre os juncos.

– Ora... Que eu também sou sólido, espero.

Ela não compreendera o significado na época; apenas presumira que ele estivesse encantado com o peso da bengala. Certamente não insistiu na pergunta. A posição de Percy como companheira de caminhadas era tênue, as regras que regiam sua continuação eram firmes. Caminhar era, segundo a doutrina de Raymond Blythe, um momento de contemplação; em raras ocasiões, quando ambas as partes estavam receptivas, de discussão de história, poesia ou natureza. Tagarelas certamente não eram tolerados, e o rótulo, uma vez atribuído, nunca se perdia, para grande mortificação da pobre Saffy. Muitas foram as vezes em que Percy olhara para trás na direção do castelo conforme ela e seu pai partiam em seu passeio, para ver Saffy de cara fechada, olhando para eles da janela do quarto no sótão. Percy sempre sentira uma pontada de compaixão pela irmã, mas nunca grande o suficiente para se deixar ficar. Imaginava que a preferência era apenas uma recompensa pelas inúmeras vezes que Saffy monopolizara os ouvidos do pai, fazendo-o sorrir enquanto ela lia em voz alta as espirituosas historinhas que escrevera; mais recentemente, era recompensada pelos meses que haviam passado juntos, os dois, imediatamente depois de seu retorno da guerra, quando Percy fora enviada embora, para o tratamento da escarlatina...

Percy chegou à primeira ponte e parou, encostando a bicicleta contra o corrimão. Ela não podia ver a casa dali, ainda não; continuava escondida entre seus bosques e não poderia ser

inteiramente vista enquanto ela não chegasse à segunda, e menor, ponte. Ela inclinou-se sobre a balaustrada e examinou o córrego embaixo. A água girava e murmurava onde as margens se alargavam, hesitando um pouco antes de continuar na direção dos bosques. O reflexo de Percy, escuro contra o céu branco espelhado, ondulava no meio mais liso, mais profundo.

Mais além ficava o campo de lúpulo onde ela fumara seu primeiro cigarro. Ela e Saffy juntas, dando risadinhas sobre a cigarreira roubada, tirada de um dos amigos mais pomposos de seu pai enquanto ele assava seus tornozelos grossos junto ao lago em um sufocante dia de verão.

Um cigarro...

Percy tateou o bolso do peito de seu uniforme, o cilindro firme sob as pontas dos dedos. Tendo enrolado o maldito cigarro, agora devia apreciá-lo, não? Percy tinha a impressão de que, depois que entrasse na confusão do castelo, um cigarro tranquilo seria apenas um sonho distante.

Virou-se, apoiando-se contra o corrimão, acendeu um fósforo e inalou, prendendo a respiração por um instante antes de soltá-la. Meu Deus, como adorava tabaco. Percy às vezes achava que ficaria feliz em viver sozinha, nunca mais dizer sequer uma palavra a nenhuma alma viva, com a condição de que pudesse fazer isso ali em Milderhurst com um suprimento infindável de cigarros como companhia.

Nem sempre ela fora assim tão lamentavelmente solitária. E mesmo agora ela sabia que a fantasia – embora certamente não sem seus consolos – não passava realmente disso, uma fantasia. Jamais suportaria ficar longe de Saffy, não por muito tempo. Nem de Juniper. Fazia quatro meses desde que a irmã caçula se mudara para Londres, e as duas que ficaram em casa se comportaram nesse ínterim como uma dupla de velhinhas torcendo seus lenços: especulando se ela teria meias quentes suficientes, enviando ovos frescos a Londres por qualquer pessoa que soubessem que faria a viagem, lendo suas cartas em voz alta durante o café da manhã, na tentativa de discernir seu estado de espírito, sua saúde, seus pensamentos. Cartas, incidentalmente, em que nenhuma menção –

velada ou não – era feita da possibilidade de casamento, muito obrigada, sra. Potts! A ideia era ridícula para qualquer um que conhecesse Juniper. Enquanto algumas mulheres eram feitas para casamento e carrinhos de bebê, outras, decididamente, não eram. Seu pai sabia disso, razão pela qual havia arranjado as coisas da maneira como fizera, para garantir que haveria alguém para tomar conta de Juniper depois que ele se fosse.

Percy soltou uma baforada com um acesso de contrariedade e amassou o toco do cigarro sob a bota. A lembrança da administradora da agência dos correios a fez se lembrar da correspondência que pegara e ela a retirou de sua bolsa, uma desculpa para se demorar um pouco mais na tranquilidade de sua própria companhia.

Eram três itens ao todo, como a sra. Potts dissera: um embrulho de Meredith para Juniper, um envelope datilografado endereçado a Saffy e outra carta com seu próprio nome escrito na frente. A letra, com seus floreados, não podia pertencer senão à prima Emily, e Percy rasgou o envelope ansiosamente, virando a página de cima de modo a captar o restante da luz do dia e poder enxergar o que estava escrito.

À exceção da vez infame em que ela tingiu o cabelo de Saffy de azul, Emily carregava o honroso título de prima favorita desde a infância das gêmeas Blythe. O fato de seu único desafio advir das pomposas primas de Cambridge, as primas magras e estranhas do Norte, e de sua própria irmã mais nova, Pippa, cuja infeliz tendência a chorar à menor provocação lhe valeu desqualificação imediata, não deixava a honra menos sincera. Uma visita de Emily sempre fora causa de grande comemoração em Milderhurst, e sem ela a infância das gêmeas teria sido uma época mais estagnada. Percy e Saffy eram muito próximas, como os gêmeos costumam ser, mas não eram do tipo cuja ligação excluía todos os demais. Na verdade, eram uma dupla cuja amizade era melhorada pela incorporação de uma terceira pessoa. Enquanto cresciam, a vila estava cheia de crianças com quem poderiam ter brincado, se não fosse pela desconfiança que seu pai nutria por estranhos. Querido pai, ele fora um terrível esnoabe a seu modo, só que teria ficado chocado se fosse rotulado

como tal. Não era dinheiro ou status o que admirava, mas inteligência; o talento era a moeda com a qual ele buscava se cercar.

Emily, abençoada com ambos, recebera o selo de aprovação de Raymond Blythe e, assim, fora chamada a passar todo verão em Milderhurst. Ela até angariara acesso às noites da família Blythe, um torneio mais ou menos regular, instituído por sua avó quando seu pai era criança. Em uma manhã auspiciosa, ouvia-se a convocação – “Noite da família Blythe!”, e a expectativa animaria a casa o dia inteiro. Dicionários eram localizados, lápis apontados e mentes afiadas, e finalmente, uma vez terminado o jantar, todos se reuniam na sala de estar. Os competidores assumiam uma posição à mesa ou em uma poltrona favorita, e finalmente seu pai fazia sua entrada triunfal. Ele sempre se afastava de atividades gerais em dia de torneio, refugiando-se na torre para preparar sua lista de desafios, que eram anunciados em uma espécie de cerimônia. As especificidades do jogo variavam, mas de modo geral um lugar, um personagem e uma palavra eram fornecidos, depois o maior cronômetro de cozinhar ovo da cozinheira era acionado e começava a corrida para elaborar a mais divertida história de ficção.

Percy – inteligente, mas não brilhante, que adorava ouvir, mas não contar, que escrevia devagar e meticulosamente quando ficava nervosa e fazia tudo soar terrivelmente empolado – temera e menosprezara essas noites, até que, inteiramente por acaso, aos 12 anos, ela descobriu a anistia concedida ao responsável oficial pela marcação dos pontos do jogo. Enquanto Emily e Saffy – cuja devoção uma à outra apenas alimentava a competição entre elas – suavam sobre suas histórias, franziam as sobrancelhas, mordiam o lábio e faziam seus lápis correrem pelas páginas, disputando acirradamente o elogio de seu pai, Percy ficava sentada serenamente esperando a diversão. Ambas eram igualmente dotadas para a redação, Saffy talvez um pouco mais forte em vocabulário; entretanto, o humor malévolos de Emily dava-lhe uma grande vantagem e durante algum tempo fora evidente que seu pai desconfiava que o dom da família florescesse especialmente nela. Isso foi antes de Juniper nascer, é claro, com um talento precoce que eclipsou todos os demais.

Se Emily ressentiu-se quando a atenção de seu pai mudou de órbita, sua recuperação fora rápida. Suas visitas continuaram alegres e regulares por muitos anos, até muito depois da infância, até aquele último verão de 1925, o último antes de ela se casar e tudo terminar. A grande vantagem de Emily, Percy sempre desconfiara, era que, apesar de seus talentos, ela nunca possuía um temperamento de artista. Era muito equilibrada, muito boa em esportes, muito alegre e benquista para trilhar o caminho de escritora. Nem um leve sopro de neuroses. Muito melhor para Emily o destino que lhe coube depois que a atenção de seu pai desapareceu: casamento com um bom partido, um bando de filhos sardentos, uma casa imponente de frente para o mar e, agora, segundo sua carta, um casal de amorosos porcos. A carta inteira era pouco mais do que uma coleção de anedotas da vila de Devonshire onde Emily morava – notícias sobre seu marido e filhos, as aventuras dos oficiais da ARP local, a obsessão de seu idoso vizinho com sua bomba de estribo –, mas Percy ria enquanto a lia. Ainda sorria quando chegou ao fim, dobrou cuidadosamente a carta e enfiou-a de volta no envelope.

Então, ela rasgou o envelope ao meio, depois ao meio outra vez, enfiando-o no fundo de seu bolso enquanto continuava a subir o caminho. Fez uma anotação mental de jogar os pedaços na lata de lixo antes de seu uniforme ir para a pilha de roupa suja. Melhor ainda, queimaria os pedaços naquela tarde mesmo e Saffy nem ficaria sabendo.

O FATO DE JUNIPER, a única Blythe de que se tinha notícia a não ocupar o quarto de crianças no sótão na infância, acordar na manhã de seu décimo terceiro aniversário, atirar alguns pertences favoritos dentro de uma fronha, depois subir, resoluta, para reivindicar seu direito de dormir no sótão, não surpreendera ninguém. A perfeita rebeldia do acontecimento estava tão de acordo com a Juniper que conheciam e amavam que, durante muitos anos, sempre que alguém tocava no assunto, a progressão dos fatos parecia completamente natural e acabavam debatendo a própria ideia de que o caso todo não tinha sido planejado com antecedência. De sua parte, Juniper disse muito pouco sobre a questão, tanto na ocasião quanto posteriormente: um dia ela dormia em seu pequeno quarto contíguo ao de seus pais no segundo andar, no outro ela dominava o sótão. O que mais alguém *podia* dizer?

Mais reveladora do que a mudança de Juniper para o quarto de crianças, Saffy sempre achou, foi a maneira pela qual ela arrastou uma capa invisível de curioso glamour atrás dela. O sótão – um posto avançado do castelo, o lugar para onde as crianças tradicionalmente eram banidas até que por idade ou atributos fossem consideradas dignas do interesse dos adultos, um quarto de teto baixo e infestado de ratos, de invernos gélidos e verões escaldantes, a saída por onde todas as chaminés passavam a caminho da liberdade – repentinamente pareceu cantarolar. Pessoas sem absolutamente nenhuma razão para se sujeitarem à escalada começaram a gravitar para o quarto de crianças. “Só vou dar uma espiada”, costumavam dizer, antes de desaparecerem pelas escadas, apenas para reaparecerem um pouco acanhadamente mais ou menos uma hora depois. Saffy e Percy trocavam um olhar divertido e se entretinham com suposições sobre o que, em nome de Deus, o pobre e desavisado visitante estivera fazendo lá em cima quando uma coisa era certa: Juniper não andara bancando a anfitriã. Não

que sua irmã caçula fosse indelicada, mas tampouco era muito afável, e não havia nenhuma companhia que ela apreciasse mais do que a dela própria. O que era bom, considerando-se que tivera bem poucas oportunidades de conhecer outras pessoas. Não havia primos de sua idade, nem amigos da família, e seu pai fizera questão de que ela fosse educada em casa. O melhor que Saffy e Percy podiam imaginar é que Juniper ignorasse suas visitas completamente, deixando-as à vontade para perderem tempo sem serem incomodadas no absoluto caos de seu quarto, até que finalmente elas se cansassem e resolvessem ir embora. Era um dos dons mais estranhos e mais indefiníveis de Juniper e que ela possuía toda a sua vida: um magnetismo tão forte que era digno de estudo e classificação médica. Até mesmo pessoas que não gostavam de Juniper queriam ser apreciadas por ela.

A última coisa na mente de Saffy, entretanto, enquanto subia a escada mais alta pela segunda vez neste dia, era desvendar os mistérios do encanto da irmã caçula. A tempestade estava se formando mais depressa do que a patrulha da Home Guard do sr. Potts, e as janelas do sótão estavam escancaradas. Ela as notara quando estava sentada no galinheiro, afagando as penas de Helen-Melon e se afligindo com a repentina sudez de Lucy. A ignição de uma luz atraiu sua atenção e ela ergueu os olhos, vendo Lucy recolhendo as bonecas de pano da sala de costura. Ela seguiu os passos da governanta – uma sombra quando passara pela janela do segundo andar, um derramamento da luz restante do dia quando ela abriu a porta do corredor, depois a passagem de um ou dois minutos até uma luz tremular na escada superior que levava ao sótão. Foi então que Saffy lembrou-se das janelas. Ela própria as abrira naquela manhã, na esperança de que o ar fresco do dia pudesse eliminar meses de estagnação. Fora uma alentada esperança, uma de cuja realização Saffy duvidava, mas era melhor, sem dúvida, tentar e fracassar do que atirar os braços para o alto em desespero, não? Agora, no entanto, com o cheiro de chuva na brisa, ela precisava fechá-las. Observou até ver a luz se extinguir no vão da escada, esperou mais cinco minutos, depois, achando seguro se

aventurar escada acima sem medo de se defrontar com Lucy, dirigiu-se para dentro de casa.



Tomando um grande cuidado para evitar o terceiro degrau a partir de cima – a última coisa que Saffy precisava esta noite era de uma travessura do fantasma de seu pequeno tio –, ela abriu a porta do quarto de crianças e acendeu a luz. Acendeu-se fracamente, como todos os aparelhos elétricos de Milderhurst, e Saffy parou por um instante no vão da porta. Independentemente da luz turva, era um costume seu quando considerava uma incursão nos domínios de Juniper. Havia poucos aposentos no mundo, Saffy suspeitava, em que fosse tão prudente planejar uma rota antes de tentar entrar. Imundície era talvez ir um pouco longe demais, mas apenas um pouco.

O cheiro, ela notou, continuava; a mistura de fumaça rançosa de cigarro e de tinta, cachorro molhado e rato selvagem estava arraigada demais para um único dia de brisa fresca. O cheiro de cachorro era facilmente explicável – o pateta Poe de Juniper havia definhado em sua ausência, dividindo seu abatimento entre a cabeceira do caminho de entrada e o pé de sua cama. Quanto aos ratos, Saffy não tinha certeza se Juniper andara alimentando-os propositadamente ou se os pequenos oportunistas estavam apenas se beneficiando de sua desmazelada ocupação do sótão. Qualquer das duas hipóteses era possível. E embora ela não confessasse isso aos quatro ventos, Saffy gostava bastante do cheiro de ratos; fazia-a lembrar-se de Clementina, que ela comprara na seção de animais de estimação da Harrods na manhã de seu oitavo aniversário. Tina fora uma companheira muito querida, até a infeliz altercação com a cobra de Percy, Cyrus. Os ratos eram uma raça muito caluniada, mais limpos do que as pessoas acreditavam e muito companheiros, a nobreza do mundo de roedores.

Tendo vislumbrado um caminho mais livre até a janela mais distante – um legado de sua expedição prévia –, Saffy começou a atravessar a confusão cautelosamente. Se a babá ao menos pudesse ver o lugar agora! Idos eram os dias limpos, arrumados de seu

reinado, as ceias noturnas supervisionadas, a pequena vassoura usada à noite para recolher migalhas, as duas escrivatinhas gêmeas contra a parede, o cheiro permanente de cera e sabonete Pears. Não, a época da babá definitivamente terminara; substituída, ao que parecia a Saffy, pela anarquia. Papéis, papéis por toda parte, borrados com estranhas instruções, ilustrações, perguntas que Juniper escrevera para si mesma; montículos de algodão ajuntando-se alegremente, guarnecendo os rodapés como damas de companhia em um baile. Havia coisas pregadas nas paredes: fotos de pessoas e de lugares e palavras estranhamente reunidas que tinham, por alguma razão inexplicável, capturado a imaginação de Juniper; e o chão era um mar de livros, peças de roupas, xícaras com o interior duvidosamente manchado, cinzeiros improvisados, bonecas favoritas com os olhos piscando, velhos bilhetes de ônibus rabiscados pelos cantos. O conjunto deixava Saffy zozna e decididamente nauseada. Aquilo embaixo da colcha seria uma crosta de pão? Se fosse, agora já estava dura como uma peça de museu.

Embora ir arrumando as coisas atrás de Juniper fosse um péssimo hábito e um contra o qual Saffy muito tempo atrás declarara guerra e vencera, nesta ocasião ela não conseguiu se conter. Desordem era uma coisa, comestíveis, outra bem diferente. Com um estremecimento, ela abaixou-se, envolveu o resto de pão duro como pedra na colcha e correu para a janela mais próxima, soltando a crosta e procurando ouvir a pancada surda quando ela atingiu a velha grama do fosso embaixo. Outro estremecimento quando sacudiu a colcha, depois ela fechou a janela e cerrou as cortinas grossas.

A colcha ensebada e puída precisaria ser lavada e remendada, mas isso ficaria para outro dia; por enquanto, Saffy teria de se contentar em dobrá-la. Não com perfeição, é claro – embora Juniper, era seguro presumir, nem fosse notar, nem se importar –, apenas o suficiente para restituir-lhe um pouco de dignidade. A colcha, Saffy pensou amorosamente, juntando as pontas com os braços estendidos, merecia mais do que uma licença de quatro meses no chão, servindo de coberta para um pedaço de pão bolorento. Fora um presente originalmente; uma das mulheres dos fazendeiros da

propriedade a havia costurado para Juniper fazia muitos anos, esse sendo o tipo de afeto não solicitado que Juniper tendia a inspirar. Embora a maioria das pessoas ficasse sensibilizada por tal gesto, obrigada por isso a tomar cuidado especial com o presente, Juniper não era a maioria. Não dava mais valor à criação alheia do que dava à sua própria. Esse era um dos aspectos da personalidade de sua irmã caçula que Saffy achava mais difícil de compreender, e ela suspirou ao absorver o outono de papéis espalhados pelo assoalho.

Procurou um lugar para deixar a colcha dobrada e decidiu-se por uma cadeira próxima. Havia um livro aberto em cima de uma pilha de outros e Saffy, patologicamente literata, não pôde deixar de folhear de volta à página do título para ver qual era. *Livro do velho gambá sobre gatos travessos*, com dedicatória a Juniper, de T. S. Eliot depois que ele veio visitar e seu pai lhe mostrou alguns dos poemas de June. Saffy não tinha muita certeza a respeito de Thomas Eliot; ela o admirava, é claro, como um artesão das palavras, mas havia um pessimismo em sua alma, um aspecto sombrio em sua aparência, que sempre a deixavam de certa forma mais cônica de arestas duras do que antes. Não tanto com os gatos, caprichosos por si mesmos, mas com seus outros poemas. Sua obsessão com o tique-taque de relógios e a passagem do tempo, parecia a Saffy, era uma receita para a depressão que ela podia muito bem dispensar.

Os sentimentos de Juniper a respeito não eram claros. Isso não era uma surpresa. Se Juniper fosse personagem de um livro, Saffy sempre pensava, ela seria o tipo cuja evocação era mais bem limitada às reações dos outros, cujo ponto de vista era impossível de decifrar sem o risco de transformar a ambivalência em verdades absolutas. Palavras como “cativante”, “etérea” e “capciosa” seriam de um valor inestimável para o autor, juntamente com “feroz” e “temerária”, e mesmo, vez por outra – apesar de Saffy saber que não devia nunca dizer isso em voz alta –, “violenta”. Nas mãos de Eliot, ela seria “Juniper, a gata *au contraire*”. Saffy sorriu, satisfeita com a ideia, e limpou os dedos nos joelhos; Juniper era realmente um pouco felina, afinal: os olhos afastados com seu olhar fixo, a leveza de movimentos, a resistência a atenções não solicitadas.

Saffy começou a patinhar pelo mar de papéis em direção às outras janelas, permitindo-se um breve desvio pelo armário onde o vestido estava pendurado. Ela o levava para cima naquela manhã, assim que teve certeza de que Percy já estava longe de casa; tirara o vestido de seu esconderijo e o segurara sobre os braços como a princesa adormecida de um conto de fadas. Tivera de entortar um cabide de casaco para que a seda pudesse deslizar contra a parte externa do guarda-roupa, de frente para a porta, mas isso foi necessário. O vestido devia ser a primeira coisa que Juniper visse quando abrisse a porta naquela noite e acendesse a luz.

Agora, o vestido: lá estava o exemplo perfeito da desconhecida Juniper. A carta, quando chegou de Londres, fora uma tal surpresa que se Saffy não tivesse testemunhado uma vida inteira de repentinas “reviravoltas” teria achado que se tratava de uma brincadeira. Se havia uma coisa em sua irmã na qual ela apostaria, era a seguinte: Juniper não dava a mínima para roupas. Ela passara a infância inteira em simples algodão branco e pés descalços, e tinha uma curiosa aptidão para reduzir qualquer vestido novo, por mais interessante que fosse, a um saco amorfo após duas horas de uso. Apesar de Saffy ter conservado alguma esperança, a maturidade não a mudara. Enquanto outras jovens de 17 anos ansiavam para ir a Londres para sua primeira temporada, Juniper não mencionara sequer o assunto, lançando um olhar de tal intensidade fulminante quando ela apenas mencionou a possibilidade de que a queimadura doeu durante semanas. O que era bom, já que seu pai jamais permitiria. Ela era sua “criatura do castelo”, como costumava dizer, não havia necessidade de jamais deixá-lo. O que uma jovem como ela poderia querer de uma rodada de bailes de debutantes, de qualquer modo?

O apressado *postscript* na carta de Juniper, portanto, perguntando a Saffy se ela poderia montar um vestido, algo que se pudesse usar em um baile – não havia uma velha túnica de sua mãe em algum lugar?; algo que ela usara em Londres, pouco antes de morrer; talvez pudesse ser reformado? – fora absolutamente assombroso. Juniper fizera questão de endereçar a carta apenas a Saffy; portanto, embora ela e Percy geralmente trabalhassem em conjunto

no que se referia a Juniper, Saffy considerou o pedido secretamente. Após muita reflexão, ela chegara à conclusão de que a vida na cidade devia ter mudado sua irmã caçula; imaginou se Juniper haveria mudado também em outros aspectos, se ela iria querer se mudar definitivamente para Londres depois da guerra. Longe de Milderhurst, não importa o que seu pai tivesse desejado para ela.

Independentemente do motivo do pedido de Juniper, foi um prazer para Saffy realizá-lo. Juntamente com sua máquina de escrever, a Singer 201K de Saffy – sem dúvida, o melhor modelo já fabricado – era seu orgulho e alegria, e apesar de ter costurado muito desde o início da guerra, tudo fora prático. A oportunidade de deixar de lado as pilhas de cobertores e pijamas hospitalares por algum tempo e trabalhar em um projeto de moda fora empolgante, particularmente o projeto que Juniper sugerira. Pois Saffy soube imediatamente qual era o vestido a que sua irmã se referira; ela o admirara mesmo naquela época, naquela noite inesquecível de 1924, quando sua madrastra o usara para a *première* em Londres da peça de seu pai. Estava guardado desde então, na sala de documentos, que era hermeticamente fechada e, portanto, o único lugar no castelo onde estaria a salvo de traças e deterioração.

Saffy correu os dedos de leve pelos lados da saia de seda. A cor era realmente primorosa. Um tom rosado lustroso, como a parte de baixo dos cogumelos silvestres que cresciam junto ao moinho, o tipo de cor que um olhar menos cuidadoso poderia confundir com creme, mas que recompensava uma atenção mais minuciosa. Saffy trabalhara na reforma do vestido durante semanas, quase em segredo, e a duplicidade, o esforço valeram a pena. Levantou a barra para verificar outra vez a perfeição de seu trabalho manual, depois, satisfeita, alisou-a. Deu um pequeno passo para trás, para melhor admirar o efeito. Sim, era maravilhoso; ela tomara uma peça que era bonita, mas antiquada, e, equipada com as edições favoritas de sua coleção da revista *Vogue*, transformara-a em uma obra de arte. E se isso soasse presunçoso, que fosse. Saffy tinha plena consciência de que esta pudesse ser sua última oportunidade de ver o vestido em toda a sua glória (a triste verdade: depois que Juniper se apoderasse dele, não haveria como saber que destino cruel o

aguardava); não estava disposta a desperdiçar o momento aderindo às maçantes limitações da falsa modéstia.

Com uma olhadela para trás, Saffy tirou o vestido do cabide e sentiu seu peso nas mãos; todos os melhores vestidos tinham um peso agradável. Inseriu um dedo sob cada uma das tiras dos ombros e suspendeu-o à sua frente, mordendo o lábio inferior enquanto se olhava no espelho. Permaneceu ali, a cabeça inclinada para o lado, um maneirismo de criança do qual nunca conseguira se livrar, e daquela distância e naquela meia-luz a passagem inclemente dos anos poderia nunca ter acontecido. Se ela estreitasse um pouco os olhos, sorrisse mais largamente, ainda poderia ser a jovem de 19 anos que ficara ao lado da madrastra na première de Londres de seu pai, invejando o vestido rosa pálido e prometendo a si mesma que um dia ela também usaria algo tão maravilhoso, talvez até mesmo em seu próprio casamento.

Saffy recolocou-o no cabide, tropeçando em um copo de vidro no processo, um do conjunto que seus pais receberam dos Asquith em seu casamento. Suspirou; a irreverência de Juniper realmente não tinha limites. Tudo bem para Juniper, mas Saffy, tendo visto o copo, não podia mais ignorá-lo. Abaixou-se para pegá-lo e já começava a se endireitar de novo quando avistou uma xícara Limoges embaixo de um velho jornal; antes que percebesse, já havia transgredido sua própria regra de ouro e estava de quatro, limpando. A pilha de louças que ela juntou em um minuto não fez a menor diferença na desordem total. Todos aqueles papéis, todas aquelas palavras rabiscadas.

A bagunça, a impossibilidade de jamais refazer a ordem outra vez, de recuperar um antigo pensamento, era quase uma dor física para Saffy. Pois embora ela e Juniper fossem ambas escritoras, seus métodos eram totalmente opostos. Saffy tinha por hábito dedicar horas preciosas todos os dias para sentar-se tranquilamente, tendo por única companhia um caderno de anotações, a caneta-tinteiro que seu pai lhe dera de presente de aniversário quando completara 16 anos e um pote de chá forte recém-preparado. Assim equipada, ela passava a trabalhar as palavras cuidadosamente, devagar, ordenando-as de forma agradável, escrevendo e reescrevendo,

editando e aperfeiçoando, lendo em voz alta e usufruindo o prazer de trazer à vida a história de sua heroína Adele. Somente quando estava absolutamente satisfeita com o trabalho do dia é que ela se retirava para sua Olivetti e datilografava o novo parágrafo.

Juniper, por outro lado, trabalhava como alguém que quer se ver livre de um emaranhamento. Ela o fazia onde quer que a inspiração a encontrasse, escrevendo às pressas, largando para trás seus pedaços de poemas, imagens fragmentadas, advérbios fora de lugar, mas de certa forma mais contundentes por essa razão; tudo largado pelo castelo, espalhado como migalhas de pão, conduzindo até a “casinha de biscoitos” que era o quarto de crianças no topo das escadas. Saffy às vezes os encontrava quando estava fazendo a limpeza – páginas borradas de tinta no assoalho, atrás do sofá, embaixo do tapete – e ela se entregava à imagem evocada de um antigo trirreme romano, vela içada, o vento enfunando-a, uma ordem gritada no convés enquanto à proa os amantes secretos se escondiam, à beira da captura – apenas para a história então ser abandonada, vítima do interesse inconstante, fugaz de Juniper.

Em outras vezes, histórias inteiras eram começadas e terminadas em acessos frenéticos de composição: manias, Saffy às vezes pensava, embora essa não fosse uma palavra que algum dos Blythe usasse levianamente, certamente não em relação a Juniper. A irmã caçula deixava de comparecer à mesa e via-se luz filtrando-se através das tábuas do assoalho do quarto de crianças, uma faixa luminosa sob a porta. Seu pai lhes ordenava que não a perturbassem, dizendo que as necessidades do corpo eram secundárias às exigências do talento, mas Saffy sempre levava furtivamente um prato para cima quando ele não estava olhando. Não que em algum momento fosse tocado: Juniper apenas continuava rabiscando a noite inteira. Aos arrancos, ardendo, como aquelas febres tropicais que as pessoas pareciam estar sempre pegando, e por pouco tempo, de modo que no dia seguinte tudo estaria calmo. Ela emergia do sótão: cansada, zozna e vazia. Bocejando e espreguiçando-se à sua maneira felina, o demônio exorcizado e completamente esquecido.

E esse era o aspecto mais estranho para Saffy, que arquivava suas próprias composições – rascunhos e versões finais – em caixas tampadas iguais, perfeitamente empilhadas para a posteridade na sala de arquivos; que sempre trabalhava em prol da emoção de encadernar sua obra e pressioná-la nas mãos de um leitor. Juniper não tinha absolutamente nenhum interesse se seu trabalho era lido ou não. Não havia nenhuma falsa modéstia no fato de não mostrar seus escritos a outra pessoa; ela simplesmente não dava a mínima. Uma vez escrito, perdia todo o interesse para ela. Percy, quando Saffy mencionara isso, ficara perplexa, mas isso já era de esperar. Pobre Percy, sem um único osso criativo no corpo...

Ora, ora! Saffy parou, ainda de quatro; o que aparecia sob o matagal de papéis senão a colher de servir de prata da sua avó! Exatamente aquela que ela passara a metade do dia procurando! Sentou-se de cócoras, pressionando as mãos abertas nas coxas, forçando a parte inferior de sua coluna. E pensar que durante todo o tempo, enquanto ela e Lucy reviravam as gavetas, a colher estava enfiada sob o entulho no quarto de Juniper. Saffy estava prestes a retirá-la de seu lugar de descanso – havia uma curiosa mancha em seu cabo que iria requerer atenção – quando viu que servia como uma espécie de marcador de livro. Ela abriu o caderno – mais da escrita rabiscada de Juniper, mas esta página estava datada. Os olhos de Saffy, treinados por uma vida inteira de leitura voraz, eram mais rápidos do que suas boas maneiras, e, na fração de segundo necessária para pestanejar, ela percebeu que o caderno era um diário, a anotação recente. Maio de 1941, logo antes de Juniper partir para Londres.

Era simplesmente terrível ler o diário de outra pessoa, e Saffy ficaria humilhada se sua própria privacidade fosse invadida desta maneira. Juniper, porém, nunca se importara com regras de conduta e, de certo modo e de uma forma que Saffy compreendia, mas não conseguia colocar em palavras, esse fato lhe dava o direito de dar uma olhada. Na verdade, o hábito de Juniper de deixar papéis pessoais flagrantemente espalhados a céu aberto era um convite, sem dúvida, para sua irmã mais velha, na realidade uma figura de mãe, assegurar que tudo estivesse em ordem. Juniper tinha quase

19 anos, mas ela era um caso especial, não era responsável por si mesma como a maioria dos adultos. Como Saffy e Percy poderiam agir como guardiões de Juniper senão tornando suas a preocupação de conhecer as atividades da irmã mais nova? A babá não teria pensado duas vezes em folhear diários e cartas deixados à mostra por seus responsáveis, razão pela qual as gêmeas se davam a tanto trabalho de fazer um rodízio de seus esconderijos. O fato de Juniper não se importar era prova suficiente para Saffy de que a irmã menor apreciava o interesse maternal em seus assuntos. E ela estava ali agora, e o diário de Juniper estava jogado ali bem à sua frente, aberto em uma página relativamente recente. Ora... era quase falta de interesse e de afeto, não era, não dar uma pequenina espiada?

HAVIA OUTRA BICICLETA REPOSTADA contra os degraus da frente onde Percy passara a deixar a sua própria quando estava cansada demais, com preguiça ou simplesmente com muita pressa para guardá-la nos estábulos. O que sempre acontecia. Isso era incomum – Saffy não mencionara convidados além de Juniper e o sujeito, Thomas Cavill, ambos chegando de ônibus e definitivamente não de bicicleta.

Percy subiu as escadas, revirando sua bolsa à procura da chave. Desde que a guerra começara, Saffy fazia questão de que as portas fossem mantidas trancadas, convencida de que Milderhurst teria um círculo vermelho no mapa de invasão de Hitler e as irmãs Blythe estariam marcadas para serem detidas, ao que Percy não se opunha, exceto pelo fato de que a sua chave da porta da frente parecia estar sempre se escondendo dela.

Os patos matraqueavam no lago atrás dela; a massa escura do bosque Cardarker fremia; os trovões roncavam, agora mais perto; e o tempo parecia se esticar como elástico. Exatamente quando estava prestes a desistir e começar a bater na porta, ela se abriu e Lucy Middleton estava ali, uma echarpe sobre os cabelos e uma fraca lanterna de bicicleta na mão.

– Oh, meu Deus! – A mão livre da ex-governanta saltou ao seu peito. – Você me assustou.

Percy abriu a boca, mas, não encontrando nenhuma palavra, fechou-a outra vez. Parou de procurar a chave e jogou a bolsa por cima do ombro. Ainda em silêncio.

– Eu... Estive ajudando na casa. – O rosto de Lucy estava ruborizado. – A srta. Saffy me telefonou. Hoje cedo. Nenhuma de suas diaristas estava disponível.

Percy limpou a garganta e imediatamente se arrependeu. A rouquidão resultante conotou nervosismo, e Lucy Middleton era a última pessoa diante da qual ela queria parecer pouco firme.

– Tudo está arranjado, então? Para esta noite?

– A torta de coelho está no forno e deixei instruções com a srta. Saffy.

– Sei.

– O jantar vai cozinhar devagar. É bem provável que a srta. Saffy entre em ebulição primeiro.

Era uma piada, bastante engraçada, mas Percy demorou um pouco a rir. Procurou mais alguma coisa para dizer, mas havia demais e muito pouco, e Lucy Middleton, que ficara parada esperando por mais alguma coisa, deve ter percebido que não haveria mais nada, porque começou, um pouco desajeitadamente, a dar a volta em Percy para pegar sua bicicleta.

Não, não era mais Middleton. Lucy Rogers. Já se passara mais de um ano desde que ela e Harry se casaram. Quase 18 meses.

– Bom-dia, srta. Blythe. – Lucy montou em sua bicicleta.

– Seu marido? – disse Percy rapidamente, desprezando-se ao fazê-lo. – Ele vai bem?

Lucy não a olhou nos olhos.

– Vai.

– E você também, é claro.

– Sim.

– E o bebê.

Quase um sussurro:

– Também.

Sua postura era a de uma criança esperando ser repreendida ou, pior, levar uma surra, e Percy foi tomada pelo repentino, fervoroso desejo de atender a expectativa. Não o fez, é claro, adotando, em vez disso, um tom descontraído, menos precipitado do que antes, quase cordial, e dizendo:

– Você deve comentar com seu marido que o relógio de carrilhão no corredor ainda está adiantando. Ele bate a hora certa dez minutos antes do que deveria.

– Sim, senhora.

– Creio não ter imaginado que ele nutre um sentimento especial pelo velho relógio, não?

Lucy recusou-se a fitá-la nos olhos, mas proferiu uma resposta vaga antes de montar em sua bicicleta e começar a pedalar em

direção à cabeceira do caminho de entrada, a lanterna rabiscando uma mensagem trêmula no chão à sua frente.



Com o barulho da porta da frente embaixo, Saffy fechou o diário com um golpe. Seu sangue latejava, quente nas têmporas, nas faces, na pele esticada, retesada sobre os seios. Sua pulsação estava mais acelerada do que a de um passarinho. Bem. Ficou parada, trêmula, tentando se levantar do chão. Isso sem dúvida eliminava um pouco da adivinhação: o mistério da noite à frente, a reforma do vestido, o jovem convidado. Não um estranho cavalheiro, absolutamente. Não. Não um estranho.

– Saffy? – A voz de Percy, aguda e furiosa, atravessou as camadas de tábuas de assoalho.

Saffy pressionou a mão contra a testa, preparando-se para a tarefa que tinha pela frente. Sabia o que tinha de fazer: tinha de se vestir e descer, precisava avaliar quanta persuasão Percy iria requerer, depois tinha de garantir que a noite fosse um grande sucesso. E lá estava o carrilhão marcando seis horas, portanto tinha de fazer isso imediatamente. Juniper e seu rapaz – cujo nome, tinha certeza de que se lembrava corretamente, era o mesmo daquele que ela vislumbrara nas anotações do diário – chegariam dentro de uma hora, a força com que Percy batera a porta pressagiava um humor sombrio e a própria Saffy ainda estava vestida como alguém que passara o dia fazendo sua própria horta, como queria a campanha do governo.

Com a pilha de louça liberada, ela avançou com dificuldade pelo meio dos papéis, de modo que pudesse fechar as janelas restantes e puxar as cortinas do blackout. Um movimento no caminho de entrada chamou sua atenção – Lucy atravessando a primeira ponte em sua bicicleta –, mas Saffy desviou o olhar. Um bando de pássaros plainou pelo céu distante, muito alto, para os lados dos campos de lúpulo, e ela ficou observando-os. “Livre como um pássaro” era a expressão, e no entanto eles não eram absolutamente livres, não até onde Saffy sabia: estavam presos uns aos outros por seus hábitos, suas necessidades sazonais, sua biologia, sua natureza, sua origem.

Não eram mais livres do que ninguém. Ainda assim, conheciam a euforia do voo. O que Saffy não daria às vezes para abrir as asas e voar, agora mesmo, lançar-se pela janela e pairar no alto, acima dos campos, acima da floresta, seguindo os aviões em direção a Londres.

Ela tentara uma vez, quando era menina. Subira no parapeito da janela do sótão, caminhara ao longo da cumeeira do telhado e arrastara-se para o ressalto da parede embaixo da torre de seu pai. Primeiro, ela fizera um par de asas para si mesma, o mais glorioso par de asas de seda, costuradas com barbante a galhos finos e leves que ela pegara no bosque; fizera até mesmo alças de elástico nas costas para poder usá-las. Eram tão lindas – nem cor-de-rosa nem vermelhas, mas escarlates, brilhando ao sol, exatamente como a plumagem de um pássaro de verdade – e por alguns segundos depois de ter se lançado no ar ela havia realmente voado. O vento a empurrara debaixo, açoitando pelo vale para lançar seus braços para trás, e tudo desacelerou, ficou lento, lento, lento, por breves instantes, mas de uma forma brilhante, e ela vislumbrou a maravilha que era voar. Em seguida, as coisas começaram a se acelerar, sua descida foi rápida, e quando atingiu o solo, suas asas e seus braços foram quebrados.

– Saffy? – Ouviu-se o chamado novamente. – Está se escondendo de mim?

Os pássaros desapareceram no céu intumescido e Saffy fechou a janela, cerrando as cortinas do blackout para que não se visse nem uma fenda de luz. Do lado de fora, as nuvens da tempestade roncavam como um estômago cheio, a barriga comilona de um cavalheiro que havia escapado das frugalidades de uma despensa racionada. Saffy sorriu, achando graça, e fez uma anotação mental de registrar a descrição em seu diário.



Estava silencioso ali dentro, silencioso demais, e os lábios de Percy cerraram-se com uma agitação familiar; Saffy sempre fora o tipo que se escondia quando o confronto se avizinhava. Percy travara as batalhas da irmã gêmea toda a sua vida, algo em que se distinguia e

que, na verdade, muito lhe agradava, e que funcionava muito bem até uma disputa se estabelecer entre elas, e Saffy, lamentavelmente destreinada, estava mal equipada para o embate. Incapaz de lutar, restavam-lhe apenas duas opções: fuga ou abjeta negação. No caso presente, a julgar pelo enfático silêncio com que as tentativas de Percy de encontrá-la se defrontavam, Saffy escolhera a primeira. O que era frustrante, extremamente frustrante, porque havia uma bola espinhosa, violenta dentro de Percy só aguardando para sair. Sem ninguém para criticar ou repreender, no entanto, Percy era obrigada a ficar alimentando-a, e a bola espinhosa, violenta não era o tipo de aflição que desaparecesse por conta própria. Sem nenhum alvo para atirá-la, ela teria de buscar alívio em outro lugar. Uísque, talvez, ajudaria; certamente mal não faria.

Havia um momento toda tarde em que o sol atingia um determinado ponto baixo no horizonte e a luz desaparecia, imediata e drasticamente, de dentro do castelo. Esse momento ocorreu quando Percy seguia o corredor depois do hall de entrada. Quando entrou na sala amarela, já estava quase escuro demais para atravessá-la, o que teria sido arriscado se Percy não fosse capaz de andar por todo o castelo com os olhos vendados. Ela desviou-se do sofá e aproximou-se da janela projetada para fora, abriu as cortinas do blackout e acendeu o abajur. Como sempre, não fez nenhuma diferença prática na escuridão. Ela retirou um fósforo para acender o pavio do lampião de querosene, mas descobriu, com leve surpresa e grande aborrecimento, que depois do encontro com Lucy sua mão tremia demais para acendê-lo.

Sempre oportunista, o relógio do console da lareira escolheu este momento para começar a soar. Percy nunca gostara daquele maldito relógio. Pertencera à sua mãe, e seu pai insistira em dizer que era valioso para ele, portanto sua preservação estava assegurada. Entretanto, havia alguma coisa na natureza de seu tique-taque que fazia Percy ranger os dentes, uma sugestão maliciosa de que ele tinha muito mais prazer do que um objeto de porcelana deveria ter em varrer para longe os segundos que passavam. Nesta tarde, sua aversão ao objeto chegava às raias do ódio.

– Oh, cale-se, maldito relógio – disse Percy. Abandonando o lampião, ela atirou o fósforo não utilizado no cesto de lixo.

Ela se serviria de um drinque, enrolaria um cigarro e depois iria lá fora antes que a chuva caísse, para certificar-se de que havia lenha suficiente na pilha; para ver se, nesse ínterim, não conseguia se livrar daquela bola espinhosa.

APESAR DO TUMULTO DO DIA, Saffy deixara uma pequena parte de seu cérebro livre para se dedicar a vasculhar o guarda-roupa; escolhendo as opções mentalmente, de modo que, quando anoitecesse, ela não seria pega de surpresa pela indecisão e forçada a fazer uma escolha impensada. Na verdade, esse era um de seus passatempos favoritos, mesmo quando não estava oferecendo um jantar especial: ela visualizava primeiro um determinado vestido, com aqueles sapatos e aquele colar, depois começava tudo outra vez, circulando em estado de graça pelas incontáveis combinações. Hoje, uma combinação atrás da outra se apresentaram apenas para serem descartadas porque não satisfaziam os critérios finais, essenciais. Que é por onde ela deveria provavelmente ter começado, se não fosse pelo fato de que isso limitaria terrivelmente as opções. O traje vencedor sempre seria aquele que combinasse melhor com suas melhores meias de nylon: ou seja, o único par cujos seis buracos remendados podiam ser facilmente escondidos pela seleção criteriosa dos sapatos certos e de um vestido com o comprimento adequado. Dica: o vestido de seda cor de menta da Liberty.

De volta à limpeza e à ordem de seu próprio quarto, enquanto Saffy despia seu avental e travava uma batalha com suas roupas de baixo, ela ficou satisfeita de já ter tomado as decisões difíceis; não tinha nem o tempo nem a concentração necessários para fazê-lo agora. Como se decifrar as implicações das anotações do diário de Juniper não fosse suficiente, Percy estava lá embaixo e estava furiosa. Como sempre, a casa inteira ficava irritada e ameaçadora como sua irmã; a batida da porta da frente viajara por todas as veias da casa, subira os quatro andares e penetrara no próprio corpo de Saffy. Até mesmo as luzes – nunca brilhantes – pareciam ficar amuadas em solidariedade, e as cavidades do castelo ficavam sujas de sombras. Saffy enfiou a mão bem no fundo da gaveta de cima e retirou dali suas melhores meias. Estavam guardadas dentro da

embalagem de papel, envoltas em um pedaço de papel fino, e ela as desdobrou cuidadosamente, passando o polegar delicadamente sobre o conserto mais recente.

O problema, segundo Saffy, era que as nuances do afeto humano se perdiam em Percy, que era muito mais solidária com as necessidades das paredes e assoalhos de Milderhurst do que de seus coabitantes. Ambas lamentaram a saída de Lucy, afinal; e era Saffy quem mais poderia sentir sua ausência, sozinha o dia inteiro na casa, lavando, esfregando e improvisando refeições, com apenas Clara ou a retardada Millie por companhia. Mas enquanto Saffy compreendia que uma mulher que tivesse de escolher entre o trabalho e o coração sempre escolheria o último, Percy se recusara a aceitar a mudança no ambiente doméstico com o mínimo de elegância. Ela tomara o casamento de Lucy como uma desfeita pessoal, e não havia ninguém como Percy para guardar rancor. E era por isso que as anotações no diário de Juniper e o que elas podiam pressagiar eram tão perturbadores.

Saffy demorou-se em sua inspeção das meias. Ela não era ingênua e não era vitoriana; havia lido *Third Act in Venice*, *Cold Comfort Farm* e *The Thinking Reed*, e sabia sobre sexo. No entanto, nada do que já lera antes a havia preparado para os pensamentos de Juniper a respeito. Tipicamente francos; viscerais, mas líricos também; belos, brutais e assustadores. Os olhos de Saffy correram pela página, absorvendo tudo ao mesmo tempo, um enorme copo de água fria atirado em seu rosto. Não era de admirar, ela imaginava, considerando-se a velocidade com que lera, sua confusão ao se deparar com sentimentos tão vívidos, que ela agora não conseguisse se lembrar de uma única linha; apenas fragmentos de sentimentos, imagens indesejadas, uma ou outra palavra proibida e o choque de tê-las encontrado.

Talvez não tenha sido tanto as próprias palavras que espantaram Saffy, mas a quem elas pertenciam. Não só Juniper era sua irmã muito mais nova, como era uma pessoa que sempre parecera enfaticamente assexuada; seu talento efervescente, sua abstenção de tudo que era feminino, sua absoluta excentricidade – tudo parecia elevar Juniper acima de tais desejos humanos básicos. Mais

ainda, e talvez o que mais doía, Juniper jamais sequer insinuara a Saffy que estava tendo um caso amoroso. Seria o jovem convidado desta noite o homem em questão? A anotação no diário fora feita há seis meses, antes de June ir para Londres, e, no entanto, o nome Thomas fora mencionado. Seria possível que Juniper o tivesse conhecido antes, em Milderhurst? Que houvesse mais por trás de sua partida do que parecia à primeira vista? E se assim fosse, eles ainda estariam, após todo esse tempo, apaixonados? Um desdobramento tão empolgante e maravilhoso na vida de sua irmã caçula e não fora dita sequer uma palavra. Saffy sabia por que, é claro: seu pai, se estivesse vivo, ficaria furioso – sexo muito frequente levava a filhos, e as teorias de seu pai sobre a incompatibilidade de arte e criação de filhos não eram segredo. Percy, como sua autoproclamada emissária, não deveria, portanto, saber de nada; quanto a isso, Juniper teve razão. Mas não contar a Saffy? Ora, ela e Juniper eram muito próximas, e por mais reservada que Juniper fosse, elas sempre conseguiram conversar. Esta questão não devia ter sido diferente. Desenrolou as meias, decidida a corrigir a situação assim que Juniper chegasse e pudessem arranjar alguns momentos de privacidade. Saffy sorriu; a noite não era apenas um jantar de bem-vinda ao lar, nem uma demonstração de gratidão. Juniper tinha um amigo *especial*.

Satisfeita em constatar que as meias estavam em bom estado, Saffy pendurou-as na cabeceira da cama e preparou-se para enfrentar o guarda-roupa. Santo Deus! Parou, imóvel, virou o corpo em roupas de baixo de um lado para o outro, olhando por cima do ombro para se ver de costas. Ou o espelho desenvolvera alguma espécie de deformação de reflexo ou ela adquirira mais alguns quilos. Realmente, ela devia doar a si própria para a ciência: ganhar peso, apesar do estado grave das despensas inglesas? Saffy não conseguiu decidir se era simplesmente antibritânico ou uma inteligente vitória contra os *U-boats* de Hitler. Talvez não fosse digno da Medalha Churchill para a Preservação da Beleza na Inglaterra, mas um triunfo ainda assim. Saffy fez uma careta para si mesma, contraiu a barriga e abriu a porta do armário.

Por trás da coleção de aventais e cardigãs sem graça pendurados na frente havia uma terra encantada de sedas vibrantes esquecidas. Saffy levou as mãos às faces; era como revisitar velhos amigos. Seu guarda-roupa era seu orgulho e alegria, cada vestido um membro de um clube estimado. Era um catálogo de seu passado também, como pensara certa vez, durante um ataque de autocomiseração sentimental: os vestidos que usara como debutante, o vestido de seda que usara no Baile de Verão de Milderhurst de 1923, até a túnica azul que fizera para a première da peça de seu pai no ano seguinte. Seu pai afirmava que filhas deviam ser belas, e todas elas continuaram a se vestir formalmente para o jantar enquanto ele viveu; mesmo quando ele ficou confinado à sua cadeira na torre, elas se esforçavam para agradá-lo. Após sua morte, entretanto, não parecia haver razão para isso, não com a guerra. Saffy mantivera o hábito durante algum tempo, mas depois que Percy juntou-se ao serviço de ambulâncias e começou a passar noites de plantão, elas concordaram, sem palavras, em abandonar o costume.

Um por um, Saffy afastou os vestidos para o lado, até finalmente ver o de seda cor de menta. Manteve os outros afastados por um instante, avaliando sua lustrosa frente verde: o trabalho com pérolas no decote, a faixa de fita na cintura, a saia cortada enviesada. Ela não o usava havia anos, mal se lembrava da última ocasião, mas lembrava-se de Lucy ajudando a consertá-lo. Fora culpa de Percy; com aqueles cigarros e sua maneira descuidada de fumá-los, ela era uma ameaça a tecidos finos em qualquer parte. Mas Lucy fizera um conserto perfeito; Saffy teve de procurar por todo o corpete para encontrar a marca do chamuscado. Sim, serviria com perfeição; teria de servir. Saffy tirou-o do armário, estendeu-o sobre a colcha da cama e pegou suas meias.

O maior mistério, ela pensou, abrindo os dedos pelas laterais da primeira perna e enfiando os dedos dos pés, era como alguém como Lucy podia ter se apaixonado por Harry, o relojoeiro, para começar. Um homenzinho tão simplório, de forma alguma um herói romântico, andando depressa pelos becos com os ombros curvados e os cabelos sempre um pouco mais compridos, um pouco mais ralos, um pouco menos arrumados do que deveriam ser.

– Oh, meu Deus... não! – O dedo grande do pé de Saffy prendeu-se na meia e ela começou a cair de lado. Houve uma fração de segundo em que ela poderia ter se reequilibrado, mas a unha desse dedo engatara na fibra e pisar no chão seria arriscar-se a um novo desfiado. Assim, ela aceitou o tombo corajosamente, batendo a coxa dolorosamente contra a quina da penteadeira. – Oh, santo Deus! – exclamou, arfando. – Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus. – Deslizou para a banquetta estofada e atabalhoadamente inspecionou a preciosa meia; ora, oh, ora, devia prestar mais atenção no que estava fazendo. Não haveria meias novas quando estas não pudessem mais ser remendadas. Com os dedos trêmulos, revirou-as várias vezes nas mãos, passando as pontas dos dedos delicadamente pela superfície.

Tudo parecia em ordem; essa fora por pouco. Saffy soltou a respiração que estivera prendendo, mas ainda assim não ficou inteiramente aliviada. Viu seu reflexo de faces rosadas no espelho e manteve o olhar fixo: havia mais em risco aqui do que o último par remanescente de meias de nylon. Quando ela e Percy eram pequenas, tiveram muitas oportunidades de observar os adultos de perto, e o que viram as desconcertou. As pessoas idosas e grotescas comportavam-se, em sua maioria, como se não tivessem a menor ideia de que eram velhas. Isso deixava as gêmeas perplexas, que concordavam que não havia nada mais impróprio do que uma pessoa idosa que se recusava a reconhecer suas limitações, e elas fizeram um pacto de nunca deixar que isso lhes acontecesse. Quando fossem velhas, juraram, de bom grado agiriam como tal.

– Mas como iremos saber? – dissera Saffy, confusa com o nó existencial no âmago da questão. – Talvez seja uma dessas coisas, como queimadura de sol, que não é sentida até já ser tarde demais para fazer alguma coisa. – Percy concordara com a natureza complicada do problema, sentando-se silenciosamente com os braços ao redor dos joelhos enquanto considerava o assunto. Sempre pragmática, ela foi a primeira a encontrar uma solução, dizendo devagar:

– Acho que devemos fazer uma lista das coisas que os velhos fazem, três devem ser suficientes. E quando nos pegarmos fazendo-

as, saberemos.

Reunir os hábitos candidatos fora fácil – havia uma vida inteira de observação de seu pai e da babá para consultar; mais difícil era limitar o número a três. Após muita deliberação, concordaram naqueles que deixavam a menor margem de erro: primeiro, professar incansavelmente uma forte preferência pela Inglaterra de quando a rainha Vitória estava no trono; segundo, mencionar a própria saúde em qualquer companhia que não incluísse um profissional médico; e terceiro, não conseguir vestir as roupas de baixo estando em pé.

Nesse ponto, Saffy gemeu, lembrando-se daquela mesma manhã quando estava fazendo a cama no quarto de hóspedes e se viu detalhando sua dor na base da coluna para Lucy. O tópico da conversa justificara a descrição e ela estava preparada para deixá-la passar, mas agora isto: derrubada por um par de meias? O prognóstico era realmente sombrio.



Percy quase alcançara a porta dos fundos quando Saffy finalmente apareceu, deslizando pela escada como se não tivesse nenhuma preocupação neste mundo.

– Olá, minha irmã – disse ela –, salvou alguma vida hoje?

Percy inspirou fundo. Ela precisava de tempo, espaço e de um machado afiado, a fim de clarear a mente e exorcizar sua raiva. Caso contrário, era provável que não conseguisse arremessá-lo.

– Quatro gatinhos de uma calha e um punhado de bengalas doces.

– Oh, bem! Vitória geral. Belo trabalho! Vamos tomar uma xícara de chá?

– Vou cortar um pouco de lenha.

– Querida – Saffy aproximou-se mais um passo –, acho que é desnecessário.

– Antes tarde do que nunca. Está prestes a cair uma chuvarada.

– Concordo plenamente – disse Saffy, com calma exagerada –, mas tenho certeza de que temos lenha suficiente. Na verdade, após seus esforços este mês, creio que estamos abastecidas até mais ou

menos 1960. Por que, em vez disso, você não sobe, se veste para o jantar – Saffy parou quando um estrondo irrompeu de um lado do telhado do castelo até o outro. – Pronto, salva pela chuva!

Em alguns dias, podia-se contar até com o tempo para tomar o partido contrário. Percy pegou seu tabaco e começou a enrolar um cigarro. Sem erguer os olhos, ela disse:

– Por que você a chamou aqui?

– Quem?

Um olhar duro.

– Oh, isso. – Saffy abanou a mão vagamente. – A mãe de Clara ficou doente, Millie continua abobalhada, como sempre, e você está sempre tão alegremente ocupada; era simplesmente demais para mim sozinha. Além do mais, ninguém consegue fazer Agatha funcionar tão bem quanto Lucy.

– Você se saiu muito bem no passado.

– É muita gentileza sua dizer isso, Percy querida, mas você conhece Aggie. Não duvido nada de que ela seria bem capaz de não funcionar esta noite, só para me espezinhar. Desde que eu deixei o leite derramar, ela guarda rancor.

– Agatha... é um *fogão*, Seraphina.

– Exatamente! Quem iria imaginar que ela fosse capaz de um temperamento tão insuportável?

Percy estava sendo manipulada; ela podia sentir isso. A afetada descontração na voz de sua irmã, ser interceptada a caminho da porta dos fundos, depois tocada para cima, onde ela podia apostar que um vestido – algo deploravelmente extravagante – já havia sido preparado para ela: era como se Saffy temesse que ela não fosse capaz de manter a civilidade na companhia de outras pessoas. A insinuação fez Percy ter vontade de rugir, mas tal reação apenas confirmaria as preocupações de sua irmã, então ela não o fez. Reprimindo o impulso, umedeceu o papel e selou o cigarro.

– De qualquer modo – continuou Saffy –, Lucy foi um amor e, sem nada decente para assar, decidi que precisávamos de toda ajuda que pudéssemos obter.

– Nada para assar? – disse Percy lepidamente. – Da última vez que olhei, havia oito candidatas engordando lindamente no

galinheiro.

Saffy prendeu a respiração.

– Você não faria isso.

– Eu *sonho* com coxas assadas.

Um tremor gratificante se insinuara na voz de Saffy, viajando por toda a extensão do braço até a ponta do dedo em riste.

– Minhas meninas são boas poedeiras; não são para jantar. Não vou permitir que fique olhando para elas e pensando em molho. Ora, é... é bárbaro.

Havia muitas coisas que Percy gostaria de dizer, mas, enquanto estava parada ali no corredor úmido, a chuva martelando a terra do outro lado da parede de pedras, a irmã gêmea à sua frente, remexendo-se desconfortavelmente na escada – quadris e estômago distendendo seu velho vestido verde em todos os lugares errados –, Percy avistou a linha do tempo e todas as diferentes decepções ao longo dela. Formavam um bloco contra o qual sua frustração atual bateu violentamente, desmoronando-se. Ela era a gêmea dominante, sempre fora, e por mais que Saffy a enfurecesse, a briga subvertia algum princípio básico de seu universo.

– Perce? – A voz de Saffy ainda tremia. – Vou precisar colocar minhas meninas sob vigilância?

– Você deveria ter me contado – disse Percy com um curto suspiro, arrancando os fósforos do bolso. – Só isso. Devia ter me contado a respeito de Lucy.

– Gostaria que você já tivesse superado tudo isso, Perce. Para seu próprio bem. Criados já fizeram coisas muito piores com seus patrões do que deixá-los. Não é como se a tivéssemos flagrado com a mão na gaveta da prataria.

– Você deveria ter me contado. – A garganta de Percy doía conforme falava. Com as mãos trêmulas, conseguiu tirar um único fósforo do maço.

– Se é tão importante assim, não a chamarei mais. Seja como for, não creio que ela vá argumentar muito; ela me pareceu bastante preocupada em evitar sua companhia. Acho que você a assusta.

Um estalo quando o fósforo se quebrou entre os dedos de Percy.

– Oh, Perce! Agora, veja, você está sangrando.

– Não é nada. – Ela limpou o sangue nas calças.

– Não limpe na roupa, não sangue, é impossível de tirar a mancha. – Saffy levantou uma peça de roupa amarrotada que ela trouxera de cima. – Caso não tenha percebido, o pessoal da lavanderia nos deixou já faz algum tempo. Tudo que resta sou eu, fervendo, esfregando, torcendo.

Percy esfregou a mancha de sangue na perna, espalhando-a ainda mais.

Saffy suspirou:

– Deixe as calças por enquanto; eu cuidarei delas. Vá lá para cima, querida, se aprontar.

– Sim. – Percy olhava para seu dedo, ligeiramente surpresa.

– Vista um bonito vestido de festa e eu vou colocar água na chaleira para ferver. Farei um bule de chá para nós. Melhor ainda. Vou preparar um coquetel para nós, que tal? É uma comemoração, afinal de contas.

Comemoração era levar as coisas um pouco longe demais, mas a vontade de brigar abandonara Percy.

– Sim – disse ela outra vez. – Boa ideia.

– Traga suas calças para baixo, aqui para a cozinha, quando terminar; vou colocá-las de molho agora mesmo.

Percy fechou e abriu a mão quando começou a subir lentamente as escadas, depois parou e virou-se.

– Quase me esqueci – disse ela, tirando o envelope datilografado de dentro da bolsa. – Uma carta para você no correio de hoje.

SAFFY ESCONDEU-SE DENTRO da saleta do mordomo para ler a carta. Soube imediatamente do que se trataria e precisara empregar todos os seus esforços para esconder sua empolgação de Percy. Ela agarrara o envelope, depois ficou montando guarda ao pé da escada, para ter certeza de que a irmã não sofrera uma mudança de disposição no último minuto e se dirigiria à pilha de lenha em vez de subir. Somente depois que ouviu a porta do quarto de Percy se fechar atrás dela é que finalmente se permitiu relaxar. Já tinha perdido toda a esperança de jamais receber uma resposta, e agora que recebera, quase desejava que ela não tivesse chegado. A expectativa, a tirania do desconhecido, era quase insuportável.

Embaixo, na cozinha, ela correu para o compartimento sem janelas do mordomo que um dia estivera abarrotado da presença indômita do sr. Broad, mas agora não continha quase nada que evidenciasse seu reino de terror além da escrivaninha e de um armário de madeira repleto de antigos registros diários, terrivelmente maçantes. Saffy puxou o cordão que acendia a lâmpada do teto e recostou-se na escrivaninha. Seus dedos atrapalhavam-se, manuseando o envelope.

Sem seu abridor de cartas, que estava no estojo em sua escrivaninha no andar de cima, Saffy teve de rasgar o envelope para abri-lo. O que ela não gostava de fazer e, portanto, o fez com o maior cuidado possível, quase desfrutando a prolongada agonia que tão extrema cautela provocava. Retirou o papel dobrado de dentro – papel muito fino, ela notou; fibra de algodão, branco quase creme – e, com uma respiração funda, estendeu-o. Com os olhos varrendo o papel rapidamente, ela absorveu o significado geral da carta, depois voltou para o começo outra vez, forçando-se a ler mais devagar, para acreditar no que estava vendo, à medida que uma incrível sensação de contentamento aflorava do fundo do seu corpo e se

espalhava, transformando até as extremidades de seus dedos em encantamento.

Ela vira o anúncio pela primeira vez no *The Times* quando folheava os classificados. *Precisa-se de dama de companhia e governanta para acompanhar Lady Dartington e seus três filhos aos Estados Unidos pelo tempo que durar a guerra*, dizia. *Educada, solteira, culta, experiente com crianças*: o anúncio parecia ter sido escrito especialmente para Saffy. Embora não tivesse filhos, certamente não era por falta de vontade. Houve uma época em que seus pensamentos sobre o futuro eram repletos – certamente, como acontece com a maioria das mulheres? – de bebês. Ao que tudo indicava, entretanto, eles não deviam ser tidos sem um marido, e aí residia o problema. Quanto aos demais critérios, Saffy tinha plena confiança de que podia alegar, sem falsa modéstia, possuir tanto educação quanto cultura. Ela imediatamente decidiu candidatar-se ao cargo, redigindo uma carta de apresentação, inclusive duas esplêndidas referências, e elaborando uma proposta que demonstrava que Seraphina Blythe era a candidata ideal. E então ela esperara, tentando da melhor forma possível guardar consigo mesma seus sonhos da cidade de Nova York. Já tendo aprendido há muito tempo que não valia a pena ouriçar as penas de Percy desnecessariamente, ela não mencionara o emprego para a irmã gêmea, permitindo que sua mente se enchesse em particular, e vividamente, de possibilidades. Imaginara a viagem com detalhes até um pouco constrangedores, imaginando-se como uma espécie de Molly Brown moderna, mantendo elevado o ânimo das crianças Dartington conforme enfrentavam os *U-boats* a caminho do grandioso porto americano...

Contar a Percy seria a parte mais difícil; ela não iria gostar, e quanto ao que seria dela, marchando sozinha pelos corredores, consertando paredes e cortando lenha, esquecendo-se de tomar banho, lavar roupa ou cozinhar – bem, não dava para imaginar. Esta carta, entretanto, esta oferta de emprego que Saffy tinha nas mãos, era sua chance e ela não estava disposta a deixar um mau hábito de sentimento impedi-la de aceitá-la. Como Adele em seu romance, ela

iria “agarrar a vida pela garganta e forçá-la a olhá-la nos olhos” – Saffy tinha muito orgulho dessa frase.

Fechou a porta da saleta ao sair e notou imediatamente que o forno estava fervendo. Com toda a empolgação, ela quase se esquecera da torta. Imagine! Teria sorte se a massa não estivesse carbonizada.

Saffy calçou as luvas de cozinha e espiou dentro do forno, soltando um grande suspiro de alívio quando viu que a crosta da torta, embora dourada, não estava marrom. Colocou a forma no compartimento debaixo do fogão, onde a temperatura era mais baixa e a torta poderia conservar o calor, depois se levantou para sair.

E foi então que ela viu que as calças manchadas do uniforme de Percy haviam se juntado ao seu avental na mesa da cozinha. Que sorte Percy não tê-la descoberto lendo a carta.

Saffy sacudiu as calças. Segunda-feira era seu dia oficial de lavar roupa, mas seria bom deixar as roupas de molho um pouco, especialmente no que dizia respeito ao uniforme de Percy; o número e a variedade de manchas que Percy conseguia reunir eram impressionantes, além de muito difíceis de remover. Ainda assim, Saffy gostava de um desafio. Primeiro, ela enfiou a mão em um dos bolsos, depois no outro, em busca de miudezas esquecidas que estragariam seu trabalho. E ainda bem que o fez.

Saffy retirou os pedacinhos de papel – santo Deus, quantos! – e colocou-os a seu lado sobre o banco. Sacudiu a cabeça, aborrecida; já perdera a conta de quantas vezes ela tentara fazer Percy aprender a limpar os bolsos antes de colocar as roupas para lavar.

Mas que estranho – Saffy remexeu os fragmentos com o dedo, encontrou um com um selo. Era, ou fora um dia, uma carta, agora rasgada em pedacinhos. Mas por que Percy faria tal coisa e de quem era a carta?

Uma batida no andar de cima e o olhar de Saffy saltou para o teto. Passos, outra batida.

A porta da frente! Juniper chegara. Ou seria ele, o sujeito de Londres?

Saffy olhou novamente para os pedaços de papel esfaляlhados e mordeu a parte interna da bochecha. Ali estava um mistério, e um mistério que precisava desvendar. Mas não agora; simplesmente não havia tempo. Ela precisava estar no andar de cima, ver Juniper e cumprimentar seu convidado; só Deus sabia em que estado de ânimo Percy estava agora. Será que a carta rasgada lançaria alguma luz sobre o mau humor da irmã ultimamente?

Com um curto sinal de decisão com a cabeça, Saffy escondeu sua própria carta cuidadosamente sob o corpete e enfurnou os pedacinhos de papel do bolso de Percy embaixo da tampa de uma panela. Investigaria a questão adequadamente mais tarde.

E com uma última verificação da torta de coelho, ela ajustou o vestido sobre o busto, esticou-o para não se agarrar tanto à sua cintura, e se dirigiu às escadas.



Será que Percy estaria imaginando o cheiro de algo estragado? Ultimamente, era um infeliz fantasma que a perseguia; havia certas coisas que, uma vez que se sentisse seu cheiro, nunca mais se conseguia livrar dele. Elas não usavam a sala principal havia mais de seis meses, desde o funeral de seu pai, e apesar dos melhores esforços de sua irmã, um odor de mofo ainda persistia. A mesa fora puxada para o centro da sala, em cima do tapete bessarabiano, depois arrumada com o melhor aparelho de jantar de sua avó, quatro copos para cada comensal, e um menu cuidadosamente impresso em cada lugar. Percy pegou um deles para uma inspeção mais cuidadosa, notou que havia jogos de salão programados e recolocou-o no lugar.

Um salto da memória levou-a de volta ao abrigo em que se protegera durante as primeiras semanas de bombardeios aéreos, quando uma visita que planejara ao advogado de seu pai em Folkestone fora frustrada pelos ataques de Hitler. A alegria forçada, as canções, o horrível cheiro causticante do medo...

Percy fechou os olhos na ocasião e o viu. A figura toda vestida de preto que surgira através do bombardeio e se encostara, sem ser notada, contra a parede, sem falar com ninguém. A cabeça

completamente abaixada sob o chapéu escuro, sombrio. Percy o observara, fascinada com o modo pelo qual ele se colocava de certo modo fora dos outros. Ele ergueu os olhos apenas uma vez, logo antes de enrolar sua capa ao redor do corpo e sair para a noite em chamas. Seus olhos encontraram os delas, rapidamente, e ela não viu nada dentro deles. Nenhuma compaixão, nenhum temor, nenhuma determinação, apenas um vazio frio. Soube, então, que ele era a Morte e desde então pensara nele muitas vezes. Quando estava de plantão, descendo em crateras de bombas, retirando corpos de dentro, ela se lembrava da calma sobrenatural, medonha que ele exibia ao sair a passos largos do abrigo, para dentro do caos. Ela se alistara no serviço de ambulâncias pouco depois de seu encontro, mas não foi bravura o que a motivou, de modo algum: era simplesmente mais fácil correr seus riscos com a Morte na superfície em chamas do que ficar presa embaixo da terra trêmula e gemente, sem nada além da alegria desesperada e do medo impotente por companhia...

Havia uns dois ou três centímetros de um líquido âmbar no fundo da garrafa de cristal e Percy se perguntou vagamente quando ele fora colocado ali. Há anos, sem dúvida – elas usavam as garrafas na sala amarela para si mesmas atualmente –, mas pouco importava, bebidas ficavam melhores com o envelhecimento. Com um olhar por cima do ombro, Percy serviu uma dose em um copo, depois a dobrou. Colocou a tampa de volta no lugar enquanto tomava um gole. E outro. Algo no meio de seu peito queimou e ela acolheu a dor com prazer: era vívida e real, e ela estava parada ali agora mesmo, sentindo-a.

Passos. Saltos altos. Distantes, mas batendo rapidamente pelas pedras em sua direção. Saffy.

Meses de ansiedade aglomeraram-se como uma bola de chumbo nas entranhas de Percy. Ela precisava se controlar. Não havia nenhum sentido em arruinar a noite de Saffy – Deus sabia, sua irmã gêmea tinha bem poucas oportunidades de exercer seu prazer em receber convidados. Oh, mas Percy ficava zozza com a facilidade com que ela podia se dedicar a isso. Uma sensação semelhante àquela em que uma pessoa fica à beira de um precipício, olhando de

uma grande altura, quando o conhecimento de que não deve pular é tão forte que uma estranha compulsão quase a domina, sussurrando-lhe que saltar é exatamente o que deve ser feito.

Meu Deus, ela era um caso perdido. Havia algo fundamentalmente quebrado no âmago de Percy Blythe, algo esquisito e defeituoso e absolutamente detestável. Que ela pudesse entreter a ideia, ainda que por um segundo, da facilidade com que podia privar sua irmã, sua amada, enervante irmã, da felicidade. Ela teria sido sempre assim, tão atolada em perversidade? Percy suspirou fundo. Ela estava doente, é claro, e não era uma condição recente. Durante toda a vida das duas irmãs fora assim: quanto mais entusiasmo Saffy mostrava por uma pessoa ou um objeto ou uma ideia, menos Percy era capaz de dar. Era como se fossem um único ser, dividido em dois, e havia um limite à quantidade de sentimentos combinados que podiam exibir em um dado momento. E em algum ponto, por alguma razão, Percy se elegera a responsável pelo equilíbrio: se Saffy estivesse angustiada, Percy optava por uma alegria descontraída e loquaz; se Saffy ficasse empolgada, Percy fazia o possível para dosar o entusiasmo com sarcasmo. Como Percy podia ser desgraçadamente desanimadora.

O gramofone fora aberto e limpo, e uma pilha de discos colocada ao lado. Percy pegou um, um novo álbum enviado por Juniper de Londres. Obtido só Deus sabe onde e por que meios; Juniper, podia-se imaginar, tinha seus meios. Um pouco de música sem dúvida ajudaria. Ela abaixou a agulha e Billie Holiday começou a cantar. Percy soltou o ar, aquecida pelo uísque. Assim estava melhor: música contemporânea sem associações prévias. Há muitos anos, décadas na verdade, durante uma das noites da família Blythe, seu pai dera a palavra "nostalgia" em um desafio. Ele leu a definição em voz alta, "uma saudade aguda do passado", e Percy pensara, com a certeza desastrosa dos jovens, que conceito tão estranho era aquele. Não conseguia imaginar por que alguém iria querer reviver o passado quando o futuro era onde residia todo o mistério.

Percy esvaziou seu copo, inclinou-o distraidamente, de um lado para o outro, observando as gotículas remanescentes coagularem-se em uma única entidade. Fora o encontro com Lucy que deixara seus

nervos à flor da pele, ela sabia disso, mas uma mortalha se estendera por todos os eventos do dia e Percy viu seus pensamentos voltarem novamente para a sra. Potts na agência dos correios. Suas suspeitas, sua quase insistência, de que Juniper estava noiva para se casar. Juniper sempre atraía boatos, mas Percy sabia por experiência própria que todo boato tinha um fundo de verdade. Embora não neste caso, é claro.

Atrás dela a porta soltou um suspiro ao ser aberta e uma rajada fria vinda do corredor deslizou para dentro.

– E então? – ouviu a voz esbaforida da irmã. – Onde ela está? Ouvi a porta.

Se Juniper fosse falar de questões particulares com alguém, seria com Saffy. Percy tamborilou na borda de seu copo pensativamente.

– Ela já está lá em cima? – A voz de Saffy reduziu-se a um sussurro. – Ou era ele? Como ele é? Onde ele está?

Percy endireitou os ombros. Se ela esperava qualquer colaboração de Saffy, precisava oferecer um mea-culpa integral.

– Eles ainda não chegaram – disse ela, virando-se para sua irmã gêmea e sorrindo, assim esperava, sem maldade.

– Estão atrasados.

– Só um pouco.

Saffy estava com aquele ar nervoso, ansioso que costumava exibir quando eram crianças encenando peças infantis para os amigos de seu pai e ninguém havia chegado ainda para ocupar as cadeiras da plateia.

– Tem certeza? – disse ela. – Eu podia jurar que tinha ouvido a porta...

– Verifique embaixo das cadeiras, se quiser – disse Percy descontraidamente. – Não há mais ninguém aqui. O que você ouviu foi apenas a persiana, a daquela janela lá. Soltou-se com a tempestade, mas eu consertei. – Ela indicou a chave inglesa sobre o peitoril com um sinal da cabeça.

Os olhos de Saffy se arregalaram ao ver as manchas molhadas na frente do vestido de Percy.

– É um jantar especial, Perce. Juniper...

– Não vai nem notar nem se importar. – Terminou Percy a frase. – Vamos. Esqueça meu vestido. Você está bem arrumada por nós duas. Por que não se senta? Vou preparar um drinque para nós enquanto esperamos.

COMO NEM JUNIPER NEM SEU AMIGO haviam chegado, o que Saffy realmente queria fazer era correr para baixo outra vez, reunir os fragmentos da carta rasgada e conhecer o segredo de Percy. Encontrar sua irmã com um estado de ânimo tão conciliador, entretanto, era uma bênção inesperada que ela não podia se dar ao luxo de desperdiçar. Não esta noite, não com Juniper e o convidado especial esperados a qualquer minuto. Por falar nisso, também era preciso ficar o mais próximo possível da porta da frente, o ideal para pegar Juniper sozinha quando ela finalmente chegasse.

– Obrigada – disse ela, aceitando o copo que lhe era oferecido; tomando um grande gole para mostrar boa vontade.

– Então? – disse Percy, voltando a se empoleirar na ponta da mesinha do gramofone. – Como foi seu dia?

“Curiosa e mais curiosa”, como diria Alice. Percy, normalmente, não era chegada a conversa fiada. Saffy escondeu-se atrás de outro gole de sua bebida e decidiu que seria melhor prosseguir com extrema cautela. Ela abanou a mão e disse:

– Oh, bom. Apesar de ter caído quando calçava minhas meias.

– Não! – exclamou Percy, com uma risada genuína.

– Pode acreditar; tenho a mancha roxa para provar. Verei cada cor do arco-íris antes desta mancha desaparecer. – Saffy cutucou sua nádega delicadamente, mudando o peso do corpo enquanto se sentava na ponta da *chaise-longue*. – Imagino que isso signifique que estou ficando velha.

– Impossível.

– É mesmo? – Saffy empertigou-se ligeiramente, a despeito de si mesma. – Como assim?

– Simples. Eu nasci primeiro; tecnicamente, sempre serei mais velha do que você.

– Sim, eu sei, mas não vejo...

– E posso lhe assegurar que eu nunca sequer cambaleei ao me vestir. Nem mesmo durante um ataque aéreo.

– Humm... – Saffy franziu a testa, considerando. – Entendo o que quer dizer. Devemos atribuir minha desventura a um lapso momentâneo então, não relacionado à idade?

– Acho que devemos; agir de outro modo seria escrever o roteiro de nossa própria morte. – Essa fora uma das expressões preferidas de seu pai, manifestada diante de muitos e variados obstáculos, e ambas sorriram. – Desculpe-me – continuou Percy. – Por antes, nas escadas. – Ela riscou um fósforo e acendeu um cigarro. – Eu não queria brigar.

– Vamos culpar a guerra, está bem? – disse Saffy, torcendo-se para evitar a fumaça que vinha em sua direção. – É o que todo mundo faz. Conte-me, o que há de novo no grande mundo lá fora?

– Não muita coisa. Lorde Beaverbrook está falando em tanques para os russos; não se consegue comprar peixe na vila; e parece que a filha da sra. Caraway está grávida.

Saffy prendeu a respiração ruidosamente.

– Não!

– Sim.

– Mas ela tem o quê, 15 anos?

– Catorze.

Saffy inclinou-se para mais perto.

– Foi um soldado então, não é?

– Piloto.

– Bem, bem. – Sacudiu a cabeça, confusa. – E a sra. Caraway, com aquele seu jeito de pilar da sociedade... Que coisa horrível. – Não passou despercebido a Saffy que Percy disfarçava um sorriso atrás do cigarro, quase como se suspeitasse de que a irmã estava se divertindo com o infortúnio da sra. Caraway. O que era em parte verdade, mas somente porque a mulher era uma eterna mandona, que encontrava defeito em tudo e em todos, inclusive – o boato chegara até o castelo – na própria costura de Saffy. – O quê? – disse ela, corando. – É uma coisa horrível.

– Mas não surpreendente – disse Percy, batendo as cinzas do cigarro. – As garotas de hoje em dia e sua falta de valores morais.

– As coisas são diferentes desde a guerra – concordou Saffy. – Eu vi isso na seção de cartas para o editor. Garotas se divertindo enquanto seus maridos estavam ausentes, tendo bebês fora do casamento. Parece que mal precisam conhecer um sujeito e já estão adentrando a nave da igreja.

– Mas não a nossa Juniper.

Saffy sentiu um frio na pele. Pronto, lá estava, o obstáculo que ela estava esperando: Percy sabia. De algum modo, ela sabia sobre o caso de amor de Juniper. Isso explicava o repentino bom humor; esta era uma expedição de pesca, dissimulada, e Saffy fora fisgada em um anzol preparado com apetitosos mexericos da vila. Humilhante.

– Claro que não – disse ela, tão serenamente quanto lhe foi possível. – Juniper não é assim.

– Claro que não. – Permaneceram em silêncio por um instante, uma olhando para a outra, sorrisos iguais aplicados em rostos iguais, bebericando seus drinques. O coração de Saffy batia mais forte do que o relógio favorito de seu pai, e ela se perguntou se Percy poderia ouvi-lo; ela sabia agora o que era ser um inseto numa teia, aguardando a aproximação da grande aranha. – Embora – disse Percy, deixando as cinzas do cigarro caírem no cinzeiro de cristal – na verdade eu tenha ouvido algo engraçado hoje. Na vila.

– É mesmo?

– Sim.

O silêncio se estendeu desconfortavelmente entre elas enquanto Percy fumava e Saffy concentrava-se em morder a língua. Como era desesperador, sem mencionar traiçoeiro: sua própria irmã gêmea, usando sua predileção por bisbilhotices locais na esperança de instigá-la a revelar seus segredos. Bem, ela se recusava a cair na armadilha. O que ela poderia querer com os mexericos da vila que Percy ouvira, de qualquer modo? Já sabia a verdade: fora ela, afinal, quem lera o diário de Juniper, e não estava disposta a ser induzida a compartilhar seu conteúdo com Percy.

Com toda a serenidade que pôde reunir, Saffy levantou-se, alisou o vestido e começou a inspecionar a arrumação da mesa, alinhando facas e garfos com meticuloso cuidado. Conseguiu até mesmo

cantarolar baixinho, distraidamente, e afetar um sorrisinho inocente. O que de certa forma era um consolo quando as dúvidas vinham rastejando das sombras.

Que Juniper tivesse um amante era surpreendente, sem dúvida, e Saffy ficara magoada por ela não ter lhe contado, mas o fato em si não alterava nada. Alterava? Não o que preocupava Percy; não o que interessava. Certamente nada de ruim poderia acontecer com o fato de Saffy guardar a novidade para si mesma, não é? Juniper tinha um amante, isso era tudo. Ela era uma mulher jovem, era natural; uma questão sem importância e que estava destinada a ser temporária. Como todos os diversos deslumbramentos de Juniper, este sujeito iria desbotar e definhir, e seria levado embora pela mesma brisa que traria a próxima atração.

Lá fora, o vento se intensificara e as garras da cerejeira arranhavam a veneziana solta. Saffy estremeceu, embora não estivesse com frio; seu movimento, apesar de ligeiro, foi captado pelo espelho acima da lareira e ela ergueu os olhos para a própria imagem. Era um espelho grandioso, emoldurado em dourado e pendurado de uma corrente em uma grande altura. Assim, ele se inclinava para fora da parede, em ângulo com o chão, e o efeito, quando Saffy ergueu os olhos, era do espelho olhando fixamente para baixo, achatando-a como um anãozinho verde sob seu polegar. Ela suspirou, um suspiro curto e espontâneo, repentinamente sozinha, e cansada de camuflar suas reações. Estava prestes a afastar o olhar, retornar sua atenção para a mesa, quando notou Percy, acotovelada na borda do espelho, fumando enquanto observava o anãozinho verde em seu centro. Não apenas observava; escrutinizava. Buscando provas, confirmação de algo do qual já suspeitava.

A percepção de que ela estava sendo observada fez o pulso de Saffy acelerar, e ela sentiu uma necessidade urgente de falar, encher a sala de conversa, de barulho. Inspirou uma respiração fria e curta, e começou:

– Juniper está atrasada, é claro, e creio que não devíamos ficar surpresas; sem dúvida, é o tempo atrasando-a, algum tipo de retenção na linha; ela deveria descer do ônibus das 17:45, e mesmo

contando com mais tempo para o ônibus da vila até aqui, eu esperaria que já tivesse chegado em casa... espero que ela tenha trazido um guarda-chuva, mas você sabe como Juniper é quando se trata de...

– Juniper está noiva – interrompeu-a Percy bruscamente. – É o que estão dizendo. Que ela está noiva.

A faca da entrada tilintou com um som alto e metálico contra seu par. Saffy ficou boquiaberta; pestanejou.

– O que foi que disse, querida?

– Ela vai se casar. Juniper está noiva e vai se casar.

– Mas isso é ridículo. Claro que não está. – Saffy estava genuinamente perplexa. – Juniper? – Riu um pouco, um som fraquinho. – Casar? Onde foi que você ouviu isso?

Uma baforada de fumaça.

– E então? Quem andou falando tal asneira?

Percy estava ocupada resgatando um fiapo de tabaco de seu lábio inferior, e por um momento não disse nada. Em vez disso, franziu a testa para a partícula na ponta de seu dedo. Finalmente, sacudiu a mão na direção do cinzeiro.

– Provavelmente não foi nada. Foi só no correio e...

– Ah! – exclamou Saffy, talvez com mais entusiasmo do que fosse justificável. Alívio, também, de que o mexerico de Percy fosse apenas isto: bisbilhotice da vila sem nenhum embasamento na verdade. – Eu já devia saber. Aquela mulher Potts! Realmente, ela é uma verdadeira ameaça. Devemos agradecer por ela ainda não ter voltado sua tagarelice para questões de Estado.

– Então, você não acredita? – A voz de Percy era dura, sem absolutamente nenhuma modulação.

– É claro que não.

– Juniper não disse nada a você?

– Nem uma palavra. – Saffy aproximou-se de onde Percy estava sentada, estendeu a mão e tocou o braço da irmã. – Realmente, Percy querida. Pode imaginar Juniper como noiva? Toda vestida de renda branca, prometendo amar e obedecer outra pessoa enquanto viverem?

Enquanto o cigarro, murcho e sem vida, jazia no cinzeiro, Percy colocou os dedos sob o queixo. Em seguida, sorriu ligeiramente, endireitando os ombros, empertigando-se, afastando a ideia.

– Tem razão – disse. – Mexericos, nada mais. Eu só fiquei pensando... – Mas exatamente o que ela andara pensando, Percy deixou no ar.

Embora não houvesse nenhuma música tocando, a agulha do gramofone ainda riscava obedientemente ao redor do centro do disco, e Saffy terminou com seu infortúnio levantando e recolocando o braço da agulha no suporte. Estava prestes a pedir licença para ir verificar a torta de coelho, quando Percy disse:

– Juniper teria nos contado. Se fosse verdade, ela teria nos contado.

Saffy sentiu suas faces arderem, lembrando-se do diário no chão no andar de cima, o choque de suas mais recentes anotações, a mágoa por ter sido mantida na ignorância.

– Saffy?

– Sem dúvida – disse ela rapidamente. – É o que as pessoas fazem, não é? Contam umas às outras coisas desse tipo.

– Sim.

– Especialmente às irmãs.

– Sim.

E era verdade. Manter um caso de amor em segredo era uma coisa, um noivado, outra bem diferente. Mesmo Juniper, Saffy tinha certeza, não seria tão cega aos sentimentos dos outros, às implicações que tal decisão teria.

– Ainda assim – disse Percy –, devemos falar com ela. Lembrar-lhe que papai...

– Não está mais aqui – terminou Saffy delicadamente. – Ele não está mais aqui, Percy. Todas nós somos livres agora para fazer exatamente o que quisermos. – Como deixar Milderhurst para trás, içar velas para o glamour e a animação da cidade de Nova York e jamais olhar para trás, pensou.

– Não – disse Percy com tal veemência que Saffy por um instante receou ter revelado suas intenções em voz alta. – Livres, não. Não

completamente. Cada uma de nós tem deveres em relação às outras. Juniper compreende isso; ela sabe que o casamento...

– Perce...

– Esses foram os desejos de papai. Suas *condições*.

Os olhos de Percy buscavam os dela e Saffy compreendeu que esta era a primeira vez em meses que tinha a oportunidade de estudar o rosto da irmã gêmea tão de perto; viu que Saffy tinha novas rugas. Ela andava fumando e se preocupando muito, e sem dúvida a própria guerra estava cobrando sua parte, mas, qualquer que fosse o motivo, a mulher sentada diante dela já não era jovem. Também não era velha, e Saffy compreendeu repentinamente – embora certamente já soubesse disso, não? – que havia alguma coisa, algum lugar, entre um e outro estado. E que ambas estavam nele agora. Não eram mais jovens senhoritas, mas ainda um pouco longe de serem velhas solteironas.

– Papai sabia o que estava fazendo.

– Claro, querida – disse Saffy com ternura. Por que não as havia notado antes, todas aquelas mulheres nesse estado intermediário? Não eram invisíveis, sem dúvida; apenas prosseguiam com suas vidas silenciosamente, fazendo o que as mulheres fazem quando já não são jovens, mas ainda não são idosas. Mantendo suas casas arrumadas, enxugando as lágrimas das faces dos filhos, cerzindo as meias do marido. E de repente Saffy compreendeu por que Percy estava se comportando dessa forma, quase como se invejasse a possibilidade de que Juniper, tendo apenas 18 anos, pudesse um dia se casar. Que ela ainda tivesse sua vida adulta inteira à frente. Compreendeu, também, por que logo esta noite Percy se deixasse levar por esses pensamentos sentimentais. Embora impelida por sua preocupação com Juniper, motivada por boatos na vila, fora o encontro com Lucy que a abalara desta forma. Saffy foi inundada, então, por uma onda de afeto por sua estoica irmã, uma onda tão forte que ameaçava deixá-la sem ar. – Nós não tivemos sorte, não é, Perce?

Percy ergueu os olhos do cigarro que estava enrolando.

– Como assim?

– Nós duas. Fomos infelizes no que diz respeito a questões do coração.

Percy analisou-a.

– Não creio que a sorte tenha tido muito a ver com isso. Foi uma simples questão de matemática, não foi?

Saffy sorriu; foi exatamente o que a governanta que substituiu a babá lhes dissera, pouco antes de ir embora, retornando à Noruega para se casar com um primo viúvo. Ela as levava para uma aula junto ao lago, um hábito quando não estava com disposição para dar aula, mas queria escapar do escrutínio do sr. Broad; ela ergueu os olhos de onde estava tomando sol para dizer, em seu modo indolente, com sotaque, os olhos brilhando com malicioso prazer, que era melhor elas esquecerem qualquer ideia de casamento, que a mesma Guerra Mundial que ferira seu pai havia também matado suas chances. As gêmeas de 13 anos apenas fitaram-na sem compreender, uma expressão que haviam aperfeiçoado desde então, sabendo que deixava os adultos nervosos. O que lhes importava? Casamento e pretendentes eram as últimas coisas em suas mentes, na época. Saffy disse suavemente:

– Bem, é uma espécie de má sorte, não é? Que todos os futuros maridos de alguém pudessem morrer nos campos de batalha da França?

– Quantos você pretendia ter?

– De quê?

– Maridos. Você disse: “Todos os futuros maridos de alguém”... – Percy acendeu o cigarro e abanou a mão. – Deixe pra lá – disse ela.

– Apenas um. – Saffy sentiu-se zozza de repente. – Só havia um que eu queria. – O silêncio que se seguiu foi angustiante, e Percy, ao menos, teve a dignidade de parecer desconfortável. Mas ela não disse nada, não ofereceu nenhuma palavra de consolo ou compreensão, nenhum gesto de bondade, meramente apertou a ponta do cigarro entre dois dedos, fazendo-o apagar, e dirigiu-se à porta.

– Aonde você vai?

– Dor de cabeça. Começou de repente.

– Sente-se, então; vou buscar umas aspirinas para você.

– Não. – Percy recusou-se a olhar Saffy nos olhos. – Não, eu mesma vou buscá-las na caixa de remédios. A caminhada vai me fazer bem.

PERCY APRESSOU-SE PELO CORREDOR, perguntando-se como pôde ser tão idiota. Pretendera queimar os pedaços da carta de Emily imediatamente e, em vez disso, permitira que o encontro com Lucy a desorientasse de tal forma que ela se esquecera deles no bolso. Pior ainda, os entregara diretamente a Saffy, exatamente a pessoa de quem a correspondência deveria ser escondida. Percy desceu as escadas ruidosamente, atravessou a porta e entrou na cozinha fumegante. Quando, imaginou, ela própria teria se lembrado da carta, se não fosse pela alusão que Saffy acabara de fazer ao marido de Emily, Matthew? Seria prematuro demais lamentar a perda de sua memória confiável? Começar a imaginar toda sorte de pactos com o diabo que teria de fazer para consegui-la de volta?

Percy parou abruptamente diante da mesa. As calças já não estavam mais onde ela as havia deixado. Seu coração deu um salto, começou a martelar contra suas costelas; ela forçou-o a voltar para onde deveria ficar, dentro de sua caixa torácica. Pânico não ajudaria em nada; além do mais, não era em si mesmo uma coisa terrível. Percy tinha absoluta certeza de que Saffy ainda não lera a carta: sua maneira lá em cima fora controlada demais, calma demais para ser o contrário. Porque, santo Deus, se Saffy soubesse que Percy ainda estava em contato com sua prima, não haveria como disfarçar um ataque de cólera. O que significava que nem tudo estava perdido ainda. Encontre as calças, remova a prova e tudo ficará bem.

Na ocasião, também havia um vestido sobre a mesa, ela se lembrava, o que significava que havia uma pilha de roupa suja em algum lugar. Certamente não poderia ser difícil encontrá-la. Mais difícil, sem dúvida, do que seria se ela tivesse a mais vaga ideia de como a roupa suja era lavada, mas infelizmente Percy nunca prestara muita atenção à rotina doméstica de Saffy; um descuido que ela prometeu silenciosamente consertar assim que a carta estivesse em segurança em suas mãos. Começou pelos cestos na

prateleira embaixo da mesa, remexendo em panos de prato e assadeiras, caçarolas e rolos de massa, um dos ouvidos atento às escadas, no caso de Saffy vir procurá-la. O que era improvável, certo? Com Juniper já atrasada, Saffy não se aventuraria longe da porta da frente. A própria Percy queria voltar lá; assim que Juniper chegasse, pretendia perguntar-lhe francamente sobre os boatos da sra. Potts.

Pois apesar de Percy ter concordado com a certeza de sua irmã de que Juniper, se estivesse noiva, teria lhes contado a novidade, na realidade não tinha tanta certeza assim. Era o tipo de coisa que as pessoas realmente contavam umas às outras, isso era verdade, mas Juniper não era como as outras pessoas; ela era amada, mas também inegavelmente singular. E não se tratava apenas dos lapsos de memória, dos episódios; esta era a menina que se consolava esfregando objetos no globo ocular nu – pedras lisas, a ponta de um rolo de massa da cozinheira, a caneta-tinteiro favorita do pai, que afugentara inúmeras babás com sua incurável obstinação e recusa em abandonar seus amigos imaginários, que, nas raras ocasiões em que era induzida a usar sapatos, insistia em usá-los com os pés trocados.

A excentricidade, por si só, não preocupava Percy – como se dizia na família, que pessoa de valor não tinha uma boa pitada de esquisitice? Seu pai tinha seus fantasmas, Saffy, seus pânicos, a própria Percy não se julgava uma pessoa comum. Não, a singularidade não tem nenhuma importância; Percy só se preocupava em cumprir seu dever: proteger Juniper de si mesma. Seu pai lhe dera essa incumbência. Juniper era especial, dissera ele, e cabia a todos eles mantê-la a salvo. E elas tinham conseguido, até agora, tinham conseguido. Tornaram-se especialistas em reconhecer ocasiões em que os próprios aspectos que alimentavam seu talento corriam o risco de se transformar em uma fúria assustadora. Seu pai, quando vivo, permitira que ela se entregasse ao furor sem restrição: “É paixão”, dizia, a admiração transbordando na voz, “paixão autêntica, desenfreada”. Mas ele fez questão de falar com seus advogados. Percy ficara surpresa quando descobriu o que ele havia feito; sua reação imediata fora o calor da traição, o mantra dos

irmãos “Não é justo!”, mas logo se conformou. Ela compreendeu que o pai tinha razão, que o que ele propunha seria o melhor para todos. E ela adorava Juniper, todos adoravam. Não havia nada que Percy não faria por sua irmãzinha.

Um barulho veio de cima e Percy parou, examinando o teto. O castelo era cheio de ruídos, portanto era uma questão de selecionar os suspeitos comuns. Alto demais para os zeladores, não? Lá estava ele outra vez. Passos, ela concluiu, mas estariam se aproximando? Saffy estaria descendo para a cozinha? Um momento longo, a respiração suspensa, em que Percy se manteve absolutamente imóvel; imóvel até ficar satisfeita, finalmente, que os passos estavam se afastando.

Levantou-se, então, cuidadosamente, e varreu os olhos pela cozinha ainda com mais desespero do que antes; nenhum sinal ainda da maldita roupa suja. Vassouras e um esfregão no canto, botas de borracha ao lado da porta dos fundos, a pia contendo apenas tigelas de molho e, sobre o fogão, uma caçarola e uma panela...

Uma panela! É claro. Ela certamente já tinha ouvido Saffy falar sobre panelas e lavagem de roupas, logo antes do assunto desviar-se para manchas irremovíveis e uma aula sobre a falta de cuidado de Percy. Ela correu para o fogão, olhou dentro do grande recipiente de inox e... Bingo! Que alívio – as calças.

Com um amplo sorriso, ela retirou dali o uniforme sujo, virou-o de um lado para o outro para encontrar os bolsos e enfiou a mão no primeiro, depois no outro. O sangue desapareceu instantaneamente de seu rosto: os bolsos estavam vazios. A carta desaparecera.

Mais barulho lá de cima: passos outra vez; Saffy andando de um lado para o outro. Percy praguejou baixinho, repreendeu-se novamente por sua estupidez, depois se calou, enquanto seguia as andanças de sua irmã.

Os passos se aproximavam. Então, ouviu-se uma batida. Os passos mudaram de direção. Percy esforçou-se para ouvir melhor. Haveria alguém à porta?

Silêncio. Em particular, nenhum chamado urgente de Saffy. O que significava que ninguém batera na porta, pois uma coisa era certa: a

ausência de Percy não seria tolerada uma vez que os convidados chegassem.

Talvez fosse a veneziana outra vez; ela só a encaixara de volta no lugar com a pequena chave inglesa – sem ferramentas apropriadas à mão, ela pouco pôde fazer – e a ventania continuava a uivar lá fora. Adicionar isso à lista de coisas para consertar amanhã.

Percy inspirou fundo e soltou o ar com desânimo. Observou as calças afundarem de novo no caldeirão. Já passava de oito horas, Juniper estava atrasada, a carta poderia estar em qualquer lugar. Talvez – ela se animou um pouco – Saffy tenha achado que se tratava apenas de lixo. Afinal, estava rasgada; talvez a carta já tivesse sido queimada e agora não passasse de cinzas no Aga...

Além de passar um pente-fino pela casa inteira ou perguntar diretamente a Saffy o que acontecera com os pedacinhos de papel – Percy encolheu-se só de imaginar essa conversa –, não via o que mais podia fazer. O que significava que ela devia voltar para cima e esperar por Juniper.

Ouviu-se o estrondo de um trovão neste momento, tão alto que, mesmo estando nas entranhas da casa, Percy estremeceu. Em seu rastro, outro ruído, mais brando, mais perto. Ali fora, talvez, quase como se alguém raspasse a parede, batendo de vez em quando, procurando a porta dos fundos.

O convidado de Juniper era esperado mais ou menos a esta hora.

Era possível, Percy imaginou, que uma pessoa não familiarizada com o castelo, aproximando-se dele à noite, durante o blackout, no meio de uma enorme tempestade, acabasse procurando a entrada longe da porta da frente. Apesar de a possibilidade ser tênue, depois de tê-la considerado, Percy sabia que teria de ir verificar. Não podia simplesmente largá-lo patinando na lama lá fora.

Cerrando os lábios com força, deu um último olhar ao redor da cozinha – mantimentos secos, prontos para serem usados, sobre a bancada, uma toalha de pratos amarrotada, uma tampa de caçarola: nada que sequer lembrasse uma pilha de papel rasgado –, em seguida retirou a lanterna de pilhas de dentro do estojo de emergência, vestiu uma capa por cima do vestido e abriu a porta dos fundos.



Juniper já estava quase duas horas atrasada e Saffy estava oficialmente preocupada. Oh, ela sabia que devia ser um atraso na linha do trem, um pneu de ônibus furado, um bloqueio na estrada, algo comum, e certamente não havia nenhum avião inimigo complicando a situação em uma noite encharcada como esta; ainda assim, o pensamento racional não tinha lugar nas preocupações de uma irmã mais velha. Enquanto Juniper não atravessasse aquela porta da frente, sã e salva, uma parte significativa da mente de Saffy continuaria tomada pelo medo.

E que novidades, ela se perguntou com uma mordidela no lábio inferior, sua irmã caçula traria com ela quando finalmente atravessasse a soleira da porta? Saffy acreditara genuinamente quando assegurou a Percy que Juniper não estava noiva para se casar, realmente acreditara, mas no intervalo desde que Percy desaparecera tão repentinamente, deixando-a sozinha na sala, ela fora ficando cada vez menos convicta. As dúvidas começaram quando ela pilheriou sobre o espetáculo duvidoso de Juniper vestida de noiva. Porém, mesmo enquanto Percy balançava a cabeça concordando, a imagem de renda branca e frufu que passara pela mente de Saffy sofria uma transmutação – um reflexo em águas encrespadas –, transformando-se em outra visão muito menos improvável. Uma visão que Saffy já tinha em sua imaginação, desde que começara a trabalhar no vestido lá em cima.

A partir dali, as peças se encaixaram rapidamente no lugar. Por que mais Juniper teria lhe pedido para reformar o vestido? Não para algo tão comum como um jantar, mas para um casamento. Seu próprio casamento, com esse Thomas Cavill que viria esta noite para conhecê-las. Um homem de quem até o momento nada sabiam. De fato, a extensão do seu conhecimento agora se limitava à carta que Juniper enviara, avisando que o convidara para jantar. Haviam se conhecido durante um bombardeio aéreo, tinham uma amiga em comum, ele era professor e escritor. Saffy esforçou-se para se lembrar do resto, das palavras exatas que Juniper usara, a maneira de se expressar que as deixara com a impressão de que o cavalheiro

em questão fora responsável, de certa forma, por salvar sua vida. Elas teriam imaginado esse detalhe?, perguntou-se. Ou seria uma das criativas mentiras de Juniper, um floreio destinado a angariar suas simpatias?

Havia um pouco mais a respeito dele no diário, mas essa informação não era em uma veia biográfica. O que fora escrito eram os sentimentos, os desejos, os anseios de uma mulher adulta. Uma mulher que Saffy não reconhecia, por quem se sentia acanhada; uma mulher que estava se tornando experiente. E se Saffy achava difícil se reconciliar com a transição, Percy iria precisar de muita adulação. No que dizia respeito à sua irmã gêmea, Juniper sempre seria a irmã caçula que viera quando elas já eram quase completamente crescidas, a menina que precisava ser mimada e protegida. Cujo estado de espírito podia ser levantado, cujo apreço podia ser conquistado com nada mais valioso do que um saquinho de doces.

Saffy sorriu com um carinho tristonho pela irmã gêmea que estava, sem dúvida, neste mesmo instante, armando-se para que os desejos do pai fossem respeitados. Pobre, querida Percy: tão inteligente em vários aspectos, corajosa e bondosa, mais resistente do que couro, e, no entanto, incapaz de se livrar das impossíveis expectativas do pai. Saffy era mais sábia; já deixara havia muito de tentar agradar o senhor do castelo.

Ela estremeceu, sentindo frio repentinamente, e esfregou as mãos. Em seguida, cruzou os braços, decidida a se fortalecer. Precisava ser forte para Juniper agora; era a vez dela. Pois ela podia compreender, onde Percy não podia, o fardo da paixão romântica.

A porta abriu-se e Percy surgiu. Uma corrente de vento bateu a porta atrás dela.

– Está caindo um aguaceiro. – Limpou uma gota da ponta do nariz, do queixo, sacudiu os cabelos molhados. – Ouvi um barulho aqui em cima. Antes.

Saffy pestanejou, perplexa. Falou como um autômato:

– Foi a veneziana. Acho que consertei, embora, é claro, eu não seja muito boa com ferramentas... Percy, por onde você andou? – E o que ela andou fazendo? Os olhos de Saffy se arregalaram ao ver o

vestido molhado, sujo de lama, da irmã, as – seriam folhas? – em seus cabelos. – A dor de cabeça passou, então?

– O quê? – Percy pegara os copos das duas e estava na mesa de bebidas servindo-lhes outro uísque.

– Sua dor de cabeça. Encontrou a aspirina?

– Oh. Obrigada. Sim.

– Você demorou muito a voltar.

– Demorei? – Percy entregou um copo a Saffy. – Sim, creio que sim. Achei ter ouvido algo lá fora; provavelmente era Poe, assustado com a tormenta. No começo, pensei que pudesse ser o amigo de Juniper. Como é o nome dele?

– Thomas. – Saffy tomou um gole. – Thomas Cavill. – Estaria imaginando que Percy estava evitando seus olhos? – Percy, espero...

– Não se preocupe. Serei gentil quando ele chegar. – Ela girou o copo. – Se ele chegar.

– Não deve prejudicá-lo por estar atrasado, Percy.

– Por que não?

– A culpa é da guerra. Nada mais funciona no horário. Juniper também não está aqui.

Percy recuperou o cigarro que havia abandonado antes, apoiado na beira do cinzeiro.

– Isso não é nenhuma surpresa.

– Ele vai chegar em algum momento.

– Se ele existir.

Que coisa estranha para dizer; Saffy enfiou um cacho teimoso atrás da orelha, confusa, preocupada, imaginando se Percy estaria fazendo algum tipo de pilhéria, uma das ironias que eram sua marca registrada e que Saffy tinha o hábito de levar ao pé da letra. Apesar de seu estômago ter começado a revirar, Saffy ignorou-o, preferindo achar graça da observação.

– Espero que sim; seria uma pena saber que ele não passa de uma invenção. A mesa vai ficar terrivelmente desequilibrada com menos um lugar. – Empoleirou-se na beira da *chaise-longue*, porém, por mais que se esforçasse para relaxar, um nervosismo peculiar parecia ter se transplantado de Percy para ela.

– Você está com um ar cansado – disse Percy.

– Estou? – Saffy tentou fingir um tom de voz amável. – Imagino que sim. Talvez um pouco de ação me reanime. Acho que vou descer até a cozinha e...

– Não.

Saffy deixou o copo cair. O uísque derramou-se pelo tapete, largando gotas marrons na superfície azul e vermelha.

Percy apanhou o copo.

– Desculpe-me – disse ela. – Só quis...

– Que tolice a minha. – Saffy investigou uma mancha molhada em seu vestido. – Que tola...

E então se ouviu uma batida na porta.

Pararam ao mesmo tempo.

– Juniper – disse Percy.

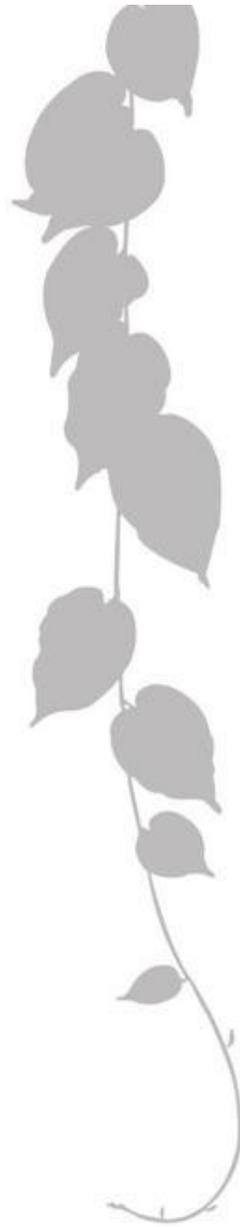
Saffy engoliu em seco, notando a pressuposição.

– Ou Thomas Cavill.

– Sim. Ou Thomas Cavill.

– Bem – disse Saffy com um sorriso tenso. – Quem quer que seja, acho melhor mandarmos entrar.

Parte dois



O livro dos mágicos animais molhados

1992

EU NÃO CONSEGUIA PARAR DE PENSAR em Thomas Cavill e Juniper Blythe. Era uma história tão melancólica; eu a transformei em *minha* história melancólica. Voltei para Londres, segui com a minha vida, mas uma parte de mim permaneceu atada àquele castelo. À beira do sono, em um momento de devaneio, os sussurros me encontravam. Meus olhos se fechavam e eu estava de volta naquele corredor frio, sombrio, esperando ao lado de Juniper que seu noivo chegasse. “Ela está perdida no passado”, a sra. Bird me disse enquanto voltávamos em seu carro e eu observava pelo espelho retrovisor os bosques abrindo suas asas ao redor do castelo, uma mortalha escura, protetora. “Naquela mesma noite de outubro de 1941, repetidamente; uma vitrola com a agulha presa.”

A ideia era terrivelmente triste – uma vida inteira desperdiçada em uma noite – e me encheu de perguntas. Como fora para ela aquela noite em que Thomas Cavill deixou de comparecer ao jantar? Teriam as três irmãs esperado em uma sala arrumada especialmente para a ocasião? Perguntava-me em que momento ela começara a se preocupar; se no começo imaginara que ele fora ferido, que tinha havido um acidente, ou se ela soube imediatamente que tinha sido abandonada. “Ele se casou com outra mulher”, a sra. Bird contou-me quando perguntei. “Ficou noivo de Juniper, depois fugiu com outra pessoa. Nada além de uma carta para romper o noivado.”

Segurei a história em minhas mãos, revirei-a, olhei-a sob todos os ângulos. Visualizei-a, retoquei-a, recontei-a. Imagino que o fato de eu ter sido igualmente traída deva ter alguma coisa a ver com isso, mas minha obsessão – pois, devo confessar, é o que se tornou – era alimentada por mais do que empatia. Tinha a ver particularmente com os últimos instantes de meu encontro com Juniper.

A transição que eu havia testemunhado quando mencionei meu retorno a Londres; a maneira como a jovem esperando amorosamente por seu amante fora substituída pela figura tensa e desventurada, suplicando minha ajuda, censurando-me por ter quebrado uma promessa. Mais do que tudo, eu me fixei no momento em que ela olhou-me nos olhos e me acusou de tê-la desapontado de alguma maneira grave, no modo como me chamou de Meredith.

Juniper Blythe era velha, não estava bem de saúde, e suas irmãs fizeram questão de me avisar que ela sempre falava de coisas que não compreendia. No entanto, quanto mais eu refletia sobre isso, mais terrivelmente certa ficava de que mamãe havia desempenhado algum papel em sua sorte. Era a única coisa, na verdade, que fazia algum sentido. Explicava a reação de mamãe à carta extraviada, o grito – pois fora um grito de angústia, não? – quando ela viu de quem vinha a carta, o mesmo grito sufocado que eu ouvira quando era pequena e nos afastávamos de Milderhurst. Aquela visita secreta, há décadas, quando mamãe tomou minha mão e me afastou dos portões do castelo com um puxão, obrigou-me a voltar para o carro, dizendo apenas que ela cometera um erro, que era tarde demais.

Tarde demais para o quê? Para fazer as pazes, talvez; para reparar alguma antiga transgressão? Teria sido culpa que a levava de volta ao castelo e depois a afastou novamente antes de atravessarmos os portões? Era possível. E se fosse verdade, certamente explicaria sua aflição. Talvez explicasse também por que ela havia mantido tudo em segredo desde o começo. Pois fora o segredo tanto quanto o mistério que chamaram minha atenção na época. Não acredito na obrigação de uma revelação completa, mas, neste caso, eu não conseguia me livrar da sensação de que haviam mentido para mim. Mais do que isso: de que eu de certa forma fora diretamente afetada. Havia alguma coisa no passado de minha mãe, algo que ela tentara de todos os modos esconder e que se recusava a se manter oculto. Um ato, uma decisão, um simples instante, talvez, quando ela era apenas uma menina; algo que lançara sua sombra, longa e escura, no presente de minha mãe, e, portanto, no meu também. E

– não somente por eu ser enxerida, não somente por eu ter me solidarizado tanto com Juniper Blythe, mas porque, de certa forma que era difícil explicar, este segredo passara a representar a distância de uma vida entre mim e minha mãe – eu precisava saber o que havia acontecido.



– Diria que sim – concordara Herbert, quando eu lhe disse exatamente isso. Havíamos passado a tarde armazenando minhas caixas de livros e diversos outros itens domésticos em seu sótão já apinhado, e havíamos acabado de sair para uma caminhada por Kensington Gardens. As caminhadas são um hábito diário que temos, iniciado por ordem do veterinário; devem supostamente ajudar a digestão de Jess, a atividade regular dando um pequeno impulso ao seu metabolismo, mas ela encara o evento com deplorável mau grado.

– Vamos, Jessie – disse Herbert, batendo de leve a ponta do sapato no traseiro teimoso, que se fixara firmemente no concreto. – Já estamos chegando perto dos patos, queridinha.

– Mas como eu vou descobrir? – Havia tia Rita, é claro, mas a relação tensa de mamãe com sua irmã mais velha tornava a ideia particularmente sorrateira. Enfiei as mãos bem fundo nos bolsos, como se a resposta pudesse ser encontrada nos fiapos. – O que devo fazer? Por onde devo começar?

– Bem, Edie – entregou-me a correia de Jess enquanto remexia no bolso para retirar um cigarro e colocava as mãos em concha para acendê-lo –, parece-me que só há um lugar por onde começar.

– Qual?

Ele exalou uma baforada teatral.

– Você sabe tão bem quanto eu, querida. Você tem de perguntar à sua mãe.



Você seria desculpado por achar que a sugestão de Herbert era óbvia, e devo assumir certa culpa por isso. Acho que lhe dei uma impressão inteiramente errada sobre minha família, a começar pelo

que fiz com aquela carta há tanto tempo perdida. É onde esta história começa, mas não é onde *minha* história começa; ou melhor, não é onde a história de Meredith e Edie começa. Aproximando-se de nossa família naquela tarde de domingo, você poderia pensar que éramos uma dupla um pouco expansiva, que conversávamos e compartilhávamos com facilidade. Por mais agradável que isso possa parecer, não é o caso. Há uma quantidade incalculável de experiências infantis que eu poderia apresentar como prova para demonstrar que o nosso relacionamento não era assinalado pela conversa e compreensão: o inexplicável aparecimento em minha gaveta de um sutiã em estilo militar quando fiz 13 anos; minha confiança em Sarah para tudo que não fosse as informações mais básicas relativas a cegonhas e tudo que gira em torno delas; o irmão fantasma que meus pais e eu fingíamos não ver.

Mas Herbert tinha razão: esse era um segredo de minha mãe, e, se eu quisesse conhecer a verdade, saber mais a respeito da menina que me acompanhou como uma sombra pelo castelo Milderhurst, era por ela que eu devia começar. Por sorte, havíamos combinado de nos encontrar para tomar um café na semana seguinte em uma confeitaria perto da Billing & Brown. Deixei o escritório às 11 horas, encontrei uma mesa nos fundos e fiz nosso pedido, por hábito. A garçonete acabara de me trazer um bule fumegante de Darjeeling quando houve um rompante de ruído da rua. Ergui os olhos e vi que a porta da confeitaria estava aberta e minha mãe hesitava na entrada, bolsa e chapéu na mão. Um ar de cautela defensiva havia tomado conta de suas feições enquanto ela examinava o café desconhecido, decididamente moderno. Desviei os olhos: para minhas mãos, a mesa, brinquei com o zíper da minha bolsa, qualquer coisa para evitar ser testemunha. Tenho notado esse ar de incerteza com mais frequência ultimamente, e não tenho certeza se é porque ela está ficando mais velha ou porque eu estou, ou porque o mundo realmente está acelerado. Minha reação a isso me deixa desconcertada, pois sem dúvida um vislumbre da fraqueza de minha mãe deveria engendrar pena, torná-la mais simpática para mim, mas a verdade era o oposto. Assusta-me, como um rasgo no tecido da normalidade que ameaça deixar tudo feio, irreconhecível, diferente

do que deveria ser. Durante toda a minha vida, minha mãe tem sido um oráculo, um baluarte de correção, portanto vê-la insegura, particularmente em uma situação que eu enfrento sem pestanejar, vira meu mundo de pernas para o ar e faz o chão firme girar como nuvens sob meus pés. Assim, esperei, e somente quando já havia passado bastante tempo é que levantei o olhar outra vez, fitei-a – agora novamente segura, confiante – e acenei com candura, como se somente naquele momento eu tivesse percebido sua presença.

Ela avançou cautelosamente pelo café lotado, prendendo a bolsa para que não batesse na cabeça das pessoas, mas de uma forma ostentosa que de alguma maneira conseguia mostrar desaprovação ao arranjo das mesas e cadeiras. Eu, enquanto isso, ocupei-me verificando que ninguém tivesse derramado grânulos de açúcar ou espuma de cappuccino ou farelos de doces no seu lado da mesa. Estes nossos encontros semirregulares para um café eram algo novo, instituídos poucos meses depois do início da aposentadoria de meu pai. Eram um pouco embaraçosos para nós duas, mesmo quando eu não esperava realizar uma delicada escavação da vida de minha mãe. Levantei-me um pouco da minha cadeira quando ela chegou à mesa, meus lábios encontraram o ar junto à sua face que me era oferecida, e então nós duas nos sentamos, sorrindo com alívio excessivo porque os cumprimentos públicos estavam terminados.

– Está quente lá fora, não é?

Respondi:

– Muito. – E estávamos de volta a uma estrada confortável: a obsessão atual de meu pai por benfeitorias na casa (arrumação das caixas no sótão). Meu trabalho (encontros sobrenaturais em Romney Marsh) e os mexericos do clube de bridge de mamãe. Em seguida, uma pausa enquanto sorriamos uma para a outra, ambas esperando que mamãe cedesse sob o peso de seu inquérito de rotina.

– E Jamie, como vai?

– Vai bem.

– Vi os recentes elogios no *The Times*. A nova peça foi muito bem recebida.

– Sim. – Eu também vira as críticas. Não fui procurar, realmente não; elas apenas saltaram diante de mim quando eu procurava as páginas dos classificados de aluguel. Uma crítica *muito* boa, aliás. Jornal desgraçado: nenhum apartamento bom para alugar.

Mamãe fez uma pausa quando o cappuccino que eu pedira para ela chegou à mesa.

– E conte-me – disse ela, colocando um guardanapo de papel entre a xícara e o pires para absorver o leite derramado. – Qual é o próximo trabalho na agenda dele?

– Ele está trabalhando em seu próprio roteiro. Sarah tem um amigo, um diretor de cinema, que prometeu ler quando estiver terminado.

Sua boca formou um “oh” silencioso e cínico antes de conseguir emitir alguns ruídos de aprovação. Os últimos deles foram afogados quando ela tomou um gole de café, encolheu-se diante do gosto amargo e abençoadamente mudou de assunto:

– E como vai o apartamento? Seu pai quer saber se aquela torneira na cozinha ainda está lhe dando trabalho. Ele teve outra ideia que acha que vai consertá-la de uma vez por todas.

Imaginei o apartamento frio e vazio que eu deixara pela última vez naquela manhã, lembranças ilusórias seladas dentro da coleção de caixas de papelão pardo em que minha vida se tornara, depois amontoadas no sótão de Herbert.

– Vai bem – disse. – O apartamento vai bem, a torneira vai bem. Diga-lhe que ele realmente não precisa se preocupar mais.

– Será que não existe mais nada lá que precise de conserto? – Um leve tom de súplica infiltrara-se em sua voz. – Pensei em mandá-lo passar por lá no sábado para fazer uma manutenção geral.

– Já lhe disse. Está tudo bem.

Ela pareceu surpresa e magoada, e eu percebi que havia falado rispidamente; é que essas terríveis conversas em que eu fingia que tudo caminhava normalmente estavam me esgotando. Apesar da minha disposição de desaparecer dentro de livros de ficção, não sou mentirosa e não lido bem com subterfúgio. Em circunstâncias normais, esse deveria ter sido o momento perfeito para eu lhe dar a notícia sobre Jamie, mas não pude, não quando eu queria nos levar

de volta a Milderhurst e Juniper Blythe. De qualquer modo, o homem na mesa ao lado escolheu este exato instante para se virar e perguntar se podia pegar emprestado o saleiro. Enquanto eu o entregava a ele, mamãe disse:

– Tenho algo para você. – Ela retirou da bolsa uma sacola velha da M&S, dobrada para proteger o que quer que houvesse lá dentro.
– Não fique muito empolgada – acrescentou ela, passando-a a mim.
– Não é nada novo.

Abri a sacola, tirei o conteúdo e fiquei olhando-o, intrigada, por um instante. As pessoas estão sempre me dando coisas que acham que podem ser publicadas, mas eu não podia acreditar que alguém pudesse estar tão errado.

– Não se lembra? – Mamãe me olhava como se eu tivesse esquecido meu próprio nome.

Fitei novamente o maço de papéis grampeados, o desenho infantil na frente, as palavras mal desenhadas no topo da página: *O livro dos animais molhados, escrito e ilustrado por Edith Burchill*. Uma pequena seta fora inserida entre "dos" e "animais" e a palavra "mágicos" acrescentada com caneta de cor diferente.

Mamãe disse:

– Foi você quem escreveu. Não se lembra?

– Lembro – menti. Algo na expressão de mamãe me dizia que era importante para ela que eu me lembrasse, e, além disso – corri o polegar por uma mancha de tinta feita por uma caneta deixada por muito tempo parada entre dois movimentos –, eu queria me lembrar.

– Você tinha tanto orgulho dele. – Ela inclinou a cabeça para o lado para olhar para o pequeno feixe de papéis em minhas mãos. – Você trabalhou nisso durante dias a fio, agachada no chão sob a penteadeira no quarto de hóspedes.

Agora, isso *era* familiar. Uma deliciosa recordação de ficar comprimida no espaço escuro, aconchegante desprende-se de uma antiga câmara de armazenamento em meu cérebro, e meu corpo vibrou com a lembrança: o cheiro de poeira no tapete redondo, a rachadura no reboco da parede, largo apenas o suficiente para guardar uma caneta, a dureza das tábuas de madeira do assoalho sob meus joelhos enquanto eu observava a luz do sol atravessá-las.

– Você estava sempre trabalhando em uma ou outra história, sempre rabiscando no escuro. Às vezes, seu pai ficava preocupado que você viesse a ser tímida, que nunca fosse fazer amigos, mas não havia nada que pudéssemos fazer para diminuir seu entusiasmo.

Eu me lembrava de ler, mas não me lembrava de escrever. Ainda assim, a conversa de mamãe sobre diminuir meu entusiasmo atingiu um ponto sensível. Lembranças distantes de papai sacudindo a cabeça, incrédulo, quando eu retornava da biblioteca, perguntando-me durante o jantar por que eu não estava tomando emprestado livros de não ficção, o que eu queria com toda aquela bobagem de contos de fadas, por que eu não queria aprender sobre o mundo real.

– Eu havia esquecido que escrevia histórias – disse, virando o livro e sorrindo diante da imitação de um logotipo de editora que eu desenhara no verso.

– Bem. – Ela limpou uma velha migalha de cima da mesa. – De qualquer modo, achei que deveria devolvê-lo a você. Seu pai tem andado puxando caixas do sótão para baixo, foi assim que eu o encontrei. Não vale a pena deixá-lo para as traças, não é? Nunca se sabe, você pode até mesmo ter sua própria filha para mostrá-lo um dia. – Ela endireitou-se em seu assento e o buraco do coelho para o passado fechou-se atrás dela. – Conte-me – disse ela –, como foi seu fim de semana? Fez alguma coisa especial?

Lá estava. A janela perfeita, cortinas completamente abertas. Eu não teria conseguido construir uma abertura melhor para mim mesma, ainda que tentasse. E enquanto eu olhava para *O livro dos mágicos animais molhados* em minha mão – o papel envelhecido pelo tempo, as marcas de canetas hidrográficas, as nuances e o colorido infantil –, enquanto eu compreendia que minha mãe o guardara todo esse tempo, que ela quisera preservá-lo, apesar de suas apreensões sobre minha ocupação extravagante, que ela tivesse escolhido hoje, de todos os dias, para me fazer lembrar uma parte de mim mesma que eu já havia esquecido completamente, fui tomada por um desejo repentino e avassalador de compartilhar com ela tudo que havia acontecido comigo no castelo Milderhurst. Uma agradável sensação de que tudo se resolveria para melhor.

– Na verdade – disse –, fiz, sim.

– Oh? – Ela sorriu, radiante.

– Algo muito especial. – Meu coração começara a disparar; eu me observava de fora, imaginando, mesmo enquanto oscilava na beira do penhasco, se eu iria realmente saltar. – Fiz uma turnê – disse uma voz fraca parecida com a minha. – Uma visita ao castelo Milderhurst.

– Você... você o quê? – Os olhos de mamãe se arregalaram. – Você foi a Milderhurst? – Seu olhar fixou-se no meu enquanto eu assentia, depois baixou. Ela remexeu sua xícara no pires, girou-a pela alça delicada, de um lado para o outro, e eu observei com cautelosa curiosidade, sem saber ao certo o que iria acontecer, ansiosa e avessa, em igual medida, a descobrir.

Eu devia ter tido mais fé. Como uma brilhante aurora clareando o horizonte nublado, a dignidade se reafirmou. Ela ergueu a cabeça e sorriu por cima da mesa, enquanto arrumava o pires.

– Ora, muito bem – disse ela –, castelo Milderhurst. E como era?

– Era... grande. – Eu trabalho com palavras, e isso foi o melhor que consegui dizer. Tinha sido a surpresa, é claro; a absoluta transformação que eu acabara de testemunhar. – Como algo saído de um conto de fadas.

– Uma turnê, você disse? Não imaginei que fosse possível. São os tempos modernos, imagino. – Abanou a mão. – Tudo tem seu preço.

– Foi informal – disse. – Uma das proprietárias me acompanhou. Uma mulher muito idosa chamada Persephone Blythe.

– Percy? – Um minúsculo tremor em sua voz, o único arranhão em sua serenidade. – Percy Blythe? Ela ainda está lá?

– Todas elas estão, mamãe. Todas as três. Até mesmo Juniper, que lhe mandou a carta.

Mamãe abriu a boca, como se fosse falar; quando nenhuma palavra foi emitida, ela a fechou novamente, com força. Entrelaçou os dedos no colo e permaneceu sentada, tão imóvel e branca como uma estátua de mármore. Eu também permaneci imóvel, mas o silêncio foi ganhando peso, mais do que eu podia suportar.

– Foi estranho – disse, pegando o bule de chá. Notei que minhas mãos tremiam. – Tudo era empoeirado e sombrio, e ver todas elas

sentadas juntas na sala, as três naquela casa grande e antiga... Foi como se eu tivesse entrado numa casa de bonecas...

– Juniper... Edie. – A voz de mamãe estava estranha e fina, e ela limpou a garganta. – Como ela estava? Como parecia estar?

Perguntei-me por onde começar: o jeito de menina, a aparência desfeita, a cena final de acusações desesperadas.

– Ela parecia confusa – disse. – Usava um vestido antiquado e disse-me que estava esperando alguém, um homem. A dona da pousada onde eu fiquei disse que ela não estava bem, que as irmãs cuidavam dela.

– Ela está doente?

– Demência. Uma espécie de demência. – Continuei cautelosamente: – Seu namorado a deixou há muitos anos e ela nunca se recuperou completamente.

– Namorado?

– Noivo, para ser exata. Ele a abandonou, e as pessoas dizem que isso a deixou louca. Literalmente louca.

– Oh, Edie – disse mamãe. O ar ligeiramente transtornado em seu rosto transformou-se em uma espécie de sorriso que você daria a um gatinho desajeitado. – Sempre tão cheia de fantasia. A vida real não é assim.

Irritei-me; é cansativo ser sempre tratada como ingênua.

– Só estou lhe contando o que disseram na vila. Uma senhora lá disse que Juniper sempre foi frágil, mesmo quando era nova.

– Eu a *conheci*, Edie; não preciso que me diga como ela era quando jovem.

Ela havia rebatido e me pegara desprevenida.

– Desculpe-me – disse –, eu...

– Não. – Ela ergueu a mão e pressionou a palma de leve na testa, depois olhou disfarçadamente para trás por cima do ombro. – *Eu* é que peço desculpas. Não sei o que me deu. – Ela suspirou, sorriu um pouco tremulamente. – É a surpresa, eu acho. Pensar que elas ainda estão todas vivas, todas no castelo. Ora... elas devem ser tão *velhas*. – Ela franziu a testa, fingindo grande interesse no enigma matemático. – As outras duas já eram velhas quando as conheci; ao menos me pareciam.

Eu ainda estava perplexa com sua explosão, e respondi defensivamente:

– Quer dizer que elas pareciam velhas? Cabelos grisalhos e tudo?

– Não. Não, isso não. É difícil dizer o que era. Imagino que tivessem apenas trinta e poucos anos na ocasião, mas é claro que isso significava algo diferente naquela época. E eu era pequena. As crianças tendem a ver as coisas de modo diferente, não é?

Não respondi. Ela não esperava que eu o fizesse. Seus olhos estavam sobre mim, mas tinham um ar distante, como aquelas antigas telas prateadas para projeções cinematográficas.

– Elas se comportavam mais como pais do que como irmãs – continuou ela. – Com Juniper, quero dizer. Eram bem mais velhas do que ela, e sua mãe havia morrido quando ela era bem pequena. O pai delas ainda estava vivo, mas não se envolvia muito.

– Ele era um escritor, Raymond Blythe. – Eu disse isso cautelosamente, com receio de que pudesse estar me excedendo de novo, dando informações que ela já tinha em primeira mão. Desta vez, entretanto, ela não pareceu se importar, e eu fiquei à espera de alguma indicação de que soubesse tudo que o nome significava, que ela se lembrava de ter levado o livro da biblioteca para casa quando eu era menina. Eu havia ficado atenta quando empacotei minhas coisas para sair do apartamento, na esperança de poder levá-lo para mostrar a ela, mas não o encontrara. – Ele escreveu um livro chamado *A verdadeira história do Homem de Lama*.

– Sim. – Foi tudo que ela disse, a voz quase um sussurro.

– Você o conheceu?

Ela sacudiu a cabeça.

– Eu o vi algumas vezes, mas somente de longe. Ele era muito velho na época e totalmente recluso. Passava a maior parte de seu tempo na torre, escrevendo, e eu não tinha permissão para ir até lá. Era uma das regras mais importantes; não havia muitas. – Ela olhava para baixo e uma veia saliente pulsava, escura sob cada pálpebra. – Falavam sobre ele às vezes; acho que ele podia ser difícil. Eu sempre o achei um pouco parecido com o Rei Lear, jogando as filhas umas contra as outras.

Era a primeira vez que eu ouvia minha mãe fazer referência a um personagem de ficção, e o efeito foi embaralhar completamente minha linha de pensamento. Escrevi minha tese de final de curso sobre as tragédias de Shakespeare, e em nenhum momento ela deu qualquer sinal de estar familiarizada com as peças.

– Edie? – Mamãe ergueu os olhos incisivamente. – Você disse a elas quem você era? Quando foi a Milderhurst. Falou sobre mim? Com Percy, as outras?

– Não. – Imaginei se a omissão ofenderia minha mãe; se ela iria querer saber por que eu não lhes contara a verdade. – Não, não falei.

– Ótimo – disse ela, balançando a cabeça. – Foi uma boa decisão. Mais gentil. Você só as teria confundido. Já faz tanto tempo, e eu fiquei com elas por tão pouco tempo; elas sem dúvida já se esqueceram completamente de que um dia estive lá.

E ali estava minha chance; aproveitei-a:

– Mas é exatamente isso, mamãe, elas não esqueceram; quer dizer, Juniper não esqueceu.

– O que quer dizer?

– Ela achou que eu fosse você.

– Ela...? – Seus olhos examinaram os meus. – Como você sabe?

– Ela me chamou de Meredith.

Mamãe roçou os lábios com as pontas dos dedos.

– Ela... disse mais alguma coisa?

Uma encruzilhada. Uma escolha. E, no entanto, não era realmente. Eu tinha de pisar com cuidado: se eu dissesse à mamãe exatamente o que Juniper dissera, que ela a acusara de não cumprir a promessa e de arruinar sua vida, nossa conversa certamente estaria acabada.

– Não muito – disse. – Vocês eram próximas, vocês duas?

O homem sentado atrás de nós levantou-se, seu traseiro consideravelmente grande cutucando nossa mesa, de modo que tudo tremeu. Sorri distraidamente diante de suas desculpas, concentrada em impedir que nossas xícaras e nossa conversa ruíssem.

– Você e Juniper eram amigas, mamãe?

Ela pegou seu café; pareceu passar um longo tempo girando a colher pelo conteúdo da xícara para ajeitar a espuma.

– Sabe, faz tanto tempo que é difícil lembrar os detalhes. – Um barulho metálico, quebradiço, quando a colher bateu no pires. – Como eu disse, eu só fiquei lá um pouco mais de um ano. Meu pai veio e me levou para casa no começo de 1941.

– E você nunca mais voltou?

– Foi a última vez que vi Milderhurst.

Ela estava mentindo. Senti o rosto afogueado, a cabeça zonzá.

– Tem certeza?

Uma risadinha.

– Edie... que pergunta estranha. Claro que tenho certeza. É o tipo da coisa de que você se lembraria, não acha?

Lembraria. Lembrava.

– É exatamente isso. Algo engraçado aconteceu, sabe. No fim de semana, quando vi pela primeira vez a entrada de Milderhurst, os portões no começo do caminho de acesso ao castelo, tive uma sensação extraordinária de já ter estado lá antes. – Quando ela não disse nada, eu pressionei: – Que eu já estivera lá com você.

Seu silêncio era excruciante, e subitamente tomei consciência do burburinho do café à nossa volta, o golpe rangente do recipiente de café sendo esvaziado, o moedor girando, as risadas estridentes em algum lugar no mezanino. Mas eu parecia estar ouvindo tudo a uma grande distância, como se mamãe e eu estivéssemos inteiramente separadas, cada uma isolada dentro de sua própria bolha.

Tentei disfarçar o tremor na voz:

– Quando eu era criança. Fomos de carro até lá, você e eu, e ficamos paradas nos portões. Fazia calor e havia um lago, e eu queria nadar, mas nós não entramos. Você disse que era tarde demais.

Mamãe deu umas pancadinhas leves com o guardanapo nos lábios, devagar, delicadamente, depois olhou para mim. Apenas por um instante, achei ter vislumbrado o brilho de uma confissão em seus olhos; então, ela piscou e o brilho desapareceu.

– Você está imaginando coisas.

Sacudi a cabeça devagar.

– Todos esses portões se parecem – continuou ela. – Você viu alguma foto em algum lugar, um dia, um filme, e ficou confusa.

– Mas eu me *lembro...*

– Tenho certeza de que parece assim. Exatamente como quando você acusou o sr. Watson, nosso vizinho do lado, de ser um espião russo, ou naquela vez em que estava convencida de que era adotada. Nós tivemos de lhe mostrar a certidão de nascimento, lembra-se? – Sua voz adquirira um tom de que eu me lembrava muito bem da minha infância. A enfurecedora certeza de alguém sensato, respeitável, poderoso; alguém que não o ouviria por mais alto que você falasse. – Seu pai me fez levá-la ao médico por causa dos seus pavores noturnos.

– Isso é diferente.

Ela sorriu com vivacidade.

– Você é fantasiosa, Edie. Sempre foi. Não sei de onde você tirou isso; não de mim. *Certamente* não de seu pai. – Ela estendeu a mão para recuperar a bolsa do chão. – Por falar nele, preciso voltar para casa.

– Mas, mãe. – Eu podia sentir o abismo abrindo-se entre nós; uma lufada de desespero me estimulou: – Você nem sequer terminou seu café.

Ela olhou para a xícara, o restinho cinzento esfriando no fundo.

– Já tomei o bastante.

– Vou pedir outro para você, por minha conta.

– Não – disse ela. – Quanto lhe devo por este?

– Nada, mamãe. Por favor, fique.

– Não. – Ela colocou uma nota de cinco libras junto ao meu pires.

– Passei a manhã inteira fora e seu pai está sozinho. Você sabe como ele é: se eu não voltar logo, ele vai desmontar a casa.

A pressão de sua face, pegajosa, contra a minha, e ela foi embora.

Um clube de striptease adequado e a caixa de Pandora

Só PARA CONSTAR, foi tia Rita quem fez contato comigo, e não ao contrário. O que aconteceu foi que, enquanto eu me debatia, tentando, sem sucesso, descobrir o que acontecera entre mamãe e Juniper Blythe, tia Rita estava se movimentando para organizar uma despedida de solteira para minha prima Samantha. Eu não sabia se ficava ofendida ou lisonjeada quando ela ligou para o escritório para me pedir o nome de um clube de striptease masculino de classe. Assim, resolvi ficar perplexa e, por fim, porque parece que não consigo agir de outro modo, ser útil. Eu disse que não sabia assim de chofre, mas faria uma pesquisa, e concordamos de nos encontrar em segredo em seu salão de beleza no domingo seguinte, de modo que eu pudesse lhe passar os dados da minha averiguação. Isso significava deixar de comparecer ao assado de domingo de minha mãe, mas era o único dia em que Rita estava livre; eu disse à mamãe que estaria ajudando com o casamento de Sam e ela não pôde realmente protestar.

Classy Cuts situa-se atrás de uma minúscula fachada de loja na Old Kent Road, prendendo a respiração para caber entre uma loja de discos independentes e o melhor peixe-e-batatas fritas de Southwark. Rita é tão da velha guarda quanto os discos Motown que coleciona, e seu salão faz ótimos negócios em permanentes, coques altos e duros de laquê, estilo colmeia, e rinçagem azulada para o pessoal do bingo. Ela já está no ramo há tempo suficiente para ser retrô sem perceber, e gosta de contar a quem quiser ouvir como começou ali mesmo naquele salão quando era uma magricela de 16 anos e a guerra ainda grassava; como ficara olhando através daquelas mesmas vitrines no Dia da Vitória, quando o sr. Harvey, da chapelaria em frente, tirou as roupas e começou a dançar pela rua, sem nada para cobri-lo além de seu melhor chapéu.

Cinquenta anos em um único lugar. Não é de admirar que ela seja tão popular em sua região de Southwark, a movimentada e barulhenta plateia separada do deslumbrante balcão nobre de Docklands. Alguns de seus clientes mais antigos a conhecem desde o tempo em que o mais próximo que ela chegava de uma tesoura era o armário de vassouras dos fundos, e não havia mais ninguém em quem confiassem agora para fazer seus permanentes.

– As pessoas não são idiotas – costuma dizer tia Rita. – Dê a elas um pouco de amor e nunca irão embora.

Ela também possui uma habilidade incrível em escolher vencedores nas corridas de cavalos locais, o que não pode ser ruim para os negócios.

Não sei muito sobre irmãos, mas tenho absoluta certeza de que nunca duas irmãs foram tão diferentes. Mamãe é reservada, Rita não; mamãe prefere sapatos baixos e confortáveis, muito bem cuidados, Rita serve o café da manhã de salto alto; mamãe é um cofre trancado no que diz respeito a histórias de família, Rita é a fonte voluntária de todo conhecimento. Sei disso em primeira mão. Quando eu tinha nove anos e mamãe foi para o hospital para retirar pedras da vesícula, papai fez uma sacola para mim e me despachou para a casa de Rita. Não sei se minha tia de certa forma intuiu que aquela garota na porta de sua casa estava completamente desvinculada de suas raízes ou se eu a assediei de perguntas ou se ela apenas viu isso como uma chance de irritar minha mãe e dar mais um golpe em uma guerra antiga, mas o fato é que ela assumiu a responsabilidade naquela semana de preencher muitas lacunas.

Ela me mostrou fotografias amareladas na parede, contou-me histórias engraçadas de como foram as coisas quando tinha a minha idade e pintou um quadro vívido com cores, cheiros e vozes antigas que me deixou plenamente consciente de algo que eu já sabia opacamente. A casa em que eu vivia, a família em que crescia era um lugar higiênico e solitário. Lembro-me de ficar deitada no pequeno colchão extra na casa de Rita enquanto meus quatro primos enchiam o quarto com seus roncos suaves e ruídos agitados de sono, desejando que fosse ela a minha mãe; que eu vivesse em uma casa calorosa, atulhada e confusa, arrebatando nas costuras

de tantos irmãos e histórias antigas. Lembro-me, também, do jorro instantâneo de culpa líquida quando o pensamento se formou em minha mente; apertando meus olhos com força e imaginando meu desejo desleal como um pedaço de seda amarrado, desatando-o mentalmente e depois evocando uma rajada de vento para levá-lo embora como se nunca tivesse existido.

Mas existira.

Seja como for. Era no começo de julho e quente o dia em que me apresentei; o tipo de calor que você carrega nos pulmões. Bati na porta de vidro e, ao fazê-lo, vislumbrei o reflexo de minha própria imagem cansada. Deixei-me apenas dizer que disputar espaço em um sofá com um cachorro flatulento não ajuda em nada a aparência geral de uma pessoa. Espreitei além do cartaz "Fechado" e vi tia Rita sentada a uma mesa de jogo de cartas nos fundos, um cigarro dependurado do lábio inferior enquanto ela examinava alguma coisa pequena e branca nas mãos. Ela acenou para que eu entrasse.

– Edie, queridinha – disse ela, acima da campainha de boas-vindas e das *Supremes* –, empreste-me seus olhos, sim, docinho.

É um pouco como dar um passo para trás no tempo, visitar a loja de tia Rita: os ladrilhos branco e preto, como um tabuleiro de xadrez, o conjunto de cadeiras estofadas em imitação de couro, com almofadas verde-limão, os secadores de cabelo perolados, no formato de recipiente para ovo quente, em suportes retráteis. Pôsteres de Marvin Gaye e de Diana Ross e The Temptations, emoldurados e com vidro. Os cheiros perenes de água oxigenada e de gordura de batatas fritas da loja vizinha, atracados em combate mortal...

– Estou tentando enfiar esta fita desgraçada aqui e ali – disse tia Rita sem tirar o cigarro da boca –, mas, se já não bastasse meus dedos terem engrossado, a maldita fita parece ter adquirido vontade própria.

Atirou o objeto na minha direção e, estreitando um pouco os olhos, percebi que era uma bolsinha de renda com furos na boca por onde uma fita deveria ser enfiada.

– São lembrancinhas para as amigas de Sam – disse tia Rita, indicando uma caixa de bolsinhas idênticas junto aos seus pés. –

Bem, serão depois que eu tiver terminado de aprontá-las e de enchê-las de guloseimas. – Bateu as cinzas do cigarro. – A água na chaleira acaba de ferver, mas tenho limonada na geladeira, se preferir.

Minha garganta contraiu-se à simples sugestão.

– Adoraria limonada.

Não é uma palavra que você normalmente pense em associar com a irmã de sua mãe, mas é verdade, então a direi: ela é descarada, minha tia Rita. Observando-a enquanto servia nossas limonadas, o traseiro redondo esticando a saia em todos os lugares certos, a cintura ainda fina apesar de quatro filhos há mais de trinta anos, eu podia muito bem acreditar nas poucas pilhérias que colhi de minha mãe ao longo dos anos. Sem nenhuma exceção, elas haviam sido feitas na forma de advertências sobre as coisas que as boas meninas não faziam; entretanto, tiveram um efeito um pouco inesperado: cimentando para mim a admirável lenda de tia Rita, agitadora de multidões.

– Aqui está, queridinha. – Entregou-me um copo de martíni cuspidando bolhas e limpou a garganta ruidosamente, deixando-se cair em sua cadeira, cutucando o coque colmeia com todos os dedos. – Ufa – disse –, que dia! Meu Deus, você parece tão cansada quanto eu me sinto!

Tomei um glorioso gole de limonada, bolhas ardentes queimando minha garganta. The Temptations começaram a cantar “My Girl”, e disse:

– Não sabia que você abria aos domingos.

– Não abro, não normalmente, mas uma freguesa antiga precisava lavar e pentear os cabelos para um enterro, não dela mesma, graças a Deus, e eu não tive coragem de dizer não. Você faz o que tem de fazer, não é? É como se fossem da família, algumas delas. – Examinou a bolsinha em que eu havia terminado de passar a fita, apertou a fita fechando a bolsinha, afrouxou-a outra vez, as longas unhas cor-de-rosa chocando-se com um leve ruído. – Muito bem, menina. Só mais vinte para terminar.

Bati continência quando ela me entregou outra bolsinha.

– De qualquer modo, me dá a chance de preparar alguma coisa para o casamento: longe de olhos curiosos. – Ela arregalou os olhos por um instante, antes de estreitá-los como persianas. – Essa minha Sam é uma abelhuda; sempre foi, desde criança. Costumava escalar os armários à procura de onde eu havia guardado os presentes de Natal, depois deixava seus irmãos embasbacados adivinhando o que estava embrulhado embaixo da árvore. – Tirou um novo cigarro do maço sobre a mesa e acrescentou: – Danadinha! – Em seguida, acendeu um fósforo. A ponta do cigarro ardeu, depois se acomodou. – E quanto a você, hein? Uma jovem como você deve ter coisas melhores a fazer com seu domingo.

– Melhor do que isto? – Mostrei minha segunda sacolinha branca, a fita no lugar. – O que poderia ser melhor do que isso?

– Que atrevida – disse ela, e seu sorriso me fez lembrar vovó de uma forma que o de mamãe jamais fazia. Eu adorava a vovó de tal modo que contradizia qualquer suspeita que eu tivesse enquanto crescia de que pudesse ser adotada. Ela vivera sozinha durante todo o tempo em que eu a conhecera e, embora, como se apressava a enfatizar, tenha tido muitas propostas, ela se recusara a casar outra vez e ser a escrava de um velho quando sabia o que era ser a queridinha de um jovem. Havia uma tampa para cada panela, ela me dissera muitas vezes, com ar sério, e ela agradecia a Deus ter encontrado sua tampa em meu avô. Não conheci o marido de minha avó, pai de minha mãe, não que eu me lembrasse – ele morreu quando eu tinha três anos –, e nas poucas ocasiões em que pensei em perguntar sobre ele, mamãe, com sua aversão em remexer no passado, sempre fora rápida em passar superficialmente pelo assunto. Rita, graças a Deus, fora mais acessível. – Então – disse ela –, como você se saiu?

– Muito bem. – Revolvi minha bolsa em busca de minhas anotações, desdobrei a folha e li o nome que Sarah me dera. – *The Roxy Club*. O número do telefone está aqui também.

Tia Rita retorceu os dedos para mim e eu lhe entreguei o papel. Ela franziu os lábios, tão apertados quanto a boca das bolsinhas.

– *The Roxy Club* – repetiu. – E é um lugar bom? De classe?

– Segundo as minhas fontes.

– Muito bem, menina. – Ela dobrou o papel novamente, enfiou-o no sutiã e piscou para mim. – Depois é a sua vez, hein, Edie?

– De quê?

– De adentrar a nave da igreja.

Sorriu frouxamente, ergui um dos ombros para descartar o comentário.

– Quanto tempo já faz, você e seu amigo... seis, não?

– Sete.

– Sete anos. – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Ele deveria querer fazer de você uma mulher honesta logo, caso você comece a ficar impaciente e queira seguir adiante. Será que ele não sabe que bom partido você é? Quer que eu tenha uma boa conversa com ele?

Mesmo que não fosse pelo fato de eu estar tentando esconder um rompimento, era um pensamento assustador.

– Na verdade, tia Rita – imaginei como fazê-la desistir sem revelar muita coisa –, eu mesma estou achando que nenhum dos dois é do tipo que se casa.

Ela tragou o cigarro, um dos olhos estreitando-se ligeiramente enquanto me examinava.

– É mesmo?

– Receio que sim. – Era uma mentira. Em parte. Eu sempre fui, e continuo sendo, definitivamente do tipo que se casa. Minha aceitação, durante todo o nosso relacionamento, do ceticismo zombeteiro de Jamie em relação à bênção conjugal estava em franca oposição às minhas sensibilidades naturalmente românticas. Não ofereço nenhuma outra defesa além de dizer que, em minha experiência, quando você ama alguém, é capaz de fazer praticamente qualquer coisa para prendê-lo.

Por trás de uma lenta baforada, o olhar de Rita parecia mudar de marcha, de descrença para perplexidade, chegando finalmente a uma aceitação conformada.

– Bem, talvez você esteja certa. Apenas acontece com você, a vida, sabe; acontece quando você menos espera. Você conhece alguém, pega uma carona no carro dele, casa-se com ele e tem um bando de filhos. Então, um dia você percebe que vocês não têm nada em comum. Sabe que costumavam ter, devem ter tido, senão

por que se casaria com o sujeito? Mas as noites sem dormir, as decepções, a preocupação. O choque de ter mais vida para trás do que para frente. Bem – sorriu para mim mais como se tivesse me dado uma receita de torta do que despertado em mim a vontade de enfiar minha cabeça no forno. – É a vida, não é?

– Isso é glorioso, tia Rita. Não deixe de colocar isso em seu discurso do casamento.

– Danadinha.

Com a conversa estimulante de tia Rita ainda pairando na névoa de fumaça, cada uma de nós se atracou em uma luta particular com uma bolsinha branca. A vitrola continuava a girar, Rita cantarolava enquanto um homem com uma voz pastosa nos convidava a dar uma boa olhadela em seu sorriso, e finalmente eu não pude mais aguentar. Por mais que eu goste de ver Rita, eu viera com um propósito velado. Mamãe e eu mal tínhamos nos falado depois de nosso encontro na confeitaria; eu cancelara nosso próximo e já programado encontro para um café, alegando um acúmulo de trabalho, e até me vi fazendo uma triagem de seus telefonemas na secretária eletrônica. Acho que meus sentimentos estavam feridos. Parece irremediavelmente juvenil dizer isso? Espero que não, porque é verdade. A continuada recusa de minha mãe de confiar em mim, sua negação irredutível de que havíamos visitado os portões do castelo, sua insistência de que era *eu* que havia inventado toda a história, fez um lugar no meu peito doer e me deixou mais decidida do que nunca a saber a verdade. E agora eu havia faltado ao almoço de família outra vez e deixado minha mãe ainda mais ressentida, e havia atravessado a cidade em um calor de derreter sapatos: eu não iria, não poderia sair dali sem algo de valor.

– Tia Rita? – disse.

– Hum? – Ela franziu as sobrancelhas para a fita que havia se embaralhado em seus dedos.

– Tem uma coisa que eu gostaria de conversar com você.

– Hum?

– Sobre mamãe.

Um olhar tão agudo que arranhou.

– Ela está bem?

– Oh, sim, está. Não é nada disso. É só que andei pensando um pouco no passado.

– Ah. Isso é diferente, então, não é, o passado. Em que parte especial do passado você andou pensando?

– A guerra.

Ela abandonou a bolsinha.

– Muito bem.

Prossigui com cautela. Tia Rita adorava conversar, mas isso, eu sabia, era um assunto delicado.

– Vocês foram evacuados, você, mamãe e tio Ed.

– Fomos. Por pouco tempo. E foi uma experiência terrível. Toda aquela conversa de ar puro? Besteira. Ninguém lhe fala sobre o fedor do campo, as pilhas de bosta fumegante onde quer que você queira pisar. E nos chamavam de sujos! Nunca mais pude olhar para vacas ou camponeses do mesmo jeito; mal podia esperar para voltar e me arriscar com as bombas.

– E mamãe? Ela se sentiu do mesmo modo?

Um piscar de olhos rápido, desconfiado.

– Por quê? O que ela lhe contou?

– Nada. Ela não me disse nada.

Rita retornou sua atenção para a bolsinha branca, mas havia uma precaução em seus olhos abaixados. Eu quase podia vê-la mordendo a língua para interromper o fluxo de coisas que queria dizer, mas achava que não devia.

A deslealdade ardia em minhas veias, mas eu sabia que era minha melhor oportunidade. Cada uma das minhas palavras seguintes queimou um pouco:

– Você sabe como ela é.

Tia Rita fungou com força e apreendeu o bafo de cumplicidade. Ela fez um biquinho e me lançou um olhar enviesado antes de inclinar a cabeça em minha direção.

– Ela adorou, sua mãe. Não queria mais voltar para casa. – Seus olhos brilharam de perplexidade e eu vi que havia tocado em um ponto antigo e sensível. – Que tipo de criança não quer ficar com os próprios pais, seus próprios familiares? Que tipo de criança preferiria ficar com outra família?

Uma criança que se sentisse deslocada, pensei, lembrando-me dos meus próprios sussurros culpáveis nos cantos escuros do quarto dos meus primos. Uma criança que achasse que estava presa em um lugar ao qual não pertencia. Mas não disse nada. Eu tinha a impressão de que para alguém como minha tia – que tivera a sorte de se ver exatamente onde se encaixava – nenhuma explicação faria sentido.

– Talvez ela tivesse medo das bombas – disse finalmente. Minha voz era áspera e eu tossi um pouco para limpá-la. – Os ataques aéreos?

– Pah. Ela não tinha medo, não mais do que o resto de nós. Outras crianças queriam estar de volta no meio da ação. Todas as crianças de nossa rua voltaram para casa, corriam juntas para os abrigos. Seu tio? – O rosto de Rita adquiriu um ar de reverência condizente com a menção de meu festejado tio Ed. – Ele voltou pedindo carona desde Kent, foi o que ele fez; ele estava decidido a estar em casa quando o bombardeio começasse. Chegou à soleira da porta no meio de um bombardeio, bem a tempo de conduzir o garoto do vizinho para a segurança. Mas não Merry, oh, não. Ela era o contrário. Recusou-se a voltar para casa, até nosso pai ir lá pessoalmente e arrastá-la de volta. Nossa mãe, sua avó, nunca se recobrou disso. Nunca disse nada, ela não costumava se queixar. Fingia que estava contente por Merry estar a salvo no campo. Mas nós sabíamos. Não éramos cegos.

Não consegui enfrentar o olhar furioso de minha tia. Senti-me manchada pelo toque da deslealdade, culpada por tabela. A traição de mamãe ainda era real para Rita, uma animosidade que não deixara de arder durante o intervalo de cinquenta anos, entre aquela época e agora.

– Quando foi isso? – disse, começando uma nova bolsinha branca, da forma mais inocente possível. – Por quanto tempo ela permaneceu fora?

Tia Rita furou o lábio inferior com uma longa garra cor-de-rosa, uma borboleta pintada na ponta.

– Deixe-me ver, os bombardeios já aconteciam havia algum tempo, mas não era inverno, porque meu pai trouxe primulas com

ele da viagem; ele estava ansioso para acalmar sua avó, fazer as coisas correrem o melhor possível. Papai era assim. – A unha batucou em um ritmo pensativo. – Deve ter sido em 1941. Março, abril, mais ou menos.

Ela havia sido honesta nisso, portanto. Mamãe ficara longe por pouco mais de um ano e voltara de Milderhurst, para casa, seis meses antes de Juniper Blythe sofrer a decepção amorosa que a destruiu, antes de Thomas Cavill prometer casar-se com ela e depois abandoná-la.

– Ela alguma vez...

Um clangor de *Hot Shoe Shuffle* abafou minha voz. A novidade mais recente de tia Rita, um telefone na forma de um sapato vermelho de salto alto, vibrava descontroladamente sobre o balcão.

Não atenda, supliquei silenciosamente, desesperada para que nada pudesse perturbar nossa conversa agora que finalmente deslanchara.

– É provável que seja Sam – disse Rita, me espionando.

Assenti e nós duas permanecemos sentadas até os últimos compassos, após o que eu não perdi tempo em restabelecer nossa conversa:

– Mamãe alguma vez falou do tempo que passou em Milderhurst? Sobre as pessoas com quem ficou? As irmãs Blythe?

Os olhos de Rita revolveram-se como um par de bolas de gude.

– No começo, era só do que ela falava. Chegava a nos irritar, pode acreditar. A única vez em que a via feliz era quando chegava uma carta daquele lugar. Ficava toda cheia de segredos; se recusava a abri-la enquanto não ficasse sozinha.

Lembrei-me do relato de mamãe de ter sido deixada pela Rita na fila de evacuados no salão em Kent.

– Você e ela não eram muito próximas quando crianças.

– Éramos irmãs. Teria de haver alguma coisa errada se não brigássemos de vez em quando, amontoados uns sobre os outros como vivíamos na casinha de papai e mamãe... Mas a gente se dava bem. Quer dizer, até a guerra, até ela conhecer aquela gente. – Rita pinçou o último cigarro do maço, acendeu-o e lançou um jato de

fumaça para baixo. – Ela estava diferente depois que voltou, e não só no modo de falar. Adquiriu todo tipo de ideias, lá no castelo.

– Que ideias? – perguntei, mas eu já sabia. Um tom defensivo se insinuara na voz de Rita e eu o reconhecia: a mágoa de alguém que sente ter sofrido uma comparação injusta.

– Ideias. – As unhas cor-de-rosa de uma das mãos saltitaram pelo ar perto da “colmeia” e temi que ela não dissesse mais nada. Ela contemplou a porta, os lábios se movendo enquanto remoíam as várias respostas que podia dar. Depois do que pareceram séculos, ela me fitou nos olhos outra vez. A fita cassete havia terminado e o salão estava anormalmente silencioso; na verdade, a ausência de música deu ao prédio espaço para zumbir e estalar, queixar-se fatigadamente do calor, do cheiro, do lento peso dos anos passados. Tia Rita empinou o queixo e falou em voz baixa e clara: – Ela voltou uma esnobe. Pronto, disse. Nós partimos de um modo e ela voltou uma esnobe.

Algo que eu sempre pressenti tornou-se concreto: meu pai, o modo como ele se sentia em relação à minha tia e primos e até mesmo minha avó, conversas abafadas entre ele e mamãe, minhas próprias observações dos diferentes modos que as coisas eram feitas em nossa casa e na de Rita. Mamãe e papai eram esnobes, e eu me senti envergonhada por eles e envergonhada por mim, e depois, de uma maneira confusa, com raiva de Rita por dizer isso e de mim mesma por tê-la encorajado a fazê-lo. Minha vista se turvou enquanto eu pretendia estar focalizada na bolsinha branca em que estava trabalhando.

Tia Rita, ao contrário, estava mais leve e alegre. O alívio derramava-se pelo seu rosto e parecia irradiar em todas as direções. A verdade calada era uma ferida que aguardara décadas para alguém lancetar.

– Livros. – Rita cuspiu, esmagando o coto de seu cigarro. – Era tudo sobre o que ela queria conversar quando voltou. Entrou em casa, empinou o nariz para os cômodos pequenos e para as canções de trabalhador de nosso pai e fixou residência na biblioteca local. Ficava escondida nos cantos com um ou outro livro quando devia

estar ajudando na casa. Também falava muita besteira em escrever para o jornal. Andou até enviando coisas! Pode imaginar?

Na realidade, fiquei boquiaberta. Meredith Burchill não escrevia, ela certamente não enviava matéria escrita para os jornais. Eu teria presumido que Rita estivesse floreando, mas as notícias eram tão perfeitamente desconcertantes que simplesmente tinham de ser verdadeiras.

– E foram publicadas?

– Claro que não! E é exatamente isso o que estou dizendo: foi esse o tipo de tolice que enfiaram na cabeça dela. Deram-lhe ideias acima do seu nível, foi o que fizeram, e só há um lugar aonde essas ideias levam você.

– Como eram as coisas que ela escrevia? Eram sobre o quê?

– Não sei dizer. Nunca me mostrou. Provavelmente, achava que eu não iria entender. De qualquer forma, eu não teria tido tempo. A essa altura, eu já havia conhecido Bill e abrira o salão. Havia uma guerra em andamento, você sabe. – Rita riu, mas a amargura aprofundou as rugas ao redor de sua boca; eu nunca as havia notado antes.

– Alguma das Blythe foi visitar mamãe em Londres?

Rita deu de ombros.

– Merry se tornou muito sigilosa depois que voltou, saindo furtivamente sem dizer aonde ia. Podia estar se encontrando com alguém.

Teria sido alguma coisa na maneira como Rita falou, a sombra de uma insinuação apegada às palavras, ou teria sido o modo como desviou os olhos de mim enquanto falava? Não tenho certeza; fosse como fosse, compreendi imediatamente que havia algo mais em seu comentário do que parecia à primeira vista.

– Quem, por exemplo?

Rita estreitou os olhos para a caixa de bolsinhas de renda, inclinando a cabeça como se nunca tivesse havido algo tão interessante como a maneira como estavam arrumadas uma ao lado da outra em pequenas fileiras brancas e prateadas.

– Tia Ri-ta? – insisti. – Com quem ela estaria se encontrando?

– Oh, tudo bem. – Ela cruzou os braços de modo que seus seios se avantajaram para cima e depois me olhou diretamente. – Ele era um professor, ou fora antes da guerra; lá em Elephant and Castle. – Ela abanou espalhafatosamente os seios fartos em seu decote. – Uu-lá-lá. Bonitão ele era. Tanto ele quanto seu irmão; como artistas de cinema, aqueles tipos fortes, silenciosos. Sua família morava a algumas quadras de nós e até mesmo sua avó costumava encontrar um motivo para sair à calçada quando ele estava passando. Todas as moças eram apaixonadas por ele, inclusive sua mãe.

– De qualquer forma – continuou Rita, dando de ombros outra vez –, um dia eu os vi juntos. Conhece aquela expressão “seus olhos se arregalaram”? Os meus se arregalaram.

– O quê? – exclamei. – Onde? Como?

– Eu a segui. – A justificativa derrotou qualquer constrangimento ou culpa que ela pudesse ter sentido. – Ela era minha irmã menor, não estava se comportando normalmente, era uma época perigosa. Eu só estava querendo me certificar de que ela estava bem.

Eu não me importava nem um pouco com suas razões para seguir mamãe; eu queria saber o que ela vira.

– Mas onde eles estavam? O que faziam?

– Só vi de longe, mas foi o suficiente. Estavam sentados juntos no gramado do parque, lado a lado, bem juntinhos. Ele falava e ela ouvia, com muita atenção, sabe, em seguida ela lhe entregou alguma coisa e ele... – Rita chacoalhou seu maço de cigarros vazio. – Malditos. Posso jurar que eles se fumam sozinhos.

– Ri-ta!

Um rápido suspiro.

– Eles se beijaram. Ela e o sr. Cavill, lá no parque, à vista de quem quisesse ver.

Mundos colidiram, fogos explodiram, pequenas estrelas surgiram nos cantos escuros de minha mente.

– O sr. *Cavill*?

– Preste atenção, queridinha: o professor de sua mãe, Tommy Cavill.

Fiquei sem palavras, ao menos palavras que fizessem algum sentido. Devo ter emitido alguma espécie de ruído, porque Rita

levou a mão ao ouvido e disse:

– O que é isso?

Mas não consegui reproduzir o som uma segunda vez.

Minha mãe, minha mãe adolescente, saía furtivamente de casa para encontros secretos com seu professor, o noivo de Juniper Blythe, um homem por quem fora apaixonada; encontros que envolviam a entrega de algum item e, mais precisamente, beijos. E tudo isso acontecera nos meses que levavam à deserção dele, abandonando Juniper.

– Você parece pálida, querida. Quer mais uma limonada?

Assenti; ela foi buscar; bebi em grandes goles.

– Sabe, você está tão interessada que devia ler as cartas que sua mãe enviava do castelo.

– Que cartas?

– As que ela escrevia para Londres.

– Ela jamais me permitiria.

Rita inspecionou uma mancha de tintura de cabelo em seu pulso.

– Ela não precisaria saber.

Minha expressão, tenho certeza, foi de absoluto espanto.

– Estavam entre as coisas de mamãe – os olhos de Rita fitaram os meus –, vieram para mim quando ela morreu. Guardou-as todos esses anos, a velha sentimental, apesar de a ferirem tanto. Supersticiosa, ela era, acreditava que não se deviam jogar fora as cartas. Vou desencavá-las para você, hein?

– Oh... não sei, não tenho certeza de que eu poderia...

– São cartas – disse Rita, com uma expressão matreira que me fez sentir uma idiota de uma maneira Poliana. – Foram escritas para serem lidas, não é?

Balancei a cabeça. Com certa hesitação.

– Podem ajudá-la a compreender o que sua mãe pensava lá em cima em seu majestoso castelo.

A ideia de ler as cartas de mamãe sem seu conhecimento tocava as minhas cordas de culpa, mas eu as silencieei. Rita tinha razão: as cartas podem ter sido escritas por mamãe, mas foram endereçadas à sua família em Londres. Rita tinha todo direito de passá-las a mim e eu todo direito de lê-las.

– Sim – disse, só que soou mais como um guincho. – Sim, por favor.

O peso da sala de espera

E PORQUE É DESSE MODO que a vida parece funcionar às vezes, foi enquanto eu estava lá desvendando os segredos de minha mãe com sua irmã, de quem ela mais gostaria de escondê-los, que meu pai teve seu ataque cardíaco.

Herbert me esperava com o recado quando cheguei de volta da casa de Rita; ele tomou minhas mãos e me contou o que acontecera.

– Sinto muito mesmo – disse ele –, eu teria lhe contado antes, mas não sabia como.

– Oh. – O pânico pulsava em meu peito. Girei nos calcanhares em direção à porta, depois girei de volta. – Ele está...?

– Ele está no hospital; estável, eu acho. Sua mãe não disse muita coisa.

– Eu devia...

– Sim. Venha, vou chamar um táxi para você.

Puxei conversa com o motorista durante todo o trajeto. Um homem baixo com olhos muito azuis e cabelos castanhos, começando a ficar grisalho, pai de três crianças pequenas. E enquanto ele contava histórias de suas travessuras e sacudia a cabeça com aquela máscara de falsa exasperação que os pais de crianças pequenas adotam para disfarçar seu orgulho, eu sorri e fiz perguntas, e minha voz soou normal, até descontraída. Aproximamos do hospital e somente quando eu lhe entreguei uma nota de dez libras e lhe disse para guardar o troco e apreciar o recital de dança de sua filha foi que percebi que começara a chover e eu estava parada na calçada do lado de fora do hospital em Hammersmith sem guarda-chuva, vendo um táxi desaparecer na penumbra enquanto meu pai estava deitado em algum lugar lá dentro, o coração destruído.



Mamãe parecia menor do que o normal, sozinha na ponta de uma fileira de cadeiras de plástico, uma parede de hospital azul desbotado assomando melancolicamente acima de seu ombro. Está sempre bem arrumada, minha mãe, vestida de outra época: chapéus e luvas combinando, sapatos guardados com enchimento em suas caixas, uma prateleira repleta de diferentes bolsas empurrando-se umas às outras, aguardando promoção para completar o traje do dia. Ela não sonharia em colocar o pé para fora de casa sem estar usando seu pó compacto e seu batom, mesmo quando o marido já fora, na frente, em uma ambulância. Que grande decepção eu devo ser, alta demais, cabelos encaracolados demais, lábios manchados com qualquer gloss que eu pegue primeiro do meio dos detritos de moedas soltas, balas de menta empoeiradas e outras bugigangas aleatórias que vivem nas profundezas de minha desbotada sacola de pano.

– Mamãe. – Fui direto para ela, beijei um rosto mortalmente frio por causa do ar-condicionado e deslizei para o assento ao seu lado.
– Como ele está?

Ela sacudiu a cabeça e o medo do pior alojou-se em minha garganta como uma bola.

– Não disseram. Todo tipo de aparelho, médicos indo e vindo. – Ela deixou que as pálpebras se fechassem por um breve instante. Ainda sacudia a cabeça, suavemente, por hábito. – Não sei.

Engoli com força e decidi que não saber era melhor do que saber o pior, mas achei melhor não externar esse lugar-comum. Eu queria dizer alguma coisa original e reconfortante, algo para aliviar sua preocupação, deixar tudo bem, mas mamãe e eu não tínhamos nenhuma experiência nessa via de sofrimento e consolação, e então eu não disse nada.

Ela abriu os olhos e olhou para mim, estendeu a mão para ajeitar uma mecha encaracolada atrás de minha orelha, e eu imaginei que talvez não tivesse importância, que ela já soubesse o que eu estava pensando, o quanto eu queria melhorar as coisas. Que não havia nenhuma necessidade de dizer nada porque éramos família, mãe e filha, e certas coisas são tacitamente compreendidas sem serem ditas.

– Você está com uma aparência horrível – disse ela.

Dei uma olhada em meu reflexo sombreado em um pôster lustroso do Serviço Nacional de Saúde.

– Está chovendo.

– Uma bolsa tão grande – disse ela com um sorriso melancólico – e nenhum espaço para um pequeno guarda-chuva.

Sacudi a cabeça de leve e o gesto se transformou em um estremeamento; de repente, senti que estava com frio.



Você tem de fazer alguma coisa em salas de espera de hospital ou vai ficar esperando, o que pode levar a pensar, o que em minha experiência pode ser uma má ideia. Sentada em silêncio ao lado de minha mãe – preocupada com meu pai, planejando mentalmente comprar um guarda-chuva, ouvindo o relógio marcar os segundos – uma horda de pensamentos furtivos infiltrou-se pela parede para roçar em meus ombros com seus dedos afunilados. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, eles haviam me tomado pelas mãos e me levado a lugares que eu não visitava fazia anos.

Eu estava em pé contra a parede de nosso banheiro, observando a mim mesma com meus quatro anos caminhar ao longo da banheira como em uma corda bamba. A garotinha nua quer fugir com ciganos. Ela não sabe exatamente o que são ou onde procurar por eles, mas sabe que são a melhor opção para encontrar um circo ao qual pudesse se juntar. Esse é seu sonho e o motivo de estar praticando seu número de equilíbrio. Ela está quase chegando do outro lado quando escorrega. Cai para frente, gira, aterrissa de cara na água. Sirenes, luzes cintilantes, rostos estranhos...

Pestanejei e a imagem se desfez, apenas para ser substituída por outra. Um funeral, de minha avó. Estou sentada no banco da frente, ao lado de minha mãe e meu pai, ouvindo apenas parcialmente o pastor descrever uma mulher diferente da que eu conheci. Distraio-me com meus sapatos. São novos e, embora eu saiba que deveria estar ouvindo melhor, olhando fixamente para o caixão, tendo pensamentos sérios, não consigo deixar de olhar para aqueles sapatos de couro legítimo, girando-os de um lado para o outro para

admirar o brilho. Meu pai percebe, cutuca-me delicadamente, e eu me esforço para concentrar minha atenção à frente. Há dois retratos em cima do caixão, um da avó que eu conheci, o outro de uma estranha, uma mulher jovem sentada em uma praia em algum lugar, recostada para longe da câmera, o sorriso forçado como se estivesse prestes a abrir a boca e fazer um gracejo às custas do fotógrafo. Então, o pastor diz alguma coisa e tia Rita começa a chorar escandalosamente, o rímel escorrendo, preto, pelas suas faces, e observo minha mãe com ansiedade, esperando por uma reação do mesmo porte. Suas mãos enluvadas estão cruzadas no colo, sua atenção fixa no caixão, mas nada acontece. Nada acontece e meus olhos se encontram com os de minha prima Samantha. Ela também andara observando minha mãe, e eu fico repentinamente envergonhada.

Levantei-me decidida, pegando meus lúgubres pensamentos de surpresa e fazendo-os fugir correndo para o chão. Meus bolsos eram fundos e eu mergulhei as mãos até às costuras, com bastante firmeza, para convencer a mim mesma de que eu tinha um objetivo; depois, percorri o corredor compassadamente, prestando grande atenção aos pôsteres desbotados anunciando datas de vacinação, já vencidas havia dois anos; qualquer coisa para permanecer aqui, agora, longe de então.

Virei à direita e me vi em um canto fortemente iluminado, onde descobri uma máquina de bebidas quentes contra a parede, do tipo que tem uma plataforma para o copo e um bocal que espirra chocolate em pó, café solúvel ou água quente, dependendo de sua escolha. Havia saquinhos de chá em uma bandeja de plástico, e eu coloquei dois em copos de isopor, um para mamãe e outro para mim. Fiquei observando enquanto os saquinhos soltavam fitas enferrujadas na água, depois, sem nenhuma pressa, despejei leite em pó e fiquei mexendo, deixando os grãos se dissolverem completamente antes de levar os copos de volta pelo corredor.

Mamãe aceitou o dela sem dizer nada, usou um dedo indicador para pegar uma gota que rolou pelo lado do copo. Ficou segurando o copo morno entre as mãos, mas não bebeu o chá. Sentei-me ao seu lado, sem pensar em nada. Tentando não pensar em nada,

enquanto meu cérebro saltava à minha frente, perguntando como era possível que eu tivesse tão poucas lembranças de meu pai. Lembranças verdadeiras, não do tipo tirado de fotografias e histórias de família.

– Eu fiquei com raiva dele – disse mamãe finalmente. – Ergui minha voz. Tinha terminado o assado e o colocado na mesa para ele fatiar, e, embora estivesse ficando frio ali fora do forno, resolvi que era bem feito para ele comer a comida fria. Pensei em ir buscá-lo eu mesma, mas já estava cansada de chamá-lo, em vão. Pensei: vamos ver se você gosta de carne assada fria. – Ela apertou os lábios do modo como as pessoas fazem quando a ameaça de lágrimas torna difícil a conversa e elas esperam encobrir o fato. – Ele passou o dia todo outra vez no sótão, puxando caixas para baixo, amontoando tudo no corredor. Só Deus sabe como irão de volta para cima outra vez, ele não está mais em condições... – Ela olhou, sem ver, para dentro do seu chá. – Ele tinha ido ao banheiro para lavar as mãos antes do jantar e foi lá que aconteceu. Eu o encontrei caído ao lado da banheira, no mesmo lugar onde você desmaiou uma vez, quando era pequena. Suas mãos estavam cobertas de espuma.

Seguiu-se um silêncio e eu ansiava para preenchê-lo. Há algo reconfortante a respeito de uma conversa; seu padrão ordenado é como uma âncora ao mundo real: nada terrível ou inesperado pode acontecer, sem dúvida, quando a troca racional do diálogo está ocorrendo.

– E então você chamou a ambulância – completei, meu tom de voz o de uma professora de jardim de infância.

– Eles chegaram bem depressa; foi uma sorte. Fiquei sentada com ele, limpei o sabão de suas mãos e logo eles estavam lá. Dois deles, um homem e uma mulher. Tiveram de fazer reanimação cardiopulmonar e usar um daqueles aparelhos de choque elétrico.

– Desfibrilador – disse.

– E lhe deram alguma coisa, um remédio para dissolver qualquer coágulo. – Ela examinou suas mãos voltadas para cima. – Ele ainda estava de camiseta, e me lembro de ter pensado que eu devia ir buscar uma limpa para ele. Ela sacudiu a cabeça e não sei se foi por pesar de não tê-lo feito ou perplexidade de que tal coisa tivesse lhe

ocorrido enquanto seu marido jazia inconsciente no chão, e decidi que realmente isso não importava no momento e que, de qualquer forma, eu não estava em posição de julgar. Não pense que escapou à minha atenção que eu estaria lá para ajudar se não estivesse sondando tia Rita naquela hora, desencavando histórias do passado de minha mãe.

Um médico desceu o corredor em nossa direção e mamãe entrelaçou os dedos com força. Eu me levantei parcialmente, mas ele não diminuiu o passo, continuando a passadas largas pela sala de espera e desaparecendo por outra porta.

– Não vai demorar muito, mamãe. – O peso das minhas desculpas não proferidas embolou minhas palavras e eu me senti completamente desamparada.



Há apenas uma fotografia do casamento de meus pais. Quero dizer, provavelmente há mais acumulando poeira em algum lugar, em um esquecido álbum branco, mas há apenas uma imagem que eu sei que sobreviveu à passagem dos anos.

São apenas os dois nessa fotografia, não é uma dessas típicas fotos de casamento onde as famílias do noivo e da noiva formam um leque em cada direção, criando asas para o casal no centro; asas desequilibradas de modo que você suspeita que a criatura jamais vá conseguir voar. Nessa foto, as diferentes famílias desapareceram e restaram apenas eles dois, e a maneira como mamãe olha para o rosto dele é como se estivesse arrebatada. Como se ele brilhasse, o que de certo modo ele fazia: efeito das antigas luzes que os fotógrafos da época usavam, imagino.

E ele está tão incrivelmente jovem, ambos estão; ele ainda possui cabelos no topo da cabeça, sem fazer nenhuma ideia de que desaparecerão. Nenhuma ideia de que terá um filho, depois o perderá; que sua futura filha o deixará muito desconcertado e que sua mulher passará a ignorá-lo, que um dia seu coração estancará e ele será levado para o hospital em uma ambulância e que essa mesma mulher ficará sentada na sala de espera com a filha que ele não consegue compreender, esperando que ele acorde.

Nada disso está presente na foto, nem mesmo uma insinuação. Essa foto é um momento congelado no tempo; todo o futuro se estende à frente, desconhecido, como deve ser. Mas, ao mesmo tempo, o futuro *está* naquela foto, uma versão dele, de qualquer modo. Está nos olhos deles, especialmente nos dela. Pois o fotógrafo captou mais do que dois jovens no dia de seu casamento, ele captou um limiar sendo transposto, uma onda oceânica no exato instante antes de se transformar em espuma e começar a despencar. E a jovem mulher, minha mãe, vê mais do que apenas o rapaz ao seu lado, aquele por quem está apaixonada; ela vê toda a vida deles juntos, estendendo-se à sua frente...

Entretanto, posso estar romanceando; talvez ela esteja apenas admirando os cabelos dele ou aguardando ansiosamente a recepção, ou a lua de mel. Você cria sua própria ficção em torno de fotos como essa, imagens que se tornam icônicas em uma família, e eu percebi, ali sentada no hospital, que havia apenas uma maneira de saber com certeza como a noiva se sentia, o que ela esperava quando o olhava daquele modo; se a vida dela era mais complicada, seu passado, mais complexo, do que sua doce expressão sugeria. E tudo o que eu precisava fazer era perguntar: estranho que eu nunca tivesse pensado nisso antes. Creio que a culpa seja da luz no rosto do meu pai. A maneira como mamãe o está olhando atrai a atenção para ele, portanto é fácil descartá-la como uma jovem inocente de origens comuns, cuja vida somente agora está começando. Era um mito que mamãe fizera todo o possível para propagar, percebi, pois, sempre que ela falava de sua vida antes de se conhecerem, eram as histórias do meu pai que contava.

Mas ao trazer a imagem à minha mente, fresca da minha visita a Rita, era o rosto de mamãe que eu focalizava; um pouco mais recuado, nas sombras, um pouco menor do que o dele. Seria possível que a jovem com os olhos brilhantes tivesse um segredo? Que uma década antes de seu casamento com o homem forte, resplandecente ao seu lado, ela tivesse vivido um caso de amor às escondidas com seu professor, um homem noivo de sua amiga mais velha? Ela teria uns 15 anos na época, e Meredith Burchill certamente não era o tipo de mulher para ter um caso de amor

adolescente, mas e quanto a Meredith Baker? Quando eu me tornei uma adolescente, uma das lições favoritas de minha mãe era sobre o tipo de coisas que as boas meninas não faziam: seria possível que estivesse falando por experiência própria?

Fui submersa então pela sensação de que eu sabia tudo e nada da pessoa sentada ao meu lado. A mulher em cujo corpo eu crescera e em cuja casa fui educada era, em certos aspectos vitais, uma estranha para mim; eu completara trinta anos sem lhe atribuir mais nenhuma dimensão do que atribuía às bonecas de papel com que brincava quando criança, com o sorriso grudado no rosto e vestidos de papel com linguetas para dobrar e prender. Mais ainda, eu havia passado os últimos meses temerariamente buscando desvendar seus segredos mais profundos quando na verdade eu nunca tinha realmente me dado ao trabalho de lhe perguntar muita coisa sobre o resto. Sentada ali no hospital, entretanto, enquanto meu pai lutava em um leito de emergência em algum lugar, pareceu-me repentinamente muito importante que eu soubesse mais a respeito deles. A respeito dela. A mulher misteriosa que fazia alusões a Shakespeare, que um dia enviara artigos aos jornais para publicação.

– Mamãe?

– Hum?

– Como você e papai se conheceram?

Sua voz estava quebradiça por falta de uso, e ela limpou a garganta antes de responder:

– No cinema. Uma sessão de *The Holly and the Ivy*. Você sabe disso.

Silêncio.

– O que eu quero dizer é *como* vocês se conheceram. Você o viu? Ele viu você? Quem falou primeiro?

– Oh, Edie, não me lembro. Ele; não, eu. Me esqueci. – Ela moveu um pouco os dedos de uma das mãos, como um titereiro balançando estrelas em cordões. – Éramos os únicos dois ali. Imagine só.

Uma expressão peculiar assomara ao rosto de minha mãe enquanto falávamos, uma distância, mas afável, quase um escape

do presente desconcertante em que seu marido agarrava-se à vida em um quarto próximo.

– Ele era bonito? – instiguei delicadamente. – Foi amor à primeira vista?

– De modo algum. No começo, eu o tomei por um assassino.

– O quê? *Papai?*

Acho que ela nem me ouviu, tão perdida estava em suas próprias lembranças.

– É assustador estar em um cinema sozinha. Todas aquelas fileiras de assentos vazios, a sala escura, a tela enorme. Foi projetado para ser uma experiência comunitária, e o efeito quando não há ninguém é estranhamente perturbador. Qualquer coisa pode acontecer quando está escuro.

– Ele se sentou bem perto de você?

– Oh, não. Manteve uma distância bem-educada; ele é um cavalheiro, seu pai. Mas começamos a conversar depois, no saguão. Ele estivera esperando alguém que deveria encontrá-lo.

– Uma mulher?

Ela prestou uma atenção exagerada ao tecido de sua saia e disse, com leve reprovação:

– Oh, Edie.

– Só estou perguntando.

– Creio que era uma mulher, mas ela não apareceu. E isso – mamãe pressionou as mãos contra os joelhos, levantou a cabeça, fungando de leve – é tudo. Ele me convidou para tomar um chá e eu aceitei. Fomos ao Lyons Corner Shop, na Strand. Eu comi uma fatia de bolo de pera e lembro-me de pensar que era muito sofisticado.

Sorri.

– E ele foi seu primeiro namorado?

Eu teria imaginado uma ligeira hesitação?

– Foi.

– Você roubou o namorado de outra mulher. – Eu estava brincando, tentando manter a conversa descontraída, mas no mesmo instante em que falei isso pensei em Juniper Blythe e Thomas Cavill, e minhas faces arderam. Eu estava muito afogueada por meu próprio deslize para prestar muita atenção à reação de

mamãe, apressando-me em dizer antes que ela tivesse tempo de responder: – Quantos anos você tinha na época?

– Vinte e cinco. Era 1952 e eu acabara de fazer 25.

Balancei a cabeça como se estivesse fazendo as contas mentalmente, quando na verdade estava ouvindo a vozinha que dizia: *Esta não seria uma boa hora, já que estamos falando do assunto, de perguntar um pouco mais sobre Thomas Cavill?* Vozinha malvada, e que vergonha eu estar lhe dando atenção; apesar de não me sentir orgulhosa disso, a oportunidade era simplesmente tentadora demais. Disse a mim mesma que eu estava tirando o pensamento de minha mãe do estado de meu pai e, quase sem fazer uma pausa, eu disse:

– Vinte e cinco. É um pouco tarde para um primeiro namorado, não?

– Na verdade, não – falou ela rapidamente. – Era uma época diferente. Eu andara ocupada com outras coisas.

– Mas então você conheceu papai.

– Sim.

– E se apaixonou.

Sua voz era tão baixa que eu li seus lábios mais do que ouvi quando ela respondeu:

– Sim.

– Ele foi seu primeiro amor, mamãe?

Ela inspirou, uma respiração curta, incisiva; pela sua expressão, parecia que eu a esbofeteara.

– Edie... não, por favor!

Pronto. Tia Rita estava certa, ele não fora.

– Não fale dele assim no passado. – Seus olhos estavam rasos d'água e eu me senti tão mal como se a tivesse esbofeteadado. Especialmente quando ela começou a chorar silenciosamente contra meu ombro, vertendo água mais do que chorando, porque chorar não é algo que ela costume fazer. E apesar de meu braço estar pressionado com força contra a borda da cadeira de plástico, não movi um músculo.



Lá fora, a maré distante do tráfego continuava a fluir, pontuada de vez em quando por sirenes. Existe algo a respeito de paredes de hospital; embora feitas apenas de tijolos e reboco, quando você está dentro delas, o barulho, a realidade da cidade fervilhante lá fora, desaparece; fica logo depois da porta, mas é como se fosse uma terra encantada, muito, muito distante. Como Milderhurst, ocorreu-me; eu experimentara a mesma sensação de deslocamento lá, uma sensação dominante de estar sendo envolvida, engolida, quando atravessasse a porta da frente, como se o mundo exterior tivesse se transformado em grãos de areia e desaparecido. Imaginei vagamente o que as irmãs Blythe estariam fazendo, como haviam preenchido seus dias durante as semanas desde que eu as deixara, as três juntas naquele castelo imenso e escuro. Minhas especulações vieram uma atrás da outra, como uma série de fotos instantâneas: Juniper vagando pelos corredores em seu vestido de seda sujo; Saffy aparecendo do nada para conduzi-la delicadamente de volta; Percy franzindo o cenho junto à janela do sótão, supervisionando sua propriedade como o capitão de um navio montando guarda...

A meia-noite passou, as enfermeiras de serviço foram trocadas e novos rostos trouxeram com eles as mesmas e velhas brincadeiras. Rindo e circulando pelo posto médico iluminado: um irresistível farol de normalidade, uma ilha em um mar intransponível. Tentei cochilar. Usando minha bolsa como travesseiro, mas não adiantou. Mamãe, ao meu lado, estava tão pequena e sozinha, e de algum modo mais velha do que na última vez em que a vira, e não consegui impedir minha mente de correr à frente para pintar cenas detalhadas de sua vida sem papai. Eu via tão claramente: a poltrona dele vazia, as refeições silenciosas, a cessação de toda a barulheira do trabalho faça-você-mesmo. Como a casa ficaria solitária, quieta, inundada de ecos.

Seríamos apenas nós duas, se perdêssemos meu pai. Dois não é um grande número; não deixa nenhuma reserva. É um número silencioso que não promove conversas boas e simples onde a interrupção não é obrigatória; não é realmente possível. Ou necessária, por falar nisso. Seria esse o nosso futuro? Nós duas trocando frases de uma para a outra, disfarçando nossas opiniões,

fazendo ruídos educados, contando meias-verdades e mantendo as aparências? A ideia era insuportável e eu me senti, de repente, muito, muito solitária.

É quando me sinto muito solitária que mais sinto falta de meu irmão. Ele seria um homem agora, com modos gentis, um sorriso afável e um jeito todo especial de animar nossa mãe. Daniel em minha mente sempre sabe exatamente o que dizer; nem de longe parecido com sua infeliz irmã que sofre terrivelmente por ter a língua travada. Olhei para mamãe e me perguntei se ela também estava pensando nele, se o fato de estar no hospital trazia de volta lembranças de seu menino. Mas eu não podia perguntar, porque não falávamos de Daniel, assim como não falávamos de sua evacuação de Londres, de seu passado, de seus remorsos. Nunca faláramos.

Talvez fosse minha tristeza de que segredos tivessem fervido em fogo brando por tanto tempo sob a superfície de nossa família; talvez fosse um tipo de penitência por perturbá-la com minha investigação anterior; talvez até mesmo houvesse uma minúscula parte de mim que queria provocar uma reação, puni-la por esconder lembranças de mim e privar-me do verdadeiro Daniel: qualquer que fosse o caso, quando percebi, já havia respirado fundo e dito:

– Mamãe?

Ela esfregou os olhos e pestanejou para seu relógio de pulso.

– Jamie e eu nos separamos.

– É mesmo?

– Sim.

– Hoje?

– Bem, não. Não exatamente. Próximo ao Natal.

Uma pequena exclamação de surpresa:

– Ah.

Em seguida, ela franziu a testa, confusa, calculando os meses que haviam passado.

– Mas você não mencionou...

– Não.

Esse fato e suas implicações fizeram os traços de seu rosto decaírem ainda mais. Ela balançou a cabeça devagar, lembrando-se, sem dúvida, das minúsculas e muitas indagações que fizera sobre

Jamie durante esse tempo; as respostas que eu dera, todas mentiras.

– Tive de entregar o apartamento – disse, limpando a garganta. – Estou procurando um estúdio. Um lugar só meu.

– Foi por isso que não consegui falar com você; depois que seu pai... tentei todos os números possíveis, até o de Rita, até que consegui falar com Herbert. Eu não sabia mais o que fazer.

– Bem – disse, uma leveza estranha e artificial no tom de voz –, na verdade, foi o certo a fazer. Tenho ficado no apartamento de Herbert.

Ela pareceu desnorteada:

– Ele tem um quarto extra?

– Um sofá.

– Compreendo. – As mãos de mamãe estavam cruzadas no colo, como se abrigassem um passarinho dentro delas, um passarinho precioso que ela estava determinada a não perder. – Devo mandar um bilhete para Herbert – disse ela, a voz apenas um fio. – Ele mandou um pouco de sua geleia de mirtilo na Páscoa e eu não me lembro de ter escrito agradecendo.

E assim estava encerrada a conversa que eu temia havia meses. Relativamente sem dor, o que era bom, mas de certa forma sem sentimento, o que não era.

Em seguida, mamãe levantou-se e meu primeiro pensamento foi o de que eu estava errada, não havia terminado e iria haver uma cena afinal, mas, quando segui a direção de seus olhos, vi que um médico vinha em nossa direção. Levantei-me também, tentando ler seu rosto, adivinhar de que lado a moeda iria cair, mas era impossível. Sua expressão era do tipo que podia ser lida de acordo com cada cenário; acho que eles aprendem como fazer isso na faculdade de medicina.

– Sra. Burchill? – Sua voz era entrecortada, com um ligeiro sotaque estrangeiro.

– Sim.

– O estado de seu marido é estável.

Mamãe deixou escapar um ruído, como o ar sendo expulso de um pequeno balão.

– Foi muito bom que a ambulância tivesse chegado rápido. Fez muito bem em chamá-la a tempo.

Eu ouvi leves soluços ao meu lado e percebi que os olhos de mamãe estavam vazando outra vez.

– Vamos ver como sua recuperação progride, mas, neste estágio, a angioplastia é improvável. Ele vai precisar ficar internado por mais alguns dias, para que possamos monitorá-lo, mas sua recuperação depois disso poderá ser feita em casa. Terá de prestar atenção a mudanças de humor: pacientes cardíacos geralmente lutam com sentimentos de depressão. As enfermeiras poderão ajudá-la mais com isso.

Mamãe balançava a cabeça com um fervor agradecido.

– Claro, claro – repetia, buscando, como eu, as palavras certas para transmitir nossa gratidão e alívio. Por fim, ela optou pelo velho e simples agradecimento, “Obrigada, doutor”, mas ele já havia se retirado para trás da cortina intocável de seu jaleco branco. Ele apenas balançou a cabeça de uma maneira desconexa, como se tivesse de estar em outro lugar, outra vida a salvar, o que sem dúvida tinha, e já houvesse esquecido completamente quem éramos e a qual paciente pertencíamos.

Eu estava prestes a sugerir que fôssemos ver o papai quando ela começou a chorar – minha mãe, que nunca chora –, e não apenas algumas lágrimas limpas com as costas da mão; grandes soluços angustiados que me faziam lembrar a época em minha infância quando eu estava aborrecida com alguma coisa insignificante e mamãe me dizia que, enquanto algumas meninas tinham a sorte de parecerem bonitas quando choravam – seus olhos se arregalavam, suas bochechas ficavam coradas, seus beicinhos se arredondavam – nem ela nem eu estávamos entre elas.

Mamãe tinha razão: ficamos feias quando choramos, nós duas. Com manchas vermelhas demais, as feições contraídas demais, barulhentas demais. Mas ao vê-la ali de pé, tão pequena, tão impecavelmente vestida, tão obviamente transtornada, tive vontade de envolvê-la em meus braços e abraçá-la até que ela parasse. Mas não o fiz. Enfiei a mão dentro da minha bolsa e lhe dei um lenço de papel.

Ela o pegou, mas não parou de chorar, não de imediato, e, após um instante de hesitação, eu estendi a mão para tocar seu ombro, transformei o gesto em uma espécie de palmadinha, depois esfreguei as costas de seu cardigã. Ficamos assim, até que seu corpo cedeu um pouco, apoiando-se em mim como uma criança buscando consolo.

Finalmente, ela assoou o nariz.

– Eu estava tão preocupada, Edie – disse ela, limpando embaixo dos olhos, alternadamente, verificando o lenço para ver se tinha rímel.

– Eu sei, mamãe.

– Acho que eu simplesmente não conseguiria... se alguma coisa acontecesse... se eu o perdesse...

– Está tudo bem – disse com firmeza. – Ele está bem. Tudo vai dar certo.

Ela pestanejou para mim como um animalzinho para quem a luz está brilhante demais.

– Sim.

Obtive o número de seu quarto de uma enfermeira e percorremos os corredores de luz fluorescente até encontrá-lo. Quando nos aproximamos, mamãe parou.

– O que foi? – disse.

– Não quero perturbar seu pai, Edie.

Eu não disse nada, perguntando-me por que ela podia pensar que eu estivesse planejando fazer tal coisa.

– Ele ficaria horrorizado se soubesse que você está dormindo em um sofá. Sabe como ele se preocupa com sua postura.

– Não será por muito tempo. – Olhei na direção da porta. – É verdade, mamãe, estou cuidando disso. Tenho verificado os aluguéis, mas não tenho encontrado nada adequado...

– Bobagem. – Ela alisou a saia e respirou fundo. Não me olhou diretamente nos olhos quando falou: – Você tem uma cama muito boa em casa.

Em casa outra vez, em casa outra vez, *jiggety-jig*

E FOI ASSIM QUE, aos 30 anos de idade, passei a ser uma mulher solteira morando com os pais na casa em que tinha crescido. Em meu próprio quarto de infância, em minha própria cama de 1,60m, sob a janela que dava para a funerária Singer & Sons. Uma melhoria, podia-se acrescentar, em minha situação mais recente: eu adoro Herbert e tenho muito tempo para lidar com a velha Jess, mas que Deus me poupe de ter de dividir o sofá com ela outra vez.

A mudança em si foi relativamente indolor; não levei muita coisa comigo. Era um arranjo temporário, como eu dizia a quem quisesse ouvir, portanto fazia muito mais sentido deixar minhas caixas na casa de Herbert. Fiz uma única mala e, quando cheguei em casa, encontrei tudo praticamente como havia deixado uma década atrás.

A casa de nossa família em Barnes fora construída nos anos 1960, comprada novinha em folha por meus pais quando mamãe ficou grávida de mim. O que a torna particularmente surpreendente é o fato raríssimo de ser uma casa sem nenhuma desordem, sem coisas acumuladas pelos cantos. Realmente, nenhum entulho. Há um sistema para cada coisa na vida doméstica dos Burchill: cestos diversos na lavanderia; toalhas de mesa codificadas por cor na cozinha; um bloco de notas junto ao telefone com uma caneta que parece nunca se perder e não há sequer um envelope solto por perto, com rabiscos e endereços e nomes de pessoas cujas chamadas foram esquecidas. Imaculadamente limpa. Não é de admirar que, quando pequena, eu tivesse desconfiado de que fora adotada.

Até a limpeza do sótão promovida por papai havia gerado o mínimo de bagunça: mais ou menos duas dúzias de caixas com suas listas do conteúdo nas tampas, presas com fita adesiva transparente, e trinta anos de aparelhos eletrodomésticos ultrapassados, ainda guardados em suas embalagens originais. Mas não poderiam ficar no corredor para sempre e, com papai se recuperando e meus fins de

semana completamente livres, era previsível que eu assumisse a tarefa. Trabalhei como um soldado, só caindo em distração uma única vez, quando me deparei com uma caixa marcada *Pertences de Edie* e não pude resistir a rasgar o lacre. Dentro havia um monte de objetos já esquecidos: bijuterias de macarrão com a pintura descascando, um potinho de porcelana para quinquilharias com fadas nos lados e, bem no fundo, entre outras bugigangas e livros – sufoquei uma exclamação de espanto e surpresa –, meu ilicitamente obtido, meu amado, até então perdido exemplar do *Homem de Lama*.

Segurando aquele livro pequeno, surrado em minhas mãos de adulto, fui inundada por lembranças cintilantes; a imagem de mim mesma aos dez anos, recostada no sofá da sala, era tão brilhante que eu quase podia estender a mão através dos anos para cutucá-la com meu dedo. Podia sentir a agradável quietude da luz do sol filtrada pelas vidraças e sentir o cheiro reconfortante do ar tépido: lenços de papel e bebida de cevada com limão e doses adoráveis de compaixão dos pais. Vi mamãe, então, atravessando a porta com seu casaco e sua sacola de barbante cheia de gêneros alimentícios. Procurando alguma coisa dentro da sacola, entregando-a a mim, um livro que iria mudar minha vida. Um romance escrito pelo mesmo cavalheiro em cujo castelo ela vivera quando foi evacuada de Londres durante a Segunda Guerra Mundial...

Raymond Blythe: deslizei o polegar pensativamente pelas letras em alto-relevo na capa. *Talvez isso a anime um pouco*, dissera mamãe. *É para leitores um pouco mais velhos, eu acho, mas você é uma menina inteligente; com um pouco de esforço, tenho certeza de que dará certo*. Durante a minha vida inteira, eu atribuíra à bibliotecária, srta. Perry, o fato de ter me colocado no meu próprio caminho, mas sentada ali, no assoalho de madeira do sótão, com o *Homem de Lama* nas mãos, outro pensamento começou a se aglutinar em um fino raio de luz. Perguntei a mim mesma se seria possível que eu tenha estado errada durante todo esse tempo; se talvez a srta. Perry tenha feito pouco mais além de localizar e me emprestar o título e tenha sido minha mãe quem de fato soubera me dar o livro perfeito na hora perfeita. Se eu ousasse perguntar.

O livro já era velho quando chegou às minhas mãos, e foi apaixonadamente amado desde então, portanto seu estado precário já era de ser esperado. Dentro da encadernação desmoronada estavam enfiadas as verdadeiras páginas que eu havia virado quando o mundo que descreviam era novo; quando eu não sabia como as coisas terminariam para Jane, seu irmão e o pobre, triste homem na lama.

Eu andava ansiosa para lê-lo outra vez, desde que retornei de minha visita a Milderhurst, e com uma rápida tomada de ar abri o livro aleatoriamente, deixando meus olhos pousarem no meio de uma página linda, amarelada: *A carruagem que os levou para viverem com o tio que não conheciam partiu de Londres ao fim do dia e viajou durante a noite, chegando finalmente ao pé de um caminho de entrada abandonado quando o dia amanhecia.* Continuei lendo, sacolejando nos fundos daquela carruagem ao lado de Jane e Peter. Atravessando os portões rangentes, emperrados, subimos o caminho longo e sinuoso, até que finalmente, no topo da colina, frio na luz melancólica da manhã, ele surgiu: castelo Bealehurst. Estremeci de expectativa com o que eu poderia encontrar lá dentro. A torre atravessava a linha do telhado, janelas escuras contra a pedra bege, e eu inclinei-me para fora com Jane, coloquei minha mão ao lado da dela na janela da carruagem. Nuvens carregadas passavam céleres pelo céu pálido, e, quando a carruagem finalmente parou com um som metálico abafado, descemos e nos vimos de pé à beira de um fosso negro como nanquim. Uma brisa, então, surgiu do nada, ondulando a superfície da água, e o condutor gesticulou na direção de uma ponte levadiça. Devagar, silenciosamente, nós a atravessamos. Exatamente quando chegávamos ao pesado portão, uma campainha tocou, uma campainha de verdade, e eu quase deixei o livro cair.

Acho que ainda não mencionei a campainha. Enquanto eu devolvia as caixas ao sótão, papai fora instalado no quarto extra para sua convalescência, uma pilha do periódico *Accountancy Today* na mesinha de cabeceira, um toca-fitas com uma fita cassete de Henry Mancini e uma sineta de mordomo para chamar alguém. A sineta fora ideia dele, uma lembrança distante de um acesso de

febre quando menino, e depois de uma quinzena em que ele fizera pouco mais do que dormir, mamãe ficara tão feliz de ver um retorno de ânimo que alegremente concordara com a sugestão. Fazia sentido, ela dissera, deixando de antever por um instante que o pequeno sino decorativo pudesse ser requisitado para um uso tão nefasto. Nas mãos entediadas e irritadas de papai, a sineta tornou-se uma arma terrível, um talismã em sua reversão à infância. Com a sineta na mão, meu pai, um homem de maneiras afáveis, um ás com os números, tornou-se uma criança mimada e dominadora, cheia de perguntas impacientes sobre o que mamãe estava fazendo de seu dia, se o carteiro já havia passado e a que horas sua próxima xícara de chá seria servida.

No entanto, na manhã em que encontrei a caixa com o *Homem de Lama*, mamãe estava no supermercado e eu estava oficialmente no meu turno de vigia. Ao som da sineta, o mundo de Bealehurst definiu, as nuvens recuaram rapidamente em todas as direções, o fosso, o castelo desapareceram e o degrau onde eu estava transformou-se em pó, de modo que eu estava caindo, sem nada além de texto negro flutuando no espaço em branco à minha volta, caindo pelo buraco no meio da página para aterrissar com um baque surdo de volta em Barnes.

Vergonhoso de minha parte, eu sei, mas fiquei sentada, imóvel, por alguns instantes, esperando, no caso de eu merecer um indulto. Somente quando a campainha soou uma segunda vez foi que eu enfiei o livro dentro do bolso do meu cardigã e descii, com lamentável relutância, pela escada de mão.

– Olá, papai – disse alegremente ao chegar à porta do quarto de hóspedes. Não é gentil ressentir-se de intrusões de um pai ou mãe convalescente. – Tudo bem?

Ele havia escorregado tanto que quase desaparecera embaixo dos travesseiros.

– Já está na hora do almoço, Edie?

– Ainda não. – Endireitei-o um pouco. – Mamãe disse que prepararia uma sopa para você assim que chegasse com as compras. Ela fez uma panela maravilhosa de...

– Sua mãe ainda não voltou?

– Não deve demorar. – Sorri compreensivamente. Coitado do papai, havia passado por momentos horríveis: não é fácil para ninguém ficar preso a uma cama por semanas a fio, mas, para alguém como ele, sem hobbies e sem nenhum talento para relaxar, era uma tortura. Renovei seu copo de água, tentando não tocar na ponta do livro que se projetava do meu bolso. – Posso lhe trazer alguma coisa enquanto isso? Palavras cruzadas? Uma almofada térmica? Mais bolo?

Ele soltou um suspiro conformado.

– Não.

– Tem certeza?

– Sim.

Minha mão estava no *Homem de Lama* outra vez, minha mente havia tirado uma licença culpada para debater os méritos particulares de um sofá-cama na cozinha *versus* a poltrona na sala de estar, aquela junto à janela que passa as tardes banhada de sol.

– Está bem, então – disse eu timidamente. – Acho que vou voltar ao trabalho. Anime-se, hein, papai?

Eu estava quase chegando à porta quando:

– O que é que você tem aí, Edie?

– Onde?

– Aí, saindo do seu bolso. – Ele pareceu tão esperançoso. – Não é o correio, é?

– Isto? Não. – Dei umas batidinhas no meu cardigã. – É um livro de uma das caixas do sótão.

Ele franziu os lábios.

– A ideia é armazenar as coisas, não desenterrá-las outra vez.

– Eu sei, mas é um favorito.

– É sobre o quê?

Fiquei perplexa; acho que meu pai nunca me perguntara nada sobre um livro antes.

– Dois órfãos – consegui dizer. – Uma garota chamada Jane e um garoto chamado Peter.

Ele franziu o cenho com impaciência.

– Um pouco mais do que isso, eu diria. Pelo visto, tem muitas páginas.

– Claro... Sim. É sobre bem mais do que isso. – Oh, por onde começar! Dever e traição, ausência e lembranças, até onde as pessoas são capazes de ir para proteger aqueles que amam, loucura, fidelidade, honra, amor... Olhei novamente para papai e resolvi me ater à trama: – Os pais das crianças são carbonizados em um terrível incêndio em sua casa em Londres e elas são enviadas para viver com um tio distante em um castelo.

– Seu castelo?

Balancei a cabeça.

– Bealehurst. O tio é uma pessoa bastante agradável e as crianças ficam encantadas com o castelo no começo, mas gradualmente percebem que ali há muito mais do que os olhos podem ver; que há um segredo sombrio e profundo à espreita.

– Sombrio e profundo, hein? – Esboçou um sorriso.

– Oh, sim. Ambos. Realmente, terrível.

Falei rapidamente, empolgada, e papai inclinou-se para mais perto, apoiando-se em um dos cotovelos.

– O que é, então?

– O que é o quê?

– O segredo. O que é?

Olhei para ele, pasma.

– Bem, eu não posso simplesmente... lhe contar.

– Claro que pode.

Ele cruzou os braços como uma criança birrenta e eu fiquei buscando palavras para lhe explicar o contrato que havia entre escritor e leitor, os perigos da voracidade narrativa. O sacrilégio de simplesmente deixar escapar em um só jato o que levara capítulos para construir; segredos cuidadosamente escondidos pelo autor por trás de incontáveis passes de mágica. Tudo que consegui dizer foi:

– Eu o empresto a você, se quiser.

Ele fez beicinho, de uma forma indecorosa.

– Ler me dá dor de cabeça.

Um silêncio instalou-se entre nós, pendendo para o desconfortável enquanto ele esperava que eu cedesse, e eu – é claro, que escolha tinha? – me recusava. Finalmente, ele soltou uma espécie de suspiro de desalento.

– Deixe pra lá – disse, abanando os dedos desconsoladamente. – Acho que não tem importância.

Mas ele parecia tão abatido e a lembrança de como eu mergulhara no mundo do *Homem de Lama* quando estava acamada com caxumba ou o que quer que fosse me veio de uma maneira tão intensa que não pude deixar de dizer:

– Se quer realmente saber, acho que posso lê-lo *para* você.



O *Homem de Lama* tornou-se nosso hábito; algo que eu esperava com ansiedade todos os dias. Assim que o jantar terminava, eu ajudava mamãe com a cozinha, limpava a bandeja de papai e então ele e eu continuávamos de onde havíamos parado. Ele jamais poderia imaginar que uma história inventada pudesse interessá-lo tanto.

– Mas deve ser baseada em acontecimentos verdadeiros – repetia ele inúmeras vezes. – Um antigo caso de sequestro. Como o daquele sujeito, Lindbergh, a criança levada da janela de seu quarto?

– Não, papai. Raymond Blythe apenas a inventou.

– Mas é tão vívida, Edie; posso vê-la em minha mente quando você está lendo, como se estivesse vendo o caso acontecer; como se eu já soubesse a história. – Ele, então, sacudia a cabeça com um assombro que me aquecia até a ponta dos dedos dos pés de orgulho, apesar de eu mesma não ter tomado parte alguma na criação do *Homem de Lama*. Nos dias em que eu permanecia no trabalho até tarde, ele ficava inquieto, queixando-se com mamãe a noite inteira, tentando ouvir minha chave na porta, depois tocando sua sineta e fingindo surpresa quando eu respondia:

– É você, Edie? – dizia, erguendo as sobrancelhas como se estivesse confuso. – Só ia pedir à sua mãe para ajeitar meus travesseiros. Bem... já que você está aqui, a gente podia dar uma olhada no que está acontecendo no castelo.

E talvez fosse o castelo, até mais do que a história, que realmente o conquistara. Seu invejoso respeito por grandiosas propriedades familiares era o mais perto que papai chegara de ter um interesse geral, e depois que eu deixei escapar que Bealehurst baseava-se

enormemente no verdadeiro lar ancestral de Raymond Blythe, seu interesse estava assegurado. Fez inúmeras perguntas, algumas das quais eu podia responder das minhas lembranças ou do conhecimento existente, outras tão específicas que não me restava senão apresentar-lhe meu exemplar de *O castelo Milderhurst de Raymond Blythe* para ele explorar; às vezes, até mesmo livros de referência que tomava emprestado da enorme biblioteca de Herbert e levava para casa do trabalho. E assim foi que papai e eu incentivamos a paixão um do outro e, pela primeira vez na vida, nós dois passamos a ter algo em comum.

Havia apenas um senão em nossa feliz formação do fã-clube do *Homem de Lama* da família Blythe, e era a mamãe. Não importa que nosso hábito em relação a Milderhurst tivesse nascido de modo absolutamente inocente, o fato de papai e eu ficarmos sentados juntos, por trás de portas fechadas, trazendo à vida um mundo sobre o qual mamãe decididamente se recusava a falar, e sobre o qual tinha muito mais direito do que qualquer um de nós dois, parecia desonesto. Eu sabia que teria de falar com ela sobre isso; também sabia que a conversa seria espinhosa.

Desde que eu voltara para casa, minha relação com mamãe continuou praticamente como sempre fora. Um pouco ingenuamente, acho que de certa forma eu esperava que nós duas experimentássemos um milagroso renascimento de afeto, que pudéssemos passar juntas à rotina, estabelecer uma conversa com facilidade e frequência. Que mamãe pudesse até mesmo desnudar sua alma e me revelar seus segredos. Creio que isso era o que eu esperara que acontecesse. Desnecessário dizer, não aconteceu. Na realidade, embora eu ache que mamãe estava satisfeita com a minha presença ali, agradecida por eu estar ajudando com papai e muito mais tolerante com nossas diferenças do que fora no passado, em outros aspectos parecia mais distante do que nunca, distraída, vaga e muito, muito quieta. No começo, presumi que fosse uma consequência do ataque cardíaco de meu pai, que a preocupação logo seguida de alívio a haviam lançado em uma montanha-russa de reavaliação. Mas conforme as semanas transcorriam e a situação não melhorava, comecei a me perguntar por quê. Às vezes, eu a

encontrava no meio de uma atividade, parada com as mãos na água cheia de sabão da pia, olhando de modo fixo e abstrato através da janela, e a expressão de seu rosto era tão distante, tão tensa e confusa que era como se ela houvesse esquecido quem era e onde estava.

Foi assim que eu a encontrei na noite em que resolvi confessar sobre a leitura.

– Mamãe? – disse. Ela não pareceu ouvir e eu me aproximei um pouco mais, parando junto à quina da mesa. – Mamãe?

Ela desviou os olhos da vidraça.

– Oh, olá, Edie. É linda esta época do ano, não é? O pôr do sol tão tarde, tão demorado.

Aproximei-me e fiquei ao seu lado junto à janela, observando o último clarão cor de pêssego escurecer no céu. Era realmente bonito, apesar de talvez não o suficiente para explicar a ardente atenção que ela lhe prestava.

Depois de algum tempo em que mamãe permaneceu calada, eu clareei a garganta. Disse a ela que estava lendo o *Homem de Lama* para papai e, em seguida, cautelosamente, expliquei as circunstâncias que levaram a isso, em particular que não fora algo pensado. Ela mal pareceu me ouvir, um leve sinal com a cabeça quando mencionei o fascínio de papai pelo castelo foi o único sinal de que estava ouvindo. Depois que relatei tudo que considerava importante, parei e fiquei à espera, preparei-me um pouco para o que quer que pudesse estar a caminho.

– É muito gentil de sua parte ler para seu pai, Edie. Ele está se divertindo.

Não era exatamente a reação que eu esperava.

– Esse livro está se tornando uma espécie de tradição em nossa família. – Um sorriso trêmulo. – Um companheiro em tempo de doença. Você provavelmente não se lembra. Eu o dei a você quando estava de cama com caxumba. Você estava se sentindo tão infeliz, foi tudo que pude pensar em fazer.

Pronto. Fora mesmo mamãe desde o início. Ela, e não a srta. Perry, havia escolhido o *Homem de Lama*. O livro perfeito, a hora perfeita. Consegui encontrar minha voz:

– Eu me lembro.

– É bom que seu pai tenha alguma coisa em que pensar enquanto está de cama. Melhor ainda que tenha você para partilhar isso com ele. Ele não tem tido muitas visitas, sabe. As outras pessoas têm uma vida atarefada, os colegas do trabalho. A maioria envia cartões, e creio que desde que ele se aposentou... bem, o tempo não para, não é? É que... é que não é fácil para uma pessoa sentir que foi esquecida.

Então, ela desviou o rosto, mas não antes de eu notar seus lábios pressionados com força. Tive a sensação de que já não estávamos falando apenas do meu pai, e, como todos os caminhos do pensamento conduziam-me na época para Milderhurst, para Juniper Blythe e Thomas Cavill, não pude deixar de me perguntar se mamãe estaria lamentando um antigo caso amoroso, um relacionamento muito anterior à época em que conheceu meu pai, quando ela era jovem, impressionável e vulnerável. Quanto mais eu refletia, mais tempo permanecia ali lançando olhares furtivos ao seu perfil pensativo, com mais raiva ficava. Quem esse Thomas Cavill, que sumira durante a guerra, deixando um rastro de corações partidos para trás, pensava que era? Pobre Juniper, definhando no castelo arruinado de sua família, e minha própria mãe, acalentando sua tristeza particular durante décadas?

– Só uma coisa, Edie – mamãe virou-se novamente para mim, seus olhos tristes buscando os meus –, prefiro que seu pai não fique sabendo sobre minha evacuação durante a guerra.

– Papai não sabe que você foi evacuada?

– Ele sabe que isso aconteceu, mas não para onde fui. Ele não sabe a respeito de Milderhurst.

Repentinamente, ela prestou grande atenção às costas de suas mãos, levantando um dedo de cada vez, ajustando sua bela aliança de ouro.

– Você percebe – disse delicadamente – que ele a consideraria uma pessoa de inestimável prodígio se soubesse que você morou lá um dia?

Um ligeiro sorriso agitou sua expressão serena, mas sua atenção não abandonou as mãos.

– Estou falando sério. Ele está impressionado com o local.
– Mesmo assim – retrucou ela. – Eu prefiro dessa forma.
– Ok. Eu compreendo. – Eu não compreendia, mas acho que já estabelecemos isso, e a forma como a luz da rua acariciava suas maçãs do rosto agora a fazia parecer vulnerável, como um tipo diferente de mulher, mais jovem e de certo modo mais frágil, de modo que não insisti. No entanto, continuei a observá-la; sua atitude era de tal contemplação que eu não conseguia desviar os olhos.

– Sabe, Edie – disse ela baixinho –, quando eu era pequena, minha mãe costumava me mandar, mais ou menos a esta hora da noite, ir buscar seu avô de volta para casa do bar.

– É mesmo? Sozinha?

– Não era incomum na época, antes da guerra. Eu ia e esperava perto da porta do local; ele me via e acenava, terminava sua bebida e, depois, voltávamos juntos para casa.

– Vocês dois eram muito chegados?

Ela inclinou um pouco a cabeça.

– Eu o deixava confuso, eu acho. Sua avó também. Eu alguma vez lhe disse que ela queria que eu me tornasse cabeleireira quando deixasse a escola?

– Como Rita.

Ela pestanejou para a rua escura lá fora.

– Acho que eu não seria muito boa nisso.

– Não sei. Você é bem habilidosa com a tesoura de podar.

Houve uma pausa e ela sorriu para mim, mas não com muita naturalidade, e eu tive a sensação de que queria me dizer mais alguma coisa. Esperei, mas, fosse o que fosse, ela resolveu não dizer, logo voltando a olhar fixamente para a vidraça.

Fiz uma sutil tentativa de puxar mais conversa sobre sua vida de estudante, esperando que isso pudesse levar à menção de Thomas Cavill, mas ela não mordeu a isca. Disse apenas que gostara muito da escola e me perguntou se queria uma xícara de chá.



A única virtude da abstração de mamãe na época foi eu ter sido poupada de ter de discutir o fim do meu relacionamento com Jamie. Sendo a repressão uma espécie de hobby da família, mamãe não perguntou os detalhes, nem me sufocou com observações banais e clichês. Gentilmente, deixou que nós duas nos apegássemos ao mito de que eu apenas tomara a decisão puramente altruísta de voltar e ajudar com o papai e a casa.

O mesmo, receio, não pode ser dito de Rita. Notícias ruins viajam depressa e minha tia, pode-se dizer, é do tipo que é atraído pela desgraça alheia, portanto imagino que eu não devia ter ficado surpresa quando cheguei ao Roxy Club para a despedida de solteira de Sam e logo fui abordada por ela na porta. Rita enfiou seu braço no meu e disse:

– Querida, eu soube. Mas não se preocupe; não deve pensar que isso significa que já está muito velha, sem atrativos e condenada a ficar sozinha pelo resto da vida.

Acenei para dar sinal ao garçom de que estava pronta para um drinque bem forte e percebi, com uma vaga sensação esmorecedora, que eu estava na verdade invejando a noite de minha mãe em casa com papai e sua sineta.

– Muita gente encontra “o” amor de sua vida mais tarde – continuou ela – e é muito feliz. Olhe para sua prima lá. – Apontou Rita para Sam, que ria para mim por trás do fio-dental de um estranho bronzeado. – Sua vez chegará.

– Obrigada, tia Rita.

– Muito bem. – Balançou a cabeça em sinal de aprovação. – Agora, divirta-se e esqueça tudo isso. – E ela estava prestes a seguir em frente, espalhando seus incentivos em outras paragens, quando agarrou meu braço. – Quase me esqueci – disse ela –, trouxe algo para você. – Enfiou a mão dentro de sua sacola de pano e retirou dali uma caixa de sapatos. A ilustração na lateral da caixa era de chinelas acolchoadas e bordadas, do tipo que minha avó teria gostado, e embora parecesse um presente improvável, eu tinha de admitir que deviam ser confortáveis. E úteis: afinal, eu andava passando muitas noites em casa ultimamente.

– Obrigada – disse. – É muita gentileza sua. – Então, levantei a tampa e vi que a caixa não continha chinelas, mas estava quase cheia de cartas.

– De sua mãe – disse tia Rita com um sorriso diabólico. – Como prometi. Agora você vai ter muito o que ler, hein? Vai se animar.

Embora eu estivesse empolgada com as cartas, senti uma ponta de desagrado por minha tia Rita, em nome da menina cuja caligrafia florescia em arabescos por linhas ansiosas nos envelopes. A jovem cuja irmã mais velha a abandonara durante a evacuação, escapando para ser acomodada com uma amiga, deixando a pequena Meredith se virar sozinha.

Recoloquei a tampa, repentinamente ansiosa para tirar as cartas daquele clube. Não pertenciam àquele lugar, em meio àquela agitação sensual; os pensamentos e sonhos inalterados de uma menina muito tempo atrás; a mesma menina que andara ao meu lado pelos corredores de Milderhurst, que eu esperava conhecer melhor um dia. Quando os copos e canudinhos temáticos chegaram, eu pedi licença e levei as cartas para casa, para a minha cama.



Tudo estava escuro como breu quando cheguei, e subi as escadas cuidadosamente na ponta dos pés, com receio de acordar o adormecido dono da sineta. O abajur da minha escrivaninha lançava uma claridade embaçada, a casa fazia estranhos ruídos noturnos e eu me sentei na beira da cama, a caixa de sapatos no colo. Esse era o momento, imagino, em que eu poderia ter agido de forma diferente. O caminho à minha frente se bifurcava e eu poderia seguir um ou outro. Após uma ligeira hesitação, levantei a tampa e retirei os envelopes de dentro, notando, enquanto os folheava, que estavam arrumados por data.

Uma fotografia soltou-se e caiu nos meus joelhos, duas jovens sorrindo para a câmera. A menor e mais morena reconheci como minha mãe – olhos castanhos vivos, cotovelos pontudos, cabelos no estilo bem curto, bem sensato, que minha avó preferia – e a outra, mais velha, com cabelos compridos e louros. Juniper Blythe, é claro. Lembrava-me dela do livro que comprei na vila de Milderhurst; era a

criança de olhos luminosos, agora crescida. Com uma onda de determinação, coloquei a fotografia e as cartas de volta na caixa, todas, exceto a primeira, que abri. O papel era tão fino que eu podia sentir as marcas da caneta sob meus dedos. A carta estava datada de 6 de setembro de 1939; impressão nítida no canto superior direito.

Queridos mamãe e papai, começava, em uma caligrafia redonda e grande, sinto muita falta de vocês. Vocês sentem a minha falta? Estou no campo agora, e tudo é muito diferente. Para começar, há vacas – sabiam que elas realmente dizem "muuuuuú"? Bem alto. Levei um grande susto quando ouvi pela primeira vez.

Estou morando em um castelo, um castelo de verdade, mas não é do jeito que vocês devem imaginar. Não há ponte levadiça, mas há uma torre, e três irmãs e um homem idoso que eu nunca vejo. Só sei que ele está lá porque as irmãs falam sobre ele. Elas o chamam de papai, e ele é um escritor de livros. Livros de verdade, como os da biblioteca pública. A irmã mais nova chama-se Juniper, tem 17 anos e é muito bonita, com olhos grandes. Foi ela quem me trouxe a Milderhurst. Aliás, sabiam que o gim é feito de uma frutinha chamada junípero?

Aqui tem telefone, então se tiverem tempo e o sr. Waterman da loja não se importar, vocês podiam...

Eu havia chegado ao fim da primeira página, mas não a virei. Permaneci sentada, imóvel, como se estivesse ouvindo alguma coisa com muita atenção. E estava, eu acho, porque a voz da menina havia saído da caixa de sapatos e agora ecoava pelos recantos escuros do quarto. *Estou no campo agora... Elas o chamam de papai... Há uma torre, e três irmãs...* As cartas são assim, especiais. Conversas são levadas pelo ar no momento em que são mantidas, mas a palavra escrita permanece. Aquelas cartas eram pequenos viajantes do tempo; por cinquenta anos haviam permanecido pacientemente em sua caixa, esperando que eu as encontrasse.

Os faróis de um carro na rua lá fora lançaram lascas de luz entre minhas cortinas, estilhaços brilhantes deslizaram pelo teto. Silêncio, penumbra outra vez. Virei a página e continuei a leitura, e, enquanto

o fazia, uma pressão crescia em meu peito, como se um objeto firme, quente estivesse sendo empurrado com força de dentro para fora, contra as minhas costelas. A sensação era um pouco como a de alívio e, estranhamente, a satisfação de uma espécie singular de saudades de casa. O que não fazia sentido. Só que a voz da menina me era tão familiar que ler as cartas era um pouco como reencontrar uma velha amiga. Alguém que eu conhecera havia muito tempo...

Londres, 4 de setembro de 1939

MEREDITH NUNCA TINHA VISTO seu pai chorar. Não era algo que os pais fizessem, certamente não o dela (e ele não estava realmente chorando, não de verdade, não ainda, mas estava perto), e foi assim que ela teve certeza de que estava errado o que andaram dizendo, que elas não estavam embarcando em nenhuma aventura e que não terminaria logo. Que esse trem esperava para levá-las para fora de Londres e que tudo estava prestes a mudar. Ao ver os ombros largos e quadrados de seu pai sacudindo-se, o rosto forte estranhamente contraído, a boca cerrada com tanta força que seus lábios ameaçavam desaparecer, ela teve vontade de chorar aos berros, como o bebê da sra. Paul quando estava com fome. Mas não chorou, não conseguia, não com Rita sentada bem ali ao seu lado, só esperando outra razão para beliscá-la. Em vez disso, ergueu uma das mãos e seu pai fez o mesmo, e depois ela fingiu que alguém a chamava e virou-se, para não ter de continuar olhando para ele, para que ambos pudessem parar de ser tão terrivelmente corajosos.

Houve treinos na escola no verão e seu pai falou sobre o assunto à noite, contando-lhes incansavelmente sobre as vezes em que ele fora para Kent quando garoto, colher lúpulo com sua família: os dias ensolarados, as canções ao redor da fogueira à noite, como o campo era lindo, como era verde, doce e infinito. Mas Meredith, apesar de ter gostado das histórias, também lançara um ou dois olhares à sua mãe, e isso fizera o bolo de mau presságio se revirar em seu estômago. Sua mãe estava curvada sobre a pia da cozinha, quadris, joelhos, cotovelos tensos, dedicando a mesma atenção feroz a esfregar as panelas até deixá-las imaculadas, o que sempre pressagiava tempos sombrios à frente.

De fato, algumas noites depois das histórias começarem, Meredith ouviu a primeira discussão, a mãe dizendo que eles eram uma

família e tinham de permanecer em Londres e correr o risco juntos, que uma família desfeita nunca poderia ser reunida outra vez do mesmo modo. Seu pai falara, mais calmo, dizendo-lhe que era como anunciavam os cartazes, que as crianças tinham mais chances fora da cidade, que não seria por muito tempo e que todos se reuniriam de novo depois. Houve um silêncio por alguns instantes e Meredith esforçou-se para ouvir: então, sua mãe rira, mas sem alegria. Ela não tinha nascido ontem, disse; se havia uma coisa que tinha certeza era de que governos e homens em ternos elegantes não eram confiáveis, que uma vez que as crianças fossem levadas, só Deus sabia quando conseguiriam tê-las de volta e em que condições estariam; ela gritou algumas das palavras pelas quais Rita sempre apanhava por usar e disse que, se ele a amava, não mandaria seus filhos embora; seu pai procurou tranquilizá-la, houve soluços e não se falou mais; Meredith colocou o travesseiro sobre a cabeça, tanto para abafar os roncões de Rita quanto tudo o mais.

Não se falou mais em evacuação depois disso, ao menos por vários dias, até que uma tarde Rita voltou correndo para casa para lhes dizer que as piscinas públicas tinham sido fechadas e que havia grandes cartazes na entrada.

– Há um de cada lado – disse ela, os olhos arregalados pela pressão de notícias portentosas.

– O primeiro diz *Mulheres contaminadas*, o segundo diz *Homens contaminados*.

Sua mãe cerrara as mãos e seu pai dissera apenas:

– Gás.

Foi o suficiente. No dia seguinte, sua mãe tirou a única mala que possuíam e algumas fronhas que não fariam falta e começou a enchê-las com os itens da lista recebida da escola – por precaução: roupas de baixo, um pente, lenços e uma camisola novinha em folha para Rita e Meredith, a necessidade das quais seu pai havia delicadamente questionado e sua mãe justificara com uma expressão feroz.

– Acha que vou deixar meus filhos irem com roupas velhas para a casa de estranhos?

Seu pai ficara quieto depois disso e, apesar de Meredith saber que os pais estariam pagando pelos itens novos até o Natal, não pôde deixar de ficar encantada com a camisola nova, que era muito alva e bem passada, e a primeira que possuía que não tivesse sido de Rita primeiro...

E agora elas *estavam* realmente sendo enviadas para longe, e Meredith teria feito qualquer coisa para retirar seu desejo. Meredith não era corajosa, não como Ed, e não era espalhafatosa e confiante como Rita. Ela era tímida e desajeitada, e completamente diferente de qualquer outra pessoa de sua família. Remexeu-se em seu assento, alinhou os pés em cima da mala e examinou o brilho de seus sapatos, depois pestanejou para afastar a imagem de seu pai engraxando-os na noite anterior, deixando-os de lado ao terminar e começando a vagar pelo quarto por alguns minutos, as mãos nos bolsos, antes de começar todo o processo outra vez. Como se aplicando a graxa, fazendo-a penetrar fundo no couro e bufando até que brilhasse, ele pudesse de certa forma afastar os perigos desconhecidos que se estendiam à frente.

– Mamãe, mamãe!

Os gritinhos agudos vinham do outro lado do vagão. Meredith ergueu os olhos e viu um menino, pouco mais do que um bebê, agarrando-se à irmã e raspando as mãozinhas no vidro da janela. As lágrimas haviam sulcado suas bochechas sujas e a pele sob seu nariz estava brilhante de muco.

– Quero ficar com você, mamãe! – gritava ele. – Quero morrer com você!

Meredith concentrou-se em seus joelhos, esfregando as marcas vermelhas que sua caixa de máscara de gás fizera ao bater contra suas pernas no caminho de volta da escola. Em seguida, olhou novamente pela janela do trem, não conseguia evitar; espreitou o corrimão no alto da estação onde os adultos aglomeravam-se. Ele ainda estava lá, ainda observando-as, o sorriso de um estranho ainda distorcendo o rosto conhecido de seu pai, e de repente Meredith sentiu dificuldade de respirar e seus óculos começaram a embaçar, e enquanto ela desejava que a terra se abrisse e a engolissem, de modo que tudo estivesse acabado, uma pequena parte

de sua mente permanecia desligada, perguntando-se que palavras usaria se lhe pedissem para descrever a maneira como o medo estava fazendo seus pulmões se contraírem. Quando Rita deu uma risada aguda por alguma coisa que sua amiga Carol sussurrara em seu ouvido, Meredith fechou os olhos.



Tudo começara precisamente às 11:15 da manhã do dia anterior. Ela estava sentada na frente da casa, as pernas estendidas sobre o degrau superior, tomando notas enquanto observava Rita do outro lado da rua, flertando com o terrível Luke Watson com seus grandes dentes amarelos. A declaração viera em sons distantes e distorcidos do rádio do vizinho ao lado, Neville Chamberlain falando naquela sua voz lenta e solene, dizendo-lhes que não houvera resposta ao ultimato e que agora eles estavam em guerra com a Alemanha. Em seguida, ouviu-se o Hino Nacional, depois do qual a sra. Paul apareceu na soleira da porta vizinha, uma colher ainda pingando de massa de Yorkshire *pudding*, sua mãe logo atrás dela, e donas de casa ao longo de toda a rua fazendo o mesmo. Todos ficaram parados onde estavam, entreolhando-se, perplexos, medo e incerteza estampados em seus rostos, enquanto murmúrios de confirmação começavam a percorrer a rua em uma grande onda de incredulidade.

Oito minutos depois, a sirene de ataque aéreo estrondou com uma algazarra ensurdecadora e o mundo pareceu desmoronar. A velha sra. Nicholson desatou a correr para baixo e para cima na rua, histérica, alternando o Pai-Nosso com declarações apavoradas de apocalipse iminente; Moira Seymour, guarda da ARP local, se empolgou e começou a girar a pesada matraca avisando sobre um ataque de gás, e as pessoas saíram correndo em busca de suas máscaras; e o inspetor Whitely ziguezagueava em sua bicicleta pelo meio do tumulto, usando um cartaz de papelão sobre o corpo que dizia abriguem-se.

Meredith ficara parada, os olhos arregalados, tentando entender a desordem, depois ergueu o olhar para o céu, esperando os aviões inimigos, perguntando-se como seriam, como seu aparecimento a

faria se sentir, se ela seria capaz de escrever rápido o suficiente para anotar tudo enquanto acontecia, quando repentinamente sua mãe agarrou-a pelo braço e arrastou-a, e a Rita, pela rua, na direção da trincheira de abrigo no parque. O caderno de anotações de Meredith caiu na correria e foi pisoteado, ela desvencilhou-se da mão de sua mãe e parou para pegá-lo, sua mãe gritou que não havia tempo e seu rosto estava branco, quase furioso, e Meredith compreendeu que iria receber uma reprimenda mais tarde, se não pior, mas não tivera escolha. Ela não o deixaria para trás de maneira nenhuma. Correu de volta, abaixou-se no meio da multidão de vizinhos apavorados, agarrou seu caderno – bastante danificado, mas ainda intacto – e retornou à sua mãe furiosa, o rosto não mais branco, mas vermelho como molho de tomate Heinz. Quando por fim chegaram ao abrigo e perceberam que haviam esquecido suas máscaras de gás, o sinal de que o perigo havia passado soou, Meredith ganhara uma palmada pelas pernas e sua mãe resolvera evacuá-las no dia seguinte.



– Olá, menina.

Meredith abriu os olhos marejados de lágrimas e viu o sr. Cavill parado no corredor do trem. Suas faces coraram instantaneamente e ela sorriu, maldizendo a imagem que lhe veio à mente de Rita olhando maliciosamente para Luke Watson.

– Posso dar uma olhada no seu crachá?

Ela limpou os olhos por baixo dos óculos e inclinou-se para mais perto, de modo que ele pudesse ler o crachá de papelão pendurado em seu pescoço. Havia gente por toda parte, rindo, chorando, gritando, indo e vindo, mas por um instante ela e o sr. Cavill ficaram sozinhos no meio de tudo aquilo. Meredith prendeu a respiração, consciente da maneira como seu coração começara a martelar, observando os lábios dele enquanto formulava as palavras escritas no crachá, seu próprio nome, seu sorriso quando verificou que estavam corretas.

– Estou vendo que você tem sua mala. Tem certeza de que sua mãe incluiu tudo da lista? Há alguma coisa de que você precise?

Meredith balançou a cabeça; depois a sacudiu de um lado para o outro. Ruborizou-se quando as palavras que ela nunca, *já* jamais ousaria dizer saltaram em sua mente: *Preciso que você espere por mim, sr. Cavill. Espere eu ficar um pouco mais velha – 14, talvez, 15 – e então nós dois poderemos nos casar.*

O sr. Cavill marcou alguma coisa em seu formulário e tampou a caneta.

– Vamos ficar algum tempo no trem, Merry. Trouxe alguma coisa para mantê-la ocupada?

– Trouxe meu caderno.

Ele riu, pois fora ele quem o dera a ela, um prêmio por ter se saído tão bem nas provas.

– Claro – disse ele. – É perfeito. Não deixe de anotar tudo. Tudo que vir, pensar e sentir. A voz é sua, e é importante. – Então, ele lhe deu uma barra de chocolate e uma piscadela, e ela retribuiu com um largo sorriso, enquanto ele continuava pelo corredor deixando o coração de Meredith grande como um melão em seu peito.



O caderno de anotações era o bem mais precioso de Meredith, o primeiro diário verdadeiro que ela possuía. Já o tinha há 12 meses, mas não escrevera nem sequer uma palavra dentro dele, nem mesmo seu nome. Como poderia? Meredith amava tanto o belo caderninho, a capa de couro liso e macio e as linhas perfeitas e nítidas em cada página, a fita presa na encadernação para usar como marcador de página, que estragá-lo com sua própria caligrafia, suas próprias frases sem graça sobre sua própria vida sem graça parecia um sacrilégio grande demais. Ela o tirara do esconderijo muitas vezes apenas para sentar-se com ele sobre os joelhos por algum tempo, desfrutando um grande prazer simplesmente por ser sua proprietária, antes de guardá-lo outra vez.

O sr. Cavill tentara convencê-la de que aquilo sobre o qual ela escrevia não era nem de longe tão importante quanto a maneira como escrevia.

– Não há duas pessoas que vejam ou sintam da mesma forma, Merry. O desafio é ser autêntico quando se escreve. Seja exata. Não

se satisfaça com a combinação mais fácil de palavras. Em vez disso, saia em busca daquelas que expliquem *exatamente* o que você pensa. O que você sente.

Depois, ele lhe perguntara se ela compreendia o que ele estava dizendo e seus olhos escuros estavam repletos de tal intensidade, de um desejo tão forte de que ela visse as coisas como ele que ela assentiu e apenas por um instante foi como se uma porta tivesse se aberto para um lugar muito diferente daquele em que ela vivia...

Meredith suspirou fervorosamente e arriscou um olhar de viés para Rita, que penteava o rabo de cavalo com os dedos, fingindo não notar que Billy Harris lançava olhares melosos para ela do outro lado do corredor. Ótimo: a última coisa de que precisava era Rita adivinhar o que ela sentia pelo sr. Cavill; felizmente Rita estava envolvida demais em seu próprio mundo de garotos e batom para se importar com o de qualquer outra pessoa. Um fato com que Meredith contava para poder escrever seu diário. (Não o verdadeiro diário, é claro; no final, ela chegara a um compromisso, guardando folhas extras de onde pudesse achá-las e mantendo-as dobradas dentro da capa da frente do precioso caderno de anotações. Ela registrava ali suas anotações, dizendo a si mesma que um dia, talvez, ela iria começar a escrever no verdadeiro.)

Meredith arriscou outra olhadela a seu pai, pronta para desviar o olhar antes que seus olhos se encontrassem, mas, quando vasculhou os rostos, procurou seu vulto familiar, rapidamente no começo; depois, com um pânico crescente na garganta, descobriu que ele não estava mais lá. Os rostos haviam mudado; mães ainda choravam, algumas acenavam com lenços, outras sorriam com feroz determinação, mas não havia nenhum sinal dele. No lugar em que ele estivera havia uma lacuna que era preenchida e mudava de lugar enquanto ela observava, e quando vasculhou a multidão, ela compreendeu que ele havia realmente ido embora. Que ela não o vira ir.

E embora ela tivesse se contido a manhã inteira, embora tivesse se forçado a afastar a tristeza, Meredith sentiu-se tão triste então, tão pequena e assustada e sozinha que ela começou a chorar. Um grande fluxo de emoções precipitou-se de dentro dela, quente e

úmido, e suas faces ficaram instantaneamente encharcadas. A terrível ideia de que ele pudesse ter estado lá parado, esperando, todo esse tempo, que ele pudesse ter estado observando-a enquanto ela observava seus sapatos, falava com o sr. Cavill, pensava em seu caderno de anotações, e desejando que ela erguesse os olhos, sorrisse, acenasse um adeus; que por fim ele deve ter desistido e voltado para casa, acreditando que ela não se importava nem um pouco...

– Oh, cale-se – disse Rita ao seu lado. – Não seja um bebê chorão. Pelo amor de Deus, isso é divertido!

– Minha mãe disse para não olhar para fora da janela ou sua cabeça pode ser arrancada por outro trem. – Essa era a amiga de Rita, Carol, que tinha 14 anos e era uma sabe-tudo igual à mãe. – E não dar informações a ninguém. Podem ser espiões alemães procurando Whitehall. Eles matam criancinhas, sabe.

Assim, Meredith escondeu o rosto atrás das mãos, permitiu-se mais alguns soluços silenciosos, depois enxugou as faces quando o trem deu um tranco e eles partiram. O ar encheu-se dos gritos dos pais lá fora e das crianças dentro do trem, e de fumaça, apitos e do riso de Rita ao seu lado, e então eles saíram da estação. O trem seguiu chocalhando ruidosamente pelos trilhos e um grupo de garotos, vestidos com suas melhores roupas de domingo, apesar de ser segunda-feira, correu pelo corredor, de uma janela a outra, batendo no vidro, acenando e gritando, até que o sr. Cavill lhes disse para sentar e não abrir portas. Meredith apoiou-se contra o vidro da janela e, em vez de encarar os tristes rostos cinzentos que se alinhavam à beira das estradas, chorando por uma cidade que estava perdendo seus filhos, ela observou maravilhada enormes balões cor de prata começarem a se erguer por toda parte, vagando à deriva nas leves correntes acima de Londres como belos e estranhos animais.

Vila de Milderhurst, 4 de setembro de 1939

A BICICLETA FICARA ACUMULANDO teias de aranha nos estábulos por quase duas décadas, e Percy não tinha a menor dúvida de que ela parecia ridícula pedalando. Com os cabelos presos para trás com um elástico, a saia franzida e enfiada entre os joelhos trancados: seu recato pode ter sobrevivido ao passeio intacto, mas ela não tinha a menor ilusão de que fazia uma figura elegante.

Recebera o aviso do governo sobre o risco de bicicletas caírem em mãos inimigas, mas não se deteve e ressuscitou a velha bicicleta de qualquer forma. Se houvesse alguma verdade nos boatos que circulavam, se o governo estivesse realmente planejando uma guerra de três anos, era certo que o combustível seria racionado e ela precisaria de um meio de se locomover. A bicicleta fora de Saffy, muito tempo atrás, mas não tinha nenhuma utilidade para ela agora; Percy a desencavara do depósito, limpou-a e ficara dando voltas com ela no caminho de entrada até conseguir se equilibrar com alguma confiança. Não esperava apreciar tanto a experiência e não podia imaginar por que nunca adquirira uma para ela própria durante todos esses anos, por que esperara até ser uma mulher de meia-idade com cabelos que começavam a ficar grisalhos, antes de descobrir o prazer. E de fato era um prazer, particularmente durante este extraordinário verão indiano, sentir a brisa contra suas faces quentes, enquanto ela zunia ao lado das cercas vivas.

Percy chegou ao topo da colina e inclinou-se para frente, para o próximo mergulho, um sorriso espalhando-se pelo rosto. A paisagem inteira estava ficando dourada, os pássaros trinavam nas árvores e o calor do verão pairava no ar. Setembro em Kent e ela quase podia se convencer de que sonhara com o anúncio do dia anterior. Pegou o atalho pela Balckberry Lane, percorreu o caminho ao redor da beira

do lago, em seguida saltou para conduzir sua bicicleta a pé pelo estreito caminho que margeava o riacho.

Percy passou pelo primeiro casal logo depois de ter começado a atravessar o túnel; uma moça e um rapaz não muito mais velhos do que Juniper, máscaras de gás iguais penduradas nos ombros. Estavam de mãos dadas e conversavam em voz baixa e séria, as cabeças abaixadas e tão juntas que mal registraram sua presença.

Logo um segundo casal, igualmente organizado, surgiu, depois um terceiro. Percy cumprimentou esse último com um sinal da cabeça e imediatamente depois desejou não tê-lo feito; a jovem sorriu de volta timidamente, apoiou-se no braço do rapaz e eles trocaram um olhar de tal ternura juvenil que as próprias faces de Percy se ruborizaram e ela compreendeu imediatamente sua estúpida intrusão. Blackberry Lane já era um local favorito para casais de namorados desde quando ela era criança, sem dúvida muito antes disso. Percy sabia disso melhor do que muita gente. Seu próprio caso de amor fora mantido durante anos sob o mais rígido véu de sigilo, principalmente por não haver a menor possibilidade de jamais ser legalizado pelo casamento.

Havia escolhas românticas mais simples que ela poderia ter feito, homens adequados pelos quais poderia se apaixonar, com os quais poderia ter conduzido um namoro às claras e sem o risco de expor sua família ao escárnio, mas o amor não era sábio, não na experiência de Percy: não ligava para restrições sociais, não se importava com linhagens, propriedade, nem simples bom senso. E apesar de Percy se orgulhar de seu pragmatismo, ela resistiu tanto ao seu chamado quando ele veio quanto era capaz de parar de respirar. Assim, submetera-se, resignando-se a uma vida inteira de olhares disfarçados, cartas contrabandeadas e raros, extraordinários, encontros amorosos.

As faces de Percy coraram enquanto ela caminhava; não era de admirar que sentisse uma afinidade tão especial por esses jovens amantes. A partir daí, manteve a cabeça baixa, focalizada no chão salpicado de folhas, ignorando todos os demais transeuntes até emergir ao lado da estrada, montar novamente na bicicleta e começar a descer para a vila. Perguntou-se, enquanto pedalava,

como era possível que a grande máquina da guerra pudesse estar girando suas rodas quando o mundo ainda era tão belo, quando havia pássaros nas árvores e flores no campo, quando os corações dos jovens ainda se apaixonavam.



A primeira indicação de que Meredith precisava fazer xixi surgiu quando ainda estava entre os prédios cinzentos e cobertos de fuligem de Londres. Ela pressionou as pernas uma contra a outra e rearranjou sua mala com força no colo, perguntando-se aonde exatamente eles estariam indo e quanto tempo ainda teriam de esperar até chegar lá. Estava suada e cansada; ela já havia comido todo o lanche de sanduíches de geleia que trouxera e não tinha a menor fome, mas estava entediada e insegura, e tinha certeza de que se lembrava de ter visto sua mãe enfiar meio quilo de biscoitos de chocolate na mala naquela manhã. Abriu os fechos da mala e levantou uma fenda estreita da tampa: espreitou dentro da cavidade escura, depois enfiou as mãos pela abertura de modo a poder fazer uma busca minuciosa no interior. Ela poderia ter levantado a tampa completamente, é claro, mas era melhor não acordar Rita com movimentos súbitos.

Lá estava o sobretudo que sua mãe levava noites acordada para terminar; mais à esquerda, uma lata de leite Carnation que Meredith tinha instruções rígidas de entregar aos anfitriões quando chegasse; atrás, meia dúzia de volumosas toalhinhas que sua mãe insistira que levasse, em uma constrangedora conversa que fizera Meredith encolher-se de vergonha.

– É muito provável que você se torne mulher enquanto estiver fora, Merry – dissera sua mãe. – Rita estará lá para ajudá-la, mas você precisa estar preparada.

Rita exibira um largo sorriso, e Meredith estremeceu e se perguntara se haveria uma chance ínfima de ela vir a ser uma rara exceção biológica. Ela correu os dedos pela capa lisa de seu caderno de notas, depois – bingo! Sob ele, encontrou o saco de papel cheio de biscoitos. O chocolate havia derretido um pouco, mas ela

conseguiu liberar um. Deu as costas a Rita enquanto ia mordiscando o biscoito delicadamente pelas bordas.

Atrás dela, um dos garotos começara a cantar uma cantiga familiar:

*Sob a grande castanheira,
Neville Chamberlain me disse:
Se você quiser uma máscara de gás grátis,
Junte-se à gloriosa ARP!*

Os olhos de Meredith recaíram sobre sua própria máscara de gás. Enfiou o resto do biscoito na boca e limpou os farelos da tampa da caixa. Aquele negócio idiota com seu horrível cheiro de borracha, a terrível sensação de ter a pele arrancada. Sua mãe os fizera prometer que usariam suas máscaras quando estivessem fora, que sempre as carregariam com eles, e Meredith, Ed e Rita haviam concordado, embora a contragosto. Mais tarde, Meredith ouviu sua mãe confessar à sra. Paul, nossa vizinha, que ela preferia morrer em um ataque de gás a suportar a terrível sensação de sufocamento embaixo daquela máscara, e Meredith planejou perder a dela assim que pudesse.

Havia pessoas acenando para eles agora, paradas em seus pequenos quintais, observando o trem fumegante passar. Sem aviso prévio, Rita beliscou seu braço e Meredith soltou um gritinho.

– Por que você faz isso? – disse ela, colocando a mão no lugar ardido e esfregando-o ferozmente.

– Todas aquelas pessoas gentis lá fora aguardando um show – Rita fez um sinal brusco com a cabeça na direção da janela. – Seja uma boa garota, Merry, mostre-lhes alguns soluços, hein?



Por fim, a cidade desapareceu atrás deles e o verde estendia-se por toda parte. O trem seguia ruidosamente pelos seus trilhos, reduzindo a marcha de vez em quando, ao passar por uma estação, mas as placas tinham sido todas removidas, portanto não havia como saber onde estavam. Meredith deve ter dormido por algum tempo, porque em seguida o trem começou a frear com um guincho

estridente e ela foi acordada com um solavanco. Não havia nada de novo a ser visto, nada além de mais grupos verdes de árvores no horizonte, um ou outro pássaro cortando o céu límpido e azul. Por um breve e exultante momento depois que pararam, Meredith achou que poderiam estar dando meia-volta, indo para casa outra vez. Que a Alemanha havia reconhecido que não deveria mexer com a Inglaterra afinal de contas, que a guerra estava terminada e já não havia nenhuma necessidade de saírem de Londres.

Mas não era verdade. Após uma nova e longa espera, durante a qual Roy Stanley conseguiu vomitar ainda mais abacaxi em lata pela janela, todos receberam ordens para sair do trem e fazer uma fila. Todos receberam uma injeção, seus cabelos foram inspecionados à procura de piolhos e, então, disseram-lhes para subir novamente no trem e prosseguir viagem. Não houve sequer a oportunidade de usar um toalete.

O trem ficou em silêncio por algum tempo depois disso, até mesmo os pequeninos estavam cansados demais para chorar. Viajaram e viajaram, sem parar, pelo que pareceram horas a fio, e Meredith começou a se perguntar de que tamanho seria a Inglaterra; quando, se algum dia, chegariam a um penhasco. E ocorreu-lhe que talvez tudo não passasse de uma grande conspiração, que o condutor do trem fosse um alemão e tudo fazia parte de algum plano malévolo para abduzir as crianças da Inglaterra. Havia problemas com a teoria, buracos em sua lógica – o que, por exemplo, Hitler podia querer com milhares de novos cidadãos de quem nem se sabia se não iriam molhar suas camas? –, mas a essa altura Meredith estava cansada demais, com sede demais, sentindo-se infeliz demais para preenchê-los, então apertou as pernas juntas ainda mais e começou a contar campos de plantações. Campos, campos e campos, levando-a só Deus sabia para o que e para onde.



Todas as casas têm corações; corações que amaram, corações que se inflaram de alegria, corações que foram partidos. O coração no centro de Milderhurst era maior do que muitos e batia com mais

força. Martelava e parava, acelerava e diminuía o ritmo, no pequeno quarto no alto da torre. O quarto onde um avô ancestral de Raymond Blythe suara sobre sonetos para a rainha Elizabeth, de onde uma tia-avó fugira para uma doce temporada com Lorde Byron, em cujo parapeito de tijolos o sapato de sua mãe se prendera quando ela pulou da pequena janela de arqueiro ao encontro da morte no fosso aquecido pelo sol lá embaixo, seu poema final flutuando atrás dela em uma folha de papel fino.

Parado junto à grande escrivaninha de carvalho, Raymond encheu seu cachimbo com uma nova pitada de tabaco, em seguida mais outra. Depois que seu irmão Timothy morreu, sua mãe se retirara para o aposento, envolta no manto negro de sua própria tristeza. Ele a via de relance junto à janela quando ele estava lá embaixo na gruta, ou nos jardins, ou na borda dos bosques, o vulto escuro de sua cabeça pequena, bem arrumada, fitando os campos, o lago: o perfil de marfim, tão parecido com aquele do broche que usava, passado de sua mãe para ela, a condessa francesa que Raymond não conheceu. Às vezes, ele ficava fora o dia inteiro, entrando e saindo das vinhas de lúpulo, escalando o telhado do celeiro, na esperança de que ela o notasse, se preocupasse com ele, gritasse para ele descer de lá. Mas ela nunca o fez. Era sempre a babá que o chamava para dentro ao final do dia.

Mas isso fora há muito tempo e ele era um velho tolo perdido entre lembranças esmaecidas. Sua mãe era pouco mais do que uma poetisa reverenciada a distância, em torno da qual mitos começavam a se formar como os mitos costumam fazer – o sussurro de uma brisa de verão, a promessa de luz do sol contra uma parede vazia – *Mãezinha...* Ele não tinha nem certeza se ainda se lembrava de sua voz.

O aposento pertencia a ele agora: Raymond Blythe, Rei do Castelo. Ele era o filho mais velho, o herdeiro e, juntamente com os poemas, seu maior legado. Ele mesmo um escritor, respeitado e – tinha de ser honesto, contra-atacava quando uma onda de modéstia ameaçava – bastante famoso, exatamente como sua mãe antes dele. Ela saberia, sempre se perguntava, quando legou o castelo para ele juntamente com sua paixão pela palavra escrita, que ele

atenderia às suas expectativas? Que ele um dia faria a sua parte para ampliar o alcance da família nos meios literários?

Uma contração aguda tomou conta de seu joelho doente e Raymond agarrou-o com força, estendendo o pé à sua frente até a tensão diminuir. Mancou até a janela e recostou-se contra o peitoril enquanto acendia um fósforo. Era um dia quase perfeito e ele tragou seu cachimbo com força para ele começar a queimar, estreitou os olhos pelos campos, o caminho de entrada, o gramado, a massa trêmula do bosque Cardarker, as grandiosas florestas de Milderhurst que o haviam trazido de volta para casa de Londres, que o chamaram dos campos de batalha da França, que sempre souberam seu nome.

O que seria de tudo aquilo quando ele se fosse? Raymond sabia que seu médico dissera a verdade; ele não era idiota, apenas velho. Entretanto, era impossível acreditar que estava chegando um momento em que ele não mais se sentaria junto a esta janela e olharia toda a sua propriedade, senhor de tudo que seus olhos podiam alcançar. Que o nome da família Blythe, o legado da família, morreria com ele. Os pensamentos de Raymond vacilaram; a responsabilidade de evitar isso fora dele. Ele devia ter casado novamente, talvez, tentado outra vez encontrar uma mulher que lhe desse um filho. A questão do legado estava sempre em sua mente nos últimos tempos.

Raymond tragou seu cachimbo e soltou uma baforada com suave escárnio, exatamente como o faria na companhia de um velho amigo cujos modos familiares estavam se tornando cansativos. Estava sendo melodramático, é claro, um tolo velho e sentimental. Talvez todo homem gostasse de acreditar que sem a sua presença os grandiosos alicerces desmoronariam? Todo homem orgulhoso como ele, de qualquer modo. E Raymond sabia que tinha de pisar com mais cuidado, que o orgulho precede uma queda, como a Bíblia adverte. Além do mais, ele não precisava de um filho: tinha várias sucessoras, três filhas, nenhuma delas do tipo casadouro; e depois havia a igreja, sua nova igreja. Seu padre lhe falara recentemente das recompensas eternas que aguardavam os homens que decidiam honrar os irmãos e irmãs católicos de uma forma tão generosa. O

astuto padre Andrews sabia que Raymond precisava de toda a boa vontade divina que pudesse conseguir.

Inalou um bocado de fumaça, prendeu-a por um instante antes de exalar. O padre Andrews havia lhe explicado, a razão para a assombração, o que tinha de ser feito para exorcizar o demônio de Raymond. Ele estava sendo punido, sabia-o agora, pelo seu pecado. Seus pecados. Arrepende-se, confessar, até mesmo se autoflagelar não fora suficiente; o crime de Raymond era maior do que isso.

Mas ele poderia realmente entregar seu castelo para estranhos, ainda que para esmagar o maldito demônio? O que seriam de todas as vozes sussurrantes, das horas distantes, presas dentro de suas pedras? Ele sabia o que sua mãe diria: o castelo deve permanecer na família Blythe. Ele suportaria decepcioná-la? Especialmente quando ele tinha uma excelente sucessora natural: Persephone, a mais velha e mais confiável de suas filhas. Ele a observara sair de bicicleta nesta manhã, observara-a quando parou junto à ponte para verificar seus alicerces, exatamente como ele lhe mostrara uma vez. Ela era a única entre suas filhas cujo amor pelo castelo quase igualava o seu próprio. Uma bênção que ela nunca houvesse encontrado um marido, e não o faria mais agora, sem dúvida. Ela se tornara um acessório do castelo, um bem pessoal seu tanto quanto as estátuas na cerca viva de teixo; podia confiar que ela jamais faria algum mal a Milderhurst. Na verdade, Raymond às vezes suspeitava que ela, como ele, estrangularia um homem com as mãos nuas se ele ameaçasse remover uma pedra sequer.

Notou, então, o barulho de um motor, um automóvel, em algum lugar embaixo. Tão rapidamente quanto começou, parou; uma porta bateu, pesada, metálica, e Raymond esticou o pescoço para ver por cima do peitoril da janela. Era o velho e grande Daimler; alguém o tirara da garagem e o levara para a entrada, apenas para deixá-lo ali. Sua atenção foi atraída por um produto de sua imaginação, uma fantasia em movimento. Um duende pálido, sua filha mais nova, Juniper, saltando das escadas da frente para o banco do motorista. Raymond sorriu consigo mesmo, confusão mental e satisfação combinadas. Ela era uma criança perdida e desmiolada, isso era certo, mas o que aquela menina magra, de espírito fraco, podia fazer

com 26 cartas simples, os arranjos que podia fazer, era de tirar o fôlego. Se ele fosse mais jovem, poderia ficar com ciúmes.

Outro barulho. Mais perto. Do lado de dentro.

Silêncio... Pode ouvi-lo?

Raymond ficou imóvel, ouvindo.

As árvores podem. São as primeiras a saber que ele está vindo.

Passos no patamar embaixo. Subindo, subindo em sua direção.

Ele largou o cachimbo na pedra lisa. Seu coração começou a bater com força.

Ouçã! As árvores da floresta profunda e escura, tremendo e agitando nervosamente suas folhas, sussurrando que alguma coisa vai acontecer.

Exalou com a maior firmeza que podia; já era hora. O Homem de Lama viera finalmente, buscando sua vingança. Exatamente como Raymond sabia que deveria vir.

Ele não tinha como fugir do quarto, não com o demônio nas escadas. A única outra opção era pela janela. Raymond olhou por cima do parapeito. Diretamente para baixo, como sua mãe fizera.

– Sr. Blythe? – Uma voz flutuou escada acima. Raymond preparou-se. O Homem de Lama podia ser muito inteligente; tinha muitos truques. Cada centímetro da pele de Raymond arrepiou-se; esforçou-se para ouvir acima de sua própria respiração pesada.

– Sr. Blythe? – falou o demônio outra vez, mais perto agora. Raymond agachou-se atrás da poltrona. Encolheu-se, tremendo. Um covarde até o fim. Os passos aproximaram-se com firmeza. À porta. No carpete. Cada vez mais perto, mais perto. Ele apertou os olhos com força, as mãos sobre a cabeça. A coisa estava bem acima dele.

– Oh, Raymond, coitado, pobre homem. Venha; dê sua mão a Lucy. Eu lhe trouxe uma ótima sopa.



Na periferia da vila, de cada lado da High Street, as fileiras gêmeas de choupos alinhavam-se como sempre como soldados exaustos de outra época. Estavam de volta ao uniforme agora, Percy observou enquanto passava rapidamente por elas, novas listras brancas de tinta em volta dos troncos; os meios-fios também tinham sido

pintados, bem como os aros de muitos carros. Após muita discussão, a ordem de blackout havia finalmente entrado em vigor na noite anterior: meia hora depois do pôr do sol, as luzes das ruas eram apagadas, faróis de carro não eram permitidos e todas as janelas foram cobertas com pesadas cortinas de tecido preto. Depois de ter verificado como estava seu pai, ela subira as escadas ao topo da torre e olhara além da vila, na direção do Canal. A lua lançara a única claridade e Percy experimentou a estranha sensação de sentir como devia ser centenas de anos antes, quando o mundo era um lugar muito mais escuro, quando os exércitos de cavaleiros troavam pelas terras, os cascos dos cavalos batendo no solo duro, os guardas dos castelos a postos, prontos para a ação.

Ela desviou abruptamente, quando o velho sr. Donaldson surgiu dirigindo ao longo da rua, aparentemente direto para ela, agarrado com força ao volante, os cotovelos projetados para fora, o rosto contraído em uma careta enquanto estreitava os olhos através dos óculos para a rua à sua frente. Seu rosto se iluminou quando ele descobriu quem ela era, ergueu a mão para acenar e arrastou o carro ainda para mais perto da beira da rua. Percy acenou de volta da segurança do gramado, seguindo seu progresso com uma ponta de preocupação conforme ele ziguezagueava em direção à sua casa em Bell Cottage. Como ele seria quando a noite caísse? Suspirou; para o diabo com as bombas, era a escuridão que mataria as pessoas por ali.



Para um observador distraído, alheio à declaração do dia anterior, podia parecer que tudo permanecia inalterado no coração da vila de Milderhurst. As pessoas continuavam cuidando de seus afazeres, fazendo compras no mercado, conversando em pequenos grupos do lado de fora da agência dos Correios, mas Percy não se deixava enganar. Não havia lamentações, nem dentes cerrados, era mais sutil do que isso e, talvez por isso mesmo, mais triste. A guerra iminente era evidenciada pela expressão distante nos olhos dos habitantes mais velhos do vilarejo, as sombras em seus rostos, não de medo, mas de tristeza. Porque eles sabiam; haviam atravessado

a última guerra e lembravam-se da geração de rapazes que havia marchado para a guerra tão corajosamente e nunca mais voltou. Também aqueles, como seu pai, que conseguiram voltar para casa, mas deixaram na França uma parte de si mesmos que jamais poderiam recuperar. Que periodicamente se entregavam a momentos em que seus olhos ficavam rasos d'água e seus lábios embranqueciam, e suas mentes se rendiam a visões e sons que não podiam compartilhar, mas das quais não conseguiam se livrar.

Percy e Saffy ouviram juntas o pronunciamento do primeiro-ministro Chamberlain no rádio no dia anterior e permaneceram sentadas, pensativas, durante todo o Hino Nacional.

– Acho que temos de lhe contar agora – dissera Saffy finalmente.

– Acho que sim.

– Você fará isso, é claro.

– Claro.

– Escolha cuidadosamente o momento, sim? Encontre uma maneira de mantê-lo racional.

– Sim.

Durante semanas, elas haviam adiado a menção da probabilidade de guerra a seu pai. Seu mais recente ataque de delírio havia rompido ainda mais o tecido que o ligava à realidade, e ele ficara oscilando entre extremos como o pêndulo no carrilhão. Em um momento ele parecia completamente lógico e racional, conversando com ela de forma inteligente sobre o castelo, história e grandes obras literárias, no seguinte escondia-se atrás de poltronas, soluçando com medo de espectros imaginários, ou sacudindo-se com uma risadinha, como um garotinho, suplicando a Percy para ir patinhar com ele no riacho, dizendo-lhe que conhecia o melhor local para pegar girinos, que lhe mostraria se ela soubesse guardar o segredo.

Quando tinham oito anos, no verão antes da Guerra Mundial começar, ela e Saffy trabalharam com o pai em sua própria tradução de *Sir Gawain and the Green Knight*. Ele lia a poesia em inglês medieval e Percy fechava os olhos enquanto os sons mágicos, os sussurros antigos a envolviam.

– Gawain sentia *etaynes that hym aneled* – dizia seu pai. – Os gigantes sussurrando atrás dele, Persephone. Sabe como é isso? Já ouviu as vozes de seus antepassados exalando das pedras? – E ela assentia, se aconchegava mais a ele e fechava os olhos enquanto ele continuava...

As coisas eram tão descomplicadas na época, seu amor pelo pai fora tão descomplicado. Ele tinha dois metros de altura e um corpo de aço, e ela teria feito e pensado qualquer coisa para ter sua aprovação. Mas tanta coisa acontecera desde então, e vê-lo agora, o rosto envelhecido adotando as expressões ávidas da infância, era quase demais para Percy suportar. Ela nunca teria confessado isso a ninguém, certamente não a Saffy, mas Percy mal conseguia olhar para o pai quando ele estava em uma daquelas que o médico chamava de “fase regressiva”. O problema era o passado. Não a deixava em paz. A nostalgia ameaçava ser sua ruína, o que era uma ironia, porque Percy Blythe não era afeita a sentimentalismos.

Tomada por uma nostalgia indesejada, ela conduziu sua bicicleta pela curta distância final até o salão da igreja e apoiou-a contra a fachada de madeira do prédio, com cuidado para não amassar o canteiro de flores do vigário.

– Bom-dia, srta. Blythe.

Percy sorriu para a sra. Collins. A cara senhora que, em alguma inexplicável curvatura do tempo, parecia idosa havia pelo menos três décadas, tinha uma sacola de tricô pendurada no braço e segurava um pão de ló recém-saído do forno.

– Oh, srta. Blythe – disse ela com um triste balanço de seus perfeitos cachos prateados –, algum dia imaginou que chegaríamos a isso? Outra guerra?

– Esperava que não, sra. Collins, realmente não esperava. Mas não posso dizer que estou surpresa, a natureza humana sendo o que é.

– Mas outra guerra. – Os cachos estremeceram de novo. – Todos esses rapazes.

A sra. Collins perdera os dois filhos na Primeira Guerra Mundial e, embora Percy não tivesse seus próprios filhos, ela sabia o que era amar tão intensamente que queimava. Com um sorriso, ela pegou o

bolo das mãos trêmulas da velha amiga e enfiou um dos braços da sra. Collins no seu.

– Vamos, querida. Vamos entrar e achar um lugar para nós, certo?

O Real Serviço Voluntário Feminino resolvera se reunir no salão da igreja para sua sessão de costura depois que alguns membros mais eloquentes do grupo declararam o salão comunitário, maior, com seu amplo assoalho de madeira e ausência de detalhes decorativos, um local muito mais adequado para o processamento dos evacuados. Entretanto, quando Percy viu o enorme grupo de mulheres ansiosas, amontoadas ao redor das mesas unidas – preparando máquinas de costura, desenrolando grandes peças de tecido para fazer roupas e cobertores para os evacuados, ataduras e compressas para os hospitais –, ela se perguntou se não seria uma escolha tola. Perguntou-se também quantas delas iriam desistir após a empolgação inicial, depois se penitenciou por ser tão amarga e pouco generosa. Sem mencionar hipócrita, pois Percy sabia que ela seria a primeira a dar suas desculpas para se ausentar assim que encontrasse alguma outra maneira de contribuir para o esforço de guerra. Ela era completamente imprestável com uma agulha e só estava ali hoje porque, embora fosse dever de todos fazer o que pudessem, era o dever das filhas de Raymond Blythe dar um bom impulso ao que eles não conseguiam.

Ela ajudou a sra. Collins a encontrar um lugar à mesa de tricô, onde a conversa, como era de esperar, girava em torno de filhos, irmãos e sobrinhos que haviam se alistado, depois entregou o pão de ló na cozinha, tomando o cuidado de evitar a sra. Caraway, que exibia a mesma expressão tenaz que sempre pressagiava a entrega de uma tarefa particularmente desagradável.

– Ora, srta. Blythe. – A sra. Potts, dos correios, estendeu as mãos para aceitar a oferta, levantou-a para inspeção. – E que bela fermentação você conseguiu aqui.

– O bolo é cortesia da sra. Collins. Sou apenas a portadora. – Percy tentou uma escapada rápida, mas a sra. Potts, prática em armadilhas de conversas, lançou sua rede com presteza:

– Sentimos sua falta no treinamento da ARP na sexta-feira.

– Eu estava ocupada.

– Que pena. O sr. Potts sempre diz que você faz o papel de ferida no ataque.

– Muita bondade dele.

– E não há ninguém que possa manejar uma bomba de estribo com tanta habilidade.

Percy deu um sorrisinho. Bajulação nunca fora algo tão enervante.

– E, diga-me, como vai seu pai? – Uma espessa camada de ávida compaixão recobria a pergunta, e Percy lutou contra a ânsia de plantar o maravilhoso pão de ló da sra. Collins na cara da responsável pela agência de correios. – Ouvi dizer que ele teve uma recaída, não foi?

– Ele está tão bem quanto se podia esperar, sra. Potts. Obrigada por perguntar. – Sobreveio-lhe a imagem do pai algumas noites atrás, correndo pelo corredor de camisolão, encolhendo-se de medo atrás de poltronas e gritando como uma criança assustada, soluçando, dizendo que a torre era mal-assombrada, que o Homem de Lama viria buscá-lo. Chamaram o dr. Bradbury, e ele deixou um remédio mais forte para elas ministrarem a ele, mas seu pai ficara tremendo durante horas, lutando com todas as forças contra o remédio, até finalmente adormecer em um sono profundo.

– Um pilar da comunidade como ele – a sra. Potts fingiu um tremor de piedade –, uma vergonha quando a saúde começa a falhar. Mas que bênção ele ter alguém como você para continuar suas obras de caridade, especialmente em um momento de emergência nacional. As pessoas daqui realmente contam com o castelo nos tempos difíceis, sempre foi assim.

– É muita gentileza sua, sra. Potts. Fazemos o melhor possível.

– Imagino que a veremos no salão da vila esta tarde, para ajudar no comitê de evacuação, não?

– Estarei lá.

– Já estive lá hoje de manhã, arrumando as latas de leite condensado e de carne; toda criança levará uma de cada. Não é muito, mas com quase nenhuma assistência das autoridades foi o melhor que pudemos oferecer. E cada coisa por menor que seja já ajuda, não é? Soube que está planejando ficar com uma criança. Muito nobre de sua parte: o sr. Potts e eu conversamos sobre isso, é

claro, e você me conhece, eu adoraria ajudar, mas as alergias do meu pobre Cedric – ela ergueu um dos ombros para os céus em uma expressão de desculpas –, bem, jamais suportariam isso. – A sra. Potts inclinou-se para mais perto e bateu de leve na ponta do nariz. – Só um aviso: as que vivem no East End em Londres têm padrões inteiramente diferentes dos nossos. É melhor você comprar um desinfetante de boa qualidade antes de deixar uma delas colocar o pé no castelo.

E apesar de Percy nutrir seus próprios temores quanto ao caráter de seu futuro inquilino, a sugestão da sra. Potts era de tão mau gosto que ela tirou um cigarro do estojo em sua bolsa e o acendeu, apenas para não ter de responder.

A sra. Potts continuou sem se deixar abater:

– E imagino que já tenha ouvido a última novidade, não?

Percy remexeu os pés, ansiosos para encontrar uma ocupação alternativa.

– Qual, sra. Potts?

– Ora, você deve saber toda a história lá em cima no castelo. Provavelmente tem muito mais detalhes do que qualquer uma de nós.

Naturalmente, nesse momento, fez-se silêncio e o grupo inteiro virou-se para olhar para Percy. Fez o possível para ignorá-las.

– Os detalhes de quê, sra. Potts? – A irritação esticou sua espinha dorsal uns bons centímetros. – Não faço a menor ideia do que está falando.

– Ora. – Os olhos de mexeriqueira arregalaram-se e seu rosto iluminou-se com a percepção de que ela era uma grande estrela com uma nova plateia. – As notícias sobre Lucy Middleton, é claro.

Castelo Milderhurst, 4 de setembro de 1939

EVIDENTEMENTE HAVIA ALGUM TRUQUE para aplicar a cola e prender a tira de tecido sem lambuzar a vidraça. A jovial mulher no guia ilustrado não parecia estar tendo nenhuma dificuldade em reforçar *suas* janelas; na verdade, ela parecia decididamente animada sobre todo o projeto: cintura fina, corte de cabelo impecável, sorriso afável. Sem dúvida, ela permaneceria igualmente tranquila quando as bombas caíssem. Saffy, ao contrário, estava desnorteada. Começara pelas janelas dos fundos em julho, assim que os primeiros panfletos chegaram, mas, apesar do sábio aviso no segundo panfleto do governo – *Não deixe as providências para a última hora!* –, ela afrouxara um pouco quando pareceu que a guerra ainda poderia ser evitada. Com o terrível pronunciamento do sr. Chamberlain, entretanto, ela estava de volta à tarefa. Trinta e duas janelas cruzadas, faltando apenas mais uma centena. Por que simplesmente não usara uma fita adesiva ela não saberia dizer.

Ela colou o último canto de tecido no lugar e desceu da cadeira, recuando um passo para observar sua obra. Oh, meu Deus; inclinou um pouco a cabeça e franziu a testa para a cruz torta. Serviria o propósito, mas não era nenhuma obra de arte.

– Parabéns – disse Lucy, entrando naquele instante com a bandeja de chá. – “O X marca o local”, não é o que dizem?

– Eu certamente espero que não. O sr. Hitler devia ser avisado: ele vai ter de se explicar com Percy se suas bombas sequer arranharem o castelo. – Saffy esfregou a toalha nas mãos grudentas. – Acho que esta cola resolveu brigar comigo; não sei o que fiz para ofendê-la, mas devo ter feito alguma coisa.

– Cola temperamental. Assustador!

– Não é a única. Esqueça as bombas; eu vou precisar de um bom tônico para os nervos depois de lidar com estas janelas.

– Vou lhe dizer uma coisa... – Lucy servia o chá do bule e deixou a frase suspensa no ar enquanto terminava a segunda xícara. – Já levei o almoço para seu pai; quer uma ajuda aqui?

– Oh, Lucy, querida, você faria isso? Que maravilha! Eu poderia chorar de gratidão.

– Não precisa tudo isto. – Lucy conteve um sorriso de satisfação. – Já acabei a minha própria casa e verifiquei que tenho uma certa habilidade com cola. Quer que eu cole enquanto você corta?

– Perfeito! – Saffy atirou a toalha de volta sobre a cadeira. Suas mãos ainda estavam grudentas, mas não tinha importância. Quando Lucy entregou-lhe uma xícara, aceitou-a agradecidamente. Permaneceram por alguns instantes compartilhando um silêncio de companheirismo enquanto cada uma saboreava um primeiro gole. Havia se tornado quase um hábito tomar chá juntas assim. Nada extraordinário, elas não paravam seus afazeres diários nem usavam a melhor louça; apenas conseguiam estar ocupadas no mesmo lugar na hora certa do dia. Percy, se soubesse, teria ficado horrorizada; teria franzido a testa e lançado olhares furiosos, franzido os lábios e dito coisas como “Não é apropriado” e “Padrões devem ser mantidos”. Mas Saffy gostava de Lucy – eram amigas, de certo modo – e ela não via como compartilhar uma xícara de chá pudesse fazer algum mal. Além do mais, o que Percy não sabia, não podia incomodá-la.

– E conte-me, Lucy – disse ela, quebrando o silêncio e assim sinalizando que ambas deviam retomar o trabalho –, como vai a casa?

– Muito bem, srta. Saffy.

– Você não fica muito solitária lá, sozinha? – Lucy e sua mãe sempre viveram juntas em uma pequena casa na periferia da vila. Saffy podia imaginar a lacuna que a morte da velha senhora havia deixado.

– Eu me mantenho ocupada. – Lucy equilibrara sua xícara no peitoril da janela enquanto passava o pincel encharcado de cola em diagonal pela vidraça. Por um instante Saffy achou ter detectado uma tristeza no rosto da governanta, como se estivesse prestes a confessar algum sentimento profundo, mas resolvido não fazê-lo.

– O que foi, Lucy?

– Oh, não é nada. – Hesitou. – Só que sinto falta de mamãe, é claro.

– Claro. – Lucy era discreta (até demais, a parte mais enxerida de Saffy pensava às vezes), mas ao longo dos anos Saffy havia percebido o suficiente para saber que a sra. Middleton não era uma pessoa fácil. – Mas?

– Mas eu gosto muito da minha própria companhia. – Olhou de soslaio para Saffy. – Isso não soa terrível?

– Não, de modo algum – disse Saffy com um sorriso. Na verdade, ela achava que soava maravilhosamente bem. Começou a visualizar seu pequeno apartamento dos sonhos em Londres, e em seguida parou. Em um dia em que ela estava atolada de afazeres era tolice se deixar distrair. Sentou-se no chão e começou a cortar o tecido, fazendo tiras. – Está tudo arrumado lá em cima, Lucy?

– O quarto está lindo; arejei, troquei as roupas de cama e, espero que você não se importe – alisou uma tira de tecido –, mas guardei o vaso chinês de sua avó. Não sei como me esqueci dele quando estávamos embrulhando e armazenando os objetos de valor na semana passada. Está bem seguro agora, guardado na sala de documentos com os outros.

– Oh – os olhos de Saffy se arregalaram, examinando o rosto de Lucy –, mas você não acha que vamos obter um pestinha, acha? Disposto a quebrar coisas e fazer confusão?

– Absolutamente, não. Só achei que era melhor prevenir do que remediar.

– Sim. – Saffy balançou a cabeça enquanto a governanta pegava uma nova tira de pano. – Muito prudente, Lucy, e é claro que você tem razão. Eu mesma devia ter pensado nisso. Percy vai ficar satisfeita. – Suspirou. – Ainda assim; achei que devíamos colocar algumas flores frescas na mesinha de cabeceira. Animar um pouco o pobrezinho. Talvez um jarro de vidro da cozinha?

– Muito mais adequado. Acharei um, está bem?

Saffy sorriu em concordância, mas, quando imaginou a chegada da criança, seu sorriso congelou e ela sacudiu a cabeça.

– Oh, mas isso não é terrível, Lucy?

– Tenho certeza de que ninguém espera que você ofereça seu melhor cristal.

– Não, refiro-me à coisa toda. À própria ideia. Todas essas crianças assustadas, suas pobres mães em Londres tendo de sorrir e acenar enquanto veem seus filhos desaparecerem no desconhecido. E para quê? Só para limpar o palco para a guerra. De modo que rapazes sejam forçados a matar outros rapazes em locais distantes.

Lucy virou-se para olhar para Saffy, a surpresa em seus olhos, misturada a alguma preocupação.

– Não deve se perturbar com isso agora.

– Eu sei, eu sei. Não vou.

– Cabe a nós manter a moral em alta.

– Claro.

– Ainda bem que há pessoas como vocês dispostas a acolher os pobrezinhos. A que horas está esperando a chegada da criança?

Saffy abaixou a xícara vazia e pegou a tesoura outra vez.

– Percy disse que os ônibus chegam entre três e seis; não pôde ser mais específica do que isso.

– Ela está fazendo a seleção, então? – A voz de Lucy se alterara um pouco e Saffy sabia o que ela estava pensando: Percy dificilmente seria a escolha óbvia quando se tratava de questões maternais.

Quando Lucy levou a cadeira para a janela seguinte, Saffy arrastou-se rapidamente pelo chão para acompanhá-la.

– Foi a única maneira que consegui para fazê-la concordar; você sabe como Percy é com relação ao castelo. Ela tem visões de algum terrível diabinho arrancando os ornamentos do corrimão, rabiscando os papéis de parede, ateando fogo às cortinas. Tenho de ficar lembrando-lhe que estas paredes aguentaram centenas de anos, que sobreviveram a invasões de normandos, celtas e de Juniper. Uma pobre criança de Londres não vai fazer diferença.

Lucy riu.

– Por falar na srta. Juniper, ela vai voltar para o almoço? Acho que a vi saindo no carro de seu pai hoje cedo.

Saffy sacudiu a tesoura no ar.

– Seu palpite é tão bom quanto o meu. A última vez que eu soube o que se passava na mente de Juniper... – Parou um instante para pensar, o queixo apoiado na mão fechada, depois abriu os braços de modo teatral. – Sabe, não me lembro de uma única vez.

– A srta. Juniper tem outros talentos além da previsibilidade.

– Sim – disse Saffy com um sorriso afetuoso. – Certamente.

Lucy hesitou, desceu da cadeira e passou os dedos finos pela testa. Um movimento antiquado, engraçado, um pouco como uma donzela contemplando a possibilidade de um desmaio; aquilo divertiu Saffy e ela imaginou se poderia incorporar o cativante hábito em seu romance – parecia o tipo de gesto que Adele faria quando ficasse nervosa por causa de um homem.

– Srta. Saffy?

– Humm?

– Há algo bastante sério que gostaria de conversar com você.

Lucy soltou a respiração, mas não continuou, e Saffy imaginou por um instante terrível que ela estivesse doente. Se havia recebido notícias ruins do médico; isso explicaria o modo reservado de Lucy e, por pensar nisso, seu recente hábito de ficar distraída. Ora, no outro dia Saffy entrou na cozinha e viu Lucy olhando com um ar distante pela porta dos fundos, para além da horta, enquanto os ovos para seu pai continuavam a ferver muito além do ponto de sua preferência.

– O que é, Lucy? – Saffy levantou-se, gesticulando para que Lucy a seguisse para o sofá. – Está tudo bem? Você está pálida. Quer que eu vá buscar um copo d'água?

Lucy sacudiu a cabeça, mas olhou à sua volta em busca de algo em que se apoiar, escolhendo o encosto da poltrona mais próxima.

Saffy sentou-se na *chaise-longue* e esperou; e por fim, quando as notícias de Lucy finalmente irromperam, ficou feliz por estar sentada.

– Vou me casar – disse Lucy. – Isto é, alguém me pediu em casamento e eu disse sim.

Por um instante, Saffy imaginou se a governanta estaria delirante, ou pelo menos fazendo uma brincadeira. Simplesmente, não fazia sentido: Lucy, a querida e confiável Lucy, que nem uma vez em

todos os anos que trabalhara em Milderhurst sequer mencionara um companheiro, muito menos saía com um sujeito, iria se casar? Assim, de repente, na idade dela? Ora, ela era alguns anos mais velha do que Saffy, certamente com quase quarenta anos.

Lucy remexeu-se onde estava e Saffy percebeu que o silêncio caíra um pouco pesadamente entre elas e que era sua vez de falar. Sua língua moveu-se em torno de algumas palavras, mas não conseguiu pronunciá-las.

– Vou me casar – repetiu Lucy, mais devagar desta vez, e com o tipo de cautela que sugeria que ela própria ainda estava se acostumando à ideia.

– Mas, Lucy, isto é uma notícia maravilhosa – disse Saffy depressa. – E quem é o felizardo? Onde você o conheceu?

– Na verdade – Lucy ruborizou –, nos conhecemos aqui, em Milderhurst.

– Oh?

– É Harry Rogers. Vou me casar com Harry Rogers. Ele me pediu em casamento e eu aceitei.

Harry Rogers. O nome lhe era vagamente familiar; Saffy tinha certeza de que devia conhecer o cavalheiro, mas não conseguia ligar o nome a um rosto. Que constrangedor! Saffy podia sentir suas faces ficando vermelhas e encobriu seu dilema plantando um amplo sorriso no rosto, esperando que fosse suficiente para convencer Lucy de seu contentamento.

– Nós nos conhecemos há anos, é claro, ele vinha regularmente ao castelo, mas só começamos a sair juntos há alguns meses. Foi logo depois que o carrilhão começou a adiantar, na primavera.

Harry Rogers. Mas não, certamente, aquele relojoeiro pequeno e cabeludo? Ora, ele não era nem bonito, nem charmoso, nem pelo que Saffy pôde observar, inteligente. Era um homem comum, interessado apenas em conversar com Percy sobre o estado do castelo e o mecanismo de relógios. Bastante complacente, até onde Saffy podia saber, e Percy sempre falara bem dele (até Saffy adverti-la de que ele ficaria caidinho por ela se não tomasse cuidado); no entanto, ele não era de modo algum o homem certo para Lucy, com seu rosto bonito e sorriso fácil.

– Mas como isso aconteceu? – A pergunta saía antes que Saffy tivesse tempo de reprimi-la. Lucy não pareceu se ofender, respondendo diretamente, quase rápido demais, Saffy pensou, como se ela própria precisasse ouvir aquelas palavras a fim de compreender como tal fato podia ter acontecido.

– Ele veio ver o relógio e eu estava saindo mais cedo por causa do estado de saúde de mamãe, e por acaso nos encontramos no caminho para a porta. Ele me ofereceu uma carona para casa e eu aceitei. Iniciamos uma amizade e depois, quando mamãe morreu... Bem, ele foi muito gentil. Um verdadeiro cavalheiro.

Um manto de silêncio recaiu sobre elas, onde a cena se desenrolou de maneira diversa na mente de cada uma. Saffy, apesar de surpresa, também estava curiosa. Era a escritora que havia nela, imaginou: perguntando-se que tipo de conversa os dois devem ter tido no pequeno carro do sr. Roger, como, exatamente, uma atenciosa carona para casa havia florescido em um caso de amor.

– E você está feliz?

– Oh, sim. – Lucy sorriu. – Sim, estou feliz.

– Bem – Saffy procurou dar força ao seu sorriso –, então estou imensamente feliz *por* você. E você devia trazê-lo aqui para um chá. Uma pequena comemoração!

– Oh, não. – Lucy sacudiu a cabeça. – Não. É muita bondade sua, srta. Saffy, mas não acho que seria apropriado.

– Por que não? – disse Saffy, embora ao falar tenha percebido perfeitamente bem por que não, e sentiu uma onda de constrangimento por não ter encontrado uma forma melhor de fazer o convite. Lucy era muito correta para nutrir a ideia de jantar com os patrões; com Percy especialmente.

– É melhor não fazermos alarde – disse ela. – Nenhum de nós dois é jovem. Não vai haver um longo noivado; não faz sentido esperar, ainda mais com a guerra.

– Mas certamente com sua idade Harry não vai...?

– Oh, não, nada disso. Mas ele vai fazer sua parte, com o grupo do sr. Potts. Ele esteve na primeira guerra, sabe; em Passchendaele. Juntamente com meu irmão... juntamente com Michael.

Uma nova expressão surgiu no rosto de Lucy; uma espécie de orgulho, Saffy percebeu, um prazer hesitante, revelado com uma leve timidez. Era a novidade, é claro, a recente mudança de situação. Lucy ainda estava se acostumando a esta nova *persona*, de uma mulher prestes a se casar, uma mulher que era parte de um casal, que tinha uma contrapartida masculina através da qual poderia, por reflexo, se cobrir de glória. Saffy animou-se um pouco, por tabela. Não podia imaginar ninguém que conhecesse que merecia a felicidade tanto quanto Lucy.

– Bem, claro, tudo isso faz muito sentido – disse ela. – E você certamente deve tirar alguns dias de folga para si mesma, tanto antes quanto depois do casamento. Talvez eu possa...

– Na verdade – Lucy cerrou os lábios e concentrou-se no ponto no espaço logo acima do ombro esquerdo de Saffy –, é sobre isso que preciso realmente conversar com você.

– Oh?

– Sim. – Lucy sorriu, mas não com facilidade, nem alegria, e depois o sorriso desapareceu, deixando apenas um leve suspiro em seu lugar. – É um pouco estranho, sabe, mas Harry prefere... isto é, ele acha que depois que casássemos seria melhor se eu ficasse em casa; cuidasse da casa *dele* e fizesse um pouco pelo esforço de guerra. – Talvez Lucy sentisse tão intensamente quanto Saffy que mais explicações eram necessárias, pois continuou mais rapidamente: – E no caso de sermos abençoados com filhos.

E então Saffy compreendeu; foi como se um grande véu tivesse sido erguido. Tudo que estivera até então indistinto ganhou nitidez: Lucy não estava mais apaixonada por Harry Rogers do que Saffy, ela simplesmente queria ser mãe. Era de admirar que Saffy não tivesse deduzido isso imediatamente; era tão óbvio agora que ela sabia. Era, na realidade, a única explicação. Harry lhe oferecera a última chance; que mulher na posição de Lucy não tomaria a mesma decisão? Saffy manuseou seu medalhão, passou o polegar sobre o fecho e sentiu uma onda de afinidade com Lucy, um jato de compreensão e afeto fraternal tão forte que foi dominada por um desejo repentino de contar tudo a Lucy, explicar que ela, Saffy, sabia exatamente como Lucy se sentia.

Abriu a boca para fazer exatamente isso, mas descobriu que as palavras não vinham. Sorriu levemente, piscou e ficou perplexa de sentir uma onda de lágrimas quentes ameaçando derramar. Lucy, enquanto isso, virara-se, remexia nos bolsos em busca de alguma coisa, e Saffy, recobrando a serenidade da melhor maneira possível, olhou furtivamente para a janela, observando um único corvo navegar por uma invisível corrente de ar quente.

Piscou de novo e tudo adquiriu um verniz opaco. Mas como era ridículo chorar! Era a guerra, é claro, a incerteza, as malditas, detestáveis janelas!

– Eu também vou sentir sua falta, srta. Saffy. De todos vocês. Passei mais da metade da minha vida aqui em Milderhurst; sempre achei que terminaria meus dias aqui também. – Uma breve hesitação. – Isso não soa muito mórbido?

– Terrivelmente mórbido. – Saffy sorriu através das lágrimas, segurando o medalhão entre os dedos novamente. Lucy faria uma falta terrível, mas essa não era a única razão de Saffy chorar. Ela não abria mais o medalhão, não precisava da fotografia para ver o rosto dele. O rapaz por quem se apaixonara, que estivera apaixonado por ela. O futuro se estendera à sua frente, qualquer coisa seria possível, tudo. Antes de tudo lhe ser roubado...

Mas Lucy não sabia nada a respeito disso, e se soubesse, se ao longo dos anos tivesse reunido os pontos aqui e ali e formado um triste quadro, ela era educada demais para jamais tocar no assunto. Mesmo agora.

– O casamento será em abril – continuou ela, a voz baixa e suave, entregando a Saffy um envelope que havia tirado do bolso. Sua carta de demissão, Saffy compreendeu. – Primavera. Na igreja da vila, só uma pequena cerimônia. Nada extraordinário. Eu teria muito prazer em continuar até lá, mas compreendo se... – Havia lágrimas em seus olhos agora. – Sinto muito, srta. Saffy, por não tê-la avisado há mais tempo. Especialmente em uma época como esta, quando é tão difícil encontrar empregados.

– Bobagem – disse Saffy. Estremeceu, repentinamente consciente de uma corrente de ar, fria, contra suas faces úmidas. Tirou o lenço e enxugou o rosto, notando as manchas de pó de arroz no tecido. –

Oh, meu Deus – disse ela, fingindo uma careta horrorizada –, como devo estar desarrumada. – Sorriu para Lucy. – Agora, esqueça as desculpas. Não pense mais nisso e certamente nada mais de choro. O amor é algo a ser comemorado, não lamentado.

– Sim – disse Lucy, não parecendo em nada uma mulher apaixonada. – Muito bem, então.

– Muito bem.

– Já vou andando.

– Sim. – Saffy não fumava, não suportava o cheiro nem o gosto de tabaco, mas no momento quisera fumar. Algo calmante para fazer com as mãos. Engoliu em seco, empertigou-se um pouco, reuniu as forças como sempre fazia quando fingia ser Percy.

Oh, meu Deus. Percy.

– Lucy?

A governanta virou-se de onde recolhia as xícaras vazias.

– E quanto a Percy? Ela sabe a respeito de Harry? Que você vai nos deixar?

O rosto da governanta empalideceu enquanto ela sacudia a cabeça.

A inquietação alojou-se no estômago de Saffy.

– Talvez eu deva...?

– Não – disse Lucy, com um sorriso corajoso. – Não. Isso é algo que eu tenho de fazer.

PERCY NÃO VOLTOU PARA CASA. Também não se dirigiu ao salão da vila para ajudar com a arrumação das latas de carne em conserva. Saffy mais tarde a acusaria de esquecer-se de propósito de pegar uma criança evacuada, de nunca ter desejado uma, para começar, mas, apesar de haver um elemento de verdade nesta última acusação, o fato de Percy não ter comparecido ao salão comunitário nada tinha a ver com Saffy e sim tudo a ver com o mexerico da sra. Potts. Além do mais, como depois lembrou à sua irmã gêmea, tudo dera certo no final: Juniper, imprevisível, adorada Juniper, passara por acaso pelo centro comunitário e Meredith fora fisgada para o castelo. Percy, enquanto isso, tendo deixado a reunião do serviço de voluntárias um pouco desnorteada, esquecera sua bicicleta, começando a andar pela High Street, a cabeça bem erguida, passo firme, parecendo aos olhos do mundo alguém com uma lista no bolso de uma centena de afazeres a serem resolvidos até a hora do jantar. Sem dar absolutamente nenhum indício de que era uma vítima ambulante, um eco fantasmagórico de si mesma. Como se viu de repente no salão de beleza ela jamais saberia, mas foi exatamente ali que seus pés anestesiados a levaram.

Os cabelos de Percy sempre foram compridos e louros, embora nunca tão compridos quanto os de Juniper, nem tão dourados como os de Saffy. Percy não se importava com nada disso; nunca fora o tipo de prestar muita atenção à sua coroa de glória. Enquanto Saffy tinha cabelos longos porque era vaidosa e Juniper ignorava os dela porque não era, Percy os mantinha da forma que eram pela simples razão de que seu pai preferia assim. Ele achava que meninas deviam ser bonitas, que suas filhas, especialmente, deviam ter cabelos compridos e louros, caindo em ondas pelas costas.

Percy contraiu-se quando a cabeleireira molhou e penteou seus cabelos até ficarem escuros, lisos e frouxos. Lâminas de metal

sussurraram, frias, contra sua nuca e a primeira mecha caiu no chão, onde permaneceu imóvel, morta. Ela se sentiu mais leve.

A cabeleireira ficara chocada quando Percy fez seu pedido, perguntou-lhe várias vezes se tinha certeza.

– Mas seus cachos são tão bonitos – dissera ela com tristeza. – Quer mesmo cortar tudo?

– Tudo.

– Mas você nem vai se reconhecer.

Não, Percy pensou, e a ideia a agradou. Quando se sentou na cadeira, ainda em uma espécie de sonho, Percy se olhou no espelho; viu sua imagem em um momento de introspecção. O que ela viu a inquietou. Uma mulher no avançar dos anos, ainda prendendo os cabelos em tirinhas de pano à noite para fazer as ondas de uma jovencinha que a natureza se esquecera de fazer. Todo esse trabalho combinava muito bem com Saffy, que era uma romântica, recusando-se mesmo agora a abandonar os antigos sonhos e aceitar que seu cavaleiro em armadura brilhante não viria, que seu lugar era, e sempre seria, em Milderhurst, mas era ridículo em Percy. Percy, a pragmática; Percy, a planejadora; Percy, a protetora.

Ela devia ter cortado os cabelos há anos. O novo penteado era curto e arrumado, e embora não pudesse dizer que ficara com melhor aparência, bastava saber que estava diferente. A cada corte, algo em seu íntimo se soltava, uma antiga ideia a que se apegava sem perceber. Finalmente a jovem cabeleireira largou a tesoura e disse, um pouco desajeitadamente:

– Pronto, querida. Não está bem arrumadinha?

Percy ignorara o irritante tom condescendente para concordar com certa surpresa que, sim, ela de fato parecia bem arrumada.



Meredith esperava havia horas, primeiro de pé, depois sentada, agora esparramada no chão de madeira do salão da vila de Milderhurst. Conforme o tempo se alongava e o fluxo de fazendeiros e senhoras do local reduzia-se drasticamente, e a escuridão começava a pairar do lado de fora das janelas, Meredith deixou-se

imaginar que terrível destino a aguardaria se definitivamente não fosse escolhida, se *ninguém* a quisesse. Passaria as próximas semanas morando ali, sozinha, naquele salão varrido por uma corrente de ar? Só de pensar, seus óculos se embaçaram e tudo ficou nebuloso.

E foi então, nesse exato momento, que *ela* chegou. Entrou intempestivamente, como um anjo resplandecente, como algo saído de uma história inventada, e resgatou Meredith do chão frio e duro. Como se ela soubesse, de algum modo, por alguma espécie de mágica ou sexto sentido – algo que a ciência ainda não explicava – que ela era necessária.

Meredith não viu a entrada propriamente dita – estava ocupada demais limpando as lentes de seus óculos na bainha da saia –, mas sentiu uma crepitação no ar e percebeu um silêncio anormal cair entre as mulheres chilreantes.

– Ora, srta. Juniper – disse uma delas, enquanto Meredith recolocava os óculos desajeitadamente no nariz e piscava na direção da mesa do lanche. – Que surpresa. Em que podemos ajudá-la? Está procurando a srta. Blythe, porque curiosamente nós não a vemos desde o meio-dia...

– Vim buscar minha evacuada – disse a jovem que devia ser a srta. Juniper, interrompendo a mulher com um aceno da mão. – Não se levantem. Estou vendo a menina.

E ela começou a andar, passando pelas crianças na primeira fila, e Meredith piscou mais algumas vezes, olhou por cima de seu ombro e compreendeu que não restava mais ninguém lá. Virou-se novamente, bem a tempo de encontrar essa esplêndida criatura de pé diretamente acima dela.

– Pronta? – disse a estranha. Casualmente, descontraidamente, como se fossem velhas conhecidas e tudo já tivesse sido planejado com antecedência.



Mais tarde, depois que Percy de algum modo perdera horas junto ao riacho – sentada com as pernas cruzadas em uma pedra lisa; construindo barquinhos de criança com o que encontrasse à mão –,

ela retornou ao salão da igreja para pegar sua bicicleta. Após um dia tão quente, a noite chegara fresca e, quando Percy começou a se dirigir ao castelo, o crepúsculo já sombreara as colinas.

O desespero havia embaralhado os pensamentos de Percy e ela tentou arrumá-los enquanto pedalava. O noivado em si era devastador, mas foi a falsidade que calou mais fundo. Durante todo esse tempo – pois deve ter havido um período de namoro que levou ao pedido de casamento –, Harry e Lucy se encontraram furtivamente pelas suas costas, levando adiante seu caso sob o nariz dela como se ela nada significasse para nenhum dos dois, nem como patroa nem como uma pessoa querida. A traição era como um ferro em brasa em seu peito; tinha vontade de gritar, arranhar o próprio rosto, o dele, o dela, machucar, ferir ambos como a haviam ferido. Berrar até ficar sem voz, levar uma surra até não sentir mais dor, fechar os olhos e nunca mais ter de abri-los.

Mas não faria nada disso. Percy Blythe não agia dessa forma.

Acima das copas das árvores, a escuridão iminente continuava a descolorir os campos distantes e um bando de corvos alçou voo em direção ao Canal. O pálido invólucro da lua, ainda não iluminado, pendia sem vida nas sombras. Percy se perguntou, indolentemente, se os bombardeiros viriam esta noite.

Com um leve suspiro, ela ergueu uma das mãos para pressionar a pele recém-exposta em sua nuca; em seguida, quando o hálito da noite roçou-lhe o rosto, ela pedalou com mais força. Harry e Lucy iriam se casar e nada do que Percy dissesse ou fizesse mudaria o fato. Chorar de nada adiantaria, nem repreensão. O que estava feito, estava feito. Tudo que restava a Percy era formular e seguir um novo plano. Fazer o que precisava ser feito, como ela sempre fizera.

Quando finalmente chegou aos portões de Milderhurst, ela deu uma guinada de direção, cruzando a estrada, passou pela vacilante ponte de pedestres e saltou da bicicleta. Embora tivesse feito pouco mais do que ficar sentada o dia todo, estava cansada, e de uma maneira estranha. Cansada até as pontas dos dedos. Seus ossos, seus olhos, seus braços, tudo parecia leve e sem substância, como se não fossem sólidos. Como um elástico que fora esticado demais e

agora se via sem elasticidade e erodido, fraco e disforme. Remexeu atrapalhadamente em sua bolsa até encontrar um cigarro.

Percy caminhou o quilômetro e meio restante, empurrando a bicicleta ao seu lado enquanto fumava, parando apenas quando a casa surgiu em seu campo de visão. Quase invisível, um arsenal negro contra o céu azul-marinho; não se via nem uma fenda de luz. As cortinas estavam cerradas, as venezianas fechadas, o blackout estava sendo seguido ao pé da letra. Ótimo. A última coisa de que precisava era que Hitler botasse os olhos no seu castelo.

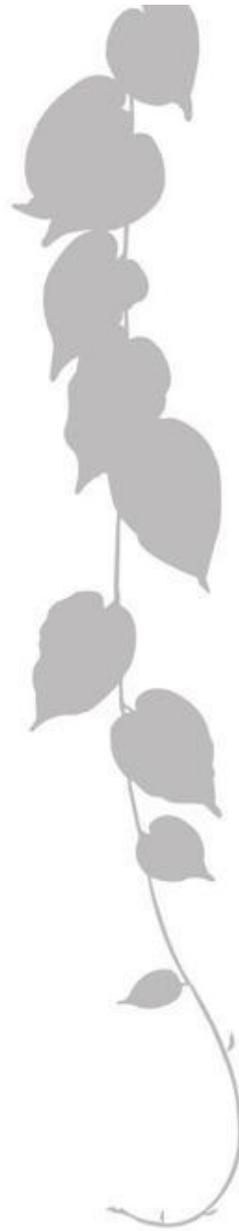
Deitou a bicicleta no chão e estendeu-se ao lado dela na grama fria da noite. Fumou outro cigarro. Depois mais um, o último que tinha. Percy curvou-se de lado e pressionou o ouvido no solo, ouvindo com atenção, como seu pai lhe mostrara. Sua família, seu lar eram construídos sobre um alicerce de palavras, dissera ele muitas vezes; a trama de sua árvore genealógica era feita de frases em vez de galhos. Camadas de pensamento expresso que impregnavam o solo dos jardins do castelo, de modo que poemas e peças teatrais, prosa e tratados políticos sempre iriam lhe sussurrar quando precisasse deles. Antepassados que ela jamais conheceria, que vieram e morreram antes de ela nascer, deixaram um legado de palavras, palavras, palavras, conversando umas com as outras, com ela, de fora de suas sepulturas, portanto ela nunca estava solitária, nunca sozinha.

Após algum tempo, Percy se levantou, pegou suas coisas e continuou em silêncio na direção do castelo. O crepúsculo fora engolido pela escuridão e a lua chegara, bela e traidora, estendendo seus dedos pálidos sobre a paisagem. Um corajoso rato silvestre atravessou correndo uma faixa prateada do gramado, o capim tremulou nas elevações suaves dos campos e mais além os bosques estremeceram, escuros.

Podia ouvir vozes lá dentro quando se aproximou: de Saffy e de Juniper, e uma outra, uma voz de criança, de uma menina. Permitindo-se um instante de hesitação, Percy subiu o primeiro degrau, depois o seguinte, lembrando-se das milhares de vezes em que ela saía correndo pela porta, com pressa de chegar ao futuro, ao que quer que viesse em seguida, a este momento.

Enquanto estava ali parada, a mão suspensa para abrir a porta de sua casa, tendo as árvores mais altas do bosque Cardarker como testemunhas, ela fez uma promessa. Ela era Persephone Blythe do castelo Milderhurst. Havia outras coisas na vida que amava – não muitas, mas havia algumas: suas irmãs, seu pai e, é claro, seu castelo. Ela era a mais velha – ainda que por questão de minutos –, era a herdeira do pai, a única de suas filhas a compartilhar seu amor pelas pedras, a alma, os segredos do castelo. Ela se reergueria e seguiria em frente. E tornaria seu dever, daquele momento em diante, garantir que nenhum mal se abatesse sobre nenhum deles, fazer o que fosse necessário para manter todos eles a salvo.

Parte trêš



Sequestros e recriminações

1992

EM 1952, AS IRMÃS BLYTHE quase perderam o castelo Milderhurst. O castelo necessitava de reparos urgentes, as finanças da família Blythe eram péssimas e o Patrimônio Nacional estava ansioso para adquirir a propriedade e começar a restauração. Parecia que as irmãs não tinham escolha senão se mudar para um lugar menor, vender a propriedade a estranhos ou cedê-la ao Patrimônio para que pudessem continuar a “preservar a coroa de glória dos prédios e jardins”. Só que elas não fizeram nenhuma dessas escolhas. Em vez disso, Percy Blythe abriu o castelo à visita pública, vendeu alguns poucos lotes de terrenos cultiváveis ao redor e de algum modo conseguiu juntar fundos suficientes para manter o velho lugar em pé.

Eu sei disso porque passei a maior parte de um fim de semana ensolarado de agosto vasculhando os registros de microfilmes do *Milderhurst Mercury* na biblioteca local. Em retrospecto, dizer a meu pai que a origem de *A verdadeira história do Homem de Lama* era um grande mistério literário era um pouco como colocar uma caixa de chocolates no chão ao lado de uma criança engatinhando e esperar que ela não a tocasse. Ele é um pouco baseado em resultados, meu pai, e gostou da ideia de que ele poderia desvendar um mistério que havia atormentado estudiosos durante décadas. Ele tinha uma teoria: o antigo sequestro na vida real de uma criança ficava no centro gótico do romance; tudo que ele precisava fazer era provar isso e a fama, a glória, a satisfação pessoal seriam suas. Entretanto, o confinamento à cama não é amigo do detetive, portanto um agente teve de ser alistado e despachado em seu lugar. Que é onde eu entro. Eu fiz a sua vontade por três razões: porque ele estava se recuperando de um ataque cardíaco, porque sua teoria não era completamente ridícula, mas principalmente porque ler as

cartas de minha mãe havia estendido meu fascínio por Milderhurst a proporções patológicas.

Iniciei minhas investigações, como geralmente faço, perguntando a Herbert se ele sabia alguma coisa sobre casos de sequestro não resolvidos do começo do século. Uma das características de Herbert que mais gosto – e a lista é longa – é sua capacidade de encontrar exatamente a informação que procura diante do aparente caos. Sua casa é alta e estreita, para começar, quatro andares que já foram apartamentos independentes, agora reunidos: nosso escritório e gráfica ocupavam os primeiros dois níveis, o sótão fora sacrificado para depósito e o apartamento do porão é onde ele mora com Jess. Cada parede de cada cômodo é recoberta de livros – livros velhos, livros novos, primeiras edições, edições autografadas, vigésimas terceiras edições, empilhados em conjuntos de estantes improvisadas, diferentes umas das outras, em uma saudável, gloriosa indiferença à apresentação visual. No entanto, a coleção inteira está catalogada em seu cérebro, sua própria biblioteca de referência, e ele conserva cada experiência de leitura de sua vida na ponta de seus dedos. Vê-lo em casa com um objetivo é uma expressão do belo: primeiro, sua impressionante testa se franze quando ele analisa a questão, depois, um único dedo, delicado e liso como uma vela, ergue-se e ele caminha pesadamente, sem dizer nada, a uma distante parede de livros onde é conferida ao dedo toda liberdade de ação para pairar, como se magnetizado, acima das lombadas, levando-o, finalmente, a tirar o livro perfeito de seu lugar.

Perguntar a Herbert sobre o sequestro fora apenas um tiro no escuro, portanto não fiquei realmente surpresa quando surtiu pouco efeito. Eu disse a Herbert para não se sentir mal por isso, e me dirigi à biblioteca, onde, no subsolo, fiz amizade com uma encantadora velhinha que aparentemente estivera ali durante toda a sua vida esperando a chance pouco provável de que eu fosse aparecer.

– Basta assinar aqui, querida – disse ela ansiosamente, apontando para uma prancheta e uma caneta esferográfica, e colocando-se bem acima de mim enquanto eu preenchia as colunas solicitadas.

– Oh, Billing & Brown, que beleza. Meu velho e querido amigo, que descanse em paz, publicou suas memórias com a B&B há uns

trinta anos.

Não havia muitas outras pessoas passando o maravilhoso dia de verão nas entranhas da biblioteca, então pude facilmente cooptar a srta. Yeats para os meus propósitos. Passamos um bom tempo juntas, vasculhando os arquivos, descobrindo três casos de sequestro não resolvidos nos arredores de Kent durante os períodos vitoriano e eduardiano, e várias reportagens referentes à família Blythe do castelo Milderhurst. Havia uma coluna encantadora, mais ou menos regular, de conselhos de administração doméstica escrita por Saphy Blythe durante as décadas de 1950 e 1960; numerosos artigos sobre o sucesso literário de Raymond Blythe e algumas manchetes sobre a quase perda da família do castelo Milderhurst em 1952. Na época, Percy Blythe dera uma entrevista em que defendia enfaticamente sua posição: *Um lugar é mais do que a soma de suas partes físicas; é um repositório de lembranças, um registro e um retentor de tudo que aconteceu dentro de seus limites. Este castelo pertence à minha família. Pertenceu aos meus antepassados por séculos antes de eu nascer e não vou vê-lo passar às mãos de pessoas que querem plantar coníferas em suas antigas florestas.*

Um representante um pouco meticuloso do Patrimônio Nacional também foi entrevistado para o artigo, lamentando a oportunidade perdida de seu novo projeto para os jardins, a fim de restaurar a propriedade à sua antiga glória: *É uma tragédia, ele começou, pensar que as grandes propriedades de nosso país se perderão para nós nas próximas décadas, pela absoluta falta de consciência daqueles que não conseguem ver que, nestes tempos magros e austeros, a residência individual em tais tesouros nacionais chega a ser um sacrilégio.* Quando perguntado sobre os planos do Patrimônio para o castelo Milderhurst, ele delineou um programa de obras que incluía *a reforma estrutural do castelo em si e uma restauração completa dos jardins.* Um objetivo, eu diria, na mesma linha dos desejos de Percy Blythe para a propriedade da família.

– Havia muita ambivalência em relação ao Patrimônio na época – disse a srta. Yeats, quando expressei minha opinião. – Os anos 1950 foram um período difícil: as cerejeiras foram retiradas em Hidcote, a

avenida em Wimpole foi reduzida, tudo em prol de uma espécie de beleza histórica versátil.

Os dois exemplos pouco significavam para mim, mas beleza histórica versátil certamente não combinava muito com a Percy Blythe que conheci. Quando continuei a leitura, o quadro se tornou ainda mais claro.

– Diz aqui que o Patrimônio planejava restaurar o fosso. – Ergui os olhos para a srta. Yeats, que inclinou a cabeça, esperando uma explicação. – Raymond Blythe mandou encher o fosso de terra depois da morte da mãe das gêmeas: uma espécie de memorial simbólico. Não ficariam felizes com os planos do Patrimônio de escavá-lo outra vez. – Reclinei-me para trás em minha cadeira, esticando minhas costas. – O que não compreendo é como podem ter chegado a uma penúria como essa para começar. O *Homem de Lama* é um clássico, um bestseller ainda hoje. Sem dúvida os direitos autorais teriam sido suficientes para mantê-las sem dificuldades, não?

– É o que seria de esperar – concordou a srta. Yeats. Em seguida, ela franziu a testa e voltou sua atenção para a pilha bastante grande de impressos na mesa à nossa frente. – Sabe, tenho certeza de que... – Ela remexeu nas folhas para cima e para baixo, até escolher uma e segurá-la diante do nariz. – Sim! Aqui está. – Ela me entregou o artigo de jornal datado de 13 de maio de 1941 e espreitou por cima dos óculos em meia-lua. – Parece que Raymond Blythe deixou alguns grandes legados ao morrer.

O artigo intitulava-se “Doação generosa de patrono literário salva Instituto” e era acompanhado da foto de uma mulher sorridente, vestida de macacão de brim, segurando um exemplar do *Homem de Lama*. Passei os olhos pelo texto e vi que a srta. Yeats tinha razão: a maioria dos direitos autorais foi dividida após a morte de Raymond Blythe entre a Igreja Católica e um outro grupo.

– The Pembroke Farm Institute – li devagar. – Diz aqui que é um grupo de conservação sediado em Sussex. Empenhado na promoção de grandes causas ecológicas.

– Bastante à frente de seu tempo – disse a srta. Yeats.
Concordei.

– Vamos verificar os arquivos de referência no andar de cima? Ver o que mais podemos descobrir?

A srta. Yeats estava tão animada com a perspectiva de uma nova pesquisa tangencial que suas faces haviam adquirido um brilho rosado, e eu me senti realmente um pouco cruel quando disse:

– Hoje não, não. Receio que não tenho tempo. – Ela pareceu tão decepcionada que acrescentei: – Sinto muito. Mas meu pai está esperando um relato da minha pesquisa.



O que era verdade, mas ainda assim não fui diretamente para casa. Quando eu disse que havia três razões para eu estar feliz em abrir mão do meu fim de semana em prol da incumbência que meu pai me dera na biblioteca, receio ter sido um pouco insincera. Eu não estava mentindo, eram todas verdadeiras, mas havia também a questão de uma quarta e mais urgente razão: eu estava evitando minha mãe. Foi tudo culpa daquelas cartas; ou, mais precisamente, de minha incapacidade de deixar a maldita caixa de chinelas fechada depois que Rita a deu para mim.

Eu li todas ela, sabe. Na noite da festa de despedida de solteira de Sam, eu as levei para casa e as devorei, uma a uma, começando com a chegada de minha mãe ao castelo. Suportei com ela os gélidos meses iniciais de 1940, testemunhei a Batalha Britânica grassando acima da minha cabeça, as noites passadas tremendo no abrigo Anderson. No decorrer de 18 meses, a caligrafia se tornou mais precisa, a expressão, mais madura, até que finalmente, de madrugada, eu cheguei à última carta, a que foi enviada para casa pouco antes de seu pai ir buscá-la de volta para Londres. Datava de 17 de fevereiro de 1941, e dizia o seguinte:

Queridos papai e mamãe,

Sinto muito termos discutido ao telefone. Fiquei tão contente de ter notícias de vocês dois e me sinto terrível sobre a forma como o telefonema terminou. Acho que eu não consegui me explicar direito. O que eu quis dizer é que eu sei que vocês só querem o melhor para mim e fico agradecida, papai, que tenha falado com o sr. Solley por

mim. Não posso concordar, entretanto, que a minha volta para casa e um trabalho de datilógrafa com ele seja "o melhor".

Rita é diferente de mim. Ela detestou tudo aqui no campo e sempre soube o que queria fazer e ser. Durante toda a minha vida, achei que havia algo errado comigo, que eu era "outra" de alguma maneira importante que eu não conseguia explicar, que eu não conseguia sequer entender a mim mesma. Eu adoro ler livros, adoro observar as pessoas, adoro capturar o que vejo e sinto em palavras no papel. Ridículo, eu sei! Pode imaginar que estranha ovelha negra eu me senti minha vida inteira?

Aqui, entretanto, conheci pessoas que também gostam dessas coisas, e percebo que há outras pessoas que veem o mundo como eu. Saffy acredita que quando a guerra acabar, o que deve acontecer logo, eu tenho uma boa chance de conseguir uma vaga em um liceu. Depois disso – quem sabe? Talvez até a universidade?! Mas para isso eu tenho de continuar estudando, se quiser ter uma chance de ser transferida para uma dessas escolas de ensino secundário.

Assim, eu lhes imploro – não me façam voltar para casa! As Blythe estão contentes com a minha permanência aqui, e vocês sabem que elas cuidam bem de mim. Vocês não me "perderam", mamãe; gostaria que não pensasse assim. Sou sua filha – não poderia me perder ainda que quisesse. Mas, por favor, por favor, me deixe ficar.

*Com muito amor e esperança,
Sua filha Meredith*



Sonhei com Milderhurst naquela noite. Eu era uma menina outra vez, vestida com um uniforme escolar que eu não reconhecia, parada nos altos portões de ferro no fim do caminho que levava ao castelo. Os portões estavam trancados e eram altos demais para eu escalar; tão altos que ao olhar para cima vi que pareciam desaparecer nas nuvens revoltas acima. Tentei subir por eles, mas meus pés ficavam escorregando, estavam moles como uma gelatina, como costuma acontecer nos sonhos; o ferro era gelado sob minhas

mãos, mas eu estava tomada por um profundo anseio, um desejo feroz de saber o que havia do outro lado.

Olhei para baixo e vi que havia uma chave enorme, enferrujada nas bordas, na palma de minha mão. Quando me dei conta, já havia transposto os portões e estava sentada em uma carruagem do outro lado. Em uma cena tirada diretamente do *Homem de Lama*, eu estava sendo levada pelo longo e sinuoso caminho de entrada, passando pelas florestas escuras e trêmulas, atravessando as pontes, até que finalmente o castelo assomou acima de mim, no topo da colina.

A seguir, de algum modo, eu estava dentro do castelo. O lugar inteiro parecia abandonado. A poeira cobria o chão dos corredores, os quadros estavam tortos nas paredes, as cortinas desbotadas, mas era mais do que a aparência geral. O ar estava estagnado, pesado, e eu me senti como se estivesse trancada em uma caixa dentro de um sótão escuro e mofado.

Um barulho, então, um som farfalhante, um sussurro, e a mera sugestão de movimento. Ao fim do corredor, estava Juniper, com o mesmo vestido de seda que usava quando visitei o castelo. Eu tinha consciência de uma estranha sensação dentro de mim, a atmosfera difusa do sonho de um profundo e perturbado anseio. Eu sabia, apesar de ela não ter dito uma palavra, que estávamos em outubro de 1941 e ela esperava a chegada de Thomas Cavill. Uma porta apareceu atrás dela, a entrada da sala de estar principal. Havia música, uma canção que eu achei que conhecia.

Eu a segui para a sala onde havia uma mesa de jantar já posta. O aposento estava carregado de expectativa e eu vaguei ao redor da mesa, contando os lugares, sabendo, embora não saiba como, que um estava posto para mim e outro para minha mãe. Juniper dizia alguma coisa; ou melhor, seus lábios moviam-se, mas eu não conseguia decifrar as palavras.

Então, repentinamente, eu estava à janela da sala, só que, em um dessas estranhas distorções de lógica próprias dos sonhos, era a janela da cozinha de minha mãe também, e eu fitava a vidraça. Olhei para fora, o céu estava tempestuoso e eu vi que havia um fosso negro e brilhante. Movimento, e uma figura escura começou a

emergir; meu coração martelava. Eu sabia que era o Homem de Lama, e fiquei paralisada no mesmo lugar. Meus pés haviam se fundido ao assoalho, mas, exatamente quando eu estava prestes a gritar, meu medo desapareceu subitamente. Em vez disso, fui inundada por uma onda de anseio e tristeza e, inusitadamente, desejo.



Acordei sobressaltada, capturando meu sonho no processo de se desfazer. Ilusões esfarrapadas penduravam-se como fantasmas nos cantos do quarto, e eu fiquei deitada, muito quieta, por algum tempo, querendo que não se dissipassem. Parecia-me que mesmo o menor movimento, a mera sugestão de luz da manhã removeriam as impressões como fumaça. E eu não queria perdê-las ainda. O sonho fora tão vívido, a sensação nostálgica tão forte e real que quando pressionei a mão contra o peito de certo modo esperava encontrar a pele machucada.

Após algum tempo, o sol se levantou bastante alto para deslizar pelo telhado da Singer & Sons e espreitar pelos vãos de minhas cortinas, e o feitiço do sonho foi quebrado. Sentei-me com um suspiro e notei a caixa de chinelas de minha avó na ponta da cama. Diante de todos aqueles envelopes endereçados a Elephant and Castle, detalhes da noite anterior voltaram correndo e fui atingida em cheio pela repentina, brilhante luz de culpa de alguém que se refestelara em um banquete de gordura e açúcar e segredos de outra pessoa. Por mais contente que eu estivesse de ter obtido a voz, as fotos, uma pequena percepção de minha mãe, e por mais convincente que fossem minhas justificativas (as cartas foram escritas há muito tempo; eram destinadas a uma plateia; ela nunca teria de ficar sabendo), eu não conseguia apagar a expressão no rosto de Rita quando me deu a caixa e me disse para dar uma boa lida; a insinuação de triunfo, como se nós duas compartilhássemos um segredo agora, um laço, uma conexão que excluía sua irmã. A cálida sensação de segurar a mão da menina desaparecera, deixando apenas o remorso em seu lugar.

Eu teria de confessar meu crime, isso era certo, mas fiz um acordo comigo mesma. Se eu conseguisse deixar a casa sem me encontrar com mamãe, eu poderia ter um dia de graça para considerar a melhor maneira de fazer isso. Por outro lado, se eu me deparasse com ela antes de chegar à porta, eu confessaria tudo, ali mesmo. Vesti-me rápida e silenciosamente, tomei um cuidado furtivo com todas as demais necessidades de me arrumar, resgatei minha bolsa da sala de estar – tudo estava caminhando brilhantemente até eu chegar à cozinha. Mamãe estava parada junto à chaleira, o robe amarrado ao redor da cintura, um pouco mais alto do que deveria, dando-lhe uma estranha forma de boneco de neve.

– Bom-dia, Edie – disse ela, olhando por cima do ombro.

Tarde demais para recuar.

– Bom-dia, mamãe.

– Dormiu bem?

– Sim, obrigada.

Eu estava inventando uma desculpa para fugir do café da manhã quando ela colocou uma xícara de chá à minha frente na mesa e disse:

– E como foi a festa de Samantha?

– Animada. Barulhenta. – Dei um rápido sorriso. – Sabe como é a Sam.

– Não a ouvi chegar ontem à noite. Deixei o jantar para você.

– Oh...

– Eu não sabia ao certo, mas vejo que você não...

– Eu estava muito cansada.

– Claro.

Oh, mas eu me sentia uma canalha! E o infeliz efeito redondo do robe de minha mãe a fazia parecer mais vulnerável do que nunca, o que fez com que me sentisse ainda pior. Sentei-me onde ela colocara o chá, respirei com decisão e disse:

– Mãe, há uma coisa que eu preciso.

– Ah! – Ela contraiu-se, sugou seu dedo e depois o sacudiu rapidamente. – Vapor – disse ela, soprando de leve a ponta do dedo.

– É esta tola chaleira nova.

– Quer que eu pegue um pouco de gelo?

– Vou colocar embaixo da água fria. – Abriu a torneira. – É o formato do bico. Não sei por que estão sempre redesenhando as coisas que já funcionam perfeitamente bem.

Respirei fundo novamente, mas soltei o ar outra vez quando ela continuou a falar:

– Gostaria que concentrassem sua atenção em algo útil. A cura do câncer, talvez. – Fechou a torneira.

– Mãe, há uma coisa que eu realmente preciso...

– Já volto, Edie; deixe-me levar o chá de seu pai antes que a sineta comece a tocar.

Ela desapareceu escada acima e eu fiquei esperando, imaginando o que iria dizer, como iria dizer, se era possível colocar meu pecado em palavras de tal maneira que ela pudesse compreender. Uma grata esperança, mas eu logo a descartei. Não há uma maneira gentil de contar a alguém que você andou espreitando-a pelo buraco da fechadura.

Eu podia ouvir uns fragmentos da conversa em voz baixa que mamãe estava tendo com papai, depois a porta do quarto dele se fechando, depois passos. Levantei-me rapidamente. O que eu estava pensando? Eu precisava de mais tempo; era tolice me apressar; um pouco de meditação faria toda a diferença. – Mas logo ela estava de volta à cozinha, dizendo:

– Isso deve manter o Reizinho feliz pelos próximos 15 minutos.

Eu continuava de pé, um pouco constrangida, atrás de minha cadeira, tão natural quanto um mau ator em uma peça de teatro.

– Já vai sair? – disse ela, surpresa. – Nem sequer tomou seu chá.

– Eu, ah...

– Você estava dizendo alguma coisa, não é?

Peguei minha xícara de chá e estudei atentamente o conteúdo.

– Eu...

– Sim? – Ela apertou o cinto do robe, esperando por mim, um leve traço de preocupação estreitando seus olhos. – O que é?

Quem eu estava tentando enganar? Pensar mais, por mais algumas horas: nada disso iria mudar os fatos. Soltei um suspiro de resignação.

– Tenho algo para você.

Voltei ao meu quarto e peguei a caixa com as cartas debaixo da minha cama.

Mamãe observou meu retorno, uma ligeira ruga entre as sobrancelhas, e eu coloquei a caixa sobre a mesa, entre nós.

– Chinelas? – Franziu ligeiramente a testa, primeiro para seus pés enfiados em chinelas, depois para mim.

– Ora, muito obrigada, Edie. Outro par nunca é demais.

– Não, sabe, não são...

– Sua avó – sorriu ela repentinamente, uma lembrança distante acendendo-se em sua mente –, sua avó costumava usar este tipo. – E o olhar que ela me dirigiu então era tão vulnerável, tão inesperadamente satisfeito que não pude tirar a tampa da caixa e me declarar a terrível traidora que eu era. – Sabia disso, Edie? Foi por isso que as comprou? É de admirar que você ainda tenha conseguido encontrar o antigo...

– Não são chinelas, mamãe. Abra a caixa; por favor, apenas abra.

– Edie? – Um sorriso incerto quando ela se sentou na cadeira mais próxima e puxou a caixa para ela. Lançou-me um último olhar hesitante antes de voltar sua atenção para a tampa, levantando-a e franzindo as sobrancelhas para a pilha de envelopes amarelados no interior da caixa.

Meu sangue esquentou e se liquefez, como gasolina, sob minha pele, enquanto eu observava as emoções esvoaçarem pelo seu rosto. Confusão, desconfiança, em seguida a retenção de ar nos pulmões anunciando o reconhecimento. Mais tarde, quando repassei a lembrança pela minha mente, pude localizar precisamente o exato instante em que a caligrafia rabiscada no envelope de cima se metamorfoseou em uma experiência vivida. Vi seu rosto mudar, suas feições adotarem, mais uma vez, as da menina de quase 13 anos que escrevera a primeira carta aos seus pais, contando-lhes sobre o castelo em que ela se encontrara; ela estava lá outra vez, presa no momento original da composição.

Os dedos de mamãe repousaram em seus lábios, na face, depois pairaram acima da suave endentação na base de sua garganta, até que finalmente, depois do que pareceu um século, ela estendeu a mão vacilante para a caixa, retirou a pilha de envelopes e ficou

sentada, segurando-os com as duas mãos. Mãos que tremiam. Ela falou sem me olhar nos olhos:

– Onde você...?

– Rita.

Ela soltou um suspiro, baixinho, balançou a cabeça como se tivesse recebido a resposta que já devia ter imaginado.

– Como foram parar com ela, ela disse?

– Estavam entre as coisas da vovó; depois que ela morreu.

Um ruído que podia ser o início de uma risada, ansiosa, surpresa, um pouco tristonha.

– Não acredito que ela as tenha guardado.

– Você as escreveu – disse suavemente. – É claro que ela as guardou.

Mamãe sacudia a cabeça.

– Mas não era assim... minha mãe e eu, nós não éramos assim.

Pensei em *O livro dos mágicos animais molhados*. Minha mãe e eu também não éramos assim, ou era o que eu acreditava.

– Acho que é isso que os pais fazem.

Mamãe remexeu nos envelopes e formou um leque com eles nas mãos.

– Coisas do passado – disse ela, mais para si mesma do que para mim. – Coisas que me esforcei tanto para esquecer. – Seus dedos percorreram de leve o movimento dos envelopes. – Agora parece que para onde quer que eu me vire...

Meu coração começou a acelerar diante da promessa de revelação.

– Por que você quer esquecer o passado, mamãe?

Mas ela não respondeu, não no mesmo instante. A fotografia, menor do que as cartas, soltou-se da pilha, exatamente como na noite anterior, escorregando para cima da mesa. Ela inspirou fundo, antes de levantá-la, esfregando o polegar pela sua superfície; a expressão de seu rosto era vulnerável, sofrida.

– Faz tanto tempo, e no entanto, às vezes...

Pareceu lembrar-se, então, que eu estava ali. Fez um estardalhaço para enfiar a fotografia de volta entre as cartas, descontraidamente, como se pouco significasse para ela. Olhou diretamente para mim.

– Sua avó e eu... nunca foi fácil. Éramos muito diferentes, sempre fomos, mas minha saída de Londres trouxe algumas coisas à tona. Nós brigamos e ela nunca me perdoou.

– Porque você queria ir para o liceu?

Tudo pareceu se congelar naquele instante, até mesmo o ar parou sua circulação natural.

Mamãe parecia ter levado um golpe. Ela falou devagar, um tremor na voz:

– Você as leu? Você leu minhas cartas?

Engoli em seco; balancei a cabeça convulsivamente.

– Como pôde, Edith? São particulares.

Todas as minhas justificativas anteriores se dissolveram como sal na água. A vergonha levou lágrimas aos meus olhos, e tudo pareceu descorado, inclusive o rosto de minha mãe. A cor se dissolvera de seu rosto, deixando apenas algumas pequenas sardas salpicadas pelo nariz; ela parecia ter 13 anos outra vez.

– Eu só... queria saber.

– Não é da sua conta – disse mamãe entre dentes. – Não tem nada a ver com você. – Pegou a caixa, agarrando-a com força contra o peito, e após um momento de indecisão apressou-se para a porta.

– Tem, sim – disse comigo mesma; depois mais alto, a voz trêmula: – Você mentiu para mim.

Um tropeço em seus passos.

– Sobre a carta de Juniper, sobre Milderhurst, sobre tudo; nós *realmente* voltamos...

Uma leve hesitação no vão da porta, mas ela não se voltou, nem parou.

– Eu me *lembro*.

E fiquei sozinha outra vez, cercada pelo silêncio peculiar que se segue quando algo frágil é quebrado. No topo das escadas, uma porta fechou-se com força.



Uma quinzena se passara desde então e, mesmo para os nossos padrões, as relações estavam gélidas. Mantivemos uma civilidade horrenda, tanto por papai quanto porque esse era nosso estilo,

balançando a cabeça e sorrindo, mas nunca falando uma palavra que não fosse do tipo "Passe o sal, por favor". Eu me sentia alternadamente culpada e certa em minha atitude; orgulhosa e interessada na menina que amava livros tanto quanto eu, com raiva e magoada pela mulher que se recusava a compartilhar a menor parte de si mesma comigo.

Acima de tudo, entretanto, eu lamentava ter lhe contado sobre as cartas. Amaldiçoei quem quer que tenha dito que a honestidade era a melhor política, voltei a olhar com interesse as páginas dos classificados de aluguel e alimentei nossa guerra fria fazendo questão de nunca estar por perto. Não era difícil: a edição de *Fantasma de Romney Marsh* estava em andamento, portanto eu tinha uma razão perfeitamente válida para fazer muitas horas extras no escritório. Herbert, por sua parte, ficava satisfeito com a companhia. Minha dedicação, disse ele, o fazia lembrar-se dos "bons tempos" quando a guerra havia finalmente acabado, a Inglaterra estava se reerguendo e ele e o sr. Brown corriam de um lado para o outro adquirindo manuscritos e preenchendo ordens de serviço.

E foi assim que, naquela visita de sábado à biblioteca, quando enfiei meu arquivo de cópias de artigos de jornais embaixo do braço, consultei o relógio e vi que acabara de marcar uma hora, eu não fui para casa. Papai aguardava ansiosamente pela pesquisa de sequestro, mas teria de esperar até nossa sessão do *Homem de Lama* naquela noite. Decidi ir até Notting Hill. Levada pela promessa de boa companhia, uma bem-vinda distração e talvez até mesmo um almoço ligeiro.

A trama se complica

EU HAVIA ME ESQUECIDO de que Herbert estaria fora durante o fim de semana fazendo uma palestra no encontro anual da Associação de Encadernadores. As venezianas na Billing & Brown estavam abaixadas e o escritório estava escuro e sem vida. Quando atravessei a soleira da porta e me deparei com uma quietude absoluta, senti um desânimo sem proporções.

– Jess? – chamei esperançosamente. – Jessie?

Não se ouviu nenhum ruído de patinhas agradecidas, nenhuma laboriosa subida de escadas do porão, apenas ondulações de silêncio rolando em minha direção. Existe algo extremamente inquietante sobre um lugar amado privado de seus legítimos ocupantes, e até aquele momento nunca me sentira tão ansiosa de disputar com Jess um lugar no sofá.

– Jessie? – Nada ainda.

O que significava que ela havia ido para Shrewsbury também e eu estava realmente sozinha.

Não tem importância, tentei me alegrar, havia muito trabalho para me manter ocupada toda a tarde. *Fantasmas de Romney Marsh* iria para as provas na segunda-feira e, apesar das circunstâncias já terem direcionado para ele a minha mais minuciosa atenção, sempre havia espaço para melhorias. Levantei as venezianas, acendi o abajur na minha escrivaninha, fazendo tanto barulho incidental quanto podia, depois me sentei e folhee as páginas dos originais. Mudei vírgulas, coloquei-as de volta. Vacilei sobre os méritos de usar “entretanto” no lugar de “mas” sem chegar a uma conclusão e marquei o ponto para consideração futura. Igualmente, não consegui chegar a uma decisão firme sobre as cinco questões de estilo seguintes antes de decidir que era loucura tentar concentração com o estômago vazio.

Herbert andara cozinhando e havia lasanha de abóbora fresca na geladeira. Tirei um pedaço, esquentei-o e retomei meu lugar de

volta à escrivaninha. Parecia errado comer sobre os originais do homem que se comunicava com os espíritos, então arrastei para mim as cópias impressas do *Milderhurst Mercury*. Li alguns trechos, mas principalmente olhei as fotos. Há algo profundamente nostálgico sobre fotografias em preto e branco, a ausência de cor uma representação visual da profundidade do túnel do tempo. Havia muitas fotos do próprio castelo em vários períodos, algumas das terras da propriedade, uma muito antiga de Raymond Blythe e suas filhas gêmeas na ocasião da publicação do *Homem de Lama*. Fotos de Percy Blythe parecendo formal e pouco à vontade no casamento de um casal local chamado Harold e Lucy Rogers, Percy Blythe apresentando um exemplar autografado do *Homem de Lama* ao vencedor de um concurso de poesia.

Folheei as páginas para trás outra vez: Saffy não estava em nenhuma delas, e o fato me pareceu estranho. A ausência de Juniper eu podia entender, mas onde estava Saffy? Peguei um artigo comemorativo do fim da Segunda Guerra Mundial, exaltando o envolvimento de vários habitantes da vila. Mais uma fotografia de Percy Blythe, desta vez em uniforme do serviço de ambulâncias. Fitei-a pensativamente. Era possível, é claro, que Saffy não gostasse de ser fotografada. Era possível, também, que ela fosse decididamente contrária a um envolvimento maior na comunidade. Entretanto, o mais provável, eu tinha certeza, tendo visto a dupla em ação, é que ela fosse a gêmea que sabia seu lugar. Com uma irmã como Percy, com uma determinação de aço e um compromisso feroz com o bom nome da família, que esperança tinha a pobre Saffy de ver seu sorriso no jornal?

Não era uma boa foto, muito desfavorável. Percy estava em primeiro plano e a foto fora tirada de baixo, sem dúvida para capturar o castelo atrás dela. O ângulo foi infeliz, fazendo Percy parecer ameaçadora e um pouco severa; o fato de Percy não estar sorrindo não ajudava.

Olhei mais atentamente. Havia alguma coisa ao fundo que eu não havia notado antes, além dos cabelos muito curtos de Percy. Vasculhei a gaveta de Herbert até encontrar a lente de aumento, segurei-a acima da fotografia e apertei os olhos. Recuei, surpresa.

Exatamente como eu havia pensado: havia alguém no telhado do castelo. Sentada em uma aresta, junto a uma das pontas agudas, uma figura em um vestido branco, comprido. Soube imediatamente que devia ser Juniper. Pobre Juniper, triste e louca.

Enquanto olhava a minúscula partícula branca acima da janela do sótão, fui dominada por uma onda de indignada tristeza. Raiva também. Meu sentimento de que Thomas Cavill era a raiz de todo o mal despertou novamente e eu me deixei afundar mais uma vez em minha reconstituição da fatídica noite de outubro em que ele partira o coração de Juniper e arruinara sua vida. A fantasia estava bem desenvolvida, receio: eu já estivera lá muitas vezes antes e as cenas se desenrolavam como em um filme conhecido, com trilha sonora melancólica e tudo o mais. Foi com as irmãs naquela sala perfeitamente arrumada, ouvindo enquanto se perguntavam o que poderia estar atrasando-o tanto, observando enquanto Juniper começava a cair vítima da loucura que a consumiria, que algo aconteceu. Algo que nunca acontecera antes.

Não sei ao certo por que ou como, apenas que a revelação, quando veio, foi repentina e febril. A trilha sonora imaginária estancou com um rangido e a visão se dissolveu, deixando apenas um fato para trás: nessa história havia mais do que aparentava. Tinha de haver. Porque as pessoas não enlouquecem simplesmente porque seu amante as abandona, não é? Mesmo que tivessem uma história de ansiedade ou depressão ou o que quer que a sra. Bird quis dizer quando se referiu aos episódios de Juniper.

Deixei o *Mercury* cair e sentei-me muito empertigada. Eu aceitara a triste história de Juniper Blythe credulamente porque mamãe tinha razão: sou muito fantasiosa e histórias trágicas são as minhas favoritas. Mas isso não era ficção, era vida real, e eu precisava olhar para a situação mais criticamente. Sou uma editora, é meu trabalho examinar narrativas verificando a plausibilidade e esta, de alguma forma, não tinha. Era simplificada demais. Casos de amor se desintegram, as pessoas traem umas às outras, amantes se separam. A experiência humana está atulhada de tais tragédias pessoais; terríveis, mas certamente, no âmbito mais amplo, menos importantes? *Ela ficou louca*: as palavras soavam bem, mas a

realidade parecia fraca, saída de um folhetim sensacionalista. Ora, eu mesma fora substituída de maneira similar recentemente e não enlouqueci. Nem passei perto.

Meu coração começara a bater um pouco aceleradamente e eu já estava pegando a bolsa, enfiando o arquivo de jornal dentro dela, levando meu prato sujo para a cozinha. Eu precisava encontrar Thomas Cavill. Por que eu não havia pensado nisso antes? Mamãe não iria falar comigo e Juniper não podia; ele era a chave, a resposta a tudo jazia a seus pés e eu precisava saber mais a seu respeito.

Desliguei o abajur, abaixei as persianas e tranquei a porta da frente atrás de mim. Sou uma pessoa de livros, não de gente, de modo que não me ocorreu agir de outra forma: saltitando às vezes para acelerar o passo, comecei a voltar às pressas para a biblioteca.



A srta. Yeats ficou encantada em me ver.

– De volta tão cedo – disse ela, com o tipo de entusiasmo que se podia esperar de um amigo que não se vê há muito tempo. – Mas você está toda molhada! Não me diga que o tempo fechou de novo.

Eu nem notara.

– Não tenho um guarda-chuva – disse.

– Bem, não tem importância. Vai se secar logo e estou muito contente por você ter vindo. – Ela reuniu uma pequena pilha de papéis em sua escrivaninha e trouxe-a para mim com uma reverência digna do transporte do próprio santo graal. – Sei que você disse que não tinha tempo, mas fiz uma pequena investigação de qualquer forma. O Pembroke Farm Institute – disse ela, tendo notado, talvez, que eu não fazia a menor ideia do que ela estava falando. – O legado de Raymond Blythe?

– Oh! – exclamei, lembrando-me. A manhã parecia ter sido há muito tempo. – Fantástico. Obrigada.

– Imprimi tudo que pude encontrar. Eu ia telefonar para você no trabalho para lhe contar, mas agora você está aqui!

Agradei novamente e dei uma olhada superficial nos documentos, folheando páginas que detalhavam a história de preservação do

instituto, fazendo uma pequena demonstração de considerar as informações antes de enfiá-las na bolsa.

– Estou ansiosa para explorá-las melhor – disse –, mas há uma coisa que eu preciso fazer primeiro. – E expliquei-lhe então que eu estava procurando informações a respeito de um homem. – O nome dele é Thomas Cavill. Foi um soldado durante a Segunda Guerra Mundial e um professor antes disso. Ele morou e trabalhou em Elephant and Castle.

Ela balançava a cabeça.

– Há alguma coisa em particular que espera descobrir?

Por que ele não compareceu ao castelo Milderhurst para o jantar em outubro de 1941, por que Juniper Blythe mergulhou na loucura da qual nunca se recuperou, por que minha mãe recusava-se a conversar comigo sobre qualquer aspecto de seu passado.

– Não exatamente – respondi. – Qualquer coisa que eu puder encontrar.

A srta. Yeats era um gênio. Enquanto eu me digladiava sozinha com a máquina de microfilmes, amaldiçoando os controles que se recusavam a realizar pequenos incrementos e, em vez disso, passavam voando por várias semanas de cada vez, ela corria de um lado para o outro da biblioteca acumulando um ou outro papel daqui e dali. Quando nos reunimos outra vez depois de meia hora, eu levei um noticiário em más condições e uma dor de cabeça esmagadora para a mesa onde ela havia reunido um pequeno, mas respeitável dossiê de informações.

Não havia muito, certamente nem de longe as resmas de imprensa local referentes à família Blythe e seu castelo, mas já era um começo. Havia um pequeno aviso de nascimento de um *Bermondsey Gazette* de 1916 que dizia: *CAVILL – 22 de fevereiro, em Henshaw St., a mulher de Thomas Cavill, de um filho, Thomas*; uma reportagem efusiva no *Southwork Star*, de 1937, intitulada “Professor local ganha prêmio de poesia”, e outra de 1939 com um título igualmente ambíguo: “Professor local junta-se ao esforço de guerra.” O segundo artigo continha uma pequena fotografia com a legenda *sr. Thomas Cavill*, mas a qualidade da cópia era tão ruim que eu pouco mais podia dizer a respeito dele além de que era um

rapaz com cabeça, ombros e uniforme do exército britânico. Parecia uma coleção de informações públicas um pouco pequena para a vida de um homem, e eu fiquei extremamente decepcionada de ver que não havia mais nada depois de 1939.

– É tudo – disse, tentando parecer filosófica em vez de ingrata.

– Quase. – A srta. Yeats entregou-me outro maço de papéis.

Eram anúncios, todos datados de março de 1981, todos retirados do canto inferior dos classificados de *The Times*, *Guardian* e *Daily Telegraph*. Todos tinham a mesma mensagem: *Solicita-se a Thomas Cavill, anteriormente de Elephant and Castle, que telefone com urgência para Theo no número a seguir: (01) 394 7521.*

– Bem – disse.

– *Bem* – acrescentou a srta. Yeats. – Um pouco curioso, não acha? O que estariam querendo dizer?

Sacudi a cabeça. Eu não fazia a menor ideia.

– Uma coisa é certa: este Theo, quem quer que seja, estava empenhado em entrar em contato com Thomas.

– Posso lhe perguntar, querida... quero dizer, certamente não gosto de bisbilhotar, mas há alguma coisa aqui que a ajude com seu projeto?

Olhei novamente os classificados, empurrei meus cabelos úmidos para trás das orelhas.

– Talvez.

– Porque, sabe, se for o registro de seu serviço no exército que você procura, o Museu de Guerra Imperial possui uma esplêndida coleção de arquivos. Ou, ainda, há o Cartório de Registro Geral para nascimentos, óbitos e casamentos. E tenho certeza de que com um pouco mais de tempo eu poderia... – Oh, meu Deus – disse ela, corando ao consultar o relógio –, que pena! Já está quase na hora de fechar. E justamente quando estávamos chegando a algum lugar. Acho que não posso ajudá-la com mais nada antes que nos tranquem aqui, não é?

– Na verdade – disse –, há um pequeno favor. Posso usar seu telefone?



Fazia 11 anos que os anúncios tinham sido publicados, de modo que eu não sabia exatamente o que iria encontrar, sabia apenas o que eu esperava encontrar: que um sujeito chamado Theo atenderia do outro lado da linha e com satisfação me informaria sobre os últimos cinquenta anos da vida de Thomas Cavill. Desnecessário dizer, não foi o que aconteceu. Minha primeira tentativa foi respondida com a rude insistência de um tom de desconexão de linha, e eu fiquei tão frustrada que não pude deixar de bater o pé no chão como uma criança vitoriana mimada. A srta. Yeats foi suficientemente gentil para ignorar a explosão de raiva, lembrando-me afavelmente para converter o código de área para 071, de acordo com mudanças recentes, e depois ficar pairando bem perto enquanto eu discava o número. Sob seu escrutínio, fiquei atrapalhada e tive de discar uma segunda vez, mas finalmente – sucesso!

Dei um rápido peteleco no receptor para indicar que o número começara a tocar; toquei o ombro da srta. Yeats com entusiasmo quando alguém atendeu. Era uma senhora gentil que me disse, quando perguntei por Theo, que ela havia comprado a casa de um senhor idoso com esse nome no ano anterior.

– Theodore Cavill – disse ela – é quem você está procurando, não é?

Eu mal pude me conter. Theodore *Cavill*. Um parente, portanto.

– Ele mesmo.

Sob meu nariz, a srta. Yeats bateu as bases de suas mãos como uma foca.

– Ele foi morar numa casa de repouso em Putney – disse a senhora ao telefone. – Bem junto ao rio. Lembro-me de que ele estava muito feliz com isso. Disse que costumava lecionar em uma escola bem em frente.



Fui visitá-lo. Naquela mesma tarde.

Havia cinco casas de repouso em Putney, apenas uma das quais ficava à beira do rio, e eu a encontrei com facilidade. A chuva fina havia se dispersado e o fim de tarde era quente e límpido; fiquei parada na frente como alguém em um sonho, comparando o

endereço do prédio simples de tijolos diante de mim com o endereço em meu bloco de notas.

Assim que entrei no saguão, fui abordada pela enfermeira de plantão, uma mulher jovem com um corte de cabelos de duende e uma maneira de sorrir de tal forma que um dos cantos da boca ficava mais alto do que o outro. Eu lhe disse quem eu queria ver e ela abriu um largo sorriso.

– Oh, que beleza! Ele é um dos mais queridos aqui, o Theo.

Senti minha primeira pontada de dúvida nesse momento e devolvi um sorriso um pouco constrangido. Parecera uma boa ideia antes, mas agora, sob a forte luz fluorescente do corredor do qual nos aproximávamos rapidamente, eu já não tinha tanta certeza. Havia alguma coisa não muito atraente em uma pessoa preparada para se impor a um senhor inocente, um dos mais queridos da casa de repouso. Uma completa estranha com planos sobre a história familiar do sujeito. Pensei em recuar e ir embora, mas minha guia estava surpreendentemente empenhada em minha visita e já havia me conduzido através do saguão com uma eficiência impressionante.

– É solitário para eles quando chegam ao fim da vida – dizia ela –, especialmente se nunca se casaram. Sem filhos ou netos para pensar.

Concordei e sorri, seguindo-a apressadamente pelo amplo e branco corredor. Uma porta após a outra, os espaços entre elas pontuados por jarros pendurados na parede. Flores roxas, não inteiramente frescas, projetavam suas cabeças por cima da borda, e eu me perguntei, distraidamente, de quem seria a tarefa de trocá-las. Mas não perguntei, e não paramos, continuando a descer o corredor até atingirmos uma porta bem no final. Através do painel de vidro, pude ver que havia um jardim muito bem cuidado do outro lado. A enfermeira segurou a porta aberta e inclinou a cabeça, indicando que eu deveria passar primeiro, depois me seguiu nos calcanhares.

– Theo – disse ela em uma voz mais alta do que o normal, embora eu não soubesse a quem ela falava. – Tem alguém aqui para vê-lo. – Virou-se para mim. – Desculpe-me, não lembro seu nome.

– Edie. Edie Burchill.

– Edie Burchill veio visitá-lo, Theo.

Vi, então, um banco de ferro junto a uma cerca viva baixa e um homem idoso em pé. Era evidente pela maneira como se inclinava, a mão segurando as costas do banco, que ele estivera sentado até o momento de nossa chegada, que tinha ficado em pé por costume, um vestígio das maneiras educadas e antigas que ele sem dúvida usara toda a sua vida. Ele piscou através de óculos de fundo de garrafa.

– Olá – disse ele. – Venha até aqui, sim?

– Vou deixá-la aqui – disse a enfermeira. – Estou lá dentro. Me chame se precisar de alguma coisa. – Ela balançou a cabeça, cruzou os braços e desapareceu lepidamente pelo passeio de tijolos vermelhos. A porta fechou-se atrás dela, e Theo e eu ficamos sozinhos no jardim.

Ele era bem pequeno, pouco mais de um metro e meio, com o tipo de corpo truncado que você desenharia, se quisesse, começando com um esboço na forma de uma berinjela e amarrando um cinto na área mais larga. Ele fez um gesto amplo com a cabeça encimada por um topete.

– Estava sentado aqui, observando o rio. Ele nunca para, sabe.

Gostei de sua voz. Algo em seu timbre afável me fez lembrar de quando era bem pequena, sentada com as pernas cruzadas em um tapete empoeirado enquanto o rosto indistinto de um adulto entoava palavras reconfortantes e minha mente começou a divagar. Percebi, repentinamente, que eu não tinha a menor ideia de como começar a falar com aquele senhor. Que ter ido ali fora um grande erro e que eu precisava ir embora imediatamente. Eu abria a boca para lhe dizer isso quando ele disse:

– Eu estava protelando. Receio que não consiga localizá-la. Desculpe-me, minha memória...

– Está tudo bem. Nós não nos conhecemos.

– Oh? – Ele ficou em silêncio enquanto seus lábios moviam-se silenciosamente em torno de seus pensamentos. – Sei... bem, não importa, você está aqui agora e eu não tenho muitas visitas.... Sinto muito, já esqueci seu nome. Sei que Jean disse, mas...

Corra, disse meu cérebro.

– Sou Edie – disse minha boca. – Vim por causa de seus anúncios.

– Meus...? – Ele levou a mão ao ouvido, como se não tivesse escutado direito. – Anúncios, você disse? Sinto muito, mas acho que você deve ter me confundido com outra pessoa.

Enfiei a mão na bolsa e encontrei a cópia de *The Times*.

– Vim por causa de Thomas Cavill – disse, segurando a cópia do anúncio para que ele pudesse ver.

Mas ele não estava olhando para o papel. Eu o assustara e todo o seu rosto mudara, a confusão varrida e substituída pelo deslumbramento.

– Estive esperando por você – disse ele ansiosamente. – Venha, sente-se, sente-se. De onde você é? Da polícia? Da polícia militar?

A *polícia*? Foi a minha vez de ficar confusa. Sacudi a cabeça.

Ele ficara agitado, entrelaçando as mãos pequenas e falando muito rapidamente:

– Eu sabia que, se eu durasse o tempo suficiente, alguém, algum dia demonstraria um pouco de interesse por meu irmão... Venha. – Ele acenou com impaciência. – Sente-se, por favor. Diga-me, o que foi? O que descobriu?

Eu fiquei absolutamente aturdida; não fazia a menor ideia do que ele queria dizer. Aproximei-me e falei delicadamente:

– Sr. Cavill, creio que houve algum tipo de mal-entendido. Eu não descobri nada e não pertencço à polícia. Nem ao exército, aliás. Eu vim porque estou tentando encontrar seu irmão, encontrar Thomas, e achei que o senhor poderia ajudar.

Sua cabeça se inclinou.

– Você achou que eu poderia...? Que eu poderia ajudar *você*? – A compreensão drenou toda a cor de seu rosto. Segurou o encosto do banco para se amparar e balançou a cabeça com tão amarga dignidade que fez doer meu coração, apesar de não entender a causa. – Compreendo... – Um débil sorriso. – Compreendo.

Eu o havia transtornado, e embora não soubesse como, ou o que a polícia podia ter a ver com Thomas Cavill, eu sabia que precisava dizer alguma coisa para explicar minha presença:

– Seu irmão foi professor de minha mãe, antes da guerra. Estávamos conversando no outro dia, ela e eu, e ela me contou a inspiração que ele foi para ela. Que lamentava ter perdido o contato com ele. – Engoli em seco, surpresa e perturbada em igual medida pela facilidade que eu tinha em mentir daquela forma. – Ela se perguntou o que teria havido com ele, se ele continuou ensinando depois da guerra, se ele se casou.

Enquanto eu falava, sua atenção voltara-se para o rio, mas eu podia ver pelo brilho vitrificado de seus olhos que ele não estava vendo nada. Ao menos, nada que estivesse ali; não as pessoas atravessando a ponte ou os pequenos barcos oscilando na margem distante, ou a barca carregada de turistas com suas câmeras apontadas.

– Acho que vou desapontá-la – disse ele finalmente. – Não faço a menor ideia do que aconteceu a Tom.

Theo sentou-se, recostando-se na grade de ferro e retomando sua história:

– Meu irmão desapareceu em 1941. No meio da guerra. A primeira vez que soubemos foi com uma batida na porta de minha mãe e o policial local parado lá. Ele era policial de reserva do período de guerra, amigo do meu pai quando era vivo, lutou ao lado dele na Primeira Guerra Mundial. Ah – Theo abanou a mão como se espantasse uma mosca –, ele estava constrangido, pobre sujeito. Devia odiar ter de dar esse tipo de notícia.

– Que tipo de notícia?

– Tom não se apresentara ao serviço e o policial viera para prendê-lo. – Theo suspirou com a lembrança. – Pobre mamãe. O que ela podia fazer? Ela disse a verdade ao sujeito: que Tom não estava lá e que ela não fazia a menor ideia de onde ele estava morando, que ele começara a morar sozinho desde que foi ferido. Não conseguiu ficar acomodado na casa de sua família de novo depois de Dunkirk.

– Ele foi evacuado?

Theo assentiu.

– Quase não consegui. Passou semanas no hospital depois disso; sua perna sarou bem, mas minhas irmãs disseram que ele voltou

diferente de quando partiu. Ele continuava rindo quando se esperava que risse, mas havia sempre uma pausa antes. Como se estivesse lendo as falas de um roteiro.

Uma criança começara a chorar ali perto e a atenção de Theo desviou-se na direção do caminho do rio; sorriu debilmente.

– O sorvete caiu – disse ele. – Não seria sábado em Putney se alguma pobre criança não perdesse seu sorvete naquele caminho.

Esperei que ele continuasse e, quando ele não o fez, incentivei-o o mais delicadamente possível:

– E o que aconteceu? O que sua mãe fez?

Ele continuava observando o caminho, mas tamborilou os dedos no encosto do banco e disse, a voz tranquila:

– Tom se ausentou sem licença no meio da guerra. As mãos do policial estavam atadas. Mas ele era um bom homem, mostrou certa complacência por respeito a meu pai; deu 24 horas a mamãe para encontrar Tom e fazê-lo se reportar no serviço antes que tudo se tornasse oficial.

– Mas ela não o fez? Ela não o encontrou.

Ele sacudiu a cabeça.

– Uma agulha no palheiro. Mamãe e minhas irmãs se desesperaram. Procuraram por toda parte que podiam imaginar, mas... – Deu de ombros debilmente. – Eu não pude ajudar. Não estava lá na época. Nunca me perdoei por isso. Eu estava no Norte, treinando com meu regimento. Só soube quando chegou uma carta de minha mãe. Mas então já era tarde demais. Tom foi para a lista de desertores.

– Sinto muito.

– Está lá até hoje. – Seus olhos encontraram os meus e eu fiquei consternada de ver que estavam rasos d'água. Ele ajeitou os óculos de lentes grossas atrás das orelhas. – Eu verifiquei em cada ano desde então porque me disseram certa vez que alguns combatentes apareceram décadas mais tarde. Apareciam na prisão militar com o rabo entre as pernas e uma fileira de más decisões atrás deles. Atiravam-se à misericórdia do oficial a serviço. – Ergueu uma das mãos e a deixou cair, desamparadamente, sobre o joelho outra vez. – Só verifico porque estou desesperado. No fundo do meu coração,

eu sei que Tom não vai aparecer em nenhuma prisão militar. – Ele viu minha preocupação, investigou meus olhos e disse: – Maldita dispensa desonrosa.

Havia uma conversa atrás de nós, eu olhei por cima do ombro e vi um rapaz ajudando uma senhora a atravessar a porta para o jardim. A mulher ria de alguma coisa que ele havia dito enquanto caminhavam juntos, devagar, para ver as rosas.

Theo os vira também, e ele baixou a voz:

– Tom era um homem honrado.

Cada palavra era uma luta e, enquanto mantinha os lábios cerrados contra o tremor da forte emoção, pude ver o quanto precisava que eu acreditasse no melhor a respeito de seu irmão.

– Ele jamais teria feito o que disseram, fugir desse modo. Nunca. Eu lhes disse isso, à polícia militar. Ninguém quis ouvir. Isso partiu o coração de minha mãe. A vergonha, a preocupação, imaginando o que realmente teria acontecido com ele. Se ele estaria lá fora em algum lugar, perdido e sozinho. Se havia sofrido algum ferimento, esquecido quem era e de onde era – interrompeu-se, esfregou a testa abaixada, como se estivesse desconcertado, e compreendi que essas eram teorias dolorosas que os haviam castigado no passado. – Seja como for – disse ele –, ela jamais se recuperou. Ele era seu favorito, embora jamais admitisse tal coisa. Não precisava: ele era o favorito de todo o mundo, Tom.

Fez-se um silêncio e eu fiquei observando duas gralhas girarem pelo céu. O passeio do casal das rosas trouxe-os para perto e eu esperei até eles alcançarem a margem do rio, antes de me virar para Theo e dizer:

– Por que a polícia não quis ouvir? Por que tinham tanta certeza de que Tom havia fugido?

– Houve uma carta. – Um nervo estremeceu em seu queixo. – Chegou no começo de 1942, alguns meses depois do desaparecimento de Tom. Datilografada e muito curta, dizendo apenas que ele encontrara alguém e fugira para se casar. Que estava vivendo discretamente, mas faria contato mais tarde. Quando a polícia viu isso, perdeu o interesse em Tom ou em nós. Havia uma

guerra em andamento, não sabíamos disso? Não havia tempo para ficar procurando um sujeito que desertara de seu país.

Sua mágoa ainda doía tanto, cinquenta anos depois, que eu só podia imaginar o que teria sido na época. Ter uma pessoa querida desaparecida e ser incapaz de convencer qualquer outra a ajudar na busca. E entretanto, na vila de Milderhurst disseram-me que Thomas Cavill deixara de comparecer ao castelo porque havia fugido com outra mulher. Seria apenas orgulho e lealdade familiar que faziam Theo tão seguro de que a fuga com a amada era uma mentira?

– Você não acredita na carta?

– Nem por um segundo. – Sua veemência cortava como uma faca.

– É verdade que ele havia conhecido uma jovem e se apaixonado. Ele mesmo me disse isso, escreveu longas cartas sobre ela; como era bonita, como fazia tudo parecer certo no mundo, como iria se casar com ela. Mas ele não estava prestes a fugir para casar, ele mal podia esperar para apresentá-la à família.

– Você não a conheceu?

Ele sacudiu a cabeça.

– Nenhum de nós a conheceu. Tinha algo a ver com a família dela e em manter tudo em segredo até comunicarem a eles. Eu tive a sensação de que a família dela era importante.

Meu coração começou a acelerar conforme a história de Theo combinava tão perfeitamente com a história que eu tinha.

– Lembra-se do nome da jovem?

– Ele nunca me disse.

A frustração me tirou o ar.

– Ele estava decidido que tinha de conhecer a família dela primeiro. Não sei lhe dizer como isso tem me afligido todos esses anos – disse ele. – Se eu ao menos soubesse quem ela era, eu poderia ter por onde começar. E se ela também tivesse desaparecido? E se os dois tivessem sofrido um acidente juntos? E se a família dela tivesse informações que pudessem ajudar?

Estava na ponta da minha língua para lhe contar sobre Juniper, mas, por fim, achei melhor não fazer. Não via nenhum sentido em acender suas esperanças quando as Blythe não tinham nenhuma informação adicional sobre as andanças de Thomas Cavill, quando

estavam tão convencidas quanto a polícia de que ele havia fugido com outra mulher.

– A carta – disse repentinamente. – Quem você acha que a teria enviado, se não foi Tom? E por quê? Por que alguém faria isso?

– Não sei, mas vou lhe dizer uma coisa. Tom não se casou com ninguém. Eu verifiquei no cartório. Verifiquei os registros de óbito também. Ainda o faço. Quase todo ano, só para ter certeza. Não há nada. Nenhum registro dele depois de 1941. É como se ele tivesse desaparecido no ar.

– Mas as pessoas não desaparecem simplesmente.

– Não – disse ele com um sorriso cansado. – Não, não desaparecem. E eu passei a minha vida inteira tentando encontrá-lo. Até contratei um sujeito há algumas décadas. Foi um desperdício de dinheiro. Milhares de libras só para o idiota me dizer que a Londres do período de guerra era um lugar excelente para um homem que quisesse desaparecer. – Suspirou ruidosamente. – Ninguém parece se importar com o fato de que Tom *não* queria desaparecer.

– E os anúncios? – Indiquei as cópias ainda no banco entre nós.

– Eu os publiquei quando o estado de Joey, nosso irmão menor, piorou. Achei que valia a pena tentar, só para o caso de eu ter estado errado todo o tempo e Tom estar em algum lugar lá fora, à espera de uma razão para voltar para nós. Joey era retardado, pobre garoto, mas adorava Tom. Teria significado muito para ele vê-lo mais uma vez.

– Mas você não teve nenhuma notícia.

– Nada, a não ser alguns moleques passando trote.

O sol desaparecera do céu e o anoitecer era claro e cor-de-rosa. Uma brisa roçou em meus braços e eu percebi que estávamos sozinhos outra vez no jardim; lembrei que Theo era um homem idoso que devia estar lá dentro contemplando um prato de rosbife e não as tristezas de seu passado.

– Está esfriando – disse. – Vamos entrar?

Ele assentiu e tentou esboçar um sorriso, mas, quando nos levantamos, vi que parecia abatido e desanimado.

– Não sou tolo, Edie – disse ele quando chegamos à porta. Eu a abri, mas ele insistiu em segurá-la para eu passar primeiro. – Sei

que não verei Tom outra vez. Os anúncios, verificando os registros todos os anos, o arquivo de fotografias da família e várias outras coisas que eu guardo para mostrar a ele, por via das dúvidas... faço tudo isso por hábito e porque ajuda a preencher o vazio da ausência.

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer.

Havia barulho proveniente da sala de jantar – cadeiras arrastadas, tilintar de talheres, murmúrio de conversas afáveis –, mas ele parou no meio do corredor. Uma flor roxa murcha atrás dele, um zumbido da luz fluorescente acima, e eu vi o que não vira lá fora: suas faces brilhavam com antigas lágrimas.

– Obrigado – disse ele, baixinho. – Não sei como você escolheu hoje para vir, Edie, mas estou feliz que o tenha feito. Estive triste o dia inteiro, alguns dias são assim, e é bom conversar sobre ele. Sou o único que resta agora: meus irmãos e irmãs estão aqui dentro. – Ele pressionou a palma da mão contra o coração. – Sinto falta de todos eles, mas não há como descrever a perda de Tom. A culpa – seu lábio inferior tremeu e ele esforçou-se para recuperar o controle. – Saber que eu o decepcionei. Que algo terrível aconteceu e ninguém sabe; o mundo, a história o consideram um traidor porque eu não consegui provar que eles estão errados.

Cada átomo do meu ser ansiava poder dar-lhe algum consolo.

– Sinto muito não ter trazido notícias de Tom.

Ele sacudiu a cabeça, sorriu debilmente.

– Tudo bem. Esperança é uma coisa, expectativa, outra bem diferente. Não sou tolo. No fundo eu sei que irei para meu túmulo sem conseguir dar descanso a Tom.

– Gostaria que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer.

– Volte para me visitar outra tarde – disse ele. – Seria maravilhoso. Eu lhe falarei mais um pouco sobre Tom. Dias mais felizes da próxima vez, prometo.

*Jardins do castelo Milderhurst, 14 de setembro de
1939*

HAVIA UMA GUERRA EM ANDAMENTO e ele tinha um trabalho a fazer, mas do jeito que o sol brilhava forte e redondo no céu, o reflexo prateado e ofuscante da água, a quente projeção de galhos de árvores acima dele... bem, Tom achou que seria errado de uma forma indescritível não parar por um instante e dar um mergulho. A piscina era circular e muito bonita, com pedras delimitando as bordas e um balanço de madeira suspenso de um galho enorme, e ele não pôde conter o riso ao deixar sua bolsa a tiracolo cair no chão. Que descoberta! Tirou o relógio de pulso e deixou-o cuidadosamente sobre a bolsa de couro liso e macio que comprara no ano anterior, seu grande orgulho; tirou os sapatos e começou a desabotoar a camisa.

Quando fora a última vez que nadara? Não durante todo o verão, isso era certo; um grupo de amigos apanhara um carro emprestado e partira para o mar, uma semana em Devon durante o agosto mais quente que qualquer um deles podia se lembrar. Ele estava preparado para ir se unir a eles, até que Joey sofreu uma queda, seus pesadelos começaram e o pobre garoto não dormia se Tom não se sentasse junto à sua cama e inventasse histórias sobre o metrô. Depois, Tom ficava deitado em sua própria cama estreita, o calor avolumando-se nos cantos do quarto enquanto ele sonhava com o mar, mas ele não se importara; realmente não, não por muito tempo. Não havia muito que ele não faria por Joey – pobre garoto, com seu corpo grande de homem se transformando em gordura e sua risada de menino; a música cruel daquela risada dava um nó doloroso no peito de Tom pela criança que Joey fora, pelo homem que deveria ter se tornado.

Saiu de dentro da camisa e desafivelou o cinto, livrou-se dos pensamentos tristes, depois de suas calças também. Um grande corvo tossiu acima dele e Tom ficou parado por um instante, esticou o pescoço para olhar o céu claro e azul. O sol ardia e ele estreitou os olhos, seguindo o pássaro conforme ele planava em graciosa silhueta em direção à floresta distante. O ar estava adocicado com um perfume que ele não tinha nenhuma chance de reconhecer, mas de que gostava. Flores, pássaros, o burburinho distante de água correndo pelas pedras; aromas e sons pastoris diretamente das páginas de Hardy, e Tom sabia que eram reais e que estava entre eles. Que isso era vida e que ele estava nela. Espalmou a mão no peito, os dedos separados; sentia o sol quente diretamente sobre a pele nua, tudo estava à sua frente e era bom ser jovem e forte e estar ali agora. Não era religioso, mas esse momento certamente era sagrado.

Tom verificou por cima do ombro, mas preguiçosamente e sem expectativas. Não era um infrator de regras por natureza; era um professor, tinha de dar exemplo aos seus alunos, e ele se levava a sério o suficiente para tentar cumprir seu papel. Mas o dia, o clima, a guerra recém-iniciada, o cheiro que ele não conseguia identificar e que permeava a brisa dessa forma, tudo isso o tornava destemido. Era jovem, afinal, e não era preciso muito para um rapaz se ver imbuído da maravilhosa e livre sensação de que a Terra e seus prazeres eram seus para serem usufruídos onde quer que os encontrasse; que regras de posse e prevenção, apesar de bem-intencionadas, eram ditames teóricos que só tinham lugar em livros, em epitáfios e em conversas de agitados advogados de barba branca em Lincoln's Inn Fields.

Árvores rodeavam a clareira, um vestiário permanecia silencioso perto dali e uma indicação de uma escadaria de pedra levava a algum lugar mais além. Cortando toda a cena, um derrame de luz solar e canto de pássaros. Com um suspiro profundo e satisfeito, Tom decidiu que chegara a sua hora. Havia um trampolim e o sol aquecera a madeira de tal forma que ao pisar nele seus pés arderam; ficou parado por um instante, desfrutando a dor, deixando seus ombros queimarem, a pele se esticar, até que finalmente não

aguentou mais e avançou com um sorriso, deu um salto na ponta do trampolim, levou os braços para trás e se lançou, cortando a água como uma flecha. O frio era como um torno cingindo-lhe o peito e ele arquejou quando veio à superfície, os pulmões gratos pelo ar como um bebê ao conseguir respirar pela primeira vez.

Nadou por alguns minutos, mergulhou até o fundo, emergiu diversas vezes, depois ficou deitado de costas, deixando pernas e braços se afastarem do corpo e formar uma estrela. Isto, pensou, é que é; a perfeição. O momento de que Wordsworth, Coleridge e Shelley falavam: o sublime. Se tivesse de morrer agora mesmo, Tom tinha certeza, morreria feliz. Não que quisesse morrer; não ao menos pelos próximos setenta anos. Tom calculou rapidamente: o ano de 2009 estaria bom. Um velho morando na Lua. Riu, nadou de costas preguiçosamente, depois voltou a boiar, fechou os olhos para aquecer as pálpebras. O mundo ficou cor de laranja e pontilhado de estrelas, e dentro dele Tom viu seu futuro brilhando.

Logo ele estaria de uniforme; a guerra esperava por ele e Thomas Cavill mal podia esperar para conhecê-la. Ele não era ingênuo; seu próprio pai perdera uma perna e partes da mente na França, e ele não alimentava ilusões quanto a glória ou heroísmo; sabia que a guerra era uma questão séria, perigosa. Nem ele era um daqueles sujeitos empenhados em fugir de sua situação atual, muito ao contrário: até onde Tom podia ver, a guerra oferecia a oportunidade perfeita para ele melhorar como homem e como professor.

Ele quis ser professor desde quando percebeu que iria crescer um dia e se tornar adulto, e sonhara em trabalhar em seu antigo bairro londrino. Tom acreditava que poderia abrir os olhos e a mente de crianças como a que ele fora um dia para um mundo muito além dos tijolos sujos e dos carregados varais de roupas de sua experiência diária. O objetivo o sustentara durante toda a escola de formação de professores e nos primeiros anos de prática, até que finalmente, mediante uma boa conversa persuasiva e a boa e velha sorte, ele chegara exatamente onde queria estar.

Assim que se tornou evidente que a guerra estava a caminho, Tom soube que iria se alistar. Os professores eram necessários em casa, o magistério era considerado um serviço essencial, mas que tipo de

exemplo seria esse? E sua lógica era mais egoísta também. John Keats dissera que nada se torna real enquanto não for experimentado, e Tom sabia que isso era verdade. Mais do que isso, ele sabia que era precisamente o que lhe faltava. Empatia era louvável, mas quando Tom falava de história, sacrifício e nacionalidade, quando lia para seus alunos o brado de guerra de Henrique V, ele raspava o fundo raso de sua própria e limitada experiência. A guerra, ele sabia, lhe daria a profundidade de compreensão que tanto ansiava, razão pela qual assim que tivesse certeza de que seus alunos evacuados estavam instalados e a salvo com suas famílias, ele voltaria para Londres; ele se alistara no 1º Batalhão do regimento de East Surrey e com um pouco de sorte estaria na França em outubro. Girou os dedos preguiçosamente na superfície morna da água e suspirou tão fundo que seu corpo afundou um pouco mais. Talvez fosse a consciência de que estaria em um uniforme na semana seguinte que tornava este dia de certa forma mais vívido, mais real do que os que se estendiam antes e depois. Pois definitivamente havia alguma força irreal em ação. Não era uma simples questão do calor ou da brisa em si, ou o aroma que ele não conseguia identificar, mas uma estranha mistura de condições, clima e circunstância; e embora ele estivesse ansioso para que chegasse a sua vez, embora suas pernas às vezes doessem de impaciência à noite, agora, neste exato momento, ele só queria que o tempo passasse bem devagar, que ele pudesse permanecer ali flutuando assim para sempre...

– Como está a água? – A voz, quando soou, foi uma surpresa. Solitude perfeita, estilhaçada como uma casca de ovo.

Mais tarde, nas muitas ocasiões em que ele iria repassar a lembrança desse primeiro encontro, eram os olhos dela que ele lembrava com mais clareza. E a maneira como caminhava – incrível; o modo com que seus cabelos caíam livremente, longos e embaraçados, sobre os ombros, a curva dos seios pequenos, o formato de suas pernas, oh, santo Deus, aquelas pernas. Mas antes e acima de tudo isso havia a luz de seus olhos; aqueles olhos de gata. Olhos que sabiam de coisas e pensavam coisas que não

deviam. Nos longos dias e noites que estavam por vir, eram os olhos dela que ele via quando fechava os seus.

Ela estava sentada no balanço, os pés descalços no chão, observando-o. Uma menina? Uma mulher? Ele não sabia ao certo; não no começo – com um vestido branco, simples, de verão, observando-o enquanto ele flutuava na piscina. Uma série de respostas informais lhe veio à mente, mas algo na qualidade de sua expressão prendeu sua língua e tudo que ele conseguiu dizer foi:

– Morna. Perfeita. Azul.

Seus olhos eram azuis, amendoados, um pouco separados demais e se arregalaram quando ele proferiu essas três palavras. Sem dúvida imaginando que tipo de tolo ela teria encontrado usando sua piscina livremente.

Ele patinhou na água desajeitadamente, esperou que ela lhe perguntasse quem ele era, o que estava fazendo, por que estava nadando ali, mas ela não perguntou, não fez nenhuma dessas perguntas, apenas deu um impulso preguiçoso, de modo que o balanço descreveu um arco raso pela borda da piscina e de volta. Decidido a identificar-se como um homem de mais de três palavras, respondeu-as de qualquer forma:

– Sou Thomas – disse ele –, Thomas Cavill. Desculpe usar sua piscina assim, mas o dia estava muito quente. Não consegui me conter. – Exibiu-lhe um largo sorriso, ela encostou a cabeça contra a corda e ele ficou imaginando se ela também não estaria invadindo o local. Algo em sua maneira de olhar, uma espécie de desligamento, como se ela e o ambiente no qual ele a encontrou não fossem companheiros naturais. Perguntou-se vagamente onde ela se encaixaria, uma jovem assim, mas não encontrou resposta.

Sem dizer nenhuma palavra, ela parou de se balançar; levantou-se e soltou o assento. As cordas afrouxaram-se e o balanço moveu-se para frente e para trás. Ele notou que ela era bastante alta. Em seguida, ela sentou-se na borda de pedra, puxou os joelhos junto ao peito, de modo que seu vestido se embolasse ao redor das pernas, e molhou as pontas dos dedos, espreitando por cima dos joelhos para ver as ondulações afastando-se de seus pés.

Tom sentiu a indignação avolumar-se no peito. Ele havia invadido, mas não fizera realmente nenhum mal; nada para merecer esse tipo de tratamento silencioso. Ela estava se comportando agora como se ele não estivesse ali; embora estivesse sentada bem perto dele, seu rosto estava paralisado em uma atitude de profunda e distraída meditação. Ele concluiu que ela devia estar fazendo algum tipo de jogo, um desses que as meninas – as mulheres – gostavam de jogar, o tipo que confundia os homens e, portanto, de uma estranha forma reversa, os mantinha na linha. Que outra razão ela teria para ignorá-lo? A menos que fosse tímida. Talvez fosse isso; ela era jovem, muito provavelmente achava sua ousadia, sua virilidade, sua – vamos ser realistas – quase nudez afrontosas. Lamentou a situação – não tivera a intenção de causar nada disso, afinal só quisera nadar um pouco – e adotou seu tom mais cordial e descontraído:

– Olhe. Desculpe-me surpreendê-la desta forma; não tive a intenção de fazer nada errado. Meu nome é Thomas Cavill. Eu vim...

– Sim – disse ela –, eu já ouvi. – Olhou para ele então como se ele fosse um mosquito. Cansada, ligeiramente aborrecida, mas, fora isso, inalterada. – Não há nenhum motivo para ficar alardeando isso sem parar.

– Espere um minuto. Eu só estava tentando assegurar-lhe que...

Mas Tom deixou suas justificativas se esvaírem. Por um lado, era evidente que esta estranha pessoa não estava mais ouvindo; por outro, ele estava confuso demais. Ela se levantara enquanto ele estava falando e agora levantava o vestido, revelando que usava um maiô por baixo. Assim, inesperadamente. Nem um olhar em sua direção, nada de espreitar por baixo das pestanas ou dar uma risadinha diante de seu próprio atrevimento. Atirou o vestido para trás, uma pequena pilha de algodão descartado, e espreguiçou-se como uma gata ao sol, bocejou um pouco, sem se incomodar em dirigir-lhe nenhuma das trivialidades femininas, como cobrir a boca com a mão, desculpar-se ou ficar ruborizada.

Sem absolutamente nenhuma ostentação, ela mergulhou da borda da piscina e, quando atingiu a água, Tom apressou-se em sair. Sua ousadia, se é que era isso, assustou-o de certa forma. Teve medo e sentiu-se constrangido. *Ela* era constrangedora.

Tom não tinha uma toalha, é claro, nem nenhuma outra forma de se enxugar suficientemente rápido para se vestir. Assim, ficou parado sob o sol e tentou parecer relaxado. O que não era uma tarefa fácil. Sua descontração o abandonara, e soube naquele instante o que era ser um de seus amigos desastrados que ficavam apenas remexendo os pés e misturando as palavras quando ficavam diante de uma mulher bonita. Uma mulher bonita que nadara para a superfície da piscina e boiava preguiçosamente de costas, os longos cabelos molhados espalhando-se de seu rosto como algas marinhas; tranquila, sem afetação, parecendo alheia à sua invasão.

Tom tentou encontrar um pouco de dignidade; decidiu que as calças ajudariam e vestiu-as por cima da cueca. Ele buscava um ar de autoridade, tentava não deixar que o nervosismo o fizesse cair em arrogância. Ele era um professor, pelo amor de Deus, era um homem prestes a se tornar um soldado; não devia ser tão difícil. Profissionalismo, entretanto, não é algo fácil de exsudar quando se está descalço e seminu no jardim de outra pessoa. Todas as epifanias anteriores relativas às leis de propriedade agora se revelavam rudimentares, se não ilusórias, e ele engoliu em seco antes de dizer o mais calmamente possível:

– Meu nome é Thomas Cavill. Sou professor. Vim aqui para ver como estava uma aluna minha que eu acredito tenha sido evacuada para cá. – Ele estava pingando, um fio de água quente escorria pelo meio do seu estômago, e ele contraiu-se quando disse: – Sou o professor dela. – O que, é claro, ele já tinha dito.

Ela havia se virado e agora o observava do meio da piscina, estudando-o como se fizesse anotações mentais. Nadou dentro da água, uma listra prateada, e emergiu na borda, pressionou os braços contra as pedras, uma das mãos em cima da outra, e descansou o queixo sobre elas.

– Meredith.

– Sim. – Um suspiro de alívio. Finalmente. – Sim, Meredith Baker. Estou aqui para ver como está passando. Verificar se está tudo bem.

Aqueles olhos separados estavam fixos nele, seus sentimentos impossíveis de serem lidos. Então, ela sorriu e seu rosto se

transformou de alguma forma transcendental, e ele tomou alento quando ela disse:

– Acho melhor você mesmo perguntar a ela. Logo estará aqui. Minha irmã está tirando suas medidas para fazer vestidos.

– Ótimo, então. Isso é bom. – Propósito era seu barco salva-vidas e Tom agarrou-se a ele com gratidão e sem nenhuma vergonha. Enfiou os braços outra vez pelas mangas da camisa e sentou-se na ponta de uma espreguiçadeira próxima, retirando o folheto e sua lista de itens de verificação de dentro da bolsa. Fingindo serenidade, demonstrou grande interesse em suas informações; não importava que pudesse recitá-las de cor, se fosse pressionado. Era melhor lê-las outra vez: queria ter certeza de que quando os pais de qualquer um de seus alunos fossem vê-lo em Londres ele seria capaz de responder suas perguntas com honestidade e certeza. A maioria de seus alunos fora acomodada na vila, dois com o vigário na paróquia, outro em uma fazenda próxima; Meredith, pensou, olhando por cima do ombro para o exército de canos de chaminé acima das árvores distantes, foi a que ficara mais longe. Um castelo, segundo o endereço em sua lista de verificação. Ele esperava poder ver o interior do castelo, não só ver, como explorá-lo um pouco; até aqui, as senhoras do local tinham sido muito acolhedoras, convidando-o a entrar e tomar um chá com bolo, preocupando-se se ele se servira bem.

Arriscou outro olhar à criatura na piscina e imaginou que um convite desse tipo era decididamente improvável ali. A atenção dela estava voltada para o outro lado, então ele deixou seu olhar focalizar-se nela por algum tempo. Essa jovem era desconcertante: parecia cega a ele e ao seu charme. Ele sentia-se comum perto dela, e isso era algo com que não estava acostumado. Dessa distância, entretanto, e com seu orgulho um pouco apaziguado, ele podia colocar tal vaidade de lado o tempo suficiente para se perguntar quem ela era. A obsequiosa senhora do serviço de voluntárias local dissera-lhe que o castelo pertencia a um sr. Raymond Blythe, um escritor (*“A verdadeira história do Homem de Lama – ora, certamente o senhor já o leu”*), que agora estava velho e doente, mas que Meredith ficaria em boas mãos com suas filhas gêmeas,

uma dupla de solteironas perfeitamente adequadas para cuidar de uma pobre criança sem lar. Nenhum outro habitante do castelo fora mencionado, e ele presumira, se é que dedicara algum tempo ao assunto, que o sr. Blythe e as solteironas gêmeas eram os únicos moradores do castelo Milderhurst. Certamente não esperava esta menina – esta mulher, esta mulher jovem e misteriosa que, sem dúvida alguma, não era nenhuma solteirona. Ele não sabia exatamente por que, mas repentinamente sentiu uma incrível urgência de saber mais a seu respeito.

Ela chapinhou a água e ele desviou o olhar, sacudiu a cabeça e sorriu de sua própria e lamentável presunção; Tom conhecia a si mesmo o suficiente para compreender que seu interesse nela era diretamente proporcional à sua falta de interesse nele. Desde criança, ele era impelido pela mais tola das motivações: o desejo de possuir exatamente o que não podia. Precisava largar esse hábito. Ela era apenas uma jovem. Uma jovem excêntrica, aliás.

Ouviram-se um barulho farfalhante e um bonito labrador cor de mel disparou de dentro da folhagem, perseguindo sua língua balançante; Meredith surgiu nos seus calcanhares, um sorriso no rosto que lhe disse tudo que ele precisava saber sobre sua condição. Tom ficou tão satisfeito em vê-la, um pedacinho de normalidade de óculos, que abriu um largo sorriso e levantou-se, quase tropeçando em si mesmo em sua pressa para cumprimentá-la:

– Olá, menina. Como vão as coisas?

Ela parou de repente, pestanejou para ele, confusa – ele percebeu – em vê-lo tão decididamente fora de contexto. Enquanto o cachorro corria em círculos à sua volta e o rubor em suas faces se espalhava para o pescoço, ela arrastou seus sapatinhos de lona e disse:

– Olá, sr. Cavill.

– Vim ver como as coisas estão indo.

– Estão indo bem, sr. Cavill. Eu estou em um castelo.

Ele sorriu. Ela era uma menina meiga, tímida, mas inteligente. Raciocínio rápido e excelente capacidade de observação, o costume de notar detalhes escondidos que faziam suas descrições surpreendentes e originais. Ela praticamente não tinha nenhuma crença em si mesma, infelizmente, e não era difícil ver por quê: seus

pais haviam olhado para Tom como se ele houvesse enlouquecido quando, há um ou dois anos, ele sugeriu que ela fizesse o concurso para o liceu. Mas Tom estava trabalhando nisso.

– Um castelo! Que sorte! Acho que eu nunca estive dentro de um castelo.

– É muito grande e muito escuro, com um cheiro estranho de lama e muitas e muitas escadas.

– Já subiu todas elas?

– Algumas, mas não as escadas que levam à torre.

– Não?

– Não tenho permissão de subir lá. É onde o sr. Blythe trabalha. Ele é um escritor, um escritor de verdade.

– Um escritor de verdade. Talvez ele lhe dê algumas dicas, se você tiver sorte. – Tom estendeu a mão e deu-lhe um tapinha encorajador no ombro.

Ela sorriu, tímida, mas satisfeita.

– Talvez.

– Você continua escrevendo em seu diário?

– Todos os dias. Há muito sobre o que escrever. – Ela lançou um olhar furtivo para a piscina e Tom seguiu-o. Longas pernas flutuavam atrás da jovem enquanto ela se segurava na borda. Uma citação veio inesperadamente à sua cabeça: Dostoievski, “A beleza é tão misteriosa quanto terrível”. Tom limpou a garganta.

– Ótimo – disse ele. – Isso é bom. Quanto mais você praticar, melhor se tornará. Não se contente com menos do que o seu melhor.

– Pode deixar.

Ele sorriu para ela e balançou a cabeça, indicando sua prancheta.

– Posso anotar que você está feliz, então? Está tudo bem?

– Oh, sim.

– Não está sentindo muita falta de seus pais?

– Eu estou escrevendo cartas para eles – disse Meredith. – Sei onde ficam os correios e já mandei para eles o cartão-postal com meu novo endereço. A escola mais perto fica em Tenterden, mas há um ônibus que vai até lá.

– E seu irmão e sua irmã? Eles também estão perto da vila, não estão?

Meredith balançou a cabeça.

Ele colocou a mão em sua cabeça; os cabelos no topo estavam quentes do sol.

– Você vai ficar bem, menina.

– Sr. Cavill?

– Sim?

– Devia ver os livros lá dentro. Há uma sala repleta de livros, cada parede é coberta de estantes, do chão ao teto.

Ele exibiu um amplo sorriso.

– Bem. Sinto-me muito melhor sabendo disso.

– Eu também. – Ela balançou a cabeça indicando a figura na água.

– Juniper disse que eu podia ler qualquer um que eu quisesse.

Juniper. O nome dela era Juniper.

– Já li três quartos de *A mulher de branco* e depois vou ler *O morro dos ventos uivantes*.

– Não vai entrar, Merry? – Juniper nadara de volta para o lado e chamava a garota mais nova. – A água está ótima. Morna. Perfeita. Azul.

Algo a respeito de suas palavras nos lábios dela fez Tom estremecer. Ao seu lado, Meredith sacudiu a cabeça como se a pergunta a tivesse pego desprevenida.

– Eu não sei nadar.

Juniper saiu da água, enfiou o vestido branco pela cabeça, e ele grudou em suas pernas molhadas.

– Vamos ter de cuidar disso enquanto você está aqui. – Ela puxou os cabelos molhados em um rabo de cavalo embaralhado e atirou-o por cima do ombro. – Mais alguma coisa? – perguntou a ele.

– Bem, achei que eu poderia... – Soltou o ar, aprumou-se e começou de novo: – Talvez eu deva subir com vocês e conhecer os outros membros da família.

– Não – disse Juniper sem hesitar. – Isso não é uma boa ideia.

Ele sentiu-se enormemente ofendido.

– Minha irmã não gosta de estranhos, particularmente homens estranhos.

– Não sou um estranho, sou, Merry?

Meredith sorriu. Juniper não. Ela disse:

– Não é nada pessoal. Esse é o jeito dela.

– Compreendo.

Ela estava parada perto dele, gotas d'água escorrendo para suas pestanas quando seus olhos se encontraram; ele não viu nenhum interesse neles, ainda assim seu pulso acelerou.

– Muito bem, então.

– Isso é tudo?

– Isso é tudo.

Ela ergueu o queixo e considerou-o por mais um instante antes de balançar a cabeça. Um aceno curto que encerrava definitivamente o encontro.

– Adeus, sr. Cavill – disse Meredith.

Ele sorriu, estendeu a mão para apertar a dela.

– Adeus, menina. Cuide-se. Continue escrevendo.

E ele ficou observando-as se afastar, as duas desaparecendo no meio da vegetação, na direção do castelo. Longos cabelos louros escorrendo água pelas suas costas, omoplatas que pareciam asas hesitantes de cada lado. Ela estendeu o braço e passou-o de leve pelos ombros de Meredith, puxou-a para mais perto, abraçando-a, e embora Tom as perdesse de vista nesse momento, achou ter ouvido uma risadinha enquanto continuavam subindo a encosta da colina.

Mais de um ano se passaria até que ele a visse de novo, antes de se encontrarem outra vez completamente por acaso em uma rua de Londres. Ele seria uma pessoa diferente então, inexoravelmente mudado, mais sereno, menos cheio de si, tão danificado quanto a cidade à sua volta. Ele teria sobrevivido à França, arrastado sua perna ferida a Bray Dune, sido evacuado de Dunkirk; teria visto amigos morrerem em seus braços, sobrevivido a um surto de disenteria, e saberia que, apesar de John Keats ter razão, que a experiência era realmente a verdade, havia algumas coisas que era melhor não conhecer em primeira mão.

E o novo Thomas Cavill se apaixonaria por Juniper Blythe exatamente pela mesma razão que a achara tão estranha naquela clareira, naquela piscina. Em um mundo obscurecido por cinzas e

tristeza, ela agora lhe parecia maravilhosa; aqueles aspectos mágicos indistintos que continuavam completamente à parte da realidade o encantariam e, de uma só tacada, ela o salvaria. Ele a amaria com uma paixão que tanto o assustava quanto o renovava, um desespero que zombava de seus sonhos perfeitos para o futuro.

Mas ele não sabia de nada disso nessa ocasião. Sabia apenas que podia marcar o último de seus alunos da lista, que Meredith Baker estava em boas mãos, que estava feliz e era bem cuidada, que ele agora estava livre para pegar uma carona de volta a Londres e continuar seus estudos, seu plano de vida. E apesar de ainda não estar seco, ele abotoou a camisa, sentou-se para amarrar o laço dos sapatos e afastou-se assobiando, deixando a piscina para trás, as ninfeias ainda balançando nas ondulações que ela deixara na superfície, aquela estranha jovem com olhos sobrenaturais. Começou a descer a colina, caminhando ao longo do riacho raso que o levaria à estrada, para longe de Juniper Blythe e do castelo Milderhurst, para nunca mais – ou assim pensou – ver nenhum dos dois outra vez.

OH – MAS AS COISAS nunca mais seriam as mesmas depois disso! Como poderiam? Nada nos milhares de livros que lera, nada do que imaginara, ou sonhara, ou escrevera poderia ter preparado Juniper Blythe para o encontro com Thomas Cavill ao lado da piscina. Assim que se deparou com ele na clareira, avistou-o flutuando na superfície da água, presumira que ela mesma devesse tê-lo evocado. Já fazia algum tempo desde o último “visitante”, e é verdade que não houve nenhum latejamento em sua cabeça, nenhum oceano estranho, deslocado, zoando em seus ouvidos para alertá-la; mas havia um aspecto familiar à luz do sol, uma qualidade cintilante, artificial que tornava a cena menos real do que a que ela acabara de deixar para trás. Ela erguera os olhos para as copas das árvores e, quando as folhas mais altas agitaram-se com o vento, pareceu que flocos de ouro caíam na terra.

Ela se sentara no balanço porque era o mais seguro a fazer quando uma visita aparecia. *Sente-se em algum lugar tranquilo, segure alguma coisa com força, espere passar.* as três regras de ouro que Saffy inventara quando Juniper era pequena. Ela levantara Juniper e a sentara na mesa da cozinha para cuidar de seu mais recente joelho machucado, e disse muito suavemente que os visitantes eram na verdade um dom, exatamente como seu pai lhes dissera, mas ainda assim ela precisava aprender a tomar cuidado.

– Mas eu adoro brincar com eles – dissera Juniper. – São meus amigos. E me contam muitas coisas interessantes.

– Eu sei, querida, e isso é maravilhoso. Só peço que você lembre que não é um deles. É uma menininha com pele e sangue sob ela, e ossos que podem se quebrar, e duas irmãs mais velhas que querem muito vê-la chegar à idade adulta!

– E um pai.

– Claro. E um pai.

– Mas não uma mãe.

- Não.
- Mas um cachorrinho.
- Emerson, sim.
- E um esparadrapo no meu joelho.

Saffy rira e lhe dera um abraço que cheirava a talco, jasmim e tinta, e a colocara de volta nos ladrilhos do chão da cozinha. E Juniper tomara muito cuidado para não fazer contato visual com o ser imaginário à janela da cozinha que a chamava para brincar lá fora.



Juniper não sabia de onde vinham os visitantes. Tudo que sabia é que suas primeiras lembranças eram de figuras nos facho de luz ao redor de seu berço. Tinha três anos quando compreendeu que as outras pessoas não conseguiam vê-los. Chamaram-na de sobrenatural e louca, malvada e superdotada; ela afugentara inúmeras babás que se recusavam a aceitar amigos imaginários.

– Eles *não* são imaginários – explicara Juniper, incessantemente, da forma mais racional possível, mas parece que não havia babás inglesas preparadas para aceitar tal afirmação como verdadeira. Uma a uma, elas fizeram as malas e exigiram uma reunião com seu pai; de seu esconderijo nas veias do castelo, no nicho junto a uma brecha nas pedras, Juniper se cobrira com todo um novo conjunto de descrições: “Ela é impertinente...” “Ela é obstinada...” e até mesmo, certa vez, “Possuída!”.

Todo mundo tinha uma teoria a respeito dos visitantes. O dr. Finley acreditava que fossem “fibras de desejo e curiosidade”, projetadas de sua própria mente e ligadas de certa forma com seu coração falho; o dr. Heinstein argumentava que tratavam-se de sintomas de psicose e fornecera uma série de comprimidos que prometiam acabar com eles; seu pai dizia que eram as vozes de seus ancestrais e que ela fora especialmente escolhida para ouvi-las; Saffy insistia que ela era perfeita do jeito que era, e Percy não se incomodava muito de um modo ou de outro. Dizia que todo mundo era diferente, e por que as coisas tinham de ser categorizadas, as pessoas rotuladas de normais ou de outra forma?



Seja como for, Juniper não havia realmente sentado no balanço porque era a coisa mais segura a fazer. Sentara-se lá porque isso lhe proporcionava a melhor visão da criatura imaginária na piscina. Ela estava curiosa e ele era belo. A perfeição de sua pele, o subir e descer dos músculos em seu peito nu conforme ele respirava, seus braços. Se ela própria o havia evocado, então fizera um magnífico trabalho; ele era exótico e atraente e ela queria observá-lo pelo tempo que fosse necessário até que se transformasse novamente em folhagens e matizes de sol e de sombra diante de seus olhos.

Mas não foi isso o que aconteceu. Enquanto estava sentada com a cabeça recostada contra a corda do balanço, ele abriu os olhos, encontrara os dela e começou a falar.

O fato, em si mesmo, não era sem precedentes; os visitantes já haviam falado com Juniper antes, muitas vezes, mas essa foi a primeira vez que um visitante assumia a forma de um rapaz. Um rapaz com bem pouca roupa no corpo.

Ela respondeu a ele, mas sucintamente. Na verdade, ficara irritada; não queria que ele falasse; queria apenas que fechasse os olhos outra vez, flutuasse na superfície cintilante da água, para que ela pudesse brincar de *voyeur*. Para que pudesse observar a dança da luz do sol em suas pernas e braços longos, seu belo rosto, e concentrar-se na estranha sensação, como uma corda puxada, zumbindo, no fundo de sua barriga.

Ela não conhecera muitos homens. Havia seu pai, é claro – mas ele praticamente não contava; seu padrinho, Stephen; alguns velhos jardineiros que trabalharam na propriedade ao longo dos anos; e Davies, que cuidava do Daimler.

Mas isso era diferente.

Juniper tentara ignorá-lo, na esperança de que entendesse qual era a ideia e parasse de tentar entabular conversa, mas ele persistira. Ele lhe disse seu nome, Thomas Cavill. Eles geralmente não tinham nomes. Não os comuns.

Ela própria mergulhou na piscina, e ele no mesmo instante saiu da água apressadamente. Ela notara, então, que havia roupas em cima

da espreguiçadeira; roupas dele, o que era realmente muito estranho.

E, depois, o mais peculiar de tudo. Meredith chegara – finalmente liberada da sala de costura de Saffy – e ela e o homem começaram a conversar.

Juniper, observando-os da água, quase se afogara com o choque, pois uma coisa era certa, seus visitantes não podiam ser vistos por outras pessoas.



Juniper vivera no castelo Milderhurst toda a sua vida. Ela nasceu, como seu pai e suas irmãs antes dela, em um quarto no segundo andar. Conhecia o castelo e suas florestas como se pode esperar que alguém conheça o único mundo que já viu. Ela estava segura, era amada e mimada. Lia e escrevia e brincava e sonhava. Nada era esperado dela além de ser exatamente como e quem era. Às vezes, mais.

– Você, minha menina, é uma criatura do castelo – costumava lhe dizer seu pai. – Somos iguais, você e eu. – E, por muito tempo, Juniper se sentira perfeitamente satisfeita com tal descrição.

Ultimamente, entretanto, de uma forma que ela não conseguia explicar exatamente, as coisas começaram a mudar. Às vezes, ela acordava à noite com um inexplicável sobressalto no coração; um desejo, como fome, mas de que ela não sabia dizer. Insatisfação, melancolia, uma ausência profunda e involuntária, mas nenhuma ideia de como preenchê-la. Nenhuma ideia do que lhe fazia falta. Ela havia caminhado e corrido; escrevera com rapidez e fúria. Palavras, sons pressionaram-se contra seu crânio, exigindo libertação, e colocá-los no papel era um alívio; ela não agonizava, ela não refletia, nunca relia o que escrevera; bastava liberar as palavras de modo que as vozes em sua cabeça fossem silenciadas.

Então, um dia, uma súbita ânsia a levava à vila. Ela não dirigia com frequência, mas levava o grande e antigo Daimler até a High Street. Como se estivesse em um sonho, como se fosse um personagem na história de outra pessoa, estacionou-o e entrou no

salão comunitário; uma mulher falou com ela, mas a essa altura Juniper já vira Meredith.

Mais tarde, Saffy lhe perguntaria como fizera sua escolha e Juniper responderia:

– Eu não escolhi.

– Não gosto de discordar, benzinho, mas tenho absoluta certeza de que foi você quem a trouxe para casa.

– Sim, claro, mas eu não *escolhi*. Eu simplesmente sabia.

Juniper nunca tivera uma amiga antes. Outras pessoas, os pomposos amigos de seu pai, visitantes do castelo, simplesmente pareciam inalar mais ar do que deviam. Eles sufocavam uma pessoa com suas bazófias, sua pose e sua tagarelice. Mas Meredith era diferente. Ela era engraçada e via as coisas do seu próprio modo. Era uma amante de livros que nunca fora exposta a livros; era dotada de poderes de observação perspicazes, mas seus pensamentos e sentimentos não eram filtrados através daqueles que lera, que haviam sido escritos antes. Possuía uma maneira singular de ver o mundo e de se expressar que pegava Juniper desprevenida e a fazia rir, pensar e sentir de uma maneira nova.

Melhor do que tudo, entretanto, Meredith viera carregada de histórias do mundo exterior. Sua chegada abrira um pequeno rasgo no tecido de Milderhurst. Uma janela minúscula, luminosa, contra a qual Juniper podia pressionar os olhos e vislumbrar o que havia ao longe.



E agora, veja só o que ela trouxera! Um homem, um homem de verdade, de carne e osso. Um rapaz do mundo exterior, do mundo real, aparecera na piscina. A luz desse mundo brilhara através do véu, mais luminosa agora que um segundo buraco fora rasgado, e Juniper compreendeu que, de alguma forma, ela precisava ver mais.

Ele quis ficar, subir com elas até o castelo, mas Juniper lhe dissera que não. O castelo era completamente errado: ela queria observá-lo, inspecioná-lo como um gato – cuidadosamente, devagar, sem ser notada enquanto deslizava perto de sua pele; se não podia ter isso, era melhor não ter nada. Ele permaneceria, assim, um momento

silencioso, iluminado pelo sol; uma brisa contra sua face conforme o balanço lançava-se para frente e para trás pela piscina ensolarada; um novo aperto, baixo, em seu ventre.

Ele se foi. E elas ficaram. E ela passou o braço pelo ombro de Meredith e riu enquanto retornavam pela colina acima; brincou sobre o hábito de Saffy de espetar alfinetes tanto nos tecidos quanto nas pernas; mostrou a velha fonte, que já não funcionava mais; parou um instante para inspecionar a água verde e estagnada dentro dela, as libélulas esvoaçando intermitentemente pela borda. Mas durante todo o tempo seus pensamentos se alongavam atrás dela como o fio de uma aranha, seguindo o homem conforme ele percorria seu caminho em direção à estrada.

Ela começou a caminhar, mais rápido agora. Estava quente, tão quente, seus cabelos já estavam secando, grudando nos lados do rosto, sua pele parecia mais esticada do que o normal. Sentia-se estranhamente vitalizada. Sem dúvida, Meredith podia ouvir seu coração, martelando contra suas costelas?

– Tive uma grande ideia – disse ela. – Você já se perguntou como é a França? – E ela tomou a mão de sua pequena amiga e juntas correram, subiram as escadas, passaram pelas roseiras-bravas, atravessaram o longo túnel formado por fileiras de árvores. Lépidas – a palavra veio à sua mente e a fez se sentir mais leve, como uma corça. Mais rápido, mais rápido, ambas rindo, e o vento agitava os cabelos de Juniper, seus pés se alegravam contra a terra dura, quente, e a alegria corria com ela. Finalmente, alcançaram o pórtico, subiram os degraus atabalhoadamente, arfando, as duas, atravessaram as portas duplas e entraram no silêncio frio da biblioteca.

– June? É você?

Era Saffy, sentada à sua escrivaninha. Querida Saffy, erguendo os olhos de trás da máquina de escrever como tinha por hábito; sempre um pouco desnorteada, como se tivesse sido surpreendida no meio de um sonho róseo, encantado, e a realidade fosse uma surpresa ligeiramente cinzenta.

Se fora devido ao sol, à piscina, ao homem, ao céu límpido e azul, o fato é que Juniper não resistiu a plantar um beijo no topo da

cabeça de sua irmã quando passaram correndo.

Saffy ficou radiante.

– Meredith...? Oh, sim, ela está aí. Ótimo. Oh, vejo que andou nadando; cuidado para que papai...

Mas qualquer que tenha sido o aviso, Juniper e Meredith já haviam desaparecido antes de Saffy terminá-lo. Correram por sombrios corredores de arenito, subiram lances estreitos de escadas, andar por andar, até finalmente alcançarem o sótão no alto do castelo. Juniper dirigiu-se imediatamente para a janela aberta, subiu sem esforço na estante de livros e girou o corpo de tal maneira que seus pés ficaram no telhado do lado de fora.

– Venha – disse ela a Meredith, ainda parada na entrada, um ar estranho no rosto. – Depressa.

Meredith deixou escapar um suspiro hesitante, ajeitou os óculos no cavalete do nariz, depois a seguiu; fez exatamente o que Juniper havia feito. Pouco a pouco, avançou pelo telhado íngreme, até chegarem ao ressalto que se projetava para o sul como a proa de um navio.

– Lá, está vendo? – disse Juniper, quando estavam sentadas lado a lado, na parte plana atrás das telhas da borda. Ela apontou para um rabisco no horizonte distante.

– Eu disse a você. Dá para ver até a França.

– Verdade? É a França?

Juniper balançou a cabeça, mas não prestou mais nenhuma atenção à linha da costa. Em vez disso, estreitou os olhos para o imenso campo de capim longo e amarelado, contornando o bosque Cardarker; vasculhando, vasculhando, na esperança de um último vislumbre final.

Um sobressalto. Ela o viu, uma figura minúscula, atravessando o campo junto à primeira ponte. As mangas de sua camisa estavam enroladas até os cotovelos, isso ela podia ver, e tinha as mãos espalmadas ao lado do corpo, roçando o topo do capim alto. Ele parou, ergueu e dobrou os braços de modo que as mãos se posicionassem na nuca; parecia abraçar o céu. Ela percebeu que ele estava virando; virara. Olhava agora para o castelo. Ela prendeu a

respiração; perguntou-se como a vida podia mudar tanto em meia hora quando na verdade praticamente nada mudara.

– O castelo usa uma saia. – Meredith apontava para o chão lá embaixo.

Ele caminhava outra vez, e depois desapareceu atrás da curva da colina e tudo ficou imóvel. Thomas Cavill deslizara pela fenda para dentro do mundo do outro lado. O ar ao redor do castelo pareceu perceber isso.

– Olhe – disse Meredith. – Bem lá embaixo.

Juniper tirou os cigarros do bolso.

– Havia um fosso lá. Papai mandou aterrar quando sua primeira mulher morreu. Nós também não devemos nadar na piscina. – Ela sorriu quando o rosto de Meredith se transformou na imagem da ansiedade. – Não fique tão preocupada, Merry. Ninguém vai ficar zangado quando eu lhe ensinar a nadar. Papai não sai mais de sua torre, portanto não tem como saber se usamos ou não a piscina. Além do mais, quando o dia está quente assim, é um crime não entrar na água.

Morna, perfeita, azul.

Juniper acendeu o fósforo com força. Com uma longa tragada, ela levou a mão para trás, sobre o telhado inclinado, e apoiou-se nela, estreitando os olhos para o céu claro e azul. O teto de sua cúpula. E palavras vieram-lhe à mente, mas não suas:

Eu, uma velha tartaruga,

Me darei asas e voarei para algum galho seco; e lá

Meu companheiro, que nunca mais será encontrado,

Lamentarei até à morte.

Ridículo, é claro. Completamente ridículo. O sujeito não era seu companheiro; não era ninguém para ela lamentar até a morte. No entanto, as palavras estavam lá.

– Você gostou do sr. Cavill?

O coração de Juniper deu um salto; seu rosto ardeu com um calor instantâneo. Ela fora descoberta! Meredith intuía o funcionamento secreto de sua mente. Ela puxou a alça úmida de seu vestido para cima do ombro outra vez; estava ganhando tempo, devolvendo os fósforos ao bolso, quando Meredith disse:

– Eu gosto.

E pela cor rosada de suas bochechas Juniper percebeu que Meredith realmente gostava muito de seu professor. Ficou dividida entre o alívio de que seus próprios pensamentos ainda fossem privados e uma inveja avassaladora, esmagadora, de que seus sentimentos fossem compartilhados. Olhou para Meredith, e esta última sensação passou tão rápido quanto havia surgido. Procurou mostrar-se indiferente:

– Por quê? O que você gosta nele?

Meredith não respondeu de imediato. Juniper fumava e fitava o ponto onde aquele homem abrisse uma brecha na cúpula de Milderhurst.

– Ele é muito inteligente – disse ela por fim. – E bonito. E ele é gentil, mesmo com as pessoas que não são fáceis de lidar. Ele tem um irmão retardado, um sujeito grandalhão que age como um bebê, chora facilmente e grita, às vezes no meio da rua, mas você devia ver como o sr. Cavill é paciente e bondoso com ele. Se os visse juntos, você diria que ele estava se divertindo como nunca, e não daquela forma exagerada que as pessoas adotam quando sabem que estão sendo observadas. Ele é o melhor professor que eu já tive. Ele me deu um diário de presente, um verdadeiro, com capa de couro. Ele diz que, se eu trabalhar com afinco, poderei continuar na escola mais tempo, talvez até mesmo ir para um liceu ou universidade, escrever adequadamente um dia: contos ou poemas, ou artigos para o jornal. – Houve uma pausa em que ela respirou fundo, depois continuou: – Ninguém nunca achou que eu fosse boa em alguma coisa antes.

Juniper inclinou-se para bater ombros com a criaturinha magrela ao seu lado.

– Bem, isso é pura loucura, Merry – disse ela. – O sr. Cavill tem razão, é claro, você é boa em muitas coisas. Só conheço você há alguns dias e posso ver que...

Ela tossiu nas costas da mão, impossibilitada de continuar. Fora tomada por um sentimento estranho enquanto ouvia Meredith descrever as qualidades de seu professor, sua bondade, enquanto a jovem falava nervosamente de suas próprias aspirações. Um calor

começara a subir pelo seu peito, crescendo até não poder mais ser contido, e então se espalhando como melão sob sua pele. Quando chegou aos olhos, pareceu ter adquirido pontos e ameaçou se transformar em lágrimas. Sentiu uma onda de ternura, sentiu-se protetora e vulnerável, e, quando viu o esboço de um sorriso de esperança se formar nos cantos da boca da menina, não pôde deixar de envolver Merry nos braços e apertá-la com força. A amiga ficou tensa sob o abraço, agarrando-se fortemente às telhas.

Juniper soltou-a.

– O que foi? Você está bem?

– É só um pouco de medo de altura, só isso.

– Ora, mas você não disse nada!

Meredith encolheu os ombros, focalizando o olhar nos seus pés descalços.

– Tenho medo de muitas coisas.

– É mesmo?

Ela balançou a cabeça.

– Bem. Acho que isso é bastante normal.

Meredith virou a cabeça abruptamente.

– Você sente medo de alguma coisa?

– Claro. Quem não sente?

– De quê?

Juniper abaixou a cabeça, tragou com força o cigarro.

– Não sei.

– De fantasmas e coisas assustadoras no castelo?

– Não.

– De altura?

– Não.

– De se afogar?

– Não.

– Não ser amada e ficar sozinha para sempre?

– Não.

– Ter de fazer alguma coisa que não suporta pelo resto de sua vida?

Juniper fez uma careta.

– Cruzes... Não.

Então, Meredith pareceu tão desconsolada que ela não pôde deixar de dizer:

– Há uma coisa.

Seu pulso começou a acelerar, apesar de ela não ter nenhuma intenção de confessar a Meredith seu grande e terrível medo. Juniper tinha pouca experiência com amizade, mas tinha certeza de que contar a um conhecido novo e muito estimado que você temia ser capaz de grande violência não era aconselhável. Continuou, então, a fumar, lembrando-se do súbito ataque de fúria, a raiva que ameaçara rasgar suas entranhas. O modo como ela se arremetera contra ele, pegara a pá sem pestanejar e depois...

Acordara na cama, sua cama, Saffy ao seu lado e Percy à janela.

Saffy estava sorrindo, mas tinha havido um instante, antes de ela ver que Juniper estava acordada, em que suas feições contavam uma história diferente. Uma expressão angustiada, os lábios apertados, a testa franzida, que contradiziam suas posteriores palavras de consolo de que tudo estava bem. De que nada preocupante acontecera – ora, claro que não, querida! Só um pequeno episódio de lapso de tempo, em nada diferente dos anteriores.

Esconderam dela o que acontecera, por amor; ainda escondiam. Acreditara nelas no começo, cautelosamente, esperançosamente; claro que sim. Que razão, afinal, elas teriam para mentir? Ela sofrera de lapsos de tempo antes. Por que esse deveria ser diferente?

Mas o fato é que fora. Juniper descobriu o que elas estavam escondendo. Elas ainda não sabiam que ela sabia. No final, fora meramente por acaso. A sra. Simpson viera ao castelo para ver seu pai, e Juniper estava seguindo o riacho perto da ponte. A mulher inclinou-se sobre a balaustrada e apontou um dedo acusador para ela, dizendo:

– Você! – E Juniper se perguntou o que ela estaria querendo dizer.

– Você é uma selvagem. Um perigo para os outros. Devia ser presa pelo que fez.

Juniper não entendeu; não sabia do que a mulher estava falando.

– Meu menino precisou de trinta pontos. Trinta! Você é um animal. Um animal.

Isso fora o gatilho. Juniper se encolhera ao ouvi-la e uma lembrança se desalojou. Uma lembrança fragmentada, de contornos irregulares. Um animal – Emerson – ganindo de dor.

Embora tentasse ao máximo, forçasse a mente a focalizar, o resto se recusara a clarear. Permaneceu escondido no armário escuro de sua mente. Maldito cérebro defeituoso! Como o detestava. Ela abria mão de todas as outras coisas sem pensar duas vezes – a arte de escrever, os acessos vertiginosos de inspiração, a alegria de capturar o pensamento abstrato em uma página. Abria mão até mesmo dos visitantes, se isso significasse que poderia manter todas as suas lembranças. Ela tentara convencer suas irmãs, por fim até implorara, mas nenhuma das duas cedeu, e finalmente ela recorrera ao pai. Lá em cima em sua torre, ele lhe contara o resto – o que Billy Simpson fizera com o pobre e doente Emerson, o querido e velho cachorro que queria apenas pouco mais do que passar seus últimos dias ao lado do rododendro iluminado pelo sol – e o que Juniper fizera a Billy Simpson. E depois ele disse a ela que não se preocupasse. Que não era sua culpa.

– Esse garoto era malvado e metido a valentão. Mereceu tudo que lhe aconteceu. – Então, ele sorriu, mas por trás de seus olhos espreitava o olhar assombrado. – As regras – disse ele – são diferentes para pessoas como você, Juniper. Para pessoas como nós.



– E então? – quis saber Meredith. – O que é? De que você tem medo?

– Tenho medo, eu acho – disse Juniper, examinando a margem escura do bosque Cardarker –, de ficar como meu pai.

– Como assim?

Não havia como explicar, nenhuma maneira que não fosse sobrecarregar Merry com fatos que ela não deveria saber. O medo que apertava como um elástico em volta do coração de Juniper, o terrível pavor de que ela fosse terminar seus dias como uma velha louca, vagando pelos corredores do castelo, afogando-se em um mar de papéis e com medo das criaturas criadas pela sua própria caneta. Deu de ombros, tentou minimizar a importância de sua confissão.

– Ah, você sabe. Que eu nunca vou escapar deste lugar.

– Por que você iria querer ir embora?

– Minhas irmãs me sufocam.

– A minha *gostaria* de me sufocar.

Juniper sorriu e bateu as cinzas do cigarro na calha.

– Estou falando sério. Ela me odeia.

– Por quê?

– Porque sou diferente. Porque não quero ser como ela, embora seja isso que todo mundo espere de mim.

Juniper tragou seu cigarro longamente, inclinou a cabeça e observou o mundo distante.

– Como uma pessoa pode esperar escapar de seu destino, Merry? Essa é a pergunta.

Um silêncio, e depois uma vozinha prática:

– Sempre há o trem, eu acho.

Juniper, no começo, achou que ouvira mal; olhou para Meredith e compreendeu que a menina falava completamente a sério.

– Quero dizer, há ônibus também, mas acho que o trem seria mais rápido. Uma viagem mais tranquila também.

Juniper não se conteve, começou a rir, uma gargalhada que aflorou do fundo de seu ser.

Meredith sorriu sem muita firmeza e Juniper deu-lhe um grande abraço.

– Oh, Merry – disse ela. – Sabe que você é realmente, verdadeiramente e completamente perfeita?

Meredith abriu um sorriso radiante e as duas deitaram-se para trás, sobre as telhas, observando a tarde estender sua película pelo céu.

– Conte-me uma história, Merry.

– Que tipo de história?

– Fale-me mais de sua Londres.

Os classificados

1992

PAPAI ESTAVA ESPERANDO quando voltei da visita a Theo Cavill. A porta da frente nem havia se trancado atrás de mim quando a sineta soou de seu quarto. Subi imediatamente e encontrei-o recostado contra os travesseiros, segurando a xícara e o pires que mamãe lhe trouxera depois do jantar, e fingindo surpresa.

– Oh, Edie – disse ele, olhando de relance para o relógio de parede. – Eu não a esperava. Perdi completamente a noção do tempo.

Uma afirmação bem pouco provável. Meu exemplar do *Homem de Lama* estava virado para baixo, ao seu lado sobre o cobertor, e o caderno-espiral que ele passara a chamar de seu “registro de caso” estava apoiado em seus joelhos. A cena rescendia a uma tarde inteira de reflexão sobre os mistérios do *Homem de Lama*, e não menos a maneira como ele avidamente inspecionou os impressos que despontavam da abertura da minha bolsa. Embora eu não saiba dizer por quê, o diabo se apoderou de mim naquele momento e eu bocejei exageradamente, dando uns tapinhas na boca e dirigindo-me lentamente para a poltrona do outro lado de sua cama. Sorri quando estava confortavelmente instalada, e finalmente ele não conseguiu mais se conter:

– Imagino que não tenha tido nenhuma sorte na biblioteca, não é? Sequestros antigos no castelo Milderhurst?

– Oh – disse. – Claro. Me esqueci completamente. – Tirei o arquivo da bolsa e arrumei as páginas, entregando-lhe os artigos de sequestros para sua leitura cuidadosa.

Ele passou os olhos pelos artigos, um após o outro, com uma avidez que fez com que me sentisse cruel por tê-lo feito esperar. Os médicos conversaram mais conosco sobre os riscos de depressão em pacientes cardíacos, especialmente um homem como meu pai,

acostumado a estar sempre ocupado, a ser importante, e que já estava em terreno instável, lidando com sua recente aposentadoria. Se ele via um futuro para si próprio como um detetive literário, não seria eu quem iria impedi-lo. Não importa que o *Homem de Lama* fosse o primeiro livro que ele lia em aproximadamente quarenta anos. Além do mais, parecia-me um objetivo de vida muito melhor do que os intermináveis consertos domésticos de coisas que, para começar, nem estavam quebradas. Decidi esforçar-me um pouco mais:

– Alguma coisa pertinente, papai?

Sua expressão ardorosa, notei, havia começado a desanimar.

– Nada disso tem a ver com Milderhurst.

– Receio que não. Não diretamente, de qualquer modo.

– Mas eu tinha certeza de que haveria alguma coisa.

– Sinto muito, papai. Foi o melhor que pude fazer.

Ele fez uma careta, tentando sorrir corajosamente.

– Não tem importância, não é culpa sua, Edie, e não devemos nos deixar desencorajar. Só precisamos pensar sob outro ângulo. – Ele bateu a caneta contra o queixo e em seguida apontou-a para mim. – Andei repassando o livro a tarde inteira e tenho certeza de que é alguma coisa a ver com o fosso. Tem de ser. Diz no seu livro sobre Milderhurst que Raymond Blythe mandou aterrar o fosso pouco antes de escrever o *Homem de Lama*.

Balancei a cabeça com toda a convicção que pude reunir e decidi não lembrá-lo da morte de Muriel Blythe e a subsequente demonstração de pesar de Raymond.

– Bem, então é isso – disse ele animadamente. – Deve significar alguma coisa. E a criança na janela, roubada enquanto seus pais dormiam? Está tudo lá, só preciso fazer a conexão certa.

Ele voltou sua atenção novamente para os artigos, lendo-os devagar e cuidadosamente, fazendo anotações rápidas e enérgicas. Tentei me concentrar, mas era difícil quando um verdadeiro mistério atormentava minha mente. Por fim, fiquei olhando fixamente pela janela para a luz turva do crepúsculo; a lua crescente estava alta no céu púrpura e nuvens esvoaçantes flutuavam à sua frente. Meus pensamentos estavam com Theo e o irmão que desaparecera sem

deixar vestígio havia cinquenta anos, quando deixou de comparecer ao castelo Milderhurst. Eu começara a procurar Thomas Cavill na esperança de encontrar alguma coisa que me ajudasse a entender melhor a loucura de Juniper, e embora isso não tivesse acontecido, meu encontro com Theo certamente mudara meu modo de ver Tom. Não um vigarista, absolutamente, mas um sujeito, se seu irmão estiver correto, que fora muito caluniado. Certamente, por mim.

– Você não está ouvindo.

Desviei os olhos da janela, pestanejei; papai me observava com ar de reprovação por cima dos óculos de leitura.

– Andei esboçando uma teoria muito lógica, Edie, e você não ouviu nem uma palavra.

– Ouvi, sim. Fossos, bebês... – Eu me contraí, tentei pilheriar: – Barcos?

Ele resmungou, indignado:

– Você está tão ruim quanto sua mãe. Vocês duas estão completamente distraídas ultimamente.

– Não sei do que você está falando, papai. Vamos – apoiei os cotovelos nos joelhos e esperei –, olhe, sou toda ouvidos. Apresente-me a teoria.

Seu desapontamento não era nem de longe tão grande quanto seu entusiasmo, e ele não se fez de rogado.

– É esse relato aqui que me fez pensar. Um sequestro não solucionado de um garoto de seu quarto em uma mansão perto de Milderhurst. A janela foi deixada escancarada, apesar de a ama-seca insistir que a tinha verificado quando as crianças foram dormir, e havia marcas no chão que pareciam indicar uma escada portátil. Era 1872, e Raymond devia ter, portanto, seis anos. Com idade suficiente para o acontecimento em geral ter deixado uma forte impressão nele, não acha?

Era possível, creio. Não era *impossível*.

– Definitivamente, papai. Parece muito provável.

– O argumento decisivo é que o corpo do garoto foi encontrado após uma extensa busca – riu, orgulhoso de si mesmo e aumentando o suspense – no fundo de um lamacento lago estadual.

– Seus olhos vasculharam os meus, seu sorriso vacilou.

– O que foi? Por que está com essa cara?

– Eu... porque é terrível. O pobre menino. Sua pobre família.

– Bem, sim, é claro, mas isso foi há cem anos e agora todos eles já se foram, e é exatamente isso o que eu estou dizendo. Deve ter sido terrível para o menino que vivia no castelo perto dali ouvir seus pais falarem sobre o caso.

Lembrei-me das travas na janela do quarto das crianças; Percy Blythe contando-me que Raymond era preocupado com segurança por causa de algo em sua infância. A teoria de papai de fato fazia sentido.

– É verdade.

Ele franziu a testa.

– Mas ainda não sei ao certo o que tudo isso tem a ver com o fosso em Milderhurst. Ou como o corpo enlameado do menino transformou-se em um homem que vive no fundo de um fosso de lama. Ou por que a descrição do homem emergindo seria tão vívida.

Uma batida suave na porta e nós dois erguemos os olhos para ver mamãe.

– Não quero interromper. Só estou verificando se você terminou com sua xícara de chá.

– Obrigado, querida. – Ele a estendeu e ela hesitou antes de se aproximar para pegá-la.

– Vocês estão bem ocupados aqui – disse ela, fingindo grande interesse em uma gota de chá na borda externa da xícara. Enxugando-a com o dedo e fazendo todo o possível para não olhar em minha direção.

– Estamos trabalhando em nossa teoria. – Papai piscou para mim, abençoadamente alheio ao fato de que uma frente fria havia dividido seu quarto ao meio.

– Imagino que ainda vão demorar. Vou dar boa-noite e ir para o meu quarto. Foi um dia um pouco cansativo. – Ela beijou papai no rosto e depois balançou a cabeça em minha direção, sem realmente fazer contato visual. – Boa-noite, Edie.

– Boa-noite, mamãe.

Oh, santo Deus, como tudo estava tenso entre nós! Não a vi sair, fingindo grande interesse no impresso em meu colo. Por acaso, era

o conjunto de páginas grampeadas que a srta. Yeats havia obtido sobre o Pembroke Farm Institute. Passei os olhos pela introdução, que me deu a história do grupo: começou em 1907 com um sujeito chamado Oliver Sykes – o nome era familiar e eu vasculhei a mente até me lembrar de que era o arquiteto que havia projetado a piscina redonda em Milderhurst. Era de imaginar; se Raymond Blythe fosse deixar dinheiro a um grupo de conservacionistas, deviam ser pessoas que ele tivesse motivo para admirar. Portanto, ele teria empregado as mesmas pessoas para trabalhar em sua preciosa propriedade – a porta do quarto de mamãe se fechou e eu soltei um suspiro quase de alívio. Larguei os papéis e tentei agir normalmente em prol do papai.

– Sabe, papai – disse, a garganta áspera –, acho que você pode ter descoberto algo interessante; essa história do lago e do menino.

– É disto que estou falando, Edie.

– Eu sei. E definitivamente acho que pode ter sido a inspiração para o livro.

Ele revirou os olhos.

– Não, isso não; esqueça o livro. Estou me referindo à sua mãe.

– A mamãe?

Ele apontou para a porta fechada.

– Ela está infeliz e eu não gosto de vê-la assim.

– Está imaginando coisas.

– Não sou tolo. Ela tem andado triste pela casa há semanas, então hoje ela mencionou que havia encontrado os classificados de aluguéis em seu quarto e começou a chorar.

Mamãe esteve no meu quarto?

– Mamãe chorou?

– Ela sente muito as coisas, sempre foi assim. Muito sentimental. Você também é assim, vocês duas.

Eu não tenho certeza se o comentário foi calculado para me pegar desprevenida, mas a própria ideia de mamãe ser sentimental era tão perturbadora que eu perdi qualquer condição de insistir que ele estava total e completamente errado a respeito de nós sermos parecidas.

– O que quer dizer?

– Foi uma das coisas que mais me atraíram nela. Ela era diferente de todas as esnobes que eu já encontrara antes. A primeira vez que a vi, ela estava chorando de soluçar.

– É mesmo?

– Estávamos no cinema. Por acaso, éramos os únicos lá. Não era um filme particularmente triste, não que eu achasse, mas sua mãe passou o tempo inteiro chorando no escuro. Ela tentou esconder, mas, quando saímos para o *foyer*, seus olhos estavam vermelhos como a sua camiseta. Senti tanta pena dela que a convidei para comer bolo.

– Por que ela estava chorando?

– Eu nunca soube exatamente. Ela chorava à toa naquela época.

– Não... Verdade?

– Oh, sim. Era muito sensível, e engraçada também; inteligente e imprevisível. Tinha uma maneira de descrever as coisas que fazia você vê-las como se fosse pela primeira vez.

Eu queria perguntar “O que aconteceu?”, mas a insinuação de que ela já não era nada disso pareceu-me cruel. Fiquei feliz quando papai continuou sem que eu precisasse dizer nada.

– As coisas mudaram – disse ele – depois de seu irmão. Depois de Daniel. As coisas ficaram diferentes.

Eu não tinha certeza de já ter ouvido meu pai alguma vez pronunciar o nome de Daniel, e o efeito foi me paralisar. Havia tantas coisas que eu queria dizer, perguntar, que elas se embaralharam e eu consegui apenas exclamar “Ah”.

– Foi uma coisa terrível. – Sua voz era baixa e regular, mas seu lábio inferior o traiu, um tremor estranho, involuntário, que me deu um aperto no coração. – Uma coisa terrível.

Toquei seu braço de leve, mas ele não pareceu notar. Seus olhos estavam fixos numa parte do carpete perto da porta; sorriu melancolicamente para algo que não estava lá, antes de dizer:

– Ele gostava de pular. Adorava. “Eu sei pular!”, dizia ele. “Olhe, papai, eu pulo!”

Eu podia imaginá-lo na época, meu pequeno irmão mais velho. Radiante de orgulho enquanto dava saltos desajeitados pela casa.

– Eu teria gostado de conhecê-lo.

Papai colocou a mão sobre a minha.

– Eu também teria gostado disso.

A brisa da noite brincou com a cortina junto ao meu ombro e eu estremei.

– Eu costumava pensar que tínhamos um fantasma. Quando eu era pequena. Às vezes, eu ouvia você e mamãe conversando; ouvia vocês dizerem o nome dele, mas, sempre que eu entrava no aposento, vocês paravam. Uma vez eu perguntei à mamãe sobre ele.

Ele ergueu os olhos e buscou os meus.

– O que ela disse?

– Disse que eu estava imaginando coisas.

Papai levantou uma das mãos e franziu a testa para ela, abriu os dedos e fechou-os, amassando um pedaço invisível de papel enquanto dava um suspiro entrecortado.

– Achei que estávamos fazendo a coisa certa. Fizemos o melhor que pudemos.

– Sei que fizeram.

– Sua mãe... – Ele cerrou os lábios contra sua tristeza e uma parte de mim queria acabar com seu sofrimento. Mas não pude. Esperei tanto tempo para ouvir esta história – afinal, ela descrevia minha ausência – e estava ansiosa por qualquer migalha que ele pudesse partilhar. Ele escolheu suas palavras seguintes com um cuidado que era doloroso de observar. – Sua mãe recebeu isso particularmente mal. Ela se culpava. Não conseguia aceitar que o que aconteceu – engoliu em seco –, o que aconteceu a Daniel... foi um acidente. Ela meteu na cabeça que de algum modo ela mesma causara tudo, que ela merecia perder um filho.

Fiquei sem fala, e não apenas porque o que ele descrevia era tão horrível, tão triste, mas simplesmente pelo fato de ele estar me contando isso.

– Mas por que ela pensaria tal coisa?

– Não sei.

– A condição de Daniel não era hereditária.

– Não.

– Foi apenas... – busquei palavras que não fossem “um fato da vida”, mas não consegui.

Ele fechou seu caderno espiral, juntou-o cuidadosamente ao *Homem de Lama* e colocou-os na mesinha de cabeceira. Evidentemente não iria haver leitura esta noite.

– Às vezes, Edie, os sentimentos de uma pessoa não são racionais. Ao menos, não parecem ser na superfície. Você tem de ir um pouco mais fundo para compreender o que está na base de tudo.

E eu pude apenas assentir, porque o dia já fora muito bizarro e agora meu pai estava me relembrando das sutilezas da condição humana e tudo estava confuso demais para eu processar.

– Sempre achei que tinha alguma coisa a ver com a própria mãe dela; uma briga que tiveram, anos antes, quando sua mãe ainda era adolescente. Elas se afastaram depois disso. Eu nunca soube dos detalhes, mas o que quer que sua avó tenha dito, Meredith lembrou-se quando perdeu Daniel.

– Mas vovó jamais magoaria mamãe, não se dependesse dela.

Ele sacudiu a cabeça.

– Nunca se sabe, Edie. Não quando se trata de gente. Nunca gostei da maneira como sua avó e Rita costumavam se unir contra sua mãe. Deixava um sabor amargo na minha boca. As duas conspirando contra ela, usando você como arma.

Fiquei surpresa ao ouvir sua versão da situação; emocionada com o carinho em sua voz enquanto me contava. Rita deixara implícito que mamãe e papai eram esnobes, que eles menosprezavam o resto da família, mas ouvindo papai falar... bem, comecei a achar que a história não era tão clara quanto eu imaginara.

– A vida é curta demais para desavenças, Edie. Um dia você está aqui, no outro não está mais. Não sei o que aconteceu entre você e sua mãe, mas ela está infeliz e isso me faz infeliz, e eu sou um sujeito *não muito* velho, recuperando-se de um ataque cardíaco, cujos sentimentos devem ser levados em conta.

Sorri, e ele também.

– Faça as pazes com ela, querida.

Assenti.

– Preciso da minha mente livre se eu quiser desvendar essa história do *Homem de Lama*.



Sentei-me recostada na cabeceira da minha cama mais tarde naquela noite com as páginas dos classificados espalhadas à minha frente, rabiscando círculos ao redor de apartamentos que eu não tinha a menor esperança de poder pagar e pensando na jovem chorosa, alegre, engraçada, sensível que eu nunca tivera a chance de conhecer. Um enigma em uma daquelas fotografias antiquadas – quadradas, com os cantos arredondados, e cores suaves, esmaecidas – usando calças desbotadas, boca de sino, e uma blusa estampada de flores, segurando a mão de um menino com um corte de cabelo no formato de cuia e sandálias de couro. Um garotinho que gostava de pular e cuja morte logo iria surpreendê-la.

Pensei, também, na opinião de papai de que mamãe culpara a si mesma pela morte de Daniel. Sua convicção de que ela merecia perder um filho. Algo na maneira como ele o disse, o uso que fez da palavra “perder”, talvez, a suspeita de que tinha algo a ver com uma briga que ela tivera com minha avó me fizeram pensar na última carta que mamãe enviara para seus pais. Suas súplicas para que a deixassem permanecer em Milderhurst, sua afirmação de que havia finalmente encontrado o lugar a que pertencia, a insistência de que sua escolha não significava que vovó a havia “perdido”.

Ligações estavam sendo feitas, eu podia senti-las, mas meu estômago não se importava nem um pouco. Emitiu uma interrupção sem nenhuma cerimônia, lembrando-me de que eu não havia comido nada desde a lasanha de Herbert.

A casa estava silenciosa e eu fui cuidadosamente pelo corredor escuro em direção às escadas. Já estava quase chegando lá quando notei uma fina faixa de luz embaixo da porta do quarto de mamãe. Hesitei, a promessa que fizera a papai ressoando em meus ouvidos; a pequena questão de fazer as pazes. Minhas chances não eram animadoras – não há ninguém como mamãe para deslizar lepidamente por uma superfície de gelo –, mas era importante para papai, então inspirei fundo e bati, bem de leve, na porta. Nada

aconteceu e por um instante achei que seria poupada, mas em seguida uma voz baixa veio do outro lado:

– Edie? É você?

Abri a porta e vi mamãe sentada na cama embaixo do meu quadro favorito da lua cheia transformando um mar negro como alcaçuz em mercúrio. Seus óculos de leitura estavam equilibrados na ponta do nariz e um romance intitulado *Os últimos dias em Paris* apoiado em seus joelhos. Sua expressão enquanto pestanejava para mim era de tensa incerteza.

– Vi a luz debaixo da porta.

– Não conseguia dormir. – Inclinou o livro para mim. – Ler, às vezes, ajuda.

Concordei balançando a cabeça, e nenhuma de nós duas disse mais nada; meu estômago notou o silêncio e aproveitou a oportunidade para preenchê-lo. Eu começava a me mover, desculpando-me para sair e escapar para a cozinha, quando mamãe disse:

– Feche a porta, Edie.

Fiz o que ela disse.

– Por favor, venha sentar-se aqui. – Ela tirou os óculos e pendurou-os por sua corrente na cabeceira da cama. Sentei-me cautelosamente, reclinando-me contra a grade de madeira do pé da cama, no mesmo lugar que ocupava quando criança nas manhãs do meu aniversário.

– Mãe – comecei a dizer –, eu...

– Você estava certa, Edie. – Ela colocou o marcador de páginas no seu livro; fechou-o, mas não o abandonou na mesinha de cabeceira.

– Eu realmente a levei de volta a Milderhurst. Já faz muitos anos.

Fui tomada por uma repentina vontade de chorar.

– Você era apenas uma menininha. Não achei que fosse se lembrar. Não nos demoramos lá. Na realidade, não tive coragem de ir além dos portões de entrada. – Ela não me olhou nos olhos, agarrando o livro com força junto ao peito. – Foi errado o que eu fiz, fingindo que você tinha imaginado tudo. É que foi... um grande choque quando você perguntou. Eu não estava preparada. Eu não pretendia mentir a respeito disso. Pode me perdoar?

É possível não esmorecer diante de um pedido como esse?

– Claro.

– Eu amava aquele lugar – disse ela, os lábios contraídos. – Nunca quis deixá-lo.

– Ah, mamãe. – Eu queria estender a mão e tocá-la.

– Eu a amava também; Juniper Blythe. – Então, ela ergueu os olhos e a expressão em seu rosto era tão perdida, tão desamparada que fiquei com a respiração presa na garganta.

– Fale-me dela, mamãe.

Houve uma pausa, uma pausa prolongada, e eu pude ver pelos seus olhos que ela estava muito longe dali e muito tempo atrás.

– Ela era... diferente de qualquer pessoa que eu tivesse conhecido. – Mamãe afastou uma mecha de cabelo imaginária da testa. – Era encantadora. E digo isso muito sinceramente. Ela me enfeitiçou.

Pensei na mulher de cabelos prateados com que eu me encontrara no corredor escuro de Milderhurst; a total transformação de seu rosto quando ela sorriu, o relato de Theo sobre as cartas de seu irmão loucamente apaixonado. A menina da fotografia, pega de surpresa e fitando a câmera com aqueles olhos bem separados.

– Você não queria voltar de Milderhurst.

– Não.

– Queria permanecer com Juniper.

Ela balançou a cabeça.

– E vovó ficou furiosa.

– Oh, sim. Ela queria me ver em casa há meses, mas eu... eu consegui persuadi-la de que devia ficar. Então, veio a Blitz e eles ficaram satisfeitos, eu acho, de eu estar a salvo. Mas, finalmente, ela enviou meu pai para me trazer de volta, e eu nunca mais voltei ao castelo. Mas sempre me perguntei.

– Sobre Milderhurst?

Ela sacudiu a cabeça.

– Sobre Juniper e o sr. Cavill.

Minha pele realmente se arrepiou e eu agarrei a grade da cama com força.

– Esse era o nome do meu professor favorito – continuou ela. – Thomas Cavill. Eles ficaram noivos, sabe, e eu nunca mais tive notícias de nenhum dos dois.

– Até que a carta perdida de Juniper chegou.

À menção da carta, mamãe encolheu-se.

– Sim – disse.

– E isso a fez chorar.

– Sim. – E por um longo instante achei que ela fosse chorar outra vez. – Mas não porque a carta fosse triste, não a carta em si. Não exatamente. Durante todo o tempo, veja bem, durante todo o tempo em que esteve perdida, achei que ela havia esquecido.

– Esquecido o quê?

– Ora, esquecido de mim, é claro. – Os lábios de mamãe tremiam.

– Achei que eles tinham se casado e se esquecido completamente de mim.

– Mas não tinham.

– Não.

– Aliás, não tinham nem sequer se casado.

– Não, mas eu não sabia disso. Só soube quando você me contou. Tudo o que eu sabia é que nunca mais ouvira falar de nenhum dos dois outra vez. Eu havia enviado algo a Juniper, sabe, algo muito importante para mim, e estava esperando sua resposta. Esperei e esperei, verificando o correio duas vezes por dia, mas nada chegou.

– Você escreveu novamente para ela? Para saber por que, para confirmar se ela havia recebido a sua remessa?

– Eu quase fiz isso, várias vezes, mas me parecia uma atitude muito carente. Então, eu me encontrei por acaso com uma das irmãs do sr. Cavill no mercado e ela me disse que ele havia fugido para se casar sem falar com ninguém.

– Oh, mamãe. Sinto muito.

Ela colocou o livro sobre a colcha ao seu lado e disse suavemente:

– Eu odiei os dois depois disso. Fiquei muito magoada. A rejeição é um câncer, Edie. Ela devora uma pessoa. – Arrastei-me para mais perto e tomei sua mão na minha; ela agarrou-a com firmeza. Havia lágrimas em seu rosto. – Eu a odiava e a amava, e isso doía muito. –

Enfiou a mão no bolso de seu roupão e me entregou um envelope. – E então recebi isto. Cinquenta anos depois.

Era a carta perdida de Juniper. Peguei-a da mão de mamãe, incapaz de falar, sem saber ao certo se ela queria que eu a lesse. Fitei-a nos olhos e ela fez um sinal quase imperceptível com a cabeça.

Com os dedos trêmulos, abri a carta e comecei.

Querida Merry,

Minha menina tão, tão inteligente! Sua história chegou sã e salva e eu chorei quando a li. Que bela, bela história! Alegre e terrivelmente triste, e, oh! escrita de forma tão extraordinária. Que mocinha inteligente você é! Há tanta honestidade no que você escreve, Merry, uma verdade a que muitos aspiram, mas que poucos conseguem obter. Você deve continuar, não há nenhuma razão para que não faça exatamente o que deseja com sua vida. Não há nada impedindo-a, minha pequena amiga.

Eu adoraria ter podido lhe dizer isso pessoalmente, devolver seu manuscrito sob a árvore no parque, aquela com os pequenos diamantes de luz do sol presos entre as folhas, mas lamento dizer que não voltarei a Londres como pensei. Não por algum tempo, de qualquer modo. As coisas aqui não funcionaram como eu imaginara. Não posso dizer muito, apenas que algo aconteceu e é melhor que eu permaneça em casa por enquanto. Sinto sua falta, Merry. Você foi minha primeira e única amiga, eu algum dia lhe disse isso? Penso sempre em nosso tempo aqui juntas, especialmente naquela tarde no telhado, lembra-se? Você estava conosco apenas alguns dias e ainda não havia me contado que tinha medo de altura. Você me perguntou de que eu tinha medo e eu lhe disse. Eu nunca falara sobre isso com mais ninguém.

Adeus, querida amiga,

Com muito amor,

Juniper x

Reli a carta, eu precisava fazê-lo, percorrendo a escrita cursiva, rabiscada com os olhos. Havia tanto no teor da carta que me deixava curiosa, mas minha atenção se voltava para um fato em

particular. Mamãe a mostrara para mim para que eu entendesse Juniper, a amizade entre elas, mas eu só conseguia pensar em mamãe e eu. Toda a minha vida adulta transcorreria alegremente imersa no mundo de escritores e seus manuscritos: eu trouxera inúmeras anedotas para a mesa de jantar, embora soubesse que estavam caindo em ouvidos moucos, e desde a infância eu me considerava uma aberração. Nem uma vez mamãe sequer sugerira que ela houvesse abrigado aspirações literárias próprias. Rita dissera isso, é claro, mas até aquele momento, com a carta de Juniper na mão e minha mãe observando-me nervosamente, creio que eu não acreditara inteiramente nela. Devolvi a carta à mamãe, engolindo o bolo de pesar que se instalara em minha garganta.

– Você costumava escrever.

– Era uma fantasia de criança, algo que deixei para trás.

Mas percebi pela maneira como evitava meus olhos que fora bem mais do que isso. Eu queria continuar a pressionar, perguntar se atualmente ela alguma vez escrevia, se ainda tinha algum trabalho seu, se algum dia ela o mostraria a mim. Mas não o fiz. Ela fitava sua carta outra vez, a expressão tão triste que eu não tive coragem. Então, falei:

– Vocês eram boas amigas.

– Sim.

Eu a amava, mamãe dissera; *minha primeira e única amiga*, Juniper escrevera. No entanto, haviam se separado em 1941 e nunca mais fizeram contato. Pensei cuidadosamente antes de dizer:

– O que Juniper quer dizer, mamãe? O que acha que ela quer dizer quando diz que alguma coisa aconteceu?

Mamãe alisou a carta.

– Acho que ela quer dizer que Thomas fugiu com outra mulher. Foi você quem me contou isso.

O que era verdade, mas apenas porque foi o que eu pensava na ocasião. Eu já não pensava mais assim, não depois de falar com Theo Cavill.

– E aquela parte no fim – disse – sobre ter medo? O que ela quer dizer ali?

– Isso é um pouco estranho – concordou mamãe. – Imagino que ela estivesse lembrando aquela conversa como um momento de nossa amizade. Passamos tanto tempo juntas, fizemos tantas coisas... Não sei por que ela mencionaria especialmente isso. – Ergueu os olhos para mim e pude ver que sua perplexidade era genuína. – Juniper era uma pessoa intrépida, não lhe ocorria ter medo daquilo que as pessoas geralmente têm. A única coisa que temia era uma ideia que tinha de que ela ficaria igual ao pai.

– Como Raymond Blythe? De que forma?

– Ela nunca me contou, não exatamente. Ele era um senhor idoso, confuso, e um escritor, como Juniper também era, mas ele costumava acreditar que seus personagens adquiriam vida e iam atrás dele. Deparei-me com ele uma vez, por engano. Tomei uma direção errada e acabei perto de sua torre... ele era um pouco assustador. Será que foi isso que ela quis dizer?

Sem dúvida, era possível; voltei mentalmente à minha visita à vila de Milderhurst e às histórias que me contaram sobre Juniper. Os lapsos de tempo que ela não conseguia explicar depois. Observar seu pai enlouquecer na velhice deve ter sido particularmente assustador para uma jovem que sofria seus próprios episódios. No final das contas, ela tinha razão de ter tido medo.

Mamãe suspirou e despenteou os cabelos com uma das mãos.

– Eu estraguei tudo. Juniper, Thomas... agora você está consultando os classificados por minha causa.

– Ora, isso *não* é verdade. – Sorri. – Estou olhando os classificados porque estou com trinta anos e não posso morar na casa dos meus pais para sempre, por melhor que seja o chá quando é você quem prepara.

Ela também sorriu e eu senti uma pontada de profundo afeto, uma sensação emocionante de algo profundo que estivera adormecido por muito tempo.

– E fui eu quem estragou tudo. Eu não devia ter lido suas cartas. Pode me perdoar?

– Você não precisa perguntar.

– Eu só queria conhecê-la melhor, mamãe.

Ela roçou minha mão com um toque leve como uma pena, e eu soube que ela compreendia.

– Posso ouvir seu estômago roncando daqui, Edie. – Foi tudo que ela disse. – Vamos descer à cozinha e eu vou lhe preparar alguma coisa boa para comer.

Um convite e uma nova edição

E EXATAMENTE QUANDO eu estava cismando sobre o que acontecera entre Thomas e Juniper, e se algum dia eu teria a chance de descobrir, algo completamente inesperado aconteceu. Era quarta-feira, hora do almoço, e Herbert e eu retornávamos com Jess da nossa caminhada em prol da saúde por Kensington Gardens. Veja bem, retornando com muito mais alvoroço do que essa descrição sugere: Jess não gosta de passear e não tem nenhuma dificuldade em demonstrar seus sentimentos, registrando seu protesto parando a cada 15 metros mais ou menos para meter o focinho pelas sarjetas, buscando um odor após o outro.

Herbert e eu estávamos esfriando nossos calcanhares durante uma dessas sessões de busca, quando ele disse:

– E como vai a vida no front doméstico?

– Começando a descongelar, na verdade. – Prossegui, dando-lhe uma versão resumida dos acontecimentos recentes. – Não quero falar cedo demais, mas acredito que possamos ter atingido um novo e mais radiante começo.

– Seus planos para se mudar estão suspensos por enquanto, então? – Ele puxou Jesse, afastando-a de uma poça de lama de odor suspeito.

– Santo Deus, não. Meu pai anda murmurando sobre me comprar um roupão com monograma e colocar um terceiro gancho no banheiro assim que ele estiver em forma. Acho que se eu não romper as amarras logo, estarei perdida para sempre.

– Soa medonho. Alguma coisa nos classificados?

– Montes. Só vou precisar dar um soco no meu chefe para conseguir um aumento de salário significativo se quiser alugar algum deles.

– Quais são as suas chances?

Remexi as mãos como um titereiro.

– Bem – disse Herbert, passando-me a guia de Jess enquanto tirava os cigarros do bolso. – Seu chefe pode não conseguir lhe dar um aumento, mas pode ter uma ideia.

Ergui uma sobrancelha.

– Que tipo de ideia?

– Uma bastante boa, eu diria.

– É mesmo?

– Tudo na sua hora, minha querida. – Piscou por cima do cigarro.

– Tudo na sua hora.

Dobramos a esquina, entrando na rua de Herbert, e vimos o carteiro pronto para colocar algumas cartas pela porta. Herbert tocou o chapéu, cumprimentando-o, e enfiou o maço de envelopes embaixo do braço, abrindo a fechadura para entrarmos. Jess, como de costume, foi diretamente para seu trono de almofada embaixo da escrivaninha de Herbert, acomodando-se habilmente antes de fixar em nós um olhar de profunda indignação.

Herbert e eu temos o nosso próprio hábito pós-caminhada, então, quando ele fechou a porta atrás de si, eu já estava a meio caminho da cozinha.

– Chá ou correio, Edie? – perguntou ele.

– Eu faço o chá – disse. – Você lê a correspondência.

A bandeja já havia sido preparada anteriormente na cozinha – Herbert é muito exigente sobre certas coisas – e um lote de pãezinhos frescos esfriava sob uma toalha xadrez. Enquanto eu colocava colheradas de creme de leite e de geleia de laranja em potinhos, Herbert lia em voz alta os pontos mais importantes da correspondência do dia. Eu sacolejava a bandeja para o escritório quando ele disse:

– Bem, bem.

– O que foi?

Ele dobrou a carta em questão para ele e espreitou por cima dela.

– Uma oferta de trabalho, eu acho.

– De quem?

– Uma editora bastante grande.

– Que insolência! – Entreguei-lhe uma xícara. – Imagino que você vá lembrar-lhes que você já tem um emprego perfeitamente bom.

– Eu faria isso, é claro – disse ele –, só que a oferta não é para mim. É você quem eles querem, Edie. Você e mais ninguém.



A carta, como se verificou, era da editora do *Homem de Lama*, de Raymond Blythe. Enquanto apreciávamos uma xícara fumegante de Darjeeling e um pãozinho carregado de geleia, Herbert leu a carta em voz alta para mim; depois, leu-a outra vez. Então, explicou o conteúdo em termos básicos, porque, a despeito de uma década na indústria editorial, a surpresa havia me deixado temporariamente incapaz de compreender a proposta, a saber: uma nova edição do *Homem de Lama* estava programada para o próximo ano, para coincidir com os 75 anos de publicação da primeira edição, e os editores de Raymond Blythe queriam que eu escrevesse uma nova introdução para comemorar a ocasião.

– Você está brincando... – Ele sacudiu a cabeça. – Mas isso é simplesmente... inacreditável – disse. – Por que eu?

– Não sei ao certo. – Ele virou a carta, viu que o verso estava em branco. Ergueu os olhos para mim, enormes por trás dos óculos. – Não diz.

– Que estranho. – Um tremor sob a minha pele quando os fios que haviam se ligado a Milderhurst começaram a fremir. – O que devo fazer?

Herbert entregou-me a carta.

– Eu diria que você devia começar dando uma ligada para este telefone.



Minha conversa com Judith Waterman, editora da Pippin Books, foi curta e bastante afável.

– Vou ser honesta com você – disse ela, quando expliquei quem eu era e por que estava telefonando. – Nós contratamos outro escritor para fazer isso e estávamos satisfeitos com ele. Mas as irmãs, as filhas de Raymond Blythe, não. Tudo se tornou uma grande dor de cabeça; vamos publicar bem cedo este ano, portanto o tempo é fundamental. A edição está sendo preparada há meses:

nosso escritor já havia conduzido entrevistas preliminares e avançado um pouco em seu rascunho, então, de repente, recebemos um telefonema das senhoritas Blythe comunicando-nos que estavam embargando o projeto.

Isso eu podia imaginar. Não era difícil visualizar Percy Blythe sentindo grande prazer em um comportamento tão “do contra” quanto esse.

– Mas estamos empenhados com a edição – continuou Judith. – Estamos lançando um novo selo, uma série de clássicos com ensaios de introdução na linha bibliográfica, e *A verdadeira história do Homem de Lama*, como um dos nossos títulos mais populares, é a escolha ideal para publicar no verão.

Percebi que eu balançava a cabeça como se ela estivesse comigo na sala.

– Compreendo – disse –, só não sei bem como eu posso...

– O problema – continuou a pressionar Judith – parece estar com uma das irmãs em particular.

– É mesmo?

– Persephone Blythe. O que é um contratempo inesperado, já que a proposta veio a nós em primeira instância através de sua irmã gêmea. Seja qual for o caso, elas não estavam satisfeitas, nós não podemos fazer nada sem permissão devido a um complicado acordo de direitos autorais, e a coisa toda está ameaçada. Eu mesma fui lá duas semanas atrás e felizmente elas concordaram em permitir que o projeto fosse em frente com um redator diferente, alguém que elas aprovassem. – Ela se interrompeu e eu a ouvi tomando um grande gole de bebida no outro lado da linha. – Nós lhes enviamos uma longa lista de redatores, inclusive amostras de seus trabalhos. Elas enviaram tudo de volta sem nem abrir o pacote. Em vez disso, Persephone Blythe pediu que fosse você.

O bichinho da dúvida revirou-se em meu estômago.

– Ela pediu que fosse eu?

– Pelo nome. Sem dúvida nenhuma.

– Você sabe que eu não sou escritora.

– Sim – disse Judith. – E eu expliquei isso a elas, mas não se importaram nem um pouco. Evidentemente, elas já sabem quem

– Você é e o que faz. Para dizer a verdade, parece que você é a única pessoa que poderiam tolerar, o que reduz dramaticamente nossas opções. Ou você escreve ou o projeto inteiro desmorona.

– Compreendo.

– Olhe – som de papéis sendo movidos sobre uma mesa –, estou convencida de que você fará um bom trabalho. Você trabalha com editoração, sabe lidar com as palavras. Contatei alguns de seus antigos clientes e todos eles falaram muito bem de você.

– É mesmo? – Oh, assustadora vaidade, buscando elogios! Ela teve razão em me ignorar.

– E todos nós na Pippin consideramos isso um ponto muito positivo. Estamos nos perguntando se talvez as irmãs estejam sendo tão específicas porque estão prontas, finalmente, a falar sobre a inspiração por trás do livro. Não preciso lhe dizer que reviravolta fantástica isso seria, descobrir a verdadeira história por trás da criação do livro!

Ela não precisava. Meu pai já estava fazendo um belíssimo trabalho.

– Muito bem, então. O que você diz?

O que eu disse? Percy Blythe havia me requisitado pessoalmente. Eu estava sendo solicitada a escrever sobre o *Homem de Lama*, a falar novamente com as irmãs Blythe, visitá-las em seu castelo. O que mais havia a dizer?

– Conte comigo.



– Eu estava na noite de estreia de peça, sabe – disse Herbert quando eu terminei de relatar a conversa.

– A peça *Homem de Lama*?

Ele balançou a cabeça enquanto Jess assumia posição em cima de seus pés.

– Eu nunca mencionei isso?

– Não. – O fato de não ter mencionado não era tão estranho como podia parecer. Os pais de Herbert eram pessoas de teatro e grande parte de sua infância fora passada perambulando pelos bastidores, atrás do proscênio.

– Eu tinha 12 anos, mais ou menos – disse ele –, e me lembro disso porque foi uma das coisas mais surpreendentes que eu já tinha visto. Extraordinária, sob muitos aspectos. O castelo foi erigido no centro do palco, mas o construíram sobre um disco, erguido e inclinado, de modo que a torre apontava na direção da plateia e nós podíamos ver diretamente através da janela do sótão para o interior do quarto onde Jane e seu irmão dormiam. O fosso ficava bem na beirada do disco e as luzes vinham de trás, portanto, quando o Homem de Lama finalmente emergiu, quando ele começou a escalar as pedras do castelo, longas sombras recaíam sobre a plateia, como se a lama da história, a umidade e a escuridão e o próprio monstro estivessem estendendo-se para tocar a pessoa.

Estremeci de forma teatral e recebi um olhar desconfiado de Jess.

– Parece coisa de pesadelos. Não é de admirar que se lembre tão bem.

– Sem dúvida, embora isso não seja tudo. Lembro-me dessa noite em particular por causa da comoção na plateia.

– Que comoção?

– Eu estava observando das coxias, portanto estava bem localizado para ver o que aconteceu. Uma perturbação, lá em cima no camarote do escritor, pessoas se levantando, uma criancinha chorando, alguém passando mal. Um médico foi chamado e uma parte da família retirou-se para os bastidores.

– A família Blythe?

– Imagino que deva ter sido, embora confesse ter perdido o interesse tão logo o distúrbio cessou. O show continuou, como deve ser. Não creio que o incidente tenha merecido mais do que uma pequena menção nos jornais no dia seguinte. Mas, para um garoto como eu, foi empolgante.

– Algum dia você descobriu o que aconteceu? – Eu estava pensando em Juniper, nos episódios de que tanto eu ouvira falar.

Ele sacudiu a cabeça e tomou o restante de seu chá.

– Apenas mais um pitoresco momento do teatro. – Enfiou o cigarro na boca desajeitadamente, riu ao redor dele enquanto tragava. – Mas chega de falar de mim. E quanto a essa convocação ao castelo para a jovem Edie Burchill? Que piada, hein?

Abri um sorriso radiante, não pude evitar, mas a expressão azedou um pouco quando refleti sobre as circunstâncias da minha indicação.

– Não me sinto muito bem a respeito do outro redator, o sujeito que contrataram primeiro.

Herbert abanou a mão e as cinzas do cigarro espalharam-se pelo tapete.

– Não é culpa sua, Edie querida. Percy Blythe quis você, ela é humana, só isso.

– Tendo conhecido Percy Blythe, não estou tão certa disso.

Ele riu, fumou e disse:

– O outro sujeito vai superar; tudo é válido no amor, na guerra e no ramo editorial.

Eu tinha absoluta certeza de que o redator dispensado não nutria nenhum amor por mim, mas esperava que não fosse um caso de guerra tampouco.

– Judith Waterman disse que ele se ofereceu para entregar suas anotações. Ela vai mandá-las esta tarde.

– Muito bem, então. Foi uma atitude muito digna da parte dele.

Certamente foi, mas outra coisa me ocorreu.

– Eu não vou deixá-lo na mão, vou? Você vai ficar bem aqui sozinho?

– Vai ser difícil – disse ele, franzindo o cenho com fingida diligência. – Mas acho que devo aguentar esta provação com bravura.

Fiz uma careta para ele.

Ele levantou-se e bateu nos bolsos, procurando as chaves do carro.

– Só lamento que tenhamos hora marcada com o veterinário e eu não esteja aqui quando as anotações chegarem. Marque as melhores partes, sim?

– Claro.

Chamou Jess energicamente e em seguida inclinou-se para segurar meu rosto entre suas mãos, com tanta firmeza que pude sentir os tremores que viviam dentro delas enquanto ele plantava um beijo de barba espetada em cada face.

– Seja *brilhante*, meu amor.



O pacote da Pippin Books chegou pelo mensageiro naquela tarde, exatamente quando eu estava encerrando o expediente. Pensei em levar o pacote inteiro para casa, abrindo-o de uma forma firme e profissional, depois mudei de ideia. Sacudi a chave na fechadura, acendi todas as luzes outra vez e corri de volta para a minha escrivaninha, rasgando o embrulho no caminho.

Duas fitas cassete se soltaram enquanto eu manuseava atabalhoadamente um maço de papéis. Havia mais de cem páginas, cuidadosamente presas com um par de cliques gigantes. Em cima, uma carta de Judith Waterman incluindo uma descrição do projeto, cujo teor principal dizia: *NOVOS CLÁSSICOS PIPPIN é um novo selo da PIPPIN BOOKS que reunirá uma seleção de nossos melhores clássicos para leitores novos e antigos. Com uma bela encadernação própria, folhas decorativas variadas antes e depois do texto impresso e novas apresentações biográficas, os títulos da NCP prometem ser uma presença editorial dinâmica nos próximos anos. Começando com A verdadeira história do Homem de Lama, de Raymond Blythe, os títulos NCP serão numerados para que os leitores possam desfrutar o prazer de formar sua coleção completa.*

Havia uma nota de Judith, manuscrita, com um asterisco, ao pé da carta: *Edie, o que você escreve é, naturalmente, de sua alçada; no entanto, em nossas discussões iniciais sobre a condução do trabalho nos perguntamos se – vendo que tanto já se sabe a respeito de Raymond Blythe, e por que ele foi tão reticente sobre sua inspiração – seria interessante escrever a introdução com um foco especial nas três filhas, colocando e respondendo à pergunta do que é crescer no lugar de onde veio o Homem de Lama.*

Você verá na transcrição das entrevistas que nosso redator original, Adam Gilbert, incluiu impressões e descrições detalhadas de suas visitas ao castelo. Sinta-se à vontade de trabalhar a partir daí, mas sem dúvida você vai querer conduzir sua própria pesquisa. Na verdade, Persephone Blythe mostrou-se surpreendentemente afável a esse respeito, sugerindo que você lhes faça uma visita. (Nem é

preciso dizer que se ela resolver deixar escapar as origens da história nós adoraríamos que você as escrevesse para nós!)

O orçamento não é imenso, mas há fundos suficientes para financiar uma curta estadia na vila de Milderhurst. Temos um acordo com a sra. Marilyn Bird em sua pousada perto do castelo. Adam ficou satisfeito com o padrão e a limpeza do quarto, e a diária inclui as refeições. A sra. Bird nos avisou de uma disponibilidade de quatro diárias vagas começando em 31 de outubro; assim, na próxima vez que nos falarmos, diga-me se gostaria que fizéssemos uma reserva.

Virei a carta com um gesto brusco, corri a mão pela capa das anotações de Adam Gilbert e deixei-me afundar nesse momento extasiante. Acredito que na verdade eu tenha sorrido quando virei a página; certamente mordi o lábio. Com força demais, razão pela qual me lembro tão bem do fato.



Quatro horas mais tarde, eu já havia lido tudo e já não estava mais sentada em um escritório tranquilo em Londres. Estava, é claro, mas ao mesmo tempo não estava. Mentalmente, estava a muitos quilômetros de distância, em um castelo escuro e intrincado em Kent, com três irmãs, seu exuberante pai e um manuscrito que ainda viria a se tornar um livro que ainda se tornaria um clássico.

Larguei a transcrição, empurrei-me para trás, afastando-me da escrivaninha, e me espreguicei. Em seguida, levantei-me e me espreguicei mais um pouco. Uma torção havia se instalado na base de minha coluna – ouvi dizer que ler com os pés cruzados em cima da escrivaninha pode causar isso – e me esforcei para desfazê-la. Tempo e um pouco de espaço permitiram que certos pensamentos se erguessem da zona abissal da minha mente, e dois em particular flutuaram à superfície. O primeiro deles, eu fiquei pasma com o trabalho de Adam Gilbert. As anotações haviam sido claramente transcritas literalmente de entrevistas gravadas e em seguida preparadas em uma antiquada máquina de escrever, com impecáveis observações escritas à mão onde necessário e um nível de detalhamento tal que mais pareciam scripts de uma peça de teatro do que entrevistas (inclusive com instruções de palco entre

parênteses se qualquer um de seus entrevistados sequer se coçasse), motivo pelo qual, provavelmente, o outro pensamento atingiu-me com tanta força: havia uma notória omissão. Ajoelhei sobre a cadeira e folhee novamente a pilha de anotações para confirmar, verificando os dois lados do papel. Não havia nada sobre Juniper Blythe.

Tamborilei os dedos devagar sobre o maço de papéis: havia razões perfeitamente boas para Adam Gilbert tê-la omitido. Havia material mais do que suficiente sem que comentários adicionais fossem necessários; ela nem sequer havia nascido quando o *Homem de Lama* foi publicado pela primeira vez. Ainda assim, aquilo me incomodava. E quando algo incomoda, a perfeccionista em mim começa a se preocupar. Eram três irmãs Blythe. Sua história, portanto, não deveria – não poderia – ser escrita sem a voz de Juniper.

Os dados para contato com Adam Gilbert estavam datilografados ao pé da capa de suas anotações, e eu levei cerca de dez segundos deliberando – tempo suficiente para me perguntar se 21:30 era tarde demais para telefonar para alguém cujo endereço residencial era Old Mill Cottage, Tenterden – antes de pegar o telefone e discar seu número.

Uma mulher atendeu e disse:

– Olá. Aqui é a sra. Burton.

Alguma coisa sobre o tom melódico, vagaroso de sua voz me fez lembrar aqueles filmes da época da guerra com fileiras de telefonistas trabalhando em mesas telefônicas.

– Olá – disse. – Meu nome é Edie Burchill, mas acho que devo ter discado o número errado. Estou procurando por Adam Gilbert.

– Esta é a residência do sr. Gilbert. Quem está falando é a enfermeira dele, sra. Burton.

Enfermeira. Oh, santo Deus. Ele era um inválido.

– Desculpe incomodá-los tão tarde. Talvez eu deva telefonar outra hora.

– De modo algum. O sr. Gilbert ainda está em seu escritório; estou vendo a luz por baixo da porta. Inteiramente contra as ordens do médico, mas desde que ele não coloque peso sobre sua perna

doente, não há muito que eu possa fazer. Ele é um pouco teimoso. Só um minuto e vou transferir sua chamada.

Houve um baque pesado de um objeto de plástico quando ela largou o receptor, seguido do som regular de passos retirando-se. Uma batida em uma porta distante, um murmúrio de troca de palavras, e após alguns segundos Adam Gilbert pegou o telefone.

Houve uma pausa depois que me apresentei e expliquei o motivo da minha ligação, durante o que me desculpei um pouco mais pela maneira embaraçosa com que havíamos entrado na órbita um do outro.

– Eu nem sabia sobre a edição da Pippin Books até hoje. Não faço a menor ideia do motivo para Percy Blythe ter agido dessa forma.

Ele não falou ainda.

– Eu realmente sinto muito. Não sei como explicar; eu só estive com ela uma vez, e assim mesmo muito rapidamente. Certamente, nunca quis que isso acontecesse.

Eu falava sem parar, eu podia me ouvir; então, com grande força de vontade, parei.

Finalmente, ele falou, com uma voz entediada:

– Muito bem, então, Edie Burchill. Eu a perdoo por roubar meu trabalho. Mas com uma condição. Se você descobrir qualquer coisa que tenha a ver com as origens do *Homem de Lama*, serei o primeiro a saber.

Meu pai não ia gostar nada daquilo.

– Claro.

– Está bem, então. Como posso ajudá-la?

Expliquei que eu acabara de ler sua transcrição das entrevistas, cumprimentei-o pelo esmero de suas observações e depois disse:

– Bem, há um detalhe que me deixou intrigada.

– O que é?

– A terceira irmã, Juniper. Não há nenhuma contribuição dela aqui.

– Não – disse ele. – Não há nada.

Esperei, e quando nada foi acrescentado, eu disse:

– Você não conversou com ela?

– Não.

Novamente, esperei. Novamente, nada foi acrescentado. Aparentemente aquilo não seria fácil. No outro lado da linha, ele limpou a garganta e disse:

– Eu propus entrevistar Juniper Blythe, mas ela não estava disponível.

– Oh?

– Bem, ela estava disponível fisicamente, não creio que deixe o castelo com frequência, mas as irmãs mais velhas não permitiram que eu falasse com ela.

Finalmente, compreendi.

– Oh.

– Ela não estava bem, portanto imagino que essa tenha sido a razão, mas...

– Mas o quê?

Uma interrupção na conversa em que eu quase podia vê-lo buscando as palavras certas para se explicar. Por fim, um suspiro espinhoso.

– Tive a sensação de que estavam tentando protegê-la de algum modo.

– Protegê-la de quê? De quem? De *você*?

– Não, não de mim!

– Então, do quê?

– Não sei. Foi apenas uma sensação. Como se estivessem preocupadas com alguma coisa que ela pudesse dizer. Como isso poderia refletir.

– Sobre elas? Sobre o pai?

– Talvez. Ou quem sabe sobre ela mesma.

Lembrei-me então da estranha sensação que experimentei quando estava em Milderhurst, o olhar que Saffy e Percy trocaram quando Juniper gritou comigo no salão amarelo, a preocupação de Saffy quando descobriu que Juniper se desgarrara, que estivera conversando comigo no corredor. Que ela pudesse ter dito alguma coisa que não deveria.

– Mas por quê? – disse, mais para mim mesma do que para ele, pensando na carta perdida de mamãe, o problema sugerido nas entrelinhas. – O que Juniper poderia ter para esconder?

– Bem – disse Adam, baixando um pouco a voz. – Devo admitir que andei investigando um pouco. Quanto mais decididas elas estavam em manter Juniper de fora das entrevistas, mais interessado eu ficava.

– E? O que você descobriu? – Ainda bem que ele não podia me ver. Não havia nenhuma dignidade na maneira com que eu estava praticamente engolindo o receptor do telefone em minha ansiedade.

– Um incidente em 1935; acho que poderia dizer que foi um escândalo. – Ele deixou a última palavra pairar em suspenso entre nós dois com uma espécie de misteriosa satisfação, e eu pude fazer uma imagem mental dele: reclinado para trás na cadeira de madeira curvada de sua escrivaninha, o paletó apertado na barriga, o cachimbo quente preso entre os dentes.

Usei o mesmo tom sussurrado de voz:

– Que tipo de escândalo?

– Uma “trapalhada”, segundo me contaram, envolvendo o filho de um empregado. Um dos jardineiros. Os detalhes eram todos um pouco imprecisos e eu não consegui encontrar nada de natureza oficial para verificar a história, mas dizem que os dois envolveram-se em algum tipo de briga e ele saiu dessa muito contundido, levou uma surra.

– De *Juniper*? – Uma imagem veio à minha mente da frágil idosa que eu conhecera em Milderhurst; a jovem magra nas fotos antigas. Tentei não rir.

– Quando Juniper tinha 13 anos?

– Essa era a implicação, apesar de que dizer assim em voz alta faz o caso parecer improvável.

– Mas foi isso que ele disse às pessoas? Que tinha sido Juniper?

– Bem, *ele* não disse nada disso. Não creio que haja muitos garotos que admitam espontaneamente que foram derrotados por uma menina magrela como ela. Foi a mãe dele quem subiu ao castelo para reclamar. Pelo que eu soube, Raymond Blythe calou-os com dinheiro. Disfarçado como um bônus para seu pai, aparentemente, que trabalhara durante toda a sua vida na propriedade. Mas os boatos não cessaram, não completamente; ainda havia comentários na vila.

Tive a sensação de que Juniper era o tipo de garota de quem as pessoas gostavam de falar: sua família era importante, ela era bonita e talentosa – nas palavras de minha mãe, encantadora –, mas ainda assim: Juniper, a espancadora adolescente que batia em garotos? Parecia improvável, para dizer o mínimo.

– Olhe, provavelmente não passam de antigos mexericos sem fundamento. – O tom de voz de Adam tornou-se descontraído novamente, conforme ele fazia eco a meus pensamentos. – Absolutamente nada a ver com o motivo pelo qual as irmãs vetaram nossa entrevista.

Balancei a cabeça devagar.

– O mais provável é que só quisessem lhe poupar o desgaste. Ela não está bem, sem dúvida não gosta de estranhos, nem havia nascido quando o *Homem de Lama* foi escrito.

– Sem dúvida você tem razão – disse. – Tenho certeza de que foi só isso.

Mas não foi. Eu realmente não achava que as gêmeas estivessem se preocupando com um incidente há muito esquecido envolvendo o filho do jardineiro, mas não conseguia me livrar da certeza de que havia algo mais por trás de tudo aquilo. Desliguei o telefone e voltei àquela passagem fantasmagórica, olhando de Juniper para Saffy e para Percy, sentindo-me como uma criança que já é suficientemente madura para perceber sutilezas de comportamento, mas irremediavelmente despreparada para interpretá-las.



No dia em que eu deveria partir para Milderhurst, mamãe foi logo cedo ao meu quarto. O sol ainda se escondia atrás da parede de Singer & Sons, mas eu já estava acordada havia cerca de uma hora, tão empolgada quanto uma criança em seu primeiro dia de escola.

– Há uma coisa que eu gostaria de lhe dar – disse ela. – Emprestar-lhe, de qualquer modo. É muito valiosa para mim.

Esperei, perguntando-me o que poderia ser. Ela enfiou a mão no bolso de seu robe e retirou um objeto. Seus olhos buscaram os meus por um instante e, então, ela o entregou a mim. Um pequeno caderno de anotações com capa de couro marrom.

– Você disse que queria me conhecer melhor. – Ela estava se esforçando para ser corajosa, impedir que sua voz tremesse.

– Está tudo aí. *Ela* está aí. A pessoa que eu era.

Peguei o diário, nervosa como uma mãe de primeira viagem com um recém-nascido. Maravilhada com sua preciosidade, aterrorizada de causar-lhe algum dano, surpresa, enternecida e gratificada por ela confiar a mim esse tesouro. Eu não sabia o que dizer; ou melhor, eu pensava em muitas coisas que queria dizer, mas havia um nó em minha garganta que levava anos para se formar e se recusava a dissolver-se.

– Obrigada – consegui dizer, antes de começar a chorar.

Em uma reação imediata, os olhos de mamãe ficaram marejados de lágrimas, e no mesmo instante uma se jogou nos braços da outra em um abraço apertado.

20 de abril de 1940

ERA TÍPICO. Após um inverno terrivelmente frio, a primavera chegara com um grande sorriso e o próprio dia estava perfeito, um fato que Percy não podia deixar de considerar como uma ofensa direta de Deus. Ali mesmo e naquele exato instante, ela se tornou uma descrente, de pé na igreja da vila, na extremidade do banco da família que sua avó havia projetado e William Morris esculpira, observando enquanto o sr. Gordon, o vigário, declarava Harry Rogers e Lucy Middleton marido e mulher. A experiência inteira dava a sensação vagamente esponjosa de um pesadelo, embora fosse possível que a quantidade de uísque que ela consumira anteriormente para lhe dar alento estivesse fazendo a sua parte.

Harry sorriu para sua noiva e Percy ficou novamente impressionada com a beleza dele. Não no sentido convencional, nem estonteante, nem charmoso, nem bem-apessoado; na verdade, ele era bonito porque era bom. Ela sempre pensara assim, desde quando era menina e ele um jovem que vinha à sua casa para cuidar dos relógios de seu pai. Havia algo em sua atitude, na postura despreziosa de seus ombros, que o caracterizavam como um homem cuja opinião de si mesmo não era indevidamente inflada. Mais ainda, ele possuía uma natureza firme, branda, que podia não ser dinâmica, mas transmitia cuidado e ternura. Ela costumava observá-lo pela balastrada da escada, enquanto ele reanimava os relógios mais antigos e mal-humorados do castelo, mas se ele notara, nunca deixara transparecer. Ele também não a via agora. Só tinha olhos para sua Lucy.

De sua parte, Lucy sorria, na excelente interpretação de alguém que estava contente de estar casando com o homem que amava acima de todos os outros. Percy conhecia Lucy havia muito tempo, mas nunca a considerara uma atriz tão boa. Um mal-estar revirou o

fundo de seu estômago e ela desejou outra vez que todo aquele suplício terminasse logo.

Ela poderia não ter comparecido, é claro – fingido doença ou alegado um trabalho de guerra essencial –, mas teria havido falatório. Haviam empregado Lucy no castelo por mais de vinte anos: era impensável que ela pudesse se casar sem uma Blythe por testemunha na congregação. Seu pai, por motivos óbvios, não era uma boa escolha, Saffy estava preparando o castelo para a mãe e o pai de Meredith, e Juniper – nunca uma candidata ideal – se retirara para o sótão com sua caneta em um frenesi de inspiração; assim, o dever recaía sobre Percy. Fugir da responsabilidade não era uma opção, no mínimo porque Percy teria de explicar sua ausência para a irmã gêmea. Ela própria arrasada por perder o casamento, Saffy exigira um relatório completo, detalhado.

– O vestido, as flores, a maneira de olhar um para o outro – dissera ela, usando os dedos para fazer sua lista quando Percy tentava deixar o castelo. – Quero saber tudo.

– Sim, sim – dissera Percy, imaginando se seu frasco de uísque caberia dentro da bolsinha elegante que Saffy insistira que levasse. – Não se esqueça do remédio de papai, sim? Deixei-o na mesa no hall de entrada.

– Na mesa do hall. Certo.

– É importante que ele o tome na hora certa. Não queremos que aconteça o que aconteceu da última vez.

– Não – concordou Saffy –, certamente não. A pobre Meredith pensou que estava vendo um fantasma, coitadinha. Um fantasma muito ruidoso.

Percy já estava quase ao pé das escadas da frente quando se voltou.

– Saffy?

– Hum?

– Conte-me se vier alguma visita.

Sombrios mercadores da morte querendo se aproveitar do estado de confusão mental de um homem idoso. Sussurrando em seu ouvido, brincando com seus receios, sua antiga culpa. Sacudindo seus crucifixos católicos e murmurando seu latim pelos cantos do

castelo, convencendo seu pai de que os espectros de sua imaginação eram demônios de boa-fé. Tudo, Percy tinha certeza, para que pudessem botar as mãos no castelo quando ele morresse.

Percy cutucou a pele ao redor das unhas, perguntou-se quanto tempo ainda faltaria até ela poder sair para fumar um cigarro, se seria possível escapar furtivamente, sem ser notada, se assumisse o perfeito ar de autoridade. O vigário disse alguma coisa e todos se levantaram; Harry tomou a mão de Lucy para conduzi-la de volta pela nave, segurando-a com tanta ternura que Percy compreendeu que não podia odiá-lo, mesmo agora.

A alegria animava as feições dos noivos, e Percy fez todo o possível para demonstrar o mesmo. Conseguiu até mesmo unir-se às palmas conforme eles desciam pela nave estreita e saíam para a luz do sol. Suas pernas e braços a incomodavam, notou a garra anormal que fizera com sua mão nas costas do banco da igreja, as linhas de seu rosto congeladas em uma alegria forçada que a faziam se sentir como uma marionete. Alguém escondido lá em cima no teto curvo da igreja puxou um fio invisível e ela pegou sua bolsa no banco ao seu lado. Riu um pouco e fingiu ser um ser vivo, com sentimentos.



As magnólias haviam desabrochado, exatamente como Saffy desejara, rezara e cruzara os dedos para que acontecesse, e era um desses raros, mas preciosos dias de abril, quando o verão começa a se anunciar. Saffy sorriu simplesmente porque não podia evitar.

– Vamos, tartaruguinha – chamou ela, virando-se para apressar Meredith. – É sábado, o sol está brilhando, sua mãe e seu pai estão a caminho; não há desculpas para se atrasar.

De fato, a menina estava desconsolada. Seria de imaginar que estaria encantada com a perspectiva de ver os pais, no entanto estivera no mais deprimido estado de espírito a manhã inteira. Saffy podia imaginar por que, é claro.

– Não se preocupe – disse ela, quando Meredith alcançou-a. – Juniper não vai demorar muito mais. Nunca dura mais de um dia, aproximadamente.

– Mas ela está lá em cima desde a hora do jantar. A porta está trancada, ela não responde. Eu não compreendo. – Meredith estreitou os olhos de uma maneira nada graciosa, um hábito que Saffy achava extremamente cativante. – O que ela está fazendo?

– Escrevendo – disse Saffy simplesmente. – É assim com Juniper. Sempre foi assim. Não demora muito, logo ela volta ao normal. Tome. – Entregou a Meredith a pequena pilha de pratinhos de bolo. – Ajude-me a pôr a mesa. Devemos sentar seu pai e sua mãe de costas para a sebe, de modo que possam ver o jardim?

– Está bem – disse Meredith, animando-se.

Saffy sorriu consigo mesma. Meredith Baker era deliciosamente aquiescente – uma alegria inesperada depois de criar Juniper – e sua estadia no castelo Milderhurst fora um retumbante sucesso. Não havia nada melhor do que uma criança para trazer a vida de volta a pedras velhas e cansadas, e a infusão de luz e risos fora exatamente o que o médico prescrevera. Até mesmo Percy se afeiçoara à menina, aliviada, sem dúvida, por encontrar os ornamentos do corrimão intactos.

A maior surpresa, entretanto, fora a reação de Juniper. O evidente afeto que ela sentia pela pequena evacuada da guerra era o mais próximo que Saffy já vira de Juniper se interessar por outra pessoa. Saffy as ouvia às vezes, conversando e rindo baixinho no jardim, e ficava perplexa, mas de uma maneira agradável, pela genuína alegria na voz de Juniper. Alegre não era uma palavra que Saffy já tivesse pensado em usar ao descrever a irmã mais nova.

– Vamos arrumar um lugar aqui para June – disse ela, indicando a mesa –, por via das dúvidas, e você ao lado dela, eu acho... e Percy do lado de lá...

Meredith a seguira, arrumando os pratos, mas depois parou.

– E você? – disse ela. – Onde vai se sentar? – E talvez tenha lido um pedido de desculpas se formando no rosto de Saffy, pois continuou rapidamente: – Você virá, não é?

– Bem, querida – Saffy deixou o punhado de garfinhos de bolo pender frouxamente contra sua saia –, eu adoraria, você sabe que sim, mas Percy é muito tradicional a respeito dessas coisas. Ela é a mais velha e, na ausência de papai, torna-se a anfitriã. Sei que tudo

isso pode parecer terrivelmente tolo e formal para você, realmente muito antiquado, mas é assim que as coisas são feitas aqui. É como papai gosta de receber as pessoas em Milderhurst.

– Mas ainda não compreendo por que as *duas* não podem vir.

– Bem, uma de nós tem de ficar lá dentro para o caso de papai precisar de ajuda.

– Mas, Percy...

– Está ansiosa para conhecer seus pais.

Saffy pôde ver que Meredith não estava convencida; mais do que isso, a pobre criança parecia tão amargamente decepcionada que Saffy teria feito praticamente qualquer coisa para alegrá-la. Ela procurou contornar a questão, mas apenas rapidamente, sem muita convicção, e, quando Meredith deu um longo e desalentado suspiro, a pouca determinação que restava em Saffy desabou.

– Oh, Merry – disse ela, lançando-lhe um olhar por cima do ombro –, eu não deveria dizer nada, realmente não, mas *há* uma outra razão para eu ter de permanecer dentro de casa.

Ela deslizou para uma das pontas de uma poltrona de vime de jardim e fez sinal a Meredith para que se unisse a ela. Respirou profundamente o ar fresco e exalou-o com decisão. Então, contou a Meredith tudo sobre o telefonema que estava esperando naquela tarde.

– Ele é um importante colecionador particular em Londres – disse ela. – Escrevi para ele depois que um pequeno anúncio apareceu no jornal buscando uma assistente para catalogar sua coleção. E ele me respondeu recentemente para me dizer que minha solicitação fora a escolhida, que ele iria me telefonar esta tarde para que pudéssemos acertar os detalhes.

– O que ele coleciona?

Saffy não pôde deixar de bater as mãos sob o queixo, fascinada.

– Antiguidades, arte, livros, belos objetos... Que maravilha!

A empolgação iluminou as minúsculas sardas sobre o nariz de Meredith, e Saffy pensou outra vez que linda criança ela era e o quanto progredira nos últimos seis meses. Quando se pensava na pobre magricela abandonada que era quando Juniper a trouxe para casa! Sob a pálida pele londrina e o vestido surrado, no entanto,

espreitava uma mente sagaz e deliciosamente ávida de conhecimento.

– Eu poderei visitar a coleção? – perguntou Meredith. – Eu sempre quis ver um artefato egípcio real, ao vivo.

Saffy riu.

– Claro que poderá. Tenho certeza de que o sr. Wicks ficará encantado em mostrar seus preciosos objetos a uma jovem inteligente como você.

Meredith realmente pareceu iluminar-se, e a primeira farpa de remorso perfurou o prazer de Saffy. Não seria um pouco cruel encher a cabeça da menina com fantasias tão grandiosas só para esperar que ela mantivesse segredo sobre elas?

– Bem, Merry – disse ela, ficando séria –, são notícias empolgantes, mas você tem de se lembrar que se trata de um segredo. Percy ainda não sabe, nem deve saber.

– Por que não? – Os olhos de Meredith arregalaram-se ainda mais.
– O que ela fará?

– Ela não vai ficar satisfeita, isso é certo. Não vai querer que eu vá. Ela é meio resistente a mudanças, sabe, e gosta das coisas do jeito que estão, nós três aqui juntas. Ela é muito protetora. Sempre foi.

Meredith assentia, absorvendo esse detalhe da dinâmica da família com tanto interesse que Saffy quase esperava que ela fosse retirar aquele seu pequeno diário de algum lugar e começar a fazer anotações. Mas seu interesse era compreensível: Saffy já ouvira o suficiente da própria irmã mais velha de Meredith para saber que noções de proteção entre irmãos seriam desconhecidas para ela.

– Percy é minha irmã gêmea e eu a amo muito, mas às vezes, Merry, querida, uma pessoa tem de colocar seus próprios desejos na frente. A felicidade na vida não é um dom, tem de ser conquistada.

– Ela sorriu e resistiu à vontade de acrescentar que tinha havido outras oportunidades, outras chances, todas perdidas. Uma coisa era inculcar confiança em uma criança, outra bem diferente, sobrecarregá-la com arrependimentos de adultos.

– Mas o que acontecerá quando chegar a hora de você partir? – quis saber Meredith. – Então, ela vai descobrir.

– Oh, mas eu lhe contarei antes disso! – disse Saffy com uma risada. – Claro que contarei. Não pretendo escapular na calada da noite, sabe! Claro que não. Só preciso encontrar as palavras certas; uma maneira de assegurar que os sentimentos de Percy não serão feridos. Até lá, acho melhor que ela não fique sabendo de nada. Compreende?

– Sim – respondeu Meredith, um pouco ofegante.

Saffy mordeu o lábio inferior; tinha a sensação inquietante de ter cometido um infeliz erro de julgamento, de que fora injusto colocar uma criança em uma posição tão desconfortável. Ela só pretendia tirar a mente de Meredith de seu próprio e infeliz estado de ânimo.

Meredith interpretou errado o silêncio de Saffy, tomando-o por falta de crença em sua capacidade de guardar segredos.

– Não direi nada, eu prometo. Nem uma palavra. Sou muito boa com segredos.

– Oh, Meredith – Saffy sorriu melancolicamente –, não duvido nem por um minuto. Não é isso, de modo algum. Oh, querida. Acho que devo lhe pedir desculpas. Foi errado o que eu fiz, pedir-lhe para guardar um segredo de Percy. Pode me perdoar?

Meredith balançou a cabeça solenemente e Saffy detectou um brilho no rosto da menina; orgulho em ser tratada de uma maneira tão adulta, imaginou. Saffy lembrou-se de sua própria ansiedade infantil em crescer, como havia esperado impacientemente à beira do penhasco, suplicando que a vida adulta a requisitasse logo; e imaginou se seria possível retardar a jornada de outra pessoa. Seria justo tentar? Certamente, não podia haver nada errado em querer salvar Meredith, assim como tentara salvar Juniper, de chegar à vida adulta e à decepção depressa demais, não?

– Bem, então, querida – disse ela, pegando o último prato das mãos de Meredith. – Por que não me deixa terminar aqui? Vá se divertir um pouco enquanto espera seus pais chegarem. A manhã está linda demais para ser gasta com afazeres domésticos. Só tente não sujar muito o seu vestido.

Era um dos vestidos largos, tipo avental, que Saffy costurara assim que Merry chegou; feito de uma linda peça de tecido da Liberty comprado há muitos anos, não porque Saffy tivesse um

projeto em mente, mas porque era simplesmente bonito demais para não possuir. Ficava mofando desde então no armário de costura, esperando pacientemente que Saffy encontrasse uma finalidade para ele. E agora ela encontrara. Enquanto Meredith se dissolvia no horizonte, Saffy retornou sua atenção para a mesa, certificando-se de que tudo estivesse impecável.



Meredith vagou sem rumo pelo capim alto, agitando uma varinha de um lado para o outro, perguntando-se como a ausência de uma pessoa podia roubar o dia tão completamente de sua forma e significado. Deu a volta na colina e chegou ao riacho, depois o seguiu até a ponte do caminho de entrada.

Pensou em prosseguir. Atravessar a faixa que limitava o gramado e entrar no bosque. Tão fundo que a luz mudava, a truta avistada desaparecia e a água corria espessa como melado. Percorrer todo o caminho até atravessar para dentro do bosque e alcançar o lago esquecido na base da árvore mais velha do bosque Cardarker. O lugar de permanente escuridão que ela detestara assim que viera para o castelo. Seu pai e sua mãe não deveriam chegar ainda por uma ou duas horas, ainda havia tempo e ela sabia o caminho, afinal era apenas uma questão de seguir o rio borbulhante.

Mas sem Juniper, Meredith sabia, não seria tão divertido. Apenas escuro, úmido e um pouco malcheiroso.

– Não é maravilhoso? – dissera Juniper, a primeira vez que exploraram o lugar juntas. Meredith ficara em dúvida. O tronco caído em que se sentaram era frio e úmido, e seus sapatos de lona estavam molhados onde ela escorregara de uma pedra. Havia um outro lago na propriedade, fervilhante de borboletas e pássaros, e um balanço de corda que se movia indolentemente para frente e para trás na luz mosqueada do sol, e ela desejara, desejara, desejara que tivessem decidido passar o dia lá, e não ali. Mas ela não disse nada; a força da convicção de June era tal que Meredith sabia que o problema era com ela, que seus gostos eram juvenis demais, que ela simplesmente não estava se esforçando o suficiente. Esmagando sua própria determinação, ela sorria e dissera:

– Sim. – E novamente, com entusiasmo: – Sim. É maravilhoso.

Em um único e fluido movimento, Juniper se levantara, os braços estendidos para os lados, e andara na ponta dos pés por um tronco caído.

– São as sombras – dissera ela –, o modo como os juncos escorregam pelas margens, quase maliciosamente; o cheiro de lama, de umidade e de podridão. – Ela sorriu para Meredith. – Ora, é quase pré-histórico. Se eu lhe dissesse que havíamos atravessado um limiar invisível para o passado, você acreditaria em mim, não?

Meredith estremecera, exatamente como agora, e um ímã pequeno e liso dentro do seu corpo de criança vibrara com uma premência inexplicável, e ela sentira a tração do anseio, embora não soubesse dizer de quê.

– Feche os olhos e escute – sussurrara Juniper, o dedo sobre os lábios. – Você pode ouvir as aranhas tecendo a teia...

Meredith fechou os olhos agora. Ouviu o coro dos grilos, a batida na água do salto de alguma truta, o ronco distante de um trator em alguma parte... Havia um outro som também. Um som que parecia inteiramente deslocado. Era o ruído de um motor, ela percebeu, perto e se aproximando.

Ela abriu os olhos e viu. Um carro preto, descendo o sinuoso caminho de cascalhos do castelo. Meredith ficou olhando fixamente para o veículo. Visitas eram raras em Milderhurst, automóveis ainda mais raros. Poucas pessoas tinham gasolina para fazer visitas sociais e, pelo que Meredith sabia, os que tinham estavam guardando-a para fugir para o Norte quando os alemães invadissem a Inglaterra. Até o padre que visitava o velho na torre chegava a pé atualmente. O visitante devia ser alguém do governo, Meredith concluiu; alguém a negócios de guerra especiais.

O automóvel passou e o motorista, um homem que ela não conhecia, tocou no chapéu preto, balançando a cabeça austeramente para Meredith. Ela seguiu-o com os olhos apertados, observando o carro conforme prosseguia pelo cascalho. O veículo desapareceu atrás de uma curva arborizada, surgindo novamente pouco tempo depois, ao pé do caminho de entrada, um pontinho preto virando na Tenterden Road.

Meredith bocejou e prontamente esqueceu tudo a respeito. Havia um canteiro de violetas espalhando-se desenfreadamente perto do pilar da ponte e ela não resistiu a colher algumas. Quando seu ramallete estava lindo e cheio, ela subiu e sentou-se na balaustrada da ponte, dividindo seu tempo entre sonhar acordada e jogar flores no rio, uma a uma, observando enquanto davam cambalhotas roxas na corrente suave.

– Bom-dia.

Ergueu os olhos e viu Percy Blythe empurrando sua bicicleta pelo caminho de entrada, um chapéu esquisito na cabeça, o indefectível cigarro na mão. A Gêmea Severa, como Meredith sempre a tratava mentalmente, embora naquele dia houvesse algo mais em seu rosto, algo além da severidade, mais parecido com tristeza. Devia ser apenas por causa do chapéu. Meredith cumprimentou-a e agarrou-se à balaustrada para não cair.

– Ou já é de tarde? – Percy diminuiu o passo até parar e virou a mão, consultando o pequeno relógio de pulso voltado para dentro.

– Ah, meio-dia e meia. Não esqueça que temos um chá com seus pais, hein? – Ela olhou por cima da ponta de seu cigarro enquanto o tragava profundamente e com força, depois exalava lentamente. – Imagino que seus pais ficariam decepcionados se viajassem toda esta distância e não a vissem.

Era uma piada, Meredith achava, mas não havia nada jovial a respeito da expressão de Percy ou de sua maneira, portanto ela não podia ter certeza. Sorriu educadamente, por via das dúvidas; no mínimo, pensou, Percy iria presumir que ela não tivesse ouvido.

Percy não deu nenhum sinal de que notara a reação de Meredith, quanto mais tentar interpretá-la.

– Bem – disse ela. – Coisas a fazer. – Fez um sinal seco com a cabeça, continuando em direção ao castelo.

QUANDO MEREDITH AVISTOU SEUS PAIS, subindo juntos pelo caminho de cascalho, sentiu um nó no estômago. Por uma fração de segundo, pareceu que observava a aproximação de duas pessoas imaginárias, familiares, mas inteiramente fora de contexto ali, no mundo real. A sensação durou apenas um instante, antes que algo dentro dela, algum disco de percepção, girasse e ela visse adequadamente que eram seu pai e sua mãe, e que estavam ali finalmente, e que havia muitas coisas para ela lhes contar. Correu para eles, os braços abertos, e seu pai ajoelhou-se, igualmente abrindo os braços, de modo que ela pudesse saltar para dentro de seu abraço amplo e caloroso. Sua mãe plantou-lhe um beijo na face, o que era incomum, mas não desagradável, e, apesar de saber que já não tinha idade para isso, nem Rita nem Ed estavam lá para caçoar dela, e Meredith deixou-se ficar de mãos dadas com o pai o resto do percurso, enquanto falava sem parar do castelo, de sua biblioteca, dos campos, do riacho e dos bosques.

Percy já esperava por eles ao lado da mesa, fumando outro cigarro, que apagou ao vê-los. Ela alisou sua saia, estendeu a mão e, com um pouco de agitação, os cumprimentos foram feitos.

– E como foi a viagem de trem? Não muito desagradável, espero.
– A pergunta era absolutamente comum, até mesmo educada, mas Meredith ouviu o tom cortante da voz de Percy através dos ouvidos de seus pais e desejou que as boas-vindas fossem da afável Saffy.

De fato, a voz de sua mãe soou fina e cautelosa:

– Foi longa. Parando e retomando durante todo o trajeto, para deixar os trens de tropas passarem. Passamos mais tempo nos desvios do que nos trilhos principais.

– Ainda assim – disse seu pai –, nossos rapazes têm de ir à guerra de algum modo. Mostrar a Hitler que a Grã-Bretanha pode aguentar.

– É verdade, sr. Baker. Sentem-se, por favor – disse Percy, indicando a mesa lindamente arrumada para o chá. – Devem estar

famintos.

Percy serviu o chá e ofereceu fatias do bolo de Saffy, e conversaram, um pouco afetadamente, sobre os trens cheios, a guerra (a Dinamarca caíra, a Noruega seria a próxima?), previsões sobre o progresso do conflito. Meredith beliscava seu bolo e observava. Estava convencida de que os pais dariam uma olhada no castelo, depois outra em Percy Blythe, com sua inflexão de voz empolada e a postura empertigada como um cabo de vassoura, e adotariam manobras defensivas, mas até então as coisas corriam bastante bem.

A mãe de Meredith estava muito quieta, era verdade. Ela mantinha uma das mãos agarrada com força à sua bolsa no colo, de uma maneira rígida e nervosa, o que era um pouco inquietante, considerando-se que Meredith não se lembrava de jamais ter visto a mãe nervosa antes: nem por causa de ratos, aranhas, nem mesmo por causa do sr. Lane do outro lado da rua, quando ele havia passado tempo demais no bar. Seu pai parecia um pouco mais à vontade, balançando a cabeça enquanto Percy descrevia o voo do Spitfire e os pacotes de suprimentos para os soldados na França, e bebericando seu chá de uma xícara de porcelana pintada à mão, como se fizesse isso todos os dias. Bem, quase. Ele realmente fazia parecer que usava o aparelho de chá de uma casinha de bonecas. Meredith achou que nunca havia notado como os dedos dele eram enormes, e uma inesperada onda de afeto inundou-a. Ela estendeu o braço por baixo da mesa e colocou a palma de sua mão sobre a outra mão dele. Não eram uma família acostumada a se expressar fisicamente, e ele ergueu os olhos, surpreso, antes de apertar a mão dela em resposta.

– Como vai o seu trabalho na escola, minha filha? – Ele inclinou o ombro um pouco mais para perto dela e levantou os olhos para dar uma piscadela para Percy. – Nossa Rita pode ter ficado com a aparência, mas a pequena Merry aqui ficou com o cérebro.

Meredith desmanchou-se de orgulho:

– Estou estudando aqui, papai, no castelo, com Saffy. Você devia ver a biblioteca, tem mais livros até do que a biblioteca pública. Cada parede é coberta de estantes. E estou aprendendo latim. – Ah,

como adorava o latim. Sons do passado, imbuídos de significado. Vozes antigas ao vento. Meredith empurrou seus óculos mais para cima no cavalete do nariz; sempre escorregavam quando ficava empolgada. – E estou aprendendo piano também.

– Minha irmã Seraphina está muito satisfeita com o progresso de sua filha – disse Percy. – Ela tem se saído bem, considerando-se que nunca tinha visto um piano.

– É mesmo? – disse seu pai, as mãos remexendo-se nos bolsos, de modo que seus cotovelos se moviam de forma muito peculiar acima do tampo da mesa. – Minha filha sabe tocar canções?

Meredith sorriu orgulhosamente e imaginou se suas orelhas estariam vermelhas.

– Algumas.

Percy serviu mais chá para todos.

– Talvez você possa levar seus pais lá dentro mais tarde, Meredith; à sala de música, onde poderá tocar uma de suas peças para eles, hein?

– Ouviu isso, mãe? – Seu pai apontou para ela com um gesto da cabeça. – Nossa Meredith está tocando música de verdade.

– Ouvi. – Alguma coisa pareceu se instalar no rosto de sua mãe naquele momento, embora Meredith não soubesse exatamente do que se tratava. Era a mesma expressão que via quando ela e seu pai discutiam sobre alguma coisa e ele cometia o erro pequeno, mas fatal, de assegurar que a vitória seria dela. Sua voz endureceu e ela dirigiu-se a Meredith como se Percy não estivesse lá: – Sentimos sua falta no Natal.

– Também senti falta de vocês, mamãe. Eu realmente queria ir visitá-los, mas não havia trens. Precisavam de todos eles para os soldados.

– Rita está voltando conosco para casa hoje. – Sua mãe colocou a xícara de chá no pires, arrumou a colherinha decididamente e empurrou-os, afastando-os de si. – Nós lhe arrumamos um trabalho em um salão de beleza, na Old Kent Road. Ela começa na segunda-feira. No começo, será para limpar, mas eles vão lhe ensinar a fazer penteados e cortes também. – A satisfação levou um brilho aos olhos de sua mãe. – Há oportunidades no momento, Merry, agora

que tantas jovens estão se alistando no serviço da Marinha Real ou indo para as fábricas. Boas oportunidades para uma jovem sem outras perspectivas.

Fazia sentido. Rita estava sempre remexendo em seus cabelos e em sua preciosa coleção de artigos de beleza.

– Parece bom, mamãe. É bom ter alguém na família que possa ajeitar seu cabelo para você. – Isso não pareceu agradar a sua mãe.

Percy Blythe pegou um cigarro da cigareira de prata que Saffy insistia que ela usasse quando tinha convidados, tateou os bolsos à procura de fósforos.

Seu pai limpou a garganta.

– O caso, Merry – disse ele, e seu constrangimento em nada serviu de consolo para Meredith pela declaração terrível que ele fez em seguida: – Sua mãe e eu achamos que é hora para você também.

E então Meredith compreendeu. Queriam que ela voltasse para casa, se tornasse cabeleireira, deixasse Milderhurst. No fundo de seu estômago, o pânico formou uma bola que começou a rolar de um lado para o outro. Ela pestanejou algumas vezes, ajeitou os óculos, depois gaguejou:

– Mas, mas, eu não quero ser cabeleireira. Saffy diz que é importante que eu termine meus estudos. Que talvez eu até consiga uma vaga no liceu quando a guerra terminar.

– Sua mãe estava pensando em seu futuro no salão de beleza; podemos conversar sobre outra ocupação, se você quiser. Em um escritório, talvez. No funcionalismo público?

– Mas não é seguro em Londres – disse Meredith repentinamente. Foi um golpe de mestre: ela não estava nem remotamente com medo de Hitler ou de suas bombas, mas talvez essa fosse uma maneira de convencê-los.

Seu pai sorriu e bateu de leve em seu ombro.

– Não há nada com que se preocupar, menina. Cada um de nós está fazendo sua parte para derrubar o pessoal de Hitler: sua mãe começou a trabalhar em uma fábrica de munição e estou trabalhando à noite. Não há bombas sendo jogadas, nenhum gás venenoso, a antiga vizinhança está do mesmo jeito que sempre foi.

Do mesmo jeito que sempre foi. Meredith visualizou as ruas velhas e negras de fuligem com sua casa feia e sombria, e, com um súbito raio de clareza ofuscante, admitiu naquele momento o quanto estava desesperada para continuar em Milderhurst. Virou-se para o castelo, cruzando os dedos, desejando que pudesse evocar Juniper apenas com a intensidade de sua vontade, desejando que Saffy aparecesse e dissesse as palavras perfeitas, fizesse seu pai e sua mãe verem que levá-la para casa não era o certo a fazer, que deveriam permitir que ela ficasse ali.

Talvez por alguma estranha comunicação entre gêmeas, Percy tenha escolhido este momento para entrar na conversa:

– Sr. e sra. Baker – disse ela, batendo a ponta do cigarro na cigareira de prata, com um ar de quem preferia estar em outro lugar. – Compreendo que gostariam muito de ter Meredith em casa com vocês, mas se a invasão...

– Você virá conosco esta tarde, mocinha, e ponto final. – Sua mãe se ouriçara, furiosa. Ela nem sequer relanceou os olhos para Percy, fixando em Meredith um olhar que prometia um castigo severo mais tarde.

Os olhos de Meredith lacrimejaram por trás dos óculos.

– Não vou.

Seu pai rosou:

– Não responda a sua mãe.

– Bem – disse Percy abruptamente. Ela levantara a tampa do bule e examinava seu conteúdo. – O bule está vazio; com licença, vou enchê-lo, sim? Estamos com certa falta de empregados no momento. Economia de guerra.

Os três ficaram observando-a se afastar, e então sua mãe sibilou para seu pai:

– Certa falta de empregados. Ouviu isso?

– Ora, vamos, Annie. – Seu pai não era afeito a confrontos. Era o tipo de homem cuja impressionante corpulência funcionava como intimidação suficiente, portanto ele raramente precisava chegar a explodir. Sua mãe, por outro lado...

– Essa mulher está nos desprezando desde que chegamos. Economia de guerra, francamente. Em um lugar como este. –

Abanou a mão bruscamente em direção ao castelo. – Provavelmente acha que deveríamos ir lá dentro atrás dela para buscar o chá.

– Não acha não! – exclamou Meredith. – Elas não são assim.

– Meredith. – Seu pai continuava fitando um ponto fixo no chão, mas sua voz se elevou, quase suplicante, e ele lançou-lhe um olhar fulminante por baixo do cenho franzido. Normalmente, ela sabia, ele confiava nela para ficar silenciosamente ao seu lado quando sua mãe e Rita começavam a gritar. Mas não hoje: ela não podia ficar ao seu lado hoje.

– Mas, papai, olhe a bela mesa de chá que arrumaram especialmente...

– Chega de conversa, mocinha. – Sua mãe estava de pé agora e deu um puxão em Meredith pela manga de seu vestido novo, com mais força do que normalmente o faria. – Vá lá dentro e traga suas coisas. Seus *verdadeiros* vestidos. O trem vai partir logo e todos nós vamos estar nele.

– Eu não quero ir – disse Meredith, voltando-se ansiosamente para o pai. – Deixe-me ficar, papai. Por favor, não me faça ir. Estou aprendendo...

– Bah! – Sua mãe abanou a mão, descartando a conversa. – Posso ver muito bem o que você andou aprendendo aqui com esta *lady* metida a besta; aprendeu a ser insolente com seus pais. Posso ver o que você também está esquecendo: quem você é e de onde vem. – Sacudiu o dedo em riste para seu pai. – Eu disse a você que estávamos errados em mandá-los para fora de Londres. Se nós os tivéssemos mantido em casa como eu queria...

– Chega! – Seu pai finalmente explodira. – Chega, Annie. Sente-se. Não há nenhuma necessidade de tudo isso, ela vai para casa agora.

– Não vou!

– Oh, vai sim – disse sua mãe, levando a mão espalmada para trás. – E há um bom tapa no ouvido esperando por você quando chegar lá.

– Chega, já disse! – Seu pai estava de pé agora também; segurou o pulso da mulher. – Pelo amor de Deus, chega, Annie. – Seus olhos buscaram os dela e algo se passou entre eles; Meredith viu o pulso

da mãe afrouxar. Seu pai balançou a cabeça para ela. – Todos nós ficamos um pouco esquentados, só isso.

– Fale com sua filha... Não posso nem olhar para ela. Espero que ela nunca saiba o que é perder um filho. – E começou a se afastar, os braços cruzados obstinadamente.

Seu pai pareceu repentinamente cansado e velho. Passou a mão pelos cabelos. Estavam rareando no topo, de modo que Meredith podia ver as marcas que o pente fizera naquela manhã.

– Não se preocupe com ela. Ela é exaltada, você sabe como ela é. Tem se preocupado com você, todos nós temos. – Ele olhou novamente para o castelo, assomando acima deles. – Nós ouvimos histórias. Pelas cartas de Rita e de algumas das crianças que voltaram para casa, histórias terríveis de como foram tratadas.

Isso era tudo? Meredith sentiu o esfuziante delírio do alívio; ela sabia que houve evacuados menos afortunados do que ela, mas, se era só isso que os preocupava, então certamente tudo que ela precisava fazer era tranquilizar seu pai:

– Mas não há nada com que se preocupar, papai. Eu lhe disse em minhas cartas: sou feliz aqui. Não leu minhas cartas?

– Claro que li. Nós dois lemos. O melhor momento do nosso dia, meu e de sua mãe, quando recebíamos uma carta sua.

Pela maneira como ele falou, Meredith sabia que era verdade e sentiu uma pontada no peito, imaginando-os à mesa, debruçados sobre tudo que ela escrevera.

– Muito bem, então – disse ela, incapaz de olhá-lo nos olhos –, você sabe que tudo está bem. *Melhor* do que bem.

– Sei que foi isso que você disse. – Olhou na direção de sua mãe, verificando se ela ainda estava a uma boa distância. – E isso foi parte do problema. Suas cartas eram tão... alegres. E sua mãe ouviu de uma de suas amigas que havia famílias adotivas trocando as cartas que os meninos e meninas escreviam para casa. Impedindo-os de dizer qualquer coisa que pudesse refletir negativamente sobre elas. Fazendo as coisas parecerem melhores do que realmente eram. – Seu peito se elevou com um suspiro profundo. – Mas não é assim com você, não é, Merry? Não para você.

– Não, papai.

– Você está feliz aqui; tão feliz quanto diz em suas cartas?

– Sim. – Meredith podia ver que ele começava a vacilar. A possibilidade atingiu seu corpo como fogos de artifício, e ela se apressou a dizer:

– Percy é um pouco severa, mas Saffy é maravilhosa. Você pode conhecê-la, se for lá dentro; eu poderia tocar uma música para você no piano.

Ele ergueu os olhos para a torre, a luz do sol varrendo suas faces. Meredith observou enquanto suas pupilas se estreitavam; esperou, tentando ler seu rosto largo, neutro. Seus lábios se moveram como se ele estivesse fazendo cálculos, memorizando números, mas era impossível para ela ver em que direção as somas o levariam. Em seguida, ele olhou para sua mulher, fumegando junto ao chafariz, e Meredith compreendeu que era agora ou nunca.

– Por favor, papai – ela agarrou o tecido de sua manga –, por favor, não me obrigue a voltar. Estou aprendendo tanta coisa aqui, muito mais do que eu poderia aprender em Londres. Por favor, faça a mamãe ver que eu estou melhor aqui.

Um leve suspiro e ele franziu a testa na direção das costas da mulher. Enquanto Meredith olhava, o rosto dele mudou, assumindo uma expressão de ternura que fez o coração da filha dar um salto. Mas ele não olhou para ela, nem falou. Finalmente, ela seguiu a direção de seu olhar, e notou que a mãe havia se virado um pouco, estava parada com uma das mãos no quadril, a outra se mexendo de leve ao lado do corpo. O sol se posicionara por trás dela e lançou brilhos ruivos em seus cabelos castanhos, e ela parecia bonita, perdida e extraordinariamente jovem. Seus olhos estavam fixos nos de seu pai, e em um momento sombrio e ressonante Meredith viu que a ternura em seu rosto era por sua mãe, e de modo algum por ela.

– Sinto muito, Merry – disse ele, cobrindo os dedos da mão dela, ainda agarrados à manga de sua camisa, com os dele. – É para o seu bem. Vá buscar suas coisas. Nós vamos para casa.

E foi nesse momento que Meredith tomou uma atitude cruel, a traição pela qual sua mãe jamais a perdoaria. Sua única desculpa, de que não tinha outra escolha, que ela era uma criança e ainda o

seria por vários anos, e ninguém se importava com o que ela queria. Estava cansada de ser tratada como um pacote ou uma mala, despachada de um lado para o outro, dependendo do que os adultos achavam melhor. Tudo que ela queria era pertencer a um lugar.

Meredith tomou a mão do pai e disse:

– Sinto muito também, papai.

E enquanto o espanto ainda se instalava no rosto do pai, ela sorriu se desculpando, evitou o olhar furioso da mãe e correu o mais rápido que podia, saltou pela faixa que limitava o gramado e entrou na segurança fresca e escura do bosque Cardarker.



Percy descobriu os planos de Saffy para Londres inteiramente por acaso. Se ela não tivesse se ausentado do chá com os pais de Meredith, talvez nunca tivesse ficado sabendo. Não até ser tarde demais. Felizmente, imaginou, a lavagem de roupa suja era algo que achava tanto constrangedor quanto enfadonho, e por sorte ela pedira licença e entrara, pretendendo apenas deixar o tempo necessário passar antes de voltar a águas tranquilas. Esperara encontrar Saffy apoiada à janela, espionando os acontecimentos de longe e exigindo um relatório – Como eram os pais dela? Como estava Meredith? Eles gostaram do bolo? –, portanto, foi um pouco surpreendente encontrar a cozinha vazia.

Percy lembrou-se de que ainda segurava o bule e, seguindo seu estratagema um pouco fraco, levou a chaleira de volta ao fogo. O tempo passava devagar e sua atenção se afastou das chamas; ela começou a se perguntar o que teria feito para merecer tanto um casamento quanto um chá no mesmo dia. E foi quando soou o toque barulhento do telefone de dentro da salinha do mordomo. Telefonemas haviam se tornado raros depois que os Correios avisaram que bate-papos sociais pelas redes podiam atrasar importantes conversas de guerra, então Percy levou um instante para perceber a origem da barulheira.

Em consequência, quando ela finalmente levantou o receptor, conseguiu soar ao mesmo tempo temerosa e desconfiada:

– Castelo Milderhurst. Alô?

A pessoa do outro lado da linha identificou-se imediatamente como sr. Archibald Wicks, de Chelsea, e pediu para falar com a srta. Seraphina Blythe. Desconcertada, Percy ofereceu-se para transmitir o recado, e foi então que o cavalheiro lhe disse que era o empregador de Saffy, telefonando com novas recomendações sobre suas acomodações em Londres a partir da semana seguinte.

– Desculpe-me, sr. Wicks – disse Percy, os vasos sanguíneos dilatando-se sob a pele. – Receio que tenha havido algum mal-entendido.

Uma leve hesitação.

– Um mal-entendido, a senhora disse? A linha... Está um pouco difícil de ouvir.

– Seraphina, minha irmã, não poderá assumir o cargo em Londres.

– Oh. – Houve uma nova pausa, durante a qual os estalidos espocaram pela distância e Percy não pôde deixar de imaginar os fios telefônicos, esticados de poste em poste, balançando à brisa uivante. – Oh, entendo – continuou ele. – Mas isso é estranho, pois eu tenho a carta dela aceitando o cargo aqui em minha mão. Nós nos correspondemos com muita confiabilidade sobre o assunto.

Isso explicava a frequência de cartas que Percy vinha levando e trazendo ao castelo ultimamente; a determinação de Saffy de se manter perto do telefone, “no caso de algum telefonema importante relativo à guerra”. Percy se amaldiçoou por ter se deixado distrair por seus deveres de voluntária de guerra, por não ter prestado mais atenção.

– Compreendo – disse ela – e tenho certeza de que Seraphina tinha todo o propósito de honrar seu acordo. Mas a guerra, sabe, e agora nosso pai adoeceu. Receio que ela será necessária em casa enquanto isso durar.

Apesar de decepcionado e obviamente confuso, o sr. Wicks ficara um pouco apaziguado pela promessa de Percy de enviar-lhe um exemplar autografado da primeira edição do *Homem de Lama* para sua coleção de livros raros, e desligara relativamente de bom humor. Não haveria a questão, ao menos, de ele processá-las por quebra de contrato.

Já a decepção de Saffy, Percy desconfiava, não seria tão facilmente manipulada. Ouviu-se o barulho de descarga em algum lugar distante, depois os canos gorgolejaram na parede da cozinha. Percy sentou-se no banquinho e esperou. Em poucos minutos, Saffy entrou apressadamente vindo do andar de cima.

– Percy! – Ela parou abruptamente, olhou na direção da porta dos fundos aberta. – O que está fazendo aqui? Onde está Meredith? Os pais dela não foram embora ainda, foram? Está tudo bem?

– Vim buscar mais chá.

– Oh. – O rosto de Saffy relaxou em um sorriso hesitante. – Então, deixe-me ajudá-la. Não pode ficar muito tempo longe de seus convidados. – Ela pegou o pote de folhas de chá e levantou a tampa do bule.

Percy pensou em confrontá-la, mas a conversa com o sr. Wicks a havia surpreendido de tal forma que ela ficara sem fala. Por fim, disse simplesmente:

– Houve um telefonema. Enquanto eu esperava a chaleira.

Apenas um leve tremor; um pequeno derrame de folhas de chá pelos lados da colher.

– Um telefonema? Quando?

– Agora mesmo.

– Oh. – Saffy varreu as folhas entornadas para dentro da palma de uma das mãos; elas uniram-se como uma pilha de formigas mortas. – Foi alguma coisa relativa à guerra?

– Não.

Saffy apoiou-se contra a bancada, agarrou um pano de pratos que estava perto como se fosse uma tábua de salvação.

A chaleira escolheu esse momento para ferver, sibilando pelo bico antes de começar a assoviar ameaçadoramente. Saffy tirou-a do fogo, permaneceu junto ao fogão, de costas para Percy, a respiração suspensa, esperando.

– Era um sujeito chamado sr. Archibald Wicks – disse Percy finalmente. – Telefonando de Londres. Um colecionador, ele disse.

– Sei. – Saffy não se virou. – E o que você lhe disse?

Um grito lá de fora e Percy moveu-se rapidamente para a porta aberta.

– O que você lhe disse, Percy?

Uma brisa, e com ela o cheiro de grama cortada.

– Percy? – Apenas um murmúrio.

– Eu disse a ele que precisávamos de você aqui.

Saffy emitiu um som que poderia ser um soluço.

Com cuidado, Percy falou bem devagar:

– Você sabe que não pode ir, Saffy. Que não deve enganar as pessoas desse modo. Ele a esperava em Londres na semana que vem.

– Me esperava em Londres porque é lá que eu estarei. Eu me candidatei ao cargo, Percy, e ele me escolheu. – Desta vez, ela se virou. Ergueu o punho cerrado, o cotovelo dobrado, um gesto estranhamente teatral, principalmente por conta do pano de pratos agarrado em sua mão. – Ele me *escolheu* – disse ela, brandindo o punho para dar ênfase. – Ele coleciona todo tipo de coisas, belas coisas, e ele me empregou, a *mim*, para assisti-lo com seu trabalho.

Percy retirou um cigarro da cigarreira; teve de lutar com o fósforo, mas finalmente conseguiu acendê-lo.

– Eu vou, Percy, e você não pode me impedir.

Maldita Saffy; ela não facilitaria as coisas. A cabeça de Percy já estava latejando; o casamento a deixara exausta, e depois bancar a anfitriã para os pais de Meredith. Isto era a última coisa de que precisava. Saffy estava sendo propositadamente obtusa, forçando-a a explicitar suas razões. Bem, se era assim que ela queria tratar a questão, Percy não tinha medo de estabelecer a lei.

– Não – soltou uma baforada –, não vai não. Você não vai a lugar nenhum, Saffy. Você sabe disso, eu sei disso e agora o sr. Wicks sabe também.

Os braços de Saffy afrouxaram-se ao lado do corpo e o pano de pratos caiu no chão.

– Você disse a ele que eu não iria. Simplesmente.

– Alguém tinha de fazer isso. Ele já estava prestes a lhe enviar o dinheiro da passagem.

Os olhos de Saffy estavam rasos d'água agora e, embora Percy estivesse com raiva dela, também estava satisfeita de ver que a irmã

estava lutando contra as lágrimas. Talvez, no final das contas, uma cena fosse evitada desta vez.

– Vamos, vamos – disse ela –, tenho certeza de que você vai enxergar que é o melhor.

– Você realmente não vai me deixar ir.

– Não – disse Percy, de forma gentil, mas com firmeza. – Não vou.

O lábio inferior de Saffy tremeu e sua voz, quando finalmente conseguiu falar, não passou de um sussurro:

– Você não pode nos controlar para sempre, Percy. – Seus dedos raspavam a saia, reunindo fiapos invisíveis em uma minúscula bola.

Era um gesto que a acompanhava desde a infância, e Percy foi tomada pelo *déjà-vu* e por uma enorme ânsia de abraçar com força a irmã gêmea e não soltá-la mais, de dizer-lhe que era amada, que ela não queria ser cruel, que fazia isso pelo próprio bem de Saffy. Mas não o fez. Não poderia. E não teria feito nenhuma diferença de qualquer modo, porque ninguém quer ouvir esse tipo de coisa, mesmo quando sabem, no fundo do coração, que é verdade.

Contentou-se, em vez disso, em suavizar a própria voz e dizer:

– Não estou tentando controlá-la, Saffy. Talvez em alguma outra ocasião, no futuro, você possa deixar... – Percy fez um gesto amplo abrangendo as paredes do castelo. – Mas não agora. Nós precisamos de você aqui agora, com a guerra e o estado de saúde de papai. Sem mencionar a grave falta de pessoal: já pensou no que aconteceria ao resto de nós se você fosse embora? Pode ver Juniper ou papai, ou, Deus me livre, *eu mesma*, em cima de uma pilha de roupa suja?

– Não há nada que você não possa fazer, Percy. – A voz de Saffy era amarga. – Nunca houve nada que *você* não pudesse fazer.

Percy compreendeu, então, que havia vencido; mais importante ainda, que Saffy sabia disso também. Mas não sentiu nenhuma alegria, somente o fardo da responsabilidade que já lhe era familiar. Todo o seu ser sofria por sua irmã, pela jovem que ela fora um dia com o mundo a seus pés.

– Srta. Blythe? – Percy ergueu os olhos e deparou-se com o pai de Meredith à porta, sua mulher, magra e pequena, ao seu lado, e um ar de absoluta perplexidade envolvendo ambos.

Ela havia se esquecido completamente deles.

– Sr. Baker – disse ela, passando a mão nos cabelos da nuca. – Desculpe-me. Levei tanto tempo com o chá...

– Tudo bem, srta. Blythe. Nós já terminamos com o chá. A questão é Meredith, sabe. – Ele pareceu encolher-se um pouco. – Minha mulher e eu planejamos levá-la para casa conosco, mas ela está resolvida a ficar... Receio que a pestinha tenha fugido de nós.

– Oh. – Era a última coisa de que Percy precisava. Olhou para trás, mas a própria Saffy dera um jeito de fugir também. – Bem. Acho que é melhor darmos uma olhada, então, não é?

– Esta é exatamente a questão – disse o sr. Baker, com ar infeliz. – Minha mulher e eu temos de voltar para Londres no trem das 15:24. É o único hoje.

– Compreendo – disse Percy. – Então, é claro, vocês têm de ir. Os trens estão terríveis atualmente. Se perderem o de hoje, é provável que ainda estejam esperando a esta hora na quarta-feira.

– Mas, minha filha. – A sra. Baker parecia prestes a chorar e a perspectiva não caía bem em seu rosto duro e pontudo. Percy conhecia a sensação.

– Não devem se preocupar – disse ela, com um curto sinal com a cabeça. – Eu a encontrarei. Tem um número em Londres onde eu possa falar com vocês? Ela não deve ter ido longe.



De um galho do carvalho mais velho do bosque Cardarker, Meredith podia apenas divisar o castelo. A pequena torre pontiaguda no teto da torre e seu pináculo em forma de agulha perfurando o céu. As telhas resplandeciam, rubras, com o sol da tarde, e a ponta prateada brilhava. No gramado no topo do caminho de entrada, Percy Blythe acenava, dando adeus a seus pais.

As orelhas de Meredith ardiavam com a eletrizante travessura que acabara de fazer. Haveria consequências, ela sabia, mas não tivera outra opção. Ela correria sem parar, até não poder ir mais longe, e quando finalmente recuperou o fôlego, ela escalou a árvore, fremindo com a energia estranha, zumbindo em seus ouvidos, de ter agido impetuosamente pela primeira vez em sua vida.

No alto do caminho de entrada, os ombros de sua mãe arriaram-se e Meredith achou, por um instante, que ela estivesse chorando; então, seus braços voaram para os lados, as mãos espalmadas como estrelas do mar assustadas. Seu pai encolheu-se para trás, e Meredith compreendeu que sua mãe estava gritando. Não precisava ouvir o que ela dizia para saber que ela própria estava metida em uma grande confusão.

Enquanto isso, ainda parada no pátio do castelo, Percy Blythe fumava, uma das mãos no quadril enquanto observava os bosques, e Meredith sentiu as asas de um leve sopro de dúvida crescer em seu estômago. Ela presumira que fosse bem-vinda a continuar no castelo, mas e se não fosse? E se as gêmeas estivessem tão chocadas com sua desobediência que se recusassem a continuar tomando conta dela? E se a perseguição de seus próprios desejos tivesse criado um grande problema? Quando Percy Blythe terminou seu cigarro e virou-se de volta ao castelo, Meredith sentiu-se repentinamente muito sozinha.

Um movimento atraiu seu olhar para o telhado do castelo e o coração de Meredith girou como um catavento. Alguém em um vestido de verão branco estava subindo lá. *Juniper*. Finalmente, terminara! De volta ao mundo exterior. Enquanto Meredith observava, ela alcançou a parte plana da beirada e sentou-se, as longas pernas penduradas no vazio. Ela acenderia um cigarro agora, Meredith sabia, reclinando-se para trás, erguendo os olhos para o céu.

Mas ela não fez isso. Parou abruptamente e olhou na direção do bosque. Meredith agarrou-se com força ao galho; a empolgação provocara uma espécie engraçada de risada que se prendeu em sua garganta. Era quase como se Juniper a tivesse ouvido, como se a jovem houvesse de algum modo pressentido sua presença ali. Se alguém podia fazer isso, Meredith sabia, era Juniper.

Ela não podia voltar a Londres. Não voltaria. Não agora, ainda não.

Meredith observou seus pais descendo do castelo pelo caminho de entrada, a mãe de braços cruzados, o pai abatido ao seu lado.

– Desculpem-me – sussurrou ela baixinho. – Eu não tinha escolha.

A ÁGUA ESTAVA MORNA E RASA, mas Saffy não se incomodou. Um longo banho quente de banheira era um prazer do passado, e já lhe bastava ficar sozinha com a terrível traição de Percy. Deslizou o traseiro para frente para poder ficar estirada de costas, os joelhos dobrados na direção do teto, a cabeça submersa e as orelhas dentro da água. Seus cabelos flutuavam como algas marinhas ao redor da ilha de seu rosto e ela ouvia os movimentos e as borbulhas da água, o ruído metálico da corrente da tampa contra o esmalte da banheira, além de outras linguagens estranhas do mundo aquático.

Por toda a sua vida adulta, Saffy sempre soube que era a gêmea mais fraca. Percy gostava de fazer pouco dessa conversa, insistindo que isso não acontecia, não com elas: que havia apenas uma posição sob a luz do sol e outra ensombreada, entre as quais elas se revezavam de modo que tudo estivesse sempre em perfeito equilíbrio. O que era gentil da parte dela, mas não mais verdadeiro por ser bem-intencionado. Muito simplesmente, Saffy sabia que aquilo para o qual ela possuía um talento superior era o que não tinha importância. Ela escrevia bem, era uma ótima costureira, sabia cozinhar (razoavelmente) e ultimamente até fazer limpeza, mas de que valiam tais habilidades se permanecia escravizada? Pior ainda, uma escrava conformada. Porque, na maior parte das vezes, envergonhava-se de admitir, Saffy não se importava com o papel. Havia uma tranquilidade, afinal, que vinha em ser subordinada, a liberação de um fardo. No entanto, havia ocasiões, como hoje, quando se ressentia da expectativa de que ela aquiescesse sem discussão, qualquer que fosse sua preferência.

Saffy ergueu o corpo e apoiou-se sobre a borda lisa da banheira, passou a flanela molhada pelo rosto quente de raiva. Sentiu o esmalte fresco em suas costas e arrumou a flanela como um pequeno cobertor sobre os seios e o estômago, observou-a encolher-se e distender-se com sua respiração, uma segunda pele:

depois, fechou os olhos. Como Percy ousava falar por ela? Tomar decisões em nome dela, determinar seu futuro sem consultá-la?

Mas era o que Percy fazia, sempre fizera, e hoje, como sempre, não houve campo para discussão.

Saffy soltou o ar, expirando longa e lentamente, numa tentativa de controlar a raiva. O suspiro terminou com um soluço. Imaginava que devia estar satisfeita, até lisonjeada, por Percy precisar dela tão intensamente. E estava. Mas estava cansada também, de não ter nenhum poder; mais do que isso, estava cansada da vida. Pois desde quando Saffy podia se lembrar, sempre estivera presa em uma vida que corria em paralelo com a vida que sonhara, aquela que tivera todos os motivos para acreditar que seria sua.

Desta vez, no entanto, havia uma pequena coisa que ela *podia* fazer – Saffy passou a mão em cada uma das faces, animada pela determinação –, uma pequena maneira de exercitar seu fraco poder contra Percy. Seria um golpe de omissão, ao invés de ação; Percy jamais sequer ficaria sabendo que o golpe fora dado. O único espólio de guerra seria um ligeiro retorno da autoestima de Saffy. Mas seria o suficiente.

Saffy guardaria uma informação para si mesma, algo que Percy gostaria de saber: sobre o visitante inesperado que fora ao castelo naquele dia. Quando Percy estava no casamento de Lucy, Juniper estava no sótão e Meredith, percorrendo a propriedade, o advogado de seu pai, o sr. Banks, chegara em seu automóvel preto acompanhado de duas mulherzinhas circunspectas em trajés austeros. Saffy, que arrumava a mesa de chá ao ar livre, primeiro pensara em se esconder, fazendo de conta que não havia ninguém em casa – ela não gostava muito do sr. Banks e certamente não gostava de atender visitas inesperadas –, mas ela conhecia o advogado desde pequena, era amigo de seu pai, e, portanto, sentira-se obrigada a atendê-lo de uma maneira que não conseguia explicar facilmente.

Ela entrara correndo pela cozinha, arrumara-se no espelho oval junto à despensa, depois subira correndo as escadas, bem a tempo de cumprimentá-lo à porta da frente. Ele ficara surpreso, quase contrariado, ao vê-la, perguntando-se em voz alta a que ponto

estavam chegando quando um lugar tão grandioso quanto Milderhurst não possuía uma governanta apropriada e, em seguida, instruindo-a a levá-lo a seu pai. Por mais que Saffy desejasse adotar os modernos costumes da sociedade, ela nutria uma antiquada reverência pela lei e seus oficiais, de modo que fez precisamente o que ele mandou. Ele era um homem de poucas palavras (quer dizer, um homem nada disposto a conversas fiadas com as filhas de seus clientes); a subida foi silenciosa, e isso a deixara contente: homens como o sr. Banks sempre travavam sua língua. Quando finalmente atingiram o topo da escada em caracol, ele fez um rápido e curto cumprimento com a cabeça para Saffy antes de atravessar a porta com suas duas auxiliares e entrar no quarto da torre de seu pai.

A intenção de Saffy não tinha sido bisbilhotar; na verdade, ressentia-se da intrusão em seu tempo quase tanto quanto se ressentia de qualquer tarefa que a levasse à assustadora torre, com seu cheiro de morte iminente, a monstruosa gravura emoldurada na parede. Se a torturante luta de uma borboleta presa em uma teia de aranha entre os balaústres não tivesse atraído sua atenção, ela sem dúvida já estaria no meio das escadas e bem longe do alcance das vozes. Mas atraiu e ela não estava, e assim, enquanto ela cuidadosamente libertava o inseto, ouviu seu pai dizer:

– Foi por isso que o chamei, Banks. Uma droga, a morte. Fez as alterações?

– Fiz. Trouxe os papéis para serem assinados e testemunhados, juntamente com uma cópia para os seus arquivos, é claro.

Os detalhes depois disso Saffy não ouvira, nem quisera ouvir. Ela era a segunda filha de um homem antiquado, uma solteirona de meia-idade, o mundo masculino de propriedades e finanças nem lhe interessava, nem lhe dizia respeito. Ela só queria libertar a frágil borboleta e sair da torre, deixar o ar estagnado e as lembranças asfixiantes para trás. Ela não entrava no pequeno quarto havia mais de vinte anos, pretendia nunca mais colocar os pés lá dentro, jamais. E enquanto descia apressadamente as escadas, fugindo dali, tentou desvencilhar-se da nuvem de lembranças que a pressionavam conforme prosseguia.

Pois eles haviam sido próximos um dia, ela e o pai, há muito tempo, mas o amor se deteriorara. Juniper era a melhor escritora e Percy, a melhor filha, o que deixava bem pouco espaço para Saffy na afeição do pai. Houve apenas um breve e glorioso momento em que a utilidade de Saffy eclipsara a de suas irmãs. Depois da Guerra Mundial, quando seu pai retornara para casa, todo ferido e quebrado, foi ela quem conseguiu trazê-lo de volta, dar-lhe o que ele mais precisava. E fora sedutora, a força de seu afeto, as noites passadas às escondidas, onde ninguém mais podia achá-los...

Subitamente, houve uma confusão e os olhos de Saffy arregalaram-se. Alguém gritava. Ela estava na banheira, mas a água estava gelada, a luz através da janela havia desaparecido, deixando a penumbra em seu lugar. Saffy percebeu que cochilara. Teve sorte de não ter escorregado na banheira. Mas quem estava gritando? Empertigou-se, esforçando-se para ouvir. Nada, e perguntou-se se teria imaginado o barulho.

Então, ouviram-se novos gritos. E o repicar de uma sineta. O velho na torre, em um dos seus desvarios. Bem, Percy que cuidasse dele. Eles se mereciam.

Com um tremor, Saffy tirou a flanela fria e levantou-se, fazendo a água se agitar para frente e para trás. Pisou, escorrendo água no tapete. Havia vozes lá embaixo agora, podia ouvi-las. Meredith, Juniper – e Percy também –; estavam todas lá, todas juntas na sala amarela. Esperando o jantar, imaginou, e ela iria servi-los, como sempre fizera.

Saffy pegou seu roupão do gancho da porta, lutou com as mangas e amarrou-o sobre a pele molhada e fria, depois começou a descer o corredor, seus passos molhados ecoando ao longo das lajotas. Acalentando seu pequeno segredo.



– Precisa de alguma coisa, papai? – Percy empurrou a pesada porta do quarto da torre. Levou um instante para localizá-lo, enfurnado no nicho junto à lareira, sob a gravura de Goya; e quando o fez, ele pareceu assustado ao vê-la, e ela soube imediatamente que o pai sofrera outro de seus delírios. O que significava que quando ela

descesse muito provavelmente encontraria seu remédio diário ainda na mesa do hall de entrada, onde o deixara de manhã. Era sua própria culpa por ter esperado demais, e amaldiçoou a si mesma por não ter pensado em ir ver como ele estava assim que chegou da igreja.

Ela suavizou a voz, falando com ele da maneira que achava que devia falar com uma criança, caso tivesse tido a chance de conhecer uma o suficiente para amá-la:

– Pronto, pronto, está tudo bem. Gostaria de se sentar? Venha. Vou ajudá-lo a se instalar aqui perto da janela. É uma bela noite.

Ele balançou a cabeça com um movimento brusco, começou a caminhar em direção ao braço estendido de Percy, e ela soube que o desvario havia passado. Soube também que fora intenso, porque ele conseguira se recuperar o suficiente para dizer:

– Achei que tinha lhe dito para usar uma peruca, não?

Havia dito, sim, muitas vezes, e Percy obedientemente comprara uma (não algo fácil de conseguir em tempos de guerra), somente para deixar o maldito acessório jogado na sua mesinha de cabeceira como um rabo de raposa.

Havia uma manta de crochê dobrada sobre o braço da poltrona, uma coberta pequena, de cores vivas, que Lucy fizera para ele havia alguns anos, e Percy estendeu-a sobre os seus joelhos quando ele se sentou, dizendo:

– Desculpe, papai. Eu me esqueci. Ouvi a sineta e não quis deixar você esperando.

– Você parece um homem. É isso que quer? Que as pessoas a tratem como um homem?

– Não, papai. – Percy levou as pontas dos dedos à nuca, ao pequeno cacho aveludado que se prolongava além do resto da linha do cabelo. Ele não quis dizer nada com aquilo, e ela não se ofendeu, ficou apenas um pouco surpresa com a sugestão. Lançou um olhar de esguelha ao vidro da estante de livros, detectou sua imagem ondulada na superfície enrugada; uma mulher de expressão um pouco severa, traços angulosos, a coluna muito reta, mas um par de seios fartos, uma curva acentuada nos quadris, um rosto que não

era embelezado com batom ou pó de arroz, mas que ela não achava masculino. Esperava que não fosse.

Seu pai, enquanto isso, virara a cabeça para olhar os campos cobertos pelo manto da noite, pacificamente alheio à linha de pensamento que havia deflagrado.

– Tudo isso – disse ele, sem desviar os olhos. – Tudo isso.

Ela reclinou-se contra a lateral da poltrona, descansando o cotovelo no encosto. Ele não precisava dizer mais nada. Ela compreendia como ninguém mais como ele se sentia ao olhar para os campos de seus ancestrais.

– Leu o conto de Juniper, papai? – Era um dos poucos tópicos com que se podia contar para alegrar seu espírito, e Percy o aplicava com cuidado, esperando assim puxá-lo de volta da borda do negro estado de espírito onde ela sabia que ele ainda estava pairando.

Ele abanou a mão na direção do seu estojo de cachimbo e Percy entregou-o a ele. Ela enrolou um cigarro para si mesma enquanto ele colocava tabaco no forninho.

– Ela é um talento. Não há dúvida sobre isso.

Percy sorriu.

– Puxou a você.

– Precisamos ter cuidado com ela. A mente criativa precisa de liberdade. Deve vagar em seu próprio ritmo e seus próprios padrões. É difícil de explicar, Persephone, a alguém cuja mente funciona segundo linhas mais fleumáticas, mas é *imperativo* que ela seja liberada de praticidades, de distrações, de qualquer coisa que possa roubar seu talento. – Agarrou a saia de Percy. – Não tem nenhum sujeito correndo atrás dela, tem?

– Não, papai.

– Uma jovem como Juniper precisa de proteção – continuou ele, empinando o queixo. – Ser mantida em lugar seguro. Aqui em Milderhurst, dentro do castelo.

– Claro que ela deve ficar aqui.

– Cabe a você garantir isso. Tomar conta de suas duas irmãs. – E lançou-se em seu longo e costumeiro discurso sobre legado, responsabilidade e herança...

Percy esperou algum tempo, terminou de fumar seu cigarro, e somente quando ele chegava ao fim, ela disse:

– Vou levá-lo ao toailete antes de ir, sim, papai?

– Ir?

– Tenho uma reunião esta noite, na vila.

– Sempre saindo apressada. – A insatisfação franziu seu lábio inferior e Percy teve uma visão muito clara de como ele devia ser quando criança. Uma criança mimada, acostumada a ter tudo ao seu modo.

– Vamos, então, papai. – Conduziu o homem idoso ao toailete e procurou sua lata de tabaco enquanto esperava no corredor frio. Batendo no bolso, lembrou-se de que a deixara no quarto da torre. Seu pai ainda demoraria algum tempo, então ela correu de volta para buscá-la.

Encontrou a lata sobre a escrivaninha dele. E foi ali que também encontrou o pacote. Um grosso envelope do sr. Banks, mas sem nenhum selo de correio. Significando que fora entregue pessoalmente.

O coração de Percy bateu mais rápido. Saffy não mencionara nenhuma visita. Seria possível que o sr. Banks tivesse vindo de Folkestone, entrado sorrateiramente no castelo, subido até a torre, sem se anunciar a Saffy? Tudo era possível, imaginava, mas certamente era improvável. Que razão ele teria para fazer isso?

Percy ficou parada por um instante, indecisa, manuseando o envelope enquanto sentia o calor aumentar na nuca e sob os braços, fazendo sua blusa grudar na pele.

Com um olhar por cima do ombro, apesar de saber que estava sozinha, ela abriu-o e retirou os papéis de dentro. Um testamento. A data era daquele mesmo dia; ela desdobrou a carta e passou os olhos para ver o significado. Experimentou a sensação estranha, opressiva de ter suas piores suspeitas confirmadas.

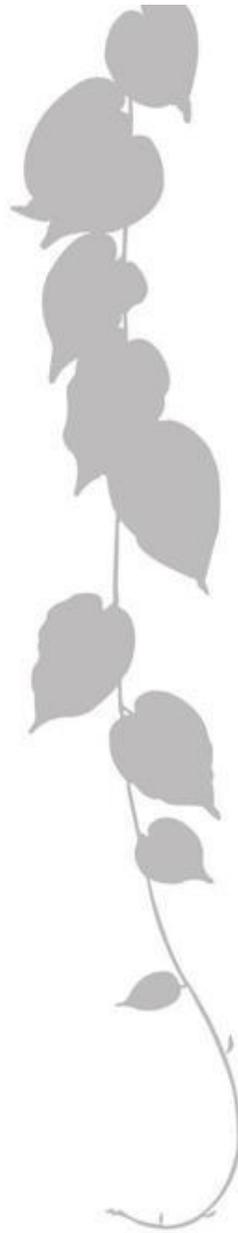
Pressionou os dedos de uma das mãos contra a testa. Como isso pudera acontecer? No entanto, lá estava: preto no branco, e azul onde o pai assinara, concordando. Ela leu o documento outra vez, mais cuidadosamente, procurando brechas, uma página faltando, ou

qualquer coisa que pudesse sugerir que ela havia se enganado, que lera depressa demais.

Mas não havia.

Oh, santo Deus, não havia.

Parte quatro



De volta ao castelo Milderhurst

1992

HERBERT ME EMPRESTOU SEU CARRO para ir a Milderhurst e, assim que saí da autoestrada, desci a janela e deixei a brisa soprar em minhas faces. O campo mudara nos meses entre as minhas visitas. O verão viera e se fora, e agora o outono em seus últimos dias. Enormes folhas secas jaziam em pilhas douradas ao lado da estrada, e eu me deixei levar cada vez mais fundo no Weald of Kent, majestosos galhos de árvores estendiam-se acima da estrada para se encontrarem no centro. Toda vez que o vento soprava, uma nova camada de folhas era derramada; pele perdida, uma estação terminada.

Havia um bilhete à minha espera quando cheguei à pousada na casa de fazenda:

Bem-vinda, Edie. Eu tinha algumas coisas a fazer que não podiam ser adiadas e Bird está acamado com gripe. Por favor, pegue a chave em anexo e se instale no Quarto 3 (primeiro andar). Sinto muito não poder recebê-la. Nós a veremos no jantar, às sete horas na sala de jantar.

Marilyn Bird.

PS: Pedi a Bird para levar uma escrivaninha melhor para o seu quarto; ficou um pouco apertado, mas achei que você gostaria de poder espalhar seu trabalho.

Um pouco apertado era colocar a situação no melhor dos termos, mas sempre gostei de espaços escuros, pequenos, e imediatamente comecei a fazer um arranjo engenhoso com as transcrições das gravações de Adam Gilbert, meus exemplares de *O castelo Milderhurst de Raymond Blythe* e o *Homem de Lama*, diversos cadernos de notas e canetas. Sentei-me, correndo os dedos de cada mão pela borda lisa da mesa. Um pequeno suspiro de satisfação escapou quando apoiei o queixo nas mãos. Era a sensação do

primeiro dia na escola, mas cem vezes melhor. Os quatro dias estendiam-se à minha frente e eu me sentia imbuída de entusiasmo e possibilidades.

Notei, então, o telefone, um antiquado aparelho de baquelita, e senti-me tomada por uma ânsia incomum. Era estar de volta em Milderhurst, é claro, no mesmo local em que minha mãe se encontrara.

O telefone tocou e tocou, e, quando eu já estava prestes a desligar, ela atendeu, um pouco resfolegante. Houve um momento de pausa depois que eu a cumprimentei.

– Oh, Edie, desculpe-me. Eu estava procurando seu pai. Ele meteu na cabeça... Está tudo bem? – Seu tom de voz aguçou-se como um lápis.

– Está tudo bem, mamãe. Só queria avisá-la de que já cheguei.

– Oh. – Uma pausa enquanto ela recuperava o fôlego. Eu a surpreendera: o telefonema para dizer que chegou bem não fazia parte de nossa rotina habitual; já não fazia havia cerca de uma década, desde que eu a convencera de que se o governo confiava em mim para votar, talvez já fosse hora de ela confiar em mim para pegar o metrô sem ter de avisar depois que minha viagem fora bem-sucedida. – Bem. Ótimo. Obrigada. Muita gentileza sua me avisar. Seu pai vai ficar feliz em saber. Ele sente a sua falta; anda desanimado desde que você partiu. – Outra pausa, mais longa desta vez, quando eu quase podia ouvi-la pensando, e depois, subitamente: – Você está aí, então? Milderhurst? Como... como está o castelo? Qual a sua aparência?

– Gloriosa, mamãe. O outono está deixando tudo dourado.

– Eu me lembro. Lembro-me de como era no outono. Como os bosques permaneciam verdes durante algum tempo, mas as pontas externas ficavam vermelhas como brasa.

– Cor de laranja também – disse eu. – E há folhas por toda parte. Verdade, por toda parte, como um tapete grosso, cobrindo o chão.

– Eu me lembro disso. O vento vem do mar e elas caem como chuva. Está ventando, Edie?

– Ainda não, mas a previsão é de que venha com toda a força durante a semana.

– Espere para ver. As folhas caem como neve. Elas estalam sob seus pés quando você corre sobre elas. Eu me lembro.

E suas últimas palavras foram suaves, frágeis, de certo modo, e eu não sei de onde veio, mas fui tomada pela emoção e me ouvi dizendo:

– Sabe, mamãe... eu termino aqui no quarto dia; você devia pensar em vir passar o dia aqui.

– Oh, Edie, oh, não. Seu pai não pode.

– *Você* deveria vir.

– Sozinha?

– Podíamos almoçar em algum lugar agradável, só nós duas. Dar uma volta pela vila. – A sugestão foi recebida com o zunido arrepiante da linha telefônica. Baixei a voz: – Não precisamos nos aproximar do castelo, se você não quiser.

Silêncio, e por um instante achei que a linha caíra, depois um ruído fraco e eu soube que ela continuava lá. Compreendi, quando o ruído continuou, que ela estava chorando, baixinho, junto ao telefone.



Eu só era esperada no castelo para me encontrar com as irmãs Blythe no dia seguinte, mas havia previsão de mudança do tempo e pareceu-me um desperdício passar uma bela tarde sentada à escrivaninha. Judith Waterman sugerira que o artigo incluísse minha própria impressão do lugar, então resolvi sair para uma volta. Novamente a sra. Bird havia deixado uma cesta de frutas na mesinha de cabeceira e eu selecionei uma banana e uma maçã, depois joguei um caderno e uma caneta na bolsa. Estava examinando o quarto, prestes a sair, quando avistei o diário de mamãe, pequeno e silencioso no canto da escrivaninha.

– Vamos então, mamãe – disse eu, pegando-o. – Vamos levá-la de volta ao castelo.



Quando eu era pequena, nas raras ocasiões em que mamãe não estaria esperando por mim em casa depois da escola, pegava o

ônibus para o escritório de meu pai em Hammersmith. Lá, esperava-se que eu encontrasse uma área de carpete – uma escrivaninha, se tivesse sorte – na sala de um dos sócios mais novos, um lugar para fazer o dever de casa ou ilustrar meu diário escolar, ou praticar assinar o sobrenome do mais recente alvo da minha paixão; qualquer coisa, na verdade, desde que eu permanecesse longe do telefone e não atrapalhasse o serviço.

Uma tarde, fui mandada para uma sala onde nunca havia entrado, por uma porta que nunca havia notado, bem no final de um corredor muito longo. Era pequena, pouco mais do que um closet iluminado, e, apesar de estar pintada de bege e marrom, não havia nenhum daqueles reluzentes ladrilhos espelhados em tom de cobre e estantes de vidro das outras salas da empresa. Em vez disso, havia uma pequena mesa e cadeira de madeira, e uma estante de livros fina e alta. Em uma das prateleiras, além dos enormes livros de contabilidade, vislumbrei algo interessante. Um globo de neve: você conhece o tipo, uma cena de inverno em que uma cabaninha de pedra resiste bravamente em uma colina de pinheiros, flocos brancos salpicando o chão.

As regras no local de trabalho de meu pai eram claras – eu não deveria tocar em nada –, mas não pude me conter. O globo me fascinava: era uma minúscula extravagância em um mundo bege e marrom, uma porta nos fundos de um armário, um irresistível símbolo de infância. Antes que eu me desse conta, já estava em cima da cadeira, o domo na mão, virando-o e endireitando-o, observando os flocos de neve caírem, sem parar, o mundo dentro do globo alheio ao mundo exterior. E lembro-me de ter sentido um curioso desejo de estar dentro daquele domo, ficar ao lado do homem e da mulher atrás da janela iluminada em dourado ou com a dupla de crianças empurrando um trenó marrom, em um lugar seguro que nada sabia da pressa e do barulho do lado de fora.

Foi o que senti ao me aproximar do castelo Milderhurst. Conforme subia a colina, cada vez mais perto, eu quase podia sentir o ar mudando ao meu redor, como se estivesse atravessando uma barreira invisível, para dentro de um outro mundo. Pessoas são não falam de casas possuem forças, de encantarem as pessoas, de

atraí-las, mas naquela semana passei a acreditar, como ainda acredito, que havia uma força indescritível atuando no coração do castelo Milderhurst. Eu já percebera isso em minha primeira visita, e senti a mesma sensação novamente naquela tarde. Uma espécie de atração, como se o próprio castelo me chamasse.

Não fiz o mesmo caminho da primeira vez; atravessei o campo até chegar ao caminho de entrada e o segui, atravessando uma pequena ponte de pedra, depois outra um pouco maior, até finalmente o próprio castelo surgir, alto e imponente no topo da colina. Continuei andando e só parei quando cheguei ao alto. Somente então virei-me para ver a direção de onde eu tinha vindo. As copas das árvores dos bosques espriavam-se abaixo de mim e parecia que o outono levava uma grande tocha às árvores, chamuscando-as em dourado, vermelho e bronze. Quisera ter comigo uma máquina fotográfica para poder levar uma foto para mamãe.

Deixei o caminho de entrada e segui uma grande sebe, olhando para cima enquanto andava, para a janela do sótão, a menor do quarto da babá com o armário secreto. O castelo me observava, ou assim parecia, suas cem janelas olhando fixamente por baixo de seus beirais descaídos. Não olhei para ele novamente, continuando ao longo da sebe até chegar aos fundos.

Havia um antigo galinheiro, vazio agora, e do outro lado uma estrutura em forma de domo. Aproximei-me e então reconheci do que se tratava. O abrigo contra bombas. Uma placa enferrujada havia sido afixada ali perto – dos dias de turnês regulares, imaginei – denominando-o *The Anderson* e, embora as letras houvessem desbotado com o tempo, pude decifrar o suficiente para ver que continha informações sobre o papel de Kent na Batalha da Bretanha. A bomba caíra apenas a um quilômetro e meio dali, dizia, matando um garoto de bicicleta. A placa dizia que o abrigo fora construído em 1940, o que significava, sem dúvida, que era o mesmo em que minha mãe deve ter se refugiado quando estava em Milderhurst durante a Blitz.

Não havia ninguém por perto para perguntar, então imaginei que pudesse dar uma olhada lá dentro, descendo as escadas íngremes

sob o arco de metal corrugado. Estava bastante escuro, mas a luz que entrava pela porta aberta era suficiente para eu ver que o local fora decorado como um palco, com parafernália de guerra. Embalagens de cigarros com fotos de Spitfires e Hurricanes, uma mesinha com um rádio clássico de caixa de madeira no centro, uma gravura de Churchill com o dedo apontado, advertindo-me para merecer a vitória! Exatamente como se fosse de novo 1940, o alarme tivesse soado levando pânico à população e eu esperasse pelos bombardeiros voando no alto.

Galguei as escadas para fora outra vez, pestanejei com a claridade. As nuvens corriam céleres pelo céu e o sol estava encoberto agora por um lençol branco. Notei, então, um refúgio na sebe, uma elevação onde não pude deixar de me sentar. Tirei o diário de mamãe da bolsa, recostei-me e abri na primeira página. Estava datado de janeiro de 1940.

Querido e adorável diário! Estive economizando-o por muito tempo – um ano inteiro, até um pouco mais – porque você foi um presente que o sr. Cavill me deu depois das provas. Ele me disse que eu deveria usá-lo para algo especial, que as palavras duravam para sempre e que um dia eu teria uma história que justificaria tal caderno de notas. Não acreditei nele na ocasião: nunca tive nada especial para escrever – isso soa muito melancólico? Creio que sim, e na verdade não quero dizer isso, só escrevi porque é verdade: nunca tive nada especial para escrever e não imaginava que teria. Mas eu estava errada. Terrivelmente, totalmente, maravilhosamente errada. Pois algo aconteceu e nada mais será igual outra vez.

Creio que a primeira coisa que eu deveria lhe dizer é que estou escrevendo isso em um castelo. Um castelo de verdade, feito de pedra, com uma torre e inúmeras escadas em caracol, enormes candelabros em todas as paredes com montes de cera derretida, décadas e décadas de cera enegrecida, pingando de suas bases. Você poderia pensar que isso, o fato de eu morar em um castelo, seja o fato “maravilhoso” e que é ganância esperar algo mais além disso, porém há mais.

Estou sentada no parapeito da janela no sótão, o lugar mais maravilhoso em todo o castelo. É o quarto de Juniper. Quem é Juniper, você perguntaria, se pudesse? Juniper é a pessoa mais incrível do mundo. É minha melhor amiga e eu sou a melhor amiga dela. Foi Juniper quem finalmente me convenceu a escrever em você. Disse que estava cansada de me ver carregando-o para toda parte como se fosse um peso de papel e que já era hora de eu me arriscar e escrever em suas belas páginas.

Ela diz que há histórias por toda parte e que as pessoas que esperam que a história certa apareça antes de colocar a caneta no papel acabam com páginas muito vazias. É nisso que consiste a redação, aparentemente, capturar visões e pensamentos no papel. Tecendo, como faz a aranha, mas usando palavras para fazer a trama. Juniper me deu esta caneta-tinteiro. Creio que deve ter vindo da torre, e estou um pouco receosa de que seu pai decida procurar quem foi que a roubou, mas eu a uso mesmo assim. É verdadeiramente uma caneta maravilhosa. Acho que é possível amar uma caneta, não acha?

Juniper sugeriu que eu escreva sobre a minha vida. Ela está sempre me pedindo para contar-lhe histórias sobre papai e mamãe, Ed e Rita, e a nossa vizinha, a sra. Paul. Ela ri muito alto, como uma garrafa que foi sacudida e depois aberta, bolhas explodindo por toda parte: assustador, de certa forma, mas adorável também. Sua risada não é absolutamente o que você espera. Ela é tão suave e graciosa, mas sua risada é rouca e gutural. Não é apenas a sua risada que eu adoro; ela também faz uma expressão ameaçadora quando eu lhe conto coisas que Rita diz, amarra a cara e cospe em todos os lugares.

Ela diz que sou uma pessoa de sorte – pode imaginar? Alguém como Juniper dizendo isso de mim? –, que toda a minha aprendizagem foi feita no mundo real. A dela, segundo ela, foi adquirida de livros. O que soa como o céu para mim, mas evidentemente não foi para ela. Sabe, ela não esteve em Londres desde quando era muito pequena. Ela foi com toda a sua família para ver a première de uma peça baseada no livro que seu pai escreveu, A verdadeira história do Homem de Lama. Quando Juniper

mencionou este livro para mim, disse seu nome como se, obviamente, eu o conhecesse, e eu fiquei muito envergonhada de admitir que não conhecia. Amaldiçoei meus pais por terem me mantido no escuro sobre tais coisas! Ela ficou surpresa, pude notar, mas não fez com que me sentisse mal. Balançou a cabeça, como se aprovasse completamente, e disse que sem dúvida era apenas porque eu estava muito ocupada em meu mundo real com pessoas reais. E então ela assumiu a expressão tristonha que assume às vezes, pensativa e um pouco perplexa, como se tentasse encontrar a resposta para uma pergunta complexa. É o mesmo olhar, eu acho, que minha mãe menospreza quando o vê em meu próprio rosto, aquele que a faz apontar o dedo e me dizer para eu me livrar dos céus cinzentos e continuar a fazer as coisas.

Oh, mas eu realmente adoro céus cinzentos! São tão mais complexos do que céus azuis. Se fossem pessoas, seriam elas que eu tentaria conhecer. É muito mais interessante tentar descobrir o que pode estar por trás de camadas de nuvens do que sempre encontrar um céu azul limpo, simples e sem graça.

O céu lá fora está muito cinzento hoje. Se eu olho pela janela, é como se alguém tivesse estendido um enorme cobertor cinza sobre o castelo. No solo, uma geada se aproxima também. A janela do sótão dá para um lugar muito especial, um dos preferidos de Juniper. É um lote de terreno quadrado, delimitado por uma cerca viva, com pequenas lápides erguendo-se debaixo do mato, todas se projetando em diferentes ângulos como dentes podres na boca de um velho.

Clementina Blythe

1 ano de idade

Cruelmente levada

Durma, minha pequenina, durma

Cyrus Maximus Blythe

3 anos de idade

Partiu cedo demais

Emerson Blythe

10 anos de idade

Amado

A primeira vez que fui lá, achei que fosse um cemitério para crianças, mas Juniper disse-me que eram animais de estimação. Todos eles. As irmãs Blythe gostam muito de seus animais, especialmente Juniper, que chorou ao me contar sobre seu primeiro cachorro, Emerson.

Brrr... Mas está terrivelmente frio aqui! Eu herdei uma variedade enorme de meias tricotadas desde que cheguei a Milderhurst. Saffy é excelente para tricotar, mas horrível quando se trata de contar, e o resultado é que um terço das meias que ela fez para os soldados são apertadas demais para cobrir sequer o dedão de um homem grandalhão, mas perfeitas para meus tornozelos finos. Coloquei três pares em cada pé e mais três no meu braço direito, deixando apenas o braço esquerdo exposto para poder segurar a caneta. O que explica o estado da minha letra. Peço desculpas por isso, querido diário. Suas belas páginas mereciam o melhor.

Assim, aqui estou eu, sozinha no sótão enquanto Juniper está ocupada lá embaixo, lendo para as galinhas. Saffy está convencida de que elas põem mais ovos quando estimuladas; Juniper, que adora animais, diz que não existe nada tão inteligente ou afável quanto uma galinha; e eu realmente gosto muito de ovos. Bem. Estamos todos felizes. E eu vou começar do princípio e escrever o mais rápido possível. Ao menos, manterá meus dedos aquecidos...

Um latido feroz, do tipo que faz o coração de uma pessoa retrair-se como um estilingue, e eu quase morri de susto.

Um cachorro apareceu acima de mim, o *lurcher* de Juniper; os dentes arreganhados, um rosnado baixo e grave emanando do fundo da garganta.

– Vamos, garoto – disse, a voz tensa de medo. – Vamos, vamos.

Eu estava em dúvida se deveria estender a mão e tentar afagá-lo, se ele se acalmaria dessa forma, quando a ponta de uma bengala apareceu na lama. Seguiu-se um par de pés calçados com pesadas botinas, e eu ergui os olhos para ver Percy Blythe fitando-me intensamente.

Eu já havia me esquecido completamente do quanto ela era magra e severa. Curvada sobre sua bengala, olhando para baixo e

vestida do mesmo jeito como da última vez em que nos encontramos, calças claras e uma blusa de corte fino que pareceria masculina se não fosse por sua compleição incrivelmente estreita e pelo relógio delicado que pendia, solto, ao redor do pulso esquelético.

– É você – disse ela, obviamente tão surpresa quanto eu. – Está adiantada.

– Eu sinto muito. Não tive a intenção de perturbá-la, eu...

O cachorro rosnou outra vez e ela fez um ruído impaciente, abanando os dedos.

– Bruno! Chega. – O cachorro choramingou e voltou para o lado dela. – Nós a esperávamos amanhã.

– Sim, eu sei. Às dez da manhã.

– Você ainda virá?

Assenti.

– Cheguei de Londres hoje. O tempo estava limpo e eu soube que deverá ficar chuvoso nos próximos dias, então resolvi dar uma volta, fazer algumas anotações, achei que não iriam se importar, então encontrei o abrigo e... não queria causar nenhum transtorno.

Em algum ponto de minha explicação, sua atenção definhara.

– Bem – disse ela, sem sinal de alegria –, você está aqui agora. Creio que deva entrar para o chá.

Uma gafe e uma vitória

A SALA AMARELA PARECEU-ME mais decadente do que eu me lembrava. Em minha visita anterior, eu achara o aposento um lugar aconchegante, um pedaço de vida e luz no meio de um corpo escuro, de pedra. Estava diferente desta vez, e talvez a mudança de estações fosse a culpada, a perda do brilho do verão, o frio insinuante que pressagiava o inverno, pois não foi somente a alteração da sala que me impressionou.

O cachorro arfava com dificuldade e desmoronou contra a tela surrada e rasgada. Ele também envelhecera, percebi, assim como acontecera a Percy Blythe desde maio e à própria sala, que desbotara. A ideia surgiu em minha mente naquele momento que Milderhurst, de certo modo, realmente era um mundo à parte do mundo real, um lugar fora dos limites habituais de tempo e espaço. Que estava sob uma espécie de feitiço: um castelo de contos de fadas em que o tempo podia ser desacelerado ou adiantado, segundo o capricho de um ser sobrenatural.

Saffy estava em pé, de perfil, a cabeça inclinada sobre um bule de porcelana fina.

– Finalmente, Percy – disse ela, enquanto tentava recolocar a tampa. – Estava começando a pensar que teríamos de providenciar uma busca... Oh! – Ela erguera os olhos e me vira ao lado de sua irmã. – Olá.

– É Edith Burchill – disse Percy de maneira pragmática. – Chegou um pouco inesperadamente. Vai tomar chá conosco.

– Que ótimo – disse Saffy, e seu rosto se iluminou de tal forma que ficou evidente que não estava apenas sendo educada. – Eu já ia servir, se pudesse fazer esta tampa parar no lugar. Vou colocar mais uma xícara. Ora, que surpresa agradável!

Juniper estava junto à janela, exatamente como da outra vez em que eu estivera ali, em maio, mas desta vez ela dormia, roncando levemente, com a cabeça enfiada na aba verde-clara da poltrona

bergère de veludo. Não pude deixar de pensar, ao vê-la, na anotação no diário de minha mãe, sobre a jovem encantadora que ela amara. Que tristeza, que horror vê-la reduzida a isto.

– Estamos muito contentes que tenha podido vir, srta. Burchill – disse Saffy.

– Por favor, chame-me de Edie, é um diminutivo para Edith.

Ela sorriu com satisfação.

– Edith. Que lindo nome. Significa “abençoada na guerra”, não é?

– Não sei – disse, desculpando-me.

Percy clareou a garganta, e Saffy continuou rapidamente:

– O cavalheiro era muito profissional, mas – lançou um olhar a Juniper –, bem. É muito mais fácil falar com outra mulher, não é, Percy?

– É, sim.

Vendo-as juntas assim, compreendi que eu não tinha imaginado o passar do tempo. Em minha primeira visita, eu notara que as gêmeas eram da mesma altura, apesar da personalidade autoritária de Percy lhe dar mais estatura. Desta vez, entretanto, não havia dúvidas, Percy estava menor do que a irmã gêmea. Estava mais frágil também, e não pude deixar de pensar em Jekyll e Hyde, no momento em que o médico se depara com seu eu mais sombrio e menor.

– Por que não se senta? – disse Percy, de maneira cáustica. – Vamos todos nos sentar e prosseguir com isto.

Fizemos o que ela disse e Saffy serviu o chá, conduzindo uma conversa unilateral com Percy sobre Bruno, o cachorro – Onde ela o encontrara? Como ele estava? Como ele conseguira caminhar? –, e eu fiquei sabendo que Bruno não estava bem, que estavam preocupadas com ele, muito preocupadas. Elas mantinham a voz baixa, lançando olhares furtivos à adormecida Juniper, e eu me lembrei de Percy dizendo-me que Bruno era o cachorro de Juniper, que faziam questão de que ela sempre tivesse um animal de estimação, que todos precisavam de algo para amar. Examinei Percy por cima da borda da minha xícara de chá, não pude evitar. Apesar de ser rabugenta, havia algo em sua atitude que eu achava fascinante. Enquanto ela respondia as perguntas de Saffy com

monossílabos, eu observava os lábios cerrados, a pele flácida, as rugas profundas escavadas por anos de expressão carrancuda, e me perguntei se ela estivera falando, em parte, de si mesma, quando dissera que todo mundo precisava de alguma coisa para amar. Se ela também fora privada de alguém.

Eu estava tão absorta em meus pensamentos que, quando Percy virou-se para olhar diretamente para mim, receei por um instante que ela de algum modo tivesse lido minha mente. Pisquei e senti minhas faces se afoguem, e foi então que percebi que Saffy estava falando comigo, que Percy erguera os olhos somente para ver por que eu não tinha respondido.

– Como? – disse. – Me distraí.

– Eu estava perguntando sobre sua viagem de Londres – disse Saffy. – Foi confortável, espero?

– Oh, sim. Obrigada.

– Lembro-me de quando costumávamos ir a Londres quando éramos meninas. Lembra-se disso, Percy?

Percy fez um ruído surdo de confirmação.

O rosto de Saffy se animara com a lembrança.

– Papai costumava nos levar todo ano; no começo, íamos de trem, sentados em nosso próprio compartimento com a babá, depois papai comprou o Daimler e todos nós íamos de automóvel. Percy preferia ficar no castelo, mas eu adorava estar em Londres. Tanta coisa acontecendo, tantas mulheres magníficas e homens bonitos para se ver; os vestidos, as lojas, os parques. – Ela sorriu; tristemente, porém, me pareceu. – Eu sempre presumi. – O sorriso estremeceu e ela baixou os olhos para sua xícara. – Bem. Imagino que todas as jovens sonham com certas coisas. Você é casada, Edith? – A pergunta foi inesperada, fazendo-me inspirar com força, quando então ela estendeu o braço. – Perdoe-me por perguntar. Que impertinência a minha!

– Absolutamente – disse. – Eu não me importo. E, não, não sou casada.

Seu sorriso se enterneceu.

– Achei que não. Espero que não ache que estou bisbilhotando, mas notei que não usa aliança. Embora talvez os jovens hoje em dia

não usem. Acho que estou um pouco por fora dos acontecimentos. Não saio muito. – Relanceou um olhar, quase imperceptível, para Percy. – Nenhuma de nós. – Seus dedos adejaram um pouco antes de pousarem em um antigo medalhão pendurado em um bonito cordão em seu pescoço. – Eu quase me casei uma vez.

Ao meu lado, Percy remexeu-se em seu assento.

– Tenho certeza de que a srta. Burchill não precisa ouvir nossas histórias de infortúnios.

– Claro que não – disse Saffy, ruborizando-se. – Que tolice a minha.

– Absolutamente. – Ela pareceu tão constrangida que fiquei ansiosa para oferecer-lhe consolo; tive a sensação de que passara toda a sua longa vida fazendo exatamente o que Percy lhe ordenava. – Por favor, fale-me sobre isso.

Um chiado quando Percy riscou um fósforo, acendeu o cigarro que prendera entre os lábios. Saffy estava dividida, eu podia ver, uma mistura de timidez e anseio brincando em seu rosto enquanto observava a irmã. Ela lia nas entrelinhas que eu não podia ver, avaliando um campo de batalha marcado com os golpes de lutas anteriores. Ela só retornou sua atenção para mim quando Percy levantou-se e levou seu cigarro para a janela, acendendo um abajur no caminho.

– Percy tem razão – disse ela diplomaticamente, e eu compreendi que ela havia perdido este combate.

– Em absoluto, eu...

– O artigo, srta. Burchill – interrompeu Percy. – Como vai indo?

– Sim – disse Saffy, recobrando-se –, diga-nos como está indo, Edith. Quais são seus planos enquanto está aqui? Imagino que queira começar com entrevistas, não?

– Na verdade – disse –, o sr. Gilbert fez um trabalho tão completo que não será necessário que eu tome muito do seu tempo.

– Oh. Oh, compreendo.

– Já falamos sobre isso, Saffy – disse Percy, e achei ter detectado um tom de advertência em sua voz.

– Claro. – Saffy sorriu para mim, mas havia tristeza por trás de seus olhos. – É que às vezes a gente pensa em algumas coisas...

mais tarde...

– Gostaria muito de falar com você se houver alguma coisa em que pensou e que não disse ao sr. Gilbert – disse.

– Isso não será necessário, srta. Burchill – disse Percy, voltando à mesa para bater as cinzas do cigarro. – Como você disse, o sr. Gilbert reuniu um dossiê completo.

Balancei a cabeça, mas sua postura inflexível me deixou perplexa. Sua posição de que novas entrevistas eram desnecessárias foi tão enfática que ficou claro que ela não queria que eu falasse sozinha com Saffy. No entanto, fora Percy quem demitira Adam Gilbert do projeto e insistira para que eu o substituísse. Eu não era convencida ou louca o suficiente para achar que isso tivesse alguma coisa a ver com minhas habilidades de escritora ou com a boa relação que havíamos estabelecido em minha visita anterior. Por que, então, ela havia me solicitado e por que estava tão determinada a não permitir que eu falasse com Saffy? Teria a ver com controle? Percy estaria tão acostumada a comandar a vida das irmãs que não podia permitir nem mesmo uma conversa sem a sua presença? Ou seria mais do que isso, ela estaria preocupada com o que quer que Saffy quisesse me contar?

– Seu tempo aqui será mais bem empregado vendo a torre e sentindo a casa em si – continuou Percy. – A maneira como papai trabalhava.

– Sim – disse –, claro. Sem dúvida, isso é importante. – Eu estava decepcionada comigo mesma, incapaz de me livrar da sensação de que eu, também, estava me submetendo timidamente ao comando de Percy Blythe. No meu âmago, uma pequena obstinação se remexeu. – Ainda assim – ouvi-me dizendo –, parece haver alguns pontos que não foram cobertos.

O cachorro choramingou lá do seu lugar e os olhos de Percy estreitaram-se.

– Sim?

– Notei que o sr. Gilbert não entrevistou Juniper, e achei que eu deveria.

– Não.

– Compreendo que não queira perturbá-la, mas prometo...

– Srta. Burchill, asseguro-lhe que não há proveito algum em falar com Juniper sobre a obra de nosso pai. Ela nem havia nascido quando o *Homem de Lama* foi escrito.

– É verdade, mas o artigo deve ser sobre vocês três, e mesmo assim eu gostaria...

– Srta. Burchill. – A voz de Percy era fria. – Deve compreender que nossa irmã não está bem. Eu já lhe disse antes que ela sofreu um grande golpe em sua juventude, uma decepção da qual nunca se recuperou.

– Disse, sim, e eu jamais pensaria em mencionar Thomas para ela.

Parei quando o rosto de Percy empalideceu. Foi a primeira vez que eu me lembrava de tê-la visto abalada. Eu não pretendia dizer o nome dele, e aquilo ficou pairando como fumaça no ar à nossa volta. Com um gesto brusco, ela pegou um novo cigarro.

– Seu tempo aqui – repetiu ela com uma determinação lenta e severa, negada pela caixa de fósforos em sua mão trêmula – seria mais bem empregado vendo a torre. Obtendo uma compreensão do modo como papai trabalhava.

Assenti e um peso estranho e instável agitou-se no fundo do meu estômago.

– Se ainda houver alguma dúvida que precise esclarecer, você perguntará a mim, não a minhas irmãs.

Foi quando Saffy interveio, à sua própria e inimitável maneira. Ela mantivera a cabeça abaixada durante minha troca de palavras com Percy, mas ergueu os olhos nesse momento, uma expressão afável, branda, no rosto. Falou com voz clara, perfeitamente inofensiva:

– O que significa, é claro, que ela precisa dar uma olhada nos cadernos de anotações do papai.

Seria possível que o aposento inteiro tivesse esfriado quando ela disse isso ou apenas assim me pareceu? *Ninguém* nunca vira as anotações de Raymond Blythe; não quando ele era vivo e não nos cinquenta anos de estudos póstumos. Mitos haviam começado a se formar em torno da própria existência desses cadernos de notas. E agora, ouvi-los mencionados assim, tão displicentemente, vislumbrar a possibilidade de poder tocá-los, ler a caligrafia do grande homem e

correr as pontas dos meus dedos, tão de leve, por seus pensamentos, exatamente quando se formavam...

– Sim – consegui dizer com pouco mais do que um sussurro –, sim, por favor.

Percy, enquanto isso, voltara-se para olhar para Saffy e, embora eu já não tivesse nenhuma esperança de compreender a dinâmica que se passava entre elas há quase nove décadas, como não tinha de desembaraçar o mato no bosque Cardarker, compreendi que um golpe fora desfechado. Um duro golpe. Soube também que Percy não queria que eu visse aqueles cadernos. Sua relutância apenas alimentou meu desejo, minha necessidade de tomá-los em minhas mãos, e eu preendi a respiração enquanto as gêmeas continuavam sua dança.

– Vá, Percy – disse Saffy, piscando com os olhos arregalados e permitindo que seu sorriso definhasse um pouco nos cantos, como se estivesse perplexa, como se não pudesse entender por que Percy precisava de estímulo. Relanceou um breve olhar para mim, suficiente apenas para eu saber que éramos aliadas. – Mostre-lhe a sala de documentos.

A sala de documentos. É claro, era lá que estavam! Era exatamente igual a uma cena do próprio *Homem de Lama*: os preciosos cadernos de notas de Raymond Blythe, escondidos no quarto de segredos.

Os braços de Percy, sua caixa torácica, seu queixo: tudo ficou imobilizado. Por que ela não queria que eu visse aquelas anotações? O que haveria nelas que ela tanto temia?

– Percy? – Saffy suavizou o tom de voz da maneira como alguém faria com uma criança que precisasse de estímulo para falar. – Os cadernos ainda estão lá, não?

– Imagino que sim. Certamente eu não os tirei de lá.

– E então? – A tensão entre elas era tão palpável que eu mal conseguia respirar enquanto observava e esperava. O tempo alongou-se indefinidamente; uma rajada de vento lá fora fez as persianas vibrarem contra as vidraças. Juniper remexeu-se. Saffy tornou a falar: – Percy?

– Hoje não – disse Percy finalmente, levando a guimba de seu cigarro para dentro do pequeno cinzeiro de cristal. – Escurece bem cedo agora. Já é quase noite.

Olhei para a janela e vi que Percy tinha razão. O sol descera rapidamente no horizonte e o ar frio da noite se instalava em seu lugar.

– Quando você vier amanhã, eu lhe mostrarei a sala. – Seus olhos fitavam-me duramente. – E, srta. Burchill?

– Sim?

– Não quero mais ouvi-la falar de Juniper nem *dele*.

Londres, 22 de junho de 1941

ERA UM APARTAMENTO PEQUENO, pouco mais de dois cômodos minúsculos no topo de um prédio vitoriano. O telhado inclinava-se em um dos lados até encontrar-se com a parede que alguém, em alguma época, erigira para que um sótão frio e cheio de correntes de ar pudesse se transformar em dois, e não se podia dizer que tivesse cozinha, apenas uma pequena pia ao lado de um velho fogão a gás. O apartamento não era de Tom, não verdadeiramente; ele não tinha um lugar próprio porque nunca precisara ter. Morara com sua família perto de Elephant and Castle até a guerra começar e, depois, com seu regimento, reduzido a um pequeno bando de extraviados a caminho da costa. Após Dunkirk, ele dormira em uma cama no Chertsey Emergency Hospital.

Desde que lhe deram baixa, entretanto, ele vinha passando de um quarto vago a outro, esperando sua perna sarar e sua unidade convocá-lo de volta. Havia lugares vagos por toda Londres, portanto nunca era difícil encontrar uma nova moradia. Parecia que tudo havia sido modificado pela guerra – as pessoas, as propriedades, os afetos – e já não havia uma única maneira certa de fazer as coisas. Este apartamento em particular, este quarto simples do qual ele se lembraria especialmente até o dia de sua morte, que logo se tornaria o repositório das melhores e mais felizes lembranças de sua vida, pertencia a um amigo com quem estudara na escola de formação de professores, em uma versão diferente de sua vida, há muito tempo.

Ainda era cedo, mas Tom já caminhara até Primrose Hill e voltara. Ele já não dormia até tarde, nem profundamente. Não depois dos meses na França, vivendo por conta própria enquanto batia em retirada. Acordava com os pássaros, particularmente os pardais, uma família dos quais havia se instalado no peitoril de sua janela. Fora um erro, talvez, alimentá-los, mas, para começar, o pão estava

mofado e o sujeito no Departamento de Reaproveitamento insistia que não deveria ser jogado fora. Era o calor do quarto e o vapor do *boiler* que faziam o pão de Tom mofar. Ele mantinha a janela aberta, mas o sol do dia se acumulava nos apartamentos inferiores, espalhava-se pela escada acima e infiltrava-se pelas tábuas do assoalho, antes de atingir seu teto e estender-se com uma tranquilidade de proprietário para cumprimentar o vapor. Ainda bem que ele se conformara: o mofo lhe pertencia, assim como os pássaros. Ele acordava cedo, alimentava-os, caminhava.

Os médicos haviam dito que caminhar era o melhor para sua perna, mas Tom teria se tornado adepto de suas caminhadas, independentemente dessa recomendação. Havia algo inquieto vivendo dentro dele agora, algo que ele adquirira na França que precisava ser exorcizado diariamente. Cada passo na calçada o ajudava um pouco e ele era grato pelo alívio, embora soubesse que era temporário. Naquela manhã, enquanto estava parado no topo de Primrose Hill e observava o amanhecer arregaçar as mangas, ele divisara o zoológico e a BBC, e, a distância, o domo da catedral de St. Paul, erguendo-se, perfeita, do meio dos escombros de sua vizinhança. Tom estava no hospital durante a maior parte dos bombardeios aéreos e a enfermeira-chefe fora vê-lo no dia 30 de dezembro, com *The Times* na mão (ele já tivera permissão para ler o jornal nessa ocasião). Ela ficara parada ao lado de sua cama, sisuda, mas não rude, quando ele começou a ler, e, antes de terminar a manchete, ela declarara a salvação da catedral um ato de Deus. Embora Tom tenha concordado que a sobrevivência do domo fora um assombro, achou que tinha um pouco mais a ver com sorte do que com Deus. Ele tinha problemas com Deus, com a ideia de que um Ser divino pudesse salvar um prédio quando toda a Inglaterra estava sangrando até a morte. Para a enfermeira-chefe, entretanto, ele balançara a cabeça, concordando: blasfêmia teria sido exatamente o tipo de coisa que a faria sussurrar no ouvido do médico sobre preocupantes estados de espírito.



Um espelho fora apoiado no batente estreito da janela e Tom, vestido de camiseta e calças, inclinou-se para ele, rodando o toco de sabão de barba pelas faces. Observou desapaixonadamente a imagem embaralhada refletida no espelho manchado, o jovem inclinando a cabeça de modo que a luz leitosa do sol atingisse seu rosto, e começou a passar a navalha cuidadosamente pelo maxilar, em movimentos regulares, contraindo-se ao transpor a região perto do lóbulo da orelha. O sujeito no espelho lavou a navalha na pouca água no fundo da pia, sacudiu-a um pouco e começou o outro lado, exatamente como um homem devia fazer quando estava se arrumando para visitar sua mãe no aniversário dela.

Tom parou e suspirou. Colocou a navalha delicadamente no peitoral e apoiou ambas as mãos na curva externa da pia. Fechou os olhos com força, começando a familiar contagem até dez. Esse transtorno vinha ocorrendo muito ultimamente, desde que ele retornara da França, mas ainda mais depois que deixara o hospital. Era como se ele estivesse fora de seu corpo, observando, incapaz de acreditar que o rapaz no espelho, com um rosto amável, uma expressão suave, com todo o dia pela frente, pudesse ser ele. Que as experiências dos últimos 18 meses, as visões e os sons – aquela criança, santo Deus, no chão, morta, sozinha, em uma estrada na França – pudessem viver por trás daquele rosto tranquilo.

Você é Thomas Cavill, disse a si mesmo com firmeza depois de contar até dez; *você tem 25 anos, você é um soldado. Hoje é o dia do aniversário de sua mãe e você vai almoçar com ela*. Suas irmãs estarão lá, a mais velha com o filho recém-nascido, Thomas – em sua homenagem –, e seu irmão Joey também; embora não Theo, que fora enviado para o Norte com seu regimento para treinar e escrevia cartas bem-humoradas para casa sobre manteiga, creme de leite e uma jovem chamada Kitty. Eles seriam barulhentos como sempre, a versão de si mesmos nos tempos de guerra, pelo menos: nunca questionando, raramente se queixando, e, assim mesmo, quando muito de uma maneira jocosa sobre as dificuldades de conseguir ovos e açúcar. Nunca duvidando que a Grã-Bretanha pudesse aguentar. Que podiam fazer frente à guerra. Tom mal podia se lembrar de ele mesmo ter se sentido assim.



Juniper pegou o pedaço de papel e verificou o endereço outra vez. Virou-o de lado, girou a cabeça, depois amaldiçoou a si mesma por sua terrível caligrafia. Rápida demais, descuidada demais, sempre ansiosa demais para passar à ideia seguinte. Ergueu os olhos para a casa estreita, avistou o número na enegrecida porta da frente. Vinte e seis. Era essa. Tinha de ser.

Era. Juniper enfiou o papel no bolso com determinação. Independentemente do número e do nome da rua, ela reconhecia esta casa das histórias de Merry, com a mesma clareza com que reconheceria Northanger Abbey ou Wuthering Heights. Com um ligeiro salto, ela galgou os degraus de concreto e bateu na porta.

Estava em Londres havia exatamente dois dias e ainda não conseguia acreditar. Sentia-se como um personagem de ficção que escapara de um livro em que seu criador havia, cuidadosa e gentilmente, a aprisionado, que pegara uma tesoura, recortara seu contorno e saltara, livre, para as páginas desconhecidas de uma história com muito mais poeira, barulho e ritmo. Uma história que ela já adorava: o movimento, a confusão, a desordem, as coisas e as pessoas que ela não compreendia. Era inebriante, como sempre soubera que seria.

A porta se abriu e uma cara fechada pegou-a desprevenida, uma pessoa mais nova do que ela, mas de certa forma também mais velha.

– O que você quer?

– Vim ver Meredith Baker. – A voz de Juniper era estranha aos seus próprios ouvidos, ali naquela outra história. Veio-lhe uma imagem de Percy, que sempre sabia exatamente como se comportar no mundo exterior, mas mesclou-se a uma outra lembrança mais recente – Percy, com o rosto vermelho e furiosa, após uma reunião com o advogado de seu pai –, e Juniper deixou que a imagem se transformasse em areia e se espalhasse pelo chão.

A jovem – com aqueles lábios franzidos e rancorosos, ela só podia ser Rita – olhou Juniper de cima a baixo antes de chegar a uma

expressão de desdenhosa desconfiança e, estranhamente, pois nunca haviam se encontrado antes, forte antipatia.

– Meredith! – gritou ela finalmente pelo canto da boca. – Venha aqui agora!

Juniper e Rita observaram-se mutuamente enquanto aguardavam, as duas sem falar, e uma enorme quantidade de palavras surgiu na mente de Juniper, entrelaçando-se para formar o começo de uma descrição que ela mais tarde registraria para suas irmãs. Então, Meredith apareceu com grande estardalhaço, óculos no nariz e um pano de pratos na mão, e as palavras perderam a importância.

Merry fora a primeira amiga de Juniper e a primeira de quem tivera ocasião de sentir falta, de modo que o imenso peso da ausência de sua amiga fora totalmente inesperado. Quando o pai de Merry chegou sem avisar ao castelo, em março, insistindo que a filha voltasse para casa dessa vez, as duas jovens agarraram-se uma à outra e Juniper sussurrara no ouvido de Merry:

– Eu vou a Londres. Vou vê-la dentro de pouco tempo.

Merry chorara, mas Juniper não, não naquele momento; ela acenara, retornara ao telhado do sótão e tentara se lembrar de como era ser sozinha. Toda a sua vida fora passada assim – embora nos silêncios deixados pela partida de Merry houvesse algo novo. Um relógio batia suavemente, contando os segundos para um destino que Juniper estava obstinadamente determinada a deixar para trás.

– Você veio – disse Meredith, ajeitando os óculos com as costas da mão e piscando como se estivesse vendo coisas.

– Eu lhe disse que viria.

– Mas onde está hospedada?

– Com meu padrinho.

Um amplo sorriso se abriu no rosto de Meredith e transformou-se numa risada.

– Vamos sair daqui então – disse ela, segurando a mão de Juniper com força na sua.

– Vou dizer à mamãe que você não terminou a cozinha como deveria! – gritou sua irmã atrás delas.

– Não dê atenção a ela – disse Meredith. – Está irada porque não deixaram que ela saísse do armário de vassouras no trabalho.

– É uma pena que ninguém tenha pensado em trancá-la lá dentro.



No final das contas, Juniper havia viajado a Londres. De trem, exatamente como Meredith sugerira quando estavam sentadas juntas no telhado de Milderhurst. Escapar não fora nem de longe tão difícil quanto ela imaginara. Simplesmente atravessara os campos e se recusara a parar até chegar à estação de trem.

Ficara tão satisfeita consigo mesma quando fugiu que lhe passou despercebido por um momento que teria de tomar outras providências. Juniper sabia escrever, inventar grandiosas histórias de ficção e capturá-las dentro de um intrincado de palavras, mas tinha consciência de que era perfeitamente incorrigível em qualquer outra capacidade. Todo o seu conhecimento do mundo e seu funcionamento foram apreendidos dos livros, das conversas de suas irmãs – nenhuma das quais era particularmente cidadã do mundo – e das histórias que Merry lhe contara de Londres. Não foi uma surpresa, portanto, quando estava parada do lado de fora da estação de trem, perceber que não tinha a menor ideia do que fazer em seguida. Somente quando notou o guichê com a placa *Bilhetes* foi que lembrou que, é claro, ela deveria comprar um daqueles.

Dinheiro. Era algo que Juniper nunca conhecera nem precisara, mas houve uma pequena quantia destinada a ela quando seu pai morreu. Ela não se preocupara com os detalhes do testamento e da propriedade – bastava saber que Percy estava furiosa, Saffy, preocupada, e a própria Juniper, a causa involuntária –, mas, quando Saffy mencionou um pacote de dinheiro vivo, o tipo que podia ser dobrado, carregado e trocado por outras coisas, e se ofereceu para guardá-lo em segurança, Juniper dissera que não. Que ela preferia guardá-lo ela mesma, só para olhar para ele de vez em quando. Saffy, querida Saffy, nem pestanejara, aceitando o estranho pedido como perfeitamente razoável porque vinha de Juniper, a quem ela amava e, portanto, recusava-se a questionar.

O trem, quando chegou, estava cheio, mas um homem mais velho no vagão levantara-se, tocara a aba do chapéu, e Juniper compreendera que ele queria dizer que ela deveria ocupar o lugar que ele havia deixado vago. Um assento à janela. Como as pessoas eram gentis ali fora! Ela sorriu e ele balançou a cabeça, ela sentou-se com sua maleta no colo, esperando o que quer que viesse em seguida. “A sua viagem é *realmente* necessária?”, indagava o cartaz na plataforma. *Sim*, pensou Juniper. *Sim, é*. Permanecer no castelo, ela sabia com mais certeza agora do que nunca, seria se submeter a um futuro que se recusava a aceitar. Aquele que vira refletido nos olhos do pai quando ele tomava seus ombros entre as mãos e lhe dizia que eles eram iguais, os dois, iguais.

O vapor enroscou-se e moveu-se como um redemoinho ao longo da plataforma. Juniper sentiu-se tão empolgada como se tivesse subido no dorso de um grande dragão bufante, prestes a se lançar aos céus, carregando-a com ele enquanto voava para um lugar fascinante e fantástico. Um apito estridente soou, fazendo os cabelos nos braços de Juniper se arrepiarem, e partiram, moveram-se, o trem arremetendo-se para frente em grandes arfadas. Então, Juniper não pôde deixar de rir contra o vidro, porque ela havia conseguido. Ela realmente havia conseguido.

Com o passar do tempo, o vidro da janela embaçou com seu hálito, e estações, campos, vilas e bosques, sem nome e desconhecidos, passaram velozmente: uma mancha, tons pastel de verde, azul e rosa listrado, feita por um pincel aguado. As cores deslizantes paravam às vezes, desanuviando-se para formar uma gravura, emoldurada como um quadro pelo retângulo da janela. Uma imagem de Constable, ou uma das outras cenas pastoris que seu pai admirava. Interpretações de uma paisagem campestre atemporal que ele louvara com a familiar tristeza anuviando seus olhos.

Juniper não tinha nenhuma paciência com o atemporal. Sabia que tal coisa não existia. Somente o aqui e agora, e o modo como seu coração estava batendo à sua maneira muito rápida, ainda que não de forma perigosa, porque ela estava sentada em um trem, a caminho de Londres, cercada de barulho, movimento e calor.

Londres. Juniper disse a palavra uma vez, baixinho, depois outra vez. Saboreou sua sonoridade, suas duas sílabas equilibradas, o modo como se formava em sua língua. Suave, mas com peso, como um segredo, o tipo de palavra que devia ser sussurrada entre amantes. Juniper queria amor, queria paixão, queria complicações. Queria viver e amar, escutar e espiar às escondidas, conhecer segredos e saber como as outras pessoas conversavam entre si, como se sentiam, o que as fazia rir, chorar e suspirar. Pessoas que não fossem Percy, Saffy, Raymond ou Juniper Blythe.

Uma vez, quando era bem pequena, um baloeiro lançara-se de um dos campos de Milderhurst; Juniper não conseguia se lembrar por quê, se era um amigo de seu pai ou um famoso aventureiro, somente que houve um piquenique de café da manhã no gramado para comemorar, e eles haviam se reunido, todos eles, os primos do Norte também, mais alguns convidados selecionados da vila, para observar o grande evento. O imenso balão de ar quente estava amarrado ao solo por cordas e, quando a chama saltou e o cesto esforçou-se para acompanhá-la, os homens posicionados na base de cada corda lutaram para soltá-lo. As cordas guinchavam com a tensão, as chamas enfurecidas saltavam cada vez mais alto, e, por um instante, enquanto todos os olhos se arregalavam, o desastre pareceu iminente.

Uma única corda se soltou, enquanto as outras permaneceram presas, e todo o dispositivo adernou para o lado, as chamas lambendo perigosamente junto ao tecido do balão. Juniper olhara para seu pai. Ela era apenas uma criança e na época não sabia do horror no passado dele – ainda se passaria algum tempo antes de Raymond sobrecarregar sua filha mais nova com seus segredos –, mas ela soube, mesmo naquela época, que ele tinha pavor de fogo. Seu rosto, enquanto observava os acontecimentos se desenrolarem, parecia um mármore branco, com o terror nitidamente estampado. Juniper viu-se adotando sua expressão, curiosa para saber como seria transformar-se em pedra, marcada pelo terror. Bem a tempo, as últimas cordas se soltaram e o balão endireitou-se, libertou-se com um solavanco e partiu para o céu, erguendo-se muito alto no azul infinito.

Para Juniper, a morte do pai fora como a soltura daquela primeira corda. Ela sentiu a liberação conforme seu corpo, sua alma, todo o seu ser inclinavam-se para o lado, e uma parte significativa do peso que a segurava no solo desprende-se dela. As últimas cordas ela própria as cortara: fazendo uma pequena mala com algumas roupas desconstruídas e os dois endereços que tinha de pessoas em Londres, e esperando o dia em que suas duas irmãs estivessem ocupadas, de modo que ela pudesse partir sem ser vista.

Restava agora um único pedaço de corda estendida entre Juniper e sua casa. Era a mais difícil de ser cortada, cuidadosamente presa com um nó perfeito por Percy e Sally. No entanto, era preciso que isso fosse feito, pois o amor e a preocupação delas a encerravam em uma prisão, exatamente como as expectativas de seu pai. Quando Juniper chegou a Londres e a fumaça e o alvoroço da estação de Charing Cross a envolveram, ela imaginou-se como uma reluzente tesoura e inclinou-se para cortar definitivamente a corda. Observou enquanto ela caía no chão, hesitava por um instante, ganhando velocidade conforme resvalava de volta em direção ao castelo.

Finalmente livre, pediu informações sobre uma caixa de correio e enviou a carta para casa, explicando em poucas palavras o que fizera e por quê. Chegaria a suas irmãs antes que tivessem tempo de se preocupar demais ou enviar grupos de busca para levá-la de volta. Ficariam aflitas, ela sabia; Saffy, particularmente, seria assaltada pelo medo, mas o que mais Juniper poderia ter feito?

Uma coisa era certa. Suas irmãs jamais concordariam que ela fosse embora sozinha.



Juniper e Meredith ficaram deitadas lado a lado no ensolarado gramado do parque, feixes de luz brincando de esconde-esconde no meio das folhas cintilantes no alto. Havia buscado espreguiçadeiras, mas a maioria estava quebrada, deixadas apoiadas contra o tronco das árvores na esperança de que alguém as encontrasse e consertasse. Juniper não se importou: o dia estava abafado e o frescor da grama, da terra sob ela, era um prazer inesperado. Estendeu-se com um dos braços dobrado por trás da

cabeça. Na outra mão, segurava um cigarro, fumando devagar, fechando o olho esquerdo numa piscadela, depois o outro, observando a folhagem mudar de cor contra o céu, ouvindo Meredith descrever o progresso de seu manuscrito.

– Bem – disse ela, quando sua amiga terminou –, quando vai mostrá-lo a mim?

– Não sei. Está quase pronto. Quase. Mas...

– Mas o quê?

– Não sei. Sinto-me tão...

Juniper virou a cabeça para o lado, deslizando a palma da mão por cima dos olhos para bloquear a claridade.

– Tão o quê?

– Nervosa.

– Nervosa?

– E se você detestá-lo? – Meredith sentou-se abruptamente.

Meredith fez o mesmo, cruzando as pernas.

– Eu não vou detestá-lo.

– Mas se detestar, eu nunca, *nunca* mais escreverei nem uma linha.

– Muito bem, então, medrosa – Juniper fingiu um ar severo, franzindo a testa e imitando Percy –, se for esse o caso, é bom mesmo parar imediatamente.

– Porque você acha que *irá* detestá-lo! – O rosto de Meredith sombreou-se de desespero, e Juniper surpreendeu-se. Ela só estava fingindo, brincando como sempre faziam. Esperava que Meredith risse e adotasse o mesmo tom severo, dissesse alguma coisa igualmente sem sentido. Diante de uma reação tão desconcertante, a própria expressão de Juniper hesitou, e ela deixou cair a fachada arrogante.

– Não foi absolutamente isso o que eu quis dizer – explicou, colocando a mão espalmada sobre a blusa da amiga, bem perto do seu coração, para poder sentir seu batimento sob as pontas de seus dedos. – Escreva o que estiver aqui porque você precisa, porque lhe dá prazer, mas nunca porque quer que outra pessoa goste do que você disse.

– Nem você?

– Especialmente eu! Meu Deus, Merry, o que eu poderia saber?

Meredith sorriu, a tristeza se desfez e ela começou a falar com repentina energia sobre um porco-espinho que aparecera no abrigo Anderson de sua família. Juniper ouvia, ria e deixava apenas uma ponta de sua atenção livre para tentar entender aquela estranha e nova tensão no rosto de sua amiga. Se ela fosse um outro tipo de pessoa, alguém para quem pessoas e locais imaginários não se apresentavam com tanta facilidade, para quem as palavras às vezes se recusavam a surgir, talvez pudesse entender melhor a ansiedade de Merry. Mas não era e não entendia, e após algum tempo, abandonou a questão. Estar em Londres, ser livre, estar sentada na grama com o sol agora subindo pelas suas costas era tudo que importava.

Juniper apagou o cigarro e viu que um botão havia se soltado na blusa de Meredith.

– Olhe – disse ela, estendendo a mão –, está ficando toda desarrumada, menina. Deixe-me ajeitá-la.

TOM RESOLVEU CAMINHAR para Elephant and Castle. Não gostava do metrô, os trens corriam muito profundamente no solo e isso o deixava nervoso e enclausurado. Parecia que passara uma vida inteira desde que ele levara Joey para sentar-se na plataforma e ouvir o rugido se aproximar. Desfez os punhos cerrados que agora pendiam ao lado do corpo e lembrou-se de como fora segurar aquela mãozinha gorducha – suando, sempre suando com a emoção e o calor – enquanto espreitavam o túnel juntos, aguardando o brilho dos faróis, a rajada de vento viciado e empoeirado que anunciava a chegada do trem. Lembrava-se especialmente de olhar para o rosto de Joey, sempre tão feliz quanto da primeira vez.

Tom parou por um instante e fechou os olhos, deixando a lembrança esgarçar-se e desaparecer. Quando os abriu novamente, quase entrou no caminho de três moças, mais novas do que ele, sem dúvida, mas tão arrumadas em seus costumes austeros de casaco e saia, andando com tão viva determinação, que elas o fizeram se sentir tolo e desconcertado em comparação. Elas sorriram quando ele moveu-se para o lado, e cada jovem ergueu a mão fazendo o sinal da vitória com os dedos ao passar por ele. Tom retribuiu o sorriso, um pouco rigidamente demais, um pouco tardiamente demais, e depois continuou em direção à ponte. Atrás dele, a risada das jovens, recatada e efervescente como um refrigerante antes da guerra, as batidas rápidas de seus sapatos perderam-se na distância, e Tom teve a vaga sensação de ter perdido uma oportunidade, embora não soubesse dizer de quê. Ele não parou nem viu as moças olharem por cima do ombro, as cabeças unidas, conforme lançavam outro olhar furtivo ao jovem e alto soldado, comentavam seu belo rosto e olhos sérios e escuros. Tom estava ocupado demais caminhando, um pé depois do outro – exatamente como fizera na França – e pensando naquele símbolo. O sinal V. Estava em toda parte e ele se perguntou onde teria

começado, quem decidira o que significava e como todo mundo parecia saber fazê-lo.

Quando atravessava a ponte Westminster e se aproximava da casa de sua mãe, Tom permitiu-se notar algo que ele vinha tentando evitar. O sentimento de inquietação estava de volta outra vez, a ausência torturante sob suas costelas. Entrara sorrateiramente, no rastro de suas lembranças de Joey. Tom respirou fundo e começou a andar mais rápido, sabendo que assim tinha mais chance de deixar sua sombra para trás. Era estranha a experiência de que algo estava faltando; estranho que um vazio pudesse exercer tanta pressão quanto um objeto sólido. O efeito era um pouco como saudades de casa, um fato que o deixava perplexo; primeiro, porque era um homem adulto e certamente devia ter superado tais sentimentos; segundo, porque ele *estava* em casa.

Ele pensara – estendido nas tábuas de madeira do barco que o trouxera de volta de Dunkirk, na cama de hospital de lençóis engomados, no primeiro apartamento que tomara emprestado, em Islington – que a sensação, a dor surda, insaciável, aliviaria quando colocasse o pé novamente na casa de sua família, no instante em que sua mãe o envolvesse em seus braços, chorasse contra seu ombro e lhe dissesse que agora ele estava em casa e que tudo ficaria bem. Mas não ficara, e Tom sabia por quê. A ansiedade não era absolutamente saudades de casa. Ele usara a expressão displicentemente, talvez até esperançosamente, para descrever a sensação, a consciência de que algo fundamental se perdera. Mas não era um lugar que estava lhe fazendo falta; a realidade era bem pior do que isso. Tom sentia falta de uma parte de si mesmo.

Ele sabia onde a perdera. Sentira isso acontecer naquele campo perto do canal Escout, quando se virou e seus olhos se encontraram com os do outro soldado, o sujeito alemão com a arma apontada diretamente para as suas costas. Ele sentira pânico, um surto líquido e quente, e então sua carga ficara mais leve. Uma camada de si mesmo, a parte que sentia e temia, havia se descascado como um papel de tabaco na lata de seu pai e flutuara para o chão, sendo abandonada lá, descartada no campo de batalha. A outra parte, o cerne remanescente, duro, chamado Tom, abaixara a cabeça e

correra, sem pensar em nada, sem sentir nada, consciente apenas de respirações ofegantes, suas próprias, em seus ouvidos.

A separação, Tom sabia, o deslocamento, o tornara um soldado melhor, mas o deixara um homem insuficiente. Essa era a razão pela qual ele não morava mais em sua casa. Ele olhava para as pessoas e as coisas agora como se o fizesse através de uma vidraça embaçada. Podia vê-las, mas não com clareza, e certamente não podia tocá-las. O médico lhe explicara o transtorno no hospital, disse-lhe que vira outros homens com a mesma queixa, o que estava bem, mas não tornava a sensação menos aterradora quando a mãe de Tom lhe sorria como fazia quando ele era criança, quando insistia que ele tirasse as meias e as deixasse com ela e sua agulha, e tudo que ele sentia era um grande vazio. Quando bebia da velha caneca de seu pai; quando seu irmão caçula, Joey – um homem grande agora, mas sempre seu irmãozinho Joey –, soltava um gritinho e corria para ele com seu andar desajeitado, o exemplar surrado de *Beleza negra* agarrado ao peito; quando suas irmãs chegavam e começavam a fazer barulho sobre quanto peso ele havia perdido e como cada qual iria contribuir com um pouco de sua cota de alimentos para engordá-lo. Tom não sentia nada, e o fato o fazia querer...

– Sr. Cavill!

O nome de seu pai, e o coração de Tom deu um salto. No instante elétrico que se seguiu, ele ficou zozzo de alívio porque isso significava que o pai ainda estava vivo e bem, e que as coisas poderiam, portanto, ser reparadas. Nas últimas semanas, quando vira o velho homem descendo a London Street em sua direção, acenando do outro lado do campo de batalha, estendendo o braço para agarrar a mão de Tom naquele barco que atravessava o canal, ele não estivera absolutamente imaginando coisas. Quer dizer, estivera, mas não o que ele havia pensado: este mundo, este lugar de bombas e projéteis, e uma arma em suas mãos, viagens em barcos avariados, fazendo água, pelo canal escuro e arduo, e meses padecendo em hospitais onde a limpeza excessiva mascarava o cheiro de sangue, de crianças mortas, deixadas em estradas tismadas por explosões; essa era a horrível invenção. No mundo *real*, ele percebeu com a estonteante, repentina, exuberante alegria de

um menino, tudo estava bem porque seu pai ainda estava vivo. Devia estar, porque alguém o chamava:

– Sr. Cavill!

Tom virou-se e a viu, uma menina, acenando; um rosto familiar vindo em sua direção. Uma menina caminhando da maneira como as jovens que querem parecer mais velhas – os ombros para trás, o queixo erguido, os pulsos virados para fora –, no entanto correndo como uma criança empolgada de um banco do parque, através da barreira onde as grades do parque costumavam ficar, grades que agora estavam sendo transformadas em balas e rebites e asas de aviões.

– Olá, sr. Cavill – disse ela arquejante, parando bem diante dele. – O senhor voltou da guerra!

A expectativa de se encontrar com seu pai se desfez; esperança, alegria, alívio escaparam como ar de milhares de furinhos em sua pele. Tom percebeu, com um suspiro sufocado, que *e/le* era o sr. Cavill, e aquela jovem no meio da calçada, pestanejando através dos óculos, esperando algo dele, era uma aluna sua; fora sua aluna, um dia. Antes, quando tinha alunos, quando falava com autoridade trivial de grandes conceitos que nem começara a compreender. Tom pestanejou para lembrar-se de si mesmo daquela época.

Meredith. A lembrança veio-lhe repentinamente e com certeza. Era este o seu nome, Meredith Baker, mas ela havia crescido desde a última vez em que se viram. Estava menos menina, mais alta, esticada, ansiosamente preenchendo seus centímetros extras. Sentiu que sorria, conseguiu cumprimentá-la e foi visitado por uma sensação agradável que não conseguiu identificar imediatamente, algo ligado à jovem, a Meredith, e à última vez em que a vira. Quando começava a franzir a testa, concentrando-se, a lembrança à qual o sentimento estava vinculado veio à superfície: um dia quente, uma piscina circular, uma jovem.

E então ele a viu. A jovem da piscina, bem ali na London Street, claro como o dia, e por um instante soube que devia estar imaginando coisas. Como poderia ser diferente? A jovem dos seus sonhos, que vira algumas vezes quando estava fora, radiante, flutuando no ar, sorrindo, conforme ele vagava pela França; quando

ele desmoronara sob o peso de seu companheiro, Andy – morto sobre seu ombro por quanto tempo antes de Tom perceber? –, quando a bala o atingiu, seu joelho cedeu e seu sangue começou a manchar o solo perto de Dunkirk.

Tom ficou olhando fixamente, depois sacudiu um pouco a cabeça, começando a silenciosa contagem até dez.

– Esta é Juniper Blythe – disse Meredith, manuseando um botão perto de sua gola enquanto sorria para a jovem; Tom seguiu seu olhar. Juniper Blythe. Claro que este era seu nome.

Ela sorriu, então, com surpreendente franqueza e seu rosto transformou-se completamente. Isso fez com que *e/e* se sentisse transformado, como, por uma fração de segundo, ele fosse aquele rapaz novamente, de pé ao lado de uma piscina cintilante em um dia quente antes de a guerra começar.

– Olá – disse ela.

Tom balançou a cabeça em resposta, as palavras ainda escorregadias demais para conseguir pronunciá-las.

– O sr. Cavill foi meu professor – disse Meredith. – Você o viu uma vez em Milderhurst.

Tom olhou furtivamente para ela outra vez, enquanto a atenção de Juniper estava em Meredith. Ela não era nenhuma Helena de Troia, não era o rosto em si que o levava à distração. Em qualquer outra mulher, as feições teriam sido consideradas agradáveis, mas imperfeitas: os olhos muito separados, os cabelos longos demais, a abertura entre os dentes da frente. Nela, entretanto, eram uma abundância, uma extravagância de beleza. Era sua forma peculiar de vitalidade que a distinguia, concluiu. Era uma beleza anormal, e, no entanto, ela era inteiramente natural. Mais vibrante, mais brilhante do que qualquer outra.

– Na piscina – dizia Meredith. – Lembra-se? Ele foi verificar onde eu estava morando.

– Oh, sim – disse a jovem Juniper Blythe, voltando-se novamente para Tom, de modo que algo dentro dele se recolheu. Sua respiração falhou quando ela sorriu. – Você estava nadando na minha piscina. – Ela estava provocando-o, e ele quis dizer algo leve em resposta, brincar como teria feito um dia.

– O sr. Cavill é um poeta também – disse Meredith, a voz parecendo vir de algum outro lugar, muito, muito distante.

Tom tentou se concentrar. Um poeta. Coçou a testa. Não mais se considerava assim. Lembrava-se longinquamente de ir para a guerra para adquirir experiência, acreditando que poderia desvendar os segredos do mundo, ver as coisas de uma maneira nova, mais vívida. E o fizera. Realmente. Só que as coisas que vira não tinham lugar em poemas.

– Não escrevo muito agora – disse ele. Era a primeira frase que conseguia dizer, e sentiu-se inclinado a aperfeiçoá-la: – Tenho andado ocupado. Com outras coisas. – Olhava apenas para Juniper agora. – Estou em Notting Hill – disse ele.

– Bloomsbury – respondeu ela.

Ele assentiu. Vê-la ali, desse modo, depois de imaginá-la tantas vezes e de tantas formas diferentes, era quase embaraçoso.

– Não conheço muita gente em Londres – continuou ela, e ele não conseguiu decidir se ela era simples e franca ou inteiramente consciente de seu encanto. Qualquer que fosse o caso, algo na maneira como falara o tornou ousado.

– Você me conhece – disse ele.

Ela olhou para ele de maneira curiosa, inclinou a cabeça como se ouvisse as palavras que ele não disse, depois sorriu. Tirou um bloquinho de notas da bolsa e escreveu alguma coisa. Quando lhe entregou o papel, seus dedos roçaram a palma de sua mão e ele sentiu um choque, como um choque elétrico.

– Eu o conheço – concordou ela.

E pareceu a ele naquele momento, e todas as vezes posteriormente em que reprisou a conversa, que nunca três palavras tinham sido mais perfeitas, contido mais verdade, do que aquelas.

– Está indo para casa, sr. Cavill? – Era Meredith. Ele havia se esquecido de que ela estava lá.

– Isso mesmo – disse ele –, é o aniversário de minha mãe. – Consultou seu relógio; os números não faziam nenhum sentido. – Devo ir andando.

Meredith sorriu e ergueu dois dedos no sinal V; Juniper apenas sorriu.

Tom esperou até estar na rua de sua mãe antes de abrir o pedaço de papel, mas, quando chegou à porta da frente, já havia decorado o endereço de Bloomsbury.



Somente tarde naquela mesma noite é que Meredith finalmente ficou sozinha e pôde escrever sobre tudo que acontecera. A noite fora torturante: Rita e sua mãe brigaram durante todo o jantar, seu pai as fizera se sentar e ouvir o pronunciamento do sr. Churchill sobre os russos, no rádio, e depois sua mãe – ainda punindo Meredith por sua traição no castelo – encontrara uma enorme pilha de meias que precisavam ser remendadas. Despachada para a cozinha, sempre sufocante no calor do verão, Meredith havia repassado o dia mentalmente inúmeras vezes, resolvida a não esquecer um único detalhe.

E agora, finalmente, escapara para a quietude do quarto que compartilhava com Rita. Estava sentada na cama, as costas contra a parede, seu diário, seu precioso diário, pousado nos joelhos, enquanto ela escrevia furiosamente por suas páginas. Fora bom ter esperado, tortura ou não; Rita estava particularmente antipática no momento, e as consequências se ela viesse a descobrir o diário seriam terríveis. Felizmente, a barra estava limpa pela próxima hora e pouco. Por alguma magia negra, Rita conseguira que o assistente do açougueiro do outro lado da rua a notasse. Devia ser amor: o sujeito passara a desviar algumas salsichas e dá-las a Rita às escondidas. Rita, é claro, se considerava o máximo e estava absolutamente convencida de que o casamento viria em seguida.

O amor, infelizmente, não a havia abrandado. Estava esperando quando Meredith chegou em casa naquela tarde, querendo saber quem era a mulher à porta naquela manhã, onde tinham ido com tanta pressa, o que Meredith estava aprontando. Meredith não lhe disse nada, é claro. Não quis. Juniper era um segredo só seu.

– É só uma pessoa que conheço – dissera ela, tentando não parecer nem um pouco misteriosa.

– Mamãe não vai ficar nada feliz quando eu lhe disser que você largou suas tarefas e saiu por aí com a *lady* metida a besta.

Mas Meredith, desta vez, possuía seu próprio trunfo:

– Nem papai, quando eu lhe disser o que você e o cara das salsichas andam fazendo no Anderson.

O rosto de Rita ficara afogueado de indignação e ela atirou alguma coisa, que Meredith depois viu que era um sapato, deixando uma mancha roxa feia acima do joelho da irmã, mas ela não mencionara Juniper para sua mãe.

Meredith terminou sua frase, colocou um enfático ponto final e depois ficou mordiscando, pensativamente, a ponta de sua caneta. Havia chegado ao momento em que ela e Juniper encontraram por acaso o sr. Cavill, andando pela calçada, franzindo a testa para o chão com tanta concentração como se estivesse contando os próprios passos. Do outro lado do parque, o corpo de Meredith soubera que era ele antes de seu cérebro alcançá-la. Seu coração dera um salto dentro do peito, como se tivesse molas, e ela se lembrou imediatamente da paixonite infantil que tivera por ele. A maneira como o observava e prestava atenção a cada palavra que ele dizia, imaginando que um dia podiam até se casar. A lembrança a fez se encolher! Ora, ela não passava de uma criança na época. O que tinha na cabeça, pelo amor de Deus!

No entanto, que estranho, que inimaginável, que maravilhoso fora que Juniper e ele tivessem ambos se rematerializado em um único dia, as duas pessoas que foram mais importantes em ajudá-la a descobrir o caminho que queria seguir na vida. Meredith sabia que era fantasiosa, sua mãe estava sempre a acusando de ficar sonhando acordada, mas não podia deixar de pensar que aquilo significava alguma coisa. Que havia um elemento de sorte na volta simultânea dos dois à sua vida. De destino.

Tomada por uma ideia, Meredith saltou da cama e retirou sua coleção de cadernos de notas baratos do esconderijo no fundo do guarda-roupa. Sua história ainda não tinha título, mas ela sabia que precisava dar-lhe um antes de entregá-la a Juniper. Datilografá-la adequadamente, como um original de verdade, também não faria mal algum – o sr. Seebohm, no número 14, tinha uma máquina de escrever velha; talvez se Meredith se oferecesse para levar seu almoço, ele pudesse ser induzido a deixá-la usar a máquina, não?

Ajoelhando-se no chão, ela ajeitou os cabelos atrás das orelhas e folheou os cadernos, lendo algumas linhas aqui, outras ali, ficando tensa sempre que aquelas das quais mais se orgulhava definhavam sob o imaginado escrutínio de Juniper. Ela esmoreceu. A história toda era muito empolada, Meredith podia ver isso agora. Seus personagens falavam demais e sentiam de menos, e não pareciam saber o que queriam da vida. Mais importante ainda, havia algo vital faltando, um aspecto da existência da heroína, que ela repentinamente compreendeu que deveria ser elaborado. Era de admirar que não tivesse percebido isso antes!

Amor, é claro. Era disso que sua história precisava. Pois era o amor – a gloriosa mola propulsora de um coração – que fazia o mundo girar, não?

Londres, 17 de outubro de 1941

O PARAPEITO DA JANELA NO SÓTÃO de Tom era mais largo do que a maioria, o que o tornava perfeito para se sentar. Era o lugar preferido de Juniper para se empoleirar, um fato que ela se recusava a acreditar que tivesse alguma coisa a ver com sentir falta do telhado do sótão em Milderhurst. Porque ela não sentia. Não sentiria. Na realidade, durante os meses em que estivera ausente, Juniper resolvera nunca mais voltar.

Ela agora sabia a respeito do testamento do pai, o que ele desejara para ela e o ponto a que estivera disposto a chegar para conseguir o que queria. Saffy explicara tudo em uma carta, sua intenção não de fazer Juniper se sentir mal, apenas de se lamentar do mau humor de Percy. Juniper lera a carta duas vezes, só para se certificar de que compreendia seu significado adequadamente, e depois a mergulhara no *Serpentine*, observando enquanto o fino papel submergia e a tinta escorria, azul, e sua raiva finalmente se aplacava. Era exatamente o tipo de coisa que seu pai sempre fizera, podia ver isso claramente de longe, e era típico dele tentar puxar as cordas de suas filhas, como marionetes, de dentro de seu túmulo. Juniper, entretanto, recusava-se a permitir que ele o fizesse. Ela não estava preparada para deixar que sequer *pensamentos* relacionados ao pai trouxessem nuvens sobre seu dia. Hoje, de todos os dias, deveria ser apenas de luz do sol – ainda que não fosse um dia especialmente ensolarado.

Com os joelhos puxados para cima, as costas arqueadas contra o reboco, fumando com satisfação, Juniper inspecionou o jardim lá embaixo. Era outono e o chão estava coberto por uma grossa camada de folhas, o gatinho em êxtase. Já fazia horas que estava lá embaixo, caçando inimigos imaginários, atacando e desaparecendo sob as folhas, escondendo-se na penumbra das manchas de luz e

sombra. A senhora do andar térreo, cuja vida ardera em chamas em Coventry, também estava lá, levando um pires de leite. Não havia muito para ceder atualmente, não com o novo registro do governo, mas com a ajuda de um e de outro havia sempre o suficiente para manter o gatinho sem dono feliz.

Veio um barulho da rua e Juniper esticou o pescoço para olhar. Havia um homem de uniforme vindo em direção ao prédio e seu coração começou a disparar. Passou-se apenas um segundo até ela saber que não era Tom, e ela tragou o cigarro, reprimindo um agradável estremecimento de expectativa. Claro que não era ele, ainda não. Ele ainda demoraria uns trinta minutos, no mínimo. Sempre demorava muito quando visitava a família, mas logo estaria de volta, cheio de histórias, e então ela o surpreenderia.

Juniper olhou para dentro, para a pequena mesa junto ao fogão a gás, que haviam comprado por uma ninharia e convencido um motorista de táxi a ajudá-los a transportar para o apartamento em troca de uma xícara de chá. Sobre a mesa, havia um banquete digno de um rei. Um rei do racionamento, ao menos. Juniper encontrara duas peras no mercado Portobello. Lindas peras, a um preço que podiam pagar. Ela as limpou cuidadosamente e as colocou ao lado dos sanduíches, das sardinhas e do pacote embrulhado em jornal. No centro, dominando orgulhosamente a mesa do alto de um balde virado de cabeça para baixo, estava o bolo. O primeiro que Juniper já fizera na vida.

A ideia lhe viera há semanas de que Tom deveria ter um bolo de aniversário e que ela deveria fazer um para ele. O plano quase fracassara, entretanto, quando Juniper percebeu que não fazia a menor ideia de como preparar tal coisa. Também começara a alimentar sérias dúvidas sobre a capacidade de seu pequeno fogão de lidar satisfatoriamente com uma tarefa tão importante. Não pela primeira vez, desejara que Saffy estivesse em Londres. E não apenas para ajudá-la com o bolo; embora Juniper não sentisse falta do castelo, descobriu que sentia falta das irmãs.

Por fim, ela batera na porta do apartamento do porão, esperando que o homem que morava ali – cujos pés chatos o haviam mantido fora do exército, para proveito da cantina militar do local – estivesse

em casa. Estava, e quando Juniper lhe explicou seu problema, ele ficara encantado em ajudar, fazendo uma lista de coisas que precisariam achar, parecendo quase se divertir com as restrições que o racionamento impunha. Ele até doara à causa um ovo de sua própria cota e, quando ela saía, entregou-lhe algo embrulhado em jornal, amarrado com barbante – “Um presente para vocês dois compartilharem.” Não houve nenhum açúcar para o glacê, é claro, mas Juniper escrevera o nome de Tom em cima com pasta de dente de hortelã e realmente não parecera muito ruim. Uma partícula de algo frio atingiu seu tornozelo. Em seguida outra, seu rosto. Voltando sua atenção novamente para o mundo exterior, vendo que começara a chover, Juniper se perguntou onde Tom ainda estaria.



Há quarenta minutos que ele tentava ir embora, educadamente é claro, e não estava sendo fácil. Sua família estava tão feliz em vê-lo de volta à quase normalidade, agindo como “nosso Tom”, que passara a direcionar cada fração de conversa em sua direção. Não importa que a minúscula cozinha de sua mãe estivesse abarrotada com inúmeros Cavills, toda pergunta, toda piada, toda declaração atingia Tom bem entre os olhos. Sua irmã falava agora sobre uma mulher que ela conhecia, morta durante um blackout, por um ônibus de dois andares. Sacudindo a cabeça para Tom, desaprovando.

– Que choque, Tommy. Tinha saído só para entregar um pacote de cachecóis para os soldados.

Tom concordou que era horrível, *era* horrível, e ele ouviu seu tio Jeff relacionar um atropelamento similar de seu vizinho com uma bicicleta, depois remexeu os pés um pouco, antes de se levantar.

– Olhe, obrigado, mamãe.

– Já vai? – Ela ergueu a chaleira. – Eu já ia colocá-la para ferver de novo.

Ele plantou um beijo em sua testa, surpreso ao notar o quanto tinha de se abaixar.

– Ninguém faz um chá melhor do que você, mas eu realmente preciso ir.

Sua mãe ergueu uma única sobrancelha.

– Quando é que vamos conhecê-la?

Seu irmãozinho Joey estava fingindo ser um trem, e Tom deu-lhe um tapinha amistoso, evitando os olhos da mãe.

– Ah, mamãe – disse, enquanto lançava sua bolsa de couro por cima do ombro –, não sei do que está falando.



Caminhou energicamente, querendo voltar logo para o apartamento, para ela; querendo sair do tempo ameaçador. Por mais depressa que andasse, porém, as palavras da mãe o acompanhavam. Tinham garras, porque Tom ansiava para contar sobre Juniper à sua família. Toda vez que os via, tinha de lutar contra a ânsia de segurá-los pelos ombros e exclamar como uma criança que ele estava apaixonado e que o mundo era um lugar maravilhoso, ainda que rapazes estivessem atirando uns nos outros e boas senhoras – mães com filhos pequenos em casa – estivessem sendo mortas por ônibus de dois andares simplesmente quando saíam para entregar cachecóis para os soldados.

Mas não o fez, porque Juniper o obrigara a prometer que não o faria. Sua determinação de que ninguém soubesse que estavam apaixonados confundia Tom. O segredo parecia não combinar com uma mulher que parecia tão direta, tão inequívoca em suas opiniões, tão improvável de pedir desculpas por qualquer coisa que sentisse, dissesse ou fizesse. Ele ficara na defensiva no começo, imaginando se ela achava, talvez, que sua família fosse inferior a ela, mas seu interesse neles acabara com essa ideia. Ela falava sobre eles, perguntava a respeito deles, como alguém que fora amigo dos Cavill há anos. E desde então ele vira que ela não os discriminava. Tom tinha certeza de que as irmãs que ela dizia adorar estavam sendo mantidas no escuro, exatamente como sua própria família. As cartas do castelo sempre vinham através de seu padrinho (que parecia notavelmente tranquilo com a fraude), e Tom notara que suas respostas davam o endereço de Bloomsbury como remetente. Ele lhe perguntara por que, indiretamente no começo, depois francamente, mas ela se recusara a explicar, falando apenas

vagamente sobre suas irmãs serem protetoras e antiquadas, e dizendo que era melhor esperar a hora certa.

Tom não gostava daquilo, mas a amava tanto que acatava sua vontade. Na maior parte das vezes. Não conseguira deixar de escrever a Theo. Seu irmão estava no Norte com seu regimento, o que de certa forma o desculpava. Além do mais, a primeira carta de Tom sobre a estranha e bela jovem que ele conhecera, a que conseguira preencher seu vazio, fora escrita muito tempo antes de ela lhe pedir segredo.



Tom soubera desde aquele primeiro encontro na rua, perto de Elephant and Castle, que ele precisava ver Juniper outra vez. Caminhara até Bloomsbury assim que o dia seguinte amanheceu, apenas para olhar, disse a si mesmo, apenas para ver a porta, as paredes, as janelas atrás das quais ela dormia.

Ele observara a casa durante horas, fumando nervosamente, e por fim ela saíra. Tom seguiu-a um pouco antes de encontrar coragem para chamá-la:

– Juniper!

Ele o dissera, pensara, tantas vezes, mas foi diferente quando a chamou em voz alta e ela se virou.

Passaram juntos todo o dia ensolarado, caminhando e conversando, comendo as amoras que encontraram crescendo no muro do cemitério, e, quando a noite chegou, Tom não estava preparado para deixá-la ir. Sugeriu que fossem a um lugar onde pudessem dançar, achando que isso era o tipo de diversão de que as jovens gostavam. Juniper, pareceu-lhe, não gostava. O ar de aversão que atravessou seu rosto quando ele fez essa sugestão foi tão ingênuo que Tom ficou momentaneamente perplexo. Ele recuperou o autocontrole suficientemente para perguntar se havia alguma outra coisa que ela preferisse fazer, e Juniper dissera que é claro que deveriam continuar caminhando. Explorando, dissera ela.

Tom caminhava depressa, mas ela o acompanhava, saltando de um lado para o outro, às vezes efervescente, às vezes silenciosa. Ela o fazia lembrar, de certo modo, de uma criança; havia aquele

mesmo ar de imprevisibilidade e perigo, a sensação inquietante, mas de certo modo sedutora, de que ele havia unido forças com alguém para quem as regras comuns de conduta não tinham nenhuma atração.

Ela parava para examinar coisas, depois corria para alcançá-lo, completamente despreocupada, e ele começou a se preocupar que ela fosse tropeçar em algo durante o blackout, um buraco no pavimento ou um saco de areia.

– É diferente do campo, sabe – disse ele, um antigo tom professoral permeando-lhe a voz.

Juniper apenas rira, e dissera:

– Espero que sim. Foi exatamente por isso que eu vim. – Ela continuou, explicando que tinha uma vista especialmente boa, como a de um pássaro, que isso tinha algo a ver com o castelo e sua criação. Tom não podia se lembrar dos detalhes, ele parara de ouvir a essa altura. As nuvens haviam mudado, a lua estava quase cheia e os cabelos de Juniper haviam ficado prateados em sua claridade.

Ele ficara feliz por ela não tê-lo visto fitando-a. Para sorte de Tom, ela havia se agachado no chão e começado a escavar no entulho. Ele se aproximou, curioso para ver o que chamara a atenção dela, e vira que de alguma forma, em meio aos escombros das ruas destruídas de Londres, ela havia encontrado um arbusto emaranhado de madressilvas, caído no chão depois que a grade que o sustentava fora removida, mas ainda vivo. Ela pegou um raminho e entrelaçou-o nos cabelos, cantarolando uma canção bonita e estranha enquanto o fazia.

Quando o sol começara a aparecer e eles subiram as escadas para seu apartamento, ela encheu um vidro de geleia com água e colocou-o no peitoril da janela. Por várias noites depois, enquanto jazia sozinho no calor e no escuro do quarto, sem conseguir dormir de tanto pensar nela, ele sentira o cheiro doce das madressilvas. E parecera a Tom, como ainda parecia agora, que Juniper era igual àquela flor. Um objeto de incomensurável perfeição em um mundo que estava desmoronando. Não era apenas sua aparência, mas uma essência inatingível, uma confiança, uma força, como se ela estivesse de alguma forma conectada ao mecanismo que guiava o

mundo. Ela era a brisa em um dia de verão, os primeiros pingos de chuva quando a terra estava ressecada, luz da estrela vespertina.



Alguma coisa, embora Juniper não soubesse exatamente o quê, a fez olhar na direção da calçada. Tom estava lá, mais cedo do que ela esperara, e seu coração deu um pequeno salto. Ela acenou, quase caindo da janela em sua alegria de vê-lo. Ele ainda não a havia notado. Sua cabeça estava abaixada, examinando a correspondência do correio, mas Juniper não conseguia tirar os olhos dele. Era loucura, era posse, era desejo. Acima de tudo, entretanto, era amor. Juniper amava o corpo dele, amava sua voz, amava a sensação de seus dedos em sua pele e o espaço sob sua clavícula em que sua face encaixava-se perfeitamente quando dormiam. Amava poder ver em seu rosto todos os lugares onde ele estivera. Que nunca precisasse lhe perguntar como se sentia. Que as palavras fossem desnecessárias. Juniper descobrira que estava cansada de palavras.

Chovia agora, de forma constante, mas nada como chovera no dia em que se apaixonara por Tom. Aquela fora uma chuva de verão, uma dessas tempestades repentinas, violentas que vêm no rastro de um calor glorioso. Haviam passado o dia inteiro caminhando, vagando pelo mercado Portobello, subindo a Primrose Hill e depois serpeando de volta por Kensington Gardens, arrastando os pés pelas águas rasas do Round Pond.

O trovão, quando veio, foi tão inesperado que as pessoas olharam para o céu, temendo que houvesse uma nova forma de arma acima delas. E então viera a chuva, grandes lágrimas soluçantes que trouxeram um brilho imediato ao mundo.

Tom agarrara a mão de Juniper e correram juntos, fazendo a água soltar das poças que logo se formaram e rindo da surpresa, durante todo o caminho até seu prédio, subindo as escadas e entrando na penumbra seca de seu quarto.

– Você está molhada – disse Tom, as costas contra a porta que ele acabara de bater. Ele olhava fixamente para seu vestido fino, o modo como grudava em suas pernas.

– Molhada? – disse ela. – Estou tão ensopada que poderia ser torcida.

– Tome – ele retirou sua camisa extra do cabide atrás da porta e atirou-a para ela –, vista isso enquanto se seca.

E ela fizera o que ele sugerira, tirando o vestido e enfiando os braços pelas mangas de sua camisa. Tom se virara, fingindo ter alguma coisa a fazer na pequena pia de louça, mas, quando ela olhara, interessada em saber o que ele estava fazendo, seus olhos se encontraram no espelho. Ela manteve o olhar um pouco além do normal, tempo suficiente para notar quando algo dentro deles mudou.

A chuva continuou, a trovoada também, e seu vestido ficou pingando no canto onde ele o pendurara para secar. Ambos se moveram em direção à janela e Juniper, que em geral não sofria de timidez, disse algo sem sentido sobre os pássaros e para onde iam na chuva.

Tom não respondeu. Ele estendeu o braço, levando a palma da mão para descansar em sua face. Foi um toque muito leve, mas suficiente. Isso a silenciou e ela se inclinou para ele, virando-se apenas o suficiente para seus lábios roçarem os dedos dele. Seus olhos permaneceram nos dele, não poderia tê-los afastado ainda que tentasse. E então os dedos dele estavam nos botões da camisa, em seu estômago, seus seios, e ela percebeu, repentinamente, que sua pulsação havia se estilhaçado em milhares de bolinhas minúsculas, todas agora girando de comum acordo, por todo o seu corpo.



Sentaram-se no peitoril da janela depois, comendo as cerejas que haviam comprado no mercado e jogando os caroços no chão coberto de poças lá embaixo. Nenhum dos dois falava, mas ocasionalmente atraíam a atenção um do outro, sorrindo quase sorrateiramente, como se eles, e apenas eles, soubessem de um enorme segredo. Juniper havia pensado em sexo, escrevera sobre isso, em tudo que imaginara que faria, diria e sentiria. Mas nada a havia preparado para o fato de que o amor pudesse segui-lo tão de perto.

Apaixonar-se.

Juniper compreendia agora o seu significado. A sensação brilhante, avassaladora, a divina imprudência, a perda total da vontade própria. Fora exatamente assim para ela, mas também fora muito mais. Após uma vida inteira esquivando-se do contato físico, Juniper finalmente se relacionara. Quando ficaram deitados juntos naquele crepúsculo quente e úmido, seu rosto pressionado contra o peito dele, e ela ouviu seu coração, absorveu seu ritmo regular, ela sentira o seu próprio, acalmando-se para acompanhar os batimentos do coração dele. E Juniper compreendeu, de algum modo, que em Tom ela encontrara a pessoa que podia equilibrá-la, e, que mais do que tudo, apaixonar-se era ser resgatado, ser salvo...

A porta da frente fechou-se com uma batida e em seguida houve ruído na escada, os passos de Tom subindo, dando voltas, em sua direção. Com uma precipitação repentina de cegante desejo, Juniper esqueceu-se do passado, desviou o olhar do jardim, do gato sem dono com suas folhas, da velha e triste senhora chorando pela catedral de Coventry, da guerra do lado de fora da janela, da cidade de escadas que não levavam a lugar nenhum, retratos em paredes sem teto, mesas de cozinha de famílias que já não precisavam delas, e deslizou pelo assoalho, de volta para a cama, despindo a camisa de Tom no caminho. Naquele momento, quando a chave dele girou na porta, havia apenas ela e ele, e aquele apartamento pequeno e quente, com um jantar de aniversário na mesa.



Comeram o bolo na cama, duas enormes fatias cada um, e havia farelos por toda parte.

– É porque não tem muito ovo – disse Juniper, sentando-se com as costas apoiadas na parede e inspecionando a bagunça com um suspiro filosófico. – Não é fácil fazer as coisas grudarem, sabe.

Tom riu para ela de onde estava deitado.

– Como você é bem informada.

– Sou, não?

– E talentosa, é claro. Um bolo como este é digno da Fortnum & Mason.

– Bem, não posso mentir, eu tive uma certa ajuda.

– Ah, sim – disse Tom, virando-se de lado, esticando-se ao máximo em direção à mesa e apanhando o pacote embrulhado em jornal com a ponta dos dedos. – Nosso cozinheiro residente.

– Você sabe que ele não é cozinheiro, realmente, ele é um dramaturgo. Eu o ouvi conversando com um homem no outro dia que vai encenar uma de suas peças.

– Ora, Juniper – disse Tom, desembulhando cuidadosamente o jornal e encontrando dentro um pote de geleia de amoras. – Como um dramaturgo pode fazer uma coisa tão bonita quanto esta?

– Oh, que lindo! Que maravilha! – disse Juniper, estendendo-se para pegar a geleia. – Pense na quantidade de açúcar! Vamos comer um pouco agora com torrada?

Tom puxou seu braço para trás, mantendo o pote de geleia fora do alcance de Juniper.

– Será possível – perguntou ele incrédulo – que a jovem ainda esteja com fome?

– Bem, não. Não exatamente. Mas não é uma questão de fome.

– Não é?

– É uma questão de uma nova opção se apresentando após o fato. Uma doce e gloriosa opção nova.

Tom virou o pote nos dedos, prestando muita atenção aos deliciosos pedaços rubros e negros dentro do vidro.

– Não – disse finalmente –, acho que devemos guardá-la para uma ocasião especial.

– Mais especial do que seu aniversário?

– Meu aniversário já foi bastante especial. Devemos guardar isto para a próxima comemoração.

– Oh, está bem – disse Juniper, aconchegando-se em seu ombro, de modo que o braço dele a envolvesse –, mas somente porque é seu aniversário e eu estou cheia demais para me levantar.

Tom sorriu com o cigarro na boca, enquanto o acendia.

– Como vai sua família? – perguntou Juniper. – Joey ficou bom da gripe?

– Ficou.

– E Maggie? Ela o fez ouvir enquanto lia seu horóscopo?

– Foi muita gentileza dela. De que outra forma eu poderia saber como me comportar durante a semana?

– De fato, de que outra forma? – Juniper pegou o cigarro dele e tragou devagar. – Havia alguma coisa interessante? Por favor, conte-me.

– De forma marginal – disse Tom, deslizando os dedos por baixo do lençol. – Aparentemente eu vou propor casamento a uma bela jovem.

– Oh, é mesmo? – Ela contorceu-se quando ele fez cócegas no seu flanco, e uma baforada transformou-se em uma risada. – Isso é mesmo interessante.

– Achei que sim.

– Embora, naturalmente, a verdadeira pergunta seja o que a jovem deverá dizer em resposta. Maggie tinha alguma previsão quanto a isso?

Tom puxou o braço para trás, girando o corpo de lado para olhá-la de frente.

– Infelizmente Maggie não pôde me ajudar nisso. Disse que eu mesmo tinha de perguntar à garota e ver o que acontecia.

– Bem, se foi isso que Maggie disse...

– E então? – perguntou Tom.

– Então?

Ele apoiou-se sobre um dos cotovelos e adotou uma voz elegante:

– Quer me dar a honra, Juniper Blythe, de se tornar minha esposa?

– Bem, gentil senhor – disse Juniper, em sua melhor representação da rainha –, isso depende se também houver a permissão para três gorduchos bebês.

Tom pegou o cigarro de volta e fumou displicentemente.

– Por que não quatro?

Seus modos ainda eram descontraídos, mas abandonou o sotaque. Isso deixou Juniper inquieta e de certa forma constrangida, e não conseguia pensar no que dizer.

– Vamos, Juniper – pressionou ele. – Vamos nos casar. Você e eu.

– E não havia nenhuma dúvida agora de que ele falava a sério.

– Eu não devo me casar.

Ele franziu a testa.

– O que isso significa?

Um silêncio recaiu entre eles, permanecendo intacto, até que a chaleira assoviou no apartamento de baixo.

– É complicado – disse Juniper.

– É? Você me ama?

– Sabe que sim.

– Então não é complicado. Case-se comigo. Diga sim, June. Seja o que for, o que quer que a preocupe, nós resolveremos.

Juniper sabia que não havia nada que pudesse dizer que o satisfizesse, nada, exceto *sim*, e ela não podia dizer isso.

– Deixe-me pensar – disse finalmente. – Me dê algum tempo.

Ele sentou-se abruptamente, com os pés no chão e de costas para ela. Sua cabeça estava abaixada; ele inclinava-se para frente. Estava aborrecido. Ela queria tocá-lo, correr os dedos pelo meio de suas costas, voltar no tempo de modo que ele nunca a tivesse pedido em casamento. Enquanto imaginava como isso poderia ser feito, ele enfiou a mão no bolso e retirou um envelope. Estava dobrado ao meio, mas ela podia ver que havia uma carta dentro.

– Aqui está o seu tempo – disse ele, entregando-o a ela. – Fui reconvocado para a minha unidade. Devo me apresentar em uma semana.

Juniper emitiu um ruído, quase um soluço, e arrastou-se pela cama, indo sentar-se ao lado dele.

– Mas quanto tempo...? Quando você vai voltar?

– Não sei. Quando a guerra acabar, imagino.

Quando a guerra acabar. Ele iria embora de Londres e repentinamente Juniper compreendeu que sem Tom, este lugar, esta cidade perderia a importância. Ela voltaria ao castelo. Sentiu o coração acelerar diante da ideia, não com empolgação, como uma pessoa comum, mas com a precipitada intensidade que ela aprendera a observar toda a sua vida. Fechou os olhos, na esperança de que isso melhorasse a situação.

Seu pai havia lhe dito que ela era uma criatura do castelo, que ela pertencia àquele lugar e que era mais seguro não ir embora, mas ele estava errado. Sabia disso agora. O contrário era a verdade: longe

do castelo, longe do mundo de Raymond Blythe, das coisas horríveis que ele lhe dissera, da culpa e da tristeza que exsudava, ela estava livre. Em Londres, não houve nenhum de seus visitantes, não houve nenhum lapso de tempo. E apesar de que seu grande temor – de que era capaz de ferir outras pessoas – a tivesse seguido, era diferente ali.

Juniper sentiu uma pressão nos joelhos e pestanejou, abrindo os olhos. Tom estava ajoelhado no chão, diante dela, a preocupação inundando seus olhos.

– Ei. Querida – disse ele. – Está tudo bem. Tudo vai dar certo.

Ela não precisara contar nada disso a Tom e era grata por isso. Não queria que o amor dele mudasse, que ele se tornasse protetor e preocupado como suas irmãs. Não queria ser observada, seus silêncios e estado de espírito mensurados. Ela não queria ser amada com cuidado, apenas bem.

– Juniper – dizia Tom. – Desculpe-me. Por favor, não fique assim. Não suporto vê-la assim.

O que ela estava pensando, negando-o, desistindo dele? Por que, pelo amor de Deus, ela haveria de fazer isso? Para seguir os desejos de seu pai?

Tom levantou-se, começou a afastar-se, mas Juniper agarrou seu pulso.

– Tom...

– Vou pegar um copo de água para você.

– Não – ela sacudiu a cabeça rapidamente –, eu não quero água. Só quero você.

Ele sorriu e uma covinha com a barba curta apareceu em sua face esquerda.

– Bem, você já me tem.

– Não – disse ela –, quero dizer que sim.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Quero dizer que devemos nos casar.

– Verdade?

– E contaremos às minhas irmãs juntos.

– Claro que sim – disse ele. – Quando você quiser.

Então, ela riu, e sua garganta doeu, mas ela riu mesmo assim, e de certa forma se sentiu mais leve.

– Thomas Cavill e eu vamos nos casar.



Juniper permaneceu acordada, a face sobre o peito de Tom, ouvindo os batimentos ritmados de seu coração, sua respiração compassada, tentando regular a sua própria pela dele. Mas não conseguia dormir. Tentava formular uma carta mentalmente. Pois teria de escrever para suas irmãs, dizer-lhes que ela e Tom iriam lá, e teria de explicar isso de tal forma que elas ficassem satisfeitas. Elas não deveriam suspeitar de nada.

Havia uma outra coisa em que ela também havia pensado. Juniper nunca se interessara por roupas, mas achava que uma mulher que vai se casar devia ter um vestido. Ela não se preocupava com essas coisas, mas Tom talvez se preocupasse e sua mãe certamente se preocuparia, e não havia nada que Juniper não faria por Tom.

Lembrava-se de um vestido que pertencera a sua própria mãe: seda, cor clara, saia farta. Juniper a vira usando-o, há muito tempo. Se ainda estivesse no castelo, Saffy poderia encontrá-lo e ela saberia exatamente o que seria necessário para ressuscitá-lo.

Londres, 19 de outubro de 1941

MEREDITH NÃO VIA O SR. CAVILL – Tom, como ele insistia que ela o chamasse – havia semanas, portanto foi uma enorme surpresa quando ela abriu a porta da frente e viu-o ali parado.

– Sr. Cavill – disse ela, tentando não soar muito empolgada. – Como vai?

– Não podia estar melhor, Meredith. E é Tom, por favor. – Ele sorriu. – Não sou mais seu professor.

Meredith corou, tinha certeza disso.

– Posso entrar por um instante?

Ela lançou um olhar por cima do ombro, através do vão da outra entrada, para dentro da cozinha, onde Rita franzia a testa para algo sobre a mesa. Sua irmã havia terminado recentemente o namoro com o jovem ajudante do açougueiro e andava terrivelmente mal-humorada desde então. Até onde Meredith sabia, o plano de Rita para remediar sua própria decepção era tornar a vida de sua irmã mais nova igualmente infeliz.

Tom deve ter percebido sua hesitação, porque acrescentou:

– Podíamos sair para um passeio, se preferir?

Meredith balançou a cabeça, agradecida, fechou a porta silenciosamente atrás de si enquanto escapava.

Desceram a rua juntos e ela manteve uma pequena distância, os braços cruzados, a cabeça baixa, tentando parecer que estava ouvindo sua conversa amável de escola e redação, o passado e o futuro, quando na verdade seu cérebro corria à frente, tentando adivinhar o propósito de sua visita. Tentando com todas as forças não pensar na paixão de estudante que sentira por ele um dia.

Pararam no mesmo parque onde Juniper e Meredith haviam conduzido sua infrutífera busca por espreguiçadeiras em junho,

quando o tempo estava quente. O contraste entre a cálida lembrança e os céus cinzentos de agora fez Meredith estremecer.

– Você está com frio. Eu devia tê-la lembrado de trazer um casaco. – Ele sacudiu os braços de dentro das mangas de seu próprio casaco e entregou-o a Meredith.

– Oh, não, eu...

– Bobagem. Eu estava ficando com calor, de qualquer modo.

Ele apontou para um lugar na grama e Meredith seguiu-o prontamente, sentando-se ao seu lado com as pernas cruzadas. Ele falou um pouco mais, perguntou-lhe sobre seus escritos e ouviu a resposta atentamente. Disse a Meredith que se lembrava de ter lhe dado o diário, que estava encantado de pensar que ela ainda o usava; durante todo o tempo, ele arrancava lâminas de grama, enrolando-as em pequenas espirais. Meredith ouvia e sacudia a cabeça, e observava as mãos dele. Eram muito bonitas, fortes, mas elegantes. As mãos de um homem, mas não grosseiras ou cabeludas. Imaginou como seria tocá-las.

Sua têmpora começou a latejar e ela sentiu-se zozza, pensando em como seria fácil fazer tal coisa. Tudo que precisaria fazer era estender um pouco mais sua própria mão. A mão dele seria quente, ela se perguntou, seriam macias ou ásperas? Seus dedos ficariam alarmados e depois se fechariam em torno dos seus?

– Tenho algo para você – disse ele. – Era meu, mas fui reconvocado para a minha unidade, de modo que preciso encontrar um bom lar para ele.

Um presente antes de voltar à guerra? Meredith perdeu a respiração e todo pensamento de mãos se dissolveu. Não era exatamente esse o tipo de coisas que namorados faziam? Trocar presentes antes que o herói marchasse para longe?

Ela deu um salto quando a mão de Tom tocou suas costas. Ele a retirou imediatamente, estendeu a palma da mão à frente dela e sorriu, embaraçado.

– Desculpe-me. É que o presente está no bolso do meu casaco.

Meredith sorriu também, aliviada, mas de certo modo desapontada. Devolveu-lhe o casaco e ele retirou um livro do bolso.

Os últimos dias de Paris, o diário de um jornalista, leu ela, revirando-o nas mãos.

– Obrigada... Tom.

Seu nome em seus lábios fez Meredith estremecer. Tinha 15 anos agora e, embora talvez apenas passavelmente bonita, não era mais uma criança de peito chato. Era possível, não era, que um homem pudesse se apaixonar por ela?

Teve consciência de seu hálito junto ao seu pescoço quando ele estendeu o braço para tocar a capa do livro.

– Alexander Werth manteve este diário durante a queda de Paris. Estou dando-o a você porque mostra o quanto é importante que as pessoas escrevam o que veem. Particularmente em dias como os nossos. Caso contrário, as pessoas não sabem o que está realmente acontecendo, você entende, Meredith?

– Sim. – Ela olhou de soslaio e viu-o fitando-a com tal intensidade que se sentiu dominada pela emoção. Aconteceu em questão de segundos, mas para Meredith, presa no meio daquele momento, tudo se movia como um rolo de filme em câmera lenta. Foi como observar um estranho quando ela se inclinou para mais perto, inspirou, fechou os olhos e pressionou os lábios nos dele em um instante de sublime perfeição...

Tom foi muito delicado. Falou-lhe ternamente, mesmo enquanto retirava as mãos dela dos seus ombros, mesmo quando as apertava, obviamente como um amigo, e lhe dizia para não ficar envergonhada.

Mas Meredith *ficou* envergonhada, queria desaparecer em um buraco no chão. Dissolver-se no ar. Qualquer coisa que não fosse ainda estar ao lado dele no absoluto clarão de seu terrível erro. Estava tão mortificada que, quando Tom começou a fazer perguntas sobre as irmãs de Juniper – como eram, o tipo de coisas de que gostavam, de que flores gostavam particularmente –, ela respondia automaticamente. E sem dúvida ela não pensou em perguntar por que ele se importava com isso.



No dia em que Juniper deixou Londres, ela se encontrou com Meredith na estação de Charing Cross. Estava feliz com a companhia, não só porque ela iria sentir falta de Merry, como porque isso afastava seus pensamentos de Tom. Ele partira no dia anterior para se apresentar a seu regimento – primeiro para treinamento, antes de ser enviado de volta ao front – e o apartamento, a rua, a própria cidade de Londres ficaram insuportáveis sem ele. Foi por isso que Juniper resolvera tomar um trem para o leste. Mas ela não estava voltando para o castelo, ainda não: o jantar seria somente na quarta-feira, ela ainda tinha dinheiro na mala e a ideia de que deveria passar os próximos três dias explorando algumas daquelas pinturas vertiginosas que ela avistara da janela do trem que a trouxera para Londres.

Uma figura familiar surgiu na extremidade do pátio da estação, abrindo um largo sorriso quando avistou o aceno entusiástico de Juniper. Meredith atravessou rapidamente a multidão até onde Juniper estava, diretamente embaixo do relógio, como haviam combinado.

– Muito bem, então – disse Juniper, depois de se abraçarem. – Onde está, então?

Meredith manteve o polegar e o dedo indicador bem próximos, e encolheu-se.

– Só mais algumas correções de última hora.

– Quer dizer que não vou tê-lo para a viagem de trem?

– Só mais alguns dias, prometo.

Juniper afastou-se para o lado para dar passagem a um carregador empurrando uma enorme pilha de malas.

– Está bem – disse ela. – Mais alguns dias. E nada mais, veja bem! – Ela sacudiu um dedo para Meredith com uma pretensa severidade. – Vou esperar pelo correio até o fim da semana. Combinado?

– Combinado.

Sorriram uma para a outra enquanto o trem emitia um forte assobio. Juniper olhou naquela direção e viu que a maioria dos passageiros já havia embarcado.

– Bem – disse ela –, acho que devo...

O resto da frase foi abafado pelo abraço de Meredith.

– Vou sentir sua falta, Juniper. Prometa que vai voltar.

– Claro que vou voltar.

– Não mais do que um mês?

Juniper tirou um cílio caído do rosto de sua jovem amiga.

– Se demorar mais, deve pensar no pior e montar uma missão de resgate!

Merry riu.

– E me diz assim que tiver terminado de ler meu manuscrito?

– No primeiro correio, no mesmo dia – disse Juniper com uma continência. – Cuide-se, menina.

– Você também.

– Sempre. – O sorriso de Juniper endireitou-se e ela hesitou, afastando uma mecha de cabelos dos olhos. Deliberava. A novidade crescia em seu peito, pressionando para sair, mas uma vizinha dizia-lhe para se conter.

O guarda tocou seu apito, bloqueando a pequena voz, e Juniper decidiu-se. Meredith era sua melhor amiga, podia confiar nela.

– Eu tenho um segredo, Merry – disse ela. – Não contei a ninguém, dissemos que não contaríamos por enquanto, mas você não é ninguém.

Meredith balançou a cabeça entusiasmadamente, e Juniper inclinou-se junto ao ouvido de sua amiga, imaginando se as palavras pareceriam tão estranhas e maravilhosas como da primeira vez.

– Thomas Cavill e eu vamos nos casar.

As suspeitas da sra. Bird

1992

JÁ ESCURECERA QUANDO CHEGUEI à pousada e um chuvisco fino se assentava, como uma rede, sobre a paisagem. Ainda havia umas duas horas até o jantar ser servido, e fiquei satisfeita com isso. Após uma tarde inesperada na companhia das irmãs, eu estava precisando de um banho quente e de tempo sozinha, a fim de livrar-me da atmosfera nauseante que me acompanhara até ali. Eu não sabia exatamente do que se tratava, somente que parecia haver tantos anseios não realizados dentro das paredes daquele castelo, desejos frustrados que encharcaram as pedras e, com o tempo, começaram a exsudar de volta, deixando o ar rançoso, quase estagnado.

No entanto, o castelo e suas três diáfanas habitantes exerciam um inexplicável fascínio sobre mim. Independentemente dos momentos de desconforto que experimentei quando estava lá. Tão logo eu me afastava delas, de seu castelo, sentia-me compelida a retornar e via-me contando as horas até poder voltar. Não faz muito sentido; talvez a loucura nunca faça? Pois eu estava louca pelas irmãs Blythe, vejo isso agora.

Conforme a chuva fina começou a cair pelos beirais da casa de fazenda, fiquei deitada, enroscada sobre minha colcha, um cobertor sobre os pés, lendo, cochilando e pensando, e quando chegou a hora do jantar, já me sentia bastante refeita. Era natural que Percy quisesse poupar Juniper de qualquer sofrimento, que avançasse sobre mim para me deter toda vez que eu ameaçava abrir velhas feridas; fora insensível de minha parte mencionar Thomas Cavill, particularmente com Juniper dormindo ali perto. Entretanto, a intensidade da reação de Percy aguçara meu interesse... Talvez se eu tivesse a sorte de ficar sozinha com Saffy eu pudesse sondar um pouco mais? Ela parecera disposta, até mesmo ansiosa, para me ajudar com a pesquisa.

Pesquisa que agora incluía o acesso raro e especial às anotações de Raymond Blythe. Apenas o fato de dizer essas palavras em voz baixa era suficiente para enviar um estremecimento de prazer pela minha espinha dorsal. Deitei-me de costas, eletrizada até a ponta dos dedos dos pés, e ergui os olhos para o teto de vigas cruzadas, visualizando o momento em que iria espreitar dentro da mente do escritor.

Jantei em uma mesa sozinha na aconchegante sala de jantar da casa de fazenda da sra. Bird. O cheiro fragrante do delicioso ensopado de legumes que fora servido impregnava todo o lugar e o fogo crepitava na lareira. Do lado de fora, o vento continuava a se intensificar, batendo nas vidraças das janelas, em geral suavemente, mas com fortes rajadas ocasionais, e eu pensei – não pela primeira vez – que prazer verdadeiro e simples era estar dentro de casa e saciada quando o frio e a escuridão sem estrelas espalhavam-se pelo mundo exterior.

Eu havia trazido minhas anotações para começar a trabalhar no artigo de Raymond Blythe, mas meus pensamentos recusavam-se a se comportar, resvalando de volta, repetidamente, para suas filhas. Era a questão de irmãs, creio; eu estava fascinada pelo intrincado emaranhado de amor, dever e ressentimento que as unia. Os olhares que trocavam, o complicado equilíbrio de poder estabelecido durante décadas, os jogos que eu jamais disputaria, com regras que eu jamais compreenderia inteiramente. E talvez essa fosse a chave: eram um grupo tão natural que me faziam sentir notavelmente singular em comparação. Observá-las juntas era saber com toda força, dolorosamente, tudo que eu perdera.

– Grande dia? – Ergui os olhos e vi a sra. Bird de pé, acima de mim. – E outro amanhã, não?

– Vou ver as anotações de trabalho de Raymond Blythe pela manhã. – Não consegui me conter; a empolgação simplesmente apenas borbulhou e saiu, por vontade própria.

A sra. Bird ficou desconcertada, mas de uma maneira amável.

– Ora, isso é muito bom, querida... Importa-se se eu...? – Ela deu uma batidinha na cadeira à minha frente.

– Claro que não.

Ela sentou-se com a irritação de uma mulher corpulenta, espalmando uma das mãos sobre o estômago enquanto se ajeitava contra a borda da mesa.

– Bem, agora está um pouco melhor. Andei correndo de um lado para o outro o dia todo... – Indicou minhas anotações com um sinal da cabeça. – Mas estou vendo que você está trabalhando até tarde também.

– Tentando. Mas estou um pouco distraída.

– Oh. – Suas sobrancelhas levantaram-se. – Um belo rapaz, hein?

– Mais ou menos isso. Sra. Bird, houve algum telefonema para mim hoje?

– Telefonemas? Não que eu saiba. Estava esperando um? Do rapaz com quem está sonhando acordada? – Seus olhos brilharam quando disse: – Seu editor, talvez?

Ela parecia tão esperançosa que pareceu um pouco cruel decepcioná-la. Ainda assim, por uma questão de clareza, eu disse:

– Na verdade, de minha mãe. Eu esperava que ela viesse fazer uma visita.

Uma rajada de vento particularmente forte chocalhou os trincos das janelas e eu estremeci, mais de prazer do que de frio. Havia algo especial no ambiente nessa noite, algo estimulante. A sra. Bird e eu éramos as últimas duas ainda na sala de jantar e a lenha na lareira havia sido esburacada pelo fogo, de modo que brilhava vermelha, incandescente, estourando ocasionalmente e cuspidando fagulhas douradas contra os tijolos. Não sei se foi a própria sala quente e enfumaçada, seu contraste com o vento e a chuva do lado de fora, ou uma reação à atmosfera dominante de nós e segredos que eu encontrara no castelo; ou até mesmo apenas um desejo repentino de ter uma conversa normal com outro ser humano; qualquer que fosse o caso, eu me sentia comunicativa. Fechei meu caderno de notas e afastei-o para o lado.

– Minha mãe veio aqui como evacuada – disse. – Durante a guerra.

– À vila?

– Ao castelo.

– Não! Verdade? Morou lá com as irmãs?

Balancei a cabeça, imensamente satisfeita com a reação dela. Cautelosa, também, quando uma vizinha dentro de minha cabeça sussurrou que minha satisfação advinha da sensação de posse que o vínculo de mamãe com Milderhurst me conferia. Uma sensação de posse que era quase imprópria e que até então eu deixara de mencionar às próprias senhoritas Blythe.

– Nossa! – exclamou a sra. Bird, unindo as pontas dos dedos. – Quantas histórias ela deve ter para contar! É estonteante!

– Na verdade, eu tenho seu diário da guerra aqui comigo...

– Diário da guerra?

– Diário daquela época. Anotações avulsas sobre como se sentia, as pessoas que conhecia, o próprio lugar.

– Ora, então provavelmente deve haver menção à minha própria mãe aí – disse a sra. Bird, empertigando-se orgulhosamente.

Foi a minha vez de ficar surpresa:

– Sua mãe?

– Ela trabalhava no castelo. Começou como empregada quando tinha 16 anos; terminou como governanta-chefe. Lucy Rogers, embora fosse Middleton naquela época.

– Lucy Middleton – disse devagar, tentando lembrar qualquer menção no diário de minha mãe. – Não tenho certeza, vou ter de verificar. – Os ombros da sra. Bird haviam se arriado um pouco sob o peso de sua decepção, e eu me senti pessoalmente responsável, buscando maneiras de melhorar a situação. – Ela não me contou muita coisa sobre isso, sabe; eu só descobri sobre sua evacuação recentemente.

Imediatamente me arrependi do que disse. Ouvir minhas próprias palavras me fez mais consciente do que nunca do quanto era estranho uma mulher ter mantido tal coisa em segredo; e de certa forma me senti implicada, como se o silêncio de mamãe pudesse ter origem em uma falha pessoal minha; tolice também, porque se eu tivesse sido um pouco mais circunspecta, um pouco menos ansiosa para captar o interesse da sra. Bird, eu não estaria nesse apuro. Preparei-me para o pior, mas a sra. Bird surpreendeu-me. Com um sinal compreensivo da cabeça, ela inclinou-se um pouco mais para perto e disse:

– Pais e seus segredos, hein?

– Sim. – Um torrão de carvão espocou na lareira e a sra. Bird ergueu um dedo, indicando que voltaria em um minuto; esgueirou-se de sua cadeira e desapareceu por uma saída escondida no papel de parede.

A chuva batia suavemente contra a porta de madeira, enchendo o lago lá fora, e eu pressionei as palmas das mãos uma contra a outra, mantive-as como em uma prece contra meus lábios, antes de incliná-las para apoiar o rosto contra minha mão aquecida pelo fogo.

Quando a sra. Bird retornou com uma garrafa de uísque e dois copos de cristal lapidado, a proposição combinava tão bem com a noite inclemente, sombria que eu sorri e aceitei com satisfação.

Brindamos batendo os copos por cima da mesa.

– Minha mãe quase não se casou – disse a sra. Bird, pressionando os lábios e saboreando o calor do uísque. – O que acha disso? Eu quase não existi. – Ela colocou a mão na frente em um gesto de *quelle horreur!*

Sorri.

– Minha mãe tinha um irmão, sabe, um irmão mais velho que ela adorava. Pelo modo como falava, ele era o responsável por fazer o sol se levantar todos os dias. O pai deles morrera jovem e Michael, esse era seu nome, assumiu o posto. O verdadeiro homem da casa, ele era; mesmo quando ainda menino, ele costumava trabalhar depois da escola e nos fins de semana, limpando janelas por alguns trocados. Dava as moedas para sua mãe, de modo que ela pudesse manter bem a casa. Era bonito também... Espere aí! Eu tenho uma foto. – Correu para a lareira, sacudiu os dedos acima da enorme quantidade de molduras amontoadas sobre o consolo da lareira, antes de mergulhar e fisgar uma pequena moldura quadrada de metal. Ela usou a frente roliça de sua saia de tweed para limpar a poeira do vidro da moldura antes de entregá-la a mim. Um antigo instantâneo de três pessoas: um rapaz cujo destino o tornava bonito, uma mulher mais velha de um lado, uma bonita jovem de cerca de 13 anos do outro.

“Michael foi com todos os outros rapazes lutar na Guerra Mundial.” A sra. Bird estava de pé atrás de mim, espreitando intensamente por

cima do meu ombro. “Seu último pedido, quando minha mãe estava se despedindo dele no trem, foi que, se alguma coisa lhe acontecesse, ela deveria ficar em casa com sua mãe.” A sra. Bird pegou a foto de volta e sentou-se novamente, ajeitando os óculos no nariz para olhar mais a foto enquanto falava: “O que ela poderia dizer? Assegurou-lhe que faria o que ele lhe pedia. Ela era jovem, não creio que pensasse que alguma coisa fosse acontecer. As pessoas não pensavam, não de verdade. Não no começo da Guerra Mundial. Não sabiam, na época.” Ela abriu o apoio de papelão da moldura e colocou-a na mesa, ao lado do seu copo.

Beberiquei meu uísque e esperei, e por fim ela suspirou. Olhou-me nos olhos; abriu a mão para cima em um movimento repentino, como se fosse lançar confetes invisíveis.

– De qualquer modo – disse ela. – A história se fez. Ele foi morto e minha pobre mãe se resignou a cumprir o que prometera. Não sei se eu seria tão complacente, mas as pessoas eram diferentes naquela época. Cumpriam a palavra. Vovó era uma verdadeira megera, para ser franca, mas mamãe sustentou as duas, abriu mão da esperança de casar e ter filhos, aceitou seu destino.

Uma pesada rajada de chuva açoitou a janela próxima e eu estremei dentro do meu cardigã.

– E, no entanto, aqui está você.

– Aqui estou eu.

– Então, o que aconteceu?

– Vovó morreu – disse a sra. Bird, com um sinal prosaico da cabeça –, muito repentinamente, em junho, 1939. Estava doente havia algum tempo, algo a ver com o fígado, portanto não foi nenhuma surpresa. Mais um alívio, eu sempre achei, embora mamãe fosse boa demais para admitir isso. Quando a guerra completou nove meses, mamãe estava casada e me esperando.

– Um romance-relâmpago.

– Relâmpago? – A sra. Bird enrugou os lábios, considerando. – Creio que sim, pelos padrões atuais. Mas não na época, não durante uma guerra. Também não tenho muita certeza a respeito da parte do “romance”, para ser franca. Sempre suspeitei que tivesse sido uma decisão prática da parte de minha mãe. Ela nunca disse isso,

não com todas as letras, mas uma criança sabe essas coisas, não? Por mais que todos nós gostássemos de acreditar que fomos o produto de um grande caso de amor. – Ela sorriu para mim, mas de maneira hesitante, como se estivesse me avaliando, perguntando a si mesma se poderia confiar ainda mais em mim.

– Alguma coisa aconteceu? – perguntei, inclinando-me para frente. – Algo para fazê-la se sentir assim?

A sra. Bird tomou o resto de seu uísque, remexeu o copo de um lado para o outro, formando aros no tampo da mesa. Em seguida, enrugou a testa para a garrafa, parecendo absorta em algum debate profundo e silencioso; não sei dizer se ela venceu ou perdeu, mas tirou a tampa e serviu outra dose para cada uma de nós.

– Encontrei uma coisa – disse ela. – Há alguns anos. Depois que mamãe morreu e eu estava cuidando de suas coisas.

O uísque desceu suave e quente pela minha garganta.

– O que foi?

– Cartas de amor.

– Oh.

– Não de meu pai.

– Oh!

– Escondidas em uma lata no fundo da gaveta da penteadeira. Eu quase não as encontrei, sabe? Somente quando um antiquário veio ver se queria comprar alguns móveis. Eu estava lhe mostrando as peças e achei que a gaveta estava emperrada, então a puxei, com mais força do que precisava, e a lata correu para frente.

– Você as leu?

– Abri a lata mais tarde. Terrível, eu sei. – Ela enrubesceu e começou a alisar os cabelos nas têmporas, escondendo-se, ao que parecia, atrás das mãos curvadas. – Não pude me conter. Quando percebi o que estava lendo, bem, eu tinha de continuar, não? Eram lindas, sabe. Sinceras. Diretas, mas quase ainda mais expressivas por sua brevidade. E havia uma outra coisa, um ar de tristeza naquelas cartas. Todas foram escritas antes de minha mãe se casar com meu pai; mamãe não era do tipo de alimentar romances depois de casada. Não, foi um caso de amor que datava de quando a sua

própria mãe ainda era viva, quando não havia nenhuma possibilidade de ela se casar ou se mudar.

– Quem era? Você sabe? Quem escreveu as cartas?

Ela deixou os cabelos em paz, espalmou as mãos sobre a mesa. A quietude era impressionante, e, quando se inclinou em minha direção, senti que eu mesma me inclinava ao seu encontro.

– Eu realmente não devia dizer – sussurrou ela. – Não gosto de intrigas.

– Claro que não.

Ela fez uma pausa e um fio de empolgação repuxou seu lábio; ela lançou um olhar furtivo por cima de cada ombro.

– Não tenho cem por cento de certeza; não estavam assinadas com um nome completo, apenas com uma inicial. – Fitou-me nos olhos, pestanejou e depois sorriu, quase maliciosamente. – Era um *R*.

– Um *R*. – Reproduzi o tom enfático com que ela pronunciou a letra, pensei sobre aquilo por um instante, mastiguei a parte interna de minha bochecha e então soltei uma arfada. – Ora, você não acha...? – Mas por que não? Ela quis dizer Raymond Blythe. O Rei do Castelo e sua governanta de muitos anos: era quase um clichê, e clichês só eram clichês porque aconteciam o tempo todo. – Isso explicaria todo o segredo em torno das cartas, a impossibilidade de vir a público com seu relacionamento.

– Explicaria outra coisa também.

Olhei para ela, ainda zozona com a ideia.

– Há uma frieza na irmã mais velha, Persephone; uma frieza em relação a *mim*. Não é nada que eu tenha feito, sem dúvida, e, no entanto, eu sempre senti isso. Uma vez, quando eu era pequena, ela me pegou brincando junto à piscina, aquela circular com o balanço. Bem... A expressão em seus olhos; era como se tivesse visto um fantasma. Eu achei até que ela fosse me esganar, ali mesmo. Mas desde que descobri o caso amoroso de mamãe, a probabilidade de que fosse com o sr. Blythe, bem, eu me perguntei se Percy não devia saber, se ela não teria descoberto e se ofendido. Tudo era diferente naquela época, entre as classes sociais. E Percy Blythe é uma pessoa rígida, severa, uma pessoa de normas e tradições.

Eu balançava a cabeça, mas devagar; certamente não soava implausível. Percy Blythe não me parecia o tipo de jamais se mostrar calorosa e efusiva, mas eu notara em minha primeira visita ao castelo que ela era particularmente ríspida com a sra. Bird. E definitivamente havia algum tipo de segredo guardado no castelo. Seria possível que esse caso amoroso fosse exatamente o que Saffy queria me contar, o detalhe que não se sentira à vontade de discutir com Adam Gilbert? E seria por isso que Percy mostrava-se tão determinada a não deixar que Saffy continuasse a ser entrevistada – porque queria impedir que sua irmã gêmea revelasse o segredo de seu pai, que me contasse sobre o duradouro relacionamento de Raymond Blythe com sua governanta?

Mas por que Percy se incomodaria tanto? Não por lealdade a sua própria mãe, certamente: Raymond Blythe se casara mais de uma vez, portanto provavelmente Percy teria se reconciliado com tais realidades do coração humano. E ainda que fosse como a sra. Bird propusera, que Percy era antiquada e não aprovava que as classes se misturassem romanticamente, eu tinha dúvidas se ela se importaria tanto após todas essas décadas, especialmente quando tantas outras coisas aconteceram para trazer perspectiva às suas vidas. Ela poderia realmente considerar uma tal paródia que seu pai tivesse um dia se apaixonado pela antiga governanta a ponto de lutar para manter o fato para sempre oculto dos registros públicos? Eu simplesmente não conseguia acreditar. Se Percy era antiquada ou não, era indiferente: ela era pragmática. Eu a conhecera o suficiente para perceber que em seu coração havia uma pedra de duro realismo, e se ela estivesse guardando segredos, não era por questões de recato ou moralidade social.

– Mais ainda do que isso – disse a sra. Bird, talvez pressentindo minha opinião hesitante –, eu às vezes me perguntava... quero dizer, mamãe nunca sequer insinuou isso, mas... – Sacudiu a cabeça e agitou os dedos. – Não... Não, é tolice.

Ela agora mantinha as mãos agarradas junto ao peito de maneira quase coquete, e levei um momento confuso para descobrir por quê; o que ela queria que eu pensasse. Tateei devagar pela espinhenta ideia e disse:

– Você acha que ele pode ter sido seu pai?

Seus olhos fitaram os meus e compreendi que eu havia adivinhado corretamente.

– Mamãe adorava aquela casa, o castelo, toda a família Blythe. Ela às vezes falava do velho sr. Blythe, do quanto ele era inteligente, do orgulho que ela sentia de ter trabalhado para um escritor tão famoso. Mas ela era engraçada a respeito disso também. Não gostava de passar em frente ao castelo, se pudéssemos evitar. Calava-se bem no meio de uma história e recusava-se a continuar, ficava com aquele olhar melancólico, saudoso nos olhos.

Sem dúvida, explicaria muitas coisas. Percy Blythe podia não ter se incomodado que seu pai mantivesse um relacionamento com sua governanta, mas ele ter gerado outro filho? Uma filha mais nova, outra meia-irmã para as meninas? Haveria implicações se isso fosse verdade, implicações que não teriam nada a ver com recato ou moralidade, implicações que Percy Blythe, defensora do castelo, protetora do legado da família, faria qualquer coisa para evitar.

No entanto, ao mesmo tempo que eu pensava tudo isso, reconhecia as possibilidades e fazia conexões bastante tangíveis, havia alguma coisa na insinuação da sra. Bird que eu simplesmente não podia aceitar. Minha resistência não era racional e eu teria lutado para explicá-la, se me pedissem; ainda assim, era intensa. Lealdade, ainda que equivocada, a Percy Blythe, às três mulheres idosas na colina que formavam um grupo tão fechado que para mim era impossível imaginar que pudesse haver qualquer adição ao trio.

O relógio acima da lareira escolheu esse momento para anunciar a hora certa, e foi como se um encanto tivesse se quebrado. A sra. Bird, seu fardo mais leve por ter sido compartilhado, começou a tirar os recipientes de sal e pimenta das mesas.

– A sala não vai se arrumar sozinha, imagino – disse ela. – Eu sempre fico esperando, mas até agora sempre me decepiono.

Levantei-me também, pegando nossos copos vazios.

A sra. Bird sorriu para mim quando a alcancei.

– Eles podem nos surpreender, nossos pais, não é mesmo? As coisas que andaram fazendo antes de nascermos.

– Sim – disse. – Como se tivessem sido pessoas de verdade um dia.

A noite em que ele não veio

NO MEU PRIMEIRO DIA de entrevistas oficiais, parti cedo em direção ao castelo. O dia estava frio e cinzento, e apesar de a chuva fina da noite anterior ter se dissipado, levava com ela a maior parte da vitalidade do mundo e a paisagem parecia ter sido drenada de toda cor. Havia algo novo no ar também, uma friagem penetrante que me fazia enfiar as mãos no fundo dos bolsos enquanto caminhava, amaldiçoando a mim mesma por ter me esquecido de levar as luvas.

As irmãs Blythe haviam me dito para não bater, mas para entrar diretamente e me dirigir à sala amarela quando chegasse.

– É por causa de Juniper – explicara Saffy discretamente quando eu saía no dia anterior; uma batida na porta e ela pensa que é *ele*, que finalmente chegou. – Ela não deu maiores explicações sobre *ele*, não era necessário.

A última coisa que eu queria fazer era perturbar Juniper, portanto eu estava de sobreaviso, particularmente depois de minha gafe no dia anterior. Fiz como me instruíram, empurrei a porta da frente, entrei no hall de pedra e segui pelo corredor escuro. Prendendo a respiração, por algum motivo, enquanto prosseguia.

Quando cheguei à sala amarela, não havia ninguém lá. Até a poltrona de veludo verde de Juniper estava vazia. Fiquei parada por um instante, imaginando o que fazer em seguida, me perguntando se de alguma forma eu havia entendido errado a hora do encontro. Então, ouvi passos e virei-me, deparando-me com Saffy à porta, bem-vestida como sempre, mas com um ar agitado, como se eu a tivesse surpreendido.

– Oh! – Parou repentinamente na borda do tapete. – Edith, você está aqui. Mas claro que está – uma olhadela ao relógio no consolo da lareira –, são quase dez horas. – Passou a mão bem cuidada de leve pela testa e tentou um sorriso. Este se recusou a se formar facilmente ou completamente, e ela desistiu. – Desculpe-me se a fiz

esperar. É que tivemos uma manhã movimentada e o tempo passou sem que percebêssemos.

Uma arrepiante sensação de pavor a havia seguido até a sala e agora se estabelecia ao meu redor.

– Está tudo bem? – perguntei.

– Não – respondeu ela, com uma palidez de tão completa consternação no semblante que meu primeiro pensamento, considerando-se a poltrona vazia, foi de que alguma coisa tivesse acontecido a Juniper. Foi quase um alívio quando ela disse: – É o Bruno. Ele desapareceu. Fugiu do quarto de Juniper quando fui ajudá-la a se vestir hoje de manhã e não vimos nem sombra dele desde então.

– Talvez esteja brincando em algum lugar – sugeri –, no bosque ou nos jardins? – Mesmo enquanto dizia isso, lembrei-me de como ele estava no dia anterior, a respiração curta, a cabeça abaixada, o dorso cinzento ao longo da espinha, e compreendi que não era assim.

Como previsto, Saffy sacudiu a cabeça.

– Não. Não, ele não faria isso, sabe. Ele raramente se afasta de Juniper e, assim mesmo, somente para se sentar nos degraus da entrada, observando os visitantes. Não que tenhamos algum. A presente companhia excluída. – Sorriu ligeiramente, quase se desculpando, como se temesse que eu fosse me ofender. – Mas isso é diferente. Estamos todos terrivelmente preocupados. Ele não anda bem e vem agindo de forma muito estranha. Percy teve de sair procurando por ele ontem, e agora isto. – Ela entrelaçou os dedos no cinto e eu desejei que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudar. Há certas pessoas que transpiram vulnerabilidade, cuja dor e desconforto são particularmente difíceis de testemunhar, e por quem você suportaria quase qualquer inconveniência se isso pudesse diminuir seu sofrimento. Saffy Blythe era uma dessas pessoas.

– Vou dar uma olhada no lugar onde o vi ontem – disse eu, começando a me dirigir à porta. – Talvez ele tenha voltado lá por alguma razão, não?

– Não...

Ela disse isso com tanta veemência que eu me virei imediatamente; uma de suas mãos estendia-se para mim, enquanto a outra repuxava a gola de seu casaco tricotado contra a pele frágil.

– O que eu quero dizer é – seu braço esticado caiu ao lado do corpo – que é muita gentileza sua se oferecer, mas é desnecessário. Percy está ao telefone neste instante, ligando para o sobrinho da sra. Bird, para ele vir até aqui e ajudar na busca. Desculpe-me. Não estou sendo muito clara. Perdoe-me, mas estou um pouco confusa, é que – olhou para além de mim, para a porta – eu esperava encontrá-la aqui.

– Esperava?

Ela comprimiu os lábios e eu vi que ela não estava apenas preocupada com a segurança de Bruno, estava nervosa a respeito de mais alguma coisa.

– Percy vai chegar em um minuto – disse ela suavemente –, ela vai levá-la para ver os cadernos de anotações, como prometeu, mas, antes de ela chegar, antes de você ir com ela, há uma coisa que eu preciso explicar.

Saffy pareceu tão séria naquele momento, tão preocupada que eu me aproximei dela, colocando a mão ao lado de seu ombro de passarinho.

– Venha – disse eu, conduzindo-a ao sofá –, venha sentar-se. Posso ir pegar alguma coisa para você? Uma xícara de chá enquanto você espera?

Seu sorriso se iluminou com a gratidão de uma pessoa desacostumada a ser alvo de gentilezas.

– Muito obrigada, mas não. Não há tempo. Sente-se aqui comigo, por favor.

Uma sombra mexeu-se junto à porta e ela empertigou-se ligeiramente, ouvindo. Não havia nada além do silêncio. Silêncio e os estranhos ruídos corporais a que eu já estava me acostumando: o gorgolejar de algo por trás da bonita cornija do teto, a respiração suave das persianas contra as vidraças da janela, o ranger dos ossos da casa.

– Acho que devo uma explicação – disse ela em voz baixa. – Sobre Percy, sobre ontem. Quando você perguntou sobre Juniper,

quando mencionou o nome *dele* e Percy foi tão ríspida.

– Você realmente não me deve nenhuma explicação.

– Devo sim, só que não é fácil encontrar um momento de privacidade. – Um sorriso melancólico. – Uma casa tão grande e, no entanto, nunca se está realmente sozinho.

Seu nervosismo era contagioso e, embora eu não estivesse fazendo nada de errado, uma sensação estranha se apoderou de mim. Meu coração começara a acelerar e eu falei no mesmo tom baixo de voz:

– Há algum outro lugar onde pudéssemos nos encontrar? Na vila, talvez?

– Não – respondeu ela rapidamente, sacudindo a cabeça. – Não. Eu não poderia fazer isso. Não é possível. – Outro olhar rápido para a entrada vazia da sala, e ela disse: – É melhor conversarmos aqui.

Assenti e esperei enquanto ela reunia seus pensamentos, cuidadosamente, como uma pessoa juntando alfinetes espalhados. Depois que os reuniu, contou sua história rapidamente, em uma voz grave e determinada:

– Foi uma coisa horrível – disse ela. – Terrível, terrível. Já se passaram mais de cinquenta anos e, no entanto, lembro-me daquela noite como se fosse ontem. O rosto de Juniper quando apareceu à porta naquela noite. Ela estava atrasada, havia perdido a chave, então bateu, nós atendemos e ela entrou, dançando pela soleira da porta. Ela nunca caminhava, não como uma pessoa comum. E seu rosto... nunca deixo de vê-lo quando fecho os olhos à noite. Aquele instante. Foi um alívio tão grande vê-la. Uma terrível tempestade desabara durante a tarde, sabe. Chovia e o vento uivava, os ônibus estavam atrasados... Nós estávamos muito preocupadas.

“Achamos que fosse ele quando ouvimos a batida na porta. Eu estava nervosa a respeito disso também, preocupada com Juniper, nervosa sobre conhecê-lo. Eu havia imaginado, sabe, que eles estavam apaixonados, que planejavam se casar. Ela não havia contado a Percy. Percy, como papai, tinha opiniões rígidas sobre tais coisas, mas Juniper e eu sempre fomos muito próximas. E eu desejava desesperadamente gostar dele, queria que fosse

merecedor do amor dela. Estava curiosa também a esse respeito; o amor de Juniper não era facilmente conquistado.

“Ficamos sentadas juntas por algum tempo no salão principal. Conversamos no começo, sobre coisas triviais, a vida de Juniper em Londres, e dissemos uma à outra que ele ficara retido no ônibus, que o transporte era o culpado, a guerra era a culpada, mas em determinado momento paramos. – Ela olhou de soslaio para mim e a lembrança anuviou seus olhos. – O vento rugia, a chuva martelava as persianas e o jantar se estragava no forno... O cheiro de coelho – seu rosto se contorceu à simples ideia – estava por toda parte. Desde então, nunca mais pude comer isso. Tem gosto de medo para mim. Pedacos de um medo horrível, queimado... Eu estava tão assustada, vendo Juniper daquele jeito. Fizemos de tudo para impedi-la de sair correndo para o meio da tempestade, procurando-o. Mesmo depois de passada a meia-noite e ter ficado claro que ele não viria, ela se recusava a desistir. Ficou histérica, tivemos de usar as antigas pílulas de dormir de papai para acalmá-la.”

Saffy interrompeu-se; estava falando muito rapidamente, tentando contar sua história antes que Percy chegasse, e sua voz definhara. Ela tossiu contra um delicado lenço de renda que retirara da manga. Havia uma jarra de água na mesa perto da poltrona de Juniper e eu lhe servi um pouco.

– Deve ter sido horrível – disse, entregando-lhe o copo.

Ela tomou um pequeno gole, satisfeita, em seguida envolveu o copo com as duas mãos, apoiado no colo. Seus nervos estavam distendidos, tensos, ao que parecia, a pele em torno dos maxilares parecia ter se contraído enquanto falava e eu podia ver o progresso azul das veias por baixo.

– E ele nunca apareceu? – instiguei.

– Não.

– E nunca souberam por quê? Não houve nenhuma carta? Nenhum telefonema?

– Nada.

– E Juniper?

– Ela esperou, esperou. Ainda espera. Os dias se passaram, depois semanas. Ela nunca perdeu a esperança. Foi terrível. Terrível. – Saffy

deixou a última palavra pairar entre elas. Estava perdida naquele tempo, todos aqueles anos antes, e eu não indaguei mais nada. – A loucura não é repentina – disse ela finalmente. – Soa tão simples, “Ela enlouqueceu”, mas não é assim. É gradual. Primeiro, ela se recolheu. Mostrava sinais de recuperação, falava em voltar a Londres, mas apenas vagamente, e nunca voltou. Parou de escrever também; foi quando eu soube que algo frágil, algo precioso fora quebrado. Então, um dia, ela atirou tudo pela janela do sótão. Tudo: livros, papéis, uma escrivaninha, até o colchão... – sua voz definhou e seus lábios moveram-se silenciosamente em torno de coisas que achou melhor não acrescentar. Com um suspiro, ela disse: – Os papéis voaram para longe, pelas colinas abaixo, para dentro do lago, como folhas mortas, sua estação terminada. Para onde todas elas terão ido?

Sacudi a cabeça; ela perguntava sobre o paradeiro de mais do que papéis, eu sabia, e não consegui pensar em nada para dizer. Eu não podia imaginar como deve ter sido difícil ver uma irmã amada regredir dessa forma; observar incontáveis camadas de potencial e personalidade, talento e possibilidade, se desintegrarem, uma a uma. Como deve ter sido difícil testemunhar, especialmente para alguém como Saffy, que, segundo Marilyn Bird, fora mais uma mãe para Juniper do que uma irmã.

– A mobília permaneceu em uma pilha de escombros no gramado. Nenhuma de nós tinha coragem de levá-la de volta para cima, e Juniper não a queria. Ela passou a sentar-se junto ao armário no sótão, aquele com a porta secreta, convencida de que podia ouvir ruídos do outro lado. Vozes chamando-a, embora naturalmente estivessem em sua cabeça. Pobre querida. O médico queria enviá-la para um sanatório quando soube disso, para um *manicômio* – sua voz engasgou na terrível palavra, os olhos implorando-me para encontrar nela o mesmo horror que ela encontrava. Saffy começara a amassar o lencinho branco com a mão fechada e eu toquei em seu braço muito delicadamente.

– Sinto muito – disse.

Ela tremia de raiva, de angústia.

– Não admitíamos nem discutir o assunto, *eu* não queria ouvir uma palavra sobre isso. Eu nunca o deixaria tirá-la de mim. Percy falou com o médico, explicou-lhe que esse tipo de coisas não tinha lugar no castelo Milderhurst, que a família Blythe cuidava dos seus. Por fim, ele concordou, Percy pode ser bem persuasiva, mas insistiu em deixar remédios mais fortes para Juniper. – Ela pressionou as unhas pintadas de sua mão contra as pernas, como um gato, liberando a tensão, e eu vi em suas feições algo que não notara antes. Ela era a gêmea mais branda, a gêmea submissa, mas havia força ali também. Quando tinha a ver com Juniper, quando se tratava de lutar pela irmãzinha que ela amava, Saffy Blythe era uma rocha. Suas palavras seguintes explodiram como vapor de uma chaleira, tão quentes que escaldavam: – Quisera que ela nunca tivesse ido a Londres, nunca tivesse conhecido aquele sujeito. O maior arrependimento de minha vida é ela ter ido para Londres. Tudo desmoronou depois disso. Nada foi igual outra vez; para nenhuma de nós.

E foi então que comecei a vislumbrar seu propósito ao me contar essa história, porque ela achava que poderia ajudar a explicar a rispidez de Percy; a noite em que Thomas Cavill deixara de comparecer fora um marco que alterara a vida de todas elas.

– Percy – disse, e Saffy balançou ligeiramente a cabeça. – Percy se tornou diferente depois disso?

Ouviu-se, então, um ruído no corredor, o jeito deliberado de andar, a batida inequívoca da bengala de Percy; como se tivesse ouvido seu nome, intuído de algum modo que ela era o assunto de uma conversa ilícita.

Saffy usou o braço do sofá para ajudá-la a se levantar.

– Edith acaba de chegar – disse ela rapidamente, quando Percy surgiu no vão da porta. Fez um gesto em minha direção com a mão que segurava o lenço. – Eu estava lhe contando sobre o pobre Bruno.

Percy olhou de uma para a outra: de mim, ainda sentada no sofá, para Saffy, de pé bem ao meu lado.

– Conseguiu falar com o rapaz? – continuou Saffy, a voz um pouco trêmula.

Um sinal curto da cabeça.

– Está a caminho. Vou encontrá-lo na porta da frente; dar-lhe uma ideia de onde procurar.

– Sim – disse Saffy –, ótimo. Ótimo.

– Depois, levarei a srta. Bruchill lá embaixo. – Ela viu minha indagação muda. – À sala de documentos. Como prometido.

Sorri, mas em vez de continuar a busca por Bruno como eu esperava, Percy entrou na sala e foi se colocar junto à janela. Fingiu ostentadamente examinar os batentes de madeira, raspando uma marca na vidraça, aproximando-se para olhar de perto, mas era evidente que a inspeção improvisada era um subterfúgio para que ela pudesse permanecer na sala conosco. Percebi, então, que Saffy tinha razão. Por algum motivo, Percy Blythe não queria que eu ficasse sozinha com sua irmã gêmea, e eu voltei à minha suspeita do dia anterior, de que Percy temia que Saffy pudesse me contar algo que não devia. O controle que Percy exercia sobre as irmãs era surpreendente; intrigava-me, fazia com que uma vizinha dentro da minha cabeça exigisse prudência, porém, acima de tudo, me deixava ansiosa para ouvir a conclusão da história de Saffy.

Os cerca de cinco minutos que se seguiram, em que Saffy e eu conversávamos distraidamente sobre o tempo e Percy continuava a fitar a vidraça e esquadrinhar o peitoril empoeirado da janela, foram os mais longos que eu já experimentara. Por fim, alívio, quando o ruído do motor de um carro se aproximou. Todas nós desistimos de nossa atuação, caindo na imobilidade e no silêncio.

O barulho do motor aproximou-se e parou. Uma forte batida quando a porta do carro se fechou. Percy soltou a respiração ruidosamente.

– Deve ser o Nathan.

– Sim – disse Saffy.

– Volto em cinco minutos.

E então, finalmente, ela saiu. Saffy esperou e somente quando os passos haviam desaparecido completamente foi que ela suspirou, uma vez, um suspiro curto, e girou sobre si mesma para me encarar. Sorriu, e em seu sorriso li desculpas e desconforto. Quando ela

retomou o fio de sua história, havia uma nova determinação em sua voz.

– Talvez você tenha percebido – começou –, Percy é a mais forte de nós. Ela sempre viu a si mesma como a protetora, desde quando éramos crianças. Na maior parte do tempo, eu fiquei satisfeita. Pode ser algo de muita sorte possuir um herói, um defensor.

Não pude deixar de notar a maneira como seus dedos moviam-se uns contra os outros, o modo como continuava a olhar na direção da porta.

– Mas nem sempre – disse.

– Não. Nem sempre. Não para mim, nem para ela. O atributo tem sido um grande fardo em sua vida, principalmente depois que Juniper ficou... Depois do que aconteceu. Foi um duro golpe para nós duas, Juniper era nossa irmã caçula, ainda é, e vê-la assim – ela sacudia a cabeça enquanto falava – foi terrivelmente difícil. Mas Percy – o olhar de Saffy espreitou o espaço acima de minha cabeça, como se pudesse encontrar ali as palavras que buscava para explicar –, Percy ficou em um estado de espírito realmente sombrio depois disso. No começo, ela ficara mal-humorada; minha irmã gêmea era uma dessas mulheres que encontraram propósito na guerra, e quando as bombas pararam de cair, quando Hitler voltou sua atenção para a Rússia, ela ficou um pouco decepcionada, mas depois daquela noite foi diferente. Ela tomou a deserção do rapaz de forma pessoal.

Isso era uma reviravolta interessante.

– Por que teria sido assim?

– Foi estranho, quase como se ela se sentisse de certo modo responsável. Não era, é claro, e não havia nada que ela pudesse ter feito para que tudo terminasse de forma diferente. Mas Percy é assim, ela se culpou porque é assim que Percy age. Uma de nós estava ferida e não havia nada que ela pudesse fazer para reparar isso. – Suspirou, dobrando o lenço repetidas vezes, até formar um pequeno e perfeito triângulo. – E acho que é por isso que estou lhe contando tudo isso, embora receie que esteja fazendo tudo errado. Quero que você compreenda que Percy é uma boa pessoa, que

apesar do seu jeito, da impressão que dá, ela possui um bom coração.

Era importante para Saffy, pude notar, que eu não pensasse mal de sua irmã gêmea, de modo que retribuí o sorriso que ela me deu. Mas Saffy tinha razão, havia algo em sua história que não fazia sentido.

– Ora – disse eu –, mas por que ela se sentiria responsável? Ela o conhecia? Já o encontrara antes?

– Não, nunca. – Fitou-me com um olhar penetrante. – Ele morava em Londres; foi onde ele e Juniper se conheceram. Percy não ia a Londres desde antes da guerra.

Eu balançava a cabeça, mas pensava também sobre o diário de mamãe, a anotação que ela fizera mencionando que seu professor, Thomas Cavill, fora visitá-la em Milderhurst em setembro de 1939. Essa fora a primeira vez que Juniper Blythe encontrara o sujeito pelo qual um dia se apaixonaria. Percy podia não ter estado em Londres, mas havia grandes possibilidades de que tenha conhecido Thomas Cavill enquanto ele estava aqui, em Kent. Apesar de Saffy, era óbvio, não tê-lo conhecido.

Um sopro de vento frio penetrou na sala e Saffy apertou o casaco ao redor do corpo. Notei que a pele perto das clavículas havia ficado vermelha, ela estava afogueada; arrependia-se de ter falado tanto e adiantou-se rapidamente agora para varrer seus comentários indiscretos de volta para baixo do tapete.

– Só quero dizer que Percy ficou muito abalada, que isso a fez mudar. Fiquei contente quando os alemães começaram com os V1 e V2, porque isso lhe deu algo novo com que se preocupar. – Saffy riu, mas foi uma risada oca. – Ela teria sido mais feliz, às vezes eu penso, se a guerra tivesse continuado indefinidamente.

Ela se sentia pouco à vontade e eu tive pena dela; lamentei também que tivesse sido a minha curiosidade que tivesse causado mais esta preocupação. Ela só tivera a intenção de aplacar quaisquer sentimentos feridos que eu tivesse sofrido no dia anterior, e parecia cruel impor-lhe uma nova ansiedade social. Sorri e tentei mudar de assunto:

– E você? Trabalhou durante a guerra?

Ela se animou um pouco.

– Oh, todos nós demos a nossa contribuição; eu não fiz nada tão empolgante quanto Percy, é claro. Ela é a mais apropriada a atos de bravura. Eu costurei, cozinhei e fiz o que pude; tricotei milhares de meias. Embora não muito bem, em alguns casos. – Ela estava rindo de si mesma e eu sorri com ela, e uma imagem veio à minha mente de uma garotinha tremendo no sótão do castelo, meias encolhidas em várias camadas sobre os tornozelos e na mão que não segurava a caneta. – Eu quase passei a guerra empregada como governanta, sabe?

– É mesmo?

– Sim. Uma família com crianças que foi morar nos Estados Unidos enquanto durasse a guerra. Eu recebi a proposta de emprego, mas tive de recusar.

– Por causa da guerra?

– Não. A carta chegou ao mesmo tempo que Juniper sofreu sua grande decepção amorosa. Bem, não me olhe assim. Não precisa fazer uma cara tão triste por minha causa. Não acredito em arrependimentos, não de forma geral... não adianta muito, não é? Eu não poderia ter aceitado, não naquela ocasião. Não quando isso me levaria para tão longe, não com Juniper naquele estado. Como eu poderia deixá-la?

Eu não tinha irmãos; não sabia ao certo como essas coisas funcionavam.

– Percy não poderia...?

– Percy tem muitos predados, mas cuidar de crianças e inválidos nunca foi um deles. É preciso uma certa – seus dedos moviam-se, inquietos, e ela examinou a antiga tela de proteção da lareira como se as palavras que buscava pudessem estar escritas ali – suavidade, imagino. Não. Eu não poderia ter deixado Juniper somente com Percy para cuidar dela. Assim, escrevi uma carta, recusando o cargo.

– Deve ter sido muito difícil.

– Uma pessoa não tem escolha quando se trata de família. Juniper era minha irmã caçula. Eu não poderia deixá-la, não naquele estado. E, além do mais, ainda que o sujeito tivesse vindo como

esperávamos que viesse, se tivessem se casado e se mudado, eu provavelmente não poderia ter ido embora, de qualquer modo.

– Por que não?

Ela virou seu pescoço elegante, evitou meus olhos.

Um ruído no corredor, exatamente como antes, uma tosse abafada e a batida distinta de uma bengala vindo em nossa direção.

– Percy... – e no instante antes de Saffy sorrir, vislumbrei a resposta à minha pergunta. Vi em sua expressão sofrida uma vida inteira presa em armadilha. Eram gêmeas, duas metades de um todo, mas enquanto uma ansiara para escapar, fugir dali, levar uma existência própria, a outra se recusara a ficar sozinha. E Saffy, cuja brandura a tornava fraca, cuja compaixão a tornava bondosa, nunca fora capaz de se libertar.

A sala de documentos e uma descoberta

SEGUI PERCY BLYTHE por longos corredores e vários lances de escadas abaixo, até as profundezas cada vez mais escuras da casa. Sempre de poucas palavras, nessa manhã ela estava decididamente pétrea. Pétrea e recoberta com uma camada de fumaça rançosa de cigarro; o cheiro era tão forte que eu tive de deixar um passo entre nós enquanto andávamos. O silêncio me agradava, de qualquer modo; depois de minha conversa com Saffy, eu não estava com nenhuma disposição para uma conversa contrafeita. Algo em sua história, ou talvez não tanto na história em si quanto no fato de ela tê-la contado para mim, era inquietante. Ela dissera que era uma tentativa de explicar os modos de Percy, e eu podia muito bem acreditar que as duas irmãs haviam ficado destroçadas com o abandono e conseqüente colapso sofrido por Juniper, mas por que Saffy fora tão categórica de que o caso fora mais difícil para Percy? Especialmente quando a própria Saffy assumira o papel maternal com sua irmãzinha ferida. Ela ficara envergonhada com a descortesia de Percy no dia anterior, eu sabia, e buscara mostrar a face humana da irmã gêmea; entretanto, era quase como se ela protestasse demais, estivesse determinada *demais* que eu visse Percy Blythe sob uma luz benevolente.

Percy parou em uma junção de corredores e retirou um maço de cigarros do bolso. Os dedos nodosos curvaram-se enquanto ela manuseava nervosamente um fósforo, finalmente o acendendo; à luz da chama, vislumbrei seu rosto e vi ali a prova de que ela estava abalada pelos acontecimentos da manhã. Conforme o cheiro adocicado de fumaça fresca de tabaco nos envolvia e o silêncio se aprofundava, eu disse:

– Sinto muito a respeito de Bruno. Tenho certeza de que o sobrinho da sra. Bird o encontrará.

– Tem? – Percy exalou uma baforada e seus olhos examinaram os meus sem nenhuma tolerância. Seu lábio torceu-se de um lado. – Os

animais sabem quando seu fim se aproxima, srta. Burchill. Não querem ser um fardo. Não são como os seres humanos, sempre procurando ser consolados. – Ela inclinou a cabeça, indicando que eu deveria segui-la, dobrando o corredor, e eu me senti tola, diminuída e decidida a não oferecer mais nenhuma palavra de consolo.

Paramos novamente à primeira porta que surgiu; era uma das muitas pelas quais havíamos passado durante a turnê tantos meses atrás. Com o cigarro pendendo da boca, ela retirou uma chave grande do bolso e enfiou-a ruidosamente na fechadura. Após um instante de dificuldade, o velho mecanismo girou e a porta se abriu com um rangido. Estava escuro no interior, não havia janelas, e pelo que eu podia notar, as paredes eram forradas com pesados arquivos de madeira, do tipo que se poderia encontrar em escritórios de advocacia muito, muito antigos na cidade. Uma única lâmpada pendurava-se de um fio fino e frágil, balançando-se um pouco para frente e para trás no sopro novo de ar fresco que entrava pela porta aberta.

Esperei Percy liderar o caminho e, quando ela não se mexeu, olhei para ela, em dúvida. Ela tragou o cigarro e disse apenas:

– Eu não entro aí.

Talvez eu tenha demonstrado minha surpresa, porque ela acrescentou, com um tremor tão leve que quase me passou despercebido:

– Não gosto de lugares pequenos... Há um lampião de querosene virando aquele canto. Tire-o e eu o acenderei para você.

Olhei novamente para as profundezas escuras da sala.

– A lâmpada não funciona?

Ela me olhou por um instante, depois puxou uma corda e a lâmpada reluziu, depois se acomodou em um nível baixo de claridade, de modo que as sombras se mexeram. A luz só penetrava o suficiente para iluminar uma área de um metro de diâmetro.

– Sugiro que pegue o lampião também.

Sorri soturnamente e encontrei o lampião com facilidade, logo depois de dobrar o canto, exatamente como ela dissera. Houve um barulho de líquido quando o peguei, ao que Percy disse:

– Bom sinal. Não serve para nada sem querosene.

Enquanto eu segurava a base, ela removeu o vidro e usou um disco no tamanho de uma moeda para alargar o pavio antes de acendê-lo.

– Nunca gostei deste cheiro – disse ela, recolocando o vidro no lugar. – Me faz lembrar abrigos contra bombas, lugares apavorantes. Cheios de medo e desamparo.

– E segurança, eu imagino. Conforto?

– Talvez para alguns, srta. Burchill.

Ela não disse mais nada e eu me ocupei em me familiarizar com a fina alça de metal no topo, testando-a para me certificar de que ela aguentaria o peso do lampião.

– Ninguém entra aqui há muito tempo – disse Percy Blythe. – Há uma escrivaninha nos fundos. Encontrará os cadernos de notas em caixas sob ela. Não creio que estejam ordenadas: papai morreu durante a guerra; tínhamos de lidar com outras preocupações. Ninguém tinha muito tempo para arquivamento. – Ela disse isso em tom defensivo, como se eu estivesse prestes a censurá-la por desleixo na manutenção da casa.

– Claro.

Um lampejo de dúvida atravessou seu rosto, mas dissolveu-se quando ela tossiu pesadamente, protegendo a boca com a mão.

– Muito bem, então – disse ela, depois de se recobrar. – Voltarei dentro de uma hora.

Assenti, repentinamente ávida para que ela se demorasse ali um pouco mais.

– Obrigada – disse –, estou realmente muito agradecida pela oportunidade.

– Cuidado com a porta. Não deixe que se feche atrás de você.

– Ok.

– Ela se tranca sozinha. Perdemos um cachorro assim. – Seus lábios se torceram, um esgar que não chegou realmente a se transformar em sorriso. – Sou uma mulher idosa, sabe. Não pode confiar que eu vá me lembrar de onde a deixei.



A sala era comprida e estreita, os arcos baixos, de tijolos, abrangiam toda a largura da sala, segurando o teto. Agarrei o lampião com força, erguendo-o à minha frente, de modo que a luz tremeluzia contra as paredes enquanto eu avançava cada vez mais para dentro com passos lentos e cautelosos. Percy falara a verdade ao dizer que fazia muito tempo que ninguém entrava ali. O aposento carregava uma assinatura inconfundível de imobilidade. Havia o silêncio também, silêncio de igreja, e eu tinha a estranha sensação de que algo maior do que eu estava observando.

Está sendo fantasiosa, disse a mim mesma com severidade. *Não há ninguém aqui além de você mesma e das paredes*. Mas esse era apenas metade do meu problema. Aquelas não eram simplesmente quaisquer paredes, eram as pedras do castelo Milderhurst, sob cuja pele as horas distantes sussurravam, à espreita. Quanto mais para o fundo da sala eu ia, mais consciente ficava de uma sensação pesada, estranha. Uma profundidade de isolamento – quase solidão – me encobrindo. Era a escuridão, é claro, minha recente interação com Saffy, a triste história de Juniper.

Mas essa era minha única oportunidade de ver as anotações de Raymond Blythe. Eu tinha apenas uma única hora, e depois Percy Blythe estaria de volta para me buscar. Provavelmente, eu não teria direito a uma segunda visita à sala de documentos, portanto eu deveria prestar muita atenção agora. Fiz uma lista mental enquanto andava: arquivos de madeira cobrindo as duas paredes; acima deles – levantei o lampião para ver –, mapas e projetos arquitetônicas de todas as épocas. Um pouco mais adiante estava pendurada uma coleção de minúsculos daguerreótipos emoldurados.

Era uma série de retratos, com a mesma mulher: em um deles, ela estava reclinada em uma *chaise-longue*, vestindo um *robe-de-chambre*; nos outros, olhava diretamente para a câmera, ao estilo de Edgar Allan Poe, com uma gola vitoriana bem alta. Inclinei-me para olhar mais de perto, ergui o lampião para observar o rosto na moldura de bronze, soprando uma vez para espalhar um pouco a camada de poeira. Senti um estranho calafrio subir pela minha espinha dorsal quando a face se revelava. Ela era muito bonita, mas de uma forma vagamente assustadora. Lábios lisos, pele perfeita, de

porcelana, esticada nas maçãs do rosto altas, dentes grandes e brilhantes. Segurei o lampião bem perto para ler o nome gravado em letra manuscrita ao pé do retrato: Muriel Blythe. A primeira mulher de Raymond, a mãe das gêmeas.

Que estranho que todos os seus retratos tenham sido relegados à sala de documentos. Teria sido consequência do luto de Raymond Blythe, perguntei-me, ou o decreto ciumento de sua segunda mulher? Qualquer que fosse o caso, e apesar de eu não saber dizer o que me deu tanta satisfação em fazê-lo, afastei o lampião, lançando-a de volta à escuridão. Não havia tempo para explorar cada um dos recônditos do aposento. Resolvi encontrar os cadernos de notas de Raymond Blythe, absorver o máximo possível deles na hora que me fora dada e depois deixar para trás este lugar bizarro, estagnado. Levei o lampião à minha frente e continuei a andar.

Mas logo os quadros nas paredes deram lugar a estantes, do chão ao teto, e mesmo a contragosto, diminuí o passo. Era como estar dentro de um tesouro; todo tipo de objeto fora guardado nelas: livros – muitos livros –, vasos de porcelana chinesa, até jarras de cristal. Objetos valiosos, pelo que eu podia ver, não entulhos ou detritos. O que estariam fazendo, vegetando em estantes na sala de documentos, eu não podia imaginar.

Mais adiante delas, havia algo interessante o suficiente para me fazer parar: uma coleção de quarenta ou cinquenta caixas, todas do mesmo tamanho, recobertas com um bonito papel – florido, na maior parte. Havia pequenas etiquetas em algumas delas e eu me aproximei o suficiente para ler uma: *Coração resgatado: um romance de Seraphina Blythe*. Levantei a tampa e olhei dentro; uma pilha de papéis, todos cobertos de texto datilografado: os originais de um livro. Lembro-me de mamãe ter me contado que todos os Blythe eram escritores, todos, exceto Percy. Segurei o lampião bem no alto, de modo a ver toda a coleção de caixas, sorrindo maravilhada. Eram os romances de Saffy. Ela era tão prolífica. Afligia-me, de certo modo, ver todos eles amontoados ali: histórias e sonhos, pessoas e lugares investidos em certa época de grande energia e empreendimento, apenas para serem relegados a um canto escuro durante anos e anos, até retornarem a pó. Outra

etiqueta dizia *Casamento com Matthew de Courcy*. A editora em mim não pôde se conter: levantei a tampa e retirei os papéis de dentro. Esta, no entanto, não continha um manuscrito: era uma coleção de diferentes papéis – pesquisa, imaginei. Antigos esboços – vestidos de casamento, arranjos de flores –, recortes de jornal descrevendo diversos casamentos na sociedade, notas rabiscadas referentes a encomendas de serviços e, depois, mais abaixo, uma notícia de 1924 do noivado de Seraphina Grace Blythe e Matthew John de Courcy.

Larguei os papéis. Aquilo era pesquisa, mas não para um livro. Essa caixa continha o planejamento do próprio casamento de Saffy que nunca aconteceu. Recoloquei a tampa da caixa e me afastei, repentinamente me sentindo culpada pela intrusão. Ocorreu-me então que cada item naquela sala era o remanescente de uma história maior, os lampiões, os jarros, os livros, a bolsa de lona, as caixas florais de Saffy. A sala de documentos era uma tumba, exatamente como aquelas da Antiguidade. Uma tumba escura, fria, de um faraó, onde objetos preciosos eram deixados para ser esquecidos.

Quando alcancei a mesa bem no fundo da sala, sentia como se tivesse feito uma maratona pelo País das Maravilhas de Alice. Foi uma surpresa, portanto, quando me virei e vi que a lâmpada oscilante, a porta – cuidadosamente mantida aberta com uma caixa de madeira – estavam apenas a cerca de 15 metros de distância atrás de mim. Encontrei os cadernos de notas exatamente onde Percy dissera que estariam e, exatamente como havia dito, empilhados em caixas, como se alguém tivesse passado pelas estantes e mesa de trabalho do estúdio de Raymond Blythe, varrido tudo para dentro das caixas, depois deixado o material ali. Eu compreendia que havia outras preocupações durante a guerra; ainda assim, parecia estranho que nenhuma das gêmeas tivesse encontrado tempo para retornar nas décadas seguintes. Os cadernos de anotações de Raymond Blythe, seus diários e cartas mereciam estar em exposição em alguma biblioteca, protegidos e valorizados, disponíveis ao acesso de estudiosos ainda por muitos anos. Percy, em particular, eu imaginaria, com seu olho clínico para a posteridade, teria buscado proteger o legado do pai.

Coloquei o lampião na parte de trás da escrivaninha, longe o suficiente para não derrubá-lo, e tirei as caixas de baixo da mesa, levantando-as uma a uma para cima da cadeira e remexendo em seu conteúdo até encontrar as agendas de 1916 a 1920. Felizmente Raymond Blythe havia identificado cada qual com o ano, e não levei muito tempo para ter a de 1917 aberta diante de mim. Tirei meu caderno de notas da bolsa e comecei a anotar tudo que pudesse ser útil para o artigo. De vez em quando, parava, só para apreciar novamente o fato de que aqueles eram realmente seus cadernos de anotações, que esse intrincado roteiro, essas ideias e sentimentos tivessem se originado do próprio grandioso escritor.

Será que eu conseguirei transmitir aqui, apenas com palavras à minha disposição, o incrível momento em que virei aquela fatídica página e senti uma mudança na grafia sob meus dedos? A letra estava mais pesada, mais determinada, o roteiro parecia ter sido escrito mais depressa – linhas e linhas, enchendo cada página –, e quando me inclinei mais perto, comecei a decifrar a grafia quase ilegível, percebi, com uma emoção que começou no fundo do meu coração, que aquela era a primeira versão do *Homem de Lama*. Setenta e cinco anos depois, eu estava testemunhando o nascimento de um clássico.

Virei página após página, esquadrinhando o texto, devorando-o, deliciando-me com as pequenas mudanças enquanto comparava o que estava escrito com minhas lembranças do texto publicado. Depois de um longo tempo, cheguei ao fim e, embora soubesse que não devia, espalmei minha mão aberta sobre a derradeira página, fechei os olhos e concentrei-me nas marcas de caneta sob minha pele.

E foi quando a senti: a pequena elevação correndo pelo lado da página, a cerca de dois centímetros da margem externa. Algo fora enfiado entre o couro da agenda e sua página final. Virei-a e lá estava, um pedaço de papel ressequido, serrilhado nas bordas, do tipo encontrado em um caro conjunto de correspondência. Fora dobrado ao meio.

Havia alguma chance de eu não abri-lo? Duvidava. Eu não tinha um bom histórico de deixar cartas sem ler e, no instante em que a

vi, algo começou a saltar sob minha pele. Senti olhos sobre mim, olhos na escuridão, instando-me a ver o que havia na carta.

Era escrita com uma caligrafia perfeita e elegante, mas estava desbotada, e precisei segurá-la junto ao lampião para decifrar as palavras. Começava no meio de uma frase, uma única folha de uma carta mais longa:

... não é preciso que eu lhe diga que é uma história maravilhosa. Nunca antes sua escrita conduziu o leitor por uma jornada tão vívida. O texto é rico e a história em si prende o leitor, com uma presciência quase assustadora, a eterna busca do Homem para se desvencilhar do passado e seguir adiante, além de antigas e lastimáveis ações. A jovem, Jane, é uma criatura particularmente comovente, sua situação à beira da vida adulta perfeitamente transmitida.

Não pude deixar de notar, entretanto, à medida que lia o manuscrito, profundas semelhanças com uma outra história com a qual nós dois estamos familiarizados. Por essa razão, e sabendo que você é um homem bom e justo, devo lhe suplicar, tanto pelo seu próprio bem quanto pelo bem da outra, que não publique A verdadeira história do Homem de Lama. Sabe tão bem quanto eu que não lhe cabe contar esta história. Não é tarde demais para recolher os originais. Temo que, se não o fizer, as consequências serão terrivelmente perturbadoras...

Virei a folha, mas não havia mais nada do outro lado. Vasculhei o caderno de notas em busca do resto. Folheei as páginas, até o segurei pela lombada e o sacudi com cuidado. Nada.

Mas o que aquilo podia significar? Que semelhanças? Que outra história? Que consequências? E quem achara melhor fazer tal advertência?

Um ruído no corredor. Fiquei imóvel, ouvindo. Alguém se aproximava. Meu coração começou a martelar no peito; a carta sacudia-se entre meus dedos.

Uma fração de segundo de indecisão e então a enfiei dentro do meu caderno de notas, fechando-o com força. Olhei por cima do

ombro a tempo de ver a silhueta de Percy Blythe e sua bengala recortada no vão da porta.

Um longo caminho para a queda

NÃO SEI DIZER COMO CONSEGUI voltar à pousada; não me lembro de um segundo sequer da caminhada. Provavelmente, consegui me despedir de Saffy e Percy, e depois descer atabalhoadamente a colina sem me causar nenhum dano corporal. Eu estava em uma espécie de torpor, completamente alheia a qualquer coisa que tenha ocorrido entre deixar o castelo e chegar de volta ao meu quarto. Não podia parar de pensar no conteúdo da carta, a carta que eu roubara. Precisava falar com alguém imediatamente. Se eu estivesse interpretando seu conteúdo corretamente – e o texto não era especialmente complicado –, alguém havia acusado Raymond Blythe de plágio. Quem seria essa pessoa misteriosa e a que história anterior se referia? Quem quer que fosse, havia especificado ter lido o manuscrito de Raymond Blythe, o que significava que lera a história e escrevera a carta antes do livro ser publicado em 1918; esse fato reduzia as possibilidades, mas não ajudava muito. Eu não tinha a menor pista para quem o manuscrito devia ter sido enviado. Bem, eu tinha uma pista; trabalho em editora, portanto sei que teria sido lido por editores, revisores, alguns amigos de confiança. Mas esses eram termos gerais; eu precisava de nomes, datas, informações específicas antes de poder determinar até que ponto eu poderia levar a sério as alegações da carta. Pois se fossem verdadeiras, se Raymond Blythe tivesse se apropriado indevidamente da história do Homem de Lama, os desdobramentos eram enormes.

Era o tipo da descoberta com que acadêmicos e historiadores – pais convalescentes em Barnes – sonhavam, um furo jornalístico capaz de alavancar qualquer carreira, e no entanto tudo que eu sentia era náusea. Não queria que isso fosse verdade; ansiava para que fosse algum tipo de pilhéria, até mesmo um mal-entendido. Meu próprio passado, meu amor pelos livros e pela leitura estavam inextricavelmente ligados ao *Homem de Lama* de Raymond Blythe.

Aceitar que essa história nunca fora dele, que ele a houvesse pinçado de outro lugar, de que não tinha suas raízes no solo fértil do castelo Milderhurst era não só a destruição de uma lenda literária, mas um golpe brutal, pessoal.

Fosse como fosse, eu *havia* encontrado a carta, e estava sendo paga para escrever sobre o processo de criação de Raymond Blythe, especificamente as origens do *Homem de Lama*. Eu não podia simplesmente ignorar uma alegação de plágio simplesmente porque a ideia não me agradava. Particularmente, quando parecia explicar tão bem a reticência de Raymond Blythe em discutir sua inspiração.

Eu precisava de ajuda e conhecia a pessoa exata a quem recorrer. De volta à pousada, evitei a sra. Bird e me dirigi diretamente para meu quarto. Já pegara o telefone antes mesmo de me sentar. Meus dedos atrapalhavam-se em sua pressa de discar o número de Herbert.

O telefone parou de tocar.

– Não! – resmunguei para o receptor. Ele devolveu um olhar inexpressivo.

Esperei impacientemente, em seguida tentei outra vez, ouvi e ouvi o toque distante da campainha. Roí as unhas, li minhas anotações e tentei outra vez, sem maior sucesso. Considerei até mesmo telefonar para meu pai, só parando por medo do que a empolgação pudesse causar a seu coração. Foi então que meu olhar recaiu sobre o nome de Adam Gilbert na transcrição original das entrevistas.

Disquei, esperei; nenhuma resposta. Tentei novamente.

O ruído distinto de alguém pegando o receptor.

– Olá, aqui é a sra. Button.

Tive vontade de chorar de alegria.

– Aqui é Edith Burchill. Estou ligando para falar com Adam Gilbert.

– Sinto muito, srta. Burchill. O sr. Gilbert foi a Londres para sua consulta no hospital.

– Oh. – Um esvaziamento trêmulo, em vez de uma palavra.

– Ele deve estar de volta em um ou dois dias. Quer que eu deixe um recado para ele ligar para você quando retornar?

– Não – respondi; seria tarde demais, eu preciso de ajuda agora. No entanto, era melhor do que nada. – Sim, está bem. Obrigada.

Por favor, diga-lhe que é bastante importante. Que eu acho que posso ter tropeçado em algo relacionado ao mistério que discutíamos recentemente.

Passei as horas seguintes fitando a carta, rabiscando desenhos indecifráveis em meu caderno de anotações e discando o número de Herbert, ouvindo as vozes fantasmagóricas presas dentro da linha de telefone vazia. Às 11 horas, aceitei finalmente que era tarde demais para continuar espreitando a casa vazia de Herbert, que, ao menos por enquanto, eu estava sozinha com meu problema.



Quando me dirigia ao castelo na manhã seguinte, exausta, com os olhos vermelhos, sentia como se tivesse passado a noite girando na máquina de lavar roupa. Levava a carta escondida no bolso interno do meu casaco e de vez em quando enfiava a mão no bolso para verificar se ainda estava lá. Não sei explicar exatamente por que, mas, ao deixar meu quarto, senti-me impelida a pegá-la, a guardá-la em segurança e carregá-la comigo mesma. Deixar a carta para trás, sobre a escrivaninha, era impensável, de certo modo. Não era uma decisão racional, não foi pelo medo de que alguém pudesse vê-la durante o dia, foi uma convicção estranha e ardente de que a carta me pertencia, que ela havia se apresentado a mim, de que estávamos de algum modo ligadas agora e que me fora confiada para que revelasse seus segredos.

Quando cheguei, Percy Blythe me esperava, fingindo arrancar ervas daninhas de um vaso de plantas junto às escadas da entrada. Eu a vi antes que ela notasse minha presença, que é como eu soube que estava fingindo. Até o momento exato em que algum assustador sexto sentido a fez tomar consciência da minha presença, ela estava ereta, apoiada contra a pedra das escadas, os braços cruzados no peito, a atenção fixa em alguma coisa distante. Tão imóvel, tão pálida que parecia uma estátua. Embora não o tipo de estátua que alguém escolhesse para colocar diante de sua casa.

– Algum sinal de Bruno? – perguntei, duvidando de minha habilidade de soar relativamente normal.

Ela fez uma pequena representação de surpresa com a minha chegada e esfregou os dedos uns nos outros, de modo que minúsculas partículas de terra caíram no chão.

– Não alimento muitas esperanças. Não com o frio, da forma como chegou. – Esperou que eu a alcançasse, em seguida estendeu o braço, convidando-me a segui-la. – Venha.

Não estava mais quente dentro do castelo do que do lado de fora. Na verdade, as pedras pareciam de certo modo prender o ar frio, tornando o lugar mais cinzento, mais escuro, mais sem vida do que antes.

Eu esperava que fôssemos seguir o mesmo corredor em direção à sala amarela, mas Percy, em vez disso, conduziu-me a uma pequena porta secreta, oculta atrás de um nicho na parede do hall de entrada.

– A torre – disse ela.

– Oh.

– Para seu artigo.

Assenti e, em seguida, porque ela começara a subir a estreita escada em caracol, eu a segui.

A cada passo, minha sensação de inquietação aumentava. Era verdade o que ela dissera, ver a torre era importante para meu artigo, mas havia algo indefinidamente estranho em Percy Blythe sugerir que devia mostrá-la a mim. Ela fora tão reticente até agora, tão relutante em me deixar falar com suas irmãs ou ver os cadernos de notas de seu pai. Encontrá-la esperando por mim esta manhã, lá fora, no frio, para propor me mostrar o quarto da torre sem que eu tivesse que pedir primeiro... bem, era inesperado, e não me sinto à vontade com coisas inesperadas.

Eu disse a mim mesma que estava imaginando demais: Percy Blythe me escolhera para a tarefa de escrever sobre seu pai e tinha muito orgulho do seu castelo. Talvez fosse apenas isso. Ou talvez ela tivesse concluído que, quanto mais cedo eu visse o que precisava, mais rápido iria embora e elas seriam mais uma vez deixadas entregues a si mesmas. Porém, por mais sensata que eu tentasse ser, a desconfiança já se instalara. Haveria algum modo, eu me perguntei, de que ela soubesse o que eu encontrara?

Havíamos alcançado um pequeno patamar de pedras irregulares; através de uma estreita janela de arqueiro na parede escura, pude vislumbrar um trecho denso do bosque Cardarker: tão glorioso quando visto no todo, no entanto de certo modo sinistro quando visto em parte.

Percy Blythe empurrou a estreita porta redonda no topo.

– O quarto da torre.

Novamente, ela deu um passo para o lado de modo que eu pudesse entrar primeiro. Avancei cuidadosamente, parando no centro do aposento pequeno, redondo, em um desbotado tapete de tons sujos. A primeira coisa que notei foi que a lareira havia sido arrumada recentemente, em preparação à nossa visita, imaginei.

– Pronto – disse ela, fechando a porta atrás de nós. – Agora estamos sozinhas.

O que fez meu coração disparar, embora por que, precisamente, eu não soubesse dizer. Meu temor não fazia sentido. Ela era uma mulher idosa, uma mulher idosa e frágil que acabara de empregar a pouca energia que lhe restava para subir as escadas. Se nós duas nos envolvêssemos em uma luta, eu tinha certeza de que a dominaria. Ainda assim. Havia alguma coisa na maneira como seus olhos ainda brilhavam, um espírito mais forte do que o corpo. E tudo em que consegui pensar foi que a queda dali até o chão era muito grande, e que muita gente já havia morrido lançando-se daquela mesma janela...

Felizmente, Percy Blythe não podia ler minha mente e ver ali escritos os tipos de horrores que têm lugar apenas na ficção melodramática. Ela girou o pulso ligeiramente e disse:

– É este. Era aqui que ele trabalhava.

Ao ouvi-la dizer isso, pude finalmente sair de baixo de meus próprios pensamentos anuviados e apreciar o fato de estar no meio da torre de Raymond Blythe. Aquelas estantes de livros, construídas para se moldarem contra as paredes curvas, eram onde ele guardara seus favoritos; a lareira era a mesma junto à qual ele se sentara, de dia e à noite, trabalhando em seus livros. Meus dedos percorreram a própria escrivaninha onde ele redigira o *Homem de Lama*.

A carta sussurrou contra minha pele: *Se de fato foi ele quem escreveu o livro.*

– Há um quarto – disse Percy Blythe, enquanto acendia um fósforo e o levava à lareira. – Atrás da pequena porta no hall de entrada. Quatro andares abaixo, mas bem debaixo da torre. Costumávamos ficar sentadas lá às vezes, Saffy e eu. Quando éramos jovens. Quando papai estava trabalhando. – Era um raro momento de extroversão e não pude deixar de observá-la enquanto falava. Ela era minúscula, magra e descorada, e, no entanto, havia algo no íntimo de Percy Blythe, uma força, de caráter, talvez?, que me atraía como uma mariposa. Como se percebesse meu interesse, ela recolheu sua luz, o esboço de um sorriso atravessou-lhe o rosto e ela endireitou-se. Balançou a cabeça para mim enquanto atirava o fósforo usado nas chamas.

– Fique à vontade. – Foi tudo que disse. – Dê uma olhada por aí.

– Obrigada.

– Mas não se aproxime muito da janela. É uma longa queda.

Dando-lhe o sorriso sem graça que consegui esboçar, comecei a observar os detalhes do aposento. As prateleiras estavam bem vazias agora – a maior parte do conteúdo original, imaginei, forrava as paredes da sala de documentos –, mas ainda havia quadros na parede. Um deles, em particular, chamou minha atenção. Era uma imagem com que eu estava familiarizada: *O Sono da Razão*, de Goya. Parei diante dele, observando a figura humana em primeiro plano, caída – desesperada, ao que parecia – sobre a escrivaninha, enquanto um bando de monstros semelhantes a morcegos revoava acima dela, erguendo-se e se alimentando de sua mente adormecida.

– Pertenceu a meu pai – disse Percy. Sua voz me deu um sobressalto, mas não me virei, e quando olhei novamente para o quadro, minha percepção havia mudado, de modo que vi meu próprio reflexo sombreado, e o dela atrás de mim, no vidro. – Costumava nos aterrorizar terrivelmente.

– Posso entender por quê.

– Papai dizia que era tolice ter medo. Que o melhor era aprender uma lição.

– E que lição era essa? – Virei-me para fitá-la.

Ela tocou a cadeira junto à janela.

– Oh, não, eu. – Outro sorriso fraco. – Estou bem em pé.

Percy pestanejou devagar e por um instante pensei que fosse insistir. Não o fez, entretanto, dizendo apenas:

– A lição, srta. Burchill, era de que quando a razão adormece, os monstros da repressão emergem.

Minhas mãos estavam pegajosas e um calor alastrante subia pelos meus braços. Mas certamente não seria possível que ela tivesse lido meus pensamentos. Ela não podia saber as coisas monstruosas que eu andara imaginando desde que encontrei a carta, minhas fantasias mórbidas de ser empurrada da janela.

– Goya antecipou-se a Freud em muito tempo, a esse respeito.

Sorri um pouco doentamente e então a febre atingiu minhas faces e eu compreendi que não suportaria mais o suspense, o subterfúgio. Eu não fora preparada para esse tipo de jogos. Se Percy Blythe sabia o que eu havia encontrado na sala de documentos, se sabia que eu a levava comigo e que estava disposta a investigar mais a fundo, se isto tudo não passava de um elaborado plano para me fazer admitir minha fraude, e para ela tentar, por quaisquer meios que pudesse, impedir-me de expor a mentira de seu pai, então eu estava pronta. E mais ainda, eu iria dar o primeiro golpe.

– Srta. Blythe – disse eu –, encontrei algo ontem. Na sala de documentos.

Uma expressão terrível tomou conta de seu rosto, uma perda de cor que foi instantânea e absoluta. Tão rapidamente quanto surgira, ela conseguiu escondê-la outra vez. Pestanejou.

– Sim? Receio que não vou conseguir adivinhar, srta. Burchill. Precisa me dizer do que se trata.

Enfiei a mão no bolso do casaco e retirei a carta; tentei firmar meus dedos ao entregá-la a ela. Observei enquanto ela retirava seus óculos de leitura do bolso, segurava-o diante dos olhos e examinava a página. O tempo quase parou. Ela remexeu as pontas dos dedos de leve por sua superfície.

– Sim – disse ela. – Compreendo. – Parecia quase aliviada, como se minha descoberta não fosse o que ela temia.

Esperei que continuasse, e, quando ficou claro que ela não tinha nenhuma intenção de fazê-lo, eu disse:

– Estou um pouco preocupada. – Era, sem dúvida, a mais difícil conversa que eu já tivera de iniciar. – Se houver alguma dúvida, sabe, de que o *Homem de Lama* foi... – Não consegui dizer “roubado”. – Se houver a menor chance de seu pai ter lido a história em outro lugar primeiro – engoli em seco, o aposento oscilava um pouco diante dos meus olhos –, como esta carta parece sugerir, os editores terão de saber.

Ela dobrava a carta com muito cuidado e precisão, e somente quando terminou é que disse:

– Deixe-me tranquilizá-la, srta. Burchill. Meu pai escreveu cada palavra desse livro.

– Mas a carta... Tem certeza? – Eu cometera um grande erro em lhe falar da carta. O que eu esperava que ela fizesse? Falar honestamente comigo? Conceder-me suas bênçãos enquanto eu fazia investigações que pretendiam despir seu pai de sua credibilidade literária? Era natural, é claro, que sua filha o apoiasse, especialmente uma filha como Percy.

– Tenho absoluta certeza, srta. Burchill – disse ela, enfrentando o meu olhar. – Fui eu quem escreveu a carta.

– *Você* a escreveu?

Um curto sinal com a cabeça.

– Mas por quê? Por que escreveu tal coisa? – Especialmente se fosse verdade que cada palavra era dele.

Havia uma nova cor em suas faces e seus olhos brilhavam, sua energia parecia muito melhorada, quase como se ela estivesse se alimentando de alguma forma de minha confusão. Divertindo-se com ela. Olhou para mim de soslaio, um olhar ao qual eu estava me acostumando, um olhar que sugeria que tinha muito mais a me contar do que eu pensaria em perguntar.

– Há um momento na vida de toda criança, creio, em que as cortinas são levantadas e elas compreendem que seus pais não são imunes às piores fraquezas humanas. Que eles não são invencíveis. Que às vezes farão coisas que lhes convêm, para alimentar seus

próprios monstros. Somos uma espécie egoísta, por natureza, srta. Burchill.

Meus pensamentos nadavam em uma sopa funda e turva. Não compreendia bem como uma coisa tinha a ver com a outra, mas presumi que tivesse algo a ver com as preocupantes consequências que sua carta havia profetizado.

– Mas a carta...

– Essa carta não é nada – retrucou ela rispidamente com um aceno da mão. – Não mais. É irrelevante. – Lançou-lhe um breve olhar e seu rosto pareceu tremular como uma tela de projeção, um filme rodando para trás por um período de 75 anos. Em um único movimento repentino, ela atirou-a no fogo onde chiou e queimou e a fez se encolher. – Na verdade, eu estava errada. A história *era* realmente dele. – Sorriu, então, obliquamente, um pouco irritadamente. – Ainda que ele não soubesse disso na época.

Era completamente confuso. Como ele podia não saber que era sua a história e como ela poderia ter pensado de outra forma? Não fazia sentido.

– Conheci uma jovem uma vez, durante a guerra. – Percy Blythe fora se sentar na cadeira à escrivaninha de seu pai e reclinou-se dentro dos braços da cadeira enquanto continuava: – Ela trabalhava nas salas do gabinete, encontrou Churchill várias vezes nos corredores. Havia um cartaz que ele mandara pendurar lá. Dizia “Por favor, compreenda que não há nenhuma depressão nesta casa e não estamos interessados nas possibilidades da derrota. Elas não existem”. Ela permaneceu quieta por um instante, o queixo erguido e os olhos ligeiramente apertados, suas próprias palavras pairando ao seu redor. Através do véu da fumaça, com seu perfeito corte de cabelo, suas feições finas, a blusa de seda, ela quase parecia estar de volta à Segunda Guerra Mundial. – O que acha disso?

Eu não lido bem com esse tipo de jogo; nunca o fiz, particularmente enigmas sem a mais tênue ligação com o resto da conversa. Remexi os ombros melancolicamente.

– Srta. Burchill?

Uma estatística me veio então à mente, algo que eu lera ou ouvira certa vez sobre como os índices de suicídio caem durante os tempos

de guerra; as pessoas estão ocupadas demais tentando sobreviver para pensar muito em quanto são infelizes.

– Creio que os tempos de guerra são diferentes – disse, incapaz de evitar a elevação do tom de voz que traía meu desconforto. – Acho que as regras são diferentes. Imagino que depressão tenha a ver com derrota durante uma guerra. Talvez tenha sido isso que Churchill quis dizer.

Ela assentiu, um lento sorriso brincando nos lábios. Ela estava dificultando as coisas para mim de propósito e eu não compreendia por quê. Eu viera a Kent a seu pedido, mas ela não permitia que eu entrevistasse suas irmãs, não respondia nenhuma de minhas perguntas diretamente, preferia brincar de gato e rato, em que eu sempre era a vítima. Ela poderia simplesmente ter deixado Adam Gilbert continuar com o projeto. Ele fizera suas entrevistas, não precisaria incomodá-las mais. Você pode considerar uma indicação do meu profundo desconforto e frustração o fato de ter dito então:

– Por que me pediu para vir, srta. Blythe?

Uma única sobrancelha, semelhante a uma cicatriz, se ergueu como uma seta.

– Como assim?

– Judith Waterman, da Pippin Books, disse-me que você telefonou. Que pediu especificamente por mim.

O canto de sua boca se torceu e ela olhou diretamente para mim; você não repara o quanto isso é raro até alguém realmente o fazer. Olhares diretos, intensos, sem piscar, que penetram até o fundo de sua alma.

– Sente-se – disse ela, exatamente como faria com um cachorro ou uma criança desobediente, e a palavra foi tão enérgica em sua boca que dessa vez eu não argumentei; localizei a cadeira mais próxima e fiz exatamente o que me mandava.

Ela bateu um cigarro na mesa, depois o acendeu. Tragou com força, examinando-me enquanto soltava a fumaça.

– Há alguma coisa diferente a seu respeito – disse ela, descansando o outro pulso atravessado no corpo, recostando-se na cadeira. Para melhor me avaliar.

– Não sei o que quer dizer.

Ela estreitou os olhos, dissecando-me, os olhos lacrimosos examinando-me de cima a baixo com uma intensidade que me fez estremecer.

– Sim. Você está menos alegre do que antes. Da última vez que estive aqui.

Eu não podia discutir isso, e não o fiz.

– Sim – disse. Meus braços ameaçavam se agitar ao meu redor, então os cruzei. – Sinto muito.

– Não lamente – disse Percy, erguendo o cigarro e o queixo. – Gosto mais de você assim.

Claro que sim. E felizmente, antes de eu me deparar com a impossibilidade de formular uma resposta, ela retornou à minha pergunta inicial:

– Eu pedi que viesse, em primeira instância, porque minha irmã não tolerava um homem desconhecido na casa.

– Mas o sr. Gilbert já havia terminado as entrevistas. Não havia mais nenhuma necessidade de voltar a Milderhurst se Juniper não quisesse.

Aquele sorriso enviesado reapareceu.

– Você é astuta. Ótimo. Esperava que fosse. Não estava completamente certa após nosso primeiro encontro e não estava disposta a lidar com uma imbecil.

Fiquei dividida entre “Muito obrigada” ou “Vá se danar”, e resolvi chegar a um acordo com um sorriso frio.

– Não conhecemos muitas pessoas – continuou ela, soltando uma baforada –, não mais. Então, quando você veio visitar, e aquela mulher, Bird, disse-me que você trabalhava em editoração... bem, comecei a imaginar. Depois, você me disse que não tinha irmãos.

Balancei a cabeça, tentando seguir a lógica de sua explicação.

– Foi quando decidi. – Tragou novamente o cigarro, fez uma pequena representação teatral para pegar um cinzeiro. – Eu sabia que você não seria parcial.

A cada segundo que passava, eu me sentia cada vez menos astuta.

– Parcial a respeito de quê?

– De nós.

– Srta. Blythe, receio que eu não compreenda o que isso tem a ver com o artigo que fui incumbida de escrever, com o livro de seu pai e suas lembranças de sua publicação.

Ela abanou a mão com impaciência e as cinzas do cigarro caíram no chão.

– Nada. Nada. Não tem nada a ver com nada disso. Tem a ver com o que eu vou lhe contar.

Foi então que eu senti o sinistro arrepio sob minha pele. Talvez tenha sido apenas uma rajada do frio do outono que tivesse soprado, invadido o aposento por baixo da porta, enfurecendo a fechadura de tal modo que a chave caiu no chão. Percy ignorou isso e eu tentei fazer o mesmo.

– Com o que vai me contar?

– Algo que precisa ser esclarecido, antes que seja tarde demais.

– Tarde demais para quê?

– Estou morrendo. – Ela piscou com sua fria e costumeira franqueza.

– Sinto muito.

– Estou velha. Acontece. Por favor, não seja condescendente comigo com demonstrações desnecessárias de compaixão. – Uma mudança ocorreu em seu rosto, como nuvens correndo por um céu de inverno, encobrendo a última luz fraca do sol. Ela pareceu velha, cansada. E eu vi que o que ela dissera era verdade, ela estava morrendo. – Fui desonesta quando liguei para aquela mulher, aquela editora, e pedi que você viesse. Lamento qualquer inconveniência causada ao outro rapaz. Não tenho dúvida de que ele teria feito um excelente trabalho. Ele era muito profissional. No entanto, foi tudo que consegui pensar em fazer. Queria que você viesse e não sabia de que outro modo eu poderia trazê-la aqui de volta.

– Mas por quê? – Havia algo novo em seu modo, uma urgência que quase me fez perder a respiração. Os pelos em minha nuca se arrepiaram, de frio, mas de algo mais também.

– Eu tenho uma história. Sou a única que a conhece. Vou contá-la a você.

– Por quê? – A pergunta saiu um pouco mais alta do que um sussurro e eu tossi, depois perguntei outra vez: – Por quê?

– Porque precisa ser contada. Porque eu dou valor a registros corretos. Porque não consigo mais carregá-la comigo. – Eu teria imaginado que ela, então, relanceou os olhos aos monstros de Goya?

– Mas por que contar a mim?

Ela pestanejou.

– Por causa de quem você é, é claro. Por causa de quem sua mãe foi. – Um sorriso muito leve e eu vi que ela estava sentindo um certo prazer em nossa conversa, no poder, talvez, que auferia da minha ignorância. – Foi Juniper quem percebeu. Ela a chamou de Meredith. Foi quando compreendi. E foi quando soube que tinha de ser *você*.

O sangue se esvaiu do meu rosto e eu me senti tão envergonhada quanto uma criança apanhada contando mentiras a seu professor.

– Desculpe não ter dito nada antes, eu só pensei...

– Suas razões não me interessam. Todos nós temos segredos.

Engoli o resto do meu pedido de desculpas antes que jorrasse dos meus lábios.

– Você é filha de Meredith – continuou ela, mais depressa –, o que significa que é como se fosse da família. E esta é uma história de família.

Era a última coisa que eu esperava que ela dissesse e fiquei emudecida; algo dentro de mim bateu com alegre empatia por minha mãe, que amara este lugar e há muito tempo acreditava ter sido menosprezada.

– Mas o que quer que eu faça? – perguntei. – Com sua história, quero dizer.

– Fazer com ela?

– Quer que eu a escreva?

– Creio que não. Não escrevê-la, apenas consertá-la. Preciso confiar que você fará isso. – Apontou um dedo para mim, mas o gesto severo foi enfraquecido quando o rosto por trás dele se abrandou. – Posso confiar em você, srta. Burchill?

Assenti, apesar de sua maneira me dar graves receios quanto ao que ela queria de mim exatamente.

Ela pareceu aliviada, mas só baixou a guarda por um breve instante antes de retomá-la.

– Muito bem, então – disse secamente, voltando o olhar para a janela da qual seu pai caíra para a morte. – Espero que possa passar sem almoço. Não tenho tempo a perder.

A história de Percy Blythe

PERCY BLYTHE COMEÇOU COM UMA RETRATAÇÃO:

– Não sou uma contadora de histórias – disse ela, acendendo um fósforo –, não como os outros. Tenho uma única história para contar. Ouça atentamente; não vou contá-la duas vezes. – Acendeu um cigarro e recostou-se na cadeira. – Eu lhe disse que isso nada tem a ver com o *Homem de Lama*, mas eu estava enganada. De um modo ou de outro, esta história começa e termina com este livro.

Um braço de vento estendeu-se para baixo pela chaminé para brincar com as chamas e eu abri meu caderno de notas. Ela havia dito que não era necessário, mas eu nutria uma estranha sensação de desassossego e me acalmava de certo modo poder me esconder por trás do propósito de minhas páginas de cor creme, de linhas pretas.

– Meu pai nos disse uma vez que a arte era a única forma de imortalidade. Esse era o tipo de coisa que ele costumava dizer; algo, imagino, que sua própria mãe lhe dizia. Ela podia ser cruel. Não intencionalmente; seu talento a tornava cruel. Ela deu toda sorte de ideias estranhas a meu pai. – A boca de Percy torceu-se e ela fez uma pausa para alisar os cabelos na nuca. – Ele estava errado, de qualquer modo. Há um outro tipo de imortalidade, muito menos procurada ou comemorada.

Inclinei-me um pouco para frente, esperando que ela me dissesse qual era, mas ela não o fez. Eu acabaria me acostumando com suas repentinas mudanças de tópico naquela tarde tempestuosa, com a maneira com que projetava uma luz em certa cena, dava-lhe vida, para abruptamente mudar sua atenção para outra.

– Tenho absoluta certeza de que meus pais foram felizes um dia – disse ela –, antes de nascermos, mas há dois tipos de pessoas neste mundo: as que apreciam a companhia de filhos e as que não. Meu pai era do primeiro tipo. Creio que ele surpreendeu a si mesmo com a força de sua afeição quando Saffy e eu nascemos. – Ela olhou para

a pintura de Goya e um músculo retorceu-se em seu pescoço. – Ele era um homem diferente quando éramos pequenas, antes da Guerra Mundial, antes de escrever aquele livro. Era um homem incomum para sua época e classe social. Ele nos adorava, sabe. Não era mero afeto, ele se encantava conosco e nós com ele. Éramos mimadas. Não com objetos, embora não houvesse escassez deles, mas com sua atenção e sua fé. Ele achava que não podíamos fazer nada de errado e nos tratava de acordo com essa crença. Creio que não seja bom para crianças se verem como objeto de tal idolatria. Gostaria de um copo d'água, srta. Burchill?

Pisquei.

– Não. Não, obrigada.

– Vou tomar, se não se importa. Minha garganta... – Ela colocou o cigarro no cinzeiro e pegou uma jarra de um conjunto de prateleiras baixas, enchendo um copo de cristal lapidado. Tomou um gole, e notei que, apesar do tom de voz límpido, plano, daqueles olhos penetrantes, seus dedos tremiam. – Seus pais a mimavam quando era pequena, srta. Burchill?

– Não. Não, não creio que o fizessem.

– Também acho que não. Você não demonstra a ideia de direito inato de uma criança que foi colocada no centro das atenções. – Seu olhar vagou novamente para a janela onde a tempestade se avolumava, cinzenta. – Papai costumava colocar nós duas em um velho carrinho de criança que havia sido dele quando pequeno e nos levava para longos passeios pela vila. Quando ficamos maiores, ele mandava a cozinheira preparar piqueniques elaborados e nós três íamos explorar os bosques, passear pelos campos, e ele nos contava histórias, falando-nos de assuntos que pareciam solenes e maravilhosos. Que este era o nosso lar, que as vozes de nossos ancestrais sempre iriam falar conosco, que nós jamais ficaríamos sozinhas se estivéssemos perto de nosso castelo. – Um leve sorriso tentou se instalar em seus lábios. – Em Oxford, ele fora excelente com línguas, idiomas antigos, e tinha um gosto particular pelo anglo-saxão. Costumava fazer traduções para seu próprio prazer, e desde muito cedo tivemos permissão de ajudar. Aqui em cima na torre, em geral, mas às vezes nos jardins. Uma tarde, estávamos deitados, nós

três, em uma manta de piquenique, olhando para o castelo no topo da colina, e ele leu *O andarilho* para nós. Foi um dia perfeito. Eles são raros e devemos sempre lembrá-los. – Fez uma pausa, o rosto relaxando um pouco enquanto se deixava afundar em lembranças. Quando finalmente voltou a falar, sua voz estava fraca: – Os anglo-saxões tinham um dom para a tristeza e a nostalgia, e feitos heroicos, é claro; as crianças, imagino, são predispostas a esses três sentimentos. *Seledreorig*. – A palavra soou como um feitiço no aposento circular de pedra. – Tristeza pela falta de um hall, de um lugar próprio – disse ela. – Não há nenhuma palavra igual a essa na língua inglesa, e, no entanto, devia haver, não acha? Ora, estou me desviando do assunto.

Endireitou-se na cadeira, estendeu a mão para seu cigarro, encontrando-o transformado em cinzas.

– O passado é assim – disse ela, enquanto retirava outro do maço. – Sempre pronto a fazê-lo devanear. – Acendeu o fósforo, tragou com impaciência e estreitou os olhos para mim através da fumaça. – Serei mais cuidadosa daqui para frente. – A chama extinguiu-se rapidamente, como se quisesse enfatizar a intenção. – Minha mãe lutara para ter filhos e, quando conseguiu, foi acometida de uma depressão tão forte que ela mal conseguia se levantar da cama. Quando finalmente se recuperou, descobriu que sua família já não estava esperando por ela. Suas filhas escondiam-se atrás das pernas do seu marido quando ela tentava abraçá-las, gritavam e esperneavam quando ela se aproximava muito. Passamos a usar palavras de outras línguas também, as que meu pai nos ensinara, para que ela não compreendesse. Ele ria e nos encorajava, deliciando-se com nossa precocidade. Como devíamos ser terríveis. Nós mal a conhecíamos, sabe. Nós nos recusávamos a ficar com ela, só queríamos ficar com papai, e ele conosco, e então ela passou a ficar solitária.

Solitária. Eu não tinha certeza se uma palavra já havia soado tão sinistra quanto essa nos lábios de Percy Blythe. Lembrei-me das imagens de daguerreótipo de Muriel Blythe que eu vira na sala de documentos. Achara estranho na ocasião que tivessem sido

penduradas em um local tão escuro e esquecido; agora parecia decididamente ameaçador.

– O que aconteceu? – perguntei.

Ela olhou-me incisivamente.

– Tudo a seu tempo.

O estrondo de um trovão soou lá fora e Percy olhou para a janela.

– Uma tempestade – disse ela, com desagrado. – Tudo que precisamos.

– Gostaria que eu fechasse a janela?

– Não, ainda não. Gosto do ar fresco. – Franziu a testa para o assoalho enquanto tragava seu cigarro; estava reunindo seus pensamentos e, quando os encontrou, fitou-me nos olhos. – Minha mãe arranhou um amante. Quem poderia culpá-la? Foi meu pai quem os reuniu, sem intenção. Não é esse tipo de história, ele estava tentando fazer as pazes. Ele deve ter percebido que a estava ignorando e encomendou grandes melhorias para o castelo e para os jardins. Persianas foram acrescentadas às janelas do térreo para fazê-la lembrar das que ela admirava na Europa e foram feitas obras no fosso. As escavações continuaram por um longo tempo, e Saffy e eu costumávamos ficar observando da janela do sótão. O nome do arquiteto era Sykes.

– Oliver Sykes.

Ela ficou surpresa.

– Muito bem, srta. Burchill. Sabia que era astuta, mas não imaginava que tivesse uma erudição arquitetônica tão grande.

Sacudi a cabeça e expliquei sobre *O castelo Milderhurst de Raymond Blythe*. O que eu não lhe disse é que eu também sabia do legado de Raymond Blythe ao Pembroke Farm Institute. O que significava, é claro, que ele não soubera do caso amoroso.

– Papai não sabia – disse ela, como se lesse meus pensamentos. – Mas nós sabíamos. As crianças sabem essas coisas. Mas nunca nos ocorreu contar a ele. No que nos dizia respeito, nós éramos seu mundo e ele se importava tão pouco com as atividades de minha mãe quanto nós. – Remexeu-se ligeiramente na cadeira e sua blusa se enrugou. – Eu não cultivo arrependimentos, srta. Burchill, no entanto todos nós somos responsáveis por nossos atos, e eu me

perguntei muitas vezes desde então se esse não foi o momento em que a sorte mudou para os Blythe, até mesmo aqueles que ainda não haviam nascido. Se tudo não teria se resolvido de modo diferente se Saffy e eu tivéssemos contado a ele que tínhamos visto mamãe e aquele homem juntos.

– Por quê? – Tolice minha interromper seu fluxo de pensamento, mas não consegui me conter. – Por que teria sido melhor se vocês tivessem contado a ele? – Eu devia ter lembrado que o traço obstinado de Percy Blythe não admitia interrupção.

Ela levantou-se, pressionou as palmas das mãos contra sua estreita região lombar e inclinou a pélvis para frente. Deu uma última tragada no toco do cigarro, depois o apagou no cinzeiro e caminhou rigidamente para a janela. Eu podia ver de onde estava sentada que o céu estava escuro e carregado, mas seus olhos estreitaram-se para o clarão distante ainda estremecendo no horizonte.

– Essa carta que você encontrou – disse ela, enquanto a trovoadas retumbava mais perto –, eu não sabia que papai a havia guardado, mas fico feliz que o tenha feito. Precisei de muita coragem para escrevê-la; ele estava tão empolgado com o manuscrito, a história. Quando papai retornou da guerra, tornou-se uma sombra de si mesmo. Magro como um tubo de chaminé, com um terrível olhar frívolo e vidrado. Éramos impedidas de visitá-lo a maior parte do tempo; muito perturbador, diziam as enfermeiras. Mas nós entrávamos escondido de qualquer modo, pelas veias do castelo. Ele ficava sentado junto a esta janela, olhando para fora, mas sem ver nada, e falava de uma grande ausência dentro dele. Sua mente comichava, dizia ele, para ser usada criativamente mas, quando ele segurava a caneta, nada sobrevinha. “Estou vazio”, dizia, repetidamente, e tinha razão. Estava. Pode imaginar, então, a emoção restauradora quando ele começou a trabalhar nas anotações que iriam se tornar o *Homem de Lama*.

Assenti, lembrando-me dos cadernos de notas lá embaixo, a mudança na caligrafia, cheia de confiança e determinação desde a primeira linha até a última.

Um raio cortou o céu e Percy Blythe encolheu-se. Ficou esperando o estrondo correspondente.

– As palavras naquele livro foram dele, srta. Burchill; foi a ideia que ele roubou.

De quem?, tive vontade de gritar, mas desta vez mordi a língua.

– Doe-me escrever aquela carta, amortecer seu entusiasmo quando o projeto o animava tanto, mas era preciso. – A chuva começou a cair, uma cortina instantânea de água. – Logo depois que papai voltou da França, eu contraí escarlatina e fui enviada para fora para me recuperar. Gêmeas, srta. Blythe, não lidam bem com a solidão.

– Deve ter sido terrível.

– Saffy – continuou ela, como se tivesse esquecido que eu estava ali – sempre teve a imaginação mais fértil do que eu. Assim, éramos uma dupla equilibrada, ilusão e realidade eram mantidas sob controle. Separadas, entretanto, cada qual descambou para pontos opostos. – Ela estremeceu e recuou um passo da janela; pingos de chuva caíam no peitoril. – Minha irmã sofria de um terrível pesadelo. Sempre acontece com a mais fantasiosa. – Olhou para mim. – Deve ter notado, srta. Burchill, que eu não disse *pesadelos*. Houve apenas um.

A furiosa tempestade do lado de fora havia engolido a última luz do dia, e o quarto da torre ficou às escuras. Somente o tremular cor de laranja da lareira proporcionava alguma claridade. Percy retornou à escrivaninha e acendeu o abajur. A luz brilhou esverdeada através do vidro colorido, lançando sombras escuras sob seus olhos.

– Ela sonhava com ele desde os quatro anos. Acordava no meio da noite gritando, banhada de suor, convencida de que um homem recoberto de lama havia escalado a parede, saindo do fosso, para pegá-la. – Uma ligeira inclinação da cabeça e as maçãs do rosto de Percy ressaltaram. – Eu sempre a acalmava. Dizia-lhe que era apenas um sonho, que nada de ruim poderia lhe acontecer enquanto eu estivesse ali. – Ela soltou o ar com aflição. – E tudo ficava bem, até julho de 1917.

– Quando você foi embora para se recuperar da febre.

Um sinal afirmativo da cabeça, tão leve que eu podia tê-lo imaginado.

– Então, ela contou ao seu pai.

– Ele estava se escondendo de suas enfermeiras quando ela o encontrou. Ela sem dúvida estava transtornada, Saffy nunca foi uma pessoa controlada, e ele lhe perguntou o que havia de errado.

– E então ele registrou o pesadelo.

– O demônio dela foi o salvador dele. No começo, ao menos. A história reanimou-o: ele a procurava, ansioso por detalhes. A atenção dele a lisonjeava, tenho certeza, e quando eu retornei do hospital as coisas estavam muito diferentes. Papai estava animado, recuperado, quase delirante, e ele e Saffy partilhavam um segredo. Nenhum dos dois mencionou o Homem de Lama para mim. Somente quando vi as provas de impressão de *A verdadeira história do Homem de Lama*, em sua mesa bem aqui, é que adivinhei o que acontecera.

A chuva desabava com toda força agora e eu me levantei para fechar a janela para poder ouvi-la.

– E então você escreveu a carta.

– Eu sabia, é claro, que se ele publicasse a história, seria terrível para Saffy. Mas ele não se deixou convencer e viveu com as consequências pelo resto da vida. – Sua atenção voltou-se para Goya outra vez. – A culpa pelo que ele fizera, seu pecado.

– Porque ele havia roubado o pesadelo de Saffy – disse eu. Pecado era levar o caso longe demais, talvez, mas eu certamente compreendia como tal coisa podia impactar uma jovem, particularmente uma jovem com inclinações para o fantástico. – Ele o enviou para o mundo e deu-lhe nova vida. Tornou-o real.

Percy riu, um som metálico, torcido, que me fez estremecer.

– Oh, srta. Burchill, ele fez mais do que isso. Ele inspirou o sonho. Ele apenas não sabia disso na época.



Um rugido de trovão ribombou pela torre acima e a luz do abajur se embotou; Percy Blythe, entretanto, não. Ela estava possuída pelo propósito de sua história e eu me inclinei mais para perto,

desesperada para saber o que ela queria dizer exatamente, o que Raymond Blythe poderia ter feito para dar origem ao pesadelo de Saffy. Outro cigarro foi aceso; seus olhos brilhavam e talvez ela tenha pressentido meu interesse, pois mudou o foco:

– Mamãe manteve seu caso secreto por quase um ano.

A mudança de assunto foi um golpe físico, e eu desanimei. Um pouco obviamente, receio, pois isso não escapou à atenção da minha anfitriã.

– Estou desapontando-a, srta. Burchill? – retrucou rispidamente. – Esta é a história do nascimento do *Homem de Lama*. É um verdadeiro furo jornalístico, sabe? Todos nós fizemos nossa parte em sua criação, até mesmo mamãe, embora estivesse morta antes de o sonho ser sonhado ou o livro ser escrito. – Ela limpou um rastro de cinzas de cigarro da frente de sua blusa e retomou sua história: – O caso amoroso de mamãe continuou e papai não fazia a menor ideia. Até que uma noite ele voltou mais cedo de uma viagem a Londres. Tinha boas-novas: um jornal nos Estados Unidos havia publicado um artigo seu e fora muito elogiado. Ele queria comemorar. Era tarde. Saffy e eu, com apenas quatro anos, já havíamos sido colocadas na cama há muito tempo e os amantes estavam na biblioteca. A criada pessoal de mamãe tentou impedir meu pai, mas ele andara bebendo uísque a tarde inteira e ela não conseguiu acalmá-lo. Estava radiante, queria que sua mulher compartilhasse seu grande momento. Ele irrompeu na biblioteca e lá estavam eles. – A boca de Percy formou uma careta, pois ela sabia o que estava por vir. – Papai ficou furioso e uma terrível briga teve início: primeiro, ele e Sykes; depois, quando o sujeito caiu ferido no chão, ele e mamãe. Papai acusou-a, xingou-a e depois sacudiu-a, não com força para machucar, mas com força suficiente para ela bater contra a mesa. Um lampião caiu no chão e se quebrou, as chamas logo atingiram a bainha do vestido dela.

“O fogo foi imediato e avassalador. Subiu pelo *chiffon* de seu vestido e em poucos instantes ela foi engolfada. Papai ficou horrorizado, é claro, arrastando-a para as cortinas, tentando abafar as chamas. Isso só piorou as coisas. As cortinas pegaram fogo, o aposento inteiro incendiou-se, havia fogo por toda parte. Papai

correu para ajudar. Arrastou mamãe para fora da biblioteca, salvou sua vida, ainda que por pouco tempo, mas não voltou para salvar Sykes. Deixou-o lá para morrer. O amor faz as pessoas serem cruéis, srta. Burchill.

“A biblioteca ardeu completamente, mas, quando as autoridades chegaram, nenhum outro corpo foi encontrado. Era como se Oliver Sykes nunca tivesse existido. Papai imaginou que o corpo tivesse se desintegrado sob o calor tão intenso, a criada de mamãe nunca mais falou sobre isso por medo de manchar o bom nome de sua patroa e ninguém apareceu procurando por Sykes. Para grande sorte de papai, o sujeito era um sonhador que sempre falava de seu desejo de fugir para o continente e desaparecer no mundo.”

O que ela me contara era horrível – que o incêndio que matara sua mãe fora causado dessa forma, que Oliver Sykes fora abandonado para morrer na biblioteca. No entanto, eu sabia que estava faltando alguma coisa, pois eu ainda não conseguia perceber o que isso tinha a ver com o *Homem de Lama*.

– Eu mesma não vi nada disso – disse ela. – Mas alguém viu. No alto do sótão, uma menina acordara de seu sono, deixara sua irmã gêmea sozinha na cama e subira na estante de livros para ver o céu estranho e dourado. O que ela viu foi o fogo, subindo da biblioteca, e lá embaixo, no chão, um homem todo enegrecido, queimado e derretido, gritando em agonia enquanto tentava escalar para fora do fosso.



Percy encheu seu copo de água novamente e bebeu tremulamente.

– Lembra-se de sua primeira visita, srta. Burchill, quando mencionou o passado cantando nas paredes?

– Sim. – A turnê que parecia ter ocorrido uma vida inteira atrás.

– Eu lhe disse que era tolice, as horas distantes. Que as pedras eram velhas, mas que não contavam seus segredos.

– Eu me lembro.

– Eu menti. – Ergueu o queixo e fixou os olhos nos meus, um desafio. – Eu realmente as ouço. Quanto mais velha fico, mais altas elas se tornam. Esta não foi uma história fácil de ser contada, mas

foi necessário. Como eu disse, há um outro tipo de imortalidade, muito mais solitária.

Esperei.

– Uma vida, srta. Burchill, uma vida humana, é limitada por dois acontecimentos: o nascimento e a morte da pessoa. As datas desses acontecimentos pertencem a uma pessoa tanto quanto seu nome, tanto quanto as experiências que acontecem entre uma e outra. Não estou lhe contando esta história para me sentir absolvida. Estou lhe contando porque uma morte deve ser registrada, compreende?

Assenti, pensando em Theo Cavill e sua busca obsessiva pelos registros de seu irmão, o sinistro limbo de não saber.

– Ótimo – disse ela. – Não deve haver dúvidas quanto a isso.

Sua referência à absolvição me fez lembrar a culpa de Raymond Blythe, pois foi por isso que ele havia se convertido ao catolicismo, é claro. O motivo pelo qual ele deixara grande parte de sua fortuna para a Igreja. O outro beneficiário havia sido o instituto de Sykes. Não porque Raymond Blythe admirasse o trabalho do instituto, mas porque se sentia culpado. Pensei em algo.

– Você disse antes que seu pai não sabia que ele havia inspirado o sonho no começo: ele compreendeu depois?

Ela sorriu.

– Ele recebeu uma carta de um aluno de doutorado da Noruega que escrevia uma tese sobre o dano físico na literatura. Ele estava interessado no corpo enegrecido do Homem de Lama porque às vezes, o aluno sentia, as descrições o retravavam de um modo que espelhava outras representações de vítimas de incêndio. Papai nunca respondeu, mas então ele compreendeu.

– Quando foi isso?

– Na década de 1930. Foi quando ele começou a ver o Homem de Lama no castelo.

E quando ele acrescentou uma segunda dedicatória ao seu livro: MB e OS. Não as iniciais de suas esposas, mas uma tentativa de compensar de certa forma pelas mortes que causara. Algo me ocorreu:

– Você não viu isso acontecer. Como sabe sobre a briga na biblioteca, sobre o fato de Oliver Sykes estar lá naquela noite?

– Juniper.

– O quê?

– Papai contou a ela. Ela mesma sofrera um acontecimento traumático. Ele estava sempre falando sobre o quanto eram parecidos; imagino que ele achasse que a consolaria saber que todos nós somos capazes de nos comportar de maneiras das quais podemos nos arrepender. Ele podia ser assim, grandioso e tolo.

Ela recaiu em silêncio novamente, estendendo a mão para seu copo de água, e o próprio aposento pareceu soltar o ar. Alívio, talvez, pela verdade ter sido finalmente revelada. Percy Blythe estaria aliviada? Eu não tinha tanta certeza. Contenta por seu dever ter sido cumprido, sem dúvida, mas não havia nada em sua atitude que parecesse mais leve com a revelação. Eu tinha a sensação de que sabia por quê: qualquer conforto que pudesse ter auferido fora ultrapassado em muito por seu pesar. *Grandioso e tolo*. Foram as primeiras palavras que eu a ouvia falar contra o pai e, em seus lábios, ela que era tão ferozmente protetora do legado dele, haviam se tornado especialmente pesadas.

E por que não haveria de ser assim? O que Raymond Blythe fizera fora cruel, ninguém podia discutir isso, e não era de admirar que ele tivesse enlouquecido de culpa. Lembrei-me daquela fotografia do velho Raymond no livro que eu comprara na livraria da vila: os olhos assustados, as feições contraídas, a sensação de que seu corpo estava sobrecarregado de pensamentos negros. Uma aparência semelhante, ocorreu-me então, à que sua filha mais velha apresentava agora. Ela havia se encolhido dentro da cadeira e suas roupas pareciam folgadas demais, dobrando-se de um osso ao outro. Sua história a deixara desgastada, as pálpebras arriadas e a pele frágil marcada de veias azuis; ocorreu-me que era lamentável que uma filha tivesse de pagar pelos pecados do pai dessa forma.

A chuva caía torrencialmente agora, batendo no solo já encharcado, e ali dentro o aposento havia escurecido com o fim da tarde. Até mesmo o fogo, que tremeluzira durante a história de Percy, definhava agora, levando com ele o último calor do estúdio. Fechei meu caderno de notas.

– Por que não encerramos a tarde aqui – disse, com o que esperava fosse compaixão. – Podemos recomeçar amanhã, se quiser.

– Quase, srta. Burchill, já estou quase no fim.

Ela sacudiu seu maço de cigarros e virou o último deles sobre a mesa. Brincou com ele por um instante, antes do fósforo pegar e a ponta do cigarro arder.

– Você agora sabe a respeito de Sykes – disse ela –, mas não a respeito do outro.

O outro. Prendi a respiração.

– Vejo pelo seu rosto que você sabe a quem estou me referindo.

Balancei a cabeça acentuadamente. Houve um enorme estrondo de trovão e eu estremeci onde estava sentada. Deixei meu caderno de notas abrir-se outra vez.

Ela tragou o cigarro com força, tossiu enquanto expirava.

– O amigo de Juniper.

– Thomas Cavill – murmurei.

– Ele realmente veio naquela noite. Vinte e nove de outubro de 1941. Anote essa data. Ele veio como havia prometido a ela. Só que ela nunca soube.

– Por quê? O que aconteceu? – Suspensa na borda do esclarecimento, eu quase nem queria saber.

– Houve uma tempestade, mais ou menos como esta de hoje. Estava escuro. Houve um acidente. – Ela falou tão baixinho que eu tive de me inclinar para frente para ouvi-la. – Achei que ele fosse um intruso.

Não consegui pensar em nada para dizer.

Seu rosto estava pálido como cera e em suas rugas eu li décadas de culpa.

– Nunca contei a ninguém. Certamente não à polícia. Tive medo de que não me acreditassem. Que pudessem pensar que eu estivesse acobertando outra pessoa.

Juniper. Juniper com seu incidente violento no passado. O escândalo com o filho do jardineiro.

– Eu cuidei de tudo. Fiz o melhor possível. Mas ninguém sabe e isso, finalmente, tem de ser acertado. – Fiquei chocada, então, em ver que ela estava chorando, as lágrimas rolavam livremente pelas

suas faces envelhecidas. Chocada, porque ela era Percy Blythe, mas não surpresa. Não depois do que ela acabara de confessar.

As mortes de dois homens; dois segredos: havia muito a processar – tanto que eu não conseguia ver nem sentir distintamente. Minhas emoções haviam se misturado como as cores em um conjunto de aquarelas, de modo que eu não me sentia com raiva, assustada nem moralmente superior, e certamente não estava febril de contentamento por ter obtido as respostas às minhas perguntas. Sentia-me apenas triste. Preocupada e consternada pela velha mulher que estava sentada à minha frente, que chorava pelos segredos espinhosos de sua vida. Eu não podia aliviar sua dor, mas não podia simplesmente ficar ali sentada, fitando-a.

– Por favor – disse –, deixe-me ajudá-la a ir lá para baixo.

E desta vez ela concordou silenciosamente.

Eu a amparava delicadamente conforme descíamos. Devagar, com cuidado, pelas escadas em caracol. Ela insistira em levar a bengala ela própria, e a bengala vinha se arrastando atrás, assinalando nosso progresso, passo a passo, com uma batida rítmica e desolada. Nenhuma de nós falou; ambas estávamos cansadas demais.

Quando finalmente alcançamos a porta fechada atrás da qual estava a sala amarela, Percy Blythe parou. Por absoluta força de vontade, ela se recompôs, empertigando-se e aumentando alguns centímetros de altura.

– Nem uma palavra às minhas irmãs – disse ela. Sua voz não era ríspida, mas sua força me surpreendeu. – Nem uma palavra, entendeu?



– Fique para jantar, Edith – disse Saffy animadamente quando atravessamos a porta. – Eu preparei um jantar extra quando ficou tão tarde e você ainda estava conosco. – Olhou para Percy, uma expressão agradável no rosto, no entanto eu pude ver que ela estava perplexa, imaginando o que sua irmã andara dizendo que levara o dia inteiro.

Eu objetei, mas ela já estava colocando mais um lugar à mesa e a chuva despejava lá fora.

– Claro que ela vai ficar – disse Percy, soltando meu braço e caminhando devagar, mas com firmeza, para o lado mais distante da mesa. Virou-se para olhar para mim quando chegou lá e, sob a luz elétrica do aposento, pude ver a forma absoluta, surpreendente com que ela conseguira reanimar seu estado de espírito em prol de suas irmãs. – Eu a mantive trabalhando durante o almoço. O mínimo que podemos fazer é oferecer-lhe o jantar.

Comemos juntas, nós quatro; uma refeição de hadoque defumado – amarelo forte na cor, viscoso na consistência, morno no preparo; e o cachorro, que fora encontrado finalmente, escondido na salinha do mordomo, passou a maior parte do tempo deitado aos pés de Juniper enquanto ela lhe dava pedaços de peixe de seu prato. A tormenta não amainou, na verdade ficou cada vez mais forte. Comemos uma sobremesa de torrada com geleia, tomamos chá, e depois mais chá, até que finalmente esgotamos nossa conversa social. A intervalos irregulares, as luzes piscavam, anunciando a probabilidade de uma queda de energia, e toda vez que voltavam, trocávamos olhares tranquilizadores. De vez em quando, a chuva transbordava dos beirais e jorrava pelas janelas em grandes lâminas de água.

– Bem – disse Saffy por fim. – Não vejo nenhuma escolha. Vamos preparar-lhe uma cama e você pode passar a noite aqui. Telefonarei para a pousada e avisarei a eles.

– Oh, não! – protestei, com mais ênfase do que talvez seria educado. – Não quero incomodar. – Eu realmente não queria incomodar, mas também não gostava da ideia de passar a noite no castelo.

– Bobagem – disse Percy, virando-se da janela. – Está escuro como breu. Você pode até tropeçar, cair no riacho e ser levada como um pedaço de madeira. – Endireitou-se. – Não. Não queremos nenhum acidente. Não quando temos como acomodá-la aqui.

Uma noite no castelo

FOI SAFFY QUEM ME ACOMPANHOU até o meu quarto. Distanciamos-nos bastante da ala em que as irmãs Blythe viviam agora, e apesar de nossa passagem ser escura e longa, fiquei satisfeita por não estar sendo conduzida para baixo. Já bastava eu estar passando a noite no castelo; não queria dormir perto da sala de documentos. Cada uma de nós carregava um lampião de querosene, subimos um lance de escadas para o segundo andar e continuamos por um corredor largo e sombrio. Mesmo quando as lâmpadas elétricas não estavam tremeluzindo, a claridade era uma espécie peculiar de meia-luz. Finalmente, Saffy parou.

– Aqui estamos – disse ela, abrindo a porta. – O quarto de hóspedes.

Ela – ou talvez tenha sido Percy – havia colocado lençóis na cama e arrumado uma pequena pilha de livros junto ao travesseiro.

– Receio que seja um pouco tristonho – disse ela, olhando ao redor do aposento com um sorriso de desculpas. – Não recebemos visitas com frequência; perdemos o hábito. Já faz muito tempo que alguém veio passar a noite.

– Desculpe-me ter lhe dado todo esse trabalho.

Ela sacudia a cabeça.

– Bobagem. Não é trabalho nenhum. Sempre adorei ter hóspedes. Receber visitas era uma das coisas que eu achava mais gratificante na vida. – Dirigiu-se para a cama e colocou seu lampião na mesinha de cabeceira. – Bem, deixei aqui uma camisola e encontrei alguns livros também. Não posso imaginar terminar o dia sem uma história para me fazer adormecer. – Remexeu no livro no topo da pilha. – *Jane Eyre* sempre foi um dos meus favoritos.

– Meu também. Sempre carrego um exemplar comigo, embora minha edição não seja nem de longe tão bonita quanto a sua.

Ela sorriu, satisfeita.

– Você me faz lembrar um pouco de mim mesma, sabe, Edith. A pessoa que eu teria me tornado se as coisas tivessem sido diferentes. Se os tempos fossem diferentes. Morar em Londres, trabalhar com livros. Quando eu era jovem, sonhei em ser governanta. Viajar e conhecer pessoas, trabalhar em um museu. Conhecer meu próprio sr. Rochester, talvez.

Ela ficou tímida então, e melancólica, e eu me lembrei das caixas floridas que eu encontrara na sala de documentos, particularmente com a identificação *Casamento com Matthew de Courcy*. Eu conhecia muito bem a trágica história de amor de Juniper, mas muito pouco do passado romântico de Saffy e Percy. Certamente, também elas haviam sido jovens e cheias de desejo um dia; no entanto, ambas haviam sido sacrificadas para cuidar de Juniper.

– Você mencionou que foi noiva um dia?

– De um homem chamado Matthew. Nos apaixonamos quando éramos muito jovens. Dezesseis. – Ela sorriu suavemente, lembrando-se. – Planejavamos nos casar quando tivéssemos 21.

– Posso perguntar o que aconteceu?

– Claro. – Ela começou a dobrar para trás a borda das roupas de cama, alisando o cobertor e o lençol em um ângulo perfeito. – Não funcionou; ele se casou com outra pessoa.

– Sinto muito.

– Não lamente. Já se passou tanto tempo. Ambos já estão mortos há anos. – Talvez ela se sentisse desconfortável pelo rumo de autopiedade que a conversa havia tomado, pois fez uma piada: – Tive sorte, eu acho, que minha irmã tenha sido bastante boa para me deixar continuar a morar no castelo por tal pechincha.

– Não posso imaginar que Percy se incomodaria com isso – disse descontraidamente.

– Talvez não, mas é de Juniper que estou falando.

– Receio que...

Saffy pestanejou para mim, surpresa.

– Ora, o castelo pertence a ela, não sabia? Nós sempre imaginamos que ele seria passado a Percy, é claro; ela era a mais velha e a única que o amava tanto quanto ele, mas papai mudou de ideia no final da vida.

– Por quê? – Eu estava pensando em voz alta; eu não esperava realmente que ela respondesse, mas ela parecia envolvida em contar sua própria história.

– Papai estava obcecado com a impossibilidade de mulheres criativas serem capazes de continuar com sua arte uma vez que fossem sobrecarregadas com o fardo de casamento e filhos. Quando Juniper se mostrou uma promessa, ele se fixou na ideia de que ela pudesse se casar e desperdiçar seu talento. Ele a manteve aqui, nunca a deixando frequentar a escola ou conhecer outras pessoas, e depois mudou seu testamento deixando o castelo para ela. Desse modo, ele pensava, ela nunca teria de se preocupar com a questão de ganhar a vida, nem se casar com um homem que a sustentasse. Mas isso foi terrivelmente injusto da parte dele. O castelo deveria pertencer a Percy. Ela ama este lugar como as outras pessoas amam seus namorados. – Deu uma última ajeitada no travesseiro antes de pegar seu lampião da mesa. – Imagino, quanto a isso, que seja uma sorte que Juniper não tenha se casado e mudado para longe.

Não consegui ligar os fatos.

– Mas Juniper não teria ficado feliz nesse caso, tendo uma irmã que se importava tanto pelo lugar morando aqui e cuidando dele?

Saffy sorriu.

– Não era tão simples. Papai podia ser cruel quando se tratava de conseguir fazer valer sua vontade. Ele colocou uma condição no testamento. Se Juniper se casasse, o castelo não seria mais dela, passando então à Igreja Católica.

– A Igreja?

– Papai sofria de um sentimento de culpa.

E depois de minha reunião com Percy, eu sabia exatamente por quê.

– Então, se Juniper e Thomas tivessem se casado, vocês perderiam a casa?

– Sim – disse ela –, isso mesmo. A pobre Percy jamais teria suportado isso. – Ela estremeceu. – Sinto muito. Está tão frio aqui. Nunca nos damos conta. Nós mesmas não precisamos usar este quarto. Receio que não haja nenhum aquecimento nesta ala, mas há mais cobertores no fundo daquele armário.

Um relâmpago estarrecedor rasgou o céu, seguido do estalo ensurdecido do trovão. A fraca luz elétrica oscilou, tremeluziu e a lâmpada se apagou. Tanto Saffy quanto eu erguemos nossos lampiões, como marionetes puxadas pelo mesmo fio. Olhamos ao mesmo tempo para a lâmpada escura.

– Oh, santo Deus – disse ela –, lá se foi a luz elétrica. Ainda bem que pensamos em trazer os lampiões. – Hesitou. – Você vai ficar bem, sozinha aqui em cima?

– Claro que sim.

– Muito bem, então – disse ela com um sorriso. – Vou deixá-la dormir.



O período da noite é diferente. As coisas são diferentes quando o mundo está negro. Inseguranças e mágoas, ansiedades e temores adquirem dentes à noite. Particularmente quando se está dormindo em um antigo e estranho castelo, com uma tempestade lá fora. Mais particularmente ainda quando se passou a tarde ouvindo a confissão de uma senhora idosa. E é por isso que, depois que Saffy partiu, fechando a porta atrás dela, eu não pensei sequer em apagar meu lampião.

Vesti a camisola e sentei-me, branca como um fantasma, na cama. Fiquei ouvindo a chuva que continuava a cair torrencialmente e o vento sacudindo as persianas, exatamente como se houvesse alguém do outro lado, lutando para entrar. Não – afastei esses pensamentos, consegui até sorrir para mim mesmo. Eu estava pensando no Homem de Lama, é claro. Compreensível, se eu estava passando a noite no mesmo lugar em que a história se passara, em uma noite que pudesse ter se materializado das páginas do livro...

Enfiei-me embaixo das cobertas e voltei meus pensamentos para Percy. Eu havia trazido meu caderno de notas e o abri, anotando as ideias conforme me ocorriam. Percy Blythe me dera a história da gênese do *Homem de Lama*, o que era uma grande vitória. Ela também desvendara o mistério do desaparecimento de Thomas Cavill. Eu devia me sentir aliviada, mas estava inquieta. A sensação era recente, algo a ver com o que Saffy me dissera. Quando ela

falou do testamento de seu pai, conexões desagradáveis estavam sendo feitas em minha mente, pequenas luzes girando que me faziam sentir cada vez mais desconfortável: o amor de Percy pelo castelo, um testamento que especificava sua perda caso Juniper se casasse, a desafortunada morte de Thomas Cavill...

Mas, não. Percy dissera que fora um acidente, e eu acreditava nela.

Acreditava. Que razão teria para mentir? Ela podia muito bem ter guardado todo o caso para si mesma.

Ainda assim...

Os fragmentos do dia continuavam girando, girando: a voz de Percy, depois a de Saffy, e minhas próprias dúvidas, para complementar. Mas não a voz de Juniper. Eu só ouvira falar *sobre* a mais nova das Blythe, nunca a ouvi diretamente.

Por fim, fechei meu caderno de notas com uma batida frustrada. Bastava por um dia. Dei um suspiro e relanceei os olhos pelos livros que Saffy trouxera, buscando alguma coisa que pudesse aquietar minha mente: *Jane Eyre*, *Os mistérios de Udolpho*, *O morro dos ventos uivantes*. Fiz uma careta – todos bons amigos, mas não do tipo que eu gostaria que me fizessem companhia nesta noite fria e tempestuosa.

Eu estava cansada, muito cansada, mas evitava o momento de ir dormir, com medo de apagar o lampião e finalmente me submeter à escuridão. Por fim, entretanto, minhas pálpebras começaram a cair, e depois de ter acordado com grandes sobressaltos várias vezes, vi que estava tão cansada que o sono iria me dominar rapidamente. Apaguei a chama, fechei os olhos enquanto o cheiro da fumaça se dispersava no ar frio ao meu redor. A última coisa de que me lembro foi de uma precipitação de chuva deslizando pela vidraça.



Acordei com um sobressalto; repentina e estranhamente, em uma hora desconhecida. Permaneci deitada, imóvel, ouvindo. Esperando, imaginando o que havia me acordado. Os pelos dos meus braços se eriçaram e eu tive a mais estranha e forte sensação de não estar sozinha, de que havia alguém naquele quarto comigo.

Eu não via nada, mas eu sabia. Havia alguém ali.

Prendi a respiração e continuei ouvindo, mas continuava a chover lá fora, e, com o vento zunindo e sacudindo as persianas, seus fantasmas deslizando pelas pedras dos corredores, havia poucas chances de ouvir mais alguma coisa. Eu não tinha fósforos e nenhuma maneira de acender de novo meu lampião, então procurei me convencer a voltar a um estado de comparativa calma. Disse a mim mesma que eram meus pensamentos do estado imediatamente anterior ao sono, minha obsessão com o *Homem de Lama*. Eu sonhara com um barulho. Estava imaginando coisas.

E exatamente quando eu já estava quase convencida, houve o enorme clarão de um relâmpago e eu vi que a porta do meu quarto estava aberta. Saffy a fechara ao sair. Eu estava certa. Alguém estivera no quarto comigo; ainda estava ali, talvez, aguardando nas sombras...

– *Meredith...*

Cada vértebra do meu corpo se retesou. Meu coração começou a martelar, minha pulsação cardíaca disparou nas veias. Aquilo não fora o vento ou as paredes; alguém sussurrara o nome de minha mãe. Fiquei petrificada e, no entanto, uma estranha energia se apoderou de mim. Eu sabia que precisava fazer alguma coisa. Não podia passar a noite inteira parada, enrolada nas cobertas, os olhos arregalados vasculhando o quarto escuro.

A última coisa que eu queria fazer era sair da cama, mas foi o que fiz. Deslizei pelo lençol e me dirigi para a porta na ponta dos pés. A maçaneta estava fria, lisa sob a minha mão, e eu a puxei de leve, silenciosamente, em minha direção, saindo para verificar o corredor.

– *Meredith...*

Quase gritei. Estava bem atrás de mim.

Virei-me, devagar, e lá estava Juniper. Usava o mesmo vestido em que a vira em minha primeira visita a Milderhurst, o vestido – agora eu sabia – que Saffy fizera para ela usar quando Thomas Cavill viesse para jantar.

– Juniper – sussurrei. – O que está fazendo aqui?

– Estive à sua espera, Merry. Sabia que você viria. Eu o tenho aqui para você. Eu o guardei em segurança.

Eu não fazia a menor ideia do que ela queria dizer, mas me entregou algo volumoso. Bordas firmes, ângulos agudos, não muito pesado.

– Obrigada – disse.

Na meia-luz, seu sorriso vacilou.

– Oh, Meredith – disse ela –, eu fiz uma coisa terrível, terrível.

Que foi exatamente o que ela havia dito a Saffy no corredor no final da minha turnê. Meu pulso começou a acelerar. Era errado perguntar-lhe, mas não pude deixar de dizer:

– O que foi? O que você fez?

– Tom logo vai chegar. Ele vem para jantar.

Senti-me muito triste por ela naquele momento; ela o esperava havia cinquenta anos, convencida de que fora abandonada.

– Claro que sim – disse. – Tom a ama. Ele quer se casar com você.

– Tom me ama.

– Sim.

– E eu o amo.

– Sei que ama.

E quando eu já experimentava uma sensação agradável de ter conduzido sua mente de volta a um lugar feliz, ela levou as mãos à boca, horrorizada, e disse:

– Mas havia sangue, Meredith...

– O quê?

– ... tanto sangue; pelos meus braços, por todo o meu vestido. – Baixou os olhos para o vestido e depois os ergueu para mim, e seu rosto era o retrato da angústia.

– Sangue, sangue, sangue. E Tom não veio. Mas eu não me lembro. Não consigo me lembrar.

Então, com uma certeza desnorteante, compreendi.

Tudo se encaixou no lugar e eu vi o que elas escondiam. O que realmente acontecera a Thomas Cavill. Quem fora responsável por sua morte.

O hábito de Juniper de perder a memória após acontecimentos traumáticos; os episódios depois dos quais ela não conseguia se lembrar do que fizera; o incidente logo abafado em que o filho do

jardineiro fora ferido. Com crescente horror, lembrei-me também da carta que ela enviara à mãe, na qual mencionava seu único medo: que ela pudesse acabar como seu pai. E acabara.

– Não consigo me lembrar – continuava dizendo ela. – Não consigo me lembrar. – Seu rosto estava pateticamente confuso e, embora o que ela estivesse me dizendo fosse medonho, naquele momento eu queria apenas abraçá-la, libertá-la ainda que minimamente de um fardo terrível que ela carregava havia cinquenta anos. Ela murmurou outra vez: – Eu fiz uma coisa terrível, terrível. – E antes que eu pudesse dizer alguma coisa para acalmá-la, ela passou correndo por mim em direção à porta.

– Juniper – chamei-a. – Espere.

– Tom me ama – disse ela, como se o pensamento feliz tivesse acabado de lhe ocorrer. – Vou procurar por Tom. Ele deve chegar a qualquer momento.

E ela desapareceu no corredor escuro.

Joguei o pacote sobre a cama e a segui. Dobrei um corredor, ao longo de outro corredor curto, até atingir um pequeno patamar de onde partia uma escada. Uma rajada de vento cortante arremeteu-se de baixo para cima das escadas e eu compreendi que ela devia ter aberto uma porta; que ela planejava desaparecer na noite molhada e fria.

Após uma indecisão que durou uma fração de segundo, comecei a descer correndo as escadas, atrás dela. Eu não podia simplesmente abandoná-la na intempérie. Pelo que eu imaginava, ela pretendia seguir o caminho de entrada até à rodovia, procurando por Thomas Cavill. Cheguei ao pé das escadas e vi que havia uma porta para uma pequena antecâmara que ligava o castelo ao mundo exterior.

Ainda chovia intensamente, mas pude ver que se tratava de uma espécie de jardim. Não parecia haver muita coisa plantada naquela área, algumas estátuas estranhas pontilhavam aqui e ali, e todo o espaço estava cercado por densas sebes. Respirei fundo. Era o jardim que eu havia visto do sótão em minha primeira visita, o terreno quadrado, cercado, que Percy Blythe fizera questão de me dizer que não se tratava absolutamente de um jardim. E Percy tinha razão. Eu lera a respeito dele no diário de mãe. Aquele era o

cemitério de animais de estimação, o lugar que era tão especial para Juniper.

Juniper havia parado no centro do jardim, uma frágil velhinha em um vestido claro, fantasmagórico, encharcada e com uma expressão desvairada. E de repente fez sentido para mim o que Percy dissera anteriormente, sobre as tormentas piorarem o estado de agitação de Juniper. Houve uma tempestade naquela noite de 1941, exatamente como agora...

Era estranho, mas a tormenta pareceu acalmar-se ao seu redor enquanto permanecia lá parada. Fiquei paralisada por um curto espaço de tempo, antes de compreender que obviamente eu tinha de sair e trazê-la para dentro; que ela não podia ficar lá na chuva. Naquele instante, ouvi uma voz e vi Juniper olhar para sua direita. Percy Blythe surgiu de um portão na sebe, vestindo uma capa e galochas, aproximando-se da irmã caçula, chamando-a, dizendo-lhe para voltar para dentro. Ela estendeu os braços e Juniper lançou-se tropegamente em seu abraço.

Senti-me repentinamente como uma intrusa, uma estranha observando um momento pessoal. Virei-me para ir embora.

Havia alguém atrás de mim. Era Saffy, os cabelos escovados sobre os ombros. Estava enrolada em uma camisola e seu rosto refletia apenas um pedido de desculpas.

– Oh, Edith – disse ela –, sinto muito por tê-la perturbado.

– Juniper– comecei, gesticulando por cima do ombro, tentando explicar.

– Está tudo bem – disse ela, um sorriso bondoso no rosto. – Às vezes, ela sai sem rumo. Não há com que se preocupar. Percy vai trazê-la para dentro. Pode voltar para a cama agora.

Apressadamente, subi as escadas, percorri o corredor e entrei no meu quarto, fechando a porta cuidadosamente atrás de mim. Apoiei-me contra ela, recuperando o fôlego que continuava a me faltar. Acionei o interruptor da luz, na esperança de que a energia tivesse voltado, mas houve apenas um estalido plástico e nenhum reconfortante fluxo de luz.

Voltei para a cama na ponta dos pés, passei o misterioso embrulho para o chão e me enrolei no cobertor. Fiquei deitada com a

cabeça no travesseiro, ouvindo minha pulsação acelerada latejar nos ouvidos. Não pude deixar de repassar os detalhes da confissão de Juniper, sua confusão enquanto lutava para encaixar as peças de sua mente fragmentada, o abraço que compartilhara com Percy no cemitério de animais de estimação. E compreendi então por que Percy Blythe mentira para mim. Não tive a menor dúvida de que Thomas Cavill havia realmente morrido em uma tempestuosa noite de outubro de 1941, mas não fora Percy quem causara sua morte; ela estava apenas protegendo sua irmãzinha até o último instante.

O dia seguinte

DEVO TER DORMIDO FINALMENTE, porque, quando voltei a mim, uma luz fraca, nebulosa infiltrava-se pelas frestas das persianas. A tempestade passara, deixando apenas uma manhã cansada em seu lugar. Fiquei deitada por algum tempo, piscando para o teto, repassando os acontecimentos da noite anterior. À luz bem-vinda do dia, fiquei mais convencida do que nunca de que fora Juniper a responsável pela morte de Thomas. Era a única coisa que fazia sentido. Soube também que Percy e Saffy não queriam que ninguém jamais soubesse a verdade.

Saltei da cama e quase tropecei em uma caixa no chão. O presente de Juniper. Com tudo que acontecera, eu me esquecera completamente. Era da mesma forma e tamanho daquelas da coleção de Saffy na sala de documentos, e, quando a abri, havia um manuscrito dentro, mas não de Saffy. A capa dizia *Destino: Uma história de amor, de Meredith Baker, outubro de 1941.*



Todas nós havíamos dormido até mais tarde, e apesar de já estarmos no meio da manhã, a mesa do desjejum estava posta no salão amarelo quando eu descii e as três irmãs estavam sentadas, as gêmeas conversando como se nada de extraordinário tivesse acontecido à noite. E talvez não tivesse mesmo, talvez eu tivesse testemunhado apenas um único de muitos acessos. Saffy sorriu e me ofereceu uma xícara de chá. Agradei e olhei para Juniper, sentada inexpressivamente em uma cadeira de braços, nada da agitação da noite anterior visível em seu comportamento. Percy, achei, olhava-me um pouco mais atentamente do que o normal enquanto eu tomava meu chá, mas isso podia ser resultado de sua confissão, falsa ou não, no dia anterior.

Depois de me despedir das outras, ela me acompanhou até o hall de entrada e conversamos agradavelmente sobre assuntos triviais

até chegarmos à porta.

– Com relação ao que eu lhe contei ontem, srta. Burchill – disse ela, fincando sua bengala com firmeza no chão –, quero reiterar que se tratou de um acidente.

Ela estava me testando, percebi; esse era seu modo de verificar se eu ainda acreditava em sua história. Se Juniper havia me dito alguma coisa durante a noite. Esta era minha oportunidade de revelar o que eu ficara sabendo, perguntar-lhe diretamente quem havia de fato matado Thomas Cavill.

– Claro – disse. – Entendo perfeitamente.

De que adiantaria contar-lhe? Satisfazer minha própria curiosidade à custa da paz de espírito das irmãs? Eu não podia fazer isso.

Ela ficou visivelmente aliviada.

– Já sofri muito. Nunca quis que isso acontecesse.

– Eu sei. Sei que não. – Fiquei comovida com seu sentimento de dever fraternal, um amor tão forte que ela confessava um crime que não havia cometido. – Deve tirar isso de sua cabeça – disse, da forma mais delicada possível. – Não foi culpa sua.

Ela me olhou então com uma expressão que eu nunca vira antes, uma expressão que tenho dificuldade em descrever. Parte angústia, parte alívio, mas com sinais de mais alguma coisa misturada. No entanto, ela era Percy Blythe e não se deixava levar pelos sentimentos. Ela recompôs-se friamente e balançou a cabeça com energia.

– Não se esqueça de sua promessa, srta. Burchill. Estou confiando em você. Não sou do tipo que gosta de confiar na sorte.



O solo estava úmido, o céu estava branco e a paisagem inteira tinha o aspecto descorado de um rosto depois de um acesso histérico de raiva. Um pouco como eu imaginava que o meu próprio rosto devia parecer. Prossegui cautelosamente, com cuidado para não ser arrastada como um tronco pelo riacho abaixo, e, quando atingi a pousada, a sra. Bird já havia começado os preparativos para o almoço. O cheiro forte, espesso, de sopa pairava densamente no ar,

um prazer simples, mas enorme, para alguém que passara a noite na companhia dos fantasmas do castelo.

A própria sra. Bird estava pondo as mesas na sala principal e sua figura roliça, enrolada em um avental, era uma visão tão simples, tão reconfortante que me senti possuída por um forte desejo de abraçá-la. Eu o teria feito, na verdade, se não tivesse percebido que não estávamos sozinhas.

Havia mais alguém, outra hóspede, inclinada para frente para ver mais de perto as fotografias em preto e branco na parede.

Uma pessoa que me era muito familiar.

– Mamãe?

Ela ergueu os olhos e exibiu um sorriso hesitante.

– Olá, Edie.

– O que está fazendo aqui?

– Você disse que eu deveria vir. Quis fazer-lhe uma surpresa.

Não creio que jamais tenha me sentido tão feliz ou aliviada de ver uma pessoa em minha vida. Dei-lhe um forte abraço, em vez de abraçar a sra. Bird.

– Estou tão contente de você estar aqui.

Talvez minha veemência tenha sido exagerada, talvez eu a tenha mantido apertada em meus braços um pouco demais, porque ela pestanejou e perguntou:

– Está tudo bem, Edie?

Hesitei, enquanto os segredos que descobrira, as sombrias verdades que testemunhara, embaralhavam-se como cartas em minha mente. Em seguida, guardei-as e sorri.

– Estou bem, mamãe. Só um pouco cansada. Houve uma terrível tempestade ontem à noite.

– A sra. Bird estava me contando, ela disse que você ficou retida no castelo. – Houve apenas um leve tremor em sua voz. – Ainda bem que eu não viajei para cá à tarde como havia planejado.

– Chegou há muito tempo?

– Há uns vinte minutos apenas. Estava olhando estas fotos. – Apontou para uma fotografia próxima, uma das publicadas na *Country Life*, de 1910. Era da piscina circular quando ainda estava

em construção. – Aprendi a nadar nesta piscina – disse ela. – Quando morava no castelo.

Inclinei-me mais para perto para ler a anotação sob a foto: *Oliver Sykes, supervisionando a construção, mostra ao sr. e sra. Raymond Blythe o trabalho que está sendo feito em sua nova piscina.* Lá estava ele, o jovem e bonito arquiteto, o Homem de Lama que terminaria seus dias enterrado sob o fosso que estava restaurando. O toque da presciência passou pela minha pele e eu senti o peso do fardo de ter descoberto o segredo do destino daquele jovem. O pedido de Percy Blythe voltou para me assombrar: *Não se esqueça de sua promessa. Estou confiando em você.*

– Posso lhes servir o almoço? – perguntou a sra. Bird.

Desviei-me do rosto sorridente de Sykes.

– O que diz, mamãe? Deve estar com fome depois da viagem.

– Sopa está ótimo. Nós podemos nos sentar lá fora?



Sentamos a uma mesa de onde podíamos avistar o castelo; a sra. Bird dera a sugestão e, antes que eu pudesse protestar, mamãe corajosamente declarou-a perfeita. Enquanto os gansos da casa de fazenda permaneciam ocupados nas poças próximas, sempre esperançosos de que alguma migalha caísse por perto, mamãe começou a falar de seu passado. Do tempo que passara em Milderhurst, de como se sentira a respeito de Juniper, a paixonite que tivera pelo seu professor, sr. Cavill; finalmente, contou-me seus sonhos de ser uma jornalista.

– O que aconteceu, mamãe? – disse, passando manteiga no meu pão. – Por que mudou de ideia?

– Não mudei de ideia. Eu só... – Ela remexeu-se um pouco na cadeira de ferro branca que a sra. Bird secara com uma toalha. – Acho que eu só... No fim, eu não podia... – Ela franziu a testa diante de sua incapacidade de encontrar as palavras de que precisava, e depois continuou com renovada determinação: – Conhecer Juniper abriu uma porta para mim, e eu queria desesperadamente estar no outro lado. Sem ela, entretanto, eu não conseguia mantê-la aberta. Eu tentei, Edie, realmente tentei. Eu sonhava em ir para a

universidade, mas tantas escolas estavam fechadas em Londres durante a guerra, e por fim eu me candidatei ao cargo de datilógrafa. Sempre acreditei que seria temporário, que um dia eu seguiria em frente e faria o que pretendia. Mas quando a guerra terminou, eu tinha 18 anos e já passara a idade da escola. Eu não podia ir para a universidade sem o segundo grau.

– Então, você parou de escrever?

– Oh, não. – Desenhou a figura de um oito em sua sopa com a ponta da colher, girando, girando. – Não, não parei. Eu era bastante teimosa naquela época. Eu estava determinada e decidi que não ia deixar que questões menores me impedissem. – Ela sorriu levemente, sem erguer os olhos. – Eu iria escrever por conta própria, tornar-me uma grande jornalista.

Sorri também, incrivelmente satisfeita com sua descrição da intrépida jovem Meredith Baker.

– Iniciei um programa próprio, lendo tudo que podia encontrar na biblioteca, escrevendo artigos, resenhas, contos algumas vezes, e enviando-os às empresas.

– Alguma coisa foi publicada?

Ela remexeu-se timidamente na cadeira.

– Alguns trabalhos pequenos aqui e ali. Recebi cartas encorajadoras de editoras de grandes jornais, gentis, mas firmes, dizendo-me que eu precisava aprender mais sobre o estilo da casa. Então, em 1952, surgiu um emprego. – Mãe olhou para onde os gansos estavam abanando suas asas e algo mudou em sua postura, como se desinflasse um pouco. Deixou de lado sua colher. – O cargo era na BBC, para iniciante, mas exatamente o que eu queria.

– O que aconteceu?

– Economizei e comprei um costume elegante e uma bolsa de couro para me apresentar de acordo. Fiz um sermão a mim mesma sobre se sentir confiante, falar com clareza, não deixar os ombros arriarem. Mas... – ela inspecionou as costas das mãos, esfregou o polegar pelos nós dos dedos – houve uma mudança dos ônibus e, em vez de me levar para Broadcasting House, o motorista me deixou perto do Marble Arch. Corri quase todo o trajeto de volta, mas, quando cheguei ao topo da Regent Street, vi todas aquelas jovens

saindo alegremente do prédio, rindo e brincando, tão inteligentes e unidas, tão mais jovens do que eu, e parecendo saber todas as respostas para as questões da vida. – Varreu um farelo da mesa para o chão antes de me olhar nos olhos. – Então vi meu reflexo na vitrine de uma loja de departamentos, e eu parecia uma verdadeira fraude, Edie.

– Oh, mamãe.

– Uma fraude infame. Senti desprezo por mim mesma e tive vergonha de ter achado que eu podia pertencer àquele lugar. Acho que nunca me senti tão sozinha. Afastei-me da Portland Place e caminhei na direção oposta, as lágrimas escorrendo. Que figura eu devia estar parecendo. Senti-me tão desconsolada e com pena de mim mesma, até estranhos diziam-me para manter o queixo erguido, de modo que quando finalmente passei por um cinema, entrei para me esconder ali e sofrer em paz.

Lembrei-me do relato de papai sobre a jovem que chorara durante todo o filme.

– E você viu *The Holly and the Ivy*.

Mamãe balançou a cabeça, tirou um lenço de algum lugar e enxugou os olhos.

– E conheci seu pai. Ele me levou para tomar chá com bolo de pera.

– Seu favorito.

Ela sorriu através das lágrimas, enternecida com a lembrança.

– Ele ficava perguntando qual era o problema, e, quando eu lhe disse que o filme me fizera chorar, ele me olhou absolutamente incrédulo.

– Mas não é real – disse ele, enquanto pedia mais uma fatia de bolo. – É tudo inventado.

Nós duas rimos, então. Ela havia imitado papai perfeitamente.

– Ele era tão firme, Edie; tão sólido em sua percepção do mundo e de seu lugar nele. De uma maneira surpreendente. Eu nunca conhecera alguém assim. Ele não via as coisas, a menos que estivessem diante dele, não se preocupava com elas enquanto não aconteciam. Foi por isso que me apaixonei, por causa de sua segurança. Seus pés estavam solidamente plantados no aqui e

agora, e quando ele falava, eu me sentia cercada pela sua certeza. Felizmente ele viu alguma coisa em mim também. Pode não parecer emocionante, mas temos vivido muito bem juntos. Seu pai é um bom homem, Edie.

– Sei que é.

– Honesto, bom, confiável. Isso vale muito.

Concordei, e enquanto tomávamos nossa sopa, uma imagem de Percy Blythe me veio à mente. Ela era um pouco como papai nesse aspecto: o tipo de pessoa que passaria despercebida em meio a companhias mais esfuziantes, mas cuja robustez, resistência mesmo, era a base sobre a qual todas as demais pessoas podiam brilhar. Pensamentos do castelo e das irmãs Blythe me fizeram recordar de algo.

– Não acredito que esqueci! – disse, pegando minha bolsa e retirando dali o pacote que Juniper me dera naquela noite.

Mamãe deixou sua colher e limpou os dedos no guardanapo em seu colo.

– Um presente? Você nem sabia que eu viria.

– Não é meu.

– De quem, então?

Eu estava prestes a dizer “Abra e veja”, quando lembrei que a última vez que eu a presenteei com uma caixa de lembranças e disse a mesma coisa, o resultado não fora nada bom.

– De Juniper, mamãe.

Seus lábios se entreabriram e ela soltou um pequeno suspiro, manuseou a caixa, tentando abri-la.

– Que tonta que sou – disse ela, em uma voz que eu não reconheci. – Estou toda atrapalhada. – Finalmente a tampa saiu e ela levou a mão à boca, admirada. – Oh, meu Deus! – Pegou as folhas delicadas de um papel austero de dentro da caixa e segurou-as como se fossem as mais preciosas do mundo.

– Juniper pensou que eu era você – disse. – Ela estava guardando para você.

Os olhos de mamãe voltaram-se para o castelo na colina e ela sacudiu a cabeça, incrédula.

– Todo esse tempo...

Ela folheou as páginas datilografadas, lendo pequenos trechos aqui e ali, o sorriso trêmulo. Observei-a, satisfeita com o evidente prazer que o original de seu livro lhe dava. E havia outra coisa também. Uma mudança se apoderara dela, sutil, mas decisiva, conforme ela percebia que sua amiga não a havia esquecido: suas feições, os músculos do pescoço, até as omoplatas de seus ombros pareceram se enternecer. A atitude defensiva de uma vida inteira se desfez e eu pude vislumbrar a jovem em seu interior, como se ela tivesse acabado de acordar de um sono longo e profundo.

Eu disse delicadamente:

– E sua escrita, mamãe?

– Como assim?

– Sua escrita. Você não continuou?

– Oh, não. Desisti de tudo aquilo. – Ela torceu um pouco o nariz e sua expressão denotava um certo pedido de desculpas. – Imagino que isso soe muito covarde para você.

– Não, covarde não. – Continuei, cuidadosamente: – É apenas que, se alguma coisa lhe dava prazer, não compreendo por que você pararia.

O sol irrompera através das nuvens, refletindo nas poças e lançando uma camada de sombra mosqueada pelo rosto de mamãe. Ela reajustou os óculos, remexeu-se ligeiramente na cadeira e pressionou as mãos delicadamente no manuscrito.

– Foi uma grande parte do meu passado, de quem eu fui – disse ela. – Tudo se somou ao mesmo tempo. Minha angústia em achar que tinha sido abandonada por Juniper e Tom, a sensação de que eu tinha falhado comigo mesma ao perder a entrevista... acho que parei de sentir prazer com isso. Acomodei-me com seu pai e passei a me concentrar no futuro. – Ela olhou novamente para o manuscrito, segurou uma folha no alto e sorriu ligeiramente com o que estava escrito ali. – Mas *era* realmente um grande prazer – acrescentou ela. – Tomar algo abstrato, como um pensamento ou um sentimento ou um cheiro, e captá-lo no papel. Havia me esquecido do quanto eu gostava disso.

– Nunca é tarde demais para recomeçar.

– Edie, meu amor – ela sorriu afetuosamente por cima dos óculos –, estou com 65 anos. Não escrevi mais do que uma lista de compras nas últimas décadas. Acho que podemos afirmar que é tarde demais.

Eu sacudia a cabeça. Conhecia pessoas de todas as idades, todos os dias da minha vida profissional, que escreviam simplesmente porque não conseguiam se conter.

– Nunca é tarde demais, mamãe – disse outra vez, mas ela já não me ouvia. Sua atenção vagara por cima do meu ombro, de volta ao castelo. Ela fechou mais o casaco no peito.

– Sabe, é engraçado. Eu não sabia ao certo como me sentiria, mas, agora que estou aqui, não sei se posso voltar lá. Não sei se quero.

– Não quer?

– Eu tenho uma imagem em minha mente. Uma imagem muito feliz; não quero que isso mude.

Talvez ela achasse que eu iria tentar convencê-la do contrário, mas não o fiz. Eu não podia. O castelo era um lugar triste agora, desbotado e deteriorado, um pouco como suas três habitantes.

– Posso compreender isso – disse. – Tudo está com uma aparência decadente.

– Você *parece* cansada, Edie. – Ela franziu o cenho para o meu rosto como se somente agora tivesse notado.

Quando ela disse isso, comecei a bocejar.

– Bem, foi realmente uma noite cheia de acontecimentos. Não dormi muito.

– Sim, a sra. Bird mencionou que houve uma tempestade; estou perfeitamente satisfeita em passear pelo jardim. Tenho muita coisa para me manter ocupada. – Mamãe manuseou a borda de seu manuscrito. – Por que você não vai descansar um pouco?



Eu estava no meio do primeiro lance de escadas quando a sra. Bird me chamou. Parada no patamar seguinte, sacudindo alguma coisa por cima da balaustrada e perguntando se eu tinha um minuto. Ela

estava tão ansiosa que, apesar de eu ter concordado, não pude deixar de sentir uma certa apreensão.

– Tenho uma coisa para lhe mostrar – disse ela, lançando um olhar por cima do ombro. – É um segredo.

Após as 24 horas que eu tivera, isso não me empolgou.

Ela enfiou um envelope acinzentado em minhas mãos quando a alcancei e disse, fingindo sussurrar:

– É uma das cartas.

– Que cartas? – Eu tinha visto várias nos últimos meses.

Ela olhou para mim como se eu tivesse esquecido o dia da semana. O que, por falar nisso, eu tinha.

– As cartas de que eu lhe falei, é claro, as cartas de amor enviadas a mamãe por Raymond Blythe.

– Oh! Essas cartas.

Ela balançou a cabeça ansiosamente e o relógio cuco pendurado na parede atrás dela escolheu esse exato instante para soltar seu par de camundongos dançantes. Esperamos a música acabar, e então eu disse:

– Quer que eu dê uma olhada?

– Não precisa ler – disse a sra. Bird –, caso não se sinta à vontade. É que algo que você disse na outra noite me fez pensar.

– Que eu disse?

– Você disse que ia ver os cadernos de notas de Raymond Blythe e me ocorreu que você provavelmente tem uma boa ideia agora de como é a caligrafia dele. – Ela respirou fundo e depois disse apressadamente: – Eu fiquei pensando, isto é, eu esperava...

– Que eu pudesse dar uma olhada e lhe dizer.

– Exatamente.

– Claro, eu acho que...

– Excelente! – Ela bateu palmas de leve sob o queixo enquanto eu tirava a folha de papel de dentro do envelope.

Soube no mesmo instante que eu iria desapontá-la, que a carta não havia sido absolutamente escrita por Raymond Blythe. Lendo seu caderno de notas tão cuidadosamente, eu me familiarizara com sua caligrafia inclinada, as longas e floreadas hastes das letras

quando escrevia G ou J, o distinto R que usava para assinar seu nome. Não, esta carta fora escrita por outra pessoa:

Lucy, meu amor, minha vida, minha amada,

Eu já lhe contei como eu me apaixonei? Que aconteceu no primeiro instante em que a vi? Algo na sua postura, na maneira de colocar os ombros, nos fios de cabelo que haviam se soltado e roçavam sua nuca; eu me entreguei a você.

Pensei no que você disse na última vez em que nos encontramos. Quase não pensei em outra coisa. Pergunto-me se talvez você tenha razão, que não se trata de mero capricho. Que devemos simplesmente esquecer tudo e todos e ir embora para bem longe.

Não li o resto. Saltei os parágrafos seguintes e cheguei à inicial única, exatamente como a sra. Bird havia dito. Mas, quando a olhei com atenção, variáveis foram se deslocando aos poucos e muitos fatos se alinharam. Eu já vira a caligrafia desta pessoa antes.

Eu sabia quem escrevera a carta e eu sabia quem Lucy Middleton havia amado acima de todas as outras pessoas. A sra. Bird tinha razão – era um amor que afrontava as convenções sociais –, mas não fora entre Raymond e Lucy. Não era um R no final daquelas cartas, era um P, escrito com uma grafia antiquada, de modo que uma pequena haste emergia da curva da letra. Fácil de confundir com um R, especialmente se é isto que se está procurando.

– É linda – disse, tropeçando nas palavras porque me senti perdida repentinamente, pensando naquelas duas jovens mulheres e na longa vida que haviam vivido em separado.

– Tão triste, não acha? – Ela suspirou, enfiando a carta de volta dentro do bolso, e em seguida olhando para mim esperançosamente. – Uma carta tão lindamente escrita.



Depois de finalmente ter conseguido me livrar da sra. Bird, tendo sido tão evasiva quanto possível, parti diretamente para meu quarto e deixei-me cair de lado, atravessada na cama. Fechei os olhos e tentei relaxar a mente, mas não conseguia. Meus pensamentos continuavam presos ao castelo. Não consegui parar de pensar em

Percy Blythe, que amara tanto e há tanto tempo; que as pessoas consideravam fria e severa; que passara a maior parte da vida guardando um terrível segredo para proteger a irmã caçula.

Percy me contara sobre Oliver Sykes e Thomas Cavill com a condição de que eu fizesse "a coisa certa". Ela falara muito sobre as datas de começo e encerramento da vida das pessoas, mas o que eu não conseguia entender era por que ela precisara me contar, o que ela queria que eu fizesse com essa informação que ela própria não poderia fazer. Eu estava cansada demais esta tarde. Precisava dormir e depois esperava passar a noite com minha mãe. Assim, decidi visitar o castelo na manhã seguinte, para ver Percy Blythe uma última vez.

E no final

SÓ QUE NUNCA TIVE A CHANCE. Depois de jantar com minha mãe, adormeci profunda e rapidamente, mas pouco depois da meia-noite acordei com um sobressalto. Permaneci deitada por um instante em minha cama na pousada, imaginando por que despertara, se fora alguma coisa que ouvi, algum som noturno que depois desapareceu ou se de alguma forma eu acordara com um sonho. Uma coisa eu sabia com certeza, o modo repentino como eu acordara não parecia nem de longe tão assustador quanto na noite anterior. Desta vez, eu não sentia que houvesse alguém no quarto comigo, e não consegui ouvir mais nada. No entanto, aquela atração da qual falei, a conexão que eu sentia com o castelo, me puxava. Saí da cama e me dirigi à janela, abri as cortinas. Foi quando eu vi. O choque fez meus joelhos cederem e senti frio e calor ao mesmo tempo. Onde o castelo escuro deveria estar, tudo estava iluminado: labaredas cor de laranja lambendo o céu baixo e pesado.

O incêndio no castelo Middlehurst ardeu durante a maior parte da noite. Quando chamei os bombeiros, eles já estavam a caminho, mas pouco puderam fazer. O castelo podia ser de pedra, mas havia muita madeira no interior, todos aqueles painéis de carvalho, as escoras, as portas, os milhões de folhas de papel. Como Percy Blythe advertira, uma fagulha e tudo iria pelos ares.

As velhas senhoras em seu interior não tiveram a menor chance; assim disse um dos bombeiros na manhã seguinte, no café da manhã que a sra. Bird forneceu. As três estavam sentadas juntas, disse ele, em uma sala no primeiro andar.

– Parecia que tinham sido pegas de surpresa enquanto cochilavam junto à lareira.

– Foi lá que o fogo começou? – perguntou a sra. Bird. – Uma fagulha da lareira, exatamente como aconteceu com a mãe das gêmeas. – Ela sacudiu a cabeça, perplexa com a trágica semelhança.

– É difícil dizer – continuou o bombeiro, antes de fornecer mais detalhes. – Pode ter sido qualquer coisa, na verdade. Uma brasa que se soltou da lareira, um cigarro esquecido, uma falha elétrica. Os fios nesses lugares geralmente são mais velhos do que eu.



A polícia ou o corpo de bombeiros, não sei qual, colocara barreiras ao redor da área externa do castelo fumegante, mas eu conhecia o jardim bastante bem a esta altura e pude subir por trás. Era medonho, talvez, mas eu precisava ver mais de perto. Eu conhecera as irmãs Blythe apenas brevemente, mas passara a sentir uma ligação tão forte com suas histórias, seu mundo que acordar e encontrar tudo transformado em cinzas provocou em mim um sentimento de profunda perda. Era a perda das irmãs, é claro, e de seu castelo, mas também era algo mais. Eu estava dominada por uma sensação de ter sido deixada para trás. Que uma porta tão recentemente aberta para mim se fechara outra vez, rápida e completamente, e eu nunca mais a atravessaria de novo.

Fiquei parada por algum tempo, absorvendo a concha oca e enegrecida, lembrando-me de minha primeira visita, tantos meses atrás, a sensação de expectativa enquanto me aproximava, passava pela piscina circular, em direção ao castelo. Tudo que ficara sabendo desde então.

Seledreorig... A palavra veio à minha mente como um sussurro. Tristeza pela falta de uma casa. Uma pequena pedra do castelo jazia solta no chão aos meus pés. Isso me deixou ainda mais triste. Era apenas uma pedra. As Blythe não existiam mais e suas horas distantes haviam silenciado.

– Não acredito que tenha acabado.

Virei-me e vi um jovem de cabelos escuros parado ao meu lado.

– Eu sei – disse. – Com centenas de anos e destruído em poucas horas.

– Ouvei no rádio hoje de manhã e tinha de vir, ver por mim mesmo. Esperava encontrá-la também.

Talvez eu tenha parecido surpresa, porque ele estendeu a mão e disse:

– Adam Gilbert.

O nome deveria ter significado alguma coisa, e significava: um sujeito de meia-idade, de tweed, em uma antiga cadeira de escritório.

– Edie – consegui dizer. – Edie Burchill.

– Achei que fosse. A mesma Edie que roubou meu trabalho.

Ele estava brincando e eu precisava de uma réplica igualmente espirituosa. Mas, em vez disso, comecei a balbuciar de modo incoerente:

– Seu joelho... Sua enfermeira... Pensei...

– Tudo vai bem agora. Ou quase. – Ele indicou a bengala na outra mão. – Acreditaria em um incidente de escalada? – Um sorriso enviesado. – Não? Oh, está bem. Tropecei em uma pilha de livros na biblioteca e estilhacei o joelho. Os perigos da vida de um escritor. – Fez um sinal com a cabeça na direção da casa de fazenda da pousada. – Está voltando?

Um último olhar ao castelo e eu balancei a cabeça.

– Posso acompanhá-la?

– Claro.

Caminhamos por algum tempo, devagar devido à bengala de Adam, conversando sobre nossas lembranças do castelo e as irmãs Blythe, nossa paixão mútua pelo *Homem de Lama* quando éramos crianças. Quando alcançamos o campo que levava para a casa de fazenda, ele parou. Fiz o mesmo.

– Meu Deus, sinto-me grosseiro por lhe perguntar isso agora – disse ele, gesticulando para o distante castelo fumegante. – No entanto... – Ele parecia ouvir alguma coisa que eu não estava ouvindo. Balançou a cabeça. – Sim, parece que vou lhe perguntar de qualquer forma. A sra. Button me deu seu recado quando cheguei em casa ontem à noite. É verdade? Descobriu alguma coisa sobre as origens do *Homem de Lama*?

Ele possuía amáveis olhos castanhos, o que tornava difícil para mim olhar para eles e mentir. Então, não o fiz. Olhei para sua testa, em vez disso.

– Não – disse –, infelizmente não. Foi um alarme falso.

Ele ergueu a mão espalmada no ar e suspirou:

– Ah, bem. Então, a verdade morre com elas, imagino. Há uma certa poesia nisso. Nós precisamos de nossos mistérios, não acha?

Eu achava, mas, antes que pudesse dizer isso, algo chamou minha atenção, lá na pousada.

– Pode me dar licença um minuto? – disse. – Preciso fazer uma coisa.



Não sei ao certo o que o inspetor-chefe Rawlins pensou quando viu uma mulher exausta, com os cabelos desgrenhados, correndo pelo campo em sua direção, e ainda menos quando comecei a lhe contar minha história. Posso dizer a seu favor que ele conseguiu manter uma expressão extraordinariamente impassível quando sugeri durante a mesa do café da manhã que ele talvez devesse ampliar sua investigação, que eu sabia de fonte fidedigna que os restos mortais de dois corpos jaziam enterrados na terra ao redor do castelo. Ele apenas diminuiu em uma fração o giro de sua colher de chá na xícara e disse:

– Dois homens, hein? Suponho que não saiba seus nomes.

– Na verdade, sei sim. Um chamava-se Oliver Sykes, o outro, Thomas Cavill. Sykes morreu no incêndio de 1910 que matou Muriel Blythe, e Thomas morreu acidentalmente durante uma tempestade em outubro de 1941.

– Compreendo. – Ele afastou um inseto que voava perto de sua orelha, sem tirar os olhos dos meus.

– Sykes está enterrado no lado oeste, onde o antigo fosso ficava.

– E o outro?

Lembrei-me da noite da tempestade, da terrível corrida de Juniper pelos corredores até o jardim, Percy sabendo exatamente onde encontrá-la.

– Thomas Cavill está no cemitério de animais de estimação – disse. – Bem no centro, perto da lápide marcada Emerson.

Uma lenta avaliação enquanto ele bebericava seu chá e depois acrescentava meia colher de açúcar. Fitou-me com os olhos ligeiramente apertados enquanto mexia o chá outra vez.

– Se verificar os registros – continuei –, verá que Thomas Cavill foi considerado desaparecido e que a morte de nenhum dos dois homens jamais foi registrada. – E uma pessoa precisa de suas duas datas, como Percy Blythe havia me dito. Não era suficiente ter apenas a primeira. Uma pessoa sem o parêntese de fechamento jamais poderia descansar em paz.



Resolvi não escrever o prefácio para a edição da Pippin Books do *Homem de Lama*. Expliquei a Judith Waterman que eu tinha um conflito de agendamento, que eu mal tivera a chance de encontrar as irmãs Blythe de qualquer modo antes do incêndio. Ela disse que compreendia, que tinha certeza de que Adam Gilbert ficaria feliz em retomar de onde tinha parado. Tive de concordar que fazia sentido: fora ele quem compilara toda a pesquisa.

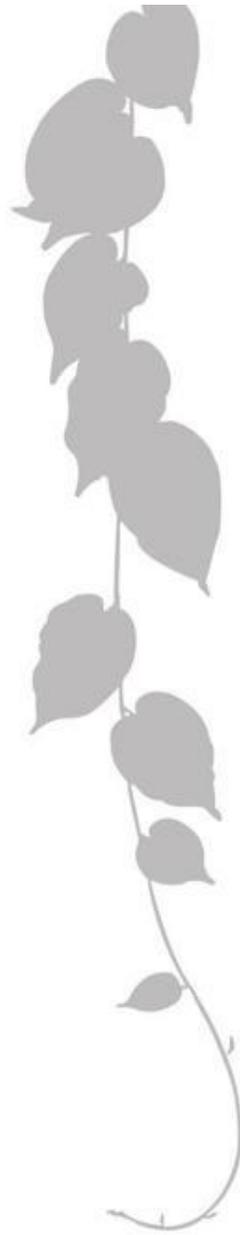
E eu não poderia ter escrito a introdução. Eu conhecia a resposta a um enigma que havia atormentado os críticos literários por 75 anos, mas não podia compartilhá-la com o mundo. Fazê-lo seria cometer uma enorme traição contra Percy Blythe. “Essa é uma história de família”, dissera ela, antes de perguntar se podia confiar em mim. Também teria me tornado responsável por revelar uma história triste e sórdida que mancharia o romance para sempre. O livro que fizera de mim uma leitora.

Escrever qualquer outra coisa, entretanto, dar uma nova roupagem aos mesmos relatos antigos sobre as misteriosas origens do livro, teria sido uma terrível fraude. Além do mais, Percy Blythe me contratara sob um pretexto falso. Ela não me requisitou para escrever o prefácio, mas para corrigir os registros oficiais. E eu fiz isso. Rawlins e seus homens ampliaram a investigação do incêndio e dois corpos foram encontrados no terreno do castelo, exatamente onde eu dissera que estariam. Theo Cavill finalmente ficou sabendo o que acontecera a seu irmão, Tom: que ele havia morrido em uma noite de tempestade no castelo Milderhurst, durante a guerra.

O inspetor-chefe Rawlins pressionou-me para contar mais detalhes que eu pudesse saber, mas eu não lhe contei mais nada. E era verdade, eu não *sabia* mais nada. Percy me dissera uma coisa,

Juniper outra. Acredito que Percy esteve dando cobertura a sua irmã, mas eu não podia provar isso. E, de qualquer maneira, eu não iria contar. A verdade morrera com as três irmãs e se as pedras dos alicerces do castelo ainda sussurrassem sobre o que acontecera naquela noite em outubro de 1941, eu não poderia ouvi-las. Eu não queria ouvi-las. Não mais. Era hora de eu voltar para a minha própria vida.

Parte cinco



Castelo Milderhurst, 29 de outubro de 1941

A TEMPESTADE QUE VIERA do Mar do Norte na tarde do dia 29 de outubro de 1941 havia roncado e ribombado, engrossado e encrespado, antes de finalmente se estabelecer sobre a torre do castelo Milderhurst. As primeiras e relutantes gotas de chuva irromperam das nuvens ao anoitecer e muitas outras se seguiriam antes da noite acabar. Era uma tempestade insidiosa, o tipo de chuva que se abstém do fragor em favor da constância; hora após hora, inexoravelmente, grandes gotas martelavam, escorriam das telhas e se despejavam como uma catarata dos beirais do castelo. O riacho Roving começou a encher, o lago escuro no bosque Cardarker ficou ainda mais escuro, e a saia de solo macio ao redor do castelo, um pouco mais baixa do que o terreno mais adiante, tornou-se encharcada, armazenando água de modo que uma sombra do antigo fosso surgiu na escuridão. Mas as gêmeas dentro de casa não viam nada disso, sabiam apenas que, após horas de ansiosa espera, finalmente houve uma batida na porta do castelo.



Saffy chegou lá primeiro, colocou a mão no batente e enfiou a chave de bronze na fechadura. O ajuste era apertado, sempre fora, e ela esforçou-se por um instante; notou que suas mãos estavam trêmulas, que seu esmalte estava descascado e sua pele parecia velha; então, o mecanismo cedeu, a porta se abriu e tais pensamentos voaram para longe na noite escura, molhada, pois ali estava Juniper.

– Querida. – Saffy teve vontade de chorar ao ver sua irmã caçula a salvo e finalmente em casa. – Graças a Deus! Sentimos tanto a sua falta!

– Perdi minha chave – disse Juniper. – Sinto muito. – Apesar da capa de adulto, o corte de cabelo de adulto revelado sob o chapéu, Juniper parecia tão criança na penumbra do vão da porta que Saffy não pôde deixar de tomar o rosto da irmã entre as mãos e plantar um beijo em sua testa como costumava fazer quando June era pequena.

– Não tem importância – disse ela, gesticulando para Percy, cujo humor soturno se retraíra para dentro das pedras. – Estamos tão contentes de ver você em casa, sã e salva. Deixe-me olhar para você. – Segurou sua irmã a distância de seus braços estendidos e seu peito se inflou com uma onda de alegria e alívio que ela sabia que seria impossível exprimir com palavras; em vez disso, puxou Juniper para dentro de seus braços. – Quando você estava tão atrasada, começamos a nos preocupar...

– O ônibus. Fomos parados, houve uma espécie de... incidente.

– Um incidente? – Saffy deu um passo para trás.

– Algo a ver com o ônibus. Um bloqueio na estrada, eu acho; não estou bem certa... – Ela sorriu e encolheu os ombros, deixando a frase definhando, mas um fio de perplexidade repuxou rapidamente suas feições. Foi apenas uma breve mudança, mas foi o suficiente; as palavras não proferidas ecoaram no aposento tão claramente quanto se ela as houvesse dito. *Não consigo me lembrar.* Quatro palavras simples, inocentes quando pronunciadas por qualquer outra pessoa que não Juniper. A aflição caiu como um peso no estômago de Saffy. Ela relanceou o olhar para Percy; notou a mesma e conhecida ansiedade recair sobre ela também.

– Bem, vamos entrar – disse Percy reanimando o sorriso. – Não precisamos ficar aqui no mau tempo.

– Sim! – Saffy imitou a animação da irmã gêmea. – Pobre querida; vai pegar um resfriado se não tomar cuidado. Percy, vá lá embaixo, sim?, e traga uma bolsa de água quente.

Quando Percy desaparecia pelo corredor escuro em direção à cozinha, Juniper virou-se para Saffy, segurou-a pelo pulso e perguntou:

– Tom?

– Ainda não.

Sua expressão se desfez.

– Mas já é tarde. *Eu* estou atrasada.

– Eu sei, querida.

– O que pode estar atrasando-o?

– A guerra, querida, a culpa é da guerra. Venha sentar-se junto à lareira. Vou preparar um excelente drinque para você e ele já vai chegar, você vai ver.

Chegaram ao salão principal e Saffy permitiu-se um instante de satisfação com o bonito cenário, antes de conduzir Juniper ao tapete junto à lareira. Atiçou o pedaço de lenha mais grosso enquanto sua irmã tirava uma cigarreira do bolso de seu casaco.

O fogo soltou faíscas e Saffy encolheu-se. Endireitou-se, devolveu o atiçador ao seu lugar e limpou as mãos, apesar de não haver nada nelas para limpar. Juniper acendeu um fósforo, tragou o cigarro com força.

– Seus cabelos – disse Saffy suavemente.

– Mandei cortar. – A mão de qualquer outra pessoa teria sido levada à nuca, mas não a de Juniper.

– Bem, eu gosto.

Sorriram uma para a outra; Juniper um pouco nervosamente, pareceu a Saffy. Embora, naturalmente, isso não fizesse nenhum sentido; Juniper nunca ficava nervosa. Saffy fingiu não observar enquanto a irmã passava um dos braços pela cintura e continuava a fumar.

Londres, Saffy queria dizer, você esteve em Londres! Conte-me sobre isso; pinte cenários com palavras, de modo que eu possa ver e conhecer tudo que você faz. Você dançou? Sentou-se à margem do Serpentine? Você se apaixonou? As perguntas se alinhavam, uma atrás da outra, implorando para serem proferidas, e, no entanto, ela não disse nada. Em vez disso, ficou parada como uma tola, enquanto o fogo da lareira aquecia seu rosto e os minutos se passavam. Era ridículo, ela sabia; Percy voltaria a qualquer instante e a oportunidade de falar a sós com Juniper teria passado. Ela devia simplesmente ir direto ao assunto, exigir respostas: *Conte-me tudo a respeito dele, querida; fale-me de Tom, sobre seus planos.* Esta era a Juniper, afinal de contas, sua irmã, sua irmãzinha querida. Não

havia nada sobre o qual não pudessem conversar. Ainda assim. Saffy pensou nas anotações do caderno de Juniper e suas faces ruborizaram.

– Ora – disse ela –, que tolice a minha! Deixe-me pegar seu casaco.

Assumiu a posição atrás da irmã como uma criada o faria, ajudou a tirar um braço primeiro, depois, quando Juniper mudou o cigarro de mão, o outro; deslizou o casaco marrom dos ombros delgados e levou-o para a cadeira embaixo do Constable. Não era o ideal deixá-lo pingando no chão, mas não havia tempo para mais nada. Agitou-se um pouco, alisando o tecido, notando a costura da bainha, enquanto se admirava com sua própria reticência. Censurou-se por deixar perguntas comuns de família morrerem em sua língua, como se a jovem parada diante da lareira fosse uma estranha. Era Juniper, pelo amor de Deus; finalmente em casa, e provavelmente com um segredo muito importante na manga.

– Sua carta – arriscou Saffy, alisando a gola do casaco; imaginando vagamente, à maneira vaga e aleatória do pensamento, onde sua irmã teria comprado aquela peça. – Sua carta mais recente.

– Sim?

Juniper se agachara diante do fogo como gostava de fazer quando era criança e não virou sequer a cabeça. Saffy compreendeu com um baque que sua irmã não iria facilitar as coisas. Hesitou, preparou-se, depois a batida de uma porta distante a fez lembrar de que seu tempo escoava.

– Por favor, Juniper – disse ela, aproximando-se depressa da irmã.

– Fale-me de Tom; conte-me tudo, querida.

– De Tom?

– É que eu não pude deixar de me perguntar se havia algo entre vocês, algo mais sério do que você sugeriu em sua carta.

Uma pausa, silêncio, enquanto as paredes esforçavam-se para ouvir.

Então, houve um pequeno ruído da garganta de Juniper, um suspiro.

– Eu queria esperar – disse ela. – Nós resolvemos esperar até estarmos juntos.

– Esperar? – O coração de Saffy tremulou como o de um passarinho capturado. – Não entendo bem o que quer dizer, querida.

– Tom e eu. – Juniper tragou o cigarro com força e depois apoiou a face contra a base da mão. Enquanto exalava a fumaça, disse: – Tom e eu vamos nos casar. Ele me pediu e eu aceitei, e, oh, Saffy – pela primeira vez ela olhou para trás para encontrar o olhar de sua irmã –, eu o amo. Não posso viver sem ele. Não vou.

Apesar das notícias em si serem exatamente como Saffy esperava, ela ficou abalada com a veemência da confissão. A velocidade com que fora feita, a energia, as repercussões.

– Bem – disse ela, dirigindo-se à mesa de bebidas, lembrando-se de sorrir –, que maravilha, querida; então, esta noite é uma comemoração.

– Você não vai contar a Percy, não é? Não até...

– Não. Não, claro que não. – Saffy tirou a tampa do uísque.

– Não sei como ela vai... Você me ajuda? Me ajuda a fazê-la ver?

– Sabe que sim. – Saffy concentrou-se nos drinques que estava servindo. Era verdade. Faria tudo que estivesse ao seu alcance, não havia nada que ela não fizesse por Juniper. Mas Percy jamais iria aceitar. O testamento de seu pai era claro. Se Juniper se casasse, elas perderiam o castelo. O amor de Percy, sua vida, a verdadeira razão...

Juniper fitava o fogo com a testa franzida.

– Ela vai ceder, não vai?

– Sim – mentiu Saffy, e esvaziou seu copo. Encheu-o outra vez.

– Sei o que isso significa, eu realmente sei, e lamento muito; quisera que papai nunca tivesse feito o que fez. Eu nunca quis nada disso. – Juniper gesticulou para as paredes de pedra. – Mas meu coração, Saffy. Meu coração.

Saffy entregou um copo a Juniper.

– Tome, querida, beba um. – Levou a outra mão à boca quando sua irmã se levantou e virou-se para pegar o copo.

– O que é isso?

Não conseguia falar.

– Saffy?

– Sua blusa – conseguiu gaguejar – está...

– É nova.

Saffy balançou a cabeça. Era um truque da luz, nada além disso. Tomou sua irmã pela mão e puxou-a rapidamente na direção da luz.

Então, se curvou.

Era inconfundível. Sangue. Saffy forçou-se a não entrar em pânico; disse a si mesma que não havia nada a temer, ainda não, que precisavam manter a calma. Buscou as palavras certas para dizer isso, mas, antes de encontrá-las, Juniper havia seguido seu olhar.

Ela puxou o tecido de sua blusa, franziu a testa por um instante e depois gritou. Começou a esfregar freneticamente a blusa. Recuou um passo como se assim pudesse fugir ao horror que sentia.

– Shhh – disse Saffy, abanando a mão. – Calma, querida. Não tenha medo. – Mas Saffy podia sentir o gosto de seu próprio pânico, seu companheiro invisível. – Deixe-me dar uma olhada em você. Deixe Saffy dar uma olhada.

Juniper ficou inerte, e Saffy abriu os botões, os dedos trêmulos. Abriu a blusa, correu as pontas dos dedos pela pele macia da irmã – como cuidava de Juniper quando criança – examinando seu peito, os lados do torso, seu estômago, à procura de ferimentos. Soltou um grande suspiro de alívio quando não encontrou nada.

– Você está bem.

– Mas de quem – disse Juniper. – De quem? – Ela tremia. – De onde veio isso, Saffy?

– Você não se lembra?

Juniper sacudiu a cabeça.

– Absolutamente nada?

Juniper batia os dentes; sacudiu a cabeça outra vez.

Saffy falou calmamente, suavemente, como se falasse com uma criança:

– Querida, você acha que teve um lapso de memória?

O medo iluminou os olhos de Juniper.

– Sua cabeça está doendo? Seus dedos... estão dormentes?

Juniper balançou a cabeça devagar.

– Está bem. – Saffy sorriu da melhor maneira que conseguiu; ajudou Juniper a despir a blusa manchada e em seguida passou o braço pelos ombros da irmã, quase chorou de temor, amor e angústia quando sentiu os ossos delgados sob seu braço. Elas deviam ter ido a Londres, Percy devia ter ido e trazido June de volta. – Está tudo bem – disse ela com firmeza –, você está em casa agora. Tudo vai dar certo.

Juniper não disse nada; seu olhar parecia vidrado.

Saffy olhou para a porta; Percy saberia o que fazer. Percy sempre sabia o que fazer. Continuou repetindo “Shhh, shhh”, porém mais para si mesma do que para Juniper, que já não ouvia mais.

Sentaram-se juntas na ponta da *chaise-longue* e esperaram. O fogo crepitava na lareira, o vento precipitava-se pelos corredores e a chuva açoitava as janelas. Parecia que cem anos haviam se passado. Então, Percy apareceu à porta. Ela estivera correndo e segurava a bolsa de água quente na mão.

– Achei ter ouvido um grito. – Parou; registrou o estado semidespido de Juniper. – O que foi? O que aconteceu?

Saffy apontou para a blusa manchada de sangue e disse, com sinistra animação:

– Venha ajudar-me, Perce. Juniper viajou o dia inteiro e achei que devíamos preparar um ótimo banho quente para ela.

Percy assentiu soturnamente e, uma de cada lado, as duas ajudaram a irmã mais nova em direção à porta.

A sala aquietou-se em torno de sua ausência; as pedras começaram a sussurrar.

A persiana com defeito soltou-se de sua dobradiça, mas ninguém a viu cair.



– Ela está dormindo?

– Está.

Percy soltou um suspiro de alívio e deu um passo mais para dentro do quarto do sótão para observar a irmã caçula onde estava deitada. Parou ao lado da cadeira de Saffy.

– Ela lhe contou alguma coisa?

– Não muito. Lembrava-se de estar no trem e depois no ônibus, que o ônibus parou e ela estava agachada à beira da estrada; quando viu, estava subindo o caminho de entrada, quase chegando à porta, os braços e pernas formigando. Do jeito que ficam... você sabe, depois.

Percy sabia. Estendeu o braço e correu as costas de dois dedos pela linha dos cabelos de Juniper, em direção à sua face. Sua irmãzinha parecia tão pequena, tão desamparada e inofensiva quando estava dormindo.

– Não a acorde.

– Não há muito perigo de isso acontecer. – Percy indicou o frasco das pílulas de seu pai ao lado da cama.

– Você trocou de roupa – disse Saffy, puxando de leve a perna da calça de Percy.

– Sim.

– Vai sair.

Percy assentiu com um curto sinal da cabeça. Se Juniper saíra do ônibus e ainda achava o caminho de casa, isso significava, provavelmente, que o que quer que tenha causado o lapso de memória, que era responsável pelo sangue em sua roupa, acontecera perto de casa. O que significava que Percy tinha de verificar imediatamente; levar a lanterna, descer o caminho de entrada e ver o que podia encontrar. Ela se recusava a especular o que poderia ser; sabia apenas que era seu dever removê-lo. Na verdade, estava satisfeita com a tarefa. Um objetivo concreto e definido a ajudaria a manter o pavor ao largo; parar sua imaginação de correr à frente, sem peias. A situação já era bastante perturbadora sem isso. Baixou os olhos para a cabeça de Saffy, os bonitos cachos, e franziu a testa.

– Prometa-me que fará alguma coisa enquanto eu estiver fora – disse ela –, algo além de ficar aqui sentada, se preocupando.

– Mas, Perce...

– Estou falando sério, Saffy. Ela vai ficar apagada durante horas. Vá lá para baixo; escreva um pouco. Mantenha a mente ocupada. Não precisamos de pânico.

Saffy estendeu a mão para entrelaçar seus dedos aos de Percy.

– E você tome cuidado com o sr. Potts. Mantenha a lanterna baixa. Sabe como ele pensa a respeito do blackout.

– Pode deixar.

– Os alemães também, Perce. Tome cuidado.

Percy recolheu a mão; suavizou o fato enfiando as duas nos bolsos e respondendo ironicamente:

– Em uma noite como esta? Se tiverem bom senso, estarão todos em casa, embaixo das cobertas.

Saffy tentou sorrir, mas não conseguiu. Ninguém poderia censurá-la. O quarto estava apinhado de antigos fantasmas. Percy reprimiu um tremor e dirigiu-se para a porta, dizendo:

– Certo, bem, eu...

– Lembra-se de quando dormíamos aqui, Perce?

Percy parou; procurou nos bolsos o cigarro que havia enrolado antes.

– Vagamente.

– Era bom, não era? Nós duas.

– Pelo que eu me lembro, você mal podia esperar para ir lá para baixo.

Saffy sorriu então, mas um sorriso carregado de tristeza. Evitou o olhar de Percy, manteve os olhos em Juniper.

– Eu estava sempre apressada. Para crescer. Para ir embora.

O peito de Percy doeu. Enrijeceu-se contra a força do sentimento. Não queria se lembrar da jovem que sua irmã gêmea fora, antes de seu pai domá-la, quando tinha talento, sonhos e toda a oportunidade de realizá-los. Não agora. Não mais, se dependesse dela. Doía muito.

No bolso de sua calça estavam os pedaços de papel rasgado que ela encontrara por mero acaso na cozinha enquanto preparava a bolsa de água quente. Estava procurando fósforos, levantou a tampa de uma caçarola na bancada e lá estavam eles: os fragmentos da carta de Emily. Ainda bem que os encontrara. A última coisa que precisavam era perder Saffy para seu antigo desespero. Percy os levaria para baixo agora, os queimaria antes de sair.

– Já estou indo, Saff...

– Acho que Juniper vai nos deixar.

– O quê?

– Acho que ela planeja ir embora.

O que faria sua irmã gêmea dizer tal coisa? E por que agora, por que esta noite? O pulso de Percy começou a acelerar.

– Você lhe perguntou a respeito dele?

A hesitação de Saffy foi longa o suficiente para Percy compreender o que ela perguntara.

– Ela pretende se casar?

– Diz que está apaixonada – falou Saffy com um suspiro.

– Mas não está.

– Ela acredita que está, Perce.

– Você está enganada. – Percy ergueu o queixo. – Ela não se casaria. Não vai se casar. Ela sabe o que papai fez, o que isso significaria.

Saffy sorriu tristemente.

– O amor faz as pessoas serem cruéis.

A caixa de fósforos escorregou dos dedos de Percy e ela se abaixou para pegá-la do chão. Quando se endireitou, viu que Saffy a observava com uma estranha expressão no rosto, quase como se estivesse tentando comunicar uma ideia complexa ou encontrar a solução para um enigma aflitivo.

– Ele virá, Percy?

Percy acendeu seu cigarro e começou a descer as escadas.

– Realmente, Saffy – disse ela –, como é que eu vou saber?



A possibilidade insinuara-se em Saffy devagar. O mau humor de sua irmã gêmea durante toda a noite fora lamentável, mas não sem precedentes, de modo que ela dera pouca atenção a ele além de tentar controlá-lo de modo que o jantar não fosse arruinado. Mas houve o prolongado desaparecimento quando ela foi à cozinha, aparentemente para pegar aspirina, a volta com o vestido marcado e uma história sobre barulhos lá fora. O rosto inexpressivo quando Saffy lhe perguntou se havia encontrado a aspirina, como se tivesse se esquecido completamente de ter precisado dela para começar...

Agora, a determinação de Percy, sua quase insistência, de que Juniper não se casaria...

Mas, não.

Pare.

Percy podia ser severa, podia até mesmo ser cruel, mas não era capaz disso. Saffy jamais acreditaria em tal coisa. Sua irmã gêmea amava o castelo com paixão, mas não à custa de sua própria humanidade. Percy era corajosa, honesta e honrada; ela entrava em crateras de bombas para salvar vidas. Além do mais, não era Percy quem estava coberta com o sangue de outra pessoa...

Saffy estremeceu; levantou-se repentinamente. Percy tinha razão: não tinha nada a ganhar ficando ali em vigília enquanto Juniper dormia. Tinham sido necessários três comprimidos de seu pai para acalmá-la e fazê-la dormir, pobrezinha, e havia poucas probabilidades de que ela despertasse nas próximas horas.

Deixá-la ali deitada assim, pequena e vulnerável, ia contra qualquer instinto maternal que Saffy possuísse; no entanto... permanecer ali, ela sabia, era convidar uma descida ao mais abjeto pânico. Sua mente já estava perturbada por horríveis possibilidades: Juniper não tinha lapsos de memória, a menos que tivesse sofrido algum tipo de trauma, a menos que tivesse visto ou feito alguma coisa que agitasse seus sentidos, algo que fazia seu coração acelerar mais do que devia. Combinado ao sangue em sua blusa, o ar geral de mal-estar que a seguira para dentro de casa...

Não.

Pare.

Saffy pressionou a base de suas mãos com força contra o peito. Tentou desfazer o nó que o medo estava dando ali. Agora não era a hora de sucumbir a um de seus ataques de pânico. Tinha de se manter calma. Havia tanto que ainda não sabiam, mas uma coisa era certa. Ela pouco valeria para Juniper se não pudesse controlar seus próprios temores.

Iria para baixo, continuar a escrever seu romance, exatamente como Percy sugerira. Uma hora mais ou menos na adorável companhia de Adele era do que precisava. Juniper estava a salvo,

Percy encontraria o que quer que houvesse para encontrar, e Saffy não – iria – entrar – em – pânico.

Ela *não* devia.

Decidida, ajeitou o cobertor e alisou-o delicadamente sobre Juniper. Sua irmãzinha nem se mexeu. Estava dormindo tão imóvel, como uma criança, exausta depois de um dia ao sol; o céu límpido e azul, um dia à beira-mar.

Ela fora uma criança tão especial. Veio-lhe uma lembrança, instantânea e completa, um flash: Juniper pequena, pernas como dois palitos, os pelos brancos brilhando ao sol. Agachada de modo a manter o peso sobre os quadris, os joelhos cheios de crostas de machucados, os pés descalços sujos de terra apoiados na terra esquentada do verão. Empoleirada acima de um velho dreno, rabiscando a terra com uma varinha, procurando a pedra perfeita para deixar cair pela grade do ralo...

Um lençol de água deslizou pelas vidraças e a jovem, o sol, o cheiro de terra seca viraram fumaça e desapareceram. Restou apenas o sótão mofado, obscuro. O sótão onde ela e Percy ficavam juntas quando crianças, entre cujas paredes elas haviam crescido de bebês chorosos a jovens taciturnas. Poucas evidências restavam de sua ocupação, do tipo que se pode ver. Apenas a cama, a mancha de tinta no chão, a estante de livros junto à janela de onde ela...

Não!

Pare!

Saffy cerrou os punhos. Notou o frasco de comprimidos do pai. Refletiu por um instante, depois tirou a tampa e despejou um na mão. Acabaria com seu nervosismo, ajudaria a relaxar.

Deixou a porta aberta e desceu as escadas estreitas silenciosamente.

Atrás dela, no quarto do sótão, as cortinas suspiraram.

Juniper encolheu-se.

Um vestido longo tremeluziu contra o armário como um fantasma pálido, esquecido.



Não havia lua, tudo estava molhado e, apesar de sua capa e das botas, Percy estava encharcada. Para piorar tudo, a lanterna estava sendo temperamental. Ela fincou os pés no enlameado caminho de entrada e deu uma batida da lanterna contra a palma da mão; a pilha chacoalhou, a luz tremulou e suas esperanças aumentaram. Em seguida, a luz morreu. Completamente.

Percy praguejou baixinho e afastou com o pulso os cabelos que grudavam na testa. Não sabia ao certo o que esperava encontrar, só que já esperava ter encontrado. Quanto mais tempo levava, mais longe do castelo ficava, menos provável era que a questão pudesse ser restringida. E tinha de ser restringida.

Estreitou os olhos através da chuva, tentando divisar o que podia.

O riacho estava cheio; ela podia ouvi-lo saltando, rugindo em seu caminho na direção da floresta. Neste andamento, a ponte seria derrubada até de manhã.

Ela virou a cabeça um pouco mais para a esquerda, pressentiu o batalhão ameaçador do bosque Cardarker. Ouviu o vento escondendo-se de medo no topo das árvores.

Percy fez mais uma tentativa de acender a lanterna. A maldita lanterna continuou ignorando-a. Ela continuou andando na direção da estrada, devagar, cautelosamente, vasculhando o caminho à frente da melhor maneira que podia.

O estilhaço de um raio e o mundo ficou branco; os campos encharcados estendendo-se à sua frente, os bosques recuando do golpe, o castelo, com os braços cruzados de dissabor. Um momento congelado em que Percy sentiu-se inteiramente sozinha, o branco frio e molhado tanto dentro quanto fora.

Ela a viu quando o último eco de luz desapareceu. Uma figura mais à frente no caminho. Algo estendido no chão, absolutamente imóvel.

Santo Deus: do tamanho e da forma de um homem.

TOM HAVIA TRAZIDO FLORES de Londres, um pequeno cacho de orquídeas. Fora difícil encontrá-las, diabolicamente caras, e conforme o dia arrastou-se até se transformar em noite, ele se arrependeu de sua decisão. Elas estavam com uma péssima aparência, e ele começou a se perguntar se as irmãs de Juniper, assim como ela, também não gostavam de flores compradas em loja. Ele trouxera a geleia do aniversário também. Deus, ele estava nervoso.

Consultou o relógio, depois resolveu não fazê-lo mais. Estava muito além de simplesmente atrasado. Não teve jeito; o trem fora parado, depois ele teve de encontrar um outro ônibus e o único que estava indo para o leste partira de uma cidade próxima, de modo que teve de correr em terreno aberto por quilômetros, apenas para descobrir que o ônibus estava fora de serviço naquela tarde. Este ônibus viera para substituí-lo três horas depois, exatamente quando ele estava prestes a partir a pé e ver se conseguia uma carona no caminho.

Ele vestira seu uniforme; voltaria ao front nos próximos dias e, além do mais, estava acostumado com ele agora, mas seu nervosismo o deixava rígido e o casaco parecia apertar nos ombros de uma maneira que não sentira antes. Usara a sua medalha também, a que lhe deram por sua atuação no caso do canal Escaut. Tom não sabia ao certo quais eram seus sentimentos em relação a ela – não podia senti-la ali contra seu peito sem se lembrar dos rapazes que haviam perdido enquanto se arrastavam desvairadamente para longe daquele inferno, mas parecia importante para as outras pessoas, sua mãe, por exemplo, e, sendo aquela a primeira vez que visitava a família de Juniper, achou melhor usá-la.

Queria que gostassem dele, que tudo corresse da melhor forma possível. Mais por ela do que por ele; a ambivalência dela o confundia. Ela falava frequentemente de suas irmãs e de sua

infância, e sempre com afeto. Ouvindo-a, e lembrando-se do que podia de sua própria visão do castelo, Tom começara a imaginar uma fantasia rural, idílica; mais do que isso, uma espécie de conto de fadas. No entanto, durante muito tempo ela não quis que ele fosse visitar suas irmãs, ficava circunspecta e cautelosa se ele sequer sugerisse a possibilidade.

Então, havia apenas duas semanas – com sua característica imprevisibilidade – Juniper mudara de ideia. Enquanto Tom ainda se recuperava do choque de Juniper ter aceitado seu pedido de casamento, ela anunciara que eles deviam visitar suas irmãs e, juntos, dar a notícia. Claro que deviam. E ali estava ele. E sabia que devia estar chegando perto porque já haviam parado inúmeras vezes e ele era um dos últimos passageiros remanescentes. Estava nublado quando ele partiu de Londres, uma máscara de nuvens brancas cobrindo o céu, ficando mais escuras nos cantos conforme ele se aproximava de Kent, mas agora chovia torrencialmente e os limpadores de para-brisas faziam um ruído tão monótono que o teriam feito dormir se ele não estivesse tão nervoso.

– Está voltando para casa?

Tom procurou no escuro pela pessoa ligada à voz, viu uma mulher sentada do outro lado do corredor. Mais ou menos cinquenta anos, era difícil saber ao certo, um rosto amável, como sua mãe pareceria se sua vida tivesse sido mais fácil.

– Visitando uma amiga – respondeu ele. – Ela mora na Tenterden Road.

– Ela, hein? – A mulher exibiu um sorriso significativo. – Uma namorada, creio?

Ele sorriu porque era verdade, depois deixou o sorriso desaparecer porque não era. Ele ia se casar com Juniper Blythe, mas ela não era sua namorada. “Namorada” era a jovem que um sujeito conhecia quando estava em casa entre duas missões, a garota bonita com o beicinho e as pernas e as promessas vazias de cartas no front, a garota com um gosto para gim e dança e agarração a altas horas da noite.

Juniper não era nada disso. Ela seria sua mulher, ele seria seu marido, mas Tom sabia, mesmo enquanto se agarrava a absolutos,

que ela nunca pertenceria a ele. Keats conhecera mulheres como Juniper. Quando ele escreveu sobre sua dama nos prados, a bela fada de cabelos longos, passo leve e olhos muito, muito selvagens, ele podia estar descrevendo Juniper Blythe. A mulher do outro lado do corredor do ônibus ainda aguardava confirmação, e Tom sorriu.

– Noiva – disse ele, apreciando a expectativa imbuída na palavra, a promessa de solidez, mesmo quando ele se encolhia sob sua inadequação.

– Ora, muito bem. Que beleza. É muito bom ouvir histórias felizes em uma época como esta. Se conheceram aqui perto?

– Não... Bem, sim, mas não exatamente. Londres foi onde nos conhecemos.

– Londres. – Ela sorriu compreensivamente. – Vou lá às vezes, visitar uma amiga, e da última vez que parei em Charing Cross... – Ela sacudiu a cabeça. – A velha e corajosa Londres. Terrível o que aconteceu. Algum dano a você ou aos seus?

– Tivemos sorte. Até agora.

– Levou muito tempo para chegar até aqui?

– Parti no trem das 9:12. Tem sido uma comédia de erros desde então.

Ela sacudia a cabeça.

– Parando e retomando. A superlotação. A verificação de documentos. Ainda assim, você está aqui agora. Quase no fim de sua jornada. É uma pena que o tempo esteja tão ruim. Espero que tenha um guarda-chuva com você.

Ele não tinha, mas balançou a cabeça e sorriu, depois voltou para seus próprios pensamentos.



Saffy levou seu caderno de anotações para o salão principal. Esta lareira fora a única que haviam acendido naquela noite e, apesar de tudo, o delicado arranjo da sala ainda lhe dava algum prazer. Não gostava de se sentir encerrada em um lugar, de modo que evitou as poltronas e deu preferência à mesa. Afastou um dos arranjos individuais de pratos, talheres e copos. Fez isso ordenadamente, com cuidado para não desarrumar os outros três – era loucura, ela

sabia, mas uma pequena parte dela ainda se agarrava à esperança de que ainda pudessem jantar, os quatro juntos.

Serviu-se de nova dose de uísque e em seguida sentou-se e abriu seu caderno de anotações na página mais recente; leu-a, familiarizando-se novamente com a trágica história de amor de Adele. Suspirou quando o mundo secreto de seu livro estendeu os braços para dar-lhe as boas-vindas na volta ao lar.

Um terrível estrondo de um trovão fez Saffy dar um salto e a lembrou de que ela queria reescrever a cena em que William rompia o noivado com Adele.

Pobre, querida Adele. Naturalmente seu mundo deveria desmoronar durante uma tempestade em que até os céus pareciam se estilhaçar! Era o mais adequado. Todos os momentos trágicos da vida deviam ter o direito a tal ênfase dos elementos.

Devia haver uma tempestade, mas não houve quando Matthew rompeu o noivado com Saffy. Estavam sentados, lado a lado, no sofá de dois lugares junto às portas duplas da biblioteca, o sol batendo no colo deles. Doze meses desde a pavorosa viagem a Londres, a première da peça, o teatro às escuras, a hedionda criatura emergindo do fosso, escalando a parede, berrando de dor insuportável. Saffy acabara de servir chá para os dois quando Matthew falou:

– Creio que o melhor agora seria que nós nos liberássemos.

– Liberar...? Mas eu não...? – Ela pestanejou. – Você não me ama mais?

– Sempre a amarei, Saffy.

– Então... por quê? – Ela trocara de roupa para o vestido azul-safira quando soubera que ele estava a caminho. Era seu melhor vestido; era o que usara em Londres; queria que ele a admirasse, a desejasse, como naquele dia junto ao lago. Sentiu-se tola. – Por quê? – repetiu, desprezando a fraqueza em sua voz.

– Não podemos nos casar; sabe disso tão bem quanto eu. Como podemos viver como homem e mulher quando você se recusa a deixar este lugar?

– Não me recuso; eu *anseio* para deixar...

– Então, venha, venha comigo agora...

– Não posso. – Levantou-se. – Já disse isso a você.

Uma mudança se operou nele então, um punhal de amargura torcendo suas feições.

– Claro que pode. Se me amasse, você viria comigo. Entraria no meu carro e iríamos embora deste lugar mofado, sinistro. – Ele postou-se a seu lado, implorou. – Vamos, Saffy – disse ele, todo vestígio de ressentimento se desfazendo. Gesticulou com seu chapéu para a frente do castelo, onde seu carro estava estacionado no caminho de entrada. – Vamos. Vamos embora neste instante, nós dois juntos.

Ela quis dizer novamente “Não posso”, suplicar-lhe que compreendesse, que fosse paciente, que esperasse por ela, mas não disse. Um momento de lucidez, o acender de um fósforo, e ela compreendera que não havia nada que pudesse dizer ou fazer para que ele compreendesse. O pânico incapacitante que a dominava quando tentava deixar o castelo; o pavor negro e profundo que cravava nela suas garras, a envolvia com suas asas e constringia seus pulmões, embaçava sua visão, a mantinha prisioneira neste lugar frio e escuro, tão fraca e impotente quanto uma criança.

– Venha – disse ele outra vez, estendendo o braço para sua mão.

– Venha. – Dissera isso com tanta ternura que, sentada no salão principal do castelo, 16 anos depois, Saffy ainda ouvia o eco, percorrendo sua espinha dorsal e depositando-se calidamente sob sua saia.

Ela sorria, não pôde se conter, mesmo sabendo que estava à beira de um grande penhasco, águas escuras rodopiando embaixo, o homem que amava suplicando para que o deixasse salvá-la, sem saber que ela não podia ser salva, que seu adversário era muito mais forte do que ele.

– Você tinha razão – dissera ela, saltando do penhasco, caindo para longe dele. – O melhor para nós dois é liberarmos um ao outro.

Ela nunca mais vira Matthew outra vez, nem sua prima Emily, que andava sempre espreitando nas alas, esperando sua chance, sempre almejando o que Saffy queria...



Uma tora de madeira. Nada além de um pedaço de madeira arrastado rio abaixo pela correnteza. Percy puxou-o para fora do caminho de entrada, praguejando por causa do peso, o galho saliente que batera em seu ombro, e se perguntando se estava aliviada ou desanimada com o fato de que agora a busca tinha de continuar. Estava prestes a continuar descendo o caminho quando algo a fez parar. Uma sensação estranha, não exatamente um pressentimento, mas uma dessas estranhas sensações entre gêmeos. Uma súbita inquietação. Imaginou se Saffy teria seguido seu conselho e encontrado alguma ocupação.

Percy ficou parada na chuva, indecisa, olhou para baixo da colina, na direção da estrada, depois novamente para trás, para o castelo às escuras.

Não completamente às escuras.

Havia uma luz, pequena, mas brilhante de uma das janelas. O salão principal.

A maldita persiana. Se ao menos a tivesse consertado direito logo no começo.

Foi a persiana que a fez tomar uma decisão. A última coisa de que precisavam esta noite era da atenção do sr. Potts e seu pelotão de guarda local.

Com um último olhar para trás, para a Tenterden Road, Percy virou-se e dirigiu-se para o castelo.



O ônibus parou ao lado da estrada e Tom saltou. Chovia copiosamente e suas flores perderam sua valente vontade de viver no momento em que ele desembarcou; perguntou-se, por um instante de hesitação, se flores arruinadas eram melhores do que nenhuma flor, antes de atirá-las na vala transbordante. A marca de um bom soldado era saber quando bater em retirada, e, afinal, ele ainda tinha a geleia.

Através da noite tempestuosa, vislumbrou grandes portões de ferro e colocou a mão em um deles, empurrando-o e abrindo-o. Ao ceder com um rangido sob seu peso, ele virou o rosto para o céu completamente negro. Fechou os olhos e deixou a chuva escorrer,

limpa, pelo seu rosto; era uma droga, mas sem guarda-chuva ou capa ele não tinha escolha senão se render. Estava atrasado, estava encharcado, mas estava ali.

Fechou o portão às suas costas, ergueu sua bolsa de lona sobre o ombro e começou a subir o caminho de entrada. Santo Deus, como estava escuro. O blackout era uma coisa em Londres, mas no campo, e com o mau tempo tendo encoberto todas as estrelas, era como caminhar pelo breu. Havia um volume assomando à sua direita, de certo modo mais negro do que o resto, que ele sabia que devia ser o bosque Cardarker. O vento se intensificara e as copas das árvores rangeram os dentes enquanto ele observava. Ele estremeceu e desviou o olhar, pensou em Juniper, esperando por ele no castelo seco e aquecido.

Um pé encharcado atrás do outro, ele continuou. Fez uma curva, atravessou uma ponte, a água jorrando célere embaixo, e ainda o caminho sinuoso continuava.

O clarão de um relâmpago e Tom parou, admirado. Era magnífico. O mundo banhou-se de uma luz prateada ofuscante – um enorme e pulsante emaranhado de árvores, um pálido castelo de pedras no topo da colina, o sinuoso caminho de entrada cortando os campos trêmulos – antes de cair, desigualmente, de volta na escuridão. Impressões da imagem iluminada permaneceram, como um negativo fotográfico, e foi como Tom viu que não estava sozinho no escuro e na chuva. Outra pessoa, delgada, mas de aspecto masculino, subia o caminho de entrada à sua frente.

Tom se perguntou displicentemente por que outra pessoa iria se aventurar na noite com aquele tempo; se talvez haveria outro convidado sendo esperado no castelo, outra pessoa tão atrasada quanto ele, também presa na chuva. Seu estado de ânimo elevou-se diante de tal noção e ele pensou em chamar – seria melhor, sem dúvida, chegar junto com outro sujeito atrasado? –, mas uma trovoadas assustadora o fez desistir de tentar. Continuou andando, olhando fixamente para o ponto na escuridão onde sabia que estava o castelo.

Tom só viu quando estava chegando perto; uma pequena brecha na escuridão. Franziu a testa, depois pestanejou; viu que não estava

imaginando coisas. Havia de fato uma pequena fenda de luz dourada à frente, uma greta na parede da fortaleza. Fantasiou que era Juniper à sua espera, como uma sereia em uma história antiga, segurando um lampião para trazer seu amado da tormenta. Repleto de ardente determinação, caminhou na direção da luz.



Enquanto Percy e Tom subiam através da chuva, no coração do castelo Milderhurst tudo estava quieto. Lá em cima, no quarto do sótão, Juniper dorme um sono sombrio; embaixo, no salão principal, sua irmã Saffy, cansada de escrever, reclinase na *chaise-longue*, flutuando à beira do sono. Atrás dela, uma sala com um fogo crepitante na lareira; à sua frente, uma porta abrindo-se para um piquenique junto ao lago. Um dia perfeito no final da primavera de 1922, mais quente talvez do que o esperado, o céu tão azul quanto o mais fino cristal de Murano. As pessoas estiveram nadando e agora estão sentadas sobre mantas, tomando coquetéis e comendo delicados sanduíches.

Alguns jovens se afastam e Saffy os segue em seu sonho; observa particularmente o jovem par ao fundo, o rapaz chamado Matthew e uma linda jovem de 16 anos cujo nome é Seraphina. Eles se conhecem desde crianças, ele é um amigo de família de seus distantes primos do Norte e assim foi considerado aceitável por seu pai; ao longo dos anos, eles perseguiram um ao outro através de incontáveis campos, pescaram gerações de trutas do riacho, permaneceram sentados juntos, os olhos arregalados, diante das fogueiras anuais da colheita; algo, entretanto, mudou entre eles. Nesta visita, ela se viu muda em sua presença; pegou-o observando-a, os olhos pesados com alguma coisa como intenção; sentiu as próprias faces ruborizarem em resposta. Não trocaram mais do que três palavras desde que ele chegou.

O grupo que o casal está seguindo, para; mantas são estendidas com uma extravagante ausência de cuidado sob as árvores, surge um *ukulele*, cigarros são acesos, tudo em meio a brincadeiras; ele e ela permanecem na orla. Não falam, nem olham um para o outro. Cada qual permanece sentado, fingindo interesse no céu, nos

pássaros, na luz do sol brincando nas folhas das árvores, enquanto pensam apenas nos poucos centímetros entre o joelho dela e a coxa dele. A vibração da eletricidade que enche o espaço. O vento sussurra, folhas giram em redemoinho, um estorninho canta...

Ela solta uma respiração entrecortada. Cobre a boca, com receio de que alguém mais possa notar.

As pontas dos dedos dele roçaram muito de leve a borda de sua mão. Tão de leve que ela não teria sentido, se sua atenção não estivesse focalizada com precisão matemática na distância entre eles; sua proximidade de tirar o fôlego... Nesse instante, a dona do sonho se funde com seu eu jovem. Ela já não observa os apaixonados de longe, mas senta-se na manta com as pernas cruzadas, o braço estendido para trás, o coração martelando no peito com toda a expectativa e alegria imaculada da juventude.

Saffy não ousa olhar para Matthew. Relanceia um rápido olhar pelo grupo, surpresa que ninguém mais pareça ter notado o que está acontecendo, que o mundo tenha balançado em seu pêndulo e tudo tenha ficado diferente, mas nada ao redor deles pareça ter sido alterado.

Ela baixa o olhar, deixa-o deslizar pelo comprimento de seu braço, além do pulso, até a mão em que está apoiada. Lá. Os dedos dele. A pele dele na sua.

Ela está reunindo coragem para erguer os olhos, para atravessar a ponte que ele criou entre eles e deixar que seu olhar complete sua jornada, percorra seu caminho ao longo da mão dele, atravesse seu pulso e suba por todo o seu braço até onde ela sabe que os olhos dele estarão esperando para fitar os dela, quando uma outra coisa chama sua atenção. Uma escuridão na colina atrás deles.

Seu pai, sempre protetor, seguiu-a e está observando agora do topo da colina. Ela sente os olhos dele sobre ela, sabe que a está observando especialmente; sabe, também, que ele viu os dedos de Matthew moverem-se contra os dela. Ela deixa o olhar cair; suas faces ardem e algo se move no fundo e na parte de baixo de sua barriga. De algum modo, embora ela não saiba por que, a expressão de seu pai, sua presença na colina, colocam seus sentimentos recentes em foco. Ela compreende que seu amor por Matthew – pois

isso, é claro, é o que ela sente: amor – é curiosamente semelhante à sua paixão por seu pai; o desejo de ser valorizada, cativada, a necessidade feroz de ser considerada divertida e inteligente...



Saffy estava adormecida na *chaise-longue* junto ao fogo, um copo vazio no colo, um leve sorriso, sonolento, nos lábios, e Percy soltou um suspiro de alívio. Isso já era alguma coisa; a persiana estava solta, pendurada, ainda não havia nem sinal do que havia feito Juniper ter um de seus episódios, mas ao menos tudo estava tranquilo no front doméstico.

Ela desceu do rebordo da janela e preparou-se para pular a distância final das pedras da parede ao solo encharcado, o antigo fosso, o nível da água subindo rapidamente, já acima de seus tornozelos. Era como imaginara; precisaria das ferramentas apropriadas para prender a persiana adequadamente.

Percy deu a volta ao castelo, caminhando com dificuldade, até a porta da cozinha; abriu-a e entrou, saindo da chuva. O contraste era surpreendente. A cozinha quente, seca, com cheiro de carne, o zumbido da luz elétrica, era uma imagem tão confortável de vida doméstica que ela quase se deixou levar pelo desejo de tirar as roupas ensopadas, as galochas e meias enlameadas e enrolar-se sobre o tapete junto ao fogão, deixando por fazer tudo que tinha de ser feito. Dormir com a segurança infantil de saber que havia outra pessoa para fazê-lo.

Sorriu, pegando esses pensamentos tortuosos pela cauda e atirando-os longe. Esta não era uma boa hora para ficar fantasiando sobre o sono e certamente não para se enroscar no chão da cozinha. Pestanejou, arregalando os olhos, enquanto pingos da chuva rolavam pelo seu rosto, e dirigiu-se à caixa de ferramentas. Ela fecharia a persiana com o martelo esta noite e faria os consertos adequados pela manhã, à luz do dia.



O sonho de Saffy havia se torcido como uma fita; o lugar, a hora mudaram, mas a imagem central permanece, como uma sombra

escura na retina quando se fecham os olhos contra o sol.

Papai.

Saffy é mais nova agora; uma menina de 12 anos. Está subindo um lance de escadas, paredes de pedra elevam-se dos dois lados e ela está olhando por cima do ombro porque seu pai lhe disse que as enfermeiras suspenderão as visitas se descobrirem. É 1917 e há uma guerra em andamento; seu pai esteve fora, mas agora está de volta, do front e também, como inúmeras enfermeiras lhes disseram, da beira da morte. Saffy está subindo as escadas porque ela e o pai têm um novo jogo. Um jogo secreto em que ela lhe diz coisas que a assustam quando está sozinha, mas fazem os olhos dele se iluminarem de contentamento. Já estão fazendo esse jogo há cinco dias.

De repente, dentro do sonho, são dias antes. Saffy já não está subindo as escadas de pedra fria, mas deitada em sua cama. Acorda com um sobressalto. Sozinha e com medo. Procura sua irmã gêmea, como sempre faz quando o pesadelo vem, mas o lençol ao seu lado está vazio e frio. Ela passa a manhã vagando pelos corredores, tentando preencher os dias que perderam toda a razão de ser, tentando escapar do pesadelo.

E agora ela está sentada com as costas contra a parede no quarto sob as escadas em caracol. É o único lugar onde se sente segura. Sons sopram da torre para baixo, as pedras suspiram e cantam, e quando fecha os olhos, ela ouve. Uma voz, sussurrando seu nome.

Por um breve e alegre instante, ela acha que é sua irmã que voltou. Em seguida, através da névoa, ela o vê. Sentado em um banco de madeira junto à janela mais distante, uma bengala no colo. Seu pai, embora muito mudado, não mais o homem jovem e forte que foi para a guerra há três anos.

Ele acena para ela, chamando-a, e ela não consegue recusar.

Ela vai devagar, com receio dele e de suas novas sombras.

– Senti sua falta – diz ele, quando ela chega ao seu lado. E algo em sua voz é tão familiar que todo o anseio que ela armazenou enquanto ele estava longe começa a avolumar-se. – Sente-se ao meu lado – acrescenta ele – e conte-me por que você parece tão assustada.

E ela conta. Conta-lhe tudo. Tudo sobre o sonho, o homem que está vindo buscá-la, o homem medonho que vive na lama.



Finalmente, Tom chegou ao castelo e viu que não se tratava absolutamente de um lampião. A claridade que ele vinha seguindo, o farol trazendo navegantes a salvo para casa, era na verdade uma lâmpada elétrica, filtrando-se por uma janela em um dos aposentos do castelo. Uma persiana, ele notou, estava pendurada, solta, quebrando o blackout.

Ele se ofereceria para consertá-la quando entrasse. Juniper lhe dissera que suas próprias irmãs estavam mantendo o lugar inteiro em funcionamento, tendo perdido os poucos empregados que tinham para a guerra. Tom não era muito bom quando se tratava de mecânica, mas sabia usar prego e martelo.

Sentindo-se um pouco mais animado, ele vadeou por uma área alagada no terreno mais baixo ao redor do castelo e subiu as escadas da frente. Ficou parado um instante na entrada fazendo um balanço. Seus cabelos, suas roupas, seus pés não podiam estar mais encharcados ainda que tivesse atravessado o canal a nado para chegar ali, mas ele chegara. Tirou a bolsa do ombro e remexeu dentro dela, procurando o vidro de geleia. Lá estava ele. Tom retirou o vidro e segurou-o junto a si, passando a mão por ele para ver se não havia quebrado.

Parecia perfeito. Talvez sua sorte estivesse aumentando. Com um sorriso, Tom passou a mão pelos cabelos em uma tentativa de arrumá-los; bateu na porta e esperou, a geleia na mão.



Percy praguejou e bateu a palma da mão com força na tampa da caixa de ferramentas. Pelo amor de Deus, onde estava o maldito martelo? Vasculhou a mente, tentando se lembrar da última vez que o usara. Houve o reparo no galinheiro de Saffy; as tábuas que se soltaram no peitoril na sala amarela; a balaustrada nas escadas da torre... Não tinha uma lembrança exata de ter guardado o martelo

de novo na caixa, mas Percy tinha certeza de que devia ter guardado. Era cuidadosa com esse tipo de coisa.

Droga.

Percy tateou os lados do corpo, achou um caminho entre os botões de sua capa para enfiar a mão no bolso da calça, agarrou a bolsa de tabaco com alívio. Endireitou-se e alisou um pedaço de papel de cigarro, segurou-o longe das gotas d'água que ainda pingavam de suas mangas, seus cabelos, seu nariz. Ela semeou tabaco ao longo da dobra do papel, depois lambeu a borda e selou-o; enrolou o cilindro entre os dedos. Acendeu um fósforo e tragou com força. Inalou o glorioso tabaco, exalou suas frustrações.

Um martelo desaparecido era a última coisa de que precisava esta noite. Além da volta de Juniper, o sangue misterioso por toda a blusa, a notícia de que ela pretendia se casar, sem mencionar o encontro com Lucy à tarde...

Percy tragou outra vez e limpou alguma coisa do olho enquanto soltava o ar. Saffy não tivera a intenção, não podia – ela não sabia nada do que acontecera com Lucy, do amor e da perda que Percy suportara. Percy tomara muito cuidado com isso. Mas sempre era possível que sua irmã gêmea tivesse ouvido ou visto ou de algum modo intuído o que não devia, mas ainda assim. Saffy, sem dúvida, não era do tipo de esfregar o nariz de Percy em sua infelicidade. Ela, de todas as pessoas, sabia o que era perder um amor.

Um barulho e Percy prendeu a respiração; ouviu atentamente. Não ouviu mais nada. Percy reviu a imagem de Saffy, adormecida na poltrona, o copo de uísque vazio precariamente equilibrado no colo. Ela se movera, talvez, e o copo caíra no chão. Percy vasculhou o teto, esperou mais meio minuto, depois concluiu que devia ter sido isso.

Além do mais, não havia tempo para ficar parada, lamentando o leite derramado. Com o cigarro preso entre os lábios, ela retomou sua busca entre as ferramentas.



Tom bateu novamente e colocou o vidro de geleia no chão junto à porta, para poder esfregar as mãos. Era um lugar enorme, ele

imaginava; quem sabe quanto tempo uma pessoa levaria para vir de cima até embaixo. Passou-se mais ou menos um minuto e ele deu as costas à porta, observando a chuva desabar dos beirais do telhado, pensando no estranho fato de que uma pessoa podia sentir mais frio estando molhada e ao abrigo da chuva do que estando em plena chuva.

Sua atenção voltou-se para o chão e ele notou como a água estava se juntando mais fundo ao redor da borda do castelo do que mais adiante. Um dia em Londres, quando estavam deitados na cama e ele estava perguntando a ela tudo sobre o castelo, Juniper contou-lhe que um dia houve um fosso em Milderhurst, que seu pai mandara enchê-lo após a morte de sua primeira esposa.

– Deve ter sido a dor da perda – dissera Tom, capaz de compreender, ao olhar para Juniper e imaginar o horror que seria perdê-la, o que uma ausência assim poderia levar um homem a fazer.

– Não, não foi a perda – retrucara ela, enrolando as pontas dos cabelos nos dedos. – Foi mais a culpa.

Ele perguntara o que ela queria dizer, mas ela sorriera e girara, sentando-se na beira da cama, as costas nuas e macias, suplicando-lhe para acariciá-las, e suas perguntas se perderam. Isso não lhe ocorreu novamente até agora. Culpa – de quê? Fez uma anotação mental para lhe perguntar mais tarde; depois que ele tivesse conhecido as irmãs, depois que ele e Juniper tivessem dado a notícia, quando estivessem juntos, sozinhos.

Um triângulo de luz chamou a atenção de Tom nesse momento, brilhando na superfície alagada. Vinha da janela com a persiana quebrada. Tom imaginou se o conserto seria uma simples questão de pendurá-la novamente em um encaixe existente e se ele devia tentar isso agora.

A janela não era alta. Ele podia subir e descer em um minuto. Ele seria poupado de ter de sair na chuva outra vez depois de estar limpo e seco, e talvez isso conquistasse o coração das irmãs.

Com um largo sorriso, Tom colocou a bolsa no chão junto à porta e voltou para a chuva.



Desde o instante em que ela virou as costas para o fogo crepitante no salão principal, Saffy começou uma trajetória para dentro de si mesma através do sonho, seguindo as ondulações concêntricas do lago de sua mente. Agora ela chegou ao centro. O lugar de quietude de onde fluem todos os sonhos, ao qual todos retornam. O local de seu antigo demônio.

Ela já teve esse sonho inúmeras vezes antes, vem sonhando-o desde pequena. Nunca muda; como uma sequência de cenas de um filme antigo, o carretel rebobinado, pronto para passar outra vez. E não importa que ela já conheça o sonho, ele é sempre novo, o terror sempre brutal.

O sonho começa com ela acordando, achando que está acordando para o mundo real, depois notando a estranha qualidade do silêncio que a cerca. Faz frio e Saffy está sozinha, ela desliza pelo lençol branco e coloca os pés no assoalho de madeira. Sua babá dorme no quatinho ao lado, respirações regulares, lentas, que deveriam sugerir segurança, mas que neste mundo sinalizam apenas uma distância intransponível.

Saffy caminha devagar para a janela. É atraída para lá.

Ela sobe em cima da estante de livros sob a janela, enrola a camisola em volta das pernas por causa de um repentino calafrio mortal. Ergue a mão para tocar a vidraça embaçada e espreita dentro da noite...



Percy encontrou o martelo. Foram necessárias muita procura e uma boa dose de xingamentos, mas finalmente sua mão se fechou ao redor do cabo de madeira lisa que anos de uso haviam polido e deixado livre de farpas. Com um sopro de jubilosa frustração, ela arrancou-o do meio das chaves inglesas e das chaves de fenda, e colocou-o no chão ao seu lado. Abriu o vidro de pregos e sacudiu mais ou menos uma dúzia em sua mão. Segurou um deles no alto, contra a luz, examinou-o e calculou que uns cinco centímetros de comprimento tinham de ser suficientes, ao menos para segurar a

persiana por uma noite. Enfiou o punhado de pregos dentro do bolso da capa, pegou o martelo e novamente atravessou a cozinha a passos largos em direção à porta.



Ele não estava começando bem, e isso era um fato. Calcular mal uma pedra e escorregar para dentro do fosso lamacento fora um rude choque e certamente não fazia parte do plano, mas, depois de praguejar como um soldado – o que, é claro, ele era –, Tom endireitou-se, passou as costas do pulso pelos olhos para poder enxergar e atacou a parede com mais determinação do que nunca.

Nunca diga morra, como seu comandante gritara para eles quando abriam caminho pela França. *Nunca diga morra*.

Agora, finalmente, ele havia alcançado o rebordo da janela. Por um feliz acaso, havia um sulco entre duas pedras de onde a argamassa havia muito já caído, deixando a cavidade perfeita para ele fincar as botas. A luz que vinha da sala era uma bênção e Tom não precisou de muito tempo para ver que a persiana precisaria de mais do que ele podia oferecer no momento.

Estivera tão concentrado na persiana que não prestara atenção à sala lá dentro. Mas agora olhou através da janela e viu que a cena era da mais perfeita cordialidade e conforto. Uma mulher bonita, adormecida junto à lareira. Pensou, no começo, que fosse Juniper.

No entanto, a mulher encolheu-se e suas feições se contraíram, e ele viu então que não era Juniper, mas uma de suas irmãs. Saffy, imaginou, com base nas histórias que Juniper havia lhe contado; a maternal, a gêmea que Juniper disse ter assumido sua criação quando sua mãe morreu, a que sofria de ataques de pânico e não tinha condições de deixar o castelo.

Ela abriu os olhos enquanto ele a observava, um movimento repentino, e ele quase perdeu o equilíbrio de surpresa. Ela virou a cabeça para a janela e seus olhos se encontraram.



Percy viu o homem na janela assim que dobrou a quina do castelo. A luz que vinha da janela iluminou-o; uma figura escura, como um

gorila, escalando a parede, agarrando-se às pedras, espreitando para dentro do salão principal. O aposento onde Saffy dormia. Algo dentro de Percy começou a latejar; durante toda a sua vida sempre soube que era seu dever proteger suas irmãs, e sua mão se apertou em volta do cabo de madeira do martelo. Com os nervos em brasa, ela começou a correr pela chuva na direção do homem.



Aparecer como um *voyeur* banhado de lama à janela era o que podia haver de mais distante da impressão que ele queria causar nas irmãs de Juniper.

Mas agora Tom já fora visto. Não podia simplesmente pular para baixo e se esconder, fingir que nada tinha acontecido. Ele deu um sorriso hesitante, ergueu uma das mãos para acenar, para sinalizar boas intenções, mas deixou-a cair outra vez, quando percebeu que estava coberta de lama.

Oh, meu Deus. Ela estava em pé e não estava sorrindo.

Ela vinha em sua direção.

Uma pequena parte dele pôde ver além da mortificação, pôde antever que, devido à sua atitude ridícula, este momento estava fadado a se tornar uma anedota favorita: *Lembram-se da noite em que conhecemos Tom? Ele apareceu na janela coberto de lama e cumprimentou acenando?*

Mas ainda não. Por enquanto, ele não tinha escolha além de ficar olhando enquanto ela caminhava em sua direção, devagar, quase como em um sonho, tremendo um pouco, como se estivesse tão gelada quanto ele estivera na chuva.

Ela estendeu a mão para abrir o trinco da janela, ele procurou palavras para explicar e ela, então, pegou alguma coisa no parapeito da janela.



Percy parou repentinamente. O homem desaparecera. Bem diante de seus olhos, ele se dobrara e caíra no chão. Ela ergueu os olhos para a janela e viu Saffy, tremendo, segurando a chave inglesa com força nas mãos.



Uma pancada aguda e ele se perguntou o que teria sido. Movimento, seu próprio, repentino e surpreendente.

Caindo.

Alguma coisa em seu rosto, úmida.

Barulhos, pássaros talvez, gritando, gritos estridentes. Ele encolheu-se e sentiu o gosto de lama. Onde estava? Onde estava Juniper?

A chuva martelava em sua cabeça, ele sentia cada gota separadamente, como música, cordas sendo dedilhadas, uma melodia complexa sendo tocada. Eram lindas e ele se perguntou por que nunca tinha percebido isso antes. Gotas individuais, perfeitas, cada uma delas. Caindo na terra e encharcando o solo, de modo que os rios pudessem se formar, os oceanos pudessem se encher, e as pessoas, os animais, as plantas pudessem ter água para beber – era tão simples.

Lembrou-se de uma tempestade quando era criança, quando seu pai ainda estava vivo. Tom ficara com medo. Estava escuro, os trovões eram ensurdecedores e ele se escondera embaixo da mesa da cozinha. Ele chorara, cerrara os punhos e fechara os olhos com força. Chorava tanto, sua própria tristeza tão alta em seus ouvidos que ele não notou quando seu pai entrou no aposento. Somente se deu conta quando o enorme urso pegou-o, levantou-o nos braços grandes e fortes e segurou-o junto a si; então, ele disse a Tom que estava tudo bem, e o agradável cheiro agridoce de tabaco em seu hálito o tranquilizou. Nos lábios de seu pai essas palavras tinham sido mágicas. Uma promessa. E Tom não ficara mais com medo.

Onde ele colocara a geleia?

A geleia era importante. O homem do apartamento do subsolo dissera que era do seu melhor lote, que ele próprio havia colhido as amoras e usado meses de economia de açúcar. Mas Tom não conseguia se lembrar de onde a colocara. Ela estivera com ele, isso ele sabia. Ele a trouxera de Londres em sua bolsa, mas depois ele a retirara da bolsa e a colocara em algum lugar. Teria deixado a geleia embaixo da mesa? Quando se escondeu da chuva, ele levava o vidro

de geleia com ele? Achava que devia se levantar e procurá-lo, e é o que faria. Era necessário, a geleia era um presente. Iria procurá-la dentro de um minuto, e então riria de ter conseguido perdê-la. Só descansaria um pouco primeiro.

Sentia-se cansado. Tão cansado. Fora uma viagem tão longa. A noite tempestuosa, a difícil subida do caminho de entrada, o dia de trens, ônibus e de quase perdê-los, porém, mais do que isso, a jornada que o levara até ela. Ele chegara tão longe, havia lido, ensinado, sonhado, desejado e esperado tanto. Era natural que precisasse descansar, que pudesse simplesmente fechar os olhos agora e descansar um instante, apenas descansar um pouco. Assim, quando a visse novamente, estaria pronto...

Tom fechou os olhos e viu milhões de minúsculas estrelas, cintilando, piscando, e eram tão belas... tudo que ele queria era ficar olhando para elas. Parecia-lhe que não havia nada no mundo que ele quisesse mais do que ficar ali deitado, observando aquelas estrelas. Foi o que fez, ficou olhando-as, conforme vagavam e se espalhavam, imaginou se conseguiria até mesmo tocá-las, estender um dedo e pegar uma delas com ele, e então finalmente viu que algo se escondia entre elas. Um rosto, o rosto de Juniper. Seu coração estremeceu. Ela chegara, afinal. Estava bem perto dele, inclinando-se para colocar a mão em seu ombro, falar suavemente junto ao seu ouvido. Palavras que descreviam tudo aquilo tão perfeitamente que ao tentar agarrá-las, repeti-las para si mesmo, transformaram-se em água em suas mãos, e havia estrelas em seus olhos e estrelas em seus lábios e minúsculas luzes cintilantes presas em seus cabelos, e ele não conseguia mais ouvi-la, apesar de seus lábios estarem se movendo e as estrelas estarem piscando, porque ela começava a desaparecer agora, desfazendo-se na escuridão, e ele também estava desaparecendo.

– June – sussurrou ele, quando os últimos pontinhos de luz começaram a tremeluzir, a se desligarem um a um, enquanto a lama espessa enchia sua garganta, seu nariz e sua boca, enquanto a chuva batia em sua cabeça, quando seus pulmões finalmente ansiaram por ar; ele sorriu quando o hálito dela acariciou seu pescoço...

JUNIPER ACORDOU COM UM SOBRESSALTO, uma dor de cabeça latejante e o gosto ruim na boca de um sono artificial. A superfície de seus olhos parecia arranhada. Onde ela estava? Era noite, estava escuro, mas uma luz fraca infiltrava-se de algum lugar. Ela piscou e registrou um teto alto acima dela. Suas marcas, suas vigas eram-lhe familiares, mas de algum modo não lhe parecia certo. Não se encaixava. O que acontecera?

Algo, ela sabia; podia sentir. Mas o quê?

Não consigo me lembrar.

Virou a cabeça – devagar – deixando tombar o amontoado de objetos soltos, anônimos em seu interior. Vasculhou o espaço ao seu lado em busca de pistas; não viu nada além de um lençol vazio, uma estante desordenada mais além, uma pequena faixa de luz derramando-se pela porta que estava escancarada.

Juniper conhecia este lugar. Era o sótão em Milderhurst. Estava deitada em sua própria cama. Havia muito tempo que não dormia ali. Houve um outro sótão, ensolarado, completamente diferente deste.

Não consigo me lembrar.

Ela estava sozinha. O pensamento lhe ocorreu com tanta solidez como se ela o tivesse lido, em letras pretas sobre papel branco, e a ausência era uma dor, um ferimento dolorido. Esperava que houvesse outra pessoa com ela ali. Um homem, compreendeu. Ela esperava um homem.

Uma estranha onda de apreensão dominou-a; não se lembrar do que acontecera durante o lapso de memória era normal, mas havia alguma outra coisa. Juniper estava perdida dentro do armário escuro de sua mente, mas, apesar de não poder ver o que havia ao seu redor, estava tomada por uma certeza, um terror oprimente, de que havia alguma coisa terrível trancada ali dentro com ela.

Não consigo me lembrar.

Ela fechou os olhos e esforçou-se para ouvir; buscou qualquer coisa que pudesse ajudar. Não havia nada da agitação de Londres, os ônibus, as pessoas na rua lá embaixo, os murmúrios dos outros apartamentos, mas as veias da casa estavam rangendo, as pedras estavam suspirando e havia um outro barulho persistente. Chuva – era uma chuva leve no telhado.

Seus olhos se abriram. Lembrava-se da chuva.

Lembrava-se de um ônibus parando.

Lembrava-se de sangue.

Juniper sentou-se repentinamente, concentrada demais neste fato, neste pequeno resquício de luz, de lembrança, para se importar com a dor em sua cabeça. Lembrava-se de sangue.

Mas sangue de quem?

O terror remexeu-se, estendeu suas pernas.

Ela precisava de ar. De repente, o sótão estava abafado; quente, úmido e estagnado.

Colocou os pés no assoalho de madeira. Coisas, suas coisas espalhavam-se por toda parte, no entanto não se sentia ligada a elas. Alguém havia tentado limpar um espaço, uma passagem através da desordem.

Levantou-se. Lembrava-se de sangue.

O que a fez olhar para suas mãos agora? O que quer que tenha sido, ela encolheu-se. Havia algo nelas. Limpou-as rapidamente na blusa e o gesto causou uma vibração de familiaridade sob sua pele. Ergueu as palmas das mãos mais perto do rosto e as marcas desapareceram. Sombras. Eram apenas sombras.

Desconcertada, aliviada, dirigiu-se tremulamente para a janela. Afastou a cortina do blackout e abriu a vidraça. Um filme leve e frio de ar fresco roçou suas faces.

Era uma noite sem lua, sem estrelas também, mas Juniper não precisava de luz para saber o que havia lá fora. O mundo de Milderhurst a oprimiu. Animais invisíveis tremendo no matagal, o riacho Roving rindo na floresta, um pássaro distante se lamentando. Para onde iam os pássaros quando chovia?

Havia mais alguma coisa, diretamente abaixo. Uma pequena luz, percebeu, uma lanterna presa em um galho. Alguém estava lá

embaixo na chuva, trabalhando no cemitério dos animais.

Percy.

Percy segurando uma pá.

Cavando.

Havia algo estendido no solo atrás dela. Grande. Imóvel.

Percy afastou-se para o lado nesse momento e os olhos de Juniper arregalaram-se. Dispararam uma mensagem ao seu cérebro atormentado, a luz no armário escuro tremeluziu, e ela viu claramente, apenas por um instante, o monstro terrível, terrível que se escondia ali; o mal que pressentira, mas não tinha visto, que a enchera de pavor. Ela o viu, identificou-o, e o horror incendiou cada nervo de seu corpo. *Você é exatamente igual a mim*, dissera seu pai, antes de confessar sua história sinistra...

O circuito explodiu e as luzes se apagaram.



Malditas mãos.

Percy recuperou do chão da cozinha o cigarro que caíra, enfiou-o entre os lábios e acendeu o fósforo. Contava com o gesto familiar para devolver-lhe um pouco de suas forças, mas fora otimista demais. Sua mão tremia como uma folha ao vento. A chama extinguiu-se e ela tentou outra vez. Concentrou-se em riscar o fósforo com firmeza, em segurar o maldito palito sem tremer, enquanto ele chiava e acendia, enquanto a chama saltava, em levá-la à ponta de seu cigarro. Mais perto, mais perto, mais perto – algo atraiu sua atenção, uma mancha escura na parte de trás de seu pulso, e com um sobressalto ela largou a caixa de fósforos, a chama.

Palitos de fósforo espalharam-se pelas lajes do piso e ela ajoelhou-se para pegá-los. Um a um, lado a lado, dentro da caixa; Percy não se apressou, deixou-se mergulhar naquela tarefa simples, enrolou-a ao redor dos ombros como uma capa e fechou todos os botões.

Era lama em seu pulso. Apenas lama. Uma mancha pequena que ela não vira quando entrou; quando parou junto à pia e esfregou a lama de suas mãos, seu rosto, seus braços, esfregou até achar que sua pele iria sangrar.

Percy segurou um palito de fósforo entre o polegar e o indicador. Olhou além dele e não viu nada. O fósforo caiu novamente no chão.

Ele era pesado.

Ela já havia erguido corpos antes, ela e Dot; haviam resgatado pessoas de casas atingidas por bombas, colocado-as em ambulâncias, carregado-as novamente quando chegavam ao seu destino. Ela sabia que os mortos pesavam mais do que os amigos que deixaram para trás. Mas isso fora diferente. Ele era pesado.

Soube que estava morto assim que o retirou do fosso. Se por causa do próprio golpe ou por causa da camada de água lamacenta em que ele caíra, ela não sabia. Mas ele já estava morto, isso ela sabia. Tentara reanimá-lo ainda assim, um instinto nascido do choque mais do que da esperança; tentara tudo que haviam lhe ensinado na ambulância. E chovia e ela ficara feliz porque significava que podia negar as malditas lágrimas quando se atreveram a cair.

Seu rosto.

Ela fechou os olhos, apertou-os com força; ainda o via. Sabia que jamais o esqueceria.

Encostou a testa no joelho e a solidez do contraste foi um alívio. A dureza da rótula do seu joelho, sua certeza fria quando pressionada contra sua cabeça quente e atormentada era reconfortante, quase como um contato com outra pessoa, uma pessoa mais calma do que ela estava, mais velha e mais sábia, e mais preparada para as tarefas que estavam por vir.

Porque providências teriam de ser tomadas. Outras providências, mais do que ela já havia feito. Uma carta teria de ser escrita, imaginava, contando à sua família, contando-lhes o quê, ela não sabia. Não a verdade. As coisas haviam ido longe demais para isso. Houve um momento, um breve instante, em que pensou em fazer as coisas de modo diferente, telefonar ao inspetor Watkins e explicar a ele toda a tragédia, mas não o fizera. O que ela poderia ter dito a ele para fazê-lo compreender, para fazê-lo ver que não fora culpa de Saffy? E então uma carta tinha de ser escrita à família do sujeito. Percy não tinha instinto para histórias, mas a necessidade era a mãe das invenções, e ela pensaria em alguma coisa.

Ouviu um barulho e deu um salto. Era alguém nas escadas.

Percy se recompôs, passou a palma da mão pelas faces. Com raiva de si mesma, dele, do mundo. De qualquer um, menos de sua irmã gêmea.

– Eu a coloquei de volta na cama – disse Saffy, ao atravessar a porta. – Você tinha razão, ela estava acordada de novo e terrivelmente... Perce?

– Aqui. – Sua garganta doía da tensão.

A cabeça de Percy surgiu acima do tampo da mesa.

– O que está fazendo... Oh, meu Deus. Deixe-me ajudá-la.

Enquanto sua irmã gêmea agachava-se ao seu lado, recolhendo os fósforos, enfiando-os na caixa, Percy escondeu-se atrás de seu cigarro ainda não aceso e disse:

– Ela voltou para a cama, então?

– Sim, está deitada agora. Ela havia se levantado; os comprimidos não deviam ser tão fortes quanto pensávamos. Eu lhe dei outro.

Percy limpou a mancha de lama no pulso e abanou a cabeça.

– Estava em péssimo estado, coitadinha. Fiz o melhor possível para assegurar-lhe que tudo dará certo, que o rapaz só ficou detido e que provavelmente vai chegar amanhã. É isso, não é, Percy? Ele virá? Perce? O que foi? Por que está assim?

Percy sacudiu a cabeça.

– Você está me assustando.

– Tenho certeza de que ele virá – disse Percy, colocando a mão no braço da irmã. – Tem razão. Só temos de ser pacientes.

O alívio de Saffy foi evidente. Ela entregou a caixa de fósforos cheia e balançou a cabeça, indicando o cigarro na mão de Percy.

– Tome; vai precisar disso se pretende fumar este cigarro. – Levantou-se, alisando o vestido verde, que estava apertado demais; Percy lutou contra a ânsia de rasgá-lo em pedaços, de chorar, se desesperar e rasgá-lo. – Você tem razão, é claro. Só precisamos ser pacientes. Juniper estará melhor pela manhã. As pessoas sempre parecem estar melhor de manhã, não é? Enquanto isso, acho que eu devia desfazer a mesa.

– Acho que seria o melhor.

– Claro. Não há nada mais triste do que uma mesa pronta para um jantar que nunca aconteceu... Oh, meu Deus! – Ela estava perto

da porta agora, olhando para a confusão ali. – O que aconteceu aqui?

– Eu fui estabada.

– Ora... – Saffy aproximou-se. – Parece geleia, um pote inteiro. Oh, que pena!

Percy a encontrara junto à porta da frente quando retornava com a pá. O pior da tempestade já havia passado, as nuvens começaram a se dispersar e algumas estrelas ansiosas haviam perfurado, nítidas, o manto da noite. Primeiro ela vira a bolsa de lona, depois o vidro de geleia ao lado.

– Se está com fome, Perce, posso ir pegar um pouco da torta de coelho. – Saffy estava abaixada, limpando os cacos de vidro.

– Não estou com fome.

Ela entrara e sentara-se à mesa da cozinha, colocara a geleia e a bolsa em cima e ficara olhando fixamente para elas. Um século se passou até a mensagem percorrer do cérebro à mão, dizendo-lhe para abrir a bolsa e ver a quem pertencia. Ela deve ter compreendido, é claro, que fora ele quem ela havia enterrado, mas era melhor se certificar. Com os dedos trêmulos, o coração batendo como o rabo de um cachorro molhado, ela estendeu a mão para a bolsa, derrubando o vidro de geleia no chão. Um desperdício. Que desperdício.

Não havia muita coisa dentro da bolsa. Uma muda de roupas de baixo, uma carteira com bem pouco dinheiro e nenhum endereço, um caderno de notas de couro. Foi dentro do caderno que ela encontrou as cartas. Uma de Juniper, que não teve coragem de abrir; outra de um sujeito chamado Theo, um irmão, compreendeu enquanto lia.

Porque ela de fato leu essa carta. Deixou-se afundar no fato terrível de ler a carta de um homem morto, de ficar sabendo mais do que ela queria a respeito da família dele – a mãe que era viúva, as irmãs e seus bebês, o irmão que era retardado e especialmente amado. Ela forçou-se a ler cada palavra duas vezes; uma vaga ideia de que dessa forma, ao seu punir assim, ela pudesse de certo modo ficar em paz. Uma ideia idiota. Não haveria nenhuma reparação agora para o que acontecera. Exceto, talvez, através da honestidade.

Mas haveria algum modo em que ela pudesse escrever e contar-lhes a verdade? Alguma chance de que pudesse fazê-los compreender como tudo acontecera; que fora um acidente, um terrível acidente, e que não fora culpa de Saffy de modo algum? Que Saffy, pobre Saffy, era a pessoa neste mundo menos capaz de desejar ou causar qualquer mal a outra pessoa. Que ela fora destruída também, que apesar de suas fantasias sobre Londres, os elaborados sonhos de deixar o castelo (ela achava que Percy não sabia), ela nunca fora capaz de romper os limites de Milderhurst, não desde aquele primeiro ataque de histeria no teatro, que se alguém era culpado pela morte do rapaz era o pai delas, Raymond Blythe...

Não. Não podia esperar que ninguém mais visse as coisas desse modo. Não podiam saber como era crescer à sombra daquele livro. Percy sentiu uma grande amargura ao pensar sobre o legado sinistro do *Homem de Lama*. Isto – o que acontecera esta noite, o mal que a pobre Saffy causara sem intenção –, isto era o legado do que ele havia feito. Ele costumava ler Milton para elas quando eram pequenas – *O mal em si mesmo deve repercutir* –, e Milton tinha razão, pois elas ainda estavam pagando pelo mal que seu pai causara.

Não. Não haveria nenhuma honestidade. Escreveria alguma outra coisa para a família, para aquele endereço que encontrara na bolsa, Henshaw Street, Londres. A bolsa ela destruiria; se não destruir, esconder. A sala de documentos, talvez, seria o melhor lugar para isso. Que tola sentimental ela era: enterrar um homem, mas ser incapaz de jogar fora seus objetos pessoais. A verdade, e o desafio a ela que fazia seriam o fardo que Percy teria de carregar. O que quer que seu pai tenha feito, ele estava certo em uma coisa: era responsabilidade dela cuidar das outras. E ela iria assegurar que as três permanecessem juntas.

– Vai subir logo, Perce? – Saffy limpou a geleia derramada e estava parada com uma jarra de água nas mãos.

– Só mais algumas coisas para resolver aqui. A lanterna precisa de pilhas...

– Então, vou levar isto para Juniper. A pobrezinha está com sede. Vejo você logo?

– Passo por lá quando subir.

– Não demore muito, Perce.

– Não vou demorar. Logo estarei com você.

Saffy hesitou ao pé das escadas, virou-se para Percy e esboçou um sorriso nervosamente.

– Nós três juntas – disse ela. – É incrível, hein, Perce? Nós três juntas de novo?



Dali em diante, Saffy permaneceu a noite toda na poltrona no quarto de Juniper. Ficou com torcicolo e com frio, apesar do cobertor estendido sobre as pernas. Mas não se afastou; não se sentia atraída por sua própria cama, quente e confortável, lá embaixo, não quando sua presença ali era necessária. Saffy às vezes pensava que os momentos mais felizes de sua vida haviam sido quando cuidava de Juniper. Ela teria gostado de ter seus próprios filhos. Teria realmente gostado muito.

Juniper remexeu-se, e Saffy levantou-se imediatamente, acariciou a testa úmida de sua irmãzinha e imaginou as névoas e os demônios que fervilhavam ali.

O sangue em sua blusa.

Isso era uma preocupação, mas Saffy recusava-se a pensar muito sobre isso. Agora não, Percy resolveria tudo. Graças a Deus pela existência de Percy. Percy, a que tudo resolvia, a que sempre sabia exatamente o que fazer.

Juniper se aquietara de novo, respirava fundo, e Saffy sentou-se. Suas pernas doíam com a tensão do dia e ela sentia-se estranhamente cansada. Ainda assim, não queria dormir: fora uma noite de imaginações bizarras. Ela nunca deveria ter tomado aquele comprimido de seu pai; tivera um sonho sinistro quando cochilara na sala. Tinha o mesmo sonho desde pequena, mas fora tão vívido desta vez. Fora o remédio, é claro, e o uísque, os transtornos da noite, a tempestade lá fora. Ela era uma menina outra vez, sozinha no sótão. Algo a acordara no sonho, um barulho na janela, e ela fora

dar uma olhada. O homem agarrado às pedras da parede era negro como piche, como alguém enegrecido pelo fogo. Um relâmpago e Saffy viu seu rosto. A juventude graciosa e arrojada sob a máscara cruel do Homem de Lama. Um olhar de surpresa, um sorriso se formando nos lábios. Era exatamente como sonhara quando criança, exatamente como seu pai havia escrito. O dom do Homem de Lama era seu rosto. Ela erguera um objeto, não se lembrava qual, e desfechara um golpe em sua cabeça. Seus olhos se arregalaram de surpresa e ele caiu. Deslizou pelas pedras da parede e foi descendo, finalmente caiu no fosso, que era seu lugar.

EM OUTRO LUGAR NAQUELA NOITE, em um vilarejo vizinho, uma mulher segurava seu bebê de poucas horas de vida junto ao peito, deslizando o polegar contra a bochecha macia da minúscula criança. Seu marido chegaria em casa muitas horas mais tarde, cansado de sua vigília noturna, e a mulher, ainda zozza com o nascimento inesperado e traumático, recontaria os detalhes durante o chá, como entrara em trabalho de parto no ônibus, a dor repentina e profunda, o sangramento e o medo desesperador de que seu bebê morresse, de que ela morresse, de nunca segurar nos braços seu bebê recém-nascido; então, ela sorriu, cansada, e parou para limpar as lágrimas que aqueciam seu rosto, ela lhe contaria sobre o anjo que surgira ao seu lado à beira da estrada, se ajoelhara e salvara a vida de seu bebê.

E aquela se tornaria uma história de família, recontada, transmitida, lembrada em noites chuvosas junto à lareira, invocada como meio de aplacar brigas, contada nas reuniões de família. O tempo correria célere, meses, anos, décadas, até que no quinquagésimo aniversário daquele bebê sua mãe viúva observava de sua poltrona estofada na ponta da mesa do restaurante enquanto os filhos dele faziam um brinde, recontando a história da família sobre o anjo que salvara a vida de seu pai e sem o qual nenhum deles existiria.



Thomas Cavill não acompanhou seu regimento quando se dirigiram ao massacre na África do Norte. Já estava morto nessa época. Morto e sepultado, frio sob o solo do castelo Milderhurst. Ele morreu porque a noite estava chuvosa. Porque uma persiana se soltara. Porque ele queria dar uma boa impressão. Ele morreu porque muitos anos antes um marido enciumado encontrara sua mulher com outro homem.

Por muito tempo, entretanto, ninguém soube. A tempestade acabou, as águas das chuvas recuaram e as asas protetoras do bosque Cardarker estenderam-se sobre o castelo Milderhurst. O mundo esqueceu de Thomas Cavill e todas as perguntas sobre sua sorte perderam-se sob a destruição e os escombros da guerra.

Percy enviou sua carta, a mentira infame, derradeira que a perseguiria a vida inteira; Saffy escreveu para abrir mão do seu cargo de governanta – Juniper precisava dela, o que mais poderia ter feito? Aviões voavam no alto, a guerra terminou, o céu se abriu para revelar um ano após o outro. As irmãs Blythe envelheceram, tornaram-se objeto de estranha curiosidade na vila, a matéria de um mito. Até que um dia uma jovem veio visitar. Tinha ligações com outra que viera antes dela e as pedras do castelo começaram a sussurrar, reconhecendo-a. Percy Blythe viu que chegara a hora. Que após cinquenta anos carregando seu fardo, podia tirá-lo de seus ombros e devolver a Thomas Cavill sua data de encerramento. A história podia chegar ao fim.

E foi o que fez. Encarregou a jovem de fazer o que devia ser feito com a história.

O que deixava apenas uma última tarefa.

Ela reuniu as irmãs, suas amadas irmãs, e certificou-se de que estivessem profundamente adormecidas e sonhando. E então acendeu um fósforo, na biblioteca onde tudo começara.

Epílogo

DURANTE DÉCADAS O SÓTÃO foi usado como depósito. Nada além de caixas, cadeiras velhas e material de impressão obsoleto. O próprio prédio abriga uma gráfica-editora, e o leve cheiro de papel e tinta impregna as paredes e assoalhos. É bastante agradável, se você gostar deste tipo de coisa.

É 1993; a reforma levou meses, mas finalmente acabou. O entulho foi removido, a parede que alguém, um dia, ergueu para que um sótão frio pudesse se tornar dois foi demolida e, pela primeira vez em cinquenta anos, o sótão no topo da casa vitoriana de Herbert Billing em Notting Hill tem um novo inquilino.

Uma batida na porta e uma mulher jovem sai do parapeito da janela e saltita pelo assoalho. É um parapeito particularmente largo, perfeito para se sentar nele, que era exatamente o que ela estava fazendo. A jovem se sente atraída pela janela. O apartamento dá para o sul, de modo que sempre há sol, particularmente em julho. Ela gosta de olhar para o outro lado do jardim, ao longo da rua e alimentar os pardais que se acostumaram a visitá-la à espera de farelos de pão. Ela se pergunta também sobre as estranhas áreas escuras no parapeito, quase como manchas de cerejas, que se recusam a ficar escondidas sob a nova demão de tinta branca.

Edie Burchill abre a porta e fica surpresa e contente de ver sua mãe ali parada. Meredith entrega-lhe um galhinho de madressilva e diz:

– Eu a vi crescendo em uma cerca e não pude resistir a lhe trazer um galho. Nada alegre mais um aposento do que madressilvas, não acha? Tem um jarro?

Edie não tinha, ainda não, mas tem uma ideia. Um pote de vidro, do tipo que um dia pode ter sido usado para guardar geleia, apareceu durante a reforma e agora está lá perto da pia. Edie o enche de água, coloca o ramo dentro e o leva para o parapeito, onde poderá pegar sol.

- Onde está papai? – diz ela. – Não veio com você hoje?
- Ele descobriu Dickens. *Casa abandonada*.
- Ah, bem, então – diz Edie. – Acho que agora você acabou mesmo de perdê-lo.

Meredith enfia a mão na bolsa e retira um maço de folhas de dentro, sacode-o acima da cabeça.

- Você terminou! – exclama Edie, batendo palmas.
 - Terminei.
 - E esta é a minha cópia?
 - Mandei encadernar especialmente.
- Edie ri e pega o manuscrito das mãos da mãe.
- Parabéns! Um grande feito!
 - Eu ia esperar até vermos você amanhã – diz Meredith, corando –, mas não me contive. Queria que você fosse a primeira a lê-lo.
 - Ainda bem! A que horas é a sua aula?
 - Às três.
 - Eu a acompanharei – diz Edie. – Vou visitar Theo.

Edie abre a porta e segura-a para sua mãe. Está prestes a segui-la quando se lembra de algo. Ela vai se encontrar com Adam Gilbert mais tarde para tomar um drinque e comemorar a publicação do *Homem de Lama*, da Pippin Books, e prometeu mostrar-lhe sua primeira edição de *Jane Eyre*, um presente de Herbert quando ela concordou em assumir a Billing & Brown.

Ela se vira rapidamente e por uma fração de segundo vê duas figuras no parapeito. Um homem e uma mulher, tão juntos que suas testas se tocam. Ela pisca e eles desaparecem. Nada resta a ver, senão a faixa de sol estendendo-se pelo parapeito.

Não é a primeira vez. Acontece de vez em quando, a mudança em sua visão periférica. Ela sabe que se trata apenas de reflexos da luz do sol nas paredes caiadas, mas Edie é fantasiosa e se deixa imaginar que se trata de algo mais. Que uma vez um casal feliz viveu junto no apartamento que agora lhe pertence. Que foram eles que deixaram as manchas de cerejas no parapeito. Que era a felicidade deles que embebia as paredes do apartamento.

Pois todos que vão visitá-la dizem a mesma coisa, que a sala tem uma boa energia. E é verdade; Edie não sabe explicar, mas há

realmente uma boa energia no sótão, é um lugar feliz.

– Você vem, Edie?

É Meredith, enfiando a cabeça pela porta, ansiosa para não se atrasar para a aula de redação de que tanto gosta.

– Estou indo. – Edie pega o exemplar de *Jane Eyre*, dá uma olhada em sua imagem no pequeno espelho apoiado em cima da pia de porcelana e corre atrás de sua mãe.

A porta se fecha atrás dela, deixando os fantasmas dos amantes mais uma vez no silêncio e no aconchego do sótão.

Agradecimentos

AGRADEÇO SINCERAMENTE a todos os que leram e comentaram as versões preliminares de *As horas distantes*, particularmente Davin Patterson, Kim Wilkins e Julia Kretschmer, à minha amiga e agente Selwa Anthony, por cuidar tão bem de mim, a Diane Morton pela leitura dinâmica das páginas finais e a todos da minha família – os Morton, os Patterson, especialmente Oliver e Louis – e amigos, por permitirem que eu tão frequentemente me refugiasse no castelo Milderhurst, e por me aturarem quando eu tropeçava e rolava morro abaixo, zozna, distraída e às vezes até um pouco deslocada.

Tenho a sorte de trabalhar com uma brilhante equipe editorial de alcance continental e, por seu incansável trabalho e permanente apoio em fazer *As horas distantes* chegarem à gráfica a tempo, gostaria de agradecer sinceramente a Annette Barlow e Clara Finlay, na Allen & Unwin, Austrália; Maria Rejt, Eli Dryden e Sophie Orme, na Pan Macmillan, Reino Unido; e Liz Cowen, cujos conhecimentos sobre tudo continua a me surpreender. Devo ainda profundos agradecimentos a Lisa Keim, Judith Kerr e todo o pessoal da Atria, Estados Unidos, assim como a todos os meus editores, por sua contínua dedicação a mim e a meus livros.

Obrigada também a Robert Gorman, na Allen & Unwin, por seu empenho; a Sammy e Simon, da Bookhouse, que foram incrivelmente pacientes comigo e meticulosos na composição do texto; a Clive Harris, que me mostrou que a Blitz ainda pode ser encontrada em Londres, se você souber onde procurar; aos artistas e programadores visuais que trabalharam na criação de capas tão bonitas para *As horas distantes*; aos livreiros e bibliotecários em toda parte por compreenderem que as histórias são especiais; e em memória de Herbert e Rita Davies.

Finalmente, muito obrigada a todos os meus leitores. Sem vocês, a satisfação seria apenas parcial.



As horas distantes começou como uma única ideia sobre um grupo de irmãs em um castelo no topo de uma colina. Retirei outras inspirações de inúmeras fontes, inclusive ilustrações, fotografias, mapas, poemas, diários, registros da *Mass Observation*, relatos on-line da Segunda Guerra Mundial, a Exposição *Children's War*, do Imperial War Museum, minhas próprias visitas a castelos e casas de campo, livros e filmes das décadas de 1930 e 1940, histórias de fantasmas e romances góticos dos séculos XVIII e XIX. Apesar de ser impossível relacionar todas as fontes de não ficção consultadas, as seguintes são algumas das minhas favoritas: Nicola Beauman, *A Very Great Profession* (1995); Katherine Bradley-Hole, *Lost Gardens of England* (2008); Ann De Courcy, *Debs at War* (2005); Mark Girouard, *Life in the English Country House* (1979); Susan Goodman, *Children of War* (2005); Juliet Gardiner, *Wartime Britain 1939-1945* (2004); Juliet Gardiner, *The Children's War* (2005); Vere Hodgson, *Few Eggs and No Oranges: The Diaries of Vere Hodgson 1940-45* (1998); Gina Hughes, *A Harvest of Memories: a Wartime Evacuee in Kent* (2005); Richard Broad e Suzie Fleming (eds.), *Nella Last's War: The Second World War Diaries of Housewife, 49* (1981); Norman Longmate, *How We Lived Then: A History of Everyday Life in the Second World War* (1971); Raynes Minns, *Bombers & Mash: The Domestic Front 1939-45* (1988); Mathilde Wolff-Mönckeberg, *On the Other Side: Letters to My Children from Germany 1940-1946* (1979); Jeffrey Musson, *The English Manor House* (1999); Adam Nicolson, *Sissinghurst* (2008); Virginia Nicolson, *Singled Out* (2007); Miranda Seymour, *In My Father's House* (2007); Christopher Simon Sykes, *Country House Camera* (1980); Ben Wicks, *No Time to Wave Goodbye* (1989); Sandra Koa Wing, *Our Longest Days* (2007); Philip Ziegler, *London at War 1939-1945* (1995).

Título original

THE DISTANT HOURS

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Copyright © Kate Morton, 2010

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Primeira publicação em língua inglesa pela
Allen & Unwin Pty Ltd, Sydney, Australia, 2009

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais
MÔNICA MARTINS FIGUEIREDO

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa: Rodrigo Rodrigues

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M864h

Morton, Kate, 1976-

As horas distantes [recurso eletrônico] / Kate Morton; tradução de Geni Hirata.
– Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

recurso digital

Tradução de: The distant hours

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-137-3 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata, Geni. II. Título.

12-6491 CDD-823 CDU-821.111-3



KATE MORTON cresceu nas montanhas do sudeste de Queensland, Austrália. Formou-se em arte dramática e literatura inglesa, e atualmente é candidata ao doutorado na Universidade de Queensland. Seus dois primeiros romances, *A casa das lembranças perdidas* e *O jardim secreto de Elisa*, publicados pela Rocco, foram bestsellers na Austrália, nos Estados Unidos e em vários países europeus. A autora vive com o marido e os filhos em Brisbane.

Table of Contents

Parte um

Uma carta perdida encontra seu destino - 1992

Uma lembrança se aclara

Os livros e os Bird

O castelo Milderhurst, de Raymond Blythe

Jornada através dos ossos de um jardim

O ocaso de três irmãs

Zeladores nas veias

O sótão vazio e as horas distantes

O Homem de Lama, a sala de documentos e uma porta trancada

Diga que você virá dançar

1 - 29 de outubro de 1941

2

3

4

5

6

7

8

9

Parte dois

O livro dos mágicos animais molhados - 1992

Um clube de striptease adequado e a caixa de Pandora

O peso da sala de espera

Em casa outra vez, em casa outra vez, jiggety-jig

1 - Londres, 4 de setembro de 1939

2 - Vila de Milderhurst, 4 de setembro de 1939

3 - Castelo Milderhurst, 4 de setembro de 1939

4

Parte três

Sequestros e recriminações - 1992

A trama se complica

[1 - Jardins do castelo Milderhurst, 4 de setembro de 1939](#)

[2](#)

[Os classificados - 1992](#)

[Um convite e uma nova edição](#)

[3 - 20 de abril de 1940](#)

[4](#)

[5](#)

[Parte quatro](#)

[De volta ao castelo Milderhurst - 1992](#)

[Uma gafe e uma vitória](#)

[1 - Londres, 22 de junho de 1941](#)

[2](#)

[3 - Londres, 17 de outubro de 1941](#)

[4 - Londres, 19 de outubro de 1941](#)

[As suspeitas da sra. Bird - 1992](#)

[A noite em que ele não veio](#)

[A sala de documentos e uma descoberta](#)

[Um longo caminho para a queda](#)

[A história de Percy Blythe](#)

[Uma noite no castelo](#)

[O dia seguinte](#)

[E no final](#)

[Parte cinco](#)

[1 - Castelo Milderhurst, 29 de outubro de 1941](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)